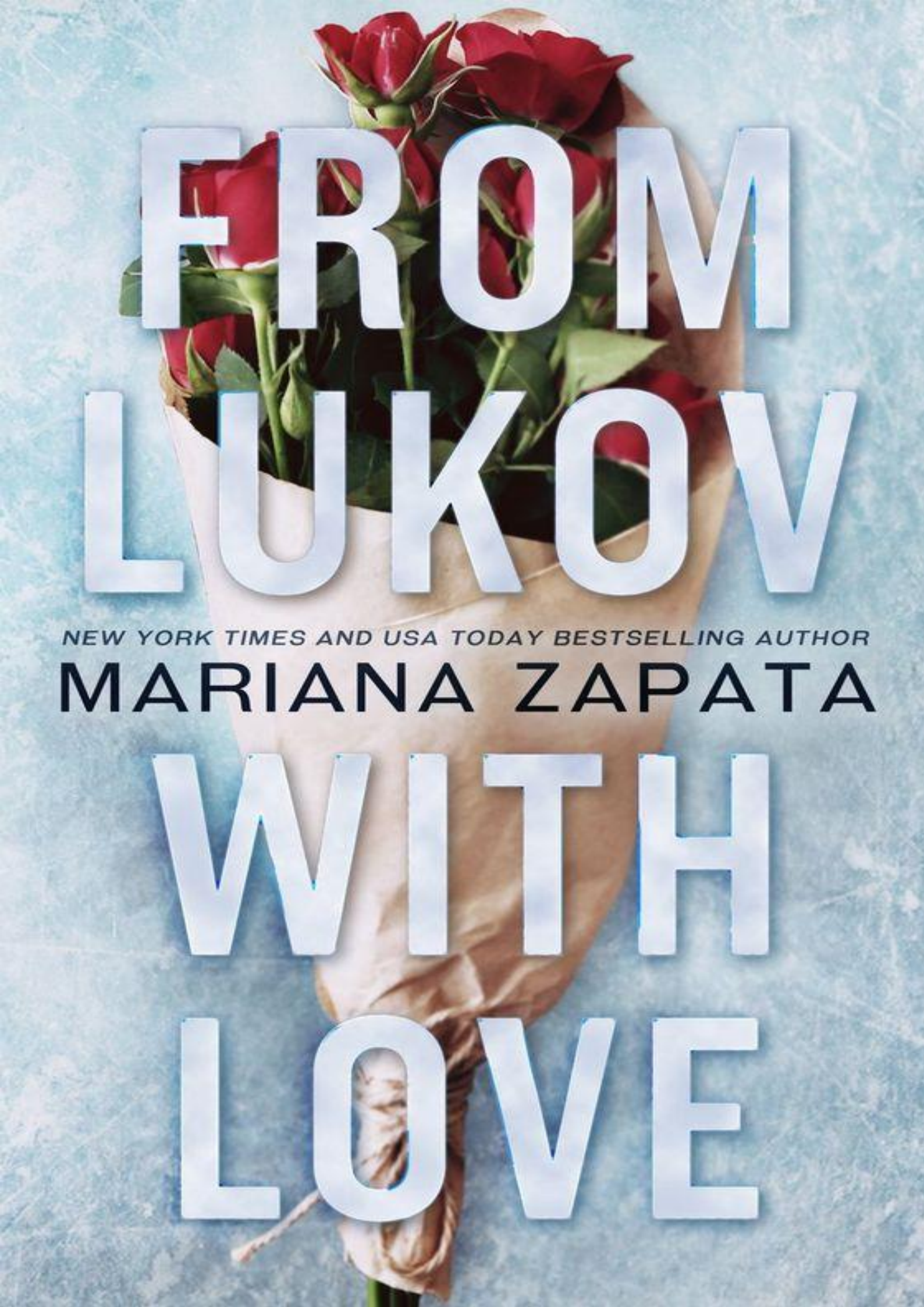

FROM
LUKOV
NEW YORK TIMES AND USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
MARIANA ZAPATA
WITH
LOVE

Sweet
CLUB BOOKS

Disponibilização: *Eva*

Tradução: *Docinho*

Revisão Inicial: *Lindinha*

Revisão Final: *Blossom*

Leitura Final: *Docinho*

Formatação: *Eva*



Dezembro/2018



Se alguém pedisse a Jasmine Santos para descrever os últimos anos de sua vida com uma única palavra, definitivamente ouviria um palavrão.

Depois de dezessete anos — e inúmeros ossos e promessas quebrados — ela sabe que seu tempo de competir na patinação artística está chegando ao fim.

Mas quando uma oportunidade dos sonhos lhe é oferecida por um idiota arrogante, que durante a última década ela vem sonhando empurrar debaixo de um ônibus em movimento, Jasmine pode ter que reconsiderar tudo.

Incluindo Ivan Lukov.

SWEET CLUB BOOK'S

Capítulo 1

Inverno/Primavera

2016

NO MOMENTO em que arrebento minha bunda cinco vezes seguidas, percebo que é hora de encerrar.

Pelo menos por hoje.

As bochechas da minha bunda podem lidar com mais duas horas de quedas amanhã. Talvez precisem mesmo, se eu não descobrir o que estou fazendo de errado, droga. Este é o segundo dia consecutivo em que não fui capaz de completar um maldito salto.

Rolando para a nádega que bateu menos vezes, solto um suspiro de frustração, consigo manter dentro da minha boca o "filho da puta" que realmente quero gritar, e inclino a cabeça completamente para trás, fazendo caretas para o teto, e quase imediatamente descubro que a decisão foi um erro do caralho. Porque já sei o que está pendurado no teto com forma de cúpula do complexo. Em sua maior parte, é a mesma coisa que tenho visto nos últimos treze anos.

Banners.

Faixas penduradas nas vigas.

Banners com o mesmo nome idiota em todos eles.

IVAN LUKOV. IVAN LUKOV. IVAN LUKOV.

E mais IVAN LUKOV.

Há outros nomes lá, lado a lado ao dele — de outras almas miseráveis que fizeram parceria com ele ao longo dos anos — mas é o dele que se destaca. Não porque seu sobrenome é o mesmo que o de uma das minhas pessoas favoritas no mundo, mas porque seu primeiro nome me lembra de Satanás. Tenho certeza que seus pais o adotaram direto do inferno.

Mas, naquele momento, nada mais importa, além das tapeçarias penduradas.

Cinco diferentes banners azuis proclamando cada um dos campeonatos nacionais que ele venceu. Dois vermelhos, para os campeonatos mundiais. Dois

amarelos, um para cada medalha de ouro. Um banner prateado, para comemorar a medalha de prata individual em um campeonato mundial, medalha esta exibida na estante de troféus na entrada da instalação.

Ugh. Perfeccionista. Idiota. Imbecil.

E graças aos céus, não há banners para cada Copa ou outra competição que ele também venceu ao longo dos anos, caso contrário, o teto inteiro estaria coberto por cores, e eu vomitaria diariamente.

Todos esses banners... e nenhum tem o meu nome. Nenhum. Não importa o quão duro tentei, o quão duro treinei, nada. Porque ninguém nunca se lembra do segundo colocado, a menos que você seja Ivan Lukov. E eu não sou Ivan.

Ciúmes, que não tenho o direito de sentir, mas não posso exatamente ignorar, perfura meu esterno, e sinto ódio. *Odeio pra caralho*. Preocupar-se com o que outras pessoas estão fazendo é um desperdício de tempo e energia; já aprendi isso, quando era criança e outras meninas tinham figurinos mais bonitos e patins mais novos do que eu. Sentir inveja e amargura é o que pessoas que não têm nada melhor para fazer, fazem. Sei disso. Ninguém vai fazer nada com sua vida se a desperdiçar comparando-se a outras pessoas. Também sei disso.

E nunca quis ser essa pessoa. Especialmente sobre esse idiota. Eu levaria meus três segundos de merda, cheios de ciúme, para o túmulo comigo, antes de admitir a alguém o que esses banners fazem comigo.

E com esse lembrete, rolo de joelhos, parando de olhar para aquelas estúpidas peças de pano.

Batendo minhas mãos no gelo, solto um gemido quando tenho meus pés debaixo de mim — equilibrar-me sobre as lâminas é uma coisa natural para mim — e, finalmente, me levanto. *Outra vez*. Pela quinta vez fodida em menos de quinze minutos. O osso do quadril esquerdo, nádega e coxa doem, e amanhã isso estará simplesmente pior.

"Merda", murmuro para que nenhuma das meninas mais jovens, que patinam ao meu redor, ouçam. A última coisa que preciso é que uma delas se queixe de mim para a gerência. *Novamente*. Pequenas delatoras. Como se não ouvissem palavrões ao assistirem televisão, andando pela rua ou indo à escola.

Limpando o gelo que grudou na lateral do corpo em minha última queda, respiro fundo e cambaleio com a frustração queimando meu corpo inteiro, por tudo — por mim mesma, meu corpo, minha situação, minha vida, pelas outras meninas que não me permitem falar palavrão quando estão por perto — tanto

hoje, quanto em geral. Desde acordar tarde até não ser capaz de conseguir um salto naquela manhã também, por derramar café na minha camisa no trabalho *duas vezes*, abrir a porta do carro e quase quebrar minha rótula com ela, e então essa segunda sessão de treino de merda...

É fácil esquecer que no grande esquema da vida, não ser capaz de conseguir um salto, coisa que eu vinha fazendo há dez anos, não significa nada. É apenas um dia ruim. *Outro dia ruim*. Não é algo inédito. Sempre há algo pior que poderia e *iria* acontecer, algum dia, alguma vez. É fácil levar as coisas como certas quando se pensa que tem tudo.

Mas é quando você começa a tomar como certas as coisas mais básicas, que a vida decide lhe ensinar que você é uma idiota ingrata.

E hoje, a coisa que tomei como certo foi um salto triplo Salchows, um salto que fazia há anos. Não são os saltos mais fáceis da patinação artística — o salto consiste em três rotações que começam ao patinar para trás, na parte posterior da borda da lâmina de seus patins antes de decolar, e, em seguida, necessita de um pouso na parte exterior de trás da borda da lâmina, com o pé oposto ao que você usou na decolagem — mas definitivamente não está nem perto de ser o mais difícil. Em circunstâncias normais, seria uma segunda natureza para mim.

Mas não hoje ou ontem, aparentemente.

Esfregando as pálpebras com as costas das mãos, inspiro fundo e solto o ar lentamente, girando os ombros no processo e dizendo a mim mesma que preciso me acalmar e apenas ir para casa. Sempre há o dia de amanhã.

E não é como se eu fosse competir em breve, a parte prática, mas idiota, do meu cérebro lembra.

Assim como faz a cada vez que penso sobre esse fato incrível, meu estômago se aperta com muita raiva... e algo que me parece muito perto de desespero.

E, assim como todas as vezes que isso acontece, empurro ambas as emoções para longe, longe, *longe*, tão longe que não posso vê-las, tocá-las ou cheirá-las. *É inútil*. Sei disso. Absolutamente inútil.

Eu não desistirei.

Com outra inspiração e expiração, conforme inconscientemente esfrego a nádega que está mais ferida, pedindo-lhe perdão, olho ao redor da pista uma última vez neste dia. Ao ver as meninas muito mais jovens do que eu, ainda aproveitando o treino que está acontecendo no momento, seguro uma carranca. Há três que tem idade próxima à minha, mas as outras estão todas na adolescência. Talvez elas não sejam tão boas, pelo menos não tão boas quanto

eu era na idade delas, mas ainda assim. *Elas têm a vida inteira pela frente*. Apenas na patinação artística, e talvez na ginástica, você pode ser considerado velho aos vinte e seis anos de idade.

Sim, preciso voltar para casa e me deitar no sofá, assistir um pouco de televisão para terminar esta merda de dia. Nada de bom já saiu quando fico jogando minha própria bunda numa festa de piedade. Nada.

Não demora mais do que alguns segundos para caminhar entre e ao redor das outras pessoas no gelo, prestando atenção suficiente apenas para não bater em ninguém antes de alcançar a mureta em torno do rinque. No mesmo lugar que sempre deixo meus protetores de patins, pego as peças de plástico e coloco sobre as lâminas de quatro milímetros de largura presas às botas brancas, antes de pisar em terra firme.

Tento ignorar esse sentimento forte que borbulha no meu peito e que provavelmente deve ser, na maior parte, frustração por cair tantas vezes hoje, mas talvez não.

Não estou a ponto de acreditar que são altas as minhas chances de estar perdendo meu tempo ainda vindo ao Lukov Ice and Sports Complex duas vezes por dia para treinar, na esperança de algum dia competir novamente porque a ideia de simplesmente desistir parece um desperdício total dos últimos dezesseis anos da minha vida. Como se basicamente tivesse desistido de minha infância por nada. Como se não tivesse sacrificado relacionamentos e experiências humanas normais, por um sonho que tive uma vez e que foi tão grande que nada e ninguém poderiam tirá-lo de mim.

Como se o meu sonho de ganhar uma medalha de ouro... de pelo menos ganhar um campeonato mundial, ou mesmo um campeonato nacional... não tivesse sido partido em pequenos pedaços, do tamanho de confetes, aos quais ainda estou agarrada, mesmo que uma parte de mim tenha percebido que tudo o que isso faz é me machucar, mais do que ajudar.

Não.

Não é qualquer uma dessas ideias e possibilidades que faz o meu estômago doer quase diariamente e me faz sentir náuseas ali mesmo.

Preciso relaxar. Ou talvez me masturbar. Alguma coisa tem que ajudar.

Sacudindo esse péssimo sentimento de minhas entranhas, caminho ao redor da pista e continuo pelo corredor que leva em direção aos vestiários, entrando no meio da multidão. Já há pais e filhos em volta da pista, preparando-se para aulas da noite; as mesmas classes em que comecei aos nove anos, antes de

passar para grupos menores e então para as aulas particulares com Galina. Os bons velhos tempos.

Mantenho minha cabeça baixa para evitar contato visual com alguém e continuo caminhando, passando por outras pessoas que saem de seu caminho para também evitar meu olhar. Apenas quando já estou caminhando pelo corredor para onde minhas coisas estão, avisto um grupo de quatro adolescentes em pé, fingindo alongar. Fingindo porque você não pode fazer um alongamento adequado se estiver ocupado exercitando sua boca.

Pelo menos é isso que me ensinaram.

"Oi, Jasmine!" Uma delas me cumprimenta, uma garota legal que, tanto quanto posso lembrar, sempre saiu de seu caminho para ser simpática comigo.

"Oi, Jasmine", a menina ao seu lado, também diz.

Não posso deixar de acenar para elas, depois inicio a contagem regressiva do tempo que vou gastar para ir para casa, fazer algo para comer ou colocar no micro-ondas algo que minha mãe fez, e provavelmente sentar minha bunda e assistir TV. Talvez, se o treino tivesse sido melhor, gostaria de fazer outra coisa, como correr ou até mesmo ir para a casa de minha irmã, mas... não vai rolar.

"Tenham um bom treino", murmuro para as duas garotas amigáveis, dando uma olhada para as outras duas de pé em frente a elas, em silêncio. Elas me parecem familiares. Há uma classe para patinadores intermediários começando em pouco tempo e percebo que elas estão matriculadas. Não tenho motivo para prestar atenção nelas.

"Obrigada, você também!" A primeira garota que falou comigo grita antes de fechar a boca e ficar num tom de vermelho que só vi em uma pessoa no passado: minha irmã.

O sorriso que vem a minha boca é genuíno e inesperado — porque a menina me fez pensar em Squirt — e pressiono meu ombro contra a porta de vai e vem do vestiário. Mal dou um passo, ainda segurando a porta aberta, quando ouço, "Eu não sei por que você ficou tão animada em vê-la. Ela poderia ter sido uma boa patinadora individual, mas sempre se prejudicou, e sua carreira de duplas não tem nada para se comentar."

E... paro. Ali. No meio da porta. E faço a coisa que sei que é uma péssima ideia: fico escutando.

Espionagem nunca dá certo para ninguém, mas mesmo assim continuo ali.

"Mary McDonald é uma parceira melhor em duplas..."

Elas foram até lá.

Respire, Jasmine. Respire. Cale a boca e respire. Pense no que você vai dizer. Pense em quão longe você chegou. Pense sobre—

"... se não fosse assim, Paul não teria se unido a ela na temporada passada", a menina conclui.

Agressão é contra a lei. Mas é ainda mais ilegal bater em uma adolescente?

Respire. Pense. Seja mais agradável.

Tenho idade suficiente para não bancar a idiota. Sei disso. Sou velha o suficiente para não ser ofendida por uma adolescente pentelha que provavelmente ainda não saiu da puberdade, mas...

Bem, minha carreira de duplas é um ponto sensível para mim. E por ponto sensível, quero dizer que é uma bolha sangrando e que se recusa a cicatrizar. Mary McDonald e Paul O Pedaço de Merda Idiota que Quero Queimar Vivo? Assisti muitas vezes a Família Dó-Ré-Mi, tarde da noite, quando não conseguia dormir, para compreender totalmente o ciúme de Jan com Marcia. Teria odiado a bunda dela também. Assim como odeio a bunda de Mary McDonald.

"Você já viu os vídeos dela que estão online? Minha mãe diz que Jasmine tem uma atitude negativa e é por isso que nunca venceu; os juízes não gostam dela", a outra garota tenta sussurrar, mas basicamente falha porque posso ouvi-la de forma clara.

Não tenho necessidade de fazer isso. Não preciso fazer nada. Ainda são crianças, tento dizer a mim mesma. Elas não sabem a história toda. Nem sequer sabem parte da história. A maioria das pessoas não sabe, e nem nunca saberá. Aceitei e superei.

Mas, em seguida, uma delas continua a falar, e sei que não serei capaz de calar minha boca, deixando-as pressupor esta besteira. Há um limite com o tanto que uma pessoa pode lidar em um dia bom, e hoje não foi um bom dia, para começar.

"Minha mãe disse que a única razão pela qual ela ainda treina aqui é porque é amiga de Karina Lukov, mas aparentemente ela e Ivan não se dão bem..."

Foda-se. Estou *muito* perto de me exaltar. Ivan e eu não nos damos bem? É que o que elas estão dizendo? *OK*.

"Ela é meio cadela."

"Ninguém ficou surpreso quando não conseguiu outro parceiro depois que Paul a deixou."

E lá está.

Talvez se elas não tivessem dito o nome com P novamente eu poderia ter sido a adulta, mas foda-se, tenho um metro e sessenta e não fui criada para ser essa pessoa.

Antes que possa me parar, viro e coloco minha cabeça do lado de fora da porta para encontrar as quatro meninas exatamente onde estavam um momento atrás. "O que foi que você disse?" Pergunto, lentamente, segurando para mim o *filhas da puta sem talento que nunca vão conseguir fazer merda nenhuma*, pelo menos. Faço questão de olhar diretamente para as duas que não me cumprimentaram, cujas cabeças praticamente estão explodindo de horror em minha direção no momento em que comecei a falar.

"Eu... eu... eu..." Uma delas balbucia enquanto a outra parece prestes a se borrar em seu collant e meia-calça. Bom. Espero que se borre mesmo. E espero que seja uma bela diarreia e que se espalhe para todo lado.

Olho para cada uma delas pelo que parece ser um minuto, observando seus rostos brilhantemente vermelhos e ficando apenas um pouco divertida com isso... mas não tanto quanto normalmente ficaria se já não estivesse chateada comigo mesma mais do que com elas. Elevando as sobrancelhas, inclino a cabeça em direção ao túnel — como se tivesse acabado de sair da pista para os vestiários e dou um sorriso que não se parece em nada com um sorriso. "Foi isso que pensei. Vocês deveriam ir para o treino antes que se atrasem."

De alguma forma, evito adicionar "filhas da puta" ao fim. Alguns dias eu mereço uma medalha por ser tão paciente com idiotas. Se tivesse uma competição para isso, poderia vencer.

Provavelmente nunca mais verei duas pessoas se movendo tão rápido novamente a menos que assista os velocistas nas Olimpíadas. As duas meninas legais parecem um pouco chocadas, mas me lançam sorrisos rápidos e inquietos antes de seguirem as outras duas, sussurrando Deus sabe o que uma para a outra.

Garotas como aquelas duas merdinhas são a razão porque parei de tentar fazer amizade com outras patinadoras logo no início. Pequenas filhas da puta. Levanto o dedo médio para os corpos recuando no corredor, mas isso realmente não faz eu me sentir melhor.

Preciso sair dessa. Realmente, realmente preciso.

Termino caminhando para o vestiário e caio sobre um dos bancos em frente à fileira de armários onde fica o meu; a dor em meu quadril e coxa ficou mais forte com a caminhada. No passado, já caí com muito mais força e de um jeito

bem mais doloroso do que hoje, mas, mesmo sabendo disso, você nunca exatamente "se acostuma" com a dor; quando acontece regularmente, você se obriga a superar rapidamente. E a realidade é que não estou treinando da maneira que costumava fazer; não posso, não quando não tenho um parceiro com quem treinar e não tenho uma treinadora me corrigindo durante horas a cada dia — assim meu corpo esqueceu o que pode suportar.

É só mais uma merda de sinal que o tempo e a vida continuam, mesmo quando não queremos.

Esticando as pernas à minha frente, ignoro o punhado de adolescentes mais velhas já agrupadas no lado oposto da sala, mais longe da porta, vestindo-se e arrumando suas botas, conversando enquanto fazem isso. Elas não olham para mim e não faço mais do que olhar para elas com o canto do olho. Desfazendo meus laços, por um segundo penso em tomar banho antes de decidir que vai ser trabalho demais, quando posso esperar vinte minutos até chegar em casa para me despir e tomar um banho lá no meu banheiro grande. Tiro meu patim branco do pé direito, e depois, cautelosamente, tiro o curativo bege que recobre meu tornozelo e mais alguns centímetros acima dele.

"*Oh meu Deus!*" Uma das adolescentes praticamente grita do outro lado da sala, o que torna impossível eu não querer expulsá-la. "*Você não está brincando, não é?*"

"*Não*!" Alguém responde enquanto desamarro o patim esquerdo, tentando ignorar as meninas.

"*Sério?*" Outra voz, ou talvez seja a mesma desde o início, se eleva. Não sei dizer. Não é como se estivesse tentando ouvir o que estão dizendo.

"*Sério!*"

"*Sério?*"

"*Sério!*"

Reviro os olhos e continuo tentando ignorá-las.

"*Não!*"

"*Sim!*"

"*Não!*"

"*Sim!*"

Sim. Não posso mais ignorar essa merda. Eu já fui tão irritante? Tão fresca? De jeito nenhum.

"*Onde você ouviu isso?*"

Estou no meio de digitar a senha do meu armário quando há um coro de ruídos que me faz olhar por cima do ombro, para as meninas. Uma delas, literalmente, parece que está com pressa: está arreganhando os dentes, e suas mãos estão penduradas na altura do peito quando ela bate palmas. Outra menina tem os dedos juntos, as palmas juntas na frente de sua boca, e parece estar tremendo.

O que diabos há de errado com essas duas?

"Ouviu isso? Eu o vi entrando com a Treinadora Lee."

Ugh.

Claro. Sobre quem mais estariam falando?

Não me incomodo em suspirar ou mesmo revirar os olhos quando viro de volta para o armário e puxo minha bolsa de ginástica, a abrindo no momento em que a coloco no banco ao meu lado para poder procurar celular, chaves, chinelos e uma pequena barra de Hershey que mantenho ali para dias como hoje. Tiro o invólucro e enfio aquela coisa na minha boca, antes de pegar meu telefone. A luz verde na tela pisca, informando que tenho mensagens não lidas. Desbloqueio, olho por cima do ombro para ver as meninas ainda grasnando e parecendo prestes a ter um ataque cardíaco por causa do Cuzão. Ignorando-as, aproveito meu tempo lendo as mensagens do grupo de bate-papo que perdi enquanto treinava.

Jojo: Quero ir ao cinema esta noite. Alguém mais topa?
Tali: Depende. Que filme?
Mamãe: Ben e eu iremos com você, baby.
Seb: Não. Tenho um encontro hoje à noite.
Seb: James não quer ir com você? Não o culpo.
Jojo: O novo filme da Marvel.
Jojo: Seb, espero que você contraia uma DST esta noite.
Tali: Marvel? Não, obrigada.
Tali: Também espero que você pegue uma DST, Seb.
Mamãe: VOCÊS PODEM SER GENTIS UNS COM OS OUTROS?
Seb: Todos vocês podem ir à merda, exceto mamãe.
Rubes: Iria com você, mas Aaron não está se sentindo bem.
Jojo: Sei que você iria, Squirt. Te amo. Vamos juntos uma próxima vez.
Jojo: Mãe, vamos. 07:30 está bom?
Jojo: Seb: [emoji de um dedo médio]
Jojo: Jas, você também vai?

Olho para cima quando as meninas no vestiário fazem ruídos que não tenho certeza se sou capaz de reproduzir, me perguntando o que diabos está acontecendo com elas. Jesus Cristo, não é como se Ivan não viesse treinando aqui cinco dias por semana durante os últimos milhões de anos. Vê-lo não é tão emocionante. Preferiria assistir tinta secar.

Apertando minhas unhas do dedão do pé cor-de-rosa brilhantes, junto-as e propositadamente ignoro a contusão que tenho do lado direito do meu dedinho e o início de uma bolha que tenho ao lado do dedão por causa da costura de uma nova marca de meia que usei no dia anterior.

"O que ele está fazendo aqui?" As adolescentes continuam, lembrando-me de que preciso sair da sala o mais rápido possível. Já atingi o limite do quanto posso lidar hoje.

Olhando de volta para o telefone, tento decidir o que fazer. Ir para casa e assistir a um filme ou aguentar a bronca e ir ao cinema com meu irmão, mãe, e Ben — ou como o resto de nós secretamente o chama: o número quatro?

Prefiro ir para casa e não a um cinema lotado no fim de semana, mas...

Minha mão fecha por um segundo antes de digitar uma resposta.

Vou, mas primeiro, preciso de comida. Indo para casa agora.

Então sorrio e acrescento outra mensagem.

Seb, também espero que você pegue uma DST. Mire em gonorreia desta vez.

Coloco o telefone entre as pernas e enquanto isso pego as chaves do carro do bolsinho da minha bolsa e agarro meus chinelos. Em seguida, coloco com cuidado cada um dos meus patins em uma caixa de proteção feita sob encomenda, forrada com uma pele artificial sobre uma espuma fina com memória, que meu irmão Jonathan e seu marido compraram para mim alguns anos atrás. Fecho a bolsa, deslizo os pés nos chinelos, e me levanto com um suspiro que faz meu peito se apertar.

Hoje não foi o melhor dia, mas vai melhorar, digo a mim mesma.

Tem que melhorar.

O bom é que não trabalho amanhã e geralmente também não venho patinar aos domingos. Minha mãe provavelmente fará panquecas para o café da manhã e combinei de ir ao zoológico com meu irmão e sobrinha, já que ele vai buscá-la para passar o dia. Perdi momentos suficientes em minha vida por causa da patinação artística. Agora que tenho mais tempo livre, estou tentando compensar isso. É melhor eu olhar para isso deste jeito ao invés de me prender

ao motivo de estar com mais tempo em minhas mãos. Estou tentando ser mais positiva. Só não sou muito boa nisso ainda.

"Eu não sei", diz uma das meninas. *"Mas ele não costuma vir durante um ou dois meses depois do fim da temporada. E se passou o quê? Uma semana desde o Mundial?"*

"Pergunto-me se ele se separou da Mindy."

"Por que faria isso?"

"Eu não sei. Por que ele se separou de qualquer outra antes dela?"

No momento em que uma delas disse o nome da Treinadora Lee, já soube de quem estavam falando. Há apenas um homem no LC — como a maioria de nós chama o Lukov Ice and Sports Complex, ou o Lukov Complex para encurtar — para quem essas meninas dariam a mínima. É o mesmo cara com quem todo mundo se importa. Todos, exceto eu, pelo menos. E qualquer outra pessoa com um cérebro. Ivan Lukov.

Ou, como gosto de chamá-lo, especialmente cara a cara — o filho de Satanás.

"Tudo que posso dizer é que eu o vi. Não sei o que está fazendo aqui", diz uma voz.

"Ele nunca vem ao acaso, Stacy. Vamos. Some dois e dois."

"Oh meu Deus, ele e Mindy estão se separando?"

"Se estiverem, gostaria de saber com quem ele vai patinar."

"Poderia ser qualquer uma."

"Acertou, eu pagaria para ser a parceria dele", diz uma menina.

"Você não sabe nada sobre duplas, sua estúpida", outra menina diz, ofegando. Não estou escutando ativamente, mas meu cérebro continua juntando pedaços de seus comentários à medida que aquilo entra por um ouvido e sai pelo outro.

"Quão difícil poderia ser?" A outra voz fala com orgulho. *"Ele tem o melhor bumbum do país, e vence com qualquer parceira. Soa como um passeio no parque para mim."*

Reviro os olhos novamente, especialmente para a parte sobre o bumbum. A última coisa que aquele idiota precisa ouvir é alguém lhe fazendo elogios. Mas, ela se esqueceu das partes mais relevantes a respeito de Ivan. Como é a figura mais querida da patinação mundial. O garoto-propaganda da União Mundial dos Patinadores para Patinação de Duplas. Inferno, para a patinação em geral, na verdade. "O Rei da Patinação" como alguns o chamam. "Um prodígio" as pessoas diziam quando ele era um adolescente.

É o homem cuja família é dona do centro em que treino a mais de uma década.

O irmão de uma de minhas únicas amigas.

O homem que nunca me dirigiu uma palavra amável em mais de dez anos. É assim que o conheço. Como o idiota que vi diariamente por anos e que só brigava comigo sobre qualquer merda estúpida de tempos em tempos. A pessoa com que não consigo ter uma conversa sem terminar com um de nós insultando o outro.

Bem... não entendo por que ele está no Lukov Complex apenas uma semana depois de vencer seu terceiro campeonato mundial, dias após a temporada terminar — quando deveria estar descansando ou de férias. Pelo menos foi o que fez todos os anos desde que consigo me lembrar.

Importo-me que ele esteja por perto? Não. Se realmente quisesse saber o que está acontecendo, poderia simplesmente perguntar a Karina. Apenas não pergunto. Não precisa.

Porque não é como se Ivan e eu fôssemos competir um contra o outro em breve... ou alguma vez mais, se as coisas continuarem do jeito que estão indo.

E algo me diz que, mesmo não querendo acreditar — nunca, nunca, jamais — enquanto estou ali de pé no mesmo vestiário que utilizo por mais de metade da minha vida, que esse é o caso: posso estar acabada. Depois de tanto tempo, depois de tantos meses sozinha... meu sonho pode ter chegado ao fim.

E não tenho nem uma única merda para mostrar.

Capítulo 2

"VOCÊ OUVIU AS NOVIDADES?"

No vestiário, dou aos cadarços da minha bota um aperto adicional, antes de amarrar as extremidades em um nó apertado o suficiente para sobreviver à próxima hora. Não preciso me virar para saber que há duas adolescentes no meu banco, em frente aos seus armários. Elas vêm todos os dias, geralmente ficam de bobeira. Poderiam ficar mais tempo no gelo, se não falassem tanto, mas deixa pra lá. Não sou eu que estou pagando pelo tempo delas no gelo. Se fossem filhas da minha mãe, ela tirado rapidinho dessas meninas o hábito de ficar de bobeira.

"Minha mãe me contou na noite passada", a mais alta das duas diz quando fica em pé.

Levanto-me e mantenho minha atenção para frente, rolando os ombros para trás, embora já tenha passado uma hora me aquecendo e alongando. Talvez não esteja patinando seis ou sete horas por dia como costumava fazer, quando alongar por pelo menos uma hora é absolutamente necessário, mas hábitos antigos são difíceis de perder. E sofrer por dias ou semanas por causa de um músculo distendido não compensa a hora poupada pulando o aquecimento.

"*Ela contou que ouviu alguém dizer que acham que ele está se aposentando porque teve muitos problemas com suas parceiras*."

Agora isso chama minha a atenção.

Ele. Aposentando-se. Problemas.

Praticamente foi um milagre eu me formar no ensino médio na época certa, mas até mesmo eu sei de quem elas devem estar falando. Ivan. Quem mais? Diferente de alguns meninos mais novos, e os três anos que Paul passou treinando aqui no Lukov Ice and Sports Complex comigo, não há outro "ele" que qualquer um aqui falaria. Há um ou dois adolescentes, mas nenhum deles tem potencial para ir muito longe, se alguém dá a mínima para minha opinião. Não que deem.

"Talvez, se ele se aposentar, passe a atuar como técnico", uma das meninas diz. *"Eu não me importaria dele gritando comigo o dia todo."*

Eu *quase* rio. Ivan se aposentando? De jeito nenhum. Não há a mínima chance dele se aposentar aos vinte e nove anos, especialmente enquanto ainda está detonando. Meses atrás, venceu o campeonato Americano. E um mês antes, conquistou o segundo lugar na final do Major Prix.

Por que diabos estou prestando atenção, afinal?

Não ligo para o que ele faz. Sua vida é problema dele. Todos temos que parar em algum momento. E quanto menos tiver que olhar para seu rosto chato, melhor.

Decidindo que não preciso de distrações no começo das parcas duas horas que tenho para treinar durante o dia — especialmente qualquer distração sobre Ivan entre todas as pessoas — caminho para fora do vestiário, deixando as duas adolescentes lá, desperdiçando seu tempo com fofoca. É início da manhã, há seis pessoas no gelo, como de costume. Não venho tão cedo como antes — não há motivos — mas cada rosto, venho vendo por anos.

Alguns mais do que outros.

Galina já está sentada em uma das arquibancadas fora da pista com sua garrafa térmica de café, que sei por experiência, é tão espesso que parece e tem sabor de piche. Com seu lenço vermelho favorito enrolado no pescoço e orelhas, ela está com uma camiseta que já vi pelo menos uma centena de vezes no passado e o que parece ser um xale em cima dela. Poderia jurar que ela começou a adicionar uma peça de roupa ao que usava, a cada ano. Quando me arrancou das aulas, quase 14 anos atrás, ela ficava bem com apenas uma camisa de manga longa e um xale. Agora ela provavelmente congelaria até a morte.

Quatorze anos é mais do que algumas dessas meninas tem de vida.

"Bom dia", digo em um russo capenga que peguei dela ao longo dos anos.

"Olá, *yozik*", ela me cumprimenta, seus olhos correndo em direção ao gelo por um breve momento antes de voltar para mim com uma cara que é a mesma de quando eu tinha doze anos, toda resistente e feroz, como se sua pele fosse feita de um material à prova de balas. "Seu fim de semana, foi bom?"

Balanço a cabeça, relembrando brevemente sobre como fui ao zoológico com meu irmão e sobrinha e, em seguida, até seu apartamento para comer uma pizza; duas coisas que não me lembro de ter feito no passado, inclusive a parte da pizza. "O seu foi bom?" Pergunto à mulher que me ensinou tantas coisas que nunca poderei dar-lhe o devido crédito.

As covinhas, que raramente mostra, aparecem. Ela tem um rosto que conheço tão bem que poderia descrevê-lo perfeitamente para um desenhista se

ela estiver desaparecida. Redondo, sobrancelhas finas, olhos amendoados, uma boca fina, uma cicatriz no queixo, causada por um golpe da lâmina de um parceiro em seus dias de competição, outra cicatriz em sua têmpora por ter batido a cabeça no gelo. Não que ela vá desaparecer. Qualquer sequestrador provavelmente a soltaria em uma hora. "Vi meu neto."

Penso sobre as datas por um segundo antes de entender. "Era o aniversário dele, certo?"

Ela assente, seu olhar se move em direção à pista novamente, na direção onde sei que está a patinadora com quem ela trabalha desde que a deixei para começar a patinar em duplas, quatro anos atrás. Bem, não queria deixá-la, mas... isso não importa. Não me causa mais ciúmes, pensar em quão rapidamente fui substituída. Mas, às vezes, especialmente ultimamente, isso me incomoda. Só um pouco. Apenas o suficiente.

Eu nunca a deixarei saber. "Você finalmente lhe comprou os patins?" Pergunto.

Minha ex-treinadora inclina a cabeça para o lado e encolhe os ombros, seus olhos cinzentos, que me encararam inúmeras vezes, ainda presos no gelo. "Sim. Patins usados e um videogame. Esperei. Ele tem quase a mesma idade que você tinha. Um pouco mais velho, mas ainda é bom."

Ela finalmente fez isso. Lembro-me de quando ele nasceu — antes de nos separarmos — e como falamos sobre ele participar da patinação artística quando fosse velho o suficiente. Era apenas uma questão de tempo. Nós duas sabíamos disso. Seus próprios filhos não conseguiram sair do nível júnior, mas não tinha importância.

Mas pensar nele, seu neto, me faz começar a sentir... quase nostálgica, lembrando o quão divertida era a patinação artística naquela época. Antes da pressão esmagadora, do drama e dos malditos críticos. Antes de ter aprendido o gostinho de merda da decepção. Patinação artística sempre fez com que eu me sentisse invencível. Mas mais do que qualquer coisa, naquela época, fazia eu me sentir incrível. Eu não sabia que era possível me sentir como se pudesse voar. Tão forte. Tão bonita. Como era ser boa em alguma coisa. Especialmente algo que tinha importância para mim. Porque não sabia que contorcer partes do corpo e torcê-las e transformá-las em formas que deveriam ser impossíveis poderia ser tão impressionante. Isso fazia com que me sentisse especial por ir tão rápido quanto possível em torno da forma oval, e não tinha nenhuma ideia, até anos mais tarde, que minha vida mudaria.

A risada de Galina me arranca da depressão. Pelo menos por um momento.

"Um dia, você vai treiná-lo", ela diz, com um suspiro, como se estivesse imaginando o menino sendo tratado da maneira que ela me tratou, e isso a faz rir.

Rio com as memórias de todas as centenas de vezes que ela me beijou na parte de trás da cabeça ao longo desses dez anos que estivemos juntas. Algumas pessoas não teriam sido capazes de lidar com seu jeito de amor durão, mas eu secretamente adorava. Prosperei com ela. Minha mãe sempre disse que se alguém me desse um centímetro, eu tomaria um quilômetro.

E a última coisa que Galina Petrov faria, seria desistir de um único centímetro.

Mas esta não é a primeira vez que ela menciona a ideia de que eu seria uma treinadora. Ao longo dos últimos meses, quando as coisas se tornaram... mais desesperadas, quando minha esperança de encontrar outro parceiro começou a murchar, ela começou a jogar sobre mim a possibilidade, não sutilmente ou rapidamente. Apenas *Jasmine, seja uma treinadora. Sim*?

Mas ainda não estou pronta para isso. Treinar alguém parece muito com desistir, e... não estou pronta. Ainda não. *Ainda não, porra.*

Mas talvez seja a hora? Uma vozinha irritante e chorona na minha cabeça sussurra ao mesmo tempo, fazendo meu estômago se apertar.

Quase como se pudesse sentir o que está acontecendo na minha cabeça, Galina faz outro som de bufar. "Tenho coisas para fazer. Treine seus saltos. Você não está se comprometendo, está muito dentro de sua cabeça. É por isso que tem caído. Lembre-se de sete anos atrás", ela diz, sua atenção ainda no gelo. "Pare de pensar tanto. Você sabe o que fazer."

Não achei que ela tivesse percebido minha luta, já que está sempre ocupada treinando alguém.

Mas me concentro em suas palavras, lembrando exatamente da época que ela está falando. Ela está certa. Tinha dezenove anos. Aquela foi a pior temporada da minha carreira individual, quando não tinha um parceiro e patinava sempre sozinha; essa temporada foi o catalisador para as próximas três temporadas que me levaram para baixo a caminho das duplas, para patinar com um parceiro. Estive muito dentro da minha cabeça, analisando *tudo*, e... bem, se cometi um erro em fazer a transição e sair da categoria individual, já é tarde demais para me arrepender agora.

A vida é feita de escolhas, e fiz a minha.

Balanço a cabeça e engulo aquela velha vergonha ao me lembrar daquela temporada horrível; ainda penso nisso quando estou sozinha e sentindo-me mais patética do que o habitual. "Era com isso que estava preocupada. Vou treiná-los. Vejo você mais tarde, Lina", digo a minha ex-treinadora, brincando com a pulseira no meu pulso por um momento, antes de baixar as mãos e balança-las.

Os olhos de Galina movem-se rapidamente pelo meu rosto antes de baixar o queixo gravemente e voltar sua atenção para a pista, gritando alguma coisa em sua voz profundamente acentuada sobre iniciar um salto muito lentamente.

Tiro os protetores de patins e coloco-os no lugar de costume, saio para o gelo e foco.

Posso fazer isso.

EXATAMENTE UMA HORA DEPOIS, estou tão suada e tão cansada como estava quando fazia uma sessão de três horas. Estou ficando molenga, cacete. Acabei fazendo algumas combinações de saltos — uma sequência ou pelo menos um salto seguido imediatamente por outro, às vezes mais dois saltos — mas meu coração não está ali de verdade. Pousei, mas apenas por pouco, balançando e lutando para manter cada um, enquanto tentei o meu melhor para me concentrar neles e só neles ao mesmo tempo.

Galina está certa. Estou distraída, mas não consigo descobrir o que exatamente está me distraindo. Talvez esteja realmente precisando bater uma rapidinha, sair para correr ou *algo assim*. Qualquer coisa para limpar minha mente, ou pelo menos, essa sensação desagradável que está me perseguindo por aí como um fantasma.

Caminho de volta aos vestiários, apenas um pouco frustrada e encontro um simples Post-It amarelo colado na porta do meu armário. Não dou importância. Há um mês, a gerente geral do LC me deixou um bilhete parecido, pedindo-me para ir ao seu escritório. Tudo o que queria, era me oferecer um emprego como treinadora de novatos. *Outra vez*. Por que ela pensa que eu seria uma boa candidata para dar aulas a jovens — praticamente bebês — não faço ideia, mas lhe disse que não estava interessada.

Então, quando pego o bilhete do armário e, lentamente, leio duas vezes **Jasmine, compareça ao escritório da Gerência antes de ir embora**, apenas para

me certificar que entendi corretamente, não penso muito nisso, exceto no fato de que qualquer coisa que a gerente possa querer comigo terá que ser rápido, porque preciso ir trabalhar. Tenho meus dias cronometrados por minuto. Tenho listas com meus horários em quase todos os lugares — no meu telefone, em folhas de papel no meu carro, nas minhas bolsas, no meu quarto, na geladeira — assim não esqueço ou fico nervosa. Ser organizada, estar preparada e manter constantemente o controle do tempo para ser pontual, é importante para mim. Assim, precisar correr sob a água quente e colocar maquiagem, para chegar ao trabalho a tempo, a menos que avise o meu chefe.

Puxo meu telefone da mochila no momento que tenho meu armário destrancado, digito uma mensagem, agradecendo ao corretor ortográfico por existir como sempre fiz e deixar minha vida mais fácil, e a envio para a minha mãe. Ela sempre tem o telefone por perto.

Eu: A Gerente do LC quer conversar. Pode ligar para Matty e avisar que vou chegar um pouco atrasada, mas que estarei lá o mais cedo possível?

Ela responde imediatamente.

Mamãe: O que você fez?

Reviro os olhos e digito uma resposta. **Nada**

Mamãe: Então por que está sendo chamada ao escritório?

Mamãe: Você xingou a mãe de alguém de puta suja de novo?

É claro que ela nunca esquecerá isso. Ninguém vai esquecer.

Depois, há o fato de que não contei a ela sobre as outras três vezes que a gerente me chamou ao seu escritório para tentar me convencer a ser treinadora.

Eu: Não sei. Talvez o meu cheque da semana passada tenha voltado.

Isso é uma piada. Ela sabe, melhor do que ninguém, o quanto custam as taxas do LC. Ela as pagou por mais de uma década.

Eu: Não. Eu não chamei a mãe de ninguém de puta suja de novo, mas aquela outra prostituta suja mereceu.

Sabendo que ela responderá quase imediatamente, coloco o meu telefone de volta no armário e decido que posso ver isso em um minuto. Corro para o chuveiro depois de pegar minhas coisas, escorrego na roupa íntima, calças jeans, camiseta polo, meias e nos sapatos mais confortáveis que fui capaz de pagar, em tempo recorde. No momento em que termino, verifico meu telefone novamente e encontro a resposta de minha mãe.

Mamãe: Você precisa de dinheiro?

Mamãe: Ela fez por merecer.

Mamãe: Empurrou alguém ultimamente?

Mata-me por dentro que ela ainda me pergunte se preciso de dinheiro. Como se não tivesse pegado o suficiente dela ao longo dos anos, mês após mês. Temporada falha após temporada falha.

Pelo menos não estou mais pedindo a ela.

Eu: Estou bem com dinheiro. Obrigada.

Eu: Não empurrei ninguém.

Mamãe: Tem certeza?

Eu: Sim, tenho certeza. Eu saberia se tivesse empurrado.

Mamãe: Certeza?

Eu: Sim.

Mamãe: Tudo bem se você empurrou. Algumas pessoas merecem.

Mamãe: Mesmo que eu queira te dar um soco às vezes. Acontece.

Não posso deixar de rir.

Eu: Eu também

Mamãe: Você quer me dar um soco na garganta?

Eu: Não há resposta certa para essa pergunta.

Mamãe: Ha ha ha ha.

Eu: Nunca fiz isso. Ok?

Fechando minha mochila, agarro as alças, pego minhas chaves e saio de lá o mais rápido possível, basicamente, descendo um corredor e depois outro para ir em direção à parte do edifício onde estão localizados os escritórios comerciais. Vou ter que comer o sanduíche de clara de ovo que deixei na lancheira no carro enquanto dirijo. Assim que chego à porta, digito outra mensagem, por via das dúvidas, ignorando meus erros ortográficos, coisa que normalmente não faço.

Eu: Sério, ma. Vc pode ligar e dizer a ele?

Mamãe: SIM

Eu: Obg.

Mamãe: Te amo.

Mamãe: Avise-me se precisar de dinheiro.

Minha garganta aperta por um momento, mas não respondo nada. Não pediria a ela, mesmo se precisasse. Não mais. Pelo menos não se puder evitar, e a verdade é que eu voltaria a fazer striptease se chegasse a esse ponto novamente. Ela já fez o suficiente.

Segurando um suspiro, bato na porta do escritório da gerente geral, pensando que realmente quero que esta conversa que está prestes a acontecer dure dez minutos para não chegar tarde demais no trabalho. Não quero tirar proveito do melhor amigo de minha mãe sendo leniente comigo.

Viro a maçaneta no segundo que ouço uma voz gritar de dentro do escritório, "Entre!"

Vamos acabar com isso, penso, abrindo a porta.

O problema naquele momento é que nunca fui fã de surpresas. Nunca. Nem mesmo quando pequena. Sempre gostei de saber no que estava me metendo. Não há necessidade de dizer que, ninguém nunca me fez uma festa de aniversário surpresa. A única vez que meu avô tentou fazer aquilo, minha mãe me disse com antecedência e me fez jurar que pareceria surpresa. Eu pareci.

Estava pronta para enfrentar a gerente geral, uma mulher chamada Georgina com quem sempre me dei bem. Ouvi algumas pessoas chamando-a de osso duro de roer, mas para mim, ela apenas tem força de vontade e não aceita merda de ninguém, porque não precisa.

Então, estou chocada pra cacete quando a primeira pessoa que vejo sentada no escritório não é Georgina, mas uma mulher familiar, de cinquenta e poucos anos, em um suéter preto elegante e um coque tão arrumado, que as únicas outras vezes vi um tão perfeito, foi durante as competições.

E fico ainda mais surpresa quando vejo a segunda pessoa no escritório, apenas sentado ali do outro lado da mesa.

Minha terceira surpresa vem em forma da constatação: não há nenhuma gerente geral à vista.

Apenas... eles.

Ivan Lukov e a mulher que passou os últimos onze anos o treinando.

Alguém com quem não posso ter uma conversa sem discutir, e outra que me dirigiu no máximo vinte palavras ao longo desses onze anos.

O que diabos está acontecendo, eu me pergunto, antes de fixar meu olhar na outra mulher, tentando descobrir se li errado a mensagem deixada no meu armário. Não li... li? Não tive pressa. Li duas vezes. Não costumo mais me apressar ao ler coisas.

"Estou procurando por Georgina", explico, tentando ignorar a frustração instantânea no estômago com a possibilidade de ter lido errado as palavras do Post-It. Odeio errar. *Odeio*. Envergonhar-me na frente deles torna tudo ainda pior, porra. "Você sabe onde ela está?", falo; ainda pensando sobre o bilhete.

A mulher sorri com facilidade, como se eu não tivesse interrompido algo importante e até mesmo como se não fosse alguém que ela basicamente ignorou durante anos, e isso imediatamente me deixa ainda mais nervosa. Ela nunca sorriu para mim antes. Na verdade, não acho que já a vi sorrindo, ponto. "Entre", ela diz, com o sorriso ainda no lugar. "Fui eu que deixei o bilhete em seu armário, não Georgina."

Depois eu me sentiria aliviada por não ter interpretado mal as palavras, mas naquele momento, estou muito ocupada me perguntando por que diabos estou ali e por que ela me enviou essa nota.... E por que diabos Ivan está sentado aí sem dizer nada.

Como se estivesse lendo minha mente, o sorriso da mulher fica mais amplo, como se tentasse me tranquilizar, mas o resultado é oposto. "Sente-se, Jasmine", ela diz em um tom que me lembra de que treinou o idiota à minha esquerda por dois campeonatos mundiais. O problema é: ela não é a minha treinadora e não gosto de pessoas me dizendo o que fazer, mesmo quando têm esse direito. Ela também nunca foi particularmente agradável comigo. Não foi rude, mas não foi gentil também. Quer dizer, eu entendo. Embora isso não signifique que vá esquecer o que aconteceu.

Por dois anos, estive nas mesmas competições que Ivan. Era competitiva e eles também. É mais fácil querer vencer de alguém com quem você não é amigável. Mas isso não explica os anos anteriores, quando eu patinava sozinha e não tinha nada a ver com ele. Nos tempos em quando ela poderia ter sido amigável comigo... mas não foi. Não que eu quisesse isso ou precisasse, mas ainda assim.

Então, Lee não deve ficar surpresa quando tudo que faço é levantar minhas sobrancelhas para ela.

Aparentemente, ela decide que levantar as sobrancelhas de volta para mim é a melhor maneira de responder. "Por favor?" Ela oferece, quase soando doce.

Não confio nela ou em seu tom.

Não posso deixar de lançar meu olhar na direção das cadeiras em frente a ela. Há apenas duas e uma delas esta ocupada por Ivan, que não via desde que partiu para Boston antes do Mundial. Aquelas suas longas pernas estão esticadas, aqueles pés que vi mais em patins do que em sapatos comuns estão debaixo da mesa que sua treinadora assumiu. Mas não é a maneira preguiçosa como ele está sentado lá, com braços cruzados sobre o peito, exibindo peitorais esbeltos e o torso mais magro, ou a gola-rolê azul-marinho dando vida à pele

quase pálida do seu rosto e que deixa as outras garotas na instalação enlouquecerem, que me chama a atenção por mais tempo.

São seus olhos cinza-azulados, totalmente colados em mim, que me fazem parar. Nunca esqueci a intensidade da cor deles, mas sempre me pega desprevenida de qualquer maneira. Nunca esqueci quão longos sãos aqueles cílios negros que os cercam também.

Então, ainda há todo o resto em volta daqueles olhos.

Ugh.

Tantas garotas enlouquecem com seu rosto, seus cabelos, seus olhos, com sua patinação, seus braços, suas pernas compridas, sua maneira de respirar, com a pasta de dentes que usa... é chato. Até meu irmão o chama de menino bonito — ele também chama o marido da minha irmã de menino bonito, mas não é esse o ponto. Se isso não bastasse, as meninas adoram os ombros largos que o ajudam a manter suas parceiras no comprimento de um braço inteiro acima da cabeça, com um pé equilibrado sobre um estreito pedaço de metal, chamado lâmina. Ouvi falar de mulheres que desmaiaram por causa de sua bunda e não preciso olhar para saber que deve ser um exemplo perfeito de bunda cheia — uma bunda musculosa é obrigatória nesse esporte.

E se ele tivesse uma característica melhor, seriam aqueles olhos assustadores.

Mas ele não tem. O diabo não tem qualidades redentoras.

Olho para ele, e aquele rosto maligno de garoto bonito me encara de volta. Não olha para nenhum outro lugar, além do meu rosto. Não franze a testa, nem sorri, nem nada.

E essa merda me deixa no limite.

Ele apenas... olha. Com a boca fechada. E suas mãos — e dedos — enfiadas debaixo das axilas.

Se fosse outra pessoa, ele teria me deixado desconfortável com esse olhar. Mas não sou groupie dele. Eu o conheço suficientemente bem para não me distrair com o traje que ele veste em sua forma natural. Ele trabalhou duro, então ele é bom. Ele não é um unicórnio. Definitivamente não é um Pégaso. Ele não me impressiona.

Além do mais, estive lá quando sua mãe brigou com ele, uma vez anos atrás, por responder a ela, então também havia isso.

"Do que se trata isso?" Pergunto lentamente, encarando o rosto semifamiliar de Ivan por outro segundo antes de finalmente arrastar meu olhar

de volta para a Treinadora Lee, que está quase encurvada sobre a mesa, se alguém com sua postura for capaz de se curvar; cotovelos bem plantados, e suas finas e escuras sobrancelhas ainda levantadas com interesse. Ela é tão bonita quanto era quando competia. Assisti a vídeos dela nos anos 80, quando foi campeã nacional.

"Não é nada ruim, eu prometo", a mulher mais velha responde com cuidado, como se ainda estivesse percebendo meu desconforto. Ela aponta para a cadeira, ao lado da de Ivan. "Você pode se sentar?"

Coisas ruins acontecem quando alguém pede para você se sentar. Especialmente ao lado de Ivan. Então, isso não vai acontecer. "Estou bem assim", digo, minha voz soando tão estranha quanto me sinto.

O que está acontecendo? Não posso ser expulsa da instalação. Não fiz nada.

A menos que aquelas garotas do fim de semana tenham me delatado. Droga.

"Jasmine, só precisamos de dois minutos", diz a Treinadora Lee lentamente, ainda apontando para a cadeira.

Sim, essa merda não está encaixando, e só está piorando. Dois minutos? Você não pode fazer nada direito em dois minutos. Escovo os dentes por mais de dois minutos duas vezes por dia.

Eu não me mexo. Elas discutiram comigo. Aquelas pequenas filhas da puta—

Confirmando que não estou escondendo meus pensamentos, a Treinadora Lee suspira de seu lugar atrás da mesa. Eu não deixo de notar o jeito como seus olhos deslizam para Ivan brevemente, antes de voltarem para mim. Com um blazer azul-marinho e uma camisa branca fina, ela mais parece uma advogada do que a patinadora que foi e a treinadora que é atualmente. A mulher se mexe na cadeira e se endireita; os lábios se apertando por um momento antes de falar de novo. "Vou direto ao ponto então. Como você se sente estando aposentada?"

Como eu me sinto estando aposentada? É isso que todos pensam que sou? Uma aposentada fodida?

Não é como se tivesse escolhido não ter um parceiro e perder uma temporada inteira, mas... tanto faz. *Tanto faz*. Minha pressão arterial faz algo estranho que nunca fez antes, mas decido ignorá-la, assim como a palavra que começa com 'a', pelo menos por agora, e opto por me concentrar na parte mais importante do que acabou de sair de sua boca. "Por que você está perguntando?" Questiono devagar, ainda preocupada. Só um pouco.

Eu deveria ter ligado para Karina.

Em um movimento direto, que eu poderia ser grata em qualquer outro momento, a mulher não faz rodeios. E é isso que me deixa ainda mais surpresa do que já estava, porque não estava preparada para a frase que sai de sua boca. Seria apenas a última coisa que esperaria ouvir dela. Merda; é a última coisa que eu esperaria ouvir da boca de *qualquer um*.

"Queremos que você seja a próxima parceira de Ivan", a mulher diz. Simples. Assim.

Bem desse jeito.

Há momentos na vida em que você se pergunta se usou drogas sem perceber. Como se alguém colocasse um pouco de LSD na sua bebida, sem você saber. Ou talvez você acha que tomou um analgésico — e não lembra — mas na verdade foi algum alucinógeno.

Aquele ali, de pé na sala da gerente geral do LC, foi um momento desses para mim. Tudo que sou capaz de fazer é piscar. Então, pisco um pouco mais.

Porque *que porra é essa?*

"Se você estiver pronta para deixar a aposentadoria", a mulher continua, usando aquela palavra com 'a' mais uma vez, como se eu não estivesse aqui matutando sobre quem poderia ter batizado minha água com drogas alucinógenas, *porque não tem como essa merda estar acontecendo de verdade*. Não tem como essas palavras terem saído da boca da Treinadora Lee.

De jeito nenhum.

Devo ter ouvido mal ou apenas perdido completamente uma parte gigante da conversa de alguma forma, por que...

Por que.

Eu e Ivan? Parceiros? De jeito nenhum. Sem chance.

... não é?

Capítulo 3

NÃO GOSTO DE sentir medo — quem diabos gosta, além das pessoas que amam aquela merda de filmes assustadores? — mas a verdade é que não há muita coisa tem esse efeito em mim. Aranhas, baratas voadoras, ratos, escuro, palhaços, alturas, carboidratos, ganhar peso, morte... nada disso me assusta. Eu posso matar baratas, aranhas, e ratinhos. Posso acender uma luz na escuridão. A menos que ele seja um palhaço enorme, há grandes chances de eu ser capaz de chutar sua bunda. Sou forte para meu tamanho e fiz algumas aulas de defesa pessoal com a minha irmã ao longo dos anos. Alturas não causam nada em mim. Carboidratos são excelentes, e se ganho peso, sei como perder. E todos nós vamos morrer em algum momento. Nada disso me intimida. Nem um pouco.

As coisas que me deixam acordada durante a noite não são físicas.

Preocupações sobre ser um fracasso e uma decepção não são coisas que você pode simplesmente corrigir. Apenas estão lá. O tempo todo. E se há uma maneira de trabalhar com elas, ainda não aprendi.

Provavelmente posso contar em uma só mão o número de vezes que fiquei assustada na minha vida, e cada uma dessas vezes tem relação com a patinação artística. Uma delas foi a terceira vez em que tive uma concussão. Meu médico da época disse a minha mãe que ela deveria considerar fazer-me desistir da patinação artística — e realmente pensei por um tempo que ela me forçaria a desistir. Posso me lembrar das duas concussões seguintes, e de ficar preocupada que ela bateria o pé e diria que bastava, que eu não arriscaria mais ter que viver com as repercussões que poderiam vir de um trauma cerebral continuado. Ela não fez isso.

E as outras vezes em que minha boca ficou com gosto de algodão e meu estômago apertado e agitado... Não vou pensar sobre aqueles momentos mais do que preciso.

Mas foi só isso. Meu pai acha graça ao dizer que só tenho duas emoções: indiferente e irritada. Não é verdade, mas ele não me conhece bem o suficiente para estar ciente disso.

Mas enquanto estou ali me perguntando se estou sonhando, sob o efeito de drogas ou se isso é realmente fodidamente real—e entretendo a ideia de que *é*, que não estou sob o efeito de qualquer droga alucinógena — sinto um pouco de medo. Não quero perguntar se é real... por que... e se não for? E se for algum tipo de brincadeira maluca?

Odeio me sentir tão insegura.

Realmente odeio sentir medo de que a resposta que estou procurando seja uma pela qual provavelmente venderia minha alma.

Mas minha mãe me disse uma vez: o arrependimento é pior do que o medo. Não entendi isso na época, mas consigo entender agora.

É com esse pensamento que me obrigo a verbalizar a pergunta que uma grande parte de mim não quer saber a resposta, apenas no caso de não ser o que quero ouvir. "Parceira em quê?" Pergunto lentamente para ter certeza, tentando vasculhar meu cérebro tentando encontrar no que diabos eu poderia ser parceira dele, neste sonho confuso que estou tendo, que parece ser real. Isso é algum maldito jogo?

O homem que vi crescer de uma distância que, às vezes, foi muito próxima, rola aqueles seus olhos azuis. E, assim como todas as outras vezes que ele revira os olhos, estreito os meus em troca.

"Para patinação em duplas", ele responde como um "duh." Como se eu estivesse pedindo para receber um tapa. "O que achou? Para dançar quadrilha?"

Pisco.

"Vanya!" Treinadora Lee repreende, e com o canto do meu olho, posso tê-la visto bater a palma da mão em sua testa.

Mas não tenho certeza porque estou ocupada demais olhando para o espertinho ali sentado e dizendo a mim mesma, *Não faça isso, Jasmine. Seja uma pessoa melhor. Cale a boca...*

Mas, em seguida, uma voz baixa que conheço muito bem sussurra *Pelo menos até você descobrir o que eles realmente querem*. Porque não pode ser isto. Não mesmo.

"O quê?" Ivan pergunta, ainda olhando diretamente para mim, a única alteração em seu rosto quase em branco é o indício de um sorrisinho malicioso em sua boca.

"Conversamos sobre isso", sua treinadora diz, sacudindo a cabeça, e se tivesse me virado para olhar para ela, teria visto que não sou a única estarrecida. Mas estou muito ocupada dizendo-me para ser uma pessoa melhor.

Entretanto, aquele comentário me tira disso, volto minha atenção para a outra mulher e mantenho meu olhar focado nela. "O que você disse?" Pergunto lentamente. Posso aceitar o que ela disser. Bom ou ruim. Sobrevivi a todos os tipos de coisas que foram ditas a mim, lembro a mim mesma. E quando meu estômago não gira ou se aperta com a lembrança dessas coisas piores, me sinto melhor.

Seu olhar se desvia do meu e ela lança um olhar frustrado ao idiota na cadeira. "Ele não deveria abrir a boca até que eu terminasse de falar com você."

Digo apenas duas palavras. "Por quê?"

A outra mulher deixa escapar um longo suspiro de pura exasperação — estou familiarizada com o som — e seus olhos se voltam para o homem sentado quando ela responde, "Porque estamos tentando convencê-la a se juntar à equipe e não queremos lembrá-la dos seus motivos para não querer."

Pisco. Novamente.

E então não posso deixar de virar a cabeça e sorrir para o idiota na cadeira do escritório. Seu sorrisinho malicioso não foi a lugar nenhum e não vai a qualquer lugar, mesmo quando me pega fazendo uma careta para ele.

Idiota, eu gesticulo com a boca antes que consiga evitar e me lembrar de ser uma pessoas melhor.

Meatball[1], ele faz com a boca de volta.

Isso limpa o sorriso do meu rosto bem rápido, assim como sempre fez.

"*Muito bem*", a Treinadora Lee diz com uma pequena bufada de risada que não é nada engraçada enquanto estou ali, os olhos fixos no demônio na cadeira, com raiva de mim mesma por deixá-lo me atingir. "Vamos voltar atrás um momento. Jasmine, por favor, ignore você-sabe-quem. Ele não deveria abrir sua boca e estragar esta *conversa importante que sabia que estaríamos tendo*."

É preciso todo meu controle para deslizar meu olhar de volta para a outra mulher, em vez de me concentrar na pessoa à minha esquerda.

A Treinadora Lee me dá um sorriso que poderia chamar de desesperado em qualquer outra pessoa. E continua falando. "Ivan e eu gostaríamos que você

[1] Meatball: uma pessoa chata, estúpida ou tola. Pentelha.

fosse sua nova parceira." Suas sobrancelhas sobem, aquele sorriso estranho, que eu não confio, cola em seu rosto. "Se você estiver interessada."

Ivan e eu gostaríamos que você fosse sua nova parceira.

Se você estiver interessada.

Eles — essas duas pessoas que parecem e soam como sendo a Treinadora Lee e Ivan — querem que eu seja a nova parceira dele?

Eu.

Isso é uma maldita piada, não é?

Por uma fração de segundo, penso que Karina tem algo a ver com isso, mas então decido que não tem chance. Faz mais de um mês desde a última vez que nos falamos. E ela me conhece muito bem para tentar fazer algo parecido com isso. Especialmente não com este Lukov, de todas as pessoas.

Mas isso é uma piada... certo? Ivan e eu? Eu e Ivan? Apenas um mês atrás, ele me perguntou se eu algum dia eu sairia da puberdade. E em resposta, disse a ele que passaria por isso quando suas bolas decidissem descer.

Tudo porque estávamos tentamos entrar no gelo, ao mesmo tempo. Ela estava lá. A Treinadora Lee nos ouviu. Sei disso.

"Eu não entendo", digo a ambos, lentamente, totalmente confusa, um pouco irritada, e não sei para quem diabos devo olhar, ou o que diabos devo fazer, porque isso não faz nenhum sentido. Nem um pouco.

Não deixo de perceber quando as duas pessoas na sala dão um ao outro um olhar que não consigo decifrar, antes da Treinadora Lee perguntar, sua expressão quase fechada, "O que é que você não entende?"

Que há milhares de outras pessoas que eles poderiam procurar; a maioria delas mais novas que eu, o que neste esporte é o que todo mundo está procurando. Não há nenhuma razão lógica para *me convidar*... além do fato de que sou melhor do que qualquer uma dessas outras meninas. Pelo menos tecnicamente, e por tecnicamente quero dizer saltos e giros, as duas coisas que faço melhor. Mas, por vezes, ser capaz de saltar mais alto e girar mais rápido não é o suficiente. A pontuação dos Componentes do Programa — habilidades de patinação, transições, desempenho e execução, coreografia e interpretação — são igualmente importantes para a pontuação total.

E nunca fiz muito bem essas coisas. Alguns culparam meu coreógrafo. Minhas treinadoras por escolherem música ruim. A mim por "não ter uma alma" e não ser "artística o suficiente" e "não ter nenhum sentimento". Meu ex e eu não tínhamos esse fator de "harmonia". Eu, por não confiar nele o

suficiente. E talvez todas essas coisas tenham sido uma grande parte da razão pela qual não fui bem.

Isso e eu estar me sentindo asfixiada.

Então.

Engulo a amargura, pelo menos por agora, e olho, sem pressa, para essas duas pessoas que conheço, mas nem tanto. "Você quer que eu tente ser parceira" — viro o polegar na direção onde Ivan está sentado para garantir que estejamos, sem sombra de dúvidas, falando a mesma língua — "*dele*?" Pisco novamente e respiro fundo pelo nariz para acalmar minha pressão arterial. "Eu?"

A outra mulher assente. Sem hesitação. Sem olhar para o lado. Apenas um aceno limpo e nítido.

"Por quê?" Soa mais como acusação do que uma pergunta, mas o que diabos vou fazer? Agir como se isso não fosse nada?

Ivan bufa enquanto se mexe na cadeira em que está sentado, estendendo as pernas até que estão paralelas ao chão acarpetado. Um de seus joelhos sacode. "Você quer uma explicação?"

Não mostre o dedo do meio para ele. Não faça isso. Não se vire, Jasmine.

Eu não vou. Não farei isso.

Não faça.

"Sim", digo secamente, mas de um jeito muito mais amável do que ele merece e teria obtido normalmente, conforme este sentimento de mal-estar cobre todo meu corpo. Às vezes as coisas realmente são boas demais para serem verdade. Nunca me esqueço disso. Não posso. "Por quê?" Pergunto novamente, não vou recuar até que esta merda seja resolvida.

Nenhum dos dois diz uma palavra. Ou talvez eu esteja apenas sendo impaciente porque continuo falando antes que um deles abra a boca. "Todos nós sabemos que há patinadoras mais jovens lá fora, que vocês poderiam convidar", adiciono, porque qual seria o dano se isso é exatamente o que penso? Ou seja, uma besteira total. Um truque. Um pesadelo. Uma das coisas mais idiotas que alguém já fez comigo... se não for real.

E o que diabos está acontecendo com minha pressão arterial? Sinto-me mal de repente. Traçando meu bracelete com os dedos da mão oposta, engulo em seco e olho para esses estranhos, basicamente, tentando manter minha voz firme e minhas emoções sob controle. "Quero saber por que você está me convidando. Além de haver meninas cinco anos mais jovens do que eu, há

algumas com mais experiência em duplas. Vocês sabem por que não fui capaz de encontrar outro parceiro", cuspo antes que possa me deter, deixando o 'porquê' a céu aberto como uma bomba-relógio criada especificamente para mim.

O silêncio me diz que eles estão cientes de tudo isso. Como não estariam? Anos atrás, eu tinha uma reputação de merda, e não fui capaz de eliminá-la, não importa o que eu tenha feito. Não é minha culpa se as pessoas só repetem as partes que querem ouvir, em vez da história toda.

É difícil trabalhar com ela, Paul disse para quem quis ler e dava a mínima para patinação de duplas.

Talvez as coisas tivessem sido diferentes se eu tivesse explicado cada uma de minhas ações, cada vez que aconteceu, mas não expliquei. E não me arrependo. Não me importo com o que as pessoas pensam sobre mim.

Pelo menos até que isso se voltou para me morder na bunda.

Mas já é tarde demais agora. Tudo o que me resta é assumir. E eu assumi.

Uma vez, empurrei um patinador de velocidade idiota, por agarrar minha bunda. E a vilã fui eu.

Chamei a mãe de uma companheira de pista de prostituta uma vez, depois que ela fez um comentário sobre minha mãe *ter que ser boa em boquetes* para ter um marido vinte anos mais jovem do que ela. Mas a idiota rude fui eu.

Sou difícil porque não dou a mínima. Mas como diabos posso não me importar quando este esporte é o motivo de acordar animada todas as manhãs?

Pequenas coisas foram sendo somadas, mais e mais, até que meu sarcasmo — até que, qualquer coisa que saia da minha boca — estivesse sendo tomada como um comentário rude. Minha mãe sempre me advertiu que algumas pessoas estariam ansiosas para creditar no pior. Porra, e essa é a infeliz verdade.

Mas eu sei quem sou e o que fiz. Não consigo me arrepender. Pelo menos na maior parte do tempo. Talvez a vida tivesse sido muito mais fácil se eu tivesse a doçura de minha irmã ou a personalidade da minha mãe, mas não sou assim e nem nunca serei.

Na vida, você é quem você é, e quer viver esse tempo tentando dobrar-se para fazer outras pessoas felizes, ou... não.

E, com certeza, tenho coisas melhores para fazer com meu tempo.

Eu só quero ter certeza que, se isso é o que eu penso que é, estarei entrando com olhos abertos. Nunca fecho os olhos e espero o melhor. Especialmente quando isso envolve a mesma pessoa, que depois de todas as competições em

meus dias de competição individual, descreveu a todos os erros que cometi em meus programas — de peças com que competi, uma curta a outra mais longa e chamada de patinação livre — e fez com que eu soubesse os motivos de minha derrota. Como um maldito idiota.

"Você está tão desesperado?" Pergunto diretamente ao homem, encontrando aqueles olhos azuis-acinzentados, totalmente focados em mim. Minhas palavras são rudes, mas não me importo. Quero a verdade. "Ninguém mais quer ser sua parceira agora?"

Aqueles olhos gélidos não desviam o olhar. Aquele corpo musculoso e longo não vacila. Ele nem sequer faz uma careta, como normalmente faria praticamente toda vez que abro minha boca e lhe dirijo palavras.

Dessa forma, somente alguém que é tão seguro de si, tão seguro de seus talentos, de seu lugar no mundo, no fato de que é o único em uma posição de poder, Ivan encontra meu olhar como se estivesse me medindo em troca. E então o idiota que conheço, vem à tona.

"Você sabe como essas coisas são, não é?"

Este filho—

"Vanya", a Treinadora Lee quase grita, balançando a cabeça como uma mãe repreendendo uma criança por apenas dizer o que se passa em sua cabeça. "Sinto muito, Jasmine—"

Em circunstâncias normais, eu teria murmurado algo como *Eu vou chutar a porra da sua bunda*, mas consigo não fazer nada. Por pouco. Em vez disso, olho para aquele rosto, com sua estrutura óssea perfeita... e me imagino passando as mãos em seu pescoço e apertando forte. Eu não seria mesmo capaz de contar a alguém sobre a quantidade de controle que estou mostrando aqui, porque ninguém acreditaria em mim.

Talvez esteja amadurecendo.

Então olho para ele mais um segundo e penso, *Vou cuspir na sua boca na primeira chance que tiver*, e decido que talvez a coisa de amadurecer seja difícil. Felizmente, tudo que decido dizer é, "Eu sei como é isso, cara de bunda."

A Treinadora Lee murmura algo que não ouço claramente, mas quando não me diz para não falar com Ivan deste jeito, continuo.

"Na verdade, Satanás", suas narinas dilatam, e não perco isso, "tudo que quero é saber se está vindo até mim porque ninguém quer lidar com você — porque isso não faz sentido e não ache que sou estúpida a ponto de não saber disso — ou se há outro motivo oculto que não estou percebendo." Como ele

fazer disto a piada mais vil de primeiro de abril da história. Posso realmente acabar assassinando-o se estiver.

A Treinadora Lee solta outro suspiro que atrai o meu olhar. Ela está balançando a cabeça e honestamente parece que quer arrancar os cabelos, o que é uma expressão que nunca vi em seu rosto antes, e isso me deixa nervosa. Ela provavelmente está percebendo a verdade: Ivan e eu somos como óleo e água. Não nos misturamos. A não ser que não falemos um com o outro, mas mesmo assim há olhares de reprovação e dedos médios trocados. Muitos jantares na casa de seus pais seguiram por esse caminho.

Mas depois de um momento que estende a sensação de náusea no meu estômago quase ao ponto de ruptura, a Treinadora Lee estica os ombros. Olhando para o teto, ela balança a cabeça, mais para si mesma do que para meu benefício, antes de finalmente dizer, "Vou confiar que isto não sairá dessa sala."

Ivan faz um barulho que ela ignora, mas estou muito ocupada, processando o fato de que não está me dizendo para não chamar Ivan de Satanás ou cara de bunda, para me importar.

Desperto e tento focar. "Eu não tenho para quem contar", digo a ela, o que é verdade. Sou boa com segredos. Sou realmente boa com segredos.

A outra mulher abaixa o queixo e fixa seu olhar em mim antes de dizer. "Nós..."

O idiota na cadeira faz outro ruído antes de sentar-se ereto e a interromper. "Não há mais ninguém."

Pisco.

Ele continua. "Isso seria só por um ano..."

Espere.

Um ano?

Filho da *puta*, sabia que era bom demais para ser verdade. Eu *sabia*.

"Mindy está tirando... folga nessa temporada", o homem de cabelos negros explica, seu tom firme e um pouco irritado quando se refere à sua parceira durante as últimas três temporadas. "Preciso de uma parceira para esse período."

Claro. *Claro*. Inclino meu queixo para olhar para o teto e balanço a cabeça, sentindo a pontada de decepção acertar bem no meu intestino, lembrando-me que está sempre lá, apenas esperando o momento perfeito para dizer que nunca foi a qualquer lugar.

Porque não foi.

Não consigo pensar na última vez que não me senti decepcionada com alguma coisa, principalmente comigo mesma.

Droga. Deveria saber. Por que mais ele viria a mim? Para ser sua parceira permanente? Claro que não.

Deus, sou tão patética. Mesmo se tivesse considerado a possibilidade por um segundo... sou uma idiota. Deveria saber. Coisas boas como essa não acontecem comigo. Nunca.

"Jasmine." A voz da Treinadora Lee está calma, mas não olho para cima. "Esta seria uma grande oportunidade para você..."

Eu deveria ir embora. Onde diabos está o ponto em ainda estar aqui, apenas gastando tempo para ter que trabalhar até mais tarde? *Estúpida, estúpida, estúpida Jasmine.*

"Você ganhará mais experiência. Estará competindo com o atual campeão nacional e mundial", ela continua, jogando palavras que estou, principalmente, ignorando.

Talvez agora seja hora de me desligar dos patins. Que outro sinal preciso? Deus, eu sou uma idiota.

Droga. Droga, droga, droga.

"*Jasmine*", a Treinadora Lee diz, quase docemente, quase, apenas *quase* gentilmente. "Você poderia ganhar um campeonato ou pelo menos uma Copa..."

E isso me faz abaixar meu queixo para olhar para ela.

Ela levanta uma sobrancelha, como se soubesse que isso chamaria minha atenção, e por uma boa razão. "Você poderá encontrar outro parceiro facilmente depois disso. Posso ajudar. Ivan pode ajudar."

Ignoro a parte sobre Ivan me ajudar a encontrar um parceiro, porque duvido que essa merda aconteça, mas — *mas* — o que não ignoro, é o resto.

Um campeonato. Porra, uma Copa do Mundo. Qualquer Copa.

Realmente não ganho uma desde os meus dias de juniores, antes de me mudar para o nível sênior, que é onde estou agora e há anos.

Em seguida, há a outra coisa: A Treinadora Lee me ajudando a encontrar um parceiro.

Mas, principalmente: *a porra de um campeonato*. Ou pelo menos a chance disso, a possibilidade real disso. *Esperança*.

É como um estranho oferecendo doces para uma criança, para convencê-la a entrar em seu carro e eu sou a criança idiota. Exceto que em vez de doces, esta

mulher e o cara de bunda agitam as duas coisas que quero mais do que tudo, bem na minha frente. É o suficiente para me fazer parar de pensar e manter minha boca fechada.

"Pode parecer um grande esforço, mas com um bastante trabalho duro, nós acreditamos que vai dar certo", a mulher continua com seu olhar direto. "Não vejo como não, vou ser totalmente honesta. Ivan não tem um ano ruim em quase uma década."

Espere.

A realidade me atinge e me obrigo a pensar no que ela está realmente dizendo e pressupondo.

Nós devemos ganhar um campeonato em menos de um ano?

Esqueça o fato de que ela disse que Ivan nunca teve um ano ruim, enquanto eu tive tantos anos ruins, é como se eu engolisse tudo por ele.

Ela está dizendo que devemos ganhar um campeonato em menos de um ano.

Merda. A maioria das novas equipes de duplas fica uma temporada afastada para aprender como o outro patina, para trabalhar em elementos técnicos — tudo, de saltos, até levantamentos e arremessos — até que estejam perfeitamente unidos... e, mesmo assim, as coisas ainda podem ser difíceis depois de doze meses. Duplas de patinação é sobre unidade, sobre confiança, tempo, antecipação e sincronização. É quase como duas pessoas se tornando uma, mas ainda mantendo de alguma forma sua individualidade.

E o que eles estão pedindo é algo que só temos meses para fazer — aperfeiçoar — antes que a coreografia tenha que ser aprendida e depois dominada. *Meses* para fazer o que normalmente levaria um ano ou mais.

Malditamente quase impossível. Isso é o que eles querem.

"Você quer vencer um campeonato, não é?" Vem a pergunta de Ivan, como um cano direto no meu peito.

Olho para ele sentado com sua calça e suéter grosso; o cabelo mais comprido em cima e desaparecendo nas laterais, perfeitamente penteado para trás; a estrutura óssea que tem graças às gerações de reprodução seletiva fazendo-o parecer cada vez mais com o bebê privilegiado que é; e engulo o nó na garganta que parece do tamanho de uma toranja... e como se estivesse coberta de pregos.

Se eu quero a única coisa pela qual sacrifiquei a maior parte da minha vida?

Se quero a oportunidade de continuar? De ter um futuro? De finalmente deixar minha família orgulhosa?

Claro que sim. Quero tanto que minhas palmas estão suadas, e tenho que esgueirá-las pelas minhas costas para que nenhum deles me veja enxugá-las nas calças de trabalho. Não precisam saber o quando quero isso tudo.

Mas *foda-se*.

Um ano para a única coisa que desejo mais do que tudo. Por um campeonato. Pelo que minha mãe quase foi à falência, pela coisa que minha família toda sempre sonhou para mim. O que eu sempre esperei de mim mesma, mas sempre fracassei.

E agora, por um ano, posso me unir a esse idiota, alguém que pode me dar a melhor chance que já tive de conseguir o que comecei a acreditar que estava perdido.

Mas…

Realidade e fatos.

Não é uma certeza que venceremos. Não há promessas disso, mesmo que ganhemos alguma coisa — qualquer coisa — terei um parceiro meu. Não há garantias de que as coisas funcionarão. Na minha carreira, tive sorte de não ter me machucado regularmente, mas isso acontece, e às vezes esses ferimentos acabam com sua temporada.

Além disso, só posso começar a imaginar todo o trabalho que teremos que fazer para estarmos prontos. Planos que interferirão em outros planos que fiz que não poderei voltar atrás porque fiz promessas. E levo minhas promessas a sério.

"Queremos que seja uma transição fácil. São negócios. Mindy gosta de manter sua vida pessoal privada. Ivan também", ela diz, como se eu não soubesse disso. Karina nem tem uma conta no Picturegram, e o Facebook dela está com um nome falso.

"Nosso foco será no esporte", a Treinadora Lee leva seu tempo explicando, observando-me com cuidado, enquanto estou lá tentando processar tudo e, principalmente, falhando nisso. "Com você, Jasmine, dará certo por que você esteve treinando na mesma instalação que Ivan por anos. Você também é amiga da família. Você é uma cara conhecida neste mundo e é talentosa. Tem a experiência de competir neste nível sem ter que começar desde o começo, o que não podemos nos dar ao luxo de fazer com este tempo limitado. Podemos trabalhar com o que você traz." Ela faz uma pausa, olha para Ivan e joga uma última coisa. "A diferença de idade entre vocês dois também ajuda. Sinto que você será uma boa parceira para Ivan."

Ah.

A diferença de idade. Meus vinte e seis contra os quase trinta de Ivan. Ela tem um ponto que não pensei. Pareceria estranho se esse homem adulto fizesse par com uma adolescente. Isso provavelmente acabaria trazendo mais prejuízo do que ajuda.

Depois, há o comentário dela sobre eles serem capazes de "trabalhar" com o que eu traria para essa parceria, mas pensarei sobre isso mais tarde. Bem mais tarde. Quando não estiver ali, no centro das atenções, sentindo como se o mundo tivesse acabado de ser tirado debaixo dos meus pés ao mesmo tempo em que parece que foi devolvido.

Será muito trabalho. Não há promessas. Tenho uma vida fora daqui, que construí lentamente, mesmo que não a queira necessariamente. Uma vida que ainda estou construindo e que não posso simplesmente ignorar.

Estes são todos os fatos.

Mas...

Eu tenho que pensar. Pense primeiro, fale depois, ou algo assim, certo? Já aprendi os problemas que podem surgir com minha boca antes de perceber o que esta saindo dela.

Respiro fundo pelo nariz e pergunto a primeira coisa que me vem à mente. "Seus patrocinadores vão concordar?" Porque eles podem tentar me recrutar quanto quiserem, mas se os patrocinadores disserem que não, será em vão. Não é como se eu tivesse tido mais do que um punhado de patrocinadores dentro e fora de toda a minha carreira, se não incluir todos os vestidos que minha irmã fez para mim, que foram todos. Ainda ganho meus patins de graça, mas sei como funciona para as pessoas que vencem, o patinador adorado pelas massas. Não é como se Ivan precise de ajuda financeira, mas eles ainda são uma coisa real e necessária.

Os patrocinadores e a ASF, a Federação Americana de Patinação, podem nos odiar juntos e não deixarei que construam essa oportunidade para mim e, em seguida, puxem meu tapete.

A Treinadora Lee encolhe os ombros imediatamente. "Não será um problema. As pessoas podem e já voltaram de coisas piores, Jasmine."

Por que esse comentário me faz sentir como uma viciada em drogas?

Ela continua antes que eu possa pensar sobre sua escolha de palavras. "Você pode consertar uma imagem. Isso não seria um problema. Com as decisões

certas, funcionaria bem. Nós precisaríamos que você... estivesse de acordo com as mudanças que precisaríamos fazer."

Sua última frase tem garras. Ela esta admitindo que há algo de errado comigo, mas não é como se eu não soubesse disso. Ainda assim, uma coisa é reconhecer que tenho problemas, mas outra coisa é ela fazer isso.

"Mudanças de que tipo?" Pergunto, soltando lentamente minhas palavras enquanto olho para ela e Ivan esperando sugestões. Porque se me disserem que preciso de uma transformação, ou que terei que começar a beijar bebês... ou me tornar uma imbecil que faz parecer que é feita de gelo e está pronta para a santidade... não vai acontecer. Nunca. Eu tentei ser uma princesa do gelo uma vez quando era jovem demais para entender tudo. Certinha, correta, angelical e doce. Duraria menos de trinta minutos. Agora, sou velha demais para fingir ser uma pequena e perfeita rainha da beleza, que não xinga e que solta arco-íris pelo traseiro no café da manhã, apenas para que as pessoas gostem de mim.

A Treinadora Lee inclina a cabeça para o lado. "Nada sério. Podemos conversar sobre isso mais tarde."

Mais tarde? "Vamos falar disso agora." Porque não vou pensar em nada antes de saber no que estou me metendo.

A outra mulher franze o nariz antes de emitir um barulho. "Eu não sei. Estaria apenas jogando ao vento algumas coisas..."

"OK."

Seus olhos vão para o lado por um segundo antes de voltarem para mim. "Ok." Seu franzir de testa quase parece desconfortável. "Talvez você possa sorrir mais."

Pisco para ela e penso que posso ter ouvido Ivan bufar, mas não tenho certeza.

"Vocês poderiam fazer sessões de fotos juntos, comparecer a um jantar de gala ou dois. Sua presença na mídia social precisa ser trabalhada... ser mais ativa, até mesmo postar uma foto de sua vida fora do gelo de vez em quando, faria uma grande diferença."

Ela quer que façamos tudo isso quando só seremos uma dupla por um ano? Ela está brincando comigo?

Então eu compreendo.

Um sentimento quase nauseante faz a minha nuca coçar quando finalmente processo sua solicitação de mídia social. Uma vez tive contas diferentes, mas excluí todas elas, quando comecei a perder o sono. *Devo lhe contar isso*, penso,

mesmo que minha cabeça me diga que nada de bom virá de postar fotos minhas online.

Devo provavelmente também admitir a ela que vou precisar de... ajuda extra. Mas não posso. Não, se isso significa que perderei esta oportunidade, o que pode acontecer.

Esta é a minha chance. Mais do que provavelmente é a minha última.

Posso ficar segura. Não posso? Posso dar conta do que posto. Ser mais cuidadosa. Posso ser esperta sobre isso se as coisas começaram a acontecer novamente. Especialmente se esta oportunidade for real e minha.

Posso gravar nossas sessões para praticar mais tarde sozinha. Fiz isso antes. Minha mãe e irmãos ajudarão se eu pedir. Posso ser mais focada e fazer Ivan patinar sozinho primeiro antes que comecemos a fazer coreografia. Eu posso acertar. Posso fazer dar certo sem dizer-lhes.

Tudo é possível... não é? Sou forte, inteligente, e não estou com medo de trabalhar.

Apenas de falhar.

Então, mantenho a porra da minha boca fechada.

"Nós não vamos pedir para mudar qualquer coisa essencial, Jasmine. Juro para você agora, que não será o caso. Só preciso saber que você está a bordo para fazer o que for melhor para o time. Todos teremos um monte de trabalho, mas é viável."

Farei qualquer coisa para ganhar. Até mesmo abrir outra conta de mídia social se for preciso. Eu mentirei, enganarei e roubarei... até certo ponto.

Quer dizer, não vou bater em um concorrente, nem tomarei esteroides ou farei um boquete em Ivan, mas todo o resto eu provavelmente aceitaria para que essa possibilidade seja real. Pelo olhar no rosto da Treinadora Lee e a expressão de quase dor que Ivan está exibindo... estou começando a pensar que é.

Ivan foi o parceiro de duplas mais bem sucedidas e altamente condecoradas nas últimas duas décadas. Ainda não fui capaz de passar para a final da Major Prix na última temporada e competir o nacional foi terrível. Meu ex e eu ficamos em quinto e sexto lugar nas duas competições que estivemos.

Esta oportunidade é melhor do que qualquer outra que já esperei depois de ter sido deixada sem parceiro.

"Você está interessada?" A outra mulher pergunta; sua expressão e até mesmo o tom sãos frios, como se isso, de alguma forma, não fosse exatamente o que eu queria.

Se eu estou interessada? Duh.

Isso é apenas tudo o que não posso ignorar.

Qualquer parceiro de duplas no mundo sabe que você tem que confiar em seu parceiro completamente. Parceiros — *especialmente* as mulheres — praticamente colocam sua vida nas mãos do outro, todos os dias. Não preciso dizer isso à Treinadora Lee ou a Ivan. Confiança é a base de cada parceria. Independentemente se é a confiança em alguém que pode te odiar, mas quer ganhar tanto que não colocaria em risco a oportunidade, ou a confiança pura, reta que você dá às pessoas que a conquistaram e só pode esperar que isso não saia pela sua culatra.

Mas quero ganhar. Quero *isso*. Sempre quis isso. Sangrei por isso, gritei por isso, me machuquei por isso, quebrei ossos, tive concussões, alonguei cada músculo do meu corpo, nunca fiz amigos, nunca frequentei uma escola, nunca amei ninguém, ignorei minha família, tudo por *isso*. Por este amor que é maior do que tudo e qualquer coisa que já conheci. Por este esporte que me deu a confiança de saber que poderia levantar-me depois de cada queda.

Um ano atrás... seis meses atrás... isso teria sido a resposta para cada oração da minha vida.

Olho para os dois, dividida entre ficar animada com esta oportunidade, mesmo que seja com a versão reencarnada de Lúcifer — pra você ver o quanto quero, estou disposta a desconsiderar isso. Mas como a minha mãe dizia quando éramos crianças e não queríamos comer o que havia preparado para o jantar, mendigos não podem escolher — e ainda, ainda assim não posso deixar de me preocupar que estejam jogando algum tipo de estratagema fodido. Não seria inédito. Realmente não seria. Algumas pessoas neste mundo não se importam com o que ou quem machucam para conseguir o que querem.

Só não posso lidar com ser usada. De novo não. Não direi isso, mas lhes darei tudo de mim se me derem essa chance. *Tudo*.

Mas...

Tenho compromissos assumidos. Compromissos e promessas que não quero quebrar novamente. Por mais que queria dizer que sim! Sim! Sim! Preciso pensar sobre isso. Nem tudo é sobre mim e levei um longo, longo tempo para perceber isso.

Ainda estou levando.

"Se isso é algum tipo de truque, ou se vocês estiverem tentando me usar para fazer um ponto com outra parceira em quem vocês estão interessados" — não vou ficar animada. Não confio que estas duas pessoas não estejam jogando comigo, independentemente de que estejam dizendo o contrário — "nem sequer pensem em fazer isso." Ivan já deveria saber que eu o mataria. Inferno, sua irmã o mataria se ele fizesse isto comigo.

Há uma pausa na sala, e não sei o que significa. Culpa? Ou reconhecimento de que é uma merda eu ter que falar aquilo?

"Não", a Treinadora Lee diz após um momento, isso deixa a sala com uma sensação pesada que não posso ignorar. "Não é isso. Isto não é um truque. Queremos você conosco, Jasmine."

Se meu coração deu um pequeno pulo quando ela disse que eles querem que eu faça alguma coisa, não vou me concentrar nisso.

Olho para o homem sentado em frente à mesa, quieto, tão malditamente tranquilo e observador... e me pergunto o que fez sua outra parceira decidir tirar um ano de descanso. Talvez ela esteja se casando. Talvez alguém esteja doente. Talvez ela não possa mais suportar esse jumento e precisou de uma pausa. Gostaria de ter seu número de telefone para poder apenas lhe mandar uma mensagem e perguntar. Ela sempre foi legal.

"Você pode tirar uma foto se quiser ficar encarando", Ivan diz secamente, recostando-se na cadeira.

Reviro os olhos e olho para a Treinadora Lee para evitar retrucar qualquer coisa ao cara de bunda e acabar arruinando esta oportunidade. Posso guardar para mais tarde.

Felizmente, a Treinadora Lee revira os olhos também, como se não estivesse surpresa com o comentário idiota e foca em mim, o estresse no rosto dela me dizendo que está tentando manter isso em termos profissionais. "Você não tem que nos dar uma resposta agora. Você pode pensar por algum tempo, mas precisamos de um retorno o mais cedo possível. O tempo está passando, e se vocês forem competir na próxima temporada, precisamos de cada minuto que pudermos para estar prontos."

~

"O QUE ESTÁ NA SUA BUNDA?" Meu irmão Jonathan pergunta; nem mesmo cinco minutos depois que sento ao lado dele, segurando um prato de frango à

parmegiana de nossa mãe. É algo que um ano atrás eu não teria sido capaz de comer a menos que fosse minha refeição semanal de "porcarias." Agora, quase todos os dias eu faço uma refeição dessas. Todas as minhas calças — e sutiãs, calcinhas e camisas — estampam essa realidade. Meus malditos peitos aumentaram um tamanho de taça, não que isso signifique muito. Minha mãe amaldiçoou todas suas meninas com a genética dos seios pequenos; bundas grandes também foram, literalmente, transmitidas pelos genes. Meus seios um pouco maiores e minha bunda ainda maior são um dos únicos benefícios de ter diminuído meu treinamento na patinação artística competitiva. Deixar de patinar seis ou sete horas por dia e ficar em duas é uma diferença gigante.

E agora... bem, agora posso voltar a esse ponto.

Talvez.

Já se passou quase doze horas desde a reunião e ainda não cheguei a uma decisão.

Se, e é um grande *se*, eu disser sim para proposta da Treinadora Lee e de Ivan, estarei dizendo adeus ao saco de M & M's que estou comendo três vezes por semana. Embora seja um sacrifício que faria de bom grado. *Se aceitar fazer isso*.

Mas estou me precipitando. Talvez pense nisso como prometi à Treinadora Lee e decida que não quero arriscar tudo novamente por apenas uma possibilidade. Preciso considerar e pesar cada opção. Não fui capaz de parar de pensar nisso. Não durante o trabalho, não depois e durante minha segunda sessão de treino, e não durante a aula de Pilates que ainda faço uma vez por semana.

Não fiquei surpresa quando, meia hora atrás, parei na entrada e encontrei um carro familiar estacionado na rua. Minha família vem sempre que quer; não se limita apenas aos fins de semana ou feriados. Com dois irmãos mais velhos e duas irmãs mais velhas, alguém sempre aparece. Eles aparecem aleatoriamente para jantar, mesmo que todos tenham saído de casa anos atrás, deixando-me sozinha com meus colegas... vulgo minha mãe e seu marido.

Minha mãe, meu irmão Jonathan e seu marido, James, estão na sala quando entro.

A primeira coisa que qualquer um deles me diz é, "Vá tomar um banho!"

Mostro o dedo médio ao meu irmão, porque ele gritou sobre o banho, e engulo minhas palavras enquanto corro até as escadas e me dirijo ao meu quarto. Não demoro muito tempo para trocar de roupas, tomar banho, e me

vestir — o tempo todo pensando na conversa que tive no escritório antes do dia mais distraído que tive no trabalho desde que descobri que o meu último parceiro me abandonou.

Desço as escadas para encontrar minha família na cozinha, enchendo pratos com o que minha mãe fez para o jantar. Dou a cada um deles um beijo na bochecha, e em troca recebo um beijo molhado irritante do meu irmão, um beijo de seu marido, e um tapa na bunda de minha mãe, antes de começar a servir comida em um prato.

Tentando ao máximo não pensar constantemente no Satanás e sua treinadora, encho meu prato com uma porção de macarrão e frango à parmegiana antes de sentar em um tamborete em torno da ilha da cozinha onde estamos todos comendo. A sala de jantar só é utilizada nos feriados. Dei apenas umas três mordidas, mastigando devagar, quando o meu irmão faz a pergunta que eu deveria ter visto chegando. Estive muito quieta, e isso não acontece com frequência.

Antes que possa pensar num insulto para lhe dizer, minha mãe faz um barulho conforme caminha ao redor da ilha, uma mão segurando um prato, a outra mão, uma taça de vinho tão grande, que ela deve ter servido pelo menos metade de uma garrafa ali dentro.

"Droga, mãe. Você deveria apenas ter trazido a garrafa toda, em vez de sujar uma taça." Dou risada quando ela solta a taça com muito mais cuidado do que provavelmente alguma vez me soltou quando eu era um bebê.

Ela revira os olhos quando coloca o prato ao lado da taça. "Não é da sua conta. Tive um longo dia, e é bom para o coração."

Bufo e levanto minhas sobrancelhas quando finalmente tenho a chance de observar suas roupas: jeans skinny que tenho certeza que são meus e uma blusa vermelha brilhante que acho que me lembro da minha irmã vestindo, antes de se mudar.

"*De qualquer forma,* Grumpy. O que está na sua bunda? Será que entrou em apuros no LC?" Ela pergunta quando se senta, ignorando os olhares que estou lhe dando por causa do 'empréstimo' das minhas roupas.

Ela me enviou uma mensagem no meio do dia perguntando como foi a reunião. Eu não respondi. Ainda não me dei uma chance de pensar se quero contar a eles sobre a oferta ou não. Não é como se mentisse regularmente. Não minto. Mas... e se não der certo? E se ficarem animados sem motivos? Já os deixei desanimados o suficiente ao longo dos anos.

Sim, esse pensamento é um balde de água fria.

Afastando meu olhar da mulher que em uma só semana foi mais atingida do que eu em toda a minha vida, me concentro no prato, girando os dentes do garfo no macarrão com um encolher de ombros. "Nada", respondo muito rapidamente, imediatamente ciente que fiz uma asneira ao dizer isso.

Há três diferentes tossidas de escárnio ao redor da ilha. Não preciso olhar para saber que todos estão trocando olhares uns com os outros sobre como pensam que estou escondendo alguma coisa — o que estou — mas é meu irmão que finalmente solta, "Droga, Jas, você nem sequer *tentou* contar uma mentira."

Faço uma careta para minha comida antes de olhar para ele e levantar o dedo médio mais próximo de Jonathan para perto do meu rosto, fingindo esfregar o interior do meu olho com ele.

O único membro da minha família que se parece um pouco comigo, com sua pele bronzeada, cabelo preto e olhos escuros, põe a língua para fora. Trinta e dois anos de idade e mostrando a língua para mim. Que cadela.

"Poderíamos ter acreditado em você se não tivesse dito 'nada'. Agora sabemos que está mentindo", nossa mãe instiga. "*Você não contando nada pra gente quando algo está te incomodando?*" Ela praticamente bufa; sua atenção no frango que esta cortando em pedaços. "Ha! Desde quando você faria isso?"

É o que ganho por torná-los meus melhores amigos ao longo dos anos. Diferente de Karina, com quem falo cada vez menos ao longo dos últimos anos, e um par de outras pessoas com quem não me importo, minha família é isso para mim. Minha mãe diz que tenho graves problemas de confiança, mas, honestamente, quanto mais pessoas conheço, mais não quero conhecer ninguém.

"Você está bem, Jas?" James, a melhor metade do meu irmão nos últimos dez anos mais ou menos, pergunta em seu tom preocupado.

Movendo os dentes do garfo no macarrão um pouco mais, olho para o homem mais bonito que já vi na vida e balanço a cabeça. Com cabelo escuro, olhos claros na cor de avelã, e sua pele de um tom de marrom mel que não dá a ninguém qualquer pista sobre sua descendência, ele pode ter o encontro que quiser. Qualquer um. Literalmente. Já vi os homens heterossexuais dando uma boa olhada nele inúmeras vezes. Se tivesse decidido ser um modelo, teria sido superior a todos os outros modelos do sexo masculino no mundo. Até mesmo minha irmã, que gosta de mulheres 24 horas por dia, trezentos e sessenta e cinco dias do ano, já disse que se casaria com James se ele a pedisse. *Eu* casaria com

ele mesmo se ele não pedisse. É o homem mais legal, bonito, bem sucedido e pé-no-chão. Todos nós o amamos.

Ele nos ama também, mas não da mesma maneira que ama meu irmão Jojo.

As pessoas gostam de dizer que o amor é cego, mas de maneira nenhuma o amor poderia ser tão cego. Parei de tentar entender o relacionamento de meu irmão Jonathan e James há muito tempo. Como ele acabou ficando com o maior idiota na família, não consigo entender. Meu irmão tem orelhas enormes, estilo Dumbo, e um espaço entre os dois dentes da frente, que minha mãe sempre disse que é adorável e que ele nunca se preocupou em pôr aparelho Eu tinha só um pouco de mordida cruzada e usei aparelho por três anos.

Não que tivesse obcecada com isso ou qualquer coisa.

"Estou bem. Não dê ouvidos a eles", digo a James, parecendo distraída o suficiente para saber que estou estragando tudo novamente. Então, tento mudar de assunto e escolho o mais óbvio: o marido da minha mãe, que deveria estar na mesa com a gente... mas não está. "Onde está Ben, mãe?"

"Ele saiu com seus amigos", a mulher ruiva que deu à luz a mim, explica rapidamente antes de levantar o olhar e apontar o garfo na minha direção. "Não mude de assunto. O que você tem?"

É claro que não ia dar certo.

Mal contenho um gemido quando enfio um pedaço de frango na boca e mastigo lentamente antes de responder, "Eu estou bem. Apenas... pensando sobre algumas coisas, e isso está me deixando de mau humor."

Meu irmão ri ao meu lado. "Você? De mau humor? *Não*."

Estendo a mão antes que ele perceba o que está acontecendo e belisco a coisa insignificante que ele chama de bíceps.

"Oww", ele choraminga, puxando o braço e esfregando com a mão.

Tento fazer novamente, mas ele movimenta o cotovelo para me impedir.

"Mãe! Olhe para ela!" Meu irmão reclama, apontando para mim como se houvesse mais alguém o atacando. "James me ajude!"

"Dedo duro", sussurro, ainda tentando beliscar. "Cadela."

Seu marido ri, mas não escolhe um dos lados. Não admira que eu goste tanto dele.

"Pare de machucar seu irmão", mamãe diz pela, provavelmente, milésima vez em toda a minha vida.

Quando ele move as mãos para me bloquear em torno da área da cintura, estendo a mão, rápido, rápido, rápido e dou um tapa no pescoço antes dele virar

a boca para tentar me morder. “Filhinho da mamãe”, sussurro, puxando minha mão de volta.

Ele inclina a cabeça de lado a lado com um sorriso, zombando de mim como sempre faz quando a mamãe fica do seu lado. Ela sempre fica. O otário é seu favorito, embora ela nunca vá admitir, mas o resto de nós sabe a verdade. Amo tanto meus irmãos, mas sei por que minha mãe o ama mais. Se você ignorar as semelhanças entre Jojo e o Pluto, ele sempre coloca um sorriso no rosto de alguém. Aquelas orelhas gigantes tem esse efeito nas pessoas.

“Querida, até eu sei que algo está acontecendo apenas pelo jeito que você está falando. O que há de errado?” O marido de meu irmão pergunta, inclinando-se sobre a mesa com uma expressão tão cheia de preocupação, que me faz sentir mais culpa do que qualquer coisa que minha mãe ou Jojo poderiam ter dito.

Quero dizer a eles.

Mas...

Ainda posso, e provavelmente sempre irei lembrar claramente como meu irmão chorou lágrimas de raiva quando descobriu que fui deixada sem um parceiro. Minha mãe nunca admitiria que ficou arrasada, mas a conheço bem demais para não ver os sinais. Eu vi os mesmos sinais depois que cada casamento, antes deste atual, falhou, quando ela soube que sua vida mudaria para sempre e não havia como voltar à forma como as coisas eram antes.

Logo depois que parei de treinar para competir — porque você não pode praticar exatamente uma série de elementos da patinação em duplas sozinha, e fiquei totalmente ciente de que minhas esperanças na competição individual seriam bem pequenas — eu me fechei emocionalmente completamente. O termo correto poderia ter sido depressão, mas não quero pensar nisso. Não foi a primeira vez que isso aconteceu; dou uma péssima perdedora.

Não é segredo como o desgosto de ver meu sonho se esvaindo me deixou mais... irritada, magoada e chateada. Quão irritada, magoada e chateada eu ainda estou. Honestamente, parte de mim se preocupa que nunca serei capaz de superar isso. Guardo rancores como uma filha da puta. Mas minha família viveu esta jornada comigo, ano após ano, um alto e cinco baixos, vez após vez.

O mais importante é que todos estiveram lá por mim, no meu rescaldo e quando lentamente tentava construir esta nova vida que agora eu tenho fora do rinque, forçando-me a fazer pequenas coisas como jantar em família enquanto tudo que queria fazer era me esconder sozinha no quarto, ameaçando-me para

que saísse com eles e me fazendo sentir culpada para fazer coisas que não tinha tempo para fazer antes. Eles fizeram isso várias vezes até que começou a parecer uma segunda natureza. Todas essas coisas que não fizeram o suficiente no passado, mas poderiam, uma vez disse à minha mãe que ela não teria que continuar pagando as taxas astronômicas que vinham do Técnico, porque eu não teria mais um. Ele também me abandonou.

Era motivo para eu estar triste e com o coração partido, mas não queria que eles se sentissem assim também. Nunca mais. Não se eu pudesse evitar.

E ainda não tinha certeza do que fazer.

O meu lado egoísta queria fazer isso. Duh.

Mas o outro lado, aquela parte minúscula que não quer ser uma merda egoísta, não quer decepcionar essas pessoas e voltar a se transformar na pessoa que eu era antes. Aquela que nunca estava por perto. Aquela que todos pensavam que não se importava... provavelmente porque não me importava o suficiente.

Então há toda uma parte minha que não tem certeza se será capaz de lidar se as coisas não derem certo... por mais que isso faça de mim uma covarde.

E tudo se junta a esse negócio de ser parceira de Ivan.

Ivan. Ugh. Quero tanto isso que não recusei imediatamente a oferta de passar a maior parte dos meus dias com ele entre todas as pessoas. Foi nisso que minha vida se transformou. Considerar possível passar algum tempo com aquele idiota arrogante.

Realmente não sei o que fazer, droga.

Então, naquele momento... minto. "Acho que é apenas minha TPM."

"Ahh", é a resposta de Jonathan, porque garotas ficarem menstruadas não é nenhuma novidade depois de dividir um banheiro com três irmãs durante os primeiros dezoito anos de sua vida.

Minha mãe, por outro lado, aperta os olhos, me observando por dois longos momentos. Tanto tempo que acho que vai revelar minha mentira, mas assim que presumo isso, ela dá de ombros e depois solta outra bomba. "Então, é verdade que Lukov e sua parceira se separaram?"

Pisco, não sei por que estou surpresa.

Mamãe sempre sabe tudo de todos. De algum modo, de alguma forma.

É James, o marido do meu irmão, que inspira fundo primeiro. Pelo tempo que está com Jonathan, esse nome já significa alguma coisa para ele. Posso me lembrar de uma época, muitos, muitos anos atrás, quando James não sabia nada

sobre patinação artística. Mas agora é membro da família o suficiente para saber mais sobre o esporte do que imaginei que saberia.

"Ele se livrou da parceira?" Jonathan se anima, empurrando os óculos no nariz, como se essa fosse a melhor fofoca que ouviu nos últimos tempos.

Mamãe levanta as sobrancelhas e assente. "Pelo que ouvi, foi alguns dias atrás."

Eu me certifico de enfiar um grande pedaço de frango na boca para não fazer uma careta, entregando que *não foi isso que aconteceu.*

Por sorte, meu irmão intrometido arfa. "Eles não se juntaram apenas alguns anos atrás?" Jojo pergunta, dirigindo a pergunta para nossa mãe porque sabe que ela está por dentro de todas as fofocas.

"Uh-huh. A parceira anterior caiu duas vezes na final do Major Prix. Eles ganharam um bronze, mas com essa garota ele conquistou um título nacional e uns mundiais."

O Major Prix. Os mundiais. Nacionais. São três das mais prestigiadas competições no mundo da patinação artística e só ele poderia estragar tudo em uma competição e ainda ganhar alguma coisa. Isso deveria ter me assegurado que estaria fazendo uma boa escolha se aceitasse sua oferta, mas tudo o que faz é me deixar ressentida comigo mesma por ter fodido tudo tanto, que não tenho nenhum.

"Karina não falou nada sobre isso?" Minha mãe volta sua atenção para mim.

Asseguro-me de ainda ter frango na boca, enquanto balanço a cabeça e respondo com a boca cheia, "Ela ainda está no México." Eles sabem que ela está na faculdade.

"Mande um e-mail pra ela e descubra", ela insiste.

Faço uma careta. "Mande um e-mail você e pergunte."

Mamãe bufa algo que parece um "Eu vou."

"Sempre esqueço que Karina é irmã dele", James observa, inclinando-se sobre a mesa. "Ele é mesmo tão bonito olhando de perto, pessoalmente?"

Eu rio. "Não."

Jojo dá uma resfolegada. "Uh-huh", mas o tom me coloca no limite e acabo olhando em sua direção para encontrá-lo encostado no ombro de James. Ele finge que está tentando sussurrar, mas o idiota olha diretamente para mim quando acrescenta, "Jasmine costumava flertar com ele. Você deveria ter visto."

Engasgo com a galinha que ainda não engoli antes de cuspir, "Que diabos você acabou de dizer?"

Seu "Ha!" faz com que eu já fique com meu dedo médio preparado. "Nem sequer finja. Você costumava sempre voltar para casa falando dele", declara o homem de um metro e setenta e sete que sempre foi um perfeito equilíbrio entre um irmão mais velho solidário e uma irritante dor no traseiro. "Você tinha uma coisa por ele. Todos sabíamos." Ele olha para James e ergue as sobrancelhas. "Nós sabíamos."

Ele está me zoando? Ele deve estar me zoando, não? Eu flertando com Ivan? *Ivan*?

"Não", digo a ele calmamente, só porque se dissesse de forma agressiva, todos alegariam que é besteira. Já sei como funcionam. "Eu não flertei com ele." E só para que James fique sabendo, enfatizo isso. "Nunca."

Mamãe faz um barulho que basicamente diz, "Bem."

Lanço meu olhar na direção dela e balanço a cabeça. "Não. Não, não fiz isso. Ele é muito bom de olhar" — só digo isso porque, se disser que ele não é meu tipo, assumirão que estou tentando esconder alguma coisa, e não estou. "—mas nunca foi desse jeito. Nem um pouco. Ele é meio idiota. Sua irmã e eu somos amigas. É só isso."

"Ele não é um idiota", minha mãe intervém. "É sempre muito educado. E é muito bom com seus fãs. Parece ser um bom garoto." Ela me dá uma olhada. "E você gostava dele."

Um bom garoto? Que merda eles fumaram aqui?

Sim, todo mundo o ama e todos pensam coisas boas sobre ele. O bonito e talentoso Ivan Lukov, que venceu o mundo todo como um adolescente bonitinho e sorridente. Ele sabe como jogar o jogo. Tenho que admitir isso. Mas *nunca gostei dele.* Jamais. "Não, não, eu não gostava", argumento, balançando a cabeça em desânimo por eles estarem tentando afirmar uma merda dessas. Estão falando sério? "Vocês estão imaginando coisas. Dizemos uma frase um para o outro, uma vez por mês, e é sempre cheia de sarcasmo e com maldade."

"Algumas pessoas consideram isso como preliminares—" meu irmão começa a dizer antes que eu o interrompa.

Faço um barulho horrível outra vez, ainda balançando a cabeça. "De jeito nenhum..."

Jonathan começa a rir. "Por que seu rosto está ficando vermelho, então, Jas?" Ele pergunta, batendo a palma da mão no alto da minha cabeça e dando-lhe uma sacudida antes que consiga me desvencilhar.

"Cale a boca", digo a Jojo, pensando em uma dúzia de respostas diferentes e sabendo que não posso usar nenhuma delas, porque todas soarão defensivas demais e ficarei parecendo culpada. Ou, pior, acabarei contando sobre a oferta que recebi naquela manhã. "Eu nem mesmo gostava dele. Não sei por que vocês dois pensam isso."

Mamãe ri. "Não há problema em admitir que você tinha uma queda por ele. Muitas garotas ao redor do mundo também têm. Até eu posso ter tido uma queda por ele na época—"

Esquecendo que estamos em lados opostos, Jojo e eu fazemos sons de ânsia.

Mamãe geme. "Oh, parem. Nem foi isso que eu quis dizer!"

Obviamente, a mulher que é casada com um homem nem dez anos mais velho que eu tem que esclarecer esse comentário. Mamãe não é apenas uma cougar, ela é A Cougar. Todas as outras a reverenciam.

"Vou fingir que você não acabou de dizer isso para que consiga dormir, mamãe", Jojo murmura com um olhar mal humorado no rosto, antes de fisicamente estremecer. Então ele me dá uma cotovelada. "Você costumava falar muito sobre ele, Jas."

Pisco. "Eu tinha dezessete anos, e era só porque ele era um idiota."

Mamãe abre a boca, mas continuo.

"Não, não. Ele era, sim. Juro que era. Vocês nunca o ouviram, mas acontecia, ele apenas se certificava de nunca ser pego. Karina sabe disso."

"O que ele fez com você?" James pergunta; o único que parece ainda estar do meu lado. Pelo menos não está negando minhas queixas e parece interessado em realmente ouvir os fatos.

Vou contar a eles também, porque a última coisa que quero é que mamãe e Jonathan continuem pressupondo aquela merda louca. Especialmente com o que *pode* acontecer. Talvez. Possivelmente.

Então, conto tudo a eles.

~

A MERDA FOI JOGADA no ventilador no dia em que Ivan Lukov usou o figurino mais feio que já vi na minha vida até aquele momento.

Eu tinha dezesseis anos naquela época e Ivan acabara de completar vinte. Lembro-me disso porque sempre ficava surpresa que ele não fosse nem quatro anos mais velho que eu, mas já estava muito mais adiantado na carreira. Já havia vencido vários campeonatos como Júnior com sua parceira de longa data

antes de entrar no nível sênior aos dezessete anos. Aos vinte anos, as pessoas já vinham se borrando de medo dele por anos. Mal sabia eu que nada mudaria na próxima década.

Nesse ponto, sua irmã e eu já éramos amigas há alguns anos. Eu já passara a noite em sua casa mais do que um punhado de vezes. Ela já passara a noite em minha casa mais do que um punhado de vezes. Ivan era o membro da família que eu via nos aniversários dela e aleatoriamente em sua casa quando aparecia para visitá-los. Ele nunca realmente *disse* nada para mim até então, além de me disparar expressões relutantes que só existiam porque seus pais esperavam que ele tivesse boas maneiras.

Então, naquele dia, anos atrás, quando ele estava parado no gelo enquanto eu me alongava no chão, não consegui esconder meu horror e nem me dei ao trabalho de tentar. O que Ivan estava vestindo parecia algo que a senhora Chiquita Banana usaria. Babados amarelos, vermelhos, verdes... havia até umas flores ali em algum lugar, e aquelas calças amarelas horríveis que faziam as pernas dele parecerem legítimas bananas em seu corpo de rapaz naquela época.

Esse figurino foi o pior. Definitivamente, o pior. Usei alguns collants que minha irmã fez para mim e que eram... experimentais, mas não queria ferir seus sentimentos, então os vestia mesmo assim.

Mas nada que eu usei nada era tão ruim quanto o que ele estava vestindo naquele dia.

Ivan começou então a patinar com sua parceira, uma garota com quem patinava por anos antes, mas que não durou muito mais depois disso. Bethany alguma coisa. O que quer que ela estivesse vestindo não era tão ruim quanto a roupa dele. Já tinha visto o programa deles aos pedaços quando não estava ocupada; também ouvira a música que os acompanhava, obviamente. Mas não vira as roupas até então. Foi como ver alguém dançando break ao som de Mozart. Não fazia sentido. E na minha cabeça, o acidente de trem que ele vestia ofuscou a música os dois estavam apresentando, que não era exatamente um mambo.

E culpo isso como sendo a razão pela qual abri minha grande boca naquele dia. Pensei que ele estava fazendo um desserviço à sua rotina. Então, achei que alertá-lo seria um favor.

Tenho certeza que não pensei sobre o que estava fazendo antes de ir até ele quando estava saindo do gelo, depois que seu treinamento chegou ao fim, prendendo seus protetores na lâmina debaixo das botas pretas. E naquele

momento, disse ao menino antes disso não tinha dirigido a palavra para mim, "Você realmente deveria mudar sua roupa."

Ele nem sequer piscou quando virou a cabeça para me olhar e perguntou, na única e educada frase que já falou na vida dirigida a mim, "Perdão?"

Talvez eu devesse culpar minha mãe ou até mesmo meus irmãos por não serem suficientemente rígidos comigo para que eu aprendesse a calar minha boca e guardasse minhas opiniões para mim. Pois entre todas as coisas que poderia ter utilizado para suavizar minhas palavras, não escolhi nenhuma delas. "É feio", foi exatamente o que saiu da minha boca.

Não *"A roupa desfavorece seus alinhamentos e a altura em seus saltos."* Não "*É um pouco brilhante demais."*

Não disse nenhuma dessas coisas para deixar meu comentário menos idiota.

Então, para que ele entendesse que não era apenas horrenda, acrescentei, "É feio pra burro."

E tudo mudou depois disso.

O rapaz de vinte anos me deu uma olhada como se fosse a primeira vez que estivesse me vendo, o que *não era*, e depois recuou. Praguejou naquela sua voz baixa de rapaz, "Não é com o *meu* traje que você deveria se preocupar."

Lembro-me do meu primeiro pensamento: *cadela*.

Mas antes que pudesse dizer uma palavra, aquelas sobrancelhas negras, um completo oposto do castanho-claro de sua irmã, subiram pela sua testa suave, de um jeito que me lembrou do modo como outras garotas me olhavam às vezes... Como se eu fosse menos importante do que elas, porque não usava as mesmas roupas extravagantes e patins novinhos em folha que elas. Minha mãe não podia bancar essas coisas, e sempre evitou pedir dinheiro ao meu pai se fosse possível... Mas sempre achei que era mais pelo medo que ela tinha de que ele não lhe daria o dinheiro porque era para patinação artística e não apenas porque estivesse sendo pão-duro. Teria patinado de calcinha naquela época, desde que tivesse tempo de gelo. Não ter roupas extravagantes não era um problema, uma vez que me explicou que era tudo o que ela podia pagar.

Mas a questão é, ninguém nunca fez eu me sentir mal por não usar vestidos e figurinos de grife. Pelo menos, não na minha cara. Nas minhas costas era outra história. Você não pode esconder de uma pessoa suas expressões ou o movimento dos olhos. Você não pode impedir que seus ouvidos ouvissem o que as pessoas achavam que estavam sussurrando, mas na verdade não estavam. Naquela época, as outras garotas não gostavam de mim porque eu era

competitiva e às vezes tinha um jeito durão quando as coisas não iam do jeito que queria.

Recuei exatamente como ele havia feito, pensando em minha irmã que fizera meu figurino — uma malha simples, mas bonita, azul-claro com pedrinhas ao longo do decote e mangas — e fiquei chateada. E disse a única coisa que me veio à mente, "Só estou dizendo a verdade. Está parecendo ridículo."

Suas bochechas ficaram mais escuras do que o normal tom quase pêssego. Não foi um rubor, nem nada perto disso, mas para ele, acho que foi basicamente a mesma coisa. Ivan Lukov inclinou-se em minha direção e sibilou uma advertência que me perseguiria nos próximos dois anos, "Cuidado, anã", antes de sair para os vestiários ou para onde quer que ele fosse.

Duas semanas depois, em sua roupa de mambo, ele ganhou seu primeiro Campeonato Nacional dos EUA em duplas. As pessoas falaram muita merda sobre seu traje, mas mesmo tão espalhafatoso, não foi o suficiente para esconder seu talento. Ele mereceu vencer. Mesmo que tenha ferido os olhos dos espectadores.

Uma semana depois disso, em seu primeiro dia de volta ao LC, enquanto eu estava me sentindo muito mal sobre o que havia dito e Karina não foi de grande ajuda em me dizer como poderia consertar aquilo, já que achou tudo hilário, Ivan se desviou de seu caminho para vir falar comigo. E por falar, realmente quis dizer murmurar de passagem, "Você poderia muito bem desistir agora. Você é velha demais para chegar a algum lugar."

Eu, com a boca grande, fiquei chocada demais com o que ele disse e não tive tempo para formular uma resposta antes que fosse embora.

Pensei sobre as palavras dele o dia todo, porque a honestidade nelas feriu meus sentimentos e me deixou com raiva ao mesmo tempo. Naquela época, foi difícil não me comparar às garotas que patinavam desde os três anos e eram mais avançadas do que eu, mesmo Galina me dizendo que era naturalmente talentosa e que, com trabalho duro, poderia ser melhor do que elas um dia, em breve.

Mas não contei a ninguém o que ele disse. Ninguém mais precisava dessa ideia em suas cabeças.

Não disse nada até um mês depois, quando o idiota saiu do seu caminho para me perguntar, na minha cara e sem qualquer motivo, depois do treino, "Esse collant é pra ser mesmo um tamanho menor ou...?"

Daquela vez, eu disse "Cadela", antes que ele desaparecesse.

E o resto é historia.

~

NO MOMENTO que termino de contar as únicas partes da história que eles precisam ouvir, meu irmão joga a cabeça para trás e bufa. “Você é a rainha do drama.”

Se tivesse qualquer outra coisa além de macarrão sobrando no meu prato, teria atirado nele. “O que?”

“Você é uma rainha do drama”, declaradamente a terceira maior rainha do drama na família, depois da nossa mãe e irmã mais velha. “Você disse que ele encheu seu saco, mas nada disso pareceu assim. Ele estava brincando com você”, explica, balançando a cabeça. “Nós lhe dizemos mais merda do isso em uma hora.”

Pisco, porque ele tem um ponto. Mas é diferente porque somos família. Falar merda para outros membros da família é praticamente obrigatório.

O irmão da minha amiga, meu companheiro de rinque, enchendo meu saco... não é.

“Sim, Grumpy. Isso não pareceu tão ruim”, minha mãe entra na conversa.

Traidores do caralho. “Uma vez, ele me disse que eu precisava emagrecer antes que minhas lâminas cedessem com meu peso!”

O que todas as três pessoas sentadas em torno da ilha da cozinha fazem? Riem. Riem muito.

“Você era gordinha naquela época”, a porra do meu irmão gargalha, seu rosto ficando vermelho.

Aproximo-me dele novamente para tentar beliscá-lo, mas ele se afasta, praticamente caindo no colo de James.

“Por que nunca pensei em te dizer isso?” Jonathan continua, quase à beira de chorar de tanto rir pela sua linguagem corporal, conforme se enrola no colo de seu marido, ainda mais longe de mim. Já o vi fazer isso vezes o suficiente para reconhecer os sinais.

“Não posso acreditar em vocês”, digo, não tenho certeza de porque diabos ainda fico surpresa. “Antes de uma competição, ele me disse uma vez, ‘Quebre a perna. Literalmente’.”

Repetir outra coisa rude que Ivan já falou para mim nada faz para convencer minha família que ele foi um idiota; tudo o que consigo é fazê-los rir mais ainda.

Mesmo James, que é o mais legal, perde a batalha. Eu não posso acreditar... mas eu provavelmente deveria.

"Há anos ele me chama de Meatball", tento outra vez, quase sentindo a minha pálpebra começar a se contorcer com a porra do apelido que me deixa louca, não importa o quanto diga a mim mesma para superar isso. Paus e pedras podem quebrar ossos, mas eu não deixo que as palavras das pessoas me atinjam.

Geralmente.

Embora eles estejam todos engasgando. Todos os três.

"Jasmine, querida", James resmunga, a palma cobrindo seus olhos quando ele tem seu colapso. "O que quero saber é — o que você respondeu a ele?"

Penso em ficar de boca fechada e não dizer nada, mas se alguém no mundo me conhece, são essas pessoas — e meu outro irmão e irmãs. Deus, como diabos eu poderia trabalhar com Ivan depois de dez anos dessa história que temos juntos? Sua própria treinadora o fez ficar de boca fechada, de modo que não fosse tentado a dizer algo que acabasse me fazendo negar a oferta.

Nós provavelmente acabaríamos brigando depois de uma semana. Se chegássemos a tanto. Sinceramente, é apenas uma questão de tempo. Nós construímos isso ao longo dos anos.

Tenho muito pra pensar.

"Umas coisas", é tudo o que respondo, propositadamente não pensando sobre toda a merda que já respondi a ele.

"Que tipo de coisas?" James pergunta; seu rosto bronzeado ficando vermelho enquanto belisca a ponta do nariz.

Olho para ele com o canto do olho e lhe dou um pequeno sorriso que ele não vê, conforme repito. "Coisas."

James ri e quase não consegue se controlar, "Tudo bem. Deixarei isso pra lá. Hoje em dia, vocês dois não falam mais merda um para o outro?"

Pisco. "Nós ainda falamos. Hoje mesmo o chamei de Satanás."

"Jasmine!" Minha mãe sussurra antes de cair em cima do banquinho vazio ao seu lado, rindo.

Sorrio tanto que meu rosto dói... pelo menos até me lembrar do que estou escondendo deles.

Estou disposta a acordar antes de o sol nascer para treinar durante seis ou sete horas por dia com o mesmo homem que já me perguntou se fui escalada para o papel de Ugly Betty? Com a intenção de ganhar um campeonato?

Não tenho certeza.

Capítulo 4

NÃO FICO MUITO surpresa por dormir mal naquela noite.

Poderia culpar o café que tomei depois do jantar — não costumo tomar tanta cafeína à tarde ou mais tarde porque me derruba, e preciso de toda a energia disponível para passar o resto do meu dia — mas não foi culpa do café.

Foi da minha mãe. E da Treinadora Lee. Mas principalmente, da minha mãe.

Mas isso é o que acontece quando ela solta uma bomba que eu deveria ter visto chegando, mas não vi. Diabos, e quando fui capaz de enganar minha mãe, e por que esperava conseguir fazer isso agora?

Quando ela se senta ao meu lado no sofá, depois que meu irmão e seu marido foram embora, passando o braço por cima do meu ombro, soube, sem dúvida, que não consegui esconder nada dela. Somos muito carinhosos na minha família... se você puder chamar de brincadeira o ato de causar uns hematomas ao outro, de puxar a roupa de baixo um do outro e fazer caretas... mas não somos do tipo que constantemente se abraça e beija, a menos que alguém esteja precisando. A última vez que aleatoriamente abracei meu irmão mais velho, ele perguntou se eu estava morrendo ou sendo presa.

Então naquela noite, quando mamãe me abraça no sofá e aperta meu joelho, reconheço que cometi com ela o mesmo erro que a maioria das pessoas faz: eu a subestimei. Meus irmãos e irmãs me conhecem muito bem e seus companheiros também — não sou tão complicada — mas ninguém me conhece como mamãe. Minha babá Ruby chega perto, mas ainda não está no mesmo nível. Duvido que alguém esteja.

"Diga-me o que há de errado, Grumpy", ela diz, chamando-me pelo apelido que me deu quando eu tinha quatro anos. "Você esteve muito quieta esta noite."

"Mãe, falei metade do jantar", digo, os olhos na reprise de *Mistérios Não Resolvidos* na televisão, e balanço a cabeça, não confiando em mim mesma para encarar seu rosto e manter meu dilema para mim.

Ela descansa a cabeça contra a minha depois de colocar um copo de vinho tinto de tamanho normal na mesa de centro, quase caindo em cima de mim, como se estivesse esperando que eu a segurasse. "*Sim*, com seu irmão e com

James. Você mal disse três palavras para mim; nem me contou o que aconteceu na sua reunião. Você acha que não sei quando algo está errado com você?" Ela acusa, parecendo insultada.

Agora ela me pegou.

Mamãe aperta meu ombro novamente. "Só porque eu não disse nada na frente de Jojo e James não significa que não percebi." Ela me dá mais um aperto antes de sussurrar de forma bem assustadora "Sei de *tudo*."

Isso finalmente me faz bufar e olhar para ela pelo canto do olho. Juro, ela não envelheceu um dia sequer nos últimos quinze anos. É como se o tempo desacelerasse para ela. Preservando-a. Isso, ou ela usou algum desejo com um gênio da lâmpada há muito tempo e pediu para ser imortal, ou algo bem perto disso.

Estico as pernas para descansar os calcanhares na mesa de centro e franzo meu nariz, ainda olhando para longe dela enquanto murmuro, "Ok, O-800-VIDENTE."

Ela se aconchega mais perto ao meu lado, da maneira que sempre faz quando está com dor, e me inclino um pouco para mexer com ela. "Diga-me o que há de errado com você", ela insiste diretamente em meu ouvido, sua voz enganosamente suave — e falsa pra caralho. O hálito dela, que cheira a vinho, sopra nas minhas narinas. "Eu lhe darei uma cereja coberta com chocolate ao leite do meu estoque do dia dos namorados..."

Nem mesmo uma cereja coberta de chocolate me fará abrir a boca. Eu me inclino ainda mais para longe, mas ela apenas me persegue, atingindo o nível 100 na escala de perseguição quando joga uma coxa sobre a minha. "Bom Deus, senhora, você quer que eu apenas coloque um IV de vinho no seu braço a partir de agora? Um desses conhecedores de vinhos provavelmente poderia adivinhar o ano em que o vinho foi engarrafado pelo cheiro em sua respiração."

Ela me ignora e me abraça ainda mais. "Quanto mais cedo você falar comigo, mais cedo deixarei você sozinha", minha mãe tenta me subornar.

Não posso deixar de bufar. Como se qualquer coisa fosse tão simples com ela. "Nem você mesma acredita quando diz isso, sabe?"

Então ela bufa e recua o total de dois centímetros. "Me dê um tempo e abra o bico. Você vai acabar me contando em algum momento de qualquer maneira", ela me fala, o que é verdade.

Mas…

Há apenas uma quantidade de fracassos que posso carregar nos ombros... e na maioria dos dias parece que atingi este limite um ano atrás.

Minha mãe é quem eu mais quero proteger, porque foi ela que pagou por tudo enquanto cresci, já que meu pai achava que era um desperdício de dinheiro, e "*não há outra coisa que Jasmine possa fazer*?" ele sempre perguntava, sem saber que ela geralmente estava no viva-voz e minha bunda intrometida estava sempre ouvindo. Quando ele mudou de ideia, minha mãe disse que não precisávamos ou queríamos seu apoio... mesmo isso significando que em alguns anos ela estava constantemente atrasada com as contas. Olhando para trás, não tenho certeza de como diabos conseguiu fazer tudo funcionar; como conseguiu manter um teto sobre nossas cabeças, pagar as contas e nos manter alimentados.

Não sei se seria capaz de fazer o mesmo. Mas ela fez isso por mim. E a única maneira que já fui capaz de retribuir foi "ganhando" alguns segundos lugares.

Nunca fui capaz de vencer depois que subi para o nível sênior e ninguém sabe exatamente o motivo, exceto por mim.

Ela merece coisa melhor, e gostaria de ter lhe dado isso.

"Jasmineeeee", mamãe choraminga de brincadeira ao meu ouvido enquanto se aconchega mais perto de mim, ignorando meu grito quando faz isso. "Apenas me conte. Eu sei que você quer. Não direi nada a ninguém. *Prometo*."

"Não", zombo; obviamente cheia de merda e sabendo que ela está ciente disso. "E você é uma mentirosa."

"Eu sou uma mentirosa?" Ela tem coragem de perguntar como se honestamente acreditasse em sua própria besteira sobre guardar algo para si mesma. Tenho uma boca grande, mas a herdei de alguém: mamãe.

"Não sou eu que estou prometendo guardar um segredo", insisto com um olhar de lado, tentando conseguir mais algum tempo para pensar sobre o que posso dizer antes de afundar em um buraco mais profundo.

Devo contar a ela? Ela já sabe que estou escondendo alguma coisa.

Sei que a atingi quando faz um barulho, sabendo que ela é o que é: uma grande mentirosa. "Tudo bem, mas só vou contar... pra uma pessoa. Combinado?"

"Quem?"

Ela faz uma pausa. Isso é para quantas pessoas ela costuma contar. *Ela precisa escolher.* Deus. "Ben."

Seu marido, Número Quatro. Só vejo seu cabelo vermelho com o canto do meu olho, mas sei que é o melhor que vou conseguir. Ela não vai deixar isso passar. Especialmente não agora que disse que ela estava mentindo.

Suspiro. É agora ou nunca, certo? "Não quero que você fique excitada..."

"*Oh meu Deus*", ela praticamente exala, dizendo-me que é tarde demais.

Reviro os olhos e viro todo o corpo para o lado, para poder dar uma olhada. "Não, mãe. Não. Não fique excitada. Eu nem ia dizer nada..."

"*Diga-me*", ela sussurra em uma voz rouca que quase a fez soar como uma criança possuída em um filme de terror.

Eu pisco. "Só se você prometer, que nunca mais vai fazer essa voz."

Minha mãe geme e volta a fazer sua melhor imitação de macaco-aranha, me sufocando com os braços. "Certo. Eu prometo. Conte-me."

"Eu..." Faço uma pausa e deslizo-lhe um olhar, tentando escolher minhas palavras para explicar o que está acontecendo da maneira mais calma possível. "OK. Mas *não fique excitada*."

"Eu já disse que não vou ficar", ela diz, mas nem mesmo acredita nisso.

"Tive uma reunião..."

"Eu sei. Você me disse. Para quê?"

Suspiro, atirando-lhe um olhar que ela não pode ver; pelo que sou grata, porque poderia me bater se visse. Eu não sei ao certo por que achei que poderia guardar isso para mim mesma. Há apenas cerca de um punhado de coisas que nunca contei a ela e que ainda consigo guardar para mim mesma. "Lembra-se da Treinadora Lee?"

Seu corpo se acalma. "Sim."

"A Treinadora Lee perguntou se quero fazer parceria com Ivan na próxima temporada."

Silêncio.

Ela não diz nada. Nenhuma simples palavra. Pode ser a primeira vez que ela não diz algo.

Mexo o ombro em que ela está com a cabeça, percebendo o fato de que ainda não está se movendo ou dizendo nada. "Pensei que ainda teria mais alguns anos até chegar a essa idade, quando você começa a adormecer aleatoriamente."

"Eu deveria ter te deixado no corpo de bombeiros", ela devolve sem perder um segundo, sua cabeça não se movendo da posição acomodada no meu ombro.

Então, ela não diz mais nada.

O que diabos está acontecendo?

"Por que você não diz alguma coisa?" Inclino a cabeça para o lado apenas o suficiente para poder ver o topo de sua cabeça. Não sou alta, tenho apenas um metro e sessenta, mas minha mãe é ainda mais baixa, com um metro e meio de altura, e tenho certeza de que ela está exagerando quando diz isso.

"Estou pensando", ela responde, sinceramente soando distraída.

Deus me ajude. "O que você está pensando?"

Ela ainda não se mexe. "Sobre o que você acabou de contar, Grumpy. Você jogou isso em mim como se eu estivesse preparada, e eu não estava. Pensei que você finalmente ia me dizer que lhe ofereceram uma posição de técnica no LC."

Faço uma careta mesmo que ela não possa me ver. Como sabe sobre a posição de técnica? E por que ela não disse nada antes?

Como se sentisse minha confusão, ela se levanta e inclina o corpo para me encarar. Nós somos basicamente o oposto uma da outra, exceto que nossos rostos têm o mesmo formato, não somos altas, e as duas tem sardas. Ela tem longos cabelos ruivos, com apenas o suficiente de laranja para parecer natural, sua pele é basicamente clara, e é magra, bonita, mandona, mas também simpática, inteligente, adorável... e não tenho essas coisas. Não sou feia, mas não sou como minha mãe e minhas irmãs. E o resto... bem, eu também não sou nada disso, exceto mandona às vezes.

O ponto é: ela não está animada ou muito feliz com essa oportunidade. Meia hora atrás, apostaria que minha vida que ela estaria.

Mas não está. E eu não entendo o porquê.

"E?" Falo.

Aqueles olhos azuis escuros que me lembram da safira do *Titanic* se estreitam, e a boca pende para o lado.

Estreito meus olhos para ela, virando minha boca para o lado também. "O que? Diga alguma coisa."

Ela aperta um olho para mim.

"Pensei que você ficaria animada. O que é isso?" Pergunto antes de um pensamento invadir minha cabeça tão inesperadamente que quase me rouba o fôlego. Ela...

Não posso dizer isso. Não é possível pensar nisso. Eu não quero.

Mas eu tenho.

Ignorando aquela sensação horrível e desconfortável em minha barriga, pisco mais uma vez, me preparando para sua resposta — posso lidar com isso,

vou lidar com isso — conforme pergunto em uma voz firme da qual poderia me orgulhar, mesmo enquanto minhas mãos ficam pegajosas, "Você acha que não posso fazer isso?"

Às vezes me arrependo de quão brutalmente honesta minha mãe e eu somos uma com a outra. Ela pode medir suas palavras para a minha irmã mais velha, Squirt, e de vez em quando ela pode tentar dizer as coisas de um jeito mais agradável para o resto dos meus irmãos. Mas comigo, ela nunca precisa. Pelo menos não que eu consiga me lembrar.

Se ela disser sim...

Sua cabeça se levanta muito rapidamente, isso alivia a dor que instantaneamente cresceu em meu peito com a ideia de que ela pudesse pensar que eu não sou mais capaz de fazer isso. "Não pesque elogios. Você é melhor que isso." Ela revira os olhos. "Claro que você pode fazer isso. Ninguém é melhor que você, não aja como se não soubesse disso. Caramba."

Não percebi que estava segurando minha respiração.

"*O que estou pensando*", ela enfatiza ainda semicerrando os olhos, "é que não tenho certeza se é uma boa ideia."

Umm...

É a minha vez de olhar de esguelha para ela. "Por quê?"

Ela me olha de volta. "Você disse que te convidaram para ser a parceira dele na próxima temporada... o que isso significa?"

"Isso significa, apenas por uma temporada."

Aquele rosto atemporal se contorce em confusão. "Por que apenas por uma temporada?"

Dou de ombros. "Eu não sei. Tudo que me disseram foi que Mindy vai fazer uma pausa essa temporada." Ela sempre foi bastante decente comigo. Espero que esteja bem.

A expressão facial de minha mãe não muda. "Então, o que acontece depois disso?"

Claro que ela perguntaria isso. Eu mal seguro um suspiro e escolho a parte mais promissora do que viria depois de uma parceria com Ivan. "Disseram que me ajudarão a encontrar outro parceiro."

Seu silêncio é tão duro e fodidamente estranho que não posso deixar de olhar para ela, tentando descobrir o que está pensando.

Por sorte, não preciso esperar muito. "Você falou com Karina sobre isso?"

"Não. Não falo com ela há um mês." E não é como se eu fosse ligar para ela para perguntar sobre seu irmão. Que tipo de merda seria isso? Nós nunca falamos sobre Ivan. Além disso, não nos falamos tanto quanto antes, antes dela começar a faculdade e se ocupar com a escola. Nós ainda gostamos uma da outra e nos preocupamos uma com a outra, mas... às vezes a vida separa as pessoas. Não tem nada a ver com se importar menos com alguém. Apenas acontece. E não é culpa dela que eu não esteja tão ocupada como costumava estar. Antes disso, realmente nem percebi muito como havíamos nos distanciado.

Minha mãe cantarola e sua boca se retorce para o lado oposto, como se ainda estivesse pensando profundamente.

Eu a observo com cuidado, ignorando a sensação estranha na minha barriga. "Você acha que eu não deveria aceitar?"

Ela olha para mim e inclina a cabeça para o lado, hesitando por um momento. "Não é que eu ache que você não deve fazer isso, mas quero ter certeza de que não estão tirando vantagem de você."

O que?

"Mal consegui atravessar o ano passado sem ser presa, Grumpy. Não sei se conseguirei me conter se alguém mais te atacar", ela explica, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Pisco. "Você estava defendendo-o apenas duas horas atrás."

Ela revira os olhos. "Isso foi antes de saber que ele pode ser seu parceiro."

Como isso faz algum sentido?

Então é sua vez de piscar. "O que quero saber é por que você não concordou automaticamente com isso."

Tudo que consigo fazer é responder com duas palavras. "Porque."

"Porque o quê?"

Encolho o ombro mais próximo a ela. Não quero contar-lhe minha preocupação sobre não vencer e tudo o que viria junto, então guardo essa parte para mim mesma. "Estou trabalhando mais horas para o Matty agora, mãe. Fiz planos com Jojo para ir à academia duas vezes por semana, mesmo que ele seja meio idiota a cada treino. Fiz planos com Sebastian. Estou escalada para ficar com Tali uma vez a cada duas semanas. Não quero simplesmente dar as costas a todos eles. Não quero que achem que não significam o suficiente para mim." Especialmente não quando já acham que eu sou uma perdedora que não se importa com eles, quando é completamente o oposto.

A testa de mamãe franze e seu rosto está um pouco atento demais. “É só isso?”

Levanto meu ombro novamente, mentiras e verdades congestionando minha garganta, tentando sair da minha boca.

Ela não parece acreditar em mim, mas não emite outro comentário, quando normalmente faria. “Então, você está preocupada com a questão do tempo?”

Engulo. “Não quero voltar atrás em minha palavra. Já fiz isso vezes o suficiente.” Não percebi o quanto sentia falta deles — meus irmãos, ela — mas agora percebo. Agora sim. É fácil não pensar no que você não tem quando pensa em outras coisas.

Um pequeno sorriso escapa de sua boca, mas ela sabe que não deve tentar me bajular. Mas as palavras que saem de sua boca são totalmente contrárias à expressão do seu rosto. “Isso soa como um monte de merda para mim, Grumps, mas tudo bem. Podemos nos concentrar em uma coisa de cada vez por enquanto.”

Estreito meus olhos para ela.

“Fale com Matty sobre suas horas. Você não trabalhava tanto antes e ele sobrevivia. Converse com seus irmãos e sua irmã. Se você começar a treinar novamente, ainda pode passar tempo com eles, Jasmine. Tudo o que eles querem é estar com você, não importa que seja todos juntos.”

Meu estômago aperta em frustração, mas provavelmente é principalmente culpa de suas palavras.

“Eles não precisam de seis horas por semana com você. Nem precisam de três. Apenas algum tempo. Nem mesmo todas as semanas, aposto.”

Cerro meus dentes para não estremecer, mas não tenho certeza se funciona.

Ela sabe o que estou pensando e sentindo, mas não dá a mínima porque continua. “Você pode ter uma vida fora da patinação artística. Você pode fazer o que quiser, e sabe disso agora. Só precisa dar um jeito de fazer funcionar.”

Quantas vezes ela disse exatamente essas mesmas palavras para mim no passado? Cem? Mil?

Engulo, mas não desvio meu olhar. “O que você está tentando dizer?”

Ela me encara. “Você sabe o que estou tentando dizer. Pode fazer o que quiser nesta vida, Jasmine. Mas eu quero que você seja feliz. Quero que você seja valorizada.”

Meu nariz começa a doer, mas não posso deixar de me fixar à cautela em sua voz. “Então você acha que eu não deveria aceitar?”

A mulher que foi a todas as competições que teve condições de pagar, que sempre garantiu que eu tivesse uma carona para todas as aulas que precisei comparecer, que torceu por mim mesmo quando era uma chata, inclina a cabeça para o lado e levanta um ombro. "Acho que você deve aceitar, mas não acho que deva se vender. Não há mais ninguém melhor do que você pra quem ele possa pedir. Mesmo que seja por apenas um ano. Ele não está te fazendo um favor ao oferecer parceria. Você está fazendo um favor a ele. E se ele for burro o suficiente para estragar isso de alguma forma..." Ela sorri. "... eu serei seu álibi se algo terrível acontecer ao carro chique dele. Sei qual carro é."

Não quero sorrir com a sua oferta, mas não posso evitar.

O rosto de minha mãe amolece e ela toca minha bochecha com as pontas dos dedos. "Sei que você sente falta de competir."

Falta? Essa onda de emoção, ou alguma merda muito perto disso, faz minha garganta se fechar e, de repente, quero chorar. Eu. Quero chorar. Faz muito tempo desde que pensei nisso.

Eu mais do que sinto falta — de competir. Patinação artística em geral tem um propósito. No último ano, senti como se uma parte minha houvesse sido arrancada sem meu consentimento em uma noite, quando não estava esperando. E desde então, toda noite, é como se esperasse voltar para mim. Mas não voltou.

E meus olhos devem ter concordado com o quanto senti falta daquilo, porque começam a queimar enquanto fico ali sentada. E se minha voz falha, nenhuma de nós presta atenção a isso, e digo a ela a verdade que não precisa ouvir, "Senti muita falta."

Aquele lindo rosto desmorona, e as pontas dos dedos se transformam em suas palmas quando ela segura meu rosto. "Quero a minha velha Grumpy normal e feliz de volta", ela diz com cuidado. "Então, se ele tentar fazer algo parecido com o que aquele filho de uma puta..." Mamãe aponta um polegar para fora e leva até o pescoço, desenhando uma linha imaginária atravessando-o, seu sorriso tão fraco quanto o café que Ben faz.

Sorrio para ela enquanto uma pequena lágrima brota no meu olho direito, mas felizmente a bastarda não rola para me envergonhar. Minha voz soa aguada enquanto praticamente grunho, "Você assistiu *O Poderoso Chefão* de novo?"

Ela ergue as sobrancelhas ruivas e exibe seu sorriso assustador e maluco que normalmente só mostra pra seus ex. "O que sempre digo a você?"

"Se você tem algo, ostente-o?"

Ela revira os olhos. "Além disso. Nesta família, sempre fazemos o que temos que fazer. Você sempre se esforçou mais do que qualquer um dos seus irmãos e irmãs juntos, e eu nunca quis isso pra você, mas nunca te impedi de nada. Eu dizia a você '*não, não pule na cama*', e você envolvia um lençol no pescoço para pular do telhado. Talvez, às vezes, você tome decisões terríveis..."

Fungo. "Rude."

Ela continua, pegando minha mão. "Mas você sempre se levantava depois de uma queda. Você não conhece outra coisa. Nem sempre as coisas são do jeito que queremos, mas nenhuma filha minha, especialmente você, é do tipo de pessoa que desiste", ela diz para mim. "E o que quer que aconteça, você é mais do que esse esporte. Consegue entender o que eu quero dizer?"

E o que há para se dizer depois disso? Nada. Ficamos sentadas lá por mais meia hora antes que ela desista, alegando que precisa de seu sono de beleza, deixando-me para trás e pensando sobre tudo o que conversamos e tudo o que não dissemos.

Mas uma coisa é certa: minha mãe não me criou para ser uma desistente.

Tenho uma decisão séria a tomar.

Então, em vez de dormir, tento pensar em todos os prós e contras da proposta da Treinadora Lee e Ivan, enquanto estou deitada na cama naquela noite.

Os prós que consigo enumerar são: competirei novamente. Obviamente. Meu parceiro é alguém que não apenas tem uma chance real vencer, mas alguém que provavelmente quer isso tanto quanto eu. Mesmo se não tiver outra chance de continuar ao término do nosso ano, será a melhor chance de competir que já tive. Mas se conseguir encontrar um parceiro depois disso...

Um arrepio percorre minha espinha com a possibilidade.

Quando tento pensar nos contras, não consigo pensar em um só, além de meu orgulho sair ferido se não vencermos. Que talvez eu não consiga um parceiro no final. Que ficarei sem nada.

Mas que diabos tenho agora, afinal?

O que tenho para me orgulhar? As falhas? A conquista do segundo lugar? De ser lembrada por ter sido dispensada?

Nada mais sobre a situação me preocupa. Nem todo o trabalho que terei para aprender a maneira como Ivan se movimenta, o jeito como segura sua parceira, e a velocidade e o comprimento de cada deslize de suas lâminas no

gelo. Eu não estou preocupada com todas as quedas que provavelmente irei sofrer até descobrirmos como trabalhar um com o outro, fazendo levantamentos e arremessos — que são exatamente o que parece, quando um parceiro do sexo masculino joga sua parceira através do gelo com a expectativa dela fazer algumas rotações e pousar sozinha. Eu também estou bem sobre precisar restringir minha dieta outra vez. Claro que amo pra caramba queijo e chocolate e não ter hematomas e estar dolorida diariamente, mas há algo que amo ainda mais. Muito mais.

Além disso, talvez desta vez, apenas talvez, se eu for realmente boa, possa descobrir como equilibrar uma pequena vida pessoal com o enorme trabalho que terei pela frente. Tudo na vida exige sacrifício. Ser capaz de ver minha sobrinha com mais frequência significa apenas que, em vez de ir para casa e fazer minha melhor imitação de uma baleia encalhada toda vez tiver chance, posso ir vê-la por uma hora.

Isso pode dar certo.

Quando você quer muito alguma coisa, sempre pode fazer acontecer.

Acordo antes do nascer do sol, coloco algumas roupas e sigo minha rotina matinal de costume perfeitamente. Não sei se Lee ou Ivan estarão no rinque tão cedo, mas se estiverem... então falarei com eles. Pensei em mandar um e-mail para minha amiga, mas não me dei ao trabalho. Não é como se ela tivesse me dito para não fazer parceria com ele.

Tomo meu primeiro café da manhã, preparo meu segundo café da manhã e almoço, dou uma olhada na minha lista para ter certeza de que fiz tudo o que precisava e pego minhas coisas para o dia antes de entrar no carro. Quando chego, ligo meu telefone para ouvir uma das minhas playlists, mantendo meus nervos tranquilos e estáveis no caminho para o rinque. No estacionamento, há apenas oito outros carros, incluindo um Tesla preto brilhante que sei que deve pertencer a Ivan, porque ninguém mais pode pagar por um, e um Mercedes de cor dourada que reconheço como sendo o da Treinadora Lee.

Mas quando entro, não os encontro no escritório da gerente geral. Então, decido seguir minha rotina costumeira, encontrando meu lugarzinho no canto da pista mais distante dos vestiários. Quarenta minutos de alongamento sólido e depois de vinte minutos praticando meus saltos em terra firme, olho para o gelo limpo e pouco usado. E sinto um peso sair do meu peito; é o mesmo efeito que a pista sempre tem em mim.

Posso procurá-los depois do meu treino matinal.

~

ESTOU NO GELO há quarenta e cinco minutos quando noto as duas figuras bem vestidas sentadas nas arquibancadas, observando.

Observando-me especificamente.

Assistindo-me passar pela mesma seção do único programa curto que posso me lembrar dos meus dias de patinação solo, mais provavelmente porque os dois minutos e cinquenta segundos de coreografia foram meus favoritos. Para mim, memorizar programas — uma das duas rotinas que você aperfeiçoa e depois compete em cada temporada — é bastante difícil. Tenho que confiar na memória muscular mais do que realmente *pensar* sobre o que estou fazendo, o que significa que preciso fazer cada movimento e sequência repetidas vezes porque minha mente pode ter dificuldades sobre o que fazer em seguida, mas meus músculos não. Não depois de repetições suficientes.

Minha antiga treinadora, Galina, costumava dizer que o programa específico que estou executando tem uma extravagância de saltos. É um salto difícil após o outro; não quis me segurar. Claro, nunca executei o programa perfeitamente, mas se tivesse conseguido, teria sido mágico. Fui muito teimosa para ouvi-la quando me disse que a rotina era difícil demais e que eu não tinha consistência suficiente.

Mas, como minha mãe sempre diz, geralmente balançando a cabeça ou revirando os olhos, "nasci fazendo as coisas da maneira mais difícil" porque decidi sair com os pés primeiro. E desde então, nada nunca foi fácil para mim.

Mas tudo bem. Desafios só são difíceis se você entrar neles esperando não ter sucesso.

Então, quando vejo Ivan Lukov por causa de seu suéter cinza e aquele cabelo do mais puro preto — que ele provavelmente passa quinze minutos penteando todos os dias até que todos os fios estejam perfeitos — e a mulher muito mais baixa e igualmente morena ao seu lado, continuo. Viro meu corpo para deslizar de costas, para poder entrar em um triplo Lutz, um dos saltos mais difíceis que sei fazer, principalmente porque você tem que contra girar seu corpo na direção oposta da que você está na entrada do salto. É meu favorito, mesmo sabendo que é um grande fator para minhas dores nas costas ao longo dos anos. Seu corpo não quer se virar docilmente em uma direção diferente do resto. É estranho e difícil, especialmente quando você precisa fazer isso o mais rápido possível.

Não fui capaz de completar nada nos últimos dias, mas hoje, graças a *Deus e a todos os Santos*, nesse momento, finalizo tão bem quanto antigamente. E aí está a coisa sobre a patinação artística: é tudo sobre memória muscular, e a única maneira de fazer seu corpo memorizar qualquer movimento, é repetindo-o mil vezes. Não centenas. Milhares. Então, uma vez que você consegue fazer, ainda precisa fazer com que pareça fácil, quando é tudo, menos isso. E esse triplo Lutz eu treinei duas vezes mais do que qualquer outro salto porque estava determinada a transformá-lo em minha puta, e fiz. Consigo fazer um Triple Axel decente em um bom dia, e consegui praticar saltos quádruplos quando tentei no treino, mas o 3L — como chamamos o Triplo Lutz — foi no que foquei toda a minha energia em meus dias de solo. É uma coisa linda que ninguém pode tirar de mim. Ou fazer tão bem, penso.

Mesmo percebendo que é estúpido reduzir meu tempo de patinação porque já paguei por ele, decido ir em frente e encerrar essa conversa. Não quero trabalhar até tarde, se não for necessário.

Trabalho. Merda.

Vou precisar falar com o velho amigo de minha mãe sobre minhas horas novamente. Não que isso seja um problema, mas odeio deixa-lo na mão depois de me comprometer a trabalhar mais, alguns meses atrás. Ele entenderá e até mesmo ficará radiante, mas ainda assim, isso faz eu me sentir um fracasso. Além disso, preciso do dinheiro. Terei que dar um jeito. Mais dinheiro e menos horas. Não será fácil.

Com meu coração ainda acelerado pela sequencia de saltos que acabei de fazer na rotina antes do 3L, patino para a saída do rinque, passando por outros patinadores no gelo, mas mantendo minha atenção para baixo enquanto faço isso. Somente ao chegar à parede ao lado da porta, olho para cima e encontro Galina inclinada sobre a borda a poucos metros, seus olhos fixos em mim.

Eu a cumprimento com um movimento de queixo.

Depois de um momento, ela acena de volta para mim, uma expressão estranha em seu rosto, que não consigo me lembrar de ver antes. Ela parece muito pensativa. Talvez até triste.

Hã.

Colocando meus protetores de lâminas nos patins, pego uma garrafa de água também e me pergunto se tenho certeza — realmente, realmente certeza — que isso é o que quero. Se quero mesmo voltar a este mundo com um parceiro que, mais do que provavelmente, não aceita erros mais do que eu. Um parceiro

com quem não consigo conversar sem brigar. Um mundo com pessoas julgando cada coisinha sobre mim. Um mundo com garantias zero. Eu teria que trabalhar mais do que nunca para conseguir que isso funcionasse em uma temporada. Estou pronta para isso?

Com certeza estou.

Minha mãe está certa. Há poucas coisas piores do que lamentar. E definitivamente me arrependerei de não aceitar essa chance — mesmo que signifique me alongar sozinha até virar palito — mais do que se a aceitar e acabar não dando em nada.

Além disso, nunca fui muito cadela antes. Dez anos atrás, eu nem teria pensado duas vezes para topar desta oportunidade, mesmo que não conseguisse nada ao final. Agora... bem, queimaduras podem deixam cicatrizes, e não esquecerei isso.

Com a adrenalina percorrendo minhas veias, e ainda levemente sem fôlego, vou até a parte das arquibancadas onde Ivan e a Treinadora Lee ainda estão sentados. Eles nem estão tentando ser discretos sobre seus olhares. Uma última chance para se certificarem que sabem o que vão receber? Provavelmente.

Minhas mãos não tremem e meus joelhos não parecem fracos quando me aproximo deles; apenas a respiração está agitada e irregular, mas meu estômago tem um nervosismo que não estou acostumada e com certeza nunca admitiria.

"Espero que você não se importe por termos vindo assistir seu treino", Treinadora Lee começa a conversa enquanto ainda estou a poucos metros deles, confirmando minhas suspeitas.

Balanço a cabeça quando meu olhar brevemente desliza em direção a Ivan, observando o rosto frio, mas de alguma forma ainda presunçoso, antes de olhar rapidamente para a outra mulher. Não posso estragar isso abrindo minha boca e discutindo com ele. Pelo menos, ainda não.

"Nem um pouco", respondo. Entendo porque fizeram isso. Faria o mesmo. "Bom dia."

Os cantos de sua boca se levantam apenas o suficiente para parecer uma fração de um sorriso. "Bom dia."

Ivan não diz nada.

Bom. Talvez ele esteja fazendo a mesma coisa que eu: mantendo a boca fechada para que possamos passar por isso da maneira mais indolor possível. Isso me tranquiliza mais do que eu gostaria, porque se ele não estiver discutindo comigo, talvez queira ser meu parceiro.

Ok, *queira* é a palavra errada para se usar. Precise pode ser mais exata. Tanto faz.

Não tenho ideia de qual é a situação e, honestamente, não dou a mínima. Tudo o que me importa é a oportunidade. Não estou prestes a estragar tudo sozinha.

Levantando-se e ficando alguns centímetros menor que eu, Treinadora Lee cruza os braços sobre o peito e diz algo que eu não esperava. "Seu triplo Lutz é lindo. A altura, velocidade, a quantidade de gelo que você cobre e sua técnica... Esqueci que esse movimento é sua marca registrada, até que você o fez. É perfeito, Jasmine, de verdade. Você deve se orgulhar." Seu sorriso se transforma em um sorriso largo. "Isso me lembra de Ivan."

Ignoro a parte sobre Ivan e foco no resto. Tenho orgulho dele. Mas não digo isso. Treinei muito aquele salto para aperfeiçoá-lo. Assisti e revi os melhores patinadores executando-o, para entender o que o tornava tão espetacular, para que também pudesse fazer. Tenho horas de filmagens em casa, de mim fazendo-o uma e outra vez, só para que pudesse ver como melhorar o que eu estava fazendo. Minha mãe queria me matar naquela época por forçá-la a gravar a mesma coisa várias vezes por horas e dias a fio. E quando consegui compreender o movimento, ela tentou levar todo o crédito.

"Quando você fez essa última combinação? Não me lembro dela em nenhuma competição", ela diz pensativa. "Não sabia que Paul era bom em Lutzes..."

Ele não é. E eu digo a ela que está certa. "É de um antigo programa curto, ainda dos meus dias de solo", explico.

Suas sobrancelhas sobem ao mesmo tempo como "ah." "Isso é uma pena", ela diz. "Um dia, você vai ter que me contar a história por trás de você deixar o solo e entra nas duplas. Sempre tive curiosidade sobre isso."

E é esse comentário que me faz dar de ombros e dizer, calma e suavemente, "Não é uma história tão interessante assim, mas um dia."

É o "um dia" que faz seus olhos se arregalarem. "Você tem certeza?"

Tenho? Tenho mesmo?

Olho para ela, e só para ela, e digo, "Tenho algumas perguntas e algumas estipulações."

"Estipulações?" Ivan faz a pergunta de onde está no banco; todo preguiçoso e com aquela voz esnobe que expressa que não acha que eu esteja em posição de barganhar.

Errado.

Olho para ele por um segundo e volto meu olhar para sua treinadora antes que diga algo estúpido. "Nada maluco." Uso as mesmas palavras que ela usou no dia anterior, quando basicamente disse que eu teria que concordar em não ser inflexível sobre fazer mudanças.

Treinadora Lee dá uma olhada na direção de Ivan que eu não absorvo antes de concordar. "Você gostaria de conversar aqui ou é melhor eu ver se o escritório está aberto?"

Não preciso olhar em volta para saber que temos privacidade. "Podemos fazer isso aqui e economizar tempo."

A outra mulher levanta as sobrancelhas, mas assente.

Coloco a mão esquerda sobre meu pulso direito sem pensar, girando o bracelete em busca de apoio moral. *Posso fazer isso*. Posso fazer isso dar certo.

Tenho que tentar.

Ivan pode ser um patinador incrível, mas trabalhei tão duro quanto ele. Talvez por não tanto tempo, porque não comecei a patinar antes dos três anos de idade, mas de todas as maneiras que importam, fiz quase tudo que pude. Ele não está me fazendo um favor. Isso será uma parceria de igual pra igual ou não será nada. Não aceitarei menos.

"O que tem mente?" Treinadora Lee finalmente pergunta.

Giro a pulseira no pulso novamente. *Posso fazer qualquer coisa*, eu me lembro. Em seguida, começo. "Quero ter certeza de que você não vai me pedir para fazer uma mudança radical e começar a beijar bebês em público, se eu concordar em ser a parceira de Ivan."

Pronto.

Tenho certeza que sua bochecha treme, mas a expressão é tão neutra que posso ter imaginado aquilo. "Nada de beijar bebês e sem transformações radicais. Isso não é problema. O quê mais?"

Realmente posso começar a gostar dessa mulher e de sua franqueza. Então continuo. "Você não pode se livrar de mim antes do final do ano."

Com o canto do olho, posso ver Ivan se mexendo em seu lugar no banco, mas ainda não olho para ele. Em vez disso, observo a mulher com quem praticamente estou fazendo negócios, nossa mediadora. Ela não se encolhe com minha exigência, mas sua sobrancelha faz essa coisa peculiar que ela não consegue suavizar rápido o suficiente.

"Por que você acha que interromperíamos o contrato antes do final do ano?" Ela pergunta devagar.

Dessa vez olho para Ivan. De propósito. Então aponto na sua direção com o polegar mais próximo dele, para que não haja confusão. "Porque não tenho certeza de que ele e eu vamos nos dar bem."

Ele zomba e abre a boca como se estivesse prestes a discutir, mas não deixo.

"Estou apenas tentando me garantir. Sei como sou e sei como ele também é." Chamei-o de "ele" porque, embora esteja olhando para ele, estou, na verdade, falando com Lee. "Se alguma coisa for minha culpa, vou trabalhar nela até consertar. Posso prometer isso, mas se for culpa dele..."

Ele muda sua postura, deixando o sentar naquela posição relaxada para se inclinar para frente, abrindo os joelhos e apoiando os cotovelos ali. Seus olhos azuis-claros são tão intensos que é como se estivessem tentando abrir um buraco dentro de mim. A ponta de sua língua cutuca o interior da bochecha. Ele já fez aquela cara para mim vezes suficientes no passado para que eu a possa reconhecer.

Ele está me dando um olhar mortal.

Bom.

Teria sido estranho se ele fingisse que está às mil maravilhas.

"Se a culpa for de Ivan..." Olho para ele neste momento. "*Sua*", eu enfatizo porque *ele* precisa entender que não é perfeito e que ele e sua treinadora não podem me culpar por tudo. "Tenho que poder confiar que você vai ralar sua bunda para não cometer o mesmo erro de novo também. Se algo estiver errado, nós dois teremos que trabalhar nisso. Ambos temos que concordar em fazer o que for preciso para que isso dê certo."

Como ainda estou olhando em sua direção, posso ver seu queixo se mover de um lado para o outro durante todo o tempo que estou falando, e posso sentir a argumentação pairando no ar.

"Tudo o que quero, é garantir que a responsabilidade seja dividida igualmente entre nós. Somos uma equipe ou não somos. Não serei tratada como a ruivinha substituta. Isso não pode ser apenas o Show de Ivan."

"O Show de Ivan?" Ele repete ainda me dando seu olhar mortal.

Encolho os ombros, sentindo meu nariz começar a se franzir em um sorriso de escárnio que mal consigo evitar se transformar em um completo. Arrasto meu olhar para a Treinadora Lee apenas um pouco. "E quando o ano acabar, quero sua palavra de que vocês dois me encontrarão outro parceiro. Não apenas

ajudar a encontrar um, mas realmente encontrar um." Engulo e digo, "Isso é tudo que quero. Farei qualquer coisa que pedirem, mas quero essas duas coisas, e quero ter certeza de não são passíveis de discussão."

Há um instante de silêncio.

Nem preciso olhar para saber que ambos estão olhando para mim e não um para o outro.

Eeeee. Por que diabos estão demorando tanto para concordar? Não estou pedindo muito.

Estou?

De pé, olhando para os dois, solto o que parece ser a questão mais importante da minha vida, porque só quero acabar com isso. Ou estamos nessa ou não estamos. Não sou boa com antecipação. Não sou paciente. "Temos um acordo?"

Há outra pausa, e Treinadora Lee finalmente olha na direção de Ivan pelo que deve ser meio minuto antes de fazer um som divertido. Sua boca torce para o lado e depois volta. Ela demora um pouco para voltar sua atenção para mim e, depois, pisca.

E eu penso, *nós não temos um acordo*.

E meu estômago fica gelado.

E pela primeira vez desde sempre, penso que vou vomitar e quero chutar minha bunda.

"Tudo bem", vem a resposta inesperada direto da boca de Ivan, sem parecer, de jeito nenhum, que está animado em fazer isso... e ainda me observando com cuidado. Ainda sem fazer uma careta. Sem demonstrar de jeito algum que esta é uma decisão importante, quando é completamente o oposto para mim.

Mas não deixo seu rosto de vadia me distrair do que diabos acabou de acontecer.

Ele concordou.

Ele concordou.

Foda-se.

Vou competir novamente.

Certa vez, quando era mais jovem em férias, fui com meu irmão para a praia e decidimos mergulhar no penhasco. Eu me lembro de saltar de um lugar tão alto que minha mãe teria me matado se tivesse visto. Até meu irmão se acovardou no último minuto. Mas eu não.

Não estava esperando o quão profundamente eu desceria sob a água quando mergulhei. Tive que segurar minha respiração por muito tempo, enquanto batia os pés, de novo e de novo, para alcançar a superfície. Pareceu que nunca conseguiria. Talvez por meio segundo, pensei que me afogaria. Mas quando cheguei à superfície, provavelmente sempre lembrarei como foi respirar novamente. Puxar o primeiro fôlego de ar e pensar que havia conseguido

Às vezes é fácil tomar algo tão essencial à sua existência como algo certo.

Mais do que nunca, quando estou lá, entendo isso, revezando-me em olhar entre a Treinadora Lee e Ivan e me sentindo... sentindo como deveria estar me sentindo. Como se estivesse viva novamente. Como se estivesse *certa*.

Mas...

Há mais uma coisa que não levei em consideração enquanto estive preocupada com todo o resto. Algo que é tão importante quanto as outras duas coisas. Talvez até mais.

É um fator decisivo. Um fator determinante que o meu orgulho não quer sequer levar em consideração, mas precisa. Estou tentando ser adulta. "Há mais uma coisa." Engulo e luto contra a tentação de manter minha boca fechada. "Quanto custam as taxas de treinamento e coreografia?"

Não vou pedir a minha mãe para contribuir tanto quanto costumava fazer. Mas também tenho uma vaga ideia de quanto Ivan paga a seus coreógrafos. Liguei para um deles uma vez e fiquei puta quando me informou seus honorários.

Já estou me encolhendo por dentro, esperando o pior. Não tem como a Treinadora Lee ser barata também. Meus últimos dois treinadores não foram os mais caros, mas também não foram os mais baratos, porque treinavam outros patinadores ao mesmo tempo em diferentes estágios de suas carreiras.

Então, quando Ivan pisca para mim e a Treinadora Lee não diz nada, meus pensamentos vão direto para merda.

Terei que pedir a eles que me deixem adiar o pagamento até que a temporada acabe, para que possa vender um rim. Foda-se, posso colocar uma peruca e tirar a roupa. Não tenho nenhuma marca de nascença que possa me entregar.

"Ivan cobrirá as taxas de treinamento e coreografia, mas você será responsável pelas viagens e seu guarda-roupa", a outra mulher diz depois de um momento a mais.

Os músculos dos meus ombros ficam tensos, meu olhar vai para Ivan, e pergunto a ele, quando entendo melhor, "Você vai pagar?"

Aqueles olhos azul-acinzentados piscam preguiçosamente antes que responda, "Você pode pagar pela metade, se quiser."

Não sou tão orgulhosa.

Então, pisco de volta para ele. "Não."

Ele se endireita em seu assento, aquele rosto, que já esteve em um comercial de protetor labial uma vez, permanece perfeitamente uniforme. "Você tem certeza?" Ele pergunta, aquele tom irritante cutucando com suas palavras.

"Tenho certeza."

"Absoluta?"

Essa cadela. Estreito meus olhos. "Absoluta."

"Não me importaria de dividir isso", ele continua; o canto da boca subindo em um sorriso infantil que estou bem familiarizada.

Aperto meus molares. "Não", repito.

"Porque nós..."

"*Certo*", Treinadora Lee se aproxima, sacudindo a cabeça. "Acho que vou precisar de um aumento se tiver que lidar com vocês dois."

Isso nos faz virar a cabeça para ela.

"Estou bem. É ele", digo ao mesmo tempo em que Ivan diz, "A culpa é dela."

A mulher mais velha balança a cabeça um pouco mais, nos encarando como quem diz que já está farta da nossa merda. "Vocês dois são profissionais e principalmente adultos..."

Principalmente adultos?

E só porque ainda não conheço muito bem a Treinadora Lee, mantenho a zombaria na minha boca.

"Vai ser muito trabalhoso, e vocês dois estão cientes disso. Essas briguinhas que estão fazendo, devem ser guardadas para as noites, quando terminarmos, se não conseguirem superar. Não temos tempo a perder", ela diz, usando aquele tom que minha mãe usa quando está de saco cheio.

Mantenho minha boca fechada.

Ivan não faz isso.

"Eu sou profissional", ele murmura.

A outra mulher apenas olha para ele. "Já conversamos sobre isso."

Ele dá a ela um olhar, e ela dá a ele um de volta.

Eu quase sorrio... Até que compreendo o que estão dizendo... e o que não estão. Sobre o que diabos este dois falaram? De como sempre discutimos e precisaríamos superar se quiséssemos ser parceiros? Porque isso realmente faria muito sentido. Foi uma das minhas maiores preocupações, mas sei que posso guardar isso para mim mesma.

Pelo menos a maior parte do tempo.

A mulher vira a cabeça para olhar para mim. “Jasmine, isso será um problema?”

Não confio em mim mesma para olhar para Ivan, então mantenho meus olhos em minha nova Treinadora. Deus, acho estranho apenas pensar nisso. “Guardar para depois. Posso fazer isso.” Provavelmente será mais difícil do que treinar muito, mas posso fazer.

“Ivan?”

Se ele olhou para mim ou não, não tenho ideia, tudo o que ouço é basicamente um resmungo, “Sim.”

“Críticas construtivas não serão um problema também”, a outra mulher continua, nos dizendo, não perguntando.

Não brinca; nós podemos lidar com críticas construtivas...

“De um para o outro”, ela termina.

Naquele momento olho para Ivan, mas ele já está olhando para mim, suas pálpebras apertadas como se estivesse pensando a mesma coisa que eu. Nós mal podemos falar um com o outro. Quase não falamos, porque nós dois sabemos o que acontece quando abrimos nossas bocas e as apontamos um para o outro.

Mas…

Estou tentando ser melhor, e serei. Não vou deixar minha boca estragar nada. Muito menos meu orgulho. Eu lhes disse que faria qualquer coisa por esta oportunidade e farei.

Mesmo que signifique ter que lidar com esse idiota.

Então balanço a cabeça, porque o que mais poderia fazer? Arruinar algo que no futuro poderia trazer para mim tudo o que sempre quis? Possivelmente levar a outras grandes oportunidades? Não sou tão burra assim.

“Tudo bem”, vem a resposta forçada do único homem próximo.

“Bom, estou feliz que isso esteja resolvido agora antes de seguirmos adiante.”

Olho para Ivan novamente, mas ele me bate nisso. Ele já está olhando para mim...

E não gosto disso.

Pare de me encarar, faço com os lábios.

Não, ele faz de volta.

A Treinadora Lee suspira. "Excelente. Fiquem aí murmurando o que quiserem um ao outro, desde que eu não tenha que ouvir."

Juro pela minha vida, ele pressiona os lábios.

Quero bater nele.

Então Ivan abre a boca para falar. "Você precisa fazer um exame médico antes de começar."

O que? Ele está falando sério? Minha saúde é perfeita, porra...

Cale a boca, Jasmine. Não é grande coisa. E talvez eu não esteja exatamente no auge, mas nenhuma das minhas lesões vai aparecer em um exame médico.

Calo a boca e abaixo meu queixo como se dissesse *okay, uh-huh* . O que é um pequeno checkup quando terei essa oportunidade? Nada, não é nada.

"Precisamos ter certeza que não existe nenhuma condição pré-existente que você não esteja nos dizendo e que pode aparecer mais tarde", ele continua, lentamente, ainda fazendo uma cara como se toda essa conversa — e situação — estivesse lhe custando muito.

O 'espertinho' sobe pela minha garganta, não indo a lugar nenhum, especialmente depois que sua mão sobe para a bochecha e seu dedo médio coça a ponta do nariz. Idiota. "Foi o que imaginei que você quisesse quando disse que queria um exame médico, não acho que se interessaria em saber meu peso ou níveis de colesterol", murmuro, parando antes de dizer algo mais agressivo.

É sua vez de ser um espertinho aparentemente. "Falando em seu peso..."

Não, ele não disse isso.

A Treinadora Lee limpa sua garganta quando começo a levantar a mão para apontar para ele. Com meu dedo do meio. "*Tudo bem*", ela diz com firmeza. "Vamos nos concentrar. Acabamos de falar sobre isso. Vamos elaborar um acordo que você precisará assinar Jasmine. Além disso, o treino será seis dias por semana, duas vezes ao dia. Isso será um problema?"

Preciso de cada grama do meu autocontrole para afastar meu olhar do idiota que esteve prestes a dizer algo sobre o meu peso. Posso sentir minhas narinas inflando enquanto engulo e me concentro de volta na mulher. "Não é problema." Ela não precisa dizer que precisamos de todo o treinamento que

pudermos conseguir com menos de seis meses antes do início da próxima temporada. “Que horas?” Pergunto; a mão girando meu bracelete.

É Ivan quem responde conforme se mexe no banco. “Quatro horas de treinamento, começando às quatro da manhã no LC, e um treino de três horas que vai iniciar a uma da tarde.”

Merda.

Com isso, só me restarão quatro horas para trabalhar e vai acabar ficando apertado, mas não posso desistir. Não desistirei. Talvez possa pegar um turno aqui ou ali também no meu dia de folga. Darei um jeito. De alguma forma.

Consigo concordar com a cabeça antes de me tocar de algo que ele disse. “Você disse no LC. Haverá mais treinos em outro lugar?”

A Treinadora Lee nem sequer tenta esconder o olhar que lança na direção de Ivan. Um olhar que novamente me coloca no limite. Odeio segredinhos e olhares secretos. Quero perguntar o que são aquelas caras, mas decido esperar. Paciência. Posso ser paciente. Se eu tentar bastante.

Felizmente, ela não me faz esperar muito tempo. “Você entende que discutimos seus pontos fortes e fracos antes de convidarmos a se juntar à equipe?”

“Sim.” Se gosto que tenham conversado sobre mim? Não. Mas é parte do negócio, e não posso usar isso contra eles. Antes de chegar a esse ponto de desespero, teria feito o mesmo.

“Você é uma atleta forte, Jasmine”, ela começa dizendo, e me certifico de colocar minha armadura para que seja capaz de lidar com qualquer crítica que acabará saindo de sua boca. Isso é o que treinadores fazem. Destroem as coisas em que você é ruim e te ajudam a consertá-las. Pelo menos esse é o objetivo. “Sempre achei que você tem um potencial incrível.”

Um “mas” está prestes a sair de sua boca. Posso sentir. Há sempre um “mas” quando alguém lhe faz um elogio.

Talvez seja apenas comigo.

Mantenho meu rosto impassível, mas é um pouco mais difícil do que gostaria que fosse.

“Mas há coisas em que você pode trabalhar para conseguir alcançar o próximo nível, especificamente seu carisma. Falei com Galina há um tempo, e ela me confirmou que você não teve muito treinamento em ballet. Acho que sua patinação realmente se beneficiaria disso.”

Quando diabos ela conversou com Galina?

"Queremos que você faça um treinamento individual com a professora que Ivan usou no passado para ajustar alguns maus hábitos..."

Maus hábitos?

"... trabalhando para ajustar o que já é bom, mas pode ser melhor. Além disso, você terá aulas junto com Ivan. Sempre há espaço para melhorias. Tenho certeza de que você já está familiarizada com isso."

Ela está dizendo isso só para que eu me sinta melhor sobre basicamente me comunicar que não tenho a graça que se conquista com muito treino de balé? Não é como se eu não soubesse que Ivan fez balé. Karina só teve aulas de patinação artística aos quatorze anos — que foi como nos conhecemos — mas ela se concentrou na dança antes e depois dessa idade. Além disso, há algo realmente elegante e gracioso nos movimentos de Ivan, que só podia vir de um instrutor de balé com o coração de um sargento. Ele tem dinheiro. Pode pagar para alguém lhe ensinar tudo o que precisa saber.

Minha mãe só conseguia pagar duas aulas por semana de uma hora cada, e foi o que fiz durante anos. Não me desculparia por isso. Disse que faria o que fosse necessário para que isso funcionasse. Então, tudo que digo é, "Ok."

Os cantos da boca da Treinadora Lee se apertam por um momento antes que sua expressão volte ao normal. "Bom. Vou ligar amanhã e ver o que está disponível para que você escolha os horários que se encaixem dentro de sua programação. Ivan faz estas aulas nas manhãs de segunda e sábado, das nove às onze. Seria um problema?"

Sim, mas farei funcionar. Acabarei desistindo do meu trabalho. Jesus Cristo. "Não, não é um problema." Meu estômago dói por um momento, mas empurro isso para o lado e foco no que é importante. "Também faço uma aula de Pilates uma vez por semana para trabalhar minha flexibilidade. Planejo continuar fazendo."

"Bom, continue fazendo", a mulher responde com um lento aceno de cabeça.

Tento colocar todos os pensamentos em ordem. "Como você quer que seja a temporada?" Pergunto.

É Ivan quem responde. "Participaremos do Discovery Series, do Major Prix, do Nacional e do Mundial." Ele pisca. "Podemos pular o resto."

Faço a matemática na cabeça e engulo o nervoso quando percebo que serão sete eventos diferentes nos quais competiremos. Pelo menos. Duas ou três

competições na série Discovery. Três no Major Prix, se chegarmos à final. Então uma no Nacional e Mundial.

Dinheiro. Dinheiro. Dinheiro. E mais dinheiro.

Mas nem me importo. Mais chances de ganhar.

Ou falhar, aquela voz negativa em minha cabeça sussurra até que a afasto. Preciso parar de pensar dessa maneira. Não me fez bem antes, e nunca fará. Não posso surtar tão cedo.

"Ok", concordo novamente, sentindo aquele aperto no peito que não amo.

A Treinadora Lee abaixa o queixo. "Agora que tudo está resolvido, você pode começar amanhã?"

Amanhã? Porra.

Estou muito preocupada com a minha voz soar alta e arrogante e parecer que estou sobrecarregada com o que está acontecendo, assim decido calar a boca e acenar novamente. Precisarei falar com meu chefe hoje. *Puta merda*.

"É isso então? Você não quer que eu faça um teste?" Pergunto, só para ter certeza.

"É isso", ela confirma. A expressão no rosto da Treinadora Lee não é exatamente um sorriso, mas ela parece... satisfeita. Estende a mão na minha direção e eu pego. "Bom. Então, amanhã começamos a trabalhar. Vou agendar o seu exame médico hoje e informá-la para onde ir e a que horas."

"Amanhã", concordo em um expirar, sentindo um peso se levantar no meu peito por um segundo antes de desabar. Sentindo-me pesada, puxo minha mão para a lateral do corpo e viro para onde Ivan está o tempo todo, sentado. Ele não se moveu. Seus cotovelos ainda estão apoiados nos joelhos, as mãos pendendo frouxamente entre as pernas, e sua atenção ainda está em mim. Aquela linha longa de sua mandíbula está firme, e é uma expressão que já vi o suficiente.

Tenho a sensação de que é uma que continuarei vendo muito ao longo do próximo ano.

O próximo ano. Merda.

Já disse à Treinadora Lee que podemos passar por isso, ou pelo menos aguentar um ao outro, e não vou desistir ou voltar atrás em minha palavra. Não vou foder tudo. Posso ser uma pessoa melhor... e pensar nisso desse jeito coloca um sorriso no meu rosto.

Hesitando por um momento, estendo a mão para ele.

E ela paira ali. Por um segundo. Por dois segundos. Por três segundos.

Mais três segundos e vou dar um tapa na cara dele.

Ivan está me observando enquanto levanta, ficando quase trinta centímetros maior do que eu... e ele escorrega sua mão na minha pela primeira vez na vida.

Seus olhos encontram os meus e sei o que está pensando — porque estou pensando a mesma coisa.

Uma vez — apenas uma vez — anos atrás, eu caí de forma errada depois de um salto. Ele estava no rinque comigo. Fiquei deitada no gelo, piscando para as vigas, tentando recuperar o fôlego, porque até meu cérebro doía depois de bater no gelo com tanta força. Esta cadela patinou até mim por algum motivo. E estendeu a mão, me olhando com um sorriso no rosto.

Eu não estava pensando. Tudo o que vi foi uma mão se estendendo para mim, então tentei pegá-la. Como uma idiota.

Meus dedos provavelmente estavam a centímetros dos de Ivan quando ele retirou sua mão, sorriu ainda mais e me deixou lá. No gelo. Bem assim.

Cadela.

Então ele só pode culpar a si mesmo quando levo um minuto para fechar meus dedos ao redor dos seus, dando-lhe um olhar o tempo todo, esperando o pior. Mas nada aconteceu. Sua palma é fria e larga, e seus dedos mais longos do que eu esperava. Em todos os anos em que gravitamos em torno um do outro, nunca nos tocamos, exceto no Dia de Ação de Graças que passei na casa de sua família e ele se sentou ao meu lado e pegou minha mão durante a oração. Passamos três minutos inteiros apertando as mãos um do outro o mais forte que pudemos, pelo menos até que Karina o chutou por baixo da mesa, provavelmente vendo as pontas dos meus dedos ficando brancas.

Se ele está esperando que eu diga alguma coisa, vai esperar para sempre porque não há nada que precise dizer a ele. Ok, talvez simplesmente não confie em mim mesma para não dizer algo estúpido antes de nos aprofundarmos nisso. Aparentemente, não há nada que ele precise dizer também. Por mim tudo bem.

Essa é a coisa boa sobre patinação artística. Você não tem que falar.

Ivan dá um aperto forte nos meus dedos.

E eu aperto os dele o mais forte que posso também.

Capítulo 5

HAVIA ESQUECIDO o quanto dói cair.

"Você está bem?" Soa a voz da Treinadora Lee de... algum lugar.

Estou com os olhos fechados, ali deitada, agradecida pelo fato que alguém, em algum momento na história, decidiu que o mundo precisava de colchonetes nos pisos. Porque se não fossem os colchonetes — até mesmo aquele que têm apenas dois centímetros de espessura — eu, provavelmente, teria quebrado três vezes mais ossos do que já quebrei na vida.

Mas ainda assim.

Porra.

Tento tomar um fôlego, mas pela pontada que sinto, meus pulmões ainda estão em choque por que escorreguei das mãos de Ivan — ou qualquer merda que aconteceu — resultando em minha queda de cerca dois metros e meio de altura e pousando direto sobre minhas malditas costas.

Porra.

"Eu estou bem", sussurro, meio ofegante, tentando inspirar novamente, mas apenas capaz de ofegar o que não está nem perto de ser o suficiente.

Engolindo, tento tomar outra inspiração e só consigo a metade de uma, antes da minha coluna dizer "*Ainda não, otária*." Arrasto meus calcanhares descalços através dos colchonetes, planto meus pés no chão e tento tomar outro fôlego, conseguindo ser um pouco melhor sucedida nesse momento. O bom é que: minhas costelas não estão quebradas. A outra coisa boa é: pelo menos caí aqui e não no gelo, que seria o equivalente a cair no cimento.

Engulo em seco novamente, respiro, e quando isso dá certo, eu me lembro de que não é nada. Nada sério, pelo menos.

Abro os olhos e imediatamente vejo a mão grande que me elevou bem acima do chão — a grande mão que oscilou e me deixou cair — estendida na minha direção.

Por um segundo, penso em pegar a mão que se oferece para me ajudar, mas depois me lembro da outra vez que ele fez a mesma coisa. Balanço a cabeça e

sento sozinha. “Estou bem”, murmuro, apenas estremecendo o rosto inteiro conforme faço isso.

“Você precisa de um minuto?” Treinadora Lee pergunta de seu lugar fora dos colchonetes, conforme me transfiro para os joelhos e, lentamente, fico de pé, inspirando mais algumas vezes, o que apenas faz minhas costas doerem um pouco mais. Vou senti-las amanhã, com certeza.

“Estou bem. Vamos tentar novamente.” Aceno para ela conforme inclino a cabeça para trás e tomo outra inspiração para recuperar o ar que a queda tirou de mim. Quando minha respiração está sob controle e estou pronta para ir, me viro para enfrentar meu novo parceiro pelas últimas quatro horas.

Quatro horas.

Passamos essa manhã fazendo o básico, e quero dizer o mais básico dos básicos. Não dormi bem na noite anterior, principalmente por causa da antecipação do que viria esta manhã — nosso primeiro treino — mas quando acordei, estava pronta.

Quando nos reunimos ao lado da pista, às quatro da manhã, eu já tinha um E preto na parte superior de minha mão esquerda e um D vermelho na mão direita; fiz meu aquecimento por conta própria e ele também. A Treinadora Lee começou nos fazendo dar voltas lado a lado... por horas. Tudo para encontrar nosso ritmo juntos. Suas pernas são mais longas que as minhas, mas nós dois escutamos as correções da Treinadora Lee, mantivemos nossas bocas fechadas, e funcionou. Penso que nem sequer olhamos um na cara do outro, estávamos muito ocupados focando em nossos pés... e apenas algumas vezes tive que olhar para minhas mãos.

E quando ela nos disse para dar as mãos e fazermos tudo de novo, nós fizemos. Então fizemos de novo e de novo, de mãos dadas e sem as mãos dadas até que deu certo. Passos de bebê, mas são importantes. Estas são todas as coisas que deveríamos ter descoberto se tivéssemos feito um teste.

Então, quando chegamos à pista naquela tarde depois que fui para o trabalho — e expliquei ao meu chefe que teria que trabalhar menos horas de agora em diante — a Treinadora Lee nos disse que iríamos começar a trabalhar em elevações nos colchonetes e que estava muito animada para avançar um pouco mais.

Pelo menos até que o seu movimento de braço ficou estranho quando ele me tinha em um levantamento — suas mãos no ponto entre meu estômago e virilha, seus braços estendidos acima de sua cabeça que estava a um metro e

oitenta do solo, enquanto eu tinha as pernas juntas e estendidas, costas arqueadas e cabeça erguida. Fiz isso mil vezes com o meu ex-parceiro.

Mas, assim como esqueci o quanto dói cair, esqueci como cada parceiro tem uma maneira diferente em como gostam de segurar. Ou foi o que me disseram. Só tive um parceiro na minha curta e péssima carreira de duplas.

Talvez eu seja mais pesada que a última parceira de Ivan.

"Deixe-me ver onde você está colocando suas mãos, Ivan", a Treinadora Lee fala. "Em seguida, levante-a tão lentamente quanto você possa, para que eu veja o movimento de Jasmine também."

Concordando, me obrigo a olhar para Ivan depois que me coloco na posição diretamente a sua frente. Em sua calça de agasalho cinza e uma camiseta tão branca que poderia ser nova, seu cabelo está penteado e se separa dessa forma perfeita de sempre, que o deixa parecendo mais parecido com alguém prestes a fazer uma sessão de fotos de moda para agasalhos e não realmente treinar.

Com o queixo em sua garganta, ele olha para mim com aqueles olhos azuis acinzentados e acena como se dissesse "*vamos fazer isso*." Nós não dissemos nada um ao outro até agora. Ainda nem gesticulamos com a boca nadinha.

Ainda.

Deixo cair meu queixo para minha garganta também, para lhe dizer *"vamos fazer isso."* E então, fazemos. Suas mãos vão para a posição, em um lugar que não deixo muitos caras me tocarem, e vamos para uma elevação.

No segundo em que ele me tem acima do nível de sua cabeça, sei que algo está errado, e preciso descobrir o que é.

"O que é?" Treinadora Lee pergunta como se lesse minha mente.

"Sua palma está estranha", digo a ela imediatamente, tentando não me contorcer muito antes que acabe no chão novamente.

"Não há nada de errado comigo", Ivan alega debaixo de mim, soando tão insultado como imaginei que estaria.

Reviro os olhos. Prometi que não falaria merda nenhuma, isso não significa que não vá revirar os olhos, especialmente quando ele não pode me ver.

"Não sei o que é. Acho que suas mãos são muito grandes..." Começo a dizer a Treinadora Lee antes que o homem debaixo de mim faça um som de riso que me obriga a revirar os olhos novamente. "É uma sensação estranha." A elevação é tão alta quanto ele consegue, e estou na mesma posição que estava quando me deixou cair. Encolho meu estômago e cerro os dentes, tenciono meu bíceps

enquanto tento mover o peso um pouco em torno das palmas das mãos e dos dedos. Posso fazer isso.

"Sei o que estou fazendo", vem do idiota debaixo de mim.

"Vou me acostumar com isso", digo à Treinadora Lee , fingindo que não ouvi Ivan.

"Coloque-a para baixo e faça novamente", a outra mulher diz.

E Ivan faz, abaixa-me para o chão muito mais rápido e não tão cuidadosamente quanto poderia. Idiota. Olho para ele, mas ele está muito ocupado olhando para a Treinadora Lee para perceber.

Fazemos novamente.

De novo, de novo e de novo.

Isso é tudo o que fazemos nas próximas três horas, a entrada e o levantamento, vez após vez, e depois outra, até que não parece mais tão diferente... e meus braços — e os de Ivan — tremem de exaustão. Meus ombros estão doloridos, e não posso imaginar como os dele devem estar. Mas nenhum de nós reclama ou pede uma pausa.

Quando o tempo acaba, alguns músculos abdominais que esqueci que tinha, estão esgotados, e tenho 90 por cento de certeza que terei um hematoma gigante no meu estômago amanhã.

"Mais uma vez e encerramos", a Treinadora diz do local que sentou, de pernas cruzadas no colchonete a alguns centímetros do círculo onde Ivan e eu estamos treinando. Nós ainda não chegamos ao ponto onde ele está andando comigo sobre sua cabeça; ainda estamos apenas repetindo a mesma elevação.

Não olho para cima quando dou um passo para trás antes de me inclinar para frente, ao mesmo tempo em que as mãos de Ivan vão para a posição. E ele me levanta, um pouco mais rapidamente, embora eu saiba que deve estar cansado, com um pouco mais de facilidade e com mais consistência. Dura vinte segundos antes que eu esteja de volta sobre meus pés, reprimindo uma careta de dor por causa do meu abdômen. Precisarei aplicar a pomada de arnica que tenho na minha bolsa depois do banho, para não estar morrendo amanhã.

"Coloque gelo seu abdômen esta noite, Jasmine. Não podemos nos dar ao luxo que você fique com dor", a Treinadora Lee grita, quase que imediatamente, após eu pousar sobre meus dois pés. Olho para ela e aceno com a cabeça. "Bom trabalho hoje."

Foi mesmo? Parte de mim pensa que poderia ter sido melhor, ou pelo menos mais rápido, mas não é como se eu tivesse alguma coisa ou alguém para

comparar. Não vou me permitir ficar sobrecarregada. Um passo de cada vez. Eu sabia. Um pequeno passo de cada vez, para construir mais um degrau e outro até que estivéssemos subindo uma escada inteira.

"Descanse e coloque tanto gelo quanto precisar, e verei vocês dois amanhã", a outra mulher grita. Sei por experiência que se ela tem patinadores mais jovens, geralmente foca neles quando a temporada de Ivan termina. Eu a observo quando se vira e, em seguida, vai embora.

OK.

Também não quero ficar por aqui para conversar.

Levantando as sobrancelhas para mim mesma, vou até o local onde tirei os sapatos e as meias. O silêncio na sala enorme é estranho; é um dos dois diferentes espaços de treino no LC que qualquer dupla está livre para usar. Inclinando-me, pego as duas meias e calço cada uma, percebendo que tenho um pouco de esmalte pink na minha unha do meu dedão do pé. Talvez hoje à noite eu consiga fazer minhas unhas do pé, se me curvar não me fizer chorar. A cor nunca dura mais do que dois ou três dias de cada vez, e não vão durar, especialmente com esta nova programação de treinamento, mas gosto de mantê-las pintadas. Gosto de receber pedicure mais do que fazê-las eu mesma, mas isso não vai acontecer novamente.

Pelo menos não por um ano.

Acabo de me endireitar a escorregar meus pés nos sapatos quando ouço um suspiro profundo atrás de mim.

Finjo que não o ouço.

Mas não posso fingir que não o ouço quando ele diz naquela voz que está em algum lugar entre o baixo e o barítono, "Precisamos trabalhar sua confiança em mim se você quiser que eu te ajude a encontrar outro parceiro no próximo ano, quando isto acabar."

E... eu paro com as mãos ocupadas com os cadarços e olho por cima do ombro para encontrar Ivan em pé onde estava na última vez que o vi: descalço no meio dos colchonetes; só que desta vez, suas mãos estão nos quadris e sua atenção está voltada para mim. "O quê?" Pergunto, franzindo a testa.

O músculo ao longo do maxilar de Ivan se contrai. "Nós. Precisamos. Trabalhar. Sua. Confiança. Em. Mim. Se. Você. Quer. Que. Eu. Te. Ajude. A. Encontrar. Outro. Parceiro", o espertinho repete.

Pisco, e então meu olho começa a se contrair de forma não intencional. Lee se foi, não é? Concordamos em maneirar nossas palavras durante o treino.

Certo? "Eu. Ouvi. Da. Primeira. Vez", respondo pausadamente como ele fez. "Eu. Quero. Saber. O. Que. Você. Quis. Dizer. Com. Isso."

"Eu. Quis. Dizer. Que. Você. Precisa. Confiar. Em. Mim. Ou. Isto. Nunca. Vai. Funcionar."

Este filho da puta. *Acalme-se, Jasmine. Fale com ele normalmente. Seja uma pessoa melhor.*

Mas não consigo. "Você está me ameaçando?"

É sua vez de piscar. Sua vez de elevar as sobrancelhas. Sua vez de encolher os ombros.

"É apenas o primeiro dia e você já está ameaçando não me ajudar?" Pergunto a ele, me demorando a cada palavra.

"Tudo o que estou dizendo é que isso não vai dar certo a menos que você confie em mim, até mesmo você sabe disso", ele diz.

Meu olho está se contorcendo, e juro por Deus que meus dedos doem com a vontade de puxar o cabelo de alguém. "Você me deixou cair."

"Uma vez, e não vai ser a última vez. Você sabe disso", é sua desculpa.

Pisco para ele. Eu sei disso. Não esperava nada diferente.

Mas...

Ainda assim, foi ele que me deixou cair.

Ivan pisca. "Não fiz isso de propósito." Sim, não acredito muito nele, e ele deve esperar isso, porque sacode a cabeça, aquelas narinas finas naquele nariz perfeitamente reto e bronzeado, e repete. "Eu não fiz."

Não digo nada.

"Não vou correr o risco de te ferir", ele tenta dizer antes de sua bochecha se apertar. "Não enquanto você for minha parceira."

"Isso é muito reconfortante."

Seu rosto se contorce.

"Confio em você o suficiente", digo, *mentirosa, mentirosa, mentirosa* fazendo cócegas na base da minha garganta. "Eu só não estou acostumada com a maneira como você me segura, isso é tudo." E é difícil confiar em alguém que chamei de cara de bunda por anos, mas...

A ponta de sua língua vai para o interior de sua bochecha, e aqueles olhos azuis gélidos se estreitam em mim. Será que tudo nele tem que ser imaculado todo o maldito tempo? "Você é uma péssima mentirosa, sabe disso?" Ele pergunta.

"Você é um mentiroso de merda", digo antes que possa me conter.

Ele balança a cabeça, e noto que nem um dos seus cabelos escuros se mexe. "Você disse que faria tudo o que precisasse ser feito para que pudéssemos vencer, não é?"

Balanço a cabeça lentamente.

Ele levanta uma sobrancelha. "Então, estou dizendo a você o que está errado, e você precisa corrigi-lo."

Meu Deus. "Foi apenas um dia, e eu disse o que está errado. Seu posicionamento de mão é estranho."

"O *posicionamento da minha* mão não é estranho."

"É", repito.

Ele pisca. "Ninguém jamais reclamou."

Pisco de volta. "Ninguém mais provavelmente teve coragem para reclamar", digo a ele. "Vou me acostumar. Tenho certeza que você está fazendo isso direito..."

"Estou. Quer dar uma olhada nos troféus na prateleira que fica perto da saída?" O idiota pergunta.

Solto um suspiro e balanço meu pulso... porque está um pouco dolorido, não porque quero dar um soco nele agora. Não. "Você admira cada um deles todos os dias quando entra e sai? Faz o polimento todos os domingos? Dá beijinhos neles também?"

A boca de Ivan se abre e depois, fecha.

Sorrio. "Vou me acostumar com isso."

Ele pisca. "Não é você se acostumar que é o problema. Você não confia em mim. Posso sentir."

"Confio que você não vai me deixar cair de propósito", digo lentamente, não gostando do caminho que estamos seguindo. "Acho que você quer acertar isso o mais rápido possível. Não quer perder tempo."

"Não brinca, Sherlock", ele diz lentamente, instantaneamente traçando uma linha na minha espinha.

"Olha, Satanás, como você espera que eu confie em você, com apenas seis horas de treino?" Digo antes que consiga parar.

Isso atrai aquele sorriso bizarro e alegre que só vi em seu rosto quando estávamos brigando. "Sabia."

"Não brinca, Sherlock. Sei que você não vai me deixar cair de propósito, mas o que você quer que eu faça? Não gostamos um do outro. Estou constantemente

esperando que você não ligue para mim, não importa o que diga a mim mesma."

Ele levanta uma sobrancelha, e não deixo de notar que não discute o fato de que não gostarmos um do outro. Imbecil. "Você precisa confiar. Lee acha que pode fazer isso em um ano, e sei que posso fazer em um ano..."

Reviro os olhos, porque tenho certeza que ele pensa que pode fazer ou dominar qualquer coisa nesse tempo.

Ok, talvez eu pense a mesma coisa sobre mim, mas é diferente. Não sou uma imbecil sem qualquer razão e apenas com uma pessoa.

"... mas precisamos superar isso, e precisamos fazê-lo em breve. Você está hesitando porque não confia em mim por causa do idiota que me antecedeu. Então o que quer que eu faça? Ou o que você precisa para que possamos chegar lá?"

Dessa vez, é minha vez de piscar, porque quem diabos é essa pessoa? *O que você precisa*? Que porra é essa? E por que ele está mencionando Paul?

Ele me pegar desprevenida deve estar exibido no meu rosto, porque ele suspira. "Eu não tenho o dia todo."

Oh *Deus*. "Nem eu." Não digo "cara de merda", mas penso isso. "Olha, eu não sei. Já disse, minha mente sabe que você não vai me deixar cair de propósito, mas o resto de mim não confia nisso. Uma semana atrás, não confiaria em você nem em um daqueles exercícios de confiança, quando alguém cai de costas. Não sei como corrigir isso."

Ivan pisca. "Você não é minha primeira parceira nova, e isto é apenas por um ano, então precisamos descobrir como fazer isso dar certo. Você quer minha palavra?"

"Observe que você não disse que me pegaria se fizéssemos um exercício de confiança."

"Eu não pegaria."

Porra, *sabia* disso.

"Isso seria no passado e agora é agora, Meatball. Você quer minha palavra de que não deixarei você se machucar propositadamente?"

Eu quase rio. "Sua palavra? Você se lembra de todas as outras palavras que me disse ao longo dos anos?"

Sua mandíbula se aperta, fazendo o rosto perfeitamente esculpido parecer tenso.

"Foi o que eu pensei."

"O que você quer que eu faça? Lee vai perguntar o que fiz para consertar isso, e quero dizer a ela que fiz o necessário. Diga-me."

Dizer a ele?

Eu deslizo um olhar para o lado antes de me voltar para ele. "Diga-me algo embaraçoso."

Ele nem sequer hesita. "Não."

Eu teria sorrido se fosse com outra pessoa. "Uh-huh. Quem é que tem problemas de confiança agora, babaca?" Balanço minha cabeça. "Não se preocupe. Vou superar. Tudo vai ficar bem. Preciso disso mais do que você. Vou dar um jeito e tudo ficará bem."

Eu preciso.

"Certo."

Olho para trás e termino de amarrar meu cadarço antes de ficar de pé. Deus, realmente vou precisar de gelo esta noite. Talvez até mesmo um banho de gelo de corpo inteiro. *Porra*. Não sinto falta deles.

Rodando meus ombros, que não percebi que estavam tão tensos, olho para Ivan, que se mexeu em algum momento e está ocupado deslizando os pés no que parecem ser botas fofinhas estilo pantufas.

Tanto faz. Quero voltar para casa.

Dou um passo em direção à porta e hesito. Somos parceiros agora. Por um ano. Posso ser melhor. Serei. Então, olho por cima do ombro e grito, "Até mais."

Nem sequer adiciono um palavrão no final. Isso tem que significar algo.

Espero por talvez dois segundos antes de perceber que ele não vai responder — idiota — e me dirijo para a porta, dizendo a mim mesma que não é importante ele não ter dito nada. O que mais estou esperando? Que Ivan seja realmente amigável? Sei o que isso é e o que não é.

Ele já disse. Um ano. Isso é tudo que vamos ter.

E ele quer isso o suficiente para vir falar comigo sobre o que está errado, para que possamos corrigir.

Pelo menos posso confiar nele o suficiente para saber que sempre fará a melhor decisão quanto aos negócios.

Será que confio nele? De jeito nenhum. Pelo menos não o suficiente. Mas para o que importa, sim.

Puxando o cós da minha calça, que se esticou durante o treino, rolo meus ombros, contraindo meu abdômen para ver se ele realmente está tão dolorido como penso que está — e está — e decido que posso muito bem ir à loja de

conveniência, pegar dois sacos de gelo. Banho de gelo é praticamente uma tortura, e há poucas coisas que odeio mais do que isso, mas... será ainda pior ficar com dor. Só preciso ser mulher e lidar com isso.

Mas ainda assim, meus ossos doem só de pensar nisso.

Com um arrepio correndo a espinha, que me faz sentir como uma vadia, caminho pelo corredor o mais rápido que posso. Quanto mais rápido chegar a minha casa, melhor. Ainda posso me espremer em uma noite de cinema com minha mãe e Ben.

Ninguém realmente nos observou esta manhã quando patinamos juntos, mas achei que era só porque todo mundo estava muito centrado em si mesmo para se importar. Mas as outras pessoas, aquelas da parte da tarde, vão falar.

E se eu já não tivesse contado à minha mãe sobre a situação, ela definitivamente descobriria alguma forma.

Não contarei a meus irmãos ou irmãs com antecedência, principalmente porque gosto quando todos eles perderam a cabeça sobre as coisas e fazem birras. Isso me faz rir. E fico feliz que se importem.

Continuando a girar os ombros para trás enquanto caminho, viro em outro corredor e paro. Porque nas portas no final do corredor está uma figura que conheço muito bem e outra que é familiar, mas não tanto. É Galina e a menina com quem me substituiu, e por sua linguagem corporal, posso dizer que Galina está chateada. Já lhe causei isso o suficiente ao longo dos anos para saber exatamente como é.

E pela forma como a menina está esfregando seu rosto, posso dizer que está chorando.

Ela nunca me fez chorar, mas posso ver como ela faz isso com outras pessoas que não entendem.

Continuando pelo corredor, desejando ter trazido minha bolsa comigo para que pudesse puxar meus fones de ouvido e colocá-los, fingindo que não posso ouvi-las, posso ver e ouvir Galina falar com a menina mais nova em voz baixa que apenas me permite entender alguns pedaços de seu sotaque russo. Algo sobre expectativas, metas e não desistir.

Provavelmente chego à metade do corredor quando ambas se viram para me olhar.

"*Yozik*", minha ex-treinadora me cumprimenta com um aceno apertado.

"Galina", digo de volta antes de dirigir meu olhar para a menina e dar-lhe um aceno que provavelmente se parece exatamente com o da mulher mais velha. "Latasha."

"Olá", a menina mais nova me cumprimenta, parecendo prender a respiração quando abaixa a cabeça. Talvez por isso eu não possa ver seus olhos e saber se ela está chateada por ser repreendida por qualquer coisa.

Ela não pode saber que não me importo, e não vou dizer a ela.

"Parabéns pelo novo parceiro", Galina diz. "Estou feliz por você. Era apenas questão de tempo, eu sempre soube."

E isso quase me faz tropeçar.

Ela está feliz e sempre soube? O que ela sempre soube?

"Seu triplos Lutzes vão ficar bem bonitos juntos", ela continua, e eu só consigo olhar como se não a conhecesse.

De onde diabos vieram todos esses elogios e por quê?

"Quantas vezes você trabalhou neles?" Galina pergunta, sua pergunta é inútil, porque sabe muito bem o quanto trabalhei naqueles saltos. Ela estava lá. Contei a ela sobre todas as vezes que minha mãe me ajudou a filmá-los para que pudesse assistir em casa como estavam ficando.

Mas não preciso perguntar por que ela está me perguntando isso. Ficamos juntas muito tempo para não saber como o cérebro dela funciona e o qual é o seu propósito. É para fazer algum tipo de ponto para a menina mais jovem.

"Cinco mil vezes?" Digo a ela com um encolher de ombros, porque só posso chutar. Números não são meu ponto forte, e perdi a conta depois de um tempo.

"Será que você chorou ao fazê-los?"

Ela sabe muito bem que nunca chorei, e por mais que não queira perturbar esta menina mais do que já está ao trazer isso, também não vou mentir. Então, tudo que faço é balançar a cabeça, porque, na verdade, dizer as palavras parece muito brutal. Mudo de assunto antes de Galina possa continuar perguntando-me coisas que só farão a outra garota ficar mais chateada. "Lina, posso lhe perguntar uma coisa em particular?"

A mulher mais velha inclina a cabeça para o lado, como se estivesse pensando nisso, e me dá outro de seus acenos decisivos.

Quando entro um pouco mais no corredor, ela me segue e para, ao mesmo tempo em que eu. Vou direto ao assunto. "O que Nancy Lee lhe perguntou sobre mim?"

Sua expressão não muda, como se não estivesse surpresa com meu questionamento. E não deve estar. Ela sabe que nunca tive problema em fazer perguntas. "Se eu achava que você estava aposentada. Isso é o que ela me perguntou."

Pisco.

"Se você sabe ouvir. Se trabalha duro. Se a treinaria novamente", ela continua, esse rosto duro como aço focado no meu. "Eu disse sim. Respondi que você estava destinada a ter um parceiro. Você tem os ombros. Os braços. Que fui eu que não consegui segui-la. Disse a ela que você era melhor do que eu pensei..."

Pisco.

"... que você apenas vive muito em sua cabeça, *yozik*. Você sabe disso. Você se preocupa demais. Sabe disso também. E disse a ela tudo isso também. Ninguém mais merece uma chance como Jasmine, eu disse." Seu olhar decidido está no meu quando termina. "Também lhe disse que você e Ivan vão matar um ao outro, se conversarem muito."

Ela...

"De nada. Você não vai fazer eu me arrepender, não é?"

Ela...

Engulo. E antes que possa dizer outra palavra, Galina me dá um tapa na parte de trás da cabeça como fez mil vezes antes e diz, "Tenho coisas a fazer. Conversamos mais tarde."

Capítulo 6

PASSA-SE TRÊS dias antes das mensagens de texto comecem a chegar, numa tarde, enquanto estou tentando terminar o aquecimento antes de nossa sessão vespertina. Cheguei ao LC mais tarde que o habitual e fui direto para a sala de treinamento, louvando a Jesus por ter decidido trocar de roupa antes de sair do restaurante, uma vez que vi que horas eram e lembrei que o tráfego do almoço seria uma verdadeira coisa. Estou no meio do alongamento de quadris quando meu telefone toca de onde o deixei em cima de minha bolsa. Eu o pego e imediatamente rio baixinho depois de calmamente ler a mensagem.

Jojo: MAS QUE PORRA JASMINE

Nem preciso perguntar ao meu irmão a respeito do que é este mas-que-porra. Era apenas uma questão de tempo. É muito difícil manter qualquer segredo na minha família, e a única razão pela qual minha mãe e Ben — que é a única pessoa além dela que sabia — mantiveram suas bocas fechadas, foi porque ambos concordaram que seria mais divertido chatear meus irmãos não dizendo nada a eles e deixando-os descobrir da maneira mais difícil que eu estava voltando a competir.

A vida é totalmente sobre as pequenas coisas.

Então, guardo meu telefone de volta na bolsa e continuo o alongamento, sem me preocupar em responder, porque isso apenas o deixará mais louco.

Vinte minutos depois, enquanto ainda estou ocupada me alongando, pego o telefone e não fico surpresa quando mais mensagens pipocaram.

Jojo: POR QUE VOCÊ NÃO ME CONTOU?
Jojo: COMO PÔDE FAZER ISTO COMIGO
Jojo: SERÁ QUE TODOS VOCÊS SABIAM E NÃO ME CONTARAM NADA?
Tali: O que aconteceu? O que ela não te contou?
Tali: AI MEU DEUS, Jasmine, você está grávida?
Tali: Eu juro, se você engravidou, vou bater muito em você. Conversamos sobre contracepção quando você atingiu a puberdade.
Sebastian: Jasmine grávida?
Rubes: Ela não está grávida.

Rubes: O que aconteceu, Jojo?
Jojo: MÃE, VOCÊ SABIA DISSO?
Tali: diga-nos do que você está falando?
Jojo: JASMINE ESTÁ PATINANDO COM IVAN LUKOV
Jojo: E eu descobri isso entrando no Picturegram. Alguém do rinque postou uma foto dos dois em uma das salas de treinamento. Eles estavam fazendo levantamentos.
Jojo: JASMINE JURO POR DEUS QUE É MELHOR VOCÊ EXPLICAR TUDO ISSO AGORA MESMO
Tali: VOCÊ ESTÁ BRINCANDO? ISSO É VERDADE?
Tali: JASMINE
Tali: JASMINE
Tali: JASMINE
Jojo: Vou entrar no site do Lukov agora mesmo para confirmar isso
Rubes: Acabei de telefonar para mamãe, mas ela não está atendendo minhas ligações
Tali: Ela sabia. QUEM MAIS SABIA?
Sebastian: Eu não. E pare de enviar mensagens com o nome de Jas repetidamente. É irritante. Ela está patinando novamente. Bom trabalho, Jas. Feliz por você.
Jojo: ^^ Você gosta de cortar nosso barato
Sebastian: Não. Eu apenas não estou surtando só porque ela tem um novo parceiro.
Jojo: MAS ELA NÃO CONTOU PRA GENTE. Qual é o ponto de sermos da mesma família se não podemos saber das coisas antes de todo mundo?
Jojo: DESCOBRI VIA PICTUREGRAM
Sebastian: Ela não gosta de você. Eu também não te contaria.
Tali: Não consegui encontrar nada sobre isso na internet.
Jojo: JASMINE
Tali: JASMINE
Jojo: JASMINE
Tali: JASMINE
Tali: Conte-nos tudo ou irei até a casa de mamãe hoje.
Sebastian: Você é irritante. Vou silenciar isso até sair do trabalho.
Jojo: desmancha prazeres
Tali: desmancha prazeres

Jojo: Pega no verde!
Tali: Pega no verde!
Sebastian: Chatos

Sorrio para mim mesma enquanto leio as mensagens lentamente, esfregando a palma da mão sobre a parte superior de cada uma das minhas mãos. Não preciso olhar para baixo para saber que o D vermelho e E preto que venho marcando todos os dias, ainda estão lá. Realmente não tenho esfregado minhas mãos com tanta força. Provavelmente, vai levar meses até que possa removê-los completamente. Tentei pensar em outras formas que pudessem me ajudar a dizer que lado é qual, mas tudo tomaria muito tempo, então vamos de cores, marcador permanente e letras... por um tempo.

Digito uma resposta, porque como os conheço bem, se não fizer isso, da próxima vez que olhar para meu telefone, vai haver uma coluna infinita de JASMINE ali até que eu dê algum sinal de vida.

Isso não significa que minha resposta tenha que ser o que estão esperando.
Eu: Quem é Ivan Lukov?

"Do que você está rindo, Meatball?"

Meus ombros ficam tensos por um segundo antes de lembrar que este idiota não vale toda minha irritação. Pelo menos não quando pode ver minha reação. Ele não merece isso. Depositando o telefone ao lado do joelho, olho em volta para ver que a Treinadora Lee não está na sala. Huh. Inclino-me para frente, costas retas, solas dos pés firmemente pressionadas. Nem sequer lhe dou o benefício de um olhar enquanto ele se abaixa ao meu lado por alguma razão.

"Estava apenas vendo algumas fotos de você sem roupa." Eu me inclino ainda mais, enquanto as palmas das minhas mãos andam para frente e até que a testa esteja pairando a apenas alguns centímetros do chão. "Precisava dar um pouco de risada."

Seu "Hmm" me faz sorrir para o colchonete, e felizmente ele não pode ver. "Você sabe o que olho quando preciso dar umas risadas?"

O sorriso no meu rosto desaparece imediatamente. Não respondo à sua pergunta idiota.

"Vídeos dos seus programas com o seu parceiro idiota que não lembro o nome", ele responde à sua própria pergunta.

Bundão. Viro a cabeça um pouco para o lado para poder espiar onde ele está sentado ao meu lado. "Salvei um vídeo seu caindo ao fazer uma espiral da morte na Copa da Rússia no ano passado."

Ele tenta esconder seu silvo, mas o reconheço imediatamente. Não posso deixar de sorrir outra vez. Viro minha cabeça de volta à posição em que estava antes e compartilho meu sorriso com os colchões. Mas deveria ter esperado que ele tivesse uma resposta imediata. "Você estava acompanhando ao vivo de sua casa, não é?"

Viro a cabeça para olhar para ele, sentado a alguns passos de distância, com as pernas estendidas para frente. Sua cabeça está voltada para mim. Claro que sim. Sempre está me olhando, tentando conseguir alguma reação. "Estava. Deram-lhe alguma coisa por chegar em quarto naquele dia ou...?"

Ele não perde nem um segundo. "Eles não têm que me dar nada por um quarto lugar. Mas disseram algo sobre as medalhas terem se esgotado depois que você decidiu mudar para duplas."

Eu pisco.

Ele pisca.

Seja melhor. Seja uma pessoa melhor. Seja melhor.

"Sempre uma dama de honra, nunca uma noiva", ele murmura.

"Este próximo ano não vai terminar suficientemente rápido", sussurro mais para mim, mas um pouco para ele também. Afinal, por que não, diabos?

Os cantos de sua boca se curvam em um sorriso de satisfação que *realmente* faz minhas palmas coçarem. "Vou contar os dias, Meatball. Acredite em mim. Um ano, e provavelmente estarei dando dinheiro para que alguém fique com você, apenas para poder me livrar da sua presença."

Algo feio, talvez até mesmo uma dor, borbulha em meu peito um segundo inteiro antes que eu compreenda. Um ano. Sabia. Ele sabia disso. Isso faz parte de tudo. Não é surpresa. "Em um ano, vou tirar da caixa o boneco de vodu que mandei fazer de você e estarei espetando agulhas em seu coração negro."

Suas pálpebras recobrem os olhos. "O que eu fiz de você ainda está descansando na minha mesa de cabeceira."

"Espero que todo seu cabelo caia."

Ele pisca, "Espero..."

"*O que há de errado com vocês dois*?" A Treinadora Lee sussurra atrás de nós. Inclino minha cabeça um pouquinho mais só para vê-la balançando a cabeça enquanto fica parada entre nós, observando-nos com uma expressão quase de horror no rosto. "Estou alguns minutos atrasada e vocês..." Ela fecha os olhos e balança a cabeça antes de reabri-los. "Quer saber? Ignorem-me. Disse a vocês

para não falaram mal um do outro durante os treinos, mas podem fazer o que quiserem desde que não estejamos em treinamento."

Nenhum de nós diz uma palavra, mas nossos olhos se encontram.

Faço com a boca um *você não presta*.

E ele faz de volta com sua boca rosada, *você é pior*.

Há outro suspiro, mas parece ainda mais resignado. "Meus olhos estão funcionando muito bem. Consigo ler os lábios de vocês dois."

Eu não *ignoro* a Treinadora Lee, mas tudo que prometi foi não falar qualquer coisa. Por isso, não me preocupo quando gesticulo com a boca para Ivan novamente. *Coma merda*.

Sua língua pressiona a parte interna da bochecha. Em seguida, ele abre a boca. *Estou olhando para ela.*

"Vamos fazer o que for necessário para que isso dê certo, *lembram*?" Treinadora Lee enfatiza, obviamente, ainda de olho em nós dois.

Ivan e eu estamos nos encarando quando murmuramos, "Hã-hã."

FAZER O QUE FOR necessário são palavras infames para se conviver.

Não é como se as estivesse lamentando, mas...

Maldição.

Estou quase chegando a isso.

"De novo!"

"De novo!"

"Outra vez!"

"Não! De novo!"

Posso bem viver sem nunca mais ouvir a expressão "de novo" em toda minha vida. Muito bem, porra. Porque começar de novo do que parece ser o ponto zero — não é exatamente zero, mas parece como tal — é um saco.

Principalmente porque é com Ivan que estou fazendo isso. Ivan, que posso dizer que está ficando tão exasperado quanto eu.

Somente quando a Treinadora Lee deixa cair sua cabeça para trás e suspira olhando para o teto, é que finalmente substitui suas palavras. "Ok, chega por hoje. A velocidade de vocês parou de melhorar meia hora atrás, e o timing foi apenas ligeiramente aperfeiçoado. Estamos perdendo tempo neste momento.

Isso não vai ficar melhor." Ela nos lança um olhar acusatório, como se não entendesse por que estamos ficando sem energia.

Não estou mais acostumada a isso. Esta merda básica e exaustiva que não faço desde que fiz par com o Pedaço de Merda pela primeira vez, há quatro anos.

Foda-se.

Apesar do banho de gelo que estou fazendo todas as noites durante a última semana, tudo ainda dói. Minhas costelas. Todo o meu abdômen. Meus ombros. Pulsos. Meus quadris. Minhas costas.

A única coisa que não dói é minha bunda, e isso é porque minhas nádegas acabaram se acostumando de tanto eu cair sobre elas. Isso, e o fato de que uma delas tem menos nervos que ainda funcionam, do que a outra. Tenho certeza que acabei detonando esses nervos enquanto trabalhava no meu 3LS — triplo Lutz — antigamente.

Venho colocando gelo na parte inferior das minhas costas várias vezes ao dia, além de fazer o mesmo nos joelhos, quadris... em tudo. É apenas uma questão de tempo, eu sei, até me acostumar com isso novamente. Pelo menos, com certeza espero que seja assim. Há uma razão para que as meninas mais jovens parem com a patinação artística antes de atingirem a maioridade. A capacidade do seu corpo se recuperar demora mais e mais a cada ano que você envelhece, e o fato de que causei mais danos a ele nos meus vinte e seis anos do que a maioria das pessoas causaria no dobro disso, não ajuda em nada.

Seus dedos estão esfregando a ponte de seu nariz quando ela suspira e diz em voz baixa:

"Vamos repassar algumas coisas antes do treino da tarde, já que ainda temos tempo."

Ela está de mau humor ou...?

"Vamos nos encontrar no escritório em quinze minutos", Treinadora Lee avisa, bufando com exasperação enquanto se vira e vai embora.

Sim, não estou imaginando coisas.

Quer dizer, não acho que o treino tenha sido tão ruim assim. Não foi o melhor de todos, mas também não foi o pior deles. As coisas começam a melhorar a cada dia que passa.

O comportamento de Ivan não mudou, e nem o meu. Nós não falamos um com o outro, a menos que estejamos conversando com a Treinadora Lee, ao

mesmo tempo. Não discutimos quando ela nos passa suas instruções ou quando um de nós dá alguma recomendação ao outro...

Preciso de muito esforço para manter minha boca fechada, e aposto que ele também.

Mas estamos fazendo isso. Porque precisamos.

Por isso e porque ela também não nos deixou sozinhos novamente.

"Bem, então", murmuro para mim mesma, esfregando o osso do meu quadril com a palma da mão para aliviar a dor que começou por causa da posição que vim mantendo para fazer os giros do camelo, onde é preciso contorcer meu corpo em forma de uma gota de lágrima, puxando o salto da bota até a parte de trás da minha cabeça. Era muito mais fácil fazer isso quando eu tinha dezesseis anos. Agora... é mais difícil, e é uma besteira.

Sem esperar por Ivan, ou mesmo me virar para ver o que ele está fazendo naquele momento, patino até a saída da pista, colocando meus protetores de patins e, em seguida dirijo-me aos vestiários para me trocar e terminar logo com esta reunião. Talvez saia daqui antes do normal e possa atender outra mesa no trabalho. Vou até meu armário, ignorando até mais tarde o ícone que pisca no meu telefone, e esfrego meu corpo com um lenço umedecido como venho fazendo todos os dias agora que não tenho mais tempo para tomar um banho. Visto-me e coloco apenas maquiagem suficiente para parecer decente.

Não preciso de muito tempo para ficar pronta e no momento em que termino, apenas dez minutos se passaram. O que ela quer falar, eu não tenho ideia, mas não vou me preocupar com isso. Seja lá o que for, vou lidar.

Levo minha bunda para baixo pelos três corredores diferentes que preciso passar para chegar ao lado direito do prédio e encontro os escritórios da administração facilmente. Bato na porta, espero até que ouço a voz familiar da Treinadora Lee gritando, "Entre!"

Entro e descubro que ela está sozinha lá dentro, seu celular pressionado à orelha. Ela levanta um dedo indicador, e balanço a cabeça, sentando-me na cadeira mais próxima à parede.

"Não foi isso que pedi", a mulher diz baixinho ao telefone, a mão cobrindo o rosto enquanto sua voz fica ainda mais baixa, sussurrando.

Merda; posso dizer quando alguém precisa de privacidade. Vasculhando minha bolsa, pego meu celular e dou uma olhada na tela. Tenho novas mensagens. De um grupo, para ser mais específica. É de **Papai, Jojo, Tali + 2**. O único outro grupo de chat que participo. O que é utilizado com menos

frequência, que tem meu pai nele e não minha mãe. Quase ignoro as mensagens até mais tarde, mas quando a voz da Treinadora Lee fica ainda mais baixinha, acabo verificando de qualquer maneira.

A primeira mensagem é dele.

Papai: Comprei meu bilhete para ir visitar em setembro.
Rubes: Yay!
Jojo: Quais dias?
Rubes: Você pode ficar com a gente.
Papai: OK.
Papai: 15-22
Rubes: Com sorte, Jasmine estará aqui.
Papai: Para onde ela está indo?
Jojo: Ela tem um novo parceiro.
Papai: Achei que ela tivesse desistido...
Jojo: Não...
Rubes: Jasmine não desistiria, pai. Você sabe disso. Às vezes ela tem competições em setembro. Vou tentar descobrir.

Ele pensou que eu desistiria.

Balanço a cabeça e solto um suspiro antes de desligar a tela e jogar o telefone de volta dentro da bolsa.

Ele realmente pensou que eu desistiria. Claro que pensaria isso. Da última vez que falei com ele, há três meses, disse-lhe especificamente que ainda estava treinando... e ele perguntou, "*Por quê? Você nem tem mais um parceiro*."

"Você está bem?" Treinadora Lee pergunta, tirando-me dos meus pensamentos.

Engolindo minha frustração e o que tenho quase certeza que é amargura, mas não vou checar duas vezes, levanto minha cabeça e aceno para a outra mulher. "Estou bem." Porque estou mesmo.

Ela ergue as sobrancelhas, seu rosto marcado e cansado. Mais cansado do que já vi em todos esses anos que furtivamente lancei olhares em sua direção. "Ok", é tudo que diz com outro suspiro, que significa que não é nada disso.

E mesmo que eu meio que não queira perguntar, não posso deixar de fazer isso, soando como me sinto, hesitante pra caramba, "Você está... bem?"

Seus olhos escuros brilham e se erguem em surpresa antes de espiarem de lado por um momento, em seguida, voltando para mim com um aceno de seu queixo. "Sim", ela mente.

Eu pisco.

O suspiro que sai dela é totalmente inesperado antes que balance sua cabeça. “Vida pessoal. Não se preocupe com isso.”

Sim, eu sei o que “não se preocupe com isso” normalmente significa.

Não quero me preocupar com isso, com certeza não quero falar sobre isso, mas não sou uma pedra de gelo. “Podemos conversar sobre isso.” Giro o bracelete no meu pulso e olho para ela, secretamente esperando que não queira prosseguir. Sou a última pessoa no mundo a dar conselhos para alguém e nem sei o que dizer em situações desconfortáveis. “Se você quiser.”

Seu bufar — e seu sorriso — me pegam completamente de surpresa. “Ah, Jasmine, que doce, mas está tudo bem. Estou bem.”

Eu? Doce?

Ela bufa de novo, seu sorriso crescendo um pouco mais. “Não olhe para mim como se estivesse te insultando. Aprecio sua sugestão. Apenas não esperava, isso é tudo”, ela diz com cuidado, esfregando uma mão na testa. Em seguida, levanta as sobrancelhas. “Vamos falar sobre você em vez disso, combinado?”

Merda.

“Nada de ruim”, Treinadora Lee acrescenta, como se soubesse que não quero necessariamente fazer isso, mas sei que é preciso.

Balanço a cabeça para ela.

Ela para de sorrir enquanto se inclina na mesa, plantando o cotovelo ali. “Primeira coisa, você já abriu novas contas nas redes sociais?”

Foda. É claro que ela vai começar aí. “Não”, respondo honestamente, com um sentimento estranho, quase enjoado forrando meu estômago por um momento antes que empurre tudo de volta lá para baixo. Vou ficar bem. Tudo vai dar certo. Vai sim. “Ainda não tive tempo para isso. Farei neste fim de semana.”

A mulher mais velha assente, mas há algo hesitante em sua expressão. “Posso perguntar uma coisa?”

Odeio quando as pessoas me perguntam isso, mas não é como se pudesse lhe dizer não.

“Por que você excluiu suas contas, para começar? Costumava te seguir no Picturegram. Você tinha uma boa quantidade de seguidores lá. Sua página do Facebook era muito popular, mas você excluiu as duas contas ao mesmo tempo”, ela continua, sua expressão alerta.

Droga.

"Isso foi quando mesmo? Quase dois anos atrás? Você encerrou tudo enquanto ainda estava com Paul", ela acrescenta como se eu não soubesse disso. Como se não fosse a única que esteve lá e ter sido quem pessoalmente fechou essas contas. Não tenho um publicitário ou uma equipe de pessoas que trabalham por trás dos bastidores da minha vida. Sou apenas eu. E às vezes minha irmã ajuda.

Pelo menos, ela ajudou até que lhe disse para parar porque fiquei preocupada que fosse acabar percebendo o que estava acontecendo. Ela já havia se assustado o suficiente da primeira vez que recebi uma mensagem esquisita. Se ela tivesse visto o resto delas, teria sido pior. Talvez minha família nunca tenha sido muito superprotetora a meu respeito, mas eles têm o que é preciso dentro deles. Eu só não quero ou preciso. Eles têm coisas melhores para fazer.

E não quero contar à Treinadora Lee sobre isso também, mas...

Mas será que quero começar essa relação com a porra de uma mentira?

Droga. Sei a resposta. Apenas não gosto dela.

"Houve uma situação com um... fã", digo a ela, fazendo uma careta ao usar palavra "fã" porque foi mais para "perseguidor assustador pra caralho." "Foi desconfortável, e acabei cancelando minhas contas porque estavam me distraindo muito."

Sua testa franze e, em seguida, fica ainda mais enrugada à medida que continuo falando.

Merda.

"Você foi à polícia?" Ela finalmente pergunta, ainda parecendo preocupada.

"Nunca houve qualquer ameaça real, então não havia nada que pudessem fazer", respondo honestamente, sentindo-me como uma imbecil. "Tudo aconteceu online." Aí eu minto, um pouco. Quando fui à polícia pela primeira vez, isso era verdade, mas não continuou apenas assim.

Sua expressão ainda não muda nada, mas há alguma coisa lá — talvez seus olhos — que a fazem parecer mais ponderada do que antes. "Você vai me contar se estiver com problema?"

Ergo um ombro e obrigo meu rosto a fazer a coisa mais próxima a um sorriso que não é nem um pouco genuíno.

Sua testa fica mais lisa e os cantos de sua boca se contorcem um pouco. "Aprecio que você não minta para mim. Pelo menos, coloque-me na jogada se

as coisas recomeçarem. Prefiro você confortável e segura a sendo assediada, entendeu?"

Tomo isso como ela me dizendo que prefere que eu não tenha uma conta do que ter uma para a qual fiquem me mandando vídeos de alguém se masturbando com as fotos que postei de mim mesma.

Concordo com a Treinadora Lee, empurrando para longe a memória *daquilo* tudo.

Não parece que ela acredita muito em mim, mas não tocamos mais neste assunto. "Deixe-me pensar sobre isso um pouco mais, mas por enquanto, poste coisas básicas a respeito do LC. Uma vez por dia está ótimo e certifique-se de que as fotos sejam boas, de qualidade. Em poucas semanas, você pode começar a misturar o conteúdo. Ivan e eu estivemos conversando..."

Quando é que os dois conversaram, infernos? Ao telefone? Eu nunca os vi sussurrando um com o outro ou qualquer coisa assim.

"... e depois do que você acabou de contar, acho que pode ser uma boa ideia se criarmos uma conta dedicada a vocês dois."

Pisco para a palavra "dois." "Para...?" Embarcamos nesta por apenas um ano juntos. Pisco novamente. "Por quê?"

Sua expressão faz com que me sinta quase uma idiota. "Quanto mais os fãs gostarem de você, mais vão torcer por você, mais fácil será, eu espero, conseguir doações para cobrir o resto de suas despesas, Jasmine. Se você precisar de ajuda..."

Faço uma careta.

"... ou mesmo se não precisar", ela lança, provavelmente, vendo minha expressão "talvez você possa pensar sobre começar uma dessas páginas on-line para captação de recursos para cobrir suas outras despesas."

Ah. Como se isso fosse dar certo. Posso citar o nome das pessoas que doariam, e tenho algum parentesco com todas elas. Estou acostumada a isso, mas a última coisa que minha reputação precisa é de pessoas rindo sobre ninguém estar dando a mínima para mim.

Não, muito obrigada! Strip-tease ou mercado negro de rim terá que servir.

Quando não digo nada, ela continua. "Também é uma boa ideia que vocês dois deem algumas entrevistas juntos em um futuro próximo. Estive pensando que deveríamos convidar um repórter ou dois para virem até nossas instalações e dar-lhes algumas imagens de vocês treinando. Nós podemos lançar bem esta história. Dois companheiros de rinques se unindo. Isso pareceria perfeito."

Eu e Ivan dando uma entrevista juntos? Uh...

"A linha de frente unificada", ela continua. "Se conhecendo há tanto tempo e depois juntando..."

Engasgo.

Frente unificada? Se conhecendo há tanto tempo? Houve um vídeo de nós dois, há alguns anos, que supostamente deveria ser a gravação do treino de outro patinador, mas que acabou capturando o momento em que digo a Ivan para ir tomar naquele lugar depois dele me dizer que a única maneira de melhorar uma rotação em que estava trabalhando seria reencarnando. Mas o microfone não captou essa parte. Apenas o que eu disse, para sorte minha.

Não sou exatamente a pessoa mais inteligente do mundo, mas não sou boba também. Então, sei que há alguma coisa que não gosto no tom de voz e no jeito como ela está falando. E não estou errada.

Pisco para ela. "Você está tentando fazer parecer que nós dois estamos namorando?"

Ela franze os lábios por um momento. "Não. Não namorando..."

Uh...

"Mais como... como se fossem muito amigos. Como se vocês respeitassem e gostassem muito um do outro."

Oh Deus.

"Quanto mais unificado, melhor..."

O que?

"As pessoas engoliriam isso", ela despeja com seu rosto calmo e inexpressivo.

O olhar vazio que estou dando a ela deve ter demonstrado exatamente o que penso, porque ela arqueia as sobrancelhas de uma forma que não gosto.

"Simplesmente não precisamos que pareça para o mundo todo que vocês dois mal conseguem ficar perto um do outro. Você entende?"

Não me mexo no lugar enquanto digo cuidadosamente, "Você quer que eu aja como se fôssemos cheios de gracinhas, fofinhos e amiguinhos."

Ela suspira da mesma forma que Galina costumava fazer, mas não me concentro em nada disso. "Não, não é isso que estou dizendo. Respeito e admiração..."

"Eu não o admiro."

Ela fecha os olhos por um momento, e apostaria minha vida como está orando por paciência. "Você pode agir como se admirasse."

"Ele também não me admira."

"Ele também pode agir como se isso fosse verdade. Mas é importante, e ele sabe disso. Vocês mal podem olhar um pro outro. Mas sabem como interpretar quando estão no gelo, e tenho certeza que essas emoções serão bem traduzidas na coreografia que será montada em alguns meses. Não estou preocupada com isso. Vamos encontrar as composições musicais certas para embelezar sua química. Vocês dois também vem fazendo grandes treinos, e estou muito orgulhosa de vocês..."

Por não nos matarmos? Bom Deus. É a este ponto que minha vida chegou? Pessoas tendo orgulho quando consigo manter minha boca fechada?

"Mas vocês dois precisam fazer as coisas darem certo também fora da pista, pelo menos quando outras pessoas podem ver... e ler seus lábios." Ela me lança um olhar.

Tudo o que posso fazer é ficar ali sentada e baixar meu olhar. Realisticamente, sei que ela não está pedindo nada escandaloso ou mesmo inédito. Está apenas tentando dizer que não nos quer um na garganta do outro.

Mas como isso parece, é algo completamente diferente.

Parece que ela está me pedindo para fingir amá-lo ou algo assim. E sinto um monte de coisas por Ivan Lukov, mas amor não está em nenhum lugar dentre as top mil palavras que teria usado. Não.

Na forma como ela ultimamente tem se mostrado capaz de ler minha linguagem corporal e facial, Treinadora Lee suspira e me dá outro sorriso minúsculo que exibe exasperação por todos os lados. "Jasmine, eu sou ateia. Não acredito em milagres. Não estou lhe pedindo nada que não acho que seja capaz de fazer."

Não digo uma palavra. Sou uma idiota por não ter previsto isso. Sou mesmo. Posso admitir. Por que diabos não pensei que nós dois teríamos que nos comportar direitinho aos olhos do público?

Sou uma porcaria de atriz. E odeio mentiras.

E odeio ainda mais que estejamos tendo esta reunião, para começar.

Com o indicador e dedo médio pressionando minha testa com força, deixo escapar um suspiro lento que não parece nada comigo. A pergunta paira nos meus lábios e no meu coração, e não é que eu queira uma resposta, mas preciso dela. "Minha reputação é tão ruim assim que temos que fazer isso?"

"Ninguém nega que você é uma patinadora de classe internacional, Jasmine..."

Aqui vamos nós.

"... mas existem pequenas preocupações sobre algumas coisas que aconteceram no passado e que queremos melhorar, tanto quanto possível, para nos ajudar a deslanchar. Você entende."

Essa é a parte fodida. Entendo. Completamente.

Minha reputação é tão ruim que as pessoas pensam que a única maneira de salvá-la é se eu puder ser amiga do rostinho bonito da Patinação Mundial. Que se ele puder gostar de mim, todos os outros também podem. Porque se ele não conseguir, então há algo de errado comigo.

Não há nada de errado comigo. Eu me defendi. Defendi outras pessoas. Não aceito merda dos outros. Estou tão errada assim? Mesmo Jonathan, meu irmão, disse para mim uma vez, anos atrás que, se eu fosse um homem, ninguém pensaria duas vezes nisso. As pessoas pensariam que sou algum tipo idiota de herói, mas com um coração de ouro.

"Você não precisa atuar o tempo todo." Ela faz uma cara que diz que se eu fizer isso, ninguém vai reclamar. Entendo. "Mas vocês podem ser legais um com o outro. Agir como uma equipe. Manter os comentários entre vocês dois fora dos holofotes."

O ranger da porta se abrindo me impede de dizer qualquer outra coisa. Em seguida, a cabeça coberta de puros cabelos pretos espia ao redor da fresta na porta e um rosto que está cada vez mais familiar para mim, aparece.

"Precisei assinar alguns autógrafos", ele se desculpa antes de entrar e fechar a porta atrás de si, antes de fazer uma pausa e olhar entre nós duas como se não soubesse o que pensar.

É claro que ele estava dando autógrafos com a mesma facilidade com que treina quase que diariamente. E é apenas porque a Treinadora Lee está bem ali que não abro minha boca e digo algo sarcástico sobre ele pagar pessoas para virem lhe pedir pra assinar coisas.

Mas consigo empurrar isso de lado em minha mente e me concentro nas palavras de Lee. "Você sabia sobre isso?" Pergunto a ele, minha voz soando estranha e até mesmo um pouco rouca para meus próprios ouvidos.

Aqueles intensos olhos azuis alternam entre mim e a treinadora Lee , e ele responde, fazendo uma careta em minha direção alguma razão. "O quê?"

"Nós dois... agindo como se estivéssemos namorando", disparo, dando um olhar para a Treinadora Lee que está mostrando seu próprio rosto como se eu estivesse exagerando.

"Eu não disse para agirem como namorados...", ela começa a explicar antes que Ivan a interrompa.

"Nós temos que agir como se estivéssemos namorando?" Ivan fica ali; os olhos saltando entre mim e a Treinadora Lee, com tanta rapidez que tenho certeza que ele nunca ouviu falar sobre isso. Sua carranca também ajuda.

"Tudo bem, mais como se fôssemos 'melhores amigos'." Em algum lugar no fundo da minha mente, sei que estou colocando isso totalmente fora de proporção e que estou agindo como uma rainha do drama... mas ao mesmo tempo, realmente não me importo.

"Não. Nem mesmo melhores amigos. Eu diria algo como amigos, no máximo", a outra mulher tenta esclarecer.

"Amigos que se respeitam e se admiram", murmuro.

Ivan não diz nada pela primeira vez na vida.

"Vocês não têm que... se beijar... ou qualquer coisa assim. Apenas... precisam ser amigáveis, sorrir um para o outro, não agir como... como... se acreditassem que o outro está com piolhos", ela oferece, como se isso fosse melhor. Vou ignorar o fato de que ela usou a palavra piolhos para descrever o que pensamos um sobre o outro. Acho que ele é um demônio, ou pelo menos um membro imediato de sua família... Não acho que Ivan tenha piolhos.

Estou olhando para ela com a boca ligeiramente aberta, e não tenho certeza se Ivan está ou não, mas não me importo.

A mulher dá uma olhada para Ivan que não consigo interpretar muito bem. Seria... frustração? Irritação? "Vocês dois vão agir como se isso fosse algo impossível?"

Ivan pisca.

Então eu pisco também.

"Vai ser bom para os dois e sabem disso."

Isso é discutível.

Minha mente está acelerada. Será que ele agia como amiguinho com o restante de suas parceiras antes de mim? Não consigo lembrar. Paul e eu fomos um pouco carinhosos com o outro, mas nada como outras duplas chegam a ser. E pelo menos metade do tempo não olhava para ele como se quisesse matá-lo, penso. Mas Ivan e suas parceiras antes de mim? Eu realmente não tenho certeza; no entanto, acho que também não. Então, novamente, não havia prestado muita atenção a eles, porque sempre fiquei focada demais em sua bunda irritante.

Com o canto do meu olho, vejo Ivan levantar a mão e tocar a parte de trás de sua cabeça, mas estou muito ocupada tentando entender a expressão que Treinadora Lee está lançando para ele, para tentar absorver suas ações em primeiro lugar.

Seu rosto está ficando rosado... e ela o está encarando?

"Ivan", a mulher diz, devagar, com cuidado, outra mensagem oculta apenas em seu nome.

Ele fecha os olhos. Aqueles cílios longos e negros pendem sobre seus olhos, e posso ver pela sua garganta e peito que ele está respirando profundamente.

Algo me diz que tem algo de errado com isso. A maneira como eles estão se olhando... não consigo entender, mas...

"Claro", ele sopra de forma inesperada, lançando-me um olhar que quase perco, parecendo que o estou forçando a fazer algo que ele não quer.

"Certeza?" Resmungo.

Ele balança a cabeça, parecendo irritado. "Sim. Claro. Posso fazer isso."

"Mas que po..." Fecho minha boca e aperto os lábios. *Pense. Pense, Jasmine*. Eu dei minha palavra a eles.

"Não é a melhor ideia que já ouvi, mas vamos fazer isso", Ivan murmura. Então olha em minha direção e sua testa fica enrugada. "É apenas um ano até que possa me ver livre de você."

Filho da puta.

A Treinadora Lee geme, mas mal posso ouvi-la devido à necessidade que sinto em lhe dizer que é um imbecil.

Ele suspira e inclina a cabeça em direção ao teto. "Posso fingir um sorriso", ele continua enquanto me inclino e planto a ponta do meu cotovelo sobre o encosto de braço. "Ela não tem que casar comigo ou ter um filho meu... certo, Lee? Ou perdi isso?"

Isso me faz voltar para sentar ereta para poder encará-lo. "Não teria um filho seu nem quem você me pagasse um milhão de dólares."

Algo estranho acontece com o rosto dele antes que suas feições se suavizem. "Não estou lhe pedindo isso. Não é uma grande coisa. Posso fazer isso." Aquelas suas sobrancelhas escuras e grossas sobem apenas um centímetro, no máximo. "Você não pode fazer algo tão pequeno?" Ele pergunta, e juro que está propositadamente tentando me desafiar.

Se este debate todo não fosse suficiente para me acalmar e colocar meus pensamentos em ordem, não sei o que seria. É claro que não há nada que ele

possa fazer que eu não seja capaz de fazer melhor. Exceto um quádruplo — um salto com quatro giros — mas isso é irrelevante. Não vou deixar o demônio achar que eles são melhores do que eu. Então tento soar agradável e até mesmo como se estivesse tentando explicar; "Posso fazer isso, mas apenas não sou muito boa em fingimentos, tudo bem?"

Nenhum dos dois diz uma palavra.

"Não sou mesmo", reitero.

Eles estão me pedindo para ser afetuosa. Tudo bem, talvez não afetuosa, mas... pelo menos, parar de agir como se não conseguisse suportá-lo. Eu acho.

Claro que posso fazer isso. Só não sei se quero. Nunca fui boa atriz. Nunca entendi o porquê de fingir sentir alguma coisa que não sinto, ou gostar de alguém que não consigo suportar. Já lidei com merdas bem parecidas na minha vida.

"Você não é exatamente o meu tipo, se isso ajuda", Ivan lança, obrigando-me a virar a cabeça lentamente para encará-lo. "Posso olhar para você como se não a odiasse."

Pisco. "Bem. Você também não é meu tipo."

Ele pisca.

Eu pisco.

E então Treinadora Lee solta um ruído desconfortável. "Estou contente por nenhum dos dois ser o tipo do outro. Assim, chegamos a um acordo sobre vocês serem legais com o outro em público? Tenho uma entrevista agendada para ambos na próxima semana."

Ivan dá de ombros enquanto olho para ele, que continua olhando para mim. "Posso fazer isso. Cabe a ela decidir se pode."

Anos mais tarde, olharia para trás, para este momento e veria o quão bem os dois me manipularam. Como Ivan me conhece bem mesmo depois de tanto tempo. Porque mergulhei de cabeça naquela merda. Meu orgulho me catapultou. "Claro que posso fazer isso."

E com uma pequena salva de palmas, Lee tem isso resolvido. "Bom. Vamos passar para o próximo assunto."

"A Sports Documented quer vocês em sua revista", Treinadora Lee diz; suas unhas raspando em seu pescoço de um jeito que me diz que está ansiosa.

E ela nunca fica ansiosa.

Olho para Ivan e o vejo em sua cadeira, com os braços cruzados sobre o peito, parecendo totalmente imperturbável... Até que vejo o jeito que ele está balançando o pé.

"Ok", digo lentamente, ainda olhando para Ivan que continua lá sentado, parecendo *quase* desligado.

Mas conheço sua forma maligna bem demais. Ele não está nem um pouco desligado.

Treinadora Lee coloca um pequeno sorriso estranho em sua boca, deixando-me bem alerta. "Vocês dois."

Bem, nós dois! Merda nenhuma. Por que eles iriam querer somente a mim se têm o Sr. Engomadinho aqui que é o mais conhecido entre nós? Há mais alguma coisa nisso, meu íntimo sabe que há.

Ela está apenas ganhando algum tempo antes de me contar, por algum motivo.

Então espero. E não digo nada enquanto a encaro, pronta para ouvir o resto.

Quando os olhos da Treinadora Lee se voltam na direção de Ivan, aquilo apenas confirma minhas desconfianças. Sua voz está mais alta do que o normal quando revela, "É para uma edição especial..."

O idiota no banco dá uma tossida.

"É o especial mais vendido todo ano..."

Oh.

Oh.

Sei exatamente do que ela está falando.

Mas mantenho minha boca fechada e não deixo transparecer que já sei do que se trata, porque qual seria a diversão nisso se ela não ficar nervosa e talvez até um pouco envergonhada ao tentar me contar que a matéria vai exigir que eu fique nua? Ela não sabe que não sou tímida, mas deveria. Poderia me despir bem ali mesmo, se fosse preciso. Troco de roupa na frente de outras pessoas desde garotinha, quando comecei a competir.

"Seria uma grande publicidade se..."

Continuo olhando para ela. Mantenho o olhar vazio no meu rosto também.

"Levaria apenas uma manhã ou uma tarde..."

Neste ponto eu concordo lentamente com a cabeça.

"Talvez um dia no máximo, mas não mais do que isso", ela termina seu discurso com um sorriso tenso.

Pisco para ela, parecendo tão inocente quanto possível. “Qual é o problema?” Pergunto a ela, mantendo meu tom leve.

Seu rosto fica vermelho e seu olhar se move para Ivan rapidamente.

“Você já sabe que é para a Edição de Anatomia, Meatball, deixe de ser um pé no saco, trazendo o tópico à tona.” Ivan ri, balançando a cabeça.

Lá está o fodido “Meatball” outra vez. *Foco. Seja melhor*.

Eu lhe lanço um olhar brando e dou de ombros. “Desculpe”, digo, apenas meio sincera.

O rosto dela imediatamente assume uma carranca. “Você sabia?”

“Percebi quando você começou a se esforçar muito para me convencer a fazer isso.”

Ela ainda não parece feliz, mas também não está brava ou, talvez esteja apenas... surpresa. “Você está bem com isso?”

Levanto um ombro. “Tudo o que precisam fazer é tirar fotos de mim em meus patins, certo?”

A Treinadora Lee pisca. “Sim.”

“Posso cobrir minhas partes íntimas, certo?”

Ela assente lentamente, seu rosto ainda torcido em uma expressão apreensiva.

“E apenas o pessoal necessário ficará presente?”

Ela faz o mesmo gesto, sua expressão não se alterando.

“Ok pra mim, então”, digo a ela facilmente. “Sei que seria uma boa publicidade.” Além disso, secretamente, sempre torci para ser convidada para participar deste especial. É praticamente uma honra em um esporte com tantas pessoas talentosas.

Os olhos da treinadora se estreitam quase desconfiados, e ela diz lentamente, “Não leve a mal, mas estou tendo dificuldades em aceitar que você está sendo tão compreensiva com isso.”

“Fico nua na frente de estranhos nos vestiários o tempo todo”, digo. “As pessoas que fazem as fotos e a equipe já devem ter visto corpos melhores e corpos piores que o meu. Todos nós temos bumbuns com rachaduras e genitais. Não vejo qualquer problema. E não é como se alguém fosse ver meus mamilos ou qualquer coisa.” Então eu pisco. “Nem um de vocês precisa estar lá, certo?”

Ivan tosse de novo, e o rosto da Treinadora Lee fica vermelho. O som que faz com a garganta provavelmente pode ser ouvido em todo o mundo quando

ela responde, "Jasmine... a sessão não é só sua. Eles querem... você e Ivan, juntos."

Eu e Ivan, juntos.

Nus.

"Seria ótimo para o dois fazerem isso", Treinadora Lee acrescenta, tentando colocar algum entusiasmo em seu tom de voz, como se para me convencer. "Apenas algumas fotos rápidas. Conhecendo vocês dois, sei que vão querer acabar com isso o mais rápido possível."

"Eu teria que ficar nua na frente *dele*?" Levanto o polegar e o aponto para o imbecil que está sorrindo em seu lugar. Não preciso nem olhar para ele para saber que está fazendo isso. Apenas sei que está.

Ela assente com a cabeça.

Nem sequer penso no assunto. "Não."

A risada de Ivan, tão preguiçosa e brilhante que me dá nos nervos cada vez que ouço, enche a sala. "Você disse, um segundo atrás, que fica nua na frente de estranhos."

Dou uma olhada para o idiota vestindo um pulôver de lã e calça de moletom azul marinho. "Sim, *estranhos*. Não em frente às pessoas que preciso ver todos os dias." Zombo. "Não na sua frente."

Ele torce o nariz, claramente apreciando aquilo. "Sim, você me conhece. Você sabe que pode confiar em mim..."

Eu rio. "*Não*."

"O que eu poderia fazer? Tirar uma foto sua e colocá-la na Internet?" Ele faz uma careta.

Ele tem um argumento, mas... "Não."

"Confio em você para não postar nenhuma foto minha nu", ele oferece, como se isso fosse ajudar.

Lanço outro olhar para ele. "Porque eu faria isso? Ninguém quer vê-lo, afinal."

Ele revira os olhos e faz um barulho exasperado em sua garganta que já o vi e ouvi fazendo pelo menos algumas vezes ao longo dos anos, quando não sabe o que dizer de volta. Ou seja, ganhei esta. "Não entendo qual é o problema." Ele muda de assunto. "Ela estava preocupada que você diria não, mas eu tinha certeza de que você aceitaria. É o especial de maior vendagem."

Porra.

Ivan inclina a cabeça para o lado e me mostra aquela cara transparente e presunçosa novamente. “Nós fizemos um acordo.”

Droga. “Sei que fizemos um acordo”, falo, de repente sentindo-me estranha.

“Temos que fazer isso.”

Quero levantar as mãos e cobrir meus olhos, mas não faço isso. Não farei. Mas merda. *Merda*. Olho para o teto e solto um suspiro.

“Você sabe que já vi mulheres nuas antes, certo?” Pergunta com o que pode ter sido humor em seu tom.

Balanço a cabeça e mantenho meu olhar para o alto. Como diabos cheguei a isso? E como posso me livrar?

Uma coisa é um grupo de garotas me verem completamente pelada!

Uma coisa é alguém completamente estranho ver meu corpo como vim ao mundo.

Mas é outra coisa completamente diferente, deixar este homem, que costumava tirar sarro de mim durante anos sobre meu corpo, me ver sem roupa.

E terei que olhar para ele pelo próximo ano inteiro. Terei que ouvi-lo durante todo este período de tempo.

Ivan é uma das últimas pessoas no mundo que gostaria que me vissem assim tão vulnerável. Ele não precisa de mais munição para seu arsenal. Deus não permita que ele faça um comentário sobre o tamanho da minha bunda quando eu estiver sem roupa de baixo. Provavelmente eu tentaria arrancar seu pau.

Mas…

Eu lhes dei minha palavra. Farei o que for necessário para tirar proveito deste tempo que vamos passar juntos. E se isso significa ter que ouvir piadas sobre meu peito pequeno, o formato do meu umbigo ou sobre meus lábios vaginais... o pau dele é que será arrancado no processo.

Filho da puta.

“Então... sim?” Treinadora Lee pergunta, soando esperançosa.

Ainda não olho para eles até que a realidade da situação me acerta bem no meio do peito. “Não tenho escolha, tenho?”

“Não fique tão chateada. Vamos fazer tudo o mais rápido possível. Ter que segurar você para o alto completamente vestida, já é ruim o suficiente e não quero fazer isso enquanto estiver nua.”

Não hesito em lhe mostrar o dedo do meio, mesmo com minha atenção ainda no teto. Baixando o olhar, dou-lhe um sorriso malvado. “Eu não quero ver seu lixo também.”

O idiota pisca. “Aww, aqui não tem lixo, Meatball. Só coisas boas.”

Faço cara de vômito.

Capítulo 7

Primavera /Verão

"QUER PARAR?" Ivan assobia para mim, ao mesmo tempo em que bate sua perna contra a minha debaixo da mesa.

"Pare você. Estou do meu lado, mantenha suas pernas juntas." Bato meu joelho de volta diretamente contra o dele, embora tivesse *dito* a mim mesma que seria legal e atravessaria esta próxima hora como uma campeã.

Porque eu posso.

E vou fazer isso.

Com certeza se ele não tivesse se sentado ao meu lado.

Não seria eu que estragaria a entrevista que a Treinadora Lee havia organizado para nós. Se alguém faria isso, seria esse idiota ao meu lado. Nós temos nos comportado bem desde nossa reunião, quando Lee nos pediu para tentar, para não nos odiarmos e para que mantivéssemos nossos olhares e palavras inadequados para quando estivéssemos em privado... ou pelo menos fora do alcance dos ouvidos de qualquer outra pessoa. Ela ainda não cometeu o erro de nos deixar sozinhos, também, então, pode ser por isso.

Mas hoje é o dia em que realmente precisamos nos comportar. Achei que isso não seria um problema. Já sobrevivi a coisas piores pelo período de sessenta minutos.

Mas então, Ivan decidiu sentar-se ao meu lado, e comecei a duvidar de mim mesma. Eu já estava sentada no banco da sala de descanso dos funcionários do LC, quando ele chegou. Nós deveríamos estar esperando pelo jornalista ou blogueiro ou quem quer que fosse que viria até aqui hoje para nos fazer perguntas sobre os preparativos para o anúncio *oficial* de que Ivan e eu agora estamos competindo juntos.

Exceto que não devemos dizer que isso será apenas por uma temporada. Lee me informou sobre isso ontem. *As únicas pessoas que devem saber disso somos nós.*

Ótimo.

Trocando minhas pernas de lugar, de forma que as coxas fiquem bem juntas e sem tocar no Satanás, para que a senhora não entre quando nós dois estamos

bem no meio de uma discussão, olho ao redor da área de cozinha vazia e tento ignorar o calor do corpo de Ivan que está a nem mesmo alguns centímetros de distância.

Então a parte inferior de sua coxa esbarra no meu joelho. *Novamente*.

"Por que você está me tocando?" Sussurro, mal movendo os lábios e com os olhos na porta. Não confio em mim mesma para olhar para ele.

"Você está me tocando", é sua resposta espertinha e estúpida, porque ele foi o único a se mover.

Ainda não olho para ele. "Por que você está sentado ao meu lado?"

"Porque eu posso."

"Você está muito perto."

"Já estive mais perto de você."

Eu o olho de lado. "Porque era necessário. Vá sentar ali. Longe de mim."

Ele já está me olhando com aqueles olhos azul-claros assustadores. "Não."

Pisco, e ele pisca de volta para mim.

Puto.

"Então, mexa-se para que eu consiga ir me sentar do outro lado da mesa."

"Não."

Viro a cabeça para poder lhe dar uma boa olhada. Seu cabelo está arrumado e penteado para trás, sem um fio fora do lugar. Hoje está vestindo um suéter que reconheço, em um tom de cinza tão leve que é quase branco. Faz seus olhos se destacarem... Se eu observasse esse tipo de coisa. "Mexa-se", digo.

Ele se repete.

"Mexa-se ou vou ter que fazer você se mover."

Naquele ponto, ele apenas sacode a cabeça.

"Por que?"

"Porque vai dar uma impressão melhor se estivermos sentados lado a lado."

Abro minha boca para dizer que aquilo é estúpido, mas... fecho.

Os cantos de sua boca se flexionam um pouco, só um pouco.

Franzo meu nariz e olho para trás, em direção à porta. Um minuto se passou. Talvez dois.

Onde está essa senhora? Nós encurtamos nosso treino para fazer isso. Mal começamos a progredir no treino. Estamos fazendo saltos lado a lado juntos, e... estamos indo muito bem. Nós nos movimentamos de modo parecido, especialmente nos saltos, e praticamente não há quaisquer correções para fazermos. Posso dizer que Treinadora Lee ficou satisfeita. Sei que eu estou.

Ivan bate sua perna contra a minha repentinamente, mais uma vez, fazendo-me olhar para trás em sua direção. Ele está fazendo uma careta para mim. “Pare de fazer isso. Você está fazendo o banco inteiro tremer.”

O que…?

Oh. Não percebi que estou balançando meu joelho. Paro e empurro as mãos sob as coxas.

Então começo a balançar meus calcanhares. Onde diabos está essa mulher? Ela definitivamente está atrasada.

Uma mão desce sobre meu joelho. “Pare. Com. Isso”, Ivan murmura naquela voz perfeitamente equilibrada que é profunda, mas não muito, apenas perfeitamente grave. “Não sabia que você ficava nervosa.”

Paro de balançar meus calcanhares e lanço um olhar de canto de olho, absorvendo aquela aparência impecável. Acho que nunca o vi com uma única espinha, pelo encravado ou cravo. Nunquinha. Ugh. “Não estou nervosa.”

Ele bufa tão alto que viro toda minha parte superior do corpo em sua direção. Ele está sorrindo. Aquele rosto magro, com seus poros microscópicos, maçãs do rosto altas e angulares e maxilar duro, está todo iluminado. Ele está sorrindo, e não acabou de vencer uma competição, e também não está em torno de sua família.

Nunca vi isso antes.

Quem diabos é essa pessoa? Sua perna atinge minha coxa quando ele pergunta, “É por isso que você não consegue parar de balançar sua perna?”

“Estou balançando minha perna porque agora poderíamos estar treinando em vez de estarmos aqui esperando”, digo, acreditando apenas parcialmente em minha própria besteira. “Por que você se importa comigo de qualquer maneira? E por que está sendo tão falador?”

A verdade é que não fui capaz de parar de balançar qualquer parte do meu corpo desde o momento que acordei, sabendo que esta entrevista estava por vir. Não tenho problemas em falar com as pessoas, mas o que está me deixando apreensiva é o fato de que terei que responder a perguntas e as respostas serão gravadas e guardadas para sempre, para serem julgadas e separadas do contexto e do resto da história. Enquanto fico sentada ao lado de Ivan que já está me dando nos nervos e ninguém sequer começou a nos entrevistar ainda.

Sem pressão.

“Você está mentindo”, ele murmura de volta, mudando de posição ao meu lado de forma que agora seu quadril está pressionado contra o meu.

Olho para porta enquanto digo, “Você está cheio de merda.”

Ele faz um ruído em sua garganta.

Outro minuto se passa.

Talvez mais dois ou três. E a mulher ainda não dá as caras.

Assim que der a hora, vou embora. Não vou ficar aqui sentada, esperando.

“Posso falar, se você está preocupada em dizer algo errado.” Ivan diz em um quase sussurro, como se não quisesse que alguém nos ouça.

Paro por um segundo com sua oferta, então zombo. “Eu não estou preocupada.”

“Você é uma mentirosa”, ele responde imediatamente.

Não consigo pensar em uma única resposta, caramba. Então acabo saindo com um, “Cale a boca.”

A risada que sai dele me pega de surpresa, e isso só me deixa ainda mais louca sobre toda esta situação.

“Do que você está rindo?” Rebato.

Isso só o faz rir ainda mais. “De você. Jesus. Nunca vi você tão tensa. Eu não achava que você ficasse assim.”

Puxando as mãos debaixo de minhas coxas, coloco-as em cima da mesa e começo a tamborilar meus dedos.

“Relaxe, Meatball”, Ivan continua falando, parecendo muito divertido.

Ignoro o “Meatball”, embora sinta um estremecimento. “Estou relaxada”, minto novamente.

“Alguém já lhe disse que você é uma péssima mentirosa? Você não está nem tentando disfarçar.” Ele ri baixinho.

Reviro os olhos, mantenho meu olhar na porta e deslizo as mãos para baixo, sob as minhas coxas. Estou prestes a começar a balançar meu tornozelo para cima e para baixo quando percebo que isso fará tudo tremer outra vez. Ficar parada é mais difícil do que podia imaginar. “Eles não deveriam estar aqui às dez?”

“Sim. São dez e seis. Dê-lhes um desconto”, meu novo parceiro murmura.

“Eu tenho mais coisas para fazer”, explico, apenas mentindo parcialmente. “E por que a Treinadora Lee não está aqui conosco?”

“Porque ela não precisa estar aqui?” Ele responde, tentando fazer com que me sinta uma idiota com seu tom.

Hã.

"Que coisas você precisa fazer de qualquer maneira? Roubar cobertores de bebês por pura diversão?" Deus, ele parece estar se divertindo consigo mesmo. Otário.

"Não, Satanás. Não faço mais isso", respondo secamente.

"Empurrar velhinhos que usam andadores?"

"Ha, ha", respondo, soltando as palavras entredentes enquanto olho para a porta pela décima vez.

"Então? O que você vai fazer depois?"

Olho para ele. "Por que se importa?"

"Não me importo", ele responde com facilidade, e algo em meu peito fica apertado. Tento afastar a sensação.

"Que bom. Você não deveria, mesmo."

"Ainda quero saber."

Olho para ele de novo, sentindo um sorriso de escárnio vir para minha boca. "Tenho que começar a trabalhar, seu intrometido. Tudo bem pra você?"

Sua expressão vazia fica confusa. "Você tem um emprego?"

"Sim."

"Por quê?"

Pisco. "Porque as coisas custam dinheiro e dinheiro não cresce em árvores?" Ofereço, ainda piscando.

"Ha, ha", é sua resposta seca enquanto cruza os braços sobre o peito e me lança mais um daqueles olhares preguiçosos que me deixa enlouquecida. "Onde você trabalha?"

Agora *isso* genuinamente me faz rir. "Não, não acho que vou responder."

A sombra do que poderia ser um sorriso ou uma risada cruza suas feições. "Você não vai me dizer?"

"Por quê? Para que você dê uma passada por lá e tire sarro com minha cara?" Pergunto.

Ele nem sequer tenta negar que faria algo assim. Só olha para mim. Juro que algum músculo de sua mandíbula se contrai também.

Levanto minhas sobrancelhas dizendo algo como *viu*? Obviamente ele entende, porque nem se preocupa em continuar discutindo sobre isso. Em vez disso, sua mandíbula se desloca para o lado e, em seguida de volta para o lugar antes que olhe para a mesa e em seguida, novamente para mim. "Qual é o seu problema, afinal?" Ele pergunta, movimentando-se outra vez de forma que

todo o comprimento da sua lateral — coxa, braço e meu ombro — fiquem alinhados com seu corpo. "É apenas uma entrevista."

É apenas uma entrevista; como ele diz.

Mas ainda assim, sinto-me *praticamente* enjoada.

"Só vou rir um pouco, se você me contar porque isso te assusta tanto", ele oferece, como se aquilo pudesse trazer algum tipo de consolo. Ele riria de meus medos, mas só um pouco. Oh, ok. "Então?" Estimula.

Olho bem dentro daqueles olhos sugadores de alma e não respondo. Ele pisca, então pisco de volta. Aquele estúpido sorrisinho não vai embora, e é assim que acabo cravando a parte mais ossuda do meu cotovelo bem no meio de sua coxa, em uma advertência.

Ele não vacila ou se move enquanto aplico pressão. Em vez disso, levanta a perna para propositadamente pressionar contra meu osso, tentando conseguir uma reação. "Vai ser difícil segurar você no ar mais tarde, se eu tiver uma contusão na minha perna", ele tenta me ameaçar.

"Tão mais difícil." Reviro os olhos. "Foda-se. Você pode fazer isso mesmo com hematomas por toda a coxa."

Ele ri e me pega desprevenida novamente. "Diga o que está te deixando tão nervosa antes que todos cheguem aqui."

"Não tenho nenhum problema."

"Você tem um problema."

"Não tenho um problema. Estou bem."

"Nunca vi você tão tensa antes, e não sei se isso é irritante ou meio fofo."

Eu o encaro por usar a palavra *fofo*, mas nada em seu rosto confirma que disse algo assim, para começar. Não acho que ele usaria essa palavra sobre mim. Talvez outra palavra começada com f, como feia ou fodida, talvez. Fofo? De jeito nenhum.

"Vamos com irritante", ele continua, ainda deixando essa palavra em aberto. "Vou continuar perguntando até você me dar uma resposta."

Deus. O que há com todas essas pessoas em minha vida que não podem e não aceitam um não como resposta? Minha mãe faz exatamente isso quando quer uma alguma coisa. Na verdade, todos em minha família fazem isso quando querem algo que não desejo compartilhar.

"Meatball."

"Você que é irritante. Espero que saiba disso." Olho para o batente da porta novamente. "E não me chame de Meatball na frente da repórter. Não preciso de ninguém me chamando assim."

"Não vou, se você me disser o que há de errado."

"Você é um idiota."

Ele deixa escapar um pequeno sopro de ar pelo nariz. "Eu não vou. Conte-me."

Suspiro e reviro os olhos, não querendo ouvir mais nada sobre isso pelo resto do dia — ou dias — se me recusar. "Olha, só não gosto da mídia. É isso. Não gosto da maior parte das pessoas. Estão sempre torcendo e distorcendo as palavras para criar alguma controvérsia. E as pessoas engolem estas coisas. Eles querem o drama. Querem acreditar em todas as coisas ruins que ouvem."

"E?"

Será que esse bastardo apenas diz "*E*?" como se não fosse uma coisa ruim? "E, que uma vez eu disse que achava que o sistema de avaliação ainda não estava correto, e eles transformaram isso em uma história sobre como eu acreditava que a pessoa que venceu o evento não merecia ganhar. Recebi mensagens de ódio durante meses depois disso. Outra vez, disse que o Y-spin de alguém era bonito, e de repente aquela pessoa não era boa em mais nada além daquele movimento", digo a ele, lembrando-me dessas duas coisas, porque me incomodaram por meses. E isso foi apenas uma pequena fração das coisas que foram distorcidas até se transformarem em nada do que eu disse ou pensava. Odeio as pessoas que fazem este tipo de coisa. Eu realmente odeio. Deus. "E nem me fale sobre vídeos."

Ivan não diz nada por tanto tempo, e acabo olhando para ele. Sua coxa ainda está contra a minha, mas ele agora franze a testa. Penso em mexer minha perna para longe, mas foda-se. Ele está no meu espaço. Não vou lhe dar mais nada. Sua pergunta vem tão inesperadamente, que me surpreende. "Então, você nunca disse que achava que a WHK Cup foi fraudada?"

Merda.

Tombando minha cabeça para o lado, olho para ele e dou de ombros. "Não, isso eu disse mesmo."

Ele olha para mim e faz uma careta. "Nada foi fraudado, depois que o sistema de pontuação foi modificado."

Eu sei disso. O sistema de pontuação foi mudado quando eu era criança, depois que *ocorreram* fraudes. O que antigamente era um sistema de pontos

subjetivo, baseado em uma com pontuação "perfeita" de 6.0, foi jogado fora e reformado com base em um sistema de pontos mais rigoroso onde cada elemento vale certa quantidade de pontos; pontos que são deduzidos se o elemento não for bem executado. Não é um sistema perfeito, mas é bem melhor.

Mas estava emputecida na época da WHK Cup, e quem diabos pode ser responsabilizado pelo que diz quando está chateado pra cacete? "Sua parceira pousou sobre os dois pés e você quase a deixou cair ao fazer um twist triplo. Foi fraude." A segunda frase é uma mentira, mas o resto não. Lembro-me do incidente perfeitamente.

Ele bufa, e desta vez é ele quem gira o corpo inteiro para ficar frente a frente comigo. "Não foi fraude. Nossa pontuação base era muito maior do que a sua, e ela completou todas as rotações."

Eu sei, mas jamais admitirei que o programa deles tinha elementos muito mais difíceis que lhes concedia uma pontuação muito maior do que a que meu ex e eu obtivemos. Além disso... nós não fomos perfeitos. Quase, mas não completamente. Provavelmente ainda me lembro de cada erro que já cometi em cada um dos programas desde sempre. Algumas noites fico revivendo todos eles, até mesmo programas de quando era adolescente. Se não tivesse sido tão arrogante ou se tivesse feito um pouco melhor... Quão diferente poderia ser minha vida se tivesse simplesmente desenvolvido todo meu potencial e não fodido praticamente tudo na minha vida?

"Ok, não foi fraude", concordo, só porque seria mais do que idiota se continuasse tentando dizer isso. Por algum milagre, consigo evitar sorrir. "Apenas... alguém da sua equipe pagou uma grana pros juízes. Seja lá como você quiser chamar isso. Pra mim tudo bem."

Ivan pisca, e eu pisco de volta para ele.

A ponta de sua língua toca o interior da bochecha, e seu rosto está tranquilo quando diz, "Venci aquela competição de forma justa."

"Fiquei em terceiro lugar naquela noite, e pousei perfeitamente."

Ele pisca novamente. "Você pousou com perfeição, mas sua coreografia era abominável e você recuou nas sequências de salto após seu parceiro idiota-que-não-lembro-o-nome escapar no 3S anterior. Você também estava parecendo um robô, e seu parceiro parecia estar prestes a vomitar o tempo todo."

Ele tem razão, mas...

Ivan dá de ombros tão casualmente que tenho vontade de bater nele. "Sua música também era uma porcaria."

A única porcaria acontecendo naquele momento é eu ter que ouvir uma coisa destas. “Como é que é? Quem você pensa que é? Um gênio musical?” Rebato.

Ele ergue um ombro. “Tenho um ouvido melhor do que você. Não fique brava. Ou você nasce com isso, ou não tem jeito.”

Teria me enfurecido, mas não quero que ele saiba que consegue uma reação destas de mim.

Em seguida, ele continua. “Está maluca, se acha que vou te deixar escolher a música para qualquer um dos nossos programas.”

Agora isso sim tem o poder de me fazer virar todo o corpo naquele banco, para poder lhe dar um olhar que quer dizer “que merda você acabou de dizer?” Meu joelho está praticamente em cima de sua coxa enquanto me inclino na sua direção. Neste ponto, já toquei nele uma centena, ou três centenas, de vezes por dia e durante várias semanas. Aposto que seria capaz de identificá-lo em uma multidão apenas pelo cheiro. “O quê?”

Aquela boca rosada se contrai pela segunda vez naquele dia. “Você me ouviu. Nancy, os coreógrafos, e eu vamos escolher as músicas. Será perfeito.” Então sua boca se contrai novamente. “Confie em mim.”

Tenho que jogar a cabeça para trás e rir. “Ha!”

“Está tudo bem, Jasmine. Sempre escolho. A música é provavelmente mais importante do que a coreografia. Você quer ganhar, não é?”

É claro que quero ganhar, e honestamente, ele tem bom gosto para música. Seus arranjos sempre me surpreendem. São bons, mas não quero admitir isso. “Não há nenhum ‘eu’ em uma equipe, sabe disso?”

O filho da puta tem a coragem de piscar. “Mas há um ‘eu’ em ganhar, e se quer ganhar, tem que me ouvir.”

Engulo sofregamente. Então, dou risada, mesmo não querendo. “Isso não faz muito sentido, seu idiota. E pare de fazer essa coisa com seus olhos. Está me enlouquecendo.”

Aqueles ombros se elevam sem o menor pedido de desculpas, forçando as costuras de seu belo suéter, que nem preciso tocar para saber que é macio pra cacete. “Faz sentido para mim.”

“Porque você é um babaca. Você não é meu chefe. Nós somos parceiros. Não há nenhum ‘eu’ em uma parceria.”

Ele pisca novamente. “Podemos discutir sobre os trajes e a coreografia, mas vou escolher a música.”

Mas que pooorra.

Posso aceitar isso, mas o que direi? Apenas, ok? Realmente, nem me importo com a música. Posso patinar sem nada. Agora, os figurinos... "Você se lembra do seu figurino Chiquita Banana Mambo? Aquele pesadelo? Tenho certeza que escolheu alguém para fazer aqueles trajes sem ver seu trabalho antes. Já tenho alguém que vai fazer minha roupa."

Um músculo de sua bochecha se contrai por um segundo inteiro antes de parar, e ele ignora meu comentário sobre nossos figurinos. "Quem é o campeão nacional, mundial e Olímpico?" Ele tem a audácia de perguntar.

Dou uma cambaleada para trás. E então não consigo formular uma única palavra, porra. Nem mesmo aquela que começa com 'filho' e termina com 'uta'.

Até que aquele sorriso lento rasteja sobre sua boca.

Então eu sou capaz.

"Você é um *merdinha* irritante. Deus, meu desejo às vezes é dar um soco na sua cara. *Quem é o campeão?* Ah, cale a boca."

O que ele faz? Como reage? Ele ri. Ivan Lukov ri com vontade.

"Você provavelmente pagou os juízes com dinheiro da máfia russa", continuo; o que me rende outra risada tão alta que quase sorrio de volta para ele. Quando Karina e eu éramos bem mais jovens, um dia perguntei a ela como seus pais fizeram tanto dinheiro para poderem viver naquela mansão gigante, e ela disse que achava que os dois trabalhavam para a máfia. É claro que não trabalham, mas isso ainda me faz rir.

"Você apenas está com dor de cotovelo", ele solta depois de um momento. "Achei que fosse um mau perdedor, mas você consegue ser pior."

"Oh, por favor." Não sou eu que me livro dos meus parceiros quando eles cometem uma falha.

Mas não digo isso.

"Você provavelmente se senta no seu Tesla e chora toda vez que amassa uma de suas camisas."

Ivan solta outra risada que provavelmente ecoa no teto.

"Do que você está rindo? Não estou tentando ser engraçada", digo, observando-o perder a compostura pela primeira vez nos mais de dez anos que o conheço. O máximo que já vi dele foi um sorriso ou dois quando está com sua família, mais especificamente Karina.

Mas só.

Nem imaginava que ele soubesse rir... A menos que estivesse fazendo alguma merda, como sugar a alma das pessoas.

"Ah, isso é legal", uma nova voz se sobressai, quase se perdendo com o volume das gargalhadas de Ivan.

E assim, ele para, o som de sua risada sendo substituído pelo silêncio.

Nós dois olhamos para a porta ao mesmo tempo. Com certeza, há uma mulher lá parada, segurando uma pasta em uma mão e uma bolsa na outra. "Vocês não tem que parar por minha causa", ela diz, sorrindo.

Eu não digo nada, e nem Ivan.

Ela mantém o sorriso no rosto. "Desculpem-me pelo atraso", ela continua, sem oferecer uma explicação.

Se ela está esperando um "tudo bem" de minha parte, vai continuar esperando. Não suporto gente que se atrasa. Aparentemente, Ivan não é fã também, mas com o canto do meu olho, vejo quando ele sacode a cabeça. "Estamos prontos quando você quiser começar. Temos outros compromissos e não podemos ficar até mais tarde."

Ele tem algum compromisso também? Desde quando? Ele não tem um emprego. Eu costumava pensar que não faria nada, se tivesse a oportunidade de ficar em casa, mas a verdade é que provavelmente acabaria enlouquecendo sem nada para fazer. Mal consigo ficar parada por dez minutos.

Mas... o que diabos Ivan tem que fazer?

A outra mulher assente e começa a entrar na sala de descanso, segurando uma bolsa em cada mão. "Entendo, tudo que preciso é de um minuto para me preparar", ela diz enquanto deixa sua bolsa cair sobre a mesa entre o banco que Ivan e eu estamos sentados e as cadeiras que ficam no lado oposto. Ela deve estar em seus trinta e poucos anos, talvez até um pouco mais velha. Nunca fui boa em adivinhar a idade das pessoas, porque meus pais não aparentam a idade que tem. "Amanda Moore", ela oferece, empurrando sua mão em minha direção em primeiro lugar.

"Jasmine", respondo, segurando a mão e balançando-a levemente.

Ela faz o mesmo com Ivan, que diz:

"Ivan. Prazer em conhecê-la."

Prazer em conhecê-la? Que puxa-saco. Mas mantenho minha atenção na senhora a nossa frente, por mais que queira lançar um olhar atravessado na direção dele, não seria capaz de esconder minha cara de "você está cheio de merda."

Ela nos dá um sorriso tenso antes de começar a revirar sua bolsa. Tira um laptop, um pequeno dispositivo preto que deve ser um gravador, e um caderninho amarelo juntamente com uma caneta. “Um minuto”, ela diz, enquanto abre o laptop.

A perna de Ivan toca a minha debaixo da mesa, mas não olho para ele.

Não muito tempo depois, ao acomodar as coisas ao redor, a mulher nos dá outro sorriso tenso. “Ok, agora estou pronta.”

O idiota ao meu lado toca sua perna contra a minha mais uma vez. Desta vez, bato meu joelho contra a lateral da sua coxa, ao mesmo tempo em que cruzo as mãos e as coloco entre minhas coxas fora de vista. Não serei eu quem vai desmoronar. De jeito nenhum. Lee não terá chance de me repreender.

“Eu já agradeci a Sra. Lee por aceitar esta entrevista para o Ice News, mas quero agradecer a vocês dois também. Quando começaram os rumores de que você e Mindy não patinariam mais juntos, começamos a tentar adivinhar quem iria substituí-la”, a mulher chamada Amanda começa, seu olhar indo na direção de Ivan enquanto fala com ele.

Bom. Não sei o que pensam ou sabem sobre a situação de Ivan, além de que os detalhes devem continuar em segredo. Mas eles podem lidar com isso. Tudo que eu quero é competir.

“Então”, ela continua, olhando para seu caderno por um momento. “Vou gravar nossa conversa, se estiver tudo bem pra vocês dois.”

Balanço a cabeça, ao mesmo tempo em que Ivan diz, “Tudo bem.”

A mulher sorri. “Eu tenho aqui que vocês vêm treinando juntos no Lukov Ice Complex durante os últimos quatorze anos?” Ela me pergunta.

“Sim”, respondemos ao mesmo tempo. Ele está tentando responder por mim?

Ela sacode a cabeça. “E, Ivan, você está aqui desde que o lugar foi construído há vinte e um anos?”

“Sim. Antes disso eu morava e treinava na Califórnia”, ele responde como se tivesse respondido a essa pergunta inúmeras vezes no passado. Talvez porque tenha respondido mesmo.

A repórter volta sua atenção para mim. “Vocês dois se conhecem desde que você começou a frequentar o complexo?”

Eu posso fazer isso.

“Não”, respondo, tentando não pensar no quanto suas perguntas são bobas. Não é de conhecimento comum que Ivan faz isso a mais tempo do que eu? “Ele

estava mais avançado do que eu. Nós só nos encontramos cerca de um ano ou dois mais tarde." Ela não precisa saber que nós dois nos "conhecemos" na casa dele e não no LC.

A mulher me dá um pequeno sorriso. "Mas você é amiga íntima da família, não é?"

Arregalo os olhos. Como diabos as pessoas sabem disso? "Sim."

"Você frequentava a mesma turma que..." Ela faz uma pausa e olha para o laptop. "... Karina Lukov, a irmã de Ivan. Certo?"

Balanço a cabeça. Ao contrário de Ivan, seus pais não colocaram Karina na patinação artística até que fosse muito mais velha. Ela fez aulas de dança em vez disso. A única razão pela qual acabaram colocando-a na patinação artística foi porque Ivan ganhou um ouro no nível júnior e ela quis tentar. Sabe, uma vez que sua família já é dona de uma pista de gelo e tudo mais. Por que não? Eu havia sacudido minha cabeça na primeira vez que ela me contou essa história.

"Quanto tempo durou isso?" Amanda pergunta.

Felizmente, Ivan decide responder a essa pergunta. Eu não quero. Não quero nem que Karina seja mencionada em nossa conversa. Ela não gosta de qualquer tipo de atenção sobre si mesma, e respeito isso. "Minha irmã parou aos quatorze anos. Decidiu buscar outras oportunidades."

Será que sua voz está soando estranha ou é imaginação minha? Talvez ele não goste de falar sobre ela também.

"Mas vocês duas eram melhores amigas?" Ela me pergunta.

Balanço a cabeça novamente e não deixo de notar o olhar engraçado que a mulher me dá. Talvez ela queira respostas mais elaboradas do que monossílabas e acenos, mas isso é tudo o que vai conseguir até que eu tenha algo mais a dizer.

"Esta parceria já vem sendo fabricada há mais de uma década, então?"

Eu congelo. *Não olhe para Ivan. Não olhe para Ivan. Não...*

Seu joelho bate no meu, e só porque já estou familiarizada com sua voz — especialmente sua voz espertinha, mais do que qualquer outra — é que percebo como ela soa estranha, quase engasgada, um pouco rouca... anormal. "Sim, você pode dizer isso", ele responde devagar com aquela voz estranha.

Não vou rir. Particularmente não vou rir deste idiota. Então, tudo que faço é concordar com a cabeça. Lentamente. Muito lentamente.

Os olhos de Amanda Moore deslizam em minha direção para me ver concordando, e um pequeno sorriso cobre sua boca. "Tenho certeza que já viu

o vídeo que tem você dizendo algumas coisas para Ivan", ela aponta para mim. "Houve muitos feedbacks dos fãs dele, depois daquilo..."

Ela vai mesmo trazer isso à tona, não é? Ótimo. Agora, mesmo quem nunca ouviu falar desta história vai procurá-la.

Merda.

"... tudo não passou de brincadeira entre vocês então?" Ela continua.

Fico tensa. Tenho quase certeza que meus olhos estão praticamente saltando das órbitas, e o fato de que estou pressionando meus lábios, provavelmente está deixando a aparência do meu rosto ainda pior. *Cale-se. Não diga nada. Cale a boca.*

Então assinto. Lentamente, outra vez. Sentindo-me como se estivesse prestes a estourar pela mentira.

Ao meu lado, o imbecil, o completo idiota, bate sua perna contra a minha mais uma vez, e diz naquela voz entrecortada que não parece com a dele, "Sim. Nós brincamos o tempo todo."

Droga. *Droga*. Eu não vou rir. Eu não vou negar. Não posso.

Prometi a Lee que era capaz de fazer isso. Que poderia fingir que éramos amigos.

"Jasmine é maravilhosa", Ivan basicamente cospe; de alguma forma não explodindo em chamas ao pronunciar as palavras. "Tem muito senso de humor."

Minhas mãos estão fechadas e as unhas estão sendo cravadas na palma da mão para não reagir. Grande mentiroso de merda. Meu Deus. E ele chamou minha atenção por ser uma péssima mentirosa.

Limpo a garganta e estampo um sorriso que parece borracha derretida enquanto digo, "Ivan é muito legal", praticamente vomito, quase colocando a língua para fora no final, ao me lembrar de nossa recente conversa sobre termos em casa bonecos de vodu um do outro.

A perna debaixo da mesa bate no meu joelho, e é preciso todo meu autocontrole para não dizer uma única palavra, porque, obviamente, ele está pensando em algo similar. *Não ria. Não sufoque. Contenha-se. Seja profissional*. União e toda essa merda.

Mas as mentiras devem ser evidentes, porque a repórter quase imediatamente franze a testa e olha para Ivan — que não faço ideia qual expressão facial está estampando em seu rosto, porque posso acabar morta se eu realmente olhar para ele — e em seguida, olha para mim. "Tem alguma coisa engraçada?"

Com o canto do meu olho, posso ver Ivan sacudir a cabeça. “Não. Nada. Nós respeitamos e admiramos muito um ao outro.”

Meu Deus.

Meus ombros balançam por dois segundos até que consigo voltar a controlá-los.

Respeito e admiração. De todas as coisas que poderia ter dito, ele literalmente sai com isso. Desta vez, sou eu que bato contra sua perna por debaixo baixo da mesa.

Algo, que tenho quase certeza ser o dorso de sua mão, bate no meu antebraço escondido também.

“Muito respeito e admiração”, digo entredentes, mal conseguindo conter um engasgo ao concordar.

“Sempre fui um grande fã de Jasmine”, o idiota continua.

“Eu também’, falo, tentando sorrir de novo e provavelmente parecendo como uma serial killer. “Ivan é um cara muito simpático.”

Ela nos dá uma olhada bem humorada por um momento, decidindo deixar isso para lá ou acreditar no que estamos dizendo. Não me importo. “Quais são os pontos fortes que você mais admira na patinação de Jasmine?” A mulher pergunta.

“Ah você sabe...”

Eu nem sequer movimento meu joelho desta vez. Simplesmente, dou-lhe um chute. Direto na canela. Não muito forte, mas com força.

“Ela é uma atleta tremenda”, ele finalmente diz, batendo no meu antebraço novamente.

“E você, Jasmine, o que te atraiu para querer fazer parceria com Ivan? Além do fato dele ser o atual campeão mundial”, pergunta.

“O que mais haveria de ser?” Tento me safar com um encolher de ombros, escolhendo o caminho mais fácil, apesar de seu comentário ter me deixado bastante irritada.

“Sei que vocês não estão juntos há muito tempo, mas será que existe alguma coisa que gostariam de dizer para o outro, como uma crítica? O que seria?”

Assumo a resposta àquela pergunta realmente rápido porque não confio em Ivan. “Criticar esse cara?” Digo, batendo meu calcanhar contra o dele, levemente, como um aviso e um lembrete. “Oh, não há nada. Nada mesmo. Tudo que ele faz é... perfeito.”

Quase sufoco com o esforço necessário para proferir estas palavras.

O sorriso que surge no rosto da repórter é quase um holofote. “Isso é doce.”

O calcanhar de Ivan bate contra o meu.

“E você, Ivan? E sobre Jasmine?”

Ele bate novamente.

“Uma crítica? Jasmine é... muito simpática.”

A mulher pisca ao mesmo tempo em que eu. “Muito simpática?” Pergunta ela, nem mesmo me ofendendo, porque *sério mesmo*? Isso é o que ele vai dizer de mim?

Olho para ele, ao mesmo tempo em que ele balança a cabeça. “Sim. Muito simpática.”

Ela provavelmente nem estava esperando o “huh” que escapa de sua boca, porque aquilo sai tão rapidamente. Olho para ela e pisco. Então ela pisca também... como se não pudesse acreditar que o som havia deslizado para fora de sua boca.

Cadela.

Talvez eu não seja a pessoa mais amigável e doce do mundo, mas sou simpática.

Ou, como minha mãe diria, “quando eu quero ser.” Mas isso é minha mãe. Ela tem o meu amor e o merece. Pode dizer o que quiser para mim.

“O que você pensa sobre seu antigo parceiro e Mary McDonald anunciando que vão competir nesta temporada?” Ela pergunta do nada.

Só a menção de meu “antigo parceiro” e, em seguida, a o nome da cadela Mary McDonald, estraga completamente meu dia. Simples assim. Todo o meu corpo fica tenso.

Então, Ivan me chuta. Literalmente me dá um chute.

Mas isso me traz de volta à realidade. Só levo um segundo para organizar meus pensamentos e dizer, “Eu não acho nada sobre isso.” Talvez eu devesse ter dito que desejo-lhes boa sorte ou o melhor ou algo assim, mas não sou uma pessoa tão boa assim.

“É verdade que você não falou com ele desde sua última temporada juntos?”

Não vou mencionar aquela noite que telefonei para ele bêbada e muito chateada, logo depois dele me abandonar. Ele não atendeu, mas me aproveitei disso. Tenho a impressão que o chamei de cachorro fraco e nojento, mas... não estou completamente certa. Tudo o que sei é que não me arrependo de nada que saiu da minha boca. Seja lá o que disse, ele mereceu.

"Não, não nos falamos."

"É verdade que ele a comunicou sobre o rompimento por mensagem de texto?" Ela tem a coragem de perguntar sobre o boato que vem circulando há algum tempo por algum motivo que não posso entender. Nunca toquei neste assunto com ninguém além da minha família, então sei que isso não veio de mim.

Além disso, a verdade é... ele não me falou. Ponto. Descobri apenas quando foi anunciado que Mary e ele estariam treinando juntos na próxima temporada. Foi assim que descobri. Em um artigo. Dois dias depois que comecei nosso descanso programado de um mês.

Covarde de uma figa.

"Podemos falar sobre Jasmine e eu em vez disso? Pensei que a Treinadora Lee tivesse mencionado que não gostaríamos de falar sobre nossos antigos parceiros", Ivan interrompe de repente, seu tom com aquela entonação de merda que normalmente não posso suportar.

… até este momento.

O rosto da mulher fica vermelho e ela balança a cabeça rapidamente. "Sim, com certeza." Mas não se desculpa por trazer à tona um tópico que haviam lhe pedido para não mencionar. Não sabia que haviam feito isso, mas aprecio. Muito mais do que pensei que o faria. "Quais são suas expectativas para esta temporada?" A mulher continua, sem perder tempo.

"Nós vamos nos sair bem", Ivan responde, quase imediatamente. "Mais do que bem."

"O que você quer dizer com isso?"

O calor e os músculos de sua coxa totalmente descansam contra minha perna, mas não me mexo. "Isso significa que não espero que essa temporada seja diferente de qualquer outra temporada anterior."

Os olhos da mulher se arregalam. "Você acredita nisso?"

Estou olhando para ele quando vejo seu aceno lento. "Eu sei que sim."

"Você não está deixando essa temporada de lado?"

Mal sabe ela que nós temos apenas uma temporada juntos. Não tenho tempo de sobra.

"Não."

"Você está confiante?" Ela pergunta com um sorriso divertido em seu rosto, como se adorasse a confiança dele. Ugh.

"Sim", Ivan responde imediatamente.

Ela inclina a cabeça para o lado como dizendo "tudo bem" e olha para mim. "O que você acha? É possível?"

Talvez normalmente eu faça uma piada, mas ela já me insultou mais do que mereço. Então não faço isso. "Acho que Ivan é um dos melhores competidores neste esporte. Acho que já aprendi muito com ele, e que vou continuar aprendendo muito com ele."

Droga, isso soa bem. Até mesmo eu quase acredito.

"Mas você acha que é possível pular o período de aprendizagem?"

"Sim." Pelo menos espero que sim. Mas ninguém acreditaria em alguém que parecesse hesitante.

Seus olhos se estreitam. "Acha que será capaz de superar o nervosismo que te atormentou no passado?"

Ela volta pra essa merda condescendente tão rápido? Maldição.

Seja melhor. Seja melhor. Seja melhor. Você consegue.

"Acho que tenho um parceiro em quem posso confiar, então tenho muito menos preocupações em minha mente", digo lentamente, olhando-a nos olhos enquanto digo isso para que saiba que não vou fingir que ela está sendo educada quando com certeza, não está. Porra.

"Então você acha que seus problemas no passado são por causa de..."

A mão de Ivan sobe para seus cabelos. "Podemos focar em Jasmine e em mim, em vez disso?" Ele dá uma piscadela. "Por favor."

"Eu não..."

"A culpa é minha", digo rapidamente. "Não deveria dizer isso. Não sei se serei capaz de superar meu nervosismo, mas me sinto mais confiante comigo mesma do que me sentia no passado, e acho que parte disso é por causa do histórico e dos recordes de Ivan. Espero que acabe me contagiando." Vaca.

A mulher faz uma cara de quem não acredita em mim... mas baixa os olhos para suas perguntas. "Ok. Podemos mudar de assunto e passar para outro tópico. Que tal um jogo de vinte perguntas?" Ela vira os olhos para Ivan. "Se isso for conveniente."

Pisco, mas ao meu lado Ivan responde, com uma voz quase hesitante, "Ok."

"Vai ser divertido", ela acrescenta como se estivesse tentando nos convencer de que não será uma tortura.

Provavelmente tenho uma visão diferente da dela sobre o que é divertido, mas tudo bem. Enquanto as questões não envolverem Paul e a cadela de sua

parceira, ou sobre eu ser ter sido ferrada, acho que sou capaz de continuar. Balanço minha a cabeça.

"Vocês não são parceiros há muito tempo, mas como já se conhecem de longa data, isso vai ser divertido", ela sorri.

Ivan me chuta.

E eu o chuto de volta.

Porque uma coisa é fingirmos que nos damos bem e outra coisa é a gente se conhecer.

"Ok", a mulher continua, olhando para o laptop.

Dou uma olhada em Ivan, mas ele já está me observando.

Que porra é essa? Eu dublo.

O homem que nunca vi ficar afobado, dá de ombros. *Adivinha*, ele faz de volta com a boca.

"Ok, eu tenho uma boa", ela anuncia totalmente alheia a nossa troca de perguntas sobre como diabos estamos prestes a passar por isso, enquanto mantém os olhos na tela e digita alguma coisa. "Qual é a cor favorita de Ivan?"

Olho para Ivan e faço uma careta. "Preto", respondo e sem emitir som, acrescento *como seu coração*.

Ele revira os olhos.

"Isso é verdade?" A outra mulher pergunta, movendo o olhar do computador de volta para nós.

"Eu não tenho uma cor favorita", Ivan responde.

"E qual a cor favorita de Jasmine?" Ela pergunta.

Ele olha para mim, ao mesmo tempo em que a mulher olha para longe, "Vermelho." Em seguida, acrescenta *como o sangue das criancinhas que você come.*

Eu não vou rir.

Não vou rir.

Especialmente quando ele parece tão satisfeito consigo mesmo. Idiota. Bundão.

Então, ele tem a coragem de piscar, e preciso me forçar a olhar de volta para a mulher em seu lugar. Eu o chuto depois de meio segundo.

"Será que ele acertou?" Ela me pergunta, olhando por cima.

"Não. É rosa", balanço minha cabeça.

"Rosa?" Ele resmunga ao meu lado.

Olho para ele com o canto do meu olho. "Sim. Por que isso é tão estranho?"

"É só que..." Ele pisca, então pisca um pouco mais. "Acho que nunca vi você usar rosa."

Por que diabos ele notaria isso ou prestaria atenção ao que eu visto? Eu me pergunto. "Não uso mesmo. Ainda assim é minha cor favorita."

Sua testa franze, mas tudo que ele diz é, "Oh."

O que me ofende. "É meio divertido", explico, provavelmente soando um pouco áspera.

Tudo o que ele diz é um "Oh" novamente.

"O salto favorito de Ivan?" A mulher continua.

"O Lutz triplo." Essa é fácil.

"É isso mesmo", o homem ao meu lado concorda.

"O favorito de Jasmine?"

Ivan não hesita. "Fácil. O 3L."

"Podemos esperar alguns triplos Lutzes no futuro?" Amanda pergunta.

Nós nos entreolhamos, e eu digo, "Sim."

"Sim", Ivan responde ao mesmo tempo.

Ela assente enquanto olha para a tela. "Qual a comida favorita de Ivan?"

Gesticulo com a boca um *babaca* para ele, mas, digo em voz alta, "Escargot." Por nenhuma outra razão, além de que parece ser extravagante.

Ele não espera nem mesmo um segundo antes de soltar um som sufocado. O que ele também faz é acertar minha perna com a sua. "Não."

"Não?"

"Não", ele insiste. "Porque você pensaria isso? Não."

Pressiono meus lábios e encolho os ombros.

"Pizza."

Olho para o corpo ao lado do meu. Seu suéter está bem recheado, mas não tão robusto. Não há gordura corporal naquele homem. Ele é todo elegante e musculoso, sólido como rocha, com braços e pernas longas. Não é um corpo que conhece pizza.

"Não olhe para mim desse jeito", ele diz, usando o mesmo tom de voz que provavelmente havia usado quando ele não acreditou que eu gostava de rosa.

"Que tipo de pizza?" Pergunto meio que esperando ele dizer alguma porcaria sem gordura.

Ele pisca para mim, e por um segundo, posso jurar que é capaz de ler minha mente. "A boa e velha, Pepperoni."

É minha vez de dizer "Oh."

E ele sabe o que significa, porque levanta as sobrancelhas.

"E Jasmine? O que ela gosta de comer?"

O idiota ao meu lado não perde um instante. "Bolo de chocolate."

Como diabos ele sabe disso?

"É verdade?" A mulher pergunta.

Estou tentando não olhar para ele, como se ele fosse maluco por saber uma coisa destas, e de alguma forma, consigo assentir. Provavelmente, ele apenas adivinhou, uma vez que bolo de chocolate é a coisa favorita de Karina também.

"Se Ivan não fosse um patinador, o que mais ele poderia fazer?"

Preciso fazer uma pausa. Ivan não ser um patinador? Não consigo nem imaginar isso como alternativa, nem mesmo em algum universo alternativo. Pelo que Karina me contou quando éramos adolescentes, ele patina desde os três anos. Seu avô o levou a uma pista de gelo, e foi amor à primeira vista. Patinar tornou-se sua vida. Ela me disse uma vez que ele nunca teve uma namorada. Até houve algumas meninas com quem saiu algumas vezes, mas nada sério. Não quando há algo que ele ama mais.

Eu entendo. Realmente entendo isso.

Não que jamais vá admitir que temos algo em comum, mas entendo. Já tive alguns namoros curtos, mas nada sério; alguns anos atrás. Um deles foi o cara que escolhi para finalmente perder minha virgindade no banco de trás do seu SUV quando estava com dezenove anos, e o outro foi um jogador de beisebol que era parecido comigo: estava mais focado em sua carreira. Qualquer outro cara com quem já saí, resumiu-se a um encontro e apenas isso.

Nada e nem ninguém jamais ficará entre mim e meus sonhos.

E imaginar Ivan não dominando o gelo é uma realidade que não consigo compor, porque ele é igual a mim neste aspecto. Apenas mais maligno. Bem, chato e maligno.

"Não posso vê-lo fazendo qualquer outra coisa", obrigo-me a responder honestamente, infelizmente.

Ao meu lado, ele encolhe os ombros, como se também não tivesse ideia do que mais poderia fazer.

Amanda deve ter visto isso porque ela então pergunta, "E quanto a Jasmine?"

Não há hesitação antes de sua resposta, "Não há nada mais."

"Não há mesmo", confirmo, e tento afastar este lembrete de que não há um plano B para mim. Já surtei com isso o suficiente. Não preciso pensar nesta

realidade mais do que já fiz. Olho para Ivan apenas para encontrá-lo olhando para mim com uma expressão de satisfação em seu rosto estúpido e perfeito.

Então o filho da puta dubla *A Ceifadora Mortal*.

Nem me incomodo em revirar meus olhos.

"Se Ivan pudesse escolher uma pessoa viva ou morta para conhecer, quem seria?" Ela pergunta.

Minha vontade é dizer Jeffrey Dahmer, aquele famoso serial killer que matou dezessete pessoas, mas como Amanda está olhando para mim, acabo indo com, "Jesus."

Há uma pausa e depois um "Correto."

Guardo meu sorriso para mim. Ele é tão cheio de merda.

"E quanto a Jasmine?'

Olho para ele, observando sua expressão pensativa antes de responder, "Stephen King."

Sequer espero a mulher me perguntar se é verdade, em vez disso, franzo a testa enquanto solto, "Por quê?"

"Ele escreveu o seu livro favorito."

Pisco.

"Misery: Louca Obsessão."

Ele não deve saber que na verdade eu não leio. Pego audiobooks da biblioteca, mas isso é o máximo que faço. Mas não posso corrigi-lo, então tudo que faço é balançar a cabeça e dizer, "Hum, hum." Preciso procurar este livro mais tarde ou pedir ao marido da minha mãe. Ele lê bastante.

Amanda está com um olhar engraçado em seu rosto, mas ela continua. "O que Ivan curte mais: livros ou revistas?"

"Revistas."

"E quanto a Jasmine?"

"Livros de imagens." Ivan ri.

Pisco para ele, sentindo algo feio e defensivo dentro do meu peito. "Por que livros de imagens?" Pergunto a ele, com a feiura crescendo dentro de mim enquanto me preparo para o pior.

Ele sorri. "Acho que nunca a vi lendo qualquer coisa. Minha irmã normalmente lê tudo, até cardápios para você."

Fico corada e tenho a sensação de que tudo, desde meu umbigo até o topo, está vermelho escarlate com a porra deste seu comentário. Karina sempre lê as coisas para mim. Eu nem sequer preciso pedir, ela simplesmente sempre fez

isso. Não sinto vergonha quando ela o faz, porque não age assim por pena, mas porque é mais rápido do que se eu precisar ir devagar e ler tudo no meu tempo.

Mas nunca havia percebido que alguém prestava atenção, julgando-me e fazendo suas próprias suposições sobre isso. Ele não é a primeira pessoa, mas...

Não gosto disso. De jeito nenhum.

Engulo em seco e disparo meus olhos de volta para Amanda, dando-lhe uma expressão tensa enquanto encolho os ombros. "Gosto de audiobooks", corrijo.

"Eu também", ela concorda rapidamente.

Não há motivos para me envergonhar, digo a mim mesma pela milionésima vez desde que fiz quatro anos. Já percorri um longo caminho. Não há nada de vergonhoso em ter uma dificuldade de aprendizagem. Nada mesmo. Foi necessário muito trabalho para chegar até onde estou hoje na leitura... mas ainda preciso de bastante tempo; que é o que me deixa mais frustrada. Não gosto de ler, porque demoro demais. Não amo sequências numéricas também. Aprendo as coisas ouvindo e fazendo. Não sou estúpida.

E com certeza não gosto que Ivan, sobre todas as pessoas, faça uma piada sobre esse assunto.

Não gosto nada mesmo e por isso não olho para ele novamente depois disso. Não pelos próximos vinte minutos, enquanto mal respondo com apenas uma palavra, quando consigo me livrar com isso. Deixo Ivan direcionar a conversa e responder a quase tudo. Ela fica longe de mais perguntas sobre o meu ex e mantém um tom leve.

Em um ponto, Ivan bate sua perna contra a minha duas vezes, mas não o atinjo de volta. Não estou a fim.

Quando o tempo acaba e meu telefone toca, dizendo-me que a hora reservada para a entrevista acabou, Ivan se levanta, batendo o cotovelo contra o meu para que faça o mesmo. E eu faço. Mas não olho para ele enquanto me levanto. E odeio isso também.

"Foi bom conhecê-la", Ivan diz, trocando um aperto de mãos.

Eu só balanço a cabeça e aperto a mão dela também. "Obrigada", murmuro, soando como uma idiota, mas não ligo.

Nunca esperei que Karina contasse a alguém que tenho problemas com... estas coisas. Uma vez, minha mãe até sugeriu que eu contasse a todos sobre minha dificuldade de aprendizagem, mas não quis. Não, porque não quero que as pessoas tenham pena de mim. Já tive o suficiente quando mais jovem e todos

descobriram porque eu tinha tanta dificuldade em aprender o alfabeto, e depois, em ler e escrever. Nunca deixei minha família me tratar de forma diferente por causa disso. Minha mãe costumava dizer que eu preferia virar a noite estudando a ter que pedir ajuda a alguém.

Ivan sai do banco, e sigo logo atrás dele. Mas ele fica parado ao lado da mesa, e passo completamente em volta dele, dirigindo-me para a porta e saindo. Minha mão imediatamente vai para o pulso, e dou uma girada na minha pulseira. *Não há motivos para estar brava. Ele não chamou você de burra. Não disse que você não sabe ler.*

Ele estava apenas brincando com você. Da mesma forma você brinca com ele, e ele não fica reclamando ou chorando por causa disso. Não seja boba. Não fique toda sensível e cheia de histórias. Você já ouviu coisa pior.

E já ouvi mesmo.

Então, por que estou tão brava, e talvez um pouquinho... ferida?

"Meat... Jasmine", a voz familiar de Ivan chama de algum lugar atrás de mim.

Não paro porque tenho um compromisso e não porque estou fugindo dele. "Preciso ir pro trabalho", respondo sobre meu ombro, sem parar.

"Espere um segundo."

Levantando minha mão direita, vendo aquele D vermelho nela; estremeço e aceno de qualquer maneira. "Eu te vejo de tarde", digo antes de virar no final do corredor que leva para o vestiário. Corro para dentro, porque realmente preciso chegar ao trabalho, não porque estou evitando o que diabos sairá da boca de Ivan.

Deus, sou uma franguinha.

Por que simplesmente não falei com ele?

Felizmente, há apenas outra pessoa no vestiário naquele momento, e ela e eu nos entreolhamos, mas é isso. Abrindo meu armário, pego a bolsa e tiro minha roupa de trabalho, desodorante, maquiagem e lenços umedecidos. Mas é a luz verde piscando na tela do telefone celular que me faz parar. Pego meu telefone e o desbloqueio, apenas para descobrir que tenho duas mensagens de textos esperando por mim.

Uma delas é do meu pai.

Mandei uma msg pra vc na semana passada. Chego em setembro. Espero conseguir ver vc.

Aquela sensação estranha que senti antes na sala de descanso passa pela parte superior do meu corpo novamente, mas tento afastar tudo. Digito **OK** e clico em enviar, sentindo-me um pouco culpada por não ter enviado nada a mais. Mas então rolo para cima e vejo que a última mensagem dele foi há quatro meses, e de repente, não me sinto tão mal.

Então verifico a próxima mensagem, e vejo que é da minha mãe.

Boa sorte com sua entrevista. Não fique impaciente, não faça caretas, ou revire os olhos se houver uma câmera. Não diga palavrões.

Isso traz um sorriso ao meu rosto que substitui a dor, e digito de volta um **Tarde demais**...

Nem mesmo trinta segundos depois, enquanto estou procurando minhas meias e sapatos de trabalho, meu telefone vibra com outra mensagem da minha mãe.

Mamãe: Não conheço você.

Capítulo 8

"NÃO QUE ME IMPORTE, mas você está com raiva de mim?"

Acabei de dar uma volta em torno do gelo para aquecer, após minha sessão de uma hora de alongamentos, quando Ivan começa a patinar ao meu lado, lançando-me sua pergunta idiota.

"Não." Respondo sem nem sequer me preocupar em olhar para ele.

"Não, você não está brava?" Pergunta.

Com o canto do olho, posso ver o contorno do casaco de zíper que ele está vestindo por cima e a calça de agasalho azul marinho enfiada em seus patins pretos. Por que ele sempre tem que se vestir como se isso fosse importante? Ugh. Estou vestindo minhas roupas habituais — legging desbotada e camiseta velha de mangas compridas e meio esburacada. A coisa boa sobre não ser uma pessoa alta é que não perco roupas por crescer demais em mais de uma década.

"Não", repito.

Ele não diz nada por um segundo enquanto se mantém ao meu lado dando outra volta, ganhando um pouco mais de velocidade do que na primeira. "Não mais?"

Por que diabos ele está me perseguindo? Não viu meu rosto no dia anterior, e não acho que agi como se tivesse alguma coisa errada.

Agi?

Então me lembro de seu comentário "não que eu me importe" e reviro os olhos. "Não, nunca estive brava com você, para começar."

"Não fiz nada para você ficar brava."

"Ok", respondo rapidamente.

Há uma pausa. "Você não está brava?"

Se eu estou brava? Não. Ele fez piada sobre uma coisa que me incomoda muito? Sim. Isso lhe diria que ele acertou um dos poucos pontos sensíveis e que me magoam, mas dizer-lhe isso pode fazê-lo apenas zombar ainda mais de mim.

Porque é isso que nós fazemos, e a única pessoa que posso culpar é a mim mesma. E a ele. Construímos essa base para nosso... relacionamento ou trabalho, seja lá como podemos chamar isso.

"Não", digo. Com os olhos ainda focados à frente, jogo suas palavras de volta. "Eu teria que me importar com o que você acha, para ficar brava."

Ele olha para mim por cima do ombro, não respondendo enquanto terminamos outra volta em torno da pista de gelo, que é completamente nossa agora cedo. Ontem à tarde, fomos direto ao treino. Se o ignorei mais do que o habitual? Não. Apenas o tratei como senti ser necessário: como se tivéssemos apenas um tempo limitado para fazer nossas coisas e como se precisasse dar o melhor de mim.

"Isto é apenas por um ano", ele me lembra de repente, como se eu tivesse esquecido.

Não me incomodo nem mesmo em revirar os olhos. "Sim, ouvi isso da primeira vez que você mencionou, cabeção."

"Só quero ter certeza que você não está esquecendo", ele acrescenta naquele tom exasperador.

"Como poderia, quando você me lembra a cada dois dias?" Devolvo antes que consiga evitar. Preciso parar. Sei no que estou me metendo.

Isso o faz olhar para mim. "Alguém está sensível."

Reviro os olhos. "Você está me enchendo, dizendo algo que já sei e não esqueci. Não estou sendo sensível."

"Você está sendo sensível."

"*Você está* sendo sensível."

"Tudo que estou fazendo é garantir que você não fique decepcionada mais tarde", ele diz, em um tom blasé, estranho e áspero, que faz com que eu pare de patinar para poder realmente dar uma boa olhada nele.

"De que diabos você está falando?" Faço uma careta, vendo que ele para um momento depois de mim e se vira em minha direção. Gostaria que não fosse muito mais alto do que eu. É irritante como ele literalmente coloca a ponta do seu queixo para baixo ao olhar para mim.

"Você me ouviu", ele diz em um tom que faz minhas mãos coçarem.

"Por que diabos eu ficaria desapontada?" Provavelmente meus olhos já estão saltados das órbitas ou a caminho de ficarem assim.

E o babaca pisca. "Por não continuar sua parceria comigo por mais tempo."

Olho para ele, achando que é uma brincadeira, mas conhecendo o ego que aquele homem tem; possivelmente aqueles são realmente os pensamentos fodidos que passam por sua mente. “Vou ficar bem, Lúcifer. Não se preocupe comigo. Não vou ficar assim *tão* apegada a você. Sua personalidade não é tão incrível.”

Não fico surpresa quando ele realmente parece ofendido. “Você sabe, há um monte de pessoas que gostariam desta oportunidade.”

“Sim, e há um monte de pessoas que apreciariam esta oportunidade, mas sabem que você não põe ovos de ouro, amigo.”

Suas pálpebras recobrem os olhos azuis quase transparentes. “Ovos de ouro?”

“Sim, você nunca ouviu falar da Mamãe Gansa?”

Ele pestaneja. “Um livro de ilustrações?”

Isso limpa minha expressão, pelo menos até estreitar meus olhos para ele. “E qual o problema se eu gostar da merda dos livros de imagens e se sua irmã lê os cardápios para mim?” Solto, antes que consiga me lembrar de não remexer nisso tudo.

Ivan parece rebobinar algo em sua mente antes de piscar. Então, ele balança sua cabeça. “Eu sabia que você estava brava. *Sabia*.”

Droga. “Não estou brava, cabeção.”

Ele balança a cabeça morena. “Você literalmente gritou comigo menos de quinze segundos atrás.”

Pestanejo, fechando minha mão em punho, mesmo sem perceber. “Porque você me dá nos nervos.”

“Sobre eu falar que você gosta de livros ilustrados. Já disse coisas piores e você não deu a menor bola, mas...”

Ele está certo? Claro que está. Vou admitir isso? De jeito nenhum.

“Eu não estou brava”, repito, tentando dizer a mim mesma para me acalmar e deixar isso para lá. Para não deixá-lo vencer, não deixa-lo por cima, porque não vale a pena. Não vale. Não mesmo.

“Você está brava”, ele insiste.

Deslizo um olhar em sua direção. “Não, eu não estou.”

“Sim, você está”, ele continua, não percebendo que está me irritando mais e mais... ou talvez ele saiba e simplesmente não se importe. Foi Ivan. Poderia ter sido qualquer um. “Você não é a primeira mulher a mentir e dizer para mim que não está brava quando está muito emputecida.”

Qualquer dia destes vou acabar acertando-lhe um golpe e será merecido.

Mas só posso fazer isso quando não estivermos em público. Não posso esquecer este detalhe.

"Não me compare com suas ex", digo com os dentes cerrados.

Algo estranho passa em seu rosto rapidamente, e desaparece com a mesma rapidez, de forma que penso que posso ter imaginado. Mas não.

Antes que ele possa me abastecer com mais alguma besteira ou tentar levantar suas ex-namoradas ou ex-parceiras ou quem diabos ele esteja se referindo, continuo, "Não me importo com o que você pensa sobre mim, Ivan. Se me importasse, então seria uma história diferente, mas não estou nem aí. Não há nada que você possa me dizer e que vá ferir meus sentimentos."

Desta vez, seu piscar de olhos é diferente. Mais lento. Mais longo. Mas ainda só dura cerca de três segundos antes que sua expressão facial volte ao normal, e ele diga, "Conheço você suficientemente bem."

"Você não sabe de nada", interrompo.

Mas este homem nunca recua, e duvido que um dia vá fazê-lo. Ele me olha por um momento, inspira fundo, em seguida, solta o ar. "Eu te conheço melhor do que pensa."

É minha vez de inspirar e expirar lentamente. Não importa o que ele pensa, digo a mim mesma. Não importa. Eu não me importo. Sei que isso tem tempo de validade. Um ano. A possibilidade de ganhar. A possibilidade de conseguir um parceiro permanente depois.

"Não. Você não conhece", afirmo, certificando-me que minha expiração seja agradável e suave, em vez de agitada. A última coisa que quero é que ele saiba que tem qualquer tipo de influência em mim.

"Deixo vocês dois sozinhos por quatro minutos e já estão discutindo", a voz familiar da Treinadora Lee atravessa o gelo, vinda de seu lugar perto dos painéis, enquanto remove seus protetores de patins para se juntar a nós no gelo. "Vocês dois vão se dar bem algum dia?"

Ivan diz, "Sim", ao mesmo tempo digo, "Não", dando-lhe um olhar azedo enquanto respondo.

Treinadora Lee suspira, nem mesmo levantando seu olhar. "Esqueçam minha pergunta. Vamos começar?"

EU DEVERIA SABER QUE HOJE seria o dia em que isso aconteceria, penso comigo mesma quando viro a chave na ignição e não ouço nada. Sem sinal do engasgo do motor tentando ligar. Nada. Apenas um clique.

"Maldição", assobio batendo os antebraços no volante e sibilando. "Puta-que-o-pariu-caralho-merda-porra. *FODA-ME*!"

Por quê? Por que isso tinha que acontecer? Se começasse a chorar bem ali acho que seria totalmente compreensível.

Estou cansada. Meu tornozelo, punho e joelhos doem de Ivan me lançar para o ar na porra do gelo enquanto exercitamos nossos twists — o que significa que ele me atirou no ar, enquanto tentava dar pelo menos três voltas no alto, e depois ele me pegava de novo no caminho para baixo. Ele só me deixou cair três vezes, mas parece que foi mais do que uma dúzia. Ele me soltou o dobro disso sobre os colchões, se não mais.

Tudo o que quero é ir para casa. É sábado à tarde, cedo demais para que alguém já tenha chegado ao LC para as aulas vespertinas ou noturnas, e é minha noite livre, sem pilates e sem as corridas que venho fazendo várias vezes por semana, geralmente com meu irmão, que mal começou a me perdoar por não ter lhe contado sobre Ivan. Será minha noite para jantar sem pressa para ir para cama ou para fazer um banho de gelo, ou seja, lá o que mais eu tenha para fazer.

E tudo que quero é comer a lasanha e o bolo de chocolate que minha mãe falou que vai fazer. Estou sonhando com os pãezinhos de alho do marido dela durante os dois últimos dias, desde que me avisou que sábado seria *o dia* e para que assim, eu pudesse planejar minhas outras refeições em torno de carne vermelha e queijo.

E estou presa aqui.

É claro que ficaria encalhada.

Buscando o telefone dentro da bolsa, tento pensar em quem posso chamar. Acabei declinando da assistência na estrada do meu seguro porque está muito caro. Posso ligar para meu irmão mais velho, mas de acordo com as mensagens de chat em grupo de mais cedo, naquela manhã ele partiu em uma viagem para fora da cidade com uma garota com quem vem saindo. Jonathan me dirá para procurar o que fazer no YouTube, e o marido da minha mãe é inútil com carros. Minha mãe, porém, dirá para eu ligar pro meu tio, que tem sua própria oficina mecânica e um caminhão de reboque.

Assim…

Rolo através de meus contatos para o número certo e clico em ligar. Três toques mais tarde, sua voz baixa vem do outro lado, “Baby girl, como vai?”

Não posso deixar de sorrir. Ele e meu avô são os únicos que sempre me chamaram de coisas assim. “Oi, tio Jeff. Estou indo e você?”

“Ainda lutando, querida.”

“Sinto muito te incomodar...”

Ele solta uma risada abafada. “Quantas vezes eu já não disse que você não incomoda? O que está acontecendo?”

“Meu carro não quer ligar”, digo a ele imediatamente. “O motor não está girando; há apenas um som de clique. Não deixei o farol aceso.”

Ele faz um zumbido. “Quantos anos tem sua bateria?”

Merda. “Não faço ideia.”

Ele ri. “Provavelmente é sua bateria, mas eu gostaria de dar uma olhada nisso. Os terminais podem estar corroídos, e eu poderia limpá-los para você, mas não tenho como saber até dar uma olhada. O problema é que estou em Austin hoje e amanhã. Onde você está?”

“Estou no estacionamento do Lukov Complex”, respondo.

“Você pode deixar seu carro aí até eu voltar para cidade amanhã?”

Amanhã... Tudo o que tenho que fazer é sair para dar uma corrida, fazer uns alongamentos e algumas compras semanais. Posso pedir emprestado o carro da minha mãe para isso. “Sim, posso deixá-lo aqui.”

“Ok faça isso. Amanhã vou até aí, dou uma olhada e depois entro em contato pra avisar o que tem de errado. Tudo bem?”

É isso ou pagar um caminhão de reboque que vai custar centenas de dólares, que preciso para outras coisas, para rebocar meu carro para casa ou para sua oficina, que já estará fechada agora, de qualquer jeito. “Está bem. Obrigada. Sinto muito incomodá-lo.”

“Garota, o que acabei de dizer? Você nunca incomoda. Vejo você amanhã, docinho. Será começo da noite, então, mantenha aberta para mim sua agenda sempre ocupada. Já é hora de eu passar para ver sua mãe de qualquer maneira. Já faz tempo suficiente e é preciso que alguém a lembre que parecia um troll debaixo da ponte antes de atingir a puberdade”, ele ri.

Eu sorrio. “Você é o único que pode fazer isso. Ela quase bateu em minha bunda na última vez que disse a ela que talvez tivesse uma ruga no seu rosto.”

Ele ri mais. “Tudo bem, falo com você amanhã. Desculpe mais uma vez não poder ajudá-la hoje.”

"Está tudo bem. Tchau, tio Jeff."

"Até logo, Jasmine baby", ele diz antes de desligar.

Eu me sinto melhor quando desligo o telefone.

E então lembro que ainda preciso dar um jeito de voltar para casa.

Puta Merda.

Abro a porta, saio do carro e dou a volta até o outro lado enquanto decido quem vai me dar o menor sermão se eu pedir uma carona. Estou abrindo a porta do passageiro para pegar minha bolsa, debatendo se Ruby ou Tali são as melhores opções quando um carro buzina. Ignoro enquanto pego a bolsa, jogando-a sobre o ombro, fecho a porta com meu quadril e ouço o som de um carro buzinando outra vez. Isso me faz olhar sobre o ombro... e imediatamente me arrependo.

Porque em um carro preto com linhas elegantes e com a janela do lado do motorista baixada está um rosto que conheço muito bem.

"Quer alguns doces, pequenina?" O idiota pergunta, apoiando seu antebraço na janela e empurrando seus óculos escuros de armação preta para o alto, até o topo de seu cabelo igualmente escuro.

Piscando, dou um passo para trás e deixo minha bunda descansar contra a porta do passageiro do meu Subaru cor de mostarda. "Não de você", respondo, encarando aquele rosto, com quem tanto me esforcei para não conversar durante toda à tarde.

Ele não vacila ou muda sua expressão, apenas levanta as sobrancelhas. "Precisa de uma carona?"

Como diabos sabe que preciso de uma carona?

"Vi você entrar em seu carro e começar a esmurrar o volante", ele continua como se soubesse o que eu estava pensando. "Não tenho quaisquer cabos de ligação."

Claro que ele não tem. Seu carro não tem nem um ano. Seu carro anterior era um BMW azul escuro que com certeza não tinha mais de três anos.

"Entre", ele continua.

"Eu…"

"Vou te dar uma carona. Pare de pensar demais. Você nem precisa me pagar."

Oh Deus. Eu o odeio. Eu o odeio ainda mais quando ele sorri como quem se acha hilário.

Posso ligar para Jojo, Tali, Ben, James ou Ruby. Qualquer um deles viria me buscar. Sei que sim. Mesmo que já estivessem na casa da minha mãe.

"Você realmente quer esperar aqui até que alguém venha buscá-la?" Ele pergunta, levantando as sobrancelhas novamente.

Ele tem razão.

Mas também não quero entrar no carro com ele, então...

"Entre, perdedora."

E isso me faz piscar. "Você acabou de citar..."

"Não tenho o dia todo. Vamos. Você não quer esperar, eu também não", ele conclui antes de apontar com a cabeça para o assento do passageiro.

Merda.

Dois outros carros pararam no estacionamento enquanto estávamos discutindo, e posso ver as famílias descendo de seus veículos. Quero continuar ali argumentando com Ivan enquanto as pessoas nos observam? Talvez. Mas disse que melhoraria e que poderia continuar com essa fachada, então...

"Tudo bem", murmuro, totalmente consciente de que estou soando como uma pirralha ingrata e me sinto só um pouco mal por isso. Dou um passo em direção ao seu Tesla e depois paro, estreitando meus olhos para ele. "Você promete que não vai me matar?"

Ele sorri. "Posso prometer que se o fizer, será de forma rápida e indolor."

Pedi por isso.

"Vou tirar uma foto da sua placa. Assim, se meu corpo aparecer, procurarão meu DNA no seu carro."

"Tenho água sanitária", ele devolve imediatamente.

Por que ele está sendo... não *legal*, mas mais... não completamente idiota?

Faço uma careta em sua direção enquanto dou a volta pela parte de trás do carro para tirar uma foto de sua placa, porque, embora realmente saiba que Ivan na verdade não vai me matar, alguém deve saber onde estou. Pelo menos, isso é exatamente o que diria às minhas irmãs para fazerem se estivessem em minha posição. Você não pode confiar em ninguém.

Voltando para frente do carro depois de enviar uma foto da placa para minha mãe, porque se tem alguém que moveria o céu para me recuperar esta pessoa seria aquela mulher, entro no carro, deposito minha bolsa no chão e depois ajusto o cinto de segurança.

Então, revirando-me internamente, volto meu corpo na direção de Ivan e obrigo-me a colocar um quase sorriso no rosto e murmuro educadamente um

"Obrigada", como se cada palavra estivesse sendo arrancada da minha boca com um alicate.

"Você não parece muito animada", ele responde e então sorri. "Debaixo de qual ponte você vive e como chegamos até lá?"

"Não te suporto."

Ele ri e deixa cair os óculos de sol sobre a ponte do nariz, girando para olhar em frente. "Para onde?"

Franzo o nariz, mas dou-lhe as instruções para partirmos, observando em silêncio enquanto ele vira para um lado e depois para o outro, antes de dirigir o silencioso e belo carro pela autoestrada. Fico olhando pela janela e depois para a enorme tela integrada no painel, antes de observar Ivan quando acho que ele não está prestando atenção. A última coisa que quero é que ele me pegue admirando o tamanho perfeito do seu nariz e a forma como se encaixa perfeitamente no perfil e no restante de sua estrutura óssea. Seu maxilar é do jeito que as adolescentes mais velhas sempre babam. Suas bochechas e ossos da testa são bem proporcionais ao resto do rosto. Para mim, seu rosto lembra o do um príncipe ou algo assim. Realeza.

Não que algum dia eu vá admitir isso.

E não que me importe, já que debaixo daquele rosto perfeito e daquela pele bonita está a encarnação do mal.

"Tire uma foto, dura mais tempo", Ivan diz de repente.

Pisco e penso em olhar para longe, mas decido que ficaria ainda pior. "Vou fazer isso. Acho que a enciclopédia precisa de um registro para Idiota e poderia usar sua imagem como exemplo."

Sua mão direita solta o volante e cobre um ponto sobre o coração. "Ai."

"Oh, por favor", resmungo.

"O que? Você acha que não pode me ferir?" Ele olha para mim com aqueles óculos escuros incrível cobrindo seus olhos.

"Você precisaria ter um coração para ser ferido."

Sua mão não se move. "Ai, Jasmine. Sério. Eu tenho um coração."

"Não vale se ele é feito de galhos secos e pedras e pintado de vermelho."

O único canto de sua boca que posso ver, sobe um pouco. "Fiz um de argila, Meatball. Dê-me algum crédito."

Não quero. Eu realmente não quero lhe dar crédito. Mas acabo rindo e virando o rosto. Talvez se Ivan não for capaz de me ver fazendo isso, não esteja realmente acontecendo.

"Sabe, podemos nos dar bem se tentarmos", ele diz depois de um momento, enquanto ainda estou com o rosto virado.

Quero olhar para ele... porque há muito coisa que o rosto de uma pessoa não consegue esconder, especialmente um rosto que conheço tão bem quanto o de Ivan... mas me asseguro de manter meu olhar na janela. Porque Ivan e eu como amigos? Por que ele está fazendo isso e perguntando? Não tenho certeza de quais podem ser seus motivos. "Não sei nada sobre isso", falo com honestidade.

Há uma pausa enquanto ele segue dirigindo. "Você gosta da minha irmã."

"Mas você não é sua irmã. A personalidade de vocês dois é totalmente diferente." E eles são mesmo. Karina é doce na maioria das vezes e tem uma firmeza que respeito muito. Ela não leva a maioria das coisas a sério, a não ser que se importe com elas. Ela me equilibra. É calorosa e tranquila, enquanto eu... não sou assim.

Ele faz um som de zumbido, mas diz, "Não sabia que você podia inventar tantas desculpas."

Agora, isso me faz olhar para ele. "Não estou inventando desculpas."

Ivan mantém seu olhar à frente quando reponde, "Mas parece que sim."

"Eu não estou..." Ou estou? Merda.

"Você sempre diz que pode fazer tudo..."

"Porque eu posso." Então faço uma careta. "Lee só nos pediu para sermos legal um com o outro. Nós estamos... dando um jeito."

Ele não diz uma palavra. Ivan simplesmente ergue o ombro como se estivesse querendo me irritar. Mas por que diabos faria isso?

"Seria mais fácil se você não me odiasse", acrescenta.

Faço uma careta para o para-brisa. "Eu não odeio."

Desta vez, ele olha para mim, sua expressão calma, mas algo ali ainda parecendo não acreditar.

"Eu não te odeio", repito, olhando para ele, mesmo que ele esteja olhando para longe. "Por que diabos pensa isso?"

"Porque você disse, *'eu odeio você'*."

Pisco. "Isso não significa que realmente odeie você. Não sabia que você era tão sensível. Eu não gosto de você, mas não te odeio."

Seu riso é irritante. "Realmente não me *importo* se você me odeia."

Isso me faz rolar os olhos. *"Vamos ser amigos, mas não me importo se somos mesmo ou não, ok."* Zombo dele, balançando a cabeça porque isso não faz nenhum sentido. Caramba.

"E daí?"

Ele *ainda* vai continuar com isso? "E daí o que?"

"Então, sim ou não?"

Sim ou não? Para sermos amigos quando não consigo entender porque ele se daria ao trabalho de tentar? Quando ele parece não se importar se somos amigos ou não? Porra? É assim que as pessoas se tornam amigas na vida real? Eu não sei. Como diabos vou saber? Todos os amigos que tenho são antigos, daquele tempo quando ainda não desconfiava de cada pessoa que conhecia.

E Ivan?

"Quero dizer..."

"Se você acha que não consegue..." Ele para com um encolher daqueles ombros nos quais já apoiei minhas mãos mais de cinco mil vezes em apenas alguns meses.

Se eu acho que não consigo...

Merda.

Observo seu rosto, mas nada muda; ele continua olhando para frente. Eu me sinto... distante e estranha. "O que significa para nós se formos amigos? Temos que fazer alguma coisa ou...?"

"Eu não sei", é sua resposta brilhante e inesperada. Como ele não sabe? Já o vi centenas de vezes cercado por pessoas, sorrindo, abraçando, agindo como se tivesse amando a atenção e tivesse nascido para ser o centro de tudo em cada minuto de sua vida.

Mas já o vi realmente falar com pessoas por mais do que alguns minutos?

Huh.

Não tenho certeza.

"Vou pensar nisso", digo antes que consiga me conter.

Isso o faz se virar e olhar para mim, e se sua voz soa mais rouca do que o normal, não consigo perceber. "Ok", é a resposta dele.

Mas que porra significa isso tudo? O que devo fazer? Não sou do tipo que distribui abraços sem motivos e não tenho tempo para me divertir com amigos, ou seja, lá o que "amigos" fazem juntos. Não menti. Não o odeio. Odeio meu ex e mais um monte de gente, mas apenas não gosto de Ivan. Ele é crítico, arrogante, grosseiro...

Acabei de descrever a mim mesma, não é? Merda.

Isso nunca vai dar certo. É por isso que não tenho amigos, ou tenho apenas uns poucos...

Então lembro que este é Ivan. Que tem horários iguais aos meus. Ivan, que também não tem tempo. Ou ele tem? Nem sei o que faz quando nós não estamos juntos.

Será que podemos ser amigos? Ou pelo menos tentar brigar menos?

O que realmente quero saber é o que ele quer mesmo?

"Isso é apenas por um ano", digo, lembrando-o sobre algo que já sabe muito bem. São as mesmas palavras que ele usa contra mim toda vez que deseja. As mesmas palavras que literalmente usou há algumas horas, hoje de manhã, antes do treino e do balé.

"Sei disso", ele murmura.

"Então, qual é o objetivo?"

"Tudo bem, esqueça", murmura, virando o carro para a rua que leva ao bairro de minha mãe.

"Foi você quem levantou essa história", murmuro de volta.

"Bem, mudei de ideia."

"Bem, não acho que você realmente tenha mudado de ideia depois de ter dito isso."

"Eu mudei."

Pestanejo, não gostando de quão insultada me sinto de repente, agora que ele "mudou" de ideia. Nem queria ser amiga dele. Teria sido a última coisa que iria querer ou esperar, mas agora...

Não gosto dele me dizendo o que fazer. Deve ser isso. É isso que vou dizer a mim mesma. Ele não pode escolher o que faço da minha vida e do meu tempo — mais do que já faz. "Que pena, cara de bunda. Acho que podemos tentar." Acho que começo a transpirar um pouco ao dizer isso.

Ele faz um barulho ao girar o volante. "Você *acha*?"

"Sim, acho."

Ele faz uma careta, mas responde, "Vou pensar sobre o assunto."

Engulo com sofreguidão, forçando-me a olhar para frente. "Você vai *pensar*..." Eu me interrompo quando vejo a casa de dois andares à direita. Há três carros que reconheço estacionados na entrada. Foda-me. "Chegamos", digo, apontando para a casa.

Ivan dirige o carro até o espaço vago em frente à casa, e no segundo que para, apresso-me a dizer, "Tudo bem, obrigada por me trazer." Um mão já está na porta, a outra, agarrando as alças da bolsa .

Vejo quando ele desliga o carro mais do que realmente ouço isso ser feito.

O que diabos ele está...?

Ivan levanta as sobrancelhas e depois se vira para mim. “Posso usar o banheiro?”

Capítulo 9

EU PISCO.

Pisco, e cada palavra que aprendi ao longo da minha vida deixa de existir. Porque naquele momento, enquanto estou sentada em cima de assentos de couro liso com a mão na maçaneta da porta de um carro que custa mais do que a casa da maioria das pessoas, não tenho certeza do que diabos dizer. Não tenho certeza se o ouvi corretamente.

"Como é?" Basicamente resmungo pelo que tenho certeza, é a primeira vez na minha vida.

O homem sentado atrás do volante nem sequer se incomoda em responder minha pergunta. O que ele faz é chegar para o lado... e abrir a porta. Então, diz, "Posso usar o banheiro?"

Ele…?

Ele quer que eu o convide a entrar? É isso que esta seriamente me perguntando, porra? Ele não está muito sutilmente me dizendo que quer entrar na minha casa? Onde está minha família? Para fazer xixi?

Pisco novamente, o "não" na ponta da minha língua, enchendo a parte de trás da garganta e tão grande que desce pelo meu esôfago também. É uma resposta estúpida, uma que sei que mais do que provavelmente vou me arrepender, mas dou de qualquer jeito. Por que: *seja melhor*. "Se você quiser."

A resposta de Ivan é sair do carro e fechar a porta, enquanto ainda estou sentada ali, imaginando o que diabos acabou de acontecer. Então, tão rápido quanto Ivan, eu faço o mesmo, pego todas as minhas coisas e fecho a porta da maneira mais gentil possível. Ele já está me esperando na metade do caminho pavimentado que leva à porta da frente, as mãos enfiadas nos bolsos da calça de moletom, o pulôver de lã preta combinando perfeitamente com seus tênis pretos. Pensando bem, me incomoda que eu não tenha tomado um banho, e pareça estar precisando de um, enquanto ele... não.

"Quem está aqui?" O bastardo intrometido pergunta.

Deslizo-lhe um olhar de lado enquanto ando em torno dele na grama, indo até a porta da frente, empurrando meu braço no zíper aberto da minha bolsa

para procurar minhas chaves. Já vi os carros estacionados na longa entrada. O Cadillac é de James, o marido do meu irmão. O 4Runner é de Tali, e o Yukon é do marido de Squirt. "Minha mãe, seu marido, Ben, meu irmão e seu marido, minhas irmãs, Aaron, marido da minha irmã e seus filhos."

"Qual irmã?" Ele pergunta.

Olho para ele de novo quando deslizo a chave na fechadura, imaginando em uma escala de um a dez, quão ruim é essa ideia. Com minha sorte, provavelmente um trinta. Por que hoje foi o dia em que ele se convidou para entrar para usar o banheiro.

Deus me ajude.

"A ruiva ou a doce e quietinha?" Ele pergunta, como se eu não soubesse a diferença entre minhas irmãs.

"Aaron é o marido de Ruby; ela é a legal", respondo, minhas palavras saindo entrecortadas e empoladas porque não percebi quando diabos ele prestou atenção suficiente para conhecer minhas duas irmãs. Faz anos desde que Ruby, a mais jovem das duas, foi comigo ao rinque. Não desde que ela esteva grávida do primeiro bebê deles. Tali ainda aparece de vez em quando para sentar e me julgar, mas não com a mesma frequência de antes. E não consigo me lembrar de nenhum deles indo até a casa de seus pais para me buscar depois que saí com Karina.

"Você tem outro irmão, não é?" Ele pergunta, assim que puxo a chave da fechadura e vou virar a maçaneta.

Como diabos ele sabe que tenho outro irmão? Talvez Karina tenha mencionado isso antes. Ela costumava alegar ter uma queda por Seb. "Meu irmão mais velho. Sebastian."

Ivan baixa o queixo antes de dar um passo à frente, mais perto da porta — e de mim — quando a abro. Instantaneamente posso ouvir risadas tranquilas vindo da direção de onde fica a cozinha.

Vou me arrepender disso. Sei com certeza que vou me arrepender de tê-lo convidado para entrar. Mas se dissesse a ele que não queria que entrasse, isso apenas me faria parecer fraca ou como se houvesse algo que estivesse tentando esconder dele. Além disso, isso seria meio maldoso.

Aceno para Ivan entrar enquanto fico ao lado da porta e a fecho atrás dele. "Deixa eu te mostrar o banheiro", ofereço.

Ele faz uma careta, sua atenção indo na direção do riso. "Você não deve ir cumprimenta-los primeiro?"

Eu devo, talvez. Quero? Não.

"Devo dizer oi à sua mãe, não devo?"

Oh Deus.

Há uma razão por que nunca trouxe um namorado para minha casa para conhecer minha família. E agora... bem, agora trouxe uma das pessoas mais importantes que já encontrei e manter uma relação para ver esses psicopatas, mesmo que seja só por um momento para cumprimentar minha mãe.

Pensar em todas as coisas horríveis que disse na frente dos velhos namorados e namoradas dos meus irmãos e irmãs ao longo dos anos é quase o suficiente para me arrepender do inferno com o qual eles mais do que provavelmente vão me pagar agora.

Não sou tola o suficiente para pensar que eles usarão seu melhor comportamento porque um medalhista de ouro está chegando para dizer oi.

Pelo menos eu, com certeza, espero que isso seja tudo o que ele faça. Com uma única inspiração, percebo que o jantar está a caminho de acabar. Está tudo tão bem.

Com um encolher de ombros, inclino a cabeça para o lado para que ele me siga. Passo pela sala e a encontro quase vazia, exceto por Ben, que está de pé no armário de bebidas, enchendo três copos diferentes com o que parece ser gin e tônica. "Oi, Ben", eu chamo, parando atrás do sofá para cumprimentá-lo.

Ele não olha para trás quando fecha a garrafa em sua mão. "Oi, Jas", ele sussurra, olhando por cima do ombro antes de seus olhos baterem onde estou de pé e ele parar de falar. Seus olhos cor de uísque se arregalaram e sei que está plenamente consciente de quem está parado a menos de quinze centímetros de distância.

"Por que você está sussurrando?" Pergunto.

Ele aponta para o andar de cima. "As crianças estão cochilando no nosso quarto."

Oh. Decidindo ir espiar o quarto da minha mãe mais tarde, concentro-me na pessoa ao meu lado. "Ben, esse é meu parceiro, Ivan. Ivan, este é o marido da minha mãe, Ben." Apresento os dois, sem saber o que fazer com a maneira como Ivan pisca lentamente antes de dar um passo à frente e dizer "Prazer em conhecê-lo", como um ser humano normal e educado.

Hã.

Noto Ben deslizar os olhos em minha direção, me dando um olhar "*que porra, Jasmine?*" antes de tomar a mão estendida de Ivan. "Prazer em conhecê-lo também." Ele faz uma pausa. "Quer uma bebida?"

"Estou dirigindo, mas obrigado", ele responde facilmente.

"Avise-me se mudar de ideia", Ben responde, dando-me outro olhar de olhos esbugalhados.

Ivan concorda com a cabeça ao mesmo tempo em que aceno para ele, para que me siga até a cozinha. Reconheço a risada de minha irmã, seguida por Jojo dizendo, "Cale a boca."

Entrando na larga porta da cozinha, vejo meus irmãos e outras pessoas sentadas ao redor da ilha e me concentro muito em algo no meio dela. Minha mãe, por outro lado, está espiando em um dos fornos de parede dupla e cutucando algo lá dentro. Olhando de volta para Ivan, levanto minhas sobrancelhas para ele e então vou para a cozinha, esperando que siga atrás de mim no mesmo minuto. Jonathan joga as mãos no ar uma fração de segundo antes que o som de algumas coisas caindo sobre o granito encha a sala.

"Não!" Meu irmão sibila ao mesmo tempo em que minha irmã Tali diz, "Como você conseguiu estragar tudo?"

"Você sabe que ele é uma merda em Jenga", falo, chegando por trás do corpo que sei que pertence à minha irmã. Ela se vira quando toco sua cabeça.

"Jasmine", Ruby, minha irmã um pouco mais velha, grita, suas mãos se movendo em minha direção antes de parar a meio caminho entre nossos corpos, como se estivesse hesitando. Ela sempre faz isso.

Nem sequer suspiro; apenas passo meus braços à sua volta e noto que ela leva um segundo inteiro antes de me abraçar de volta.

"Eu venho aqui o tempo todo, e você nunca me abraça assim", Jojo se levanta do outro lado da ilha.

Ainda estou abraçando Ruby quando olho para ele e digo, "Porque ela nunca entra no banheiro enquanto tomo banho para jogar uma jarra de água gelada em cima de mim."

"Você ainda está brava com isso?" Meu irmão pergunta, plantando seus cotovelos na ilha e sorrindo tanto que seus dentes largos aparecem.

"Você fez isso na semana passada", lembro a ele. "E duas semanas antes disso."

"Estava apenas tentando ajudá-la", ele começa a dizer antes que James, que está sentado ao lado dele, lhe dê uma cotovelada no braço, com força suficiente para chamar sua atenção enquanto esfrega o braço. "O que foi isso?"

Os olhos de James estão focados atrás de mim quando dá outra cotovelada significativa novamente.

É agora ou nunca, certo? "Ivan me deu uma carona para casa porque meu carro não quis ligar", explico, observando-os, até mesmo minha mãe que está no forno, todos se virando para olhar para trás de mim. "Todo mundo, Ivan. Ivan, esses são todos."

Meu irmão grita. James dá uma nova cotovelada no meu irmão. Minha irmã, Tali, pisca. A mão que Ruby tinha na minha parte inferior das minhas costas é afastada. Minha mãe não faz nada, e nem o lindo marido loiro da minha irmã que está sentado no banco diretamente à minha direita.

"Olá", Ivan, que aparentemente é o único educado, chama.

É minha mãe que responde, "Olá, Ivan", conforme dá a volta na ilha, limpando as mãos no avental que veste sobre as roupas. "É bom te ver de novo."

Ele responde algo que não posso ouvir quando a mão de Ruby nas minhas costas se move, e ela se inclina para sussurrar em meu ouvido, "Ele é muito alto e bonito pessoalmente."

Olho para o homem ao lado dela, que se virou para encarar a ilha e começou a coletar os blocos de madeira que estão espalhados sobre o balcão. "Vou contar ao Bonitão que você está de olho em outro cara."

Ela faz uma careta e se afasta. "Você é uma chata, Jasmine."

Sorrio para ela e toco o topo de sua cabeça novamente. Ela foi a última dos meus irmãos e irmãs a se mudar, e apesar de ter passado seis anos desde que isso aconteceu, ainda sinto sua falta como se fosse ontem. Mesmo que seja muito próxima de Jonathan de nosso próprio jeito, Ruby é a que sempre esteve mais próxima de mim. Minha mãe diz que é porque nós somos opostas e nos equilibramos. Como Karina. Sempre achei que é só porque ela tem mais paciência comigo, e sempre fui muito protetora com ela, apesar do fato de ela ser cinco anos mais velha do que eu.

Com a parte de trás da minha mão, alcanço o lado direito e bato no ombro do marido dela, observando o monitor do bebê em frente a ele na mesa. É um daqueles chiques e com tela de vídeo.

Ele me espia em meio à coleta de peças de Jenga e sorri. "Jasmine."

Dou-lhe um pequeno sorriso. É difícil não fazer isso. "Aaron."

"Queria te dizer como fiquei feliz quando Rubes disse que você tem outro parceiro", o homem responde em seu sotaque doce da Louisiana. "Sabia que seria apenas uma questão de tempo."

Meu sorriso fica um pouco mais largo, e aceno para ele, batendo em seu ombro mais uma vez para lhe dizer obrigada. Em troca, o homem com quem meu irmão sempre brinca e jura que o viu na capa de um livro, sorri para mim, como se fosse o suficiente. Levou apenas cinco minutos para Aaron me convencer que merecia ser o primeiro namorado da minha irmã. Eu estava preparada para odiar suas entranhas. Mas naqueles primeiros cinco minutos depois que ela o levou para a casa para apresentá-lo a todos nós — seis meses antes deles fugirem, e seis meses e meio antes de descobrirmos sobre isso — ele pediu que ela lhe mostrasse todas as roupas de cosplay que fizera ao longo dos anos, e soube que ela havia encontrado um homem gentil e decente.

Se ele não fosse assim, minha mãe e eu estávamos prontas para bater em sua bunda numa noite escura e sombria quando ele não pudesse nos identificar.

"E aí, cara", meu irmão, Jonathan, diz de perto.

Espreitando por cima do ombro, descubro que Jojo se levantou da ilha e está se elevando sobre minha mãe que está ao seu lado, sua mão já sacudindo a de Ivan.

"Como vai?" Ivan responde. "Ivan."

Como se Jojo não soubesse quem ele é.

"Jonathan", meu irmão diz, soando totalmente legal, e não como se tivesse falado sobre o "bumbum de patinador" de Ivan no passado. "Este é o meu marido, James", ele continua, elevando o polegar para apontar para a ilha. James acena.

"Você é meu quarto patinador favorito", James diz me dando uma piscadela.

Quarto?

Até mesmo Jojo se pergunta a mesma coisa. "Quem é primeiro dos três?"

"Jasmine."

"O segundo e terceiro?"

"Jasmine."

Meu coração morto dá um pequeno salto de emoção, e se eu fosse o tipo de pessoa que dá um beijo em alguém, teria feito isso com ele. "Eu te empurraria

para fora do caminho, se você estivesse prestes a ser atropelado", digo a ele e realmente estou falando sério.

Ele sorri e pisca para mim novamente. "Sei que faria isso, Jas."

Sorrio de volta para ele antes de olhar para Ivan e pegá-lo me observando. Estou prestes a perguntar o que diabos está olhando, mas paro quando me lembro que concordei em tentar ser sua amiga. O que diabos estava pensando?

"Você me empurraria para fora do caminho de um carro?" Jojo pergunta.

"Não. Mas escolheria algumas lindas flores para seu funeral."

Ele franze a testa e mostra a língua para mim. Também coloco a minha para fora. Seu dedo do meio vem até seu rosto e ele coça a ponta do nariz. Trago o meu e o coloco na sobrancelha.

"Jasmine, vamos", minha mãe geme. "Não na frente dos convidados."

"Mas ele...", começo a dizer apontando para Jonathan antes de me parar e balançar a cabeça.

O "hehe" do meu irmão é muito baixo, mas ainda posso ouvir.

"O jantar está quase pronto. Você vai tomar banho, Jasmine?" Minha mãe pergunta quando Tali se aproxima de Ivan e se apresenta. Pelo menos é o que presumo quando ela o abraça.

Eu os observo enquanto concordo, "Uh-huh."

Ivan dá à minha irmã um sorriso que nunca vi antes... e isso me faz sentir estranha. Tali é uma versão mais jovem da minha mãe. Linda, magra, com aquele cabelo vermelho, pele clara e estrutura óssea que nenhum cirurgião plástico do mundo pode copiar. Não consigo me lembrar de uma única vez que saí com ela e não houve ninguém olhando para ela ou a cantando. Ela está tão acostumada com isso que nem percebe mais. E eu parei de me importar que seja tão bonita há muito, muito tempo atrás.

Alguns apenas são mais bonitos que os outros. Talvez eu não seja tão bonita quanto minha irmã, mas posso chutar sua bunda, e isso sempre me faz sentir melhor. Mas Tali seria quem me ajudaria a enterrar um corpo... se eu precisasse.

"Então vá tomar banho", minha mãe ordena. "Não quero que a lasanha queime."

Balanço a cabeça e olho para Ivan, que ainda está falando com minha irmã. "Ivan, vou te mostrar onde fica o banheiro..."

"Você quer jogar esta próxima rodada de Jenga?" Jonathan pergunta a ele enquanto ainda estou falando.

Eu pisco.

No intervalo desse piscar de olhos, Ivan responde, “Claro.”

O quê?

“Vá tomar banho, fedorenta, para que possamos comer”, Jojo continua.

Ivan olha para cima e deve ver o “que porra é essa?” no meu rosto porque uma sugestão de seu sorriso sorrateiro percorre sua boca cor de algodão-doce. “Sim, fedida. Vá tomar banho”, ele ecoa como um otário.

“Ele também não tomou banho”, eu os aviso.

“Não estou fedido”, Ivan diz.

“Eu também não.”

“Isso é discutível”, Tali diz com uma tosse.

Pisco e a ignoro porque sei o que vai acontecer se não tomar o controle da situação. “Ivan, você não precisa ficar se não quiser. Tenho certeza de que tem coisas melhores para fazer. Posso te mostrar onde fica o banheiro.”

“Eu quero jogar Jenga”, é sua resposta.

O que vou fazer? Dizer a ele que não? Vou me arrepender disso. Eu realmente vou.

“Vou te mostrar onde é o banheiro”, Jojo oferece.

Merda.

“Ok”, murmuro antes de me inclinar para Ruby e sussurrar, “Por favor, certifique-se de que nada de ruim aconteça.” Ouço-a rir e a sinto concordar. Tocando sua cabeça novamente dou uma última olhada ao redor da cozinha e vejo Ivan sentando ao lado de James.

Então dou o fora dali, passando por Ben no caminho até as escadas como se minha bunda estivesse em chamas. Tomo o banho mais rápido da minha vida, imaginando toda a merda aleatória que provavelmente estão contando a Ivan sobre mim. Será exatamente o que mereço. Eu me visto, parecendo decente em uma das únicas noites da semana que tenho a chance. Os jantares de sábado à noite são o meu momento de preguiça e de comer o que quero comer.

Depois de esfregar loção de aloe vera nos meus pobres pés cansados, desço as escadas, aguçando os ouvidos para ouvir o que diabos estão falando na cozinha. O problema é que, pela primeira vez, parece que todos estão sussurrando ou não falando, porque não consigo ouvir nada claramente.

Pelo menos até chegar à porta. Então ouço todos rirem muito, muito baixinho.

“Eu não entendo, por que isso faz todo mundo rir?” Ouço Aaron, o marido de Ruby, perguntar.

É Jojo quem responde. "Você já viu fotos dela antes de atingir a puberdade?"

Isso é o suficiente para eu saber do que eles estão falando. Bando de idiotas. Mas ainda não me mexo.

"Não", é a resposta do outro homem.

Alguém bufa e sei que é Tali. "Jas atingiu a puberdade muito tarde. Com quantos ela estava? Com dezesseis?"

Tinha dezesseis, mas não vou confirmar.

Mas minha mãe não pensa duas vezes sobre isso.

"Algumas crianças carregam o biótipo rechonchudo de bebê por um tempo, sabe", Tali continua falando, ainda bem baixinho. "Acontece que Jas o carregou por dezesseis anos até a puberdade bater", ela ri.

"Não", Aaron tenta negar, que fofo.

"Sim", Tali confirma. "Ela sempre foi um pouco robusta."

Jojo bufa. "Um pouco?"

"Aww, agora todos estão sendo maldosos", Ruby se intromete "Ela era fofinha."

"Ela tinha uma bunda muito grande, e odiava usar body porque ela sempre recebia puxões", minha mãe decide compartilhar. "Quanto mais tentássemos dizer a ela para usar roupas mais folgadas, mais ela usava aqueles malditos bodys e collants, mesmo que ficasse desconfortável."

Há uma risadinha que sei que pertence a Ivan. "Isso é a cara dela."

"Você não tem ideia. Aquela garota sempre faz questão de fazer o oposto do que as pessoas querem dela. Ela faz disso um princípio. Sempre fez. A única vez que um 'não' a impediu foi quando assistiu àquele filme... qual é o nome? Aquele sobre hóquei que ela ficou obcecada..."

"*The Mighty Ducks - Os Poderosos Patos*", Ruby oferece.

"*Os Poderosos Patos*, certo. Ela me implorou para colocá-la no hóquei, mas não havia aulas de hóquei que aceitassem garotas. Estava no meio de uma discussão com um treinador para deixá-la tentar, quando ela foi convidada para uma festa de aniversário na Galleria, e a única razão pela qual eu a convenci a ir foi porque lhe disse que muitos jogadores de hóquei faziam patinação artística para desenvolver suas habilidades."

"Eu não sabia disso", James diz.

"Oh Deus, ela assistiu aquele filme um milhão de vezes. Tentei jogar a fita no lixo pelo menos uma vez por semana, mas mamãe sempre pegava de volta", Tali geme.

"Ela não te viu fazendo isso uma vez e vocês brigaram?" Ruby pergunta.

Isso me faz sorrir, porque me lembro daquele dia perfeitamente. Nós começamos a brigar. Eu tinha dez anos. Tali tinha dezoito anos, acho. Felizmente para mim, ela era uma pessoa muito pequena, e não foi tão difícil tentar bater nela por jogar meu filme fora.

"Sim. Ela me deu um soco no maldito nariz", minha irmã responde.

Minha mãe começa a rir. "Você sangrou tanto."

"Como você pode rir por eu ter sido atacada?" Tali engasga, lembrando-me de que é a segunda maior rainha do drama da família.

"Sua irmã de dez anos lhe deu um soco na cara. Você sabe o quão difícil foi não rir quando isso aconteceu? Você sabia que isso ia acontecer. Eu avisei, ela te avisou, mas você fez mesmo assim", mamãe gargalha, soando como se estivesse orgulhosa de mim de uma maneira totalmente fodida.

Isso me faz sorrir.

"Isso é besteira, mãe."

"Oh, fique quieta. Ivan, você não se importa que uma garotinha bata na irmã mais velha, não é?"

Há uma pausa e depois, "Tenho certeza que você não foi a primeira pessoa em quem Jasmine deu um soco. Ou a última."

Há outra pausa e depois Tali acrescenta, "Não. Não fui." Então há um barulho que soa como um bufo. "Jas sempre foi uma merdinha desagradável. Ela não tinha uns três quando bateu naquela criança na creche?"

"Ela não chutou o menino que tentou olhar debaixo de sua saia quando tinha três anos?" Jojo pergunta.

"Fez ambos..." Minha mãe começa a dizer antes de Ivan rir.

"*O que*?"

"Ela recebeu sua primeira advertência por chutar um menino que a empurrou. Depois foi expulsa daquela creche quando socou o mesmo garoto porque tentou olhar debaixo de sua saia. Para ser justa, tenho certeza que Sebastian disse para ela fazer isso quando a coisa do chute aconteceu."

"Então ela ficou de castigo duas vezes no jardim de infância. Uma garota puxou o cabelo dela, então ela puxou o cabelo de volta..."

Reconheço o riso de James.

"Outra vez a garota comeu seu salgadinho, e ela ameaçou cuspir em seus olhos e a professora ouviu", mamãe continua. "Na primeira série, ela foi suspensa por puxar a cueca de um menino. Jasmine disse que foi porque ele

estava fazendo isso com outro garotinho. Na segunda série, ela ficou de castigo duas vezes. Ela derramou leite em..."

E isso é o suficiente. Realmente fui uma merdinha. Isso não deveria surpreender ninguém.

"Ok, Ivan, Aaron e James não precisam saber todas as vezes que me meti em encrencas quando era pequena", digo, quando finalmente entro na cozinha.

Sentada entre Ivan e Ruby, minha mãe me lança um enorme sorriso. "Estou apenas começando com as coisas boas."

"Eu não me importaria de ouvir todo o resto", James dá uma piscadela.

Suspiro e paro atrás de Ruby. "Mamãe pode contar tudo dos cinco aos dez anos no próximo sábado."

Mamãe empurra a banqueta para trás. "Vamos comer, crianças." Então olha para Ivan. "Você vai comer com a gente? Não é nada num nível de medalha de ouro, mas..." Ela encolhe os ombros. "... é bom."

Eu deveria saber que minha mãe o convidaria para ficar e comer também. Merda.

Ivan parece pensar por um momento enquanto fico ali à beira de rezar para que ele diga não, antes de olhar em minha direção e perguntar, "Você vai comer?"

Porra. "Sim. É minha refeição prêmio." Não tenho certeza do por que explico isso.

Aqueles olhos glaciais permanecem no meu rosto por um momento. "Ok." Então ele se vira para minha mãe. "Se você tiver o suficiente, eu fico, mas se não tiver, também entendo."

Mamãe ri. "Nós temos o suficiente. Não se preocupe com isso." Então é sua vez de fazer uma pausa. "Nós comemos na cozinha."

Ivan pisca. "Ok."

"Isso foi estranho", Tali murmura antes de empurrar seu banquinho para trás e se levantar. "Estou pronta para comer."

Como fizemos nos últimos vinte anos, pratos são pegos e entregues. Então entramos na fila para pegar comida das panelas que mamãe e Tali espalharam no balcão. Espero atrás de Ivan enquanto ele contorna a ilha, e o deixo ir à minha frente.

"Não estou realmente surpreso que você tocava o terror desde a creche", é a primeira coisa que ele sussurra.

Rolo meus olhos. "Tive muita prática desde então."

Ele ergue as sobrancelhas daquele seu rosto irritante. “Vou manter isso em mente na próxima vez que alguém me incomodar.”

Hã.

Isso foi a gente tentando ser diferente? Não tenho certeza. “Ok.” Então chuto sua panturrilha. Suavemente. Mais ou menos. “Não pare a fila. Estou faminta.”

Ele dá um passo para trás, olhando por cima do ombro para ver que está atrás de James, que ainda está na fila, antes de me olhar e sussurrar, “Você não se importa que eu esteja aqui, não é?”

Sim. Definitivamente me importo. Não sei o que fazer sobre isso. Com ele. Com Ivan Lukov, que a menos de uma hora atrás, disse que deveríamos tentar nos dar bem por algum motivo.

Depois de todas as coisas que dissemos um ao outro e de todas as coisas que fizemos um ao outro, esse homem que achei que conhecia quer que tentemos ser amistosos.

Não gosto de não saber o que fazer ou como reagir.

Mas não digo nada dessa merda para ele, principalmente porque minha família intrometida está por perto, e sei que pelo menos alguns estão ouvindo. Em vez disso, minto e me safo com, “Eu não me importo.”

Ele estreita os olhos. “Tem certeza?”

Realmente sou uma péssima mentirosa. Levanto minhas sobrancelhas e percebo que não há sentido em tentar mentir. “Isso importa?”

Isso faz sua boca rosada se curvar nas beiradas... Assustando-me um pouco. “Não.”

Foi o que pensei.

“Sua família é engraçada”, ele continua.

“Claro que sim.”

“Você já conhece a minha, é justo.”

“Justo para quem?”

“Para nós. Já que somos amigos.”

Nem percebo que minha mão vai ao meu bracelete, pega a prata entre os elos, até que o metal machuca a ponta do meu polegar do quão forte eu, inconscientemente, começo a brincar com ela. Olho ao redor para me certificar de que ninguém da minha família esteja, pelo menos, olhando para nós quando sussurro, “Não entendo o que toda essa coisa de ser amigos significa.”

Ele pisca. “O que você quer dizer?”

Não olho para ele quando digo, “O que parece. Eu não sei o que você espera de mim.”

“Tudo o que os amigos fazem.”

É minha vez de piscar. E porque ninguém está olhando para nós, continuo dizendo a verdade, porque não é como se fosse um segredo. Ou que esteja com vergonha. Porque não estou. “Entendi. Mas você sabe que sua irmã é minha única amiga de verdade, com quem não tenho parentesco, e que consegui manter ao longo dos anos.” Estou orgulhosa disso. Não tenho tempo para as besteiras das outras pessoas. Penso que esse é um dos meus traços mais admiráveis, honestamente.

Tudo o que Ivan faz é olhar para mim.

Levanto um ombro.

Então ele pisca novamente. “Você falou com ela recentemente?”

Balanço a cabeça. “E você?”

“Não.” Ele se vira e dá um passo à frente, assim que chega ao balcão. Por cima do ombro, ele pergunta, “Você não disse a ela que somos parceiros?”

Merda. “Não.” Paro. Presumi que ele faria isso. “Você não disse a ela também?”

“Não.”

“Seus pais?”

“Eles estão na Rússia. Não falo com eles há tempos. Mamãe me mandou algumas mensagens com fotos, mas essa é toda a nossa comunicação.”

Merda dupla. “Pensei que você contaria a eles.”

“Pensei que você teria dito a Karina.”

“Eu não falo com ela tanto quanto costumava. Ela está ocupada com a faculdade de medicina.”

Só consigo ver a parte de trás da cabeça de Ivan enquanto ele balança a cabeça, devagar e pensativo, como se estivesse pensando o mesmo que eu. E suas próximas palavras confirmam isso. “Ela vai nos matar.”

Porque ela vai. Ela com certeza vai, porra.

“Ligue e conte a ela”, eu tento jogar nele.

“Ligue você e diga ela”, ele zomba, sem olhar para mim.

Eu o cutuco nas costas. “Ela é sua irmã.”

“Ela é sua única amiga.”

“Babaca”, murmuro. “Vamos jogar uma moeda e ver quem deve fazer isso.”

Dessa vez ele olha para mim. “Não.”

Não. Idiota.

"Eu não vou fazer isso."

"Nem eu."

"Não seja um covarde. Apenas faça", falo, tentando manter minha voz baixa.

Seu sorrisinho me faz fechar a cara. "Parece que eu não sou o único covarde", ele devolve.

Abro minha boca e a fecho. Ele me pegou. Ele me pegou, cacete.

"Uma pergunta. Vocês dois já concordaram em alguma coisa?" Jojo pergunta de onde está, poucos metros à frente de Ivan, em frente ao balcão segurando um prato cheio de comida.

Perceberam? Curioso. Intrometido.

"Não", respondo ao mesmo tempo em que Ivan diz, "Sim."

O sorriso lento que se apodera do rosto do meu irmão me diz que ele ouviu tudo. Ou pelo menos, praticamente tudo. "Eu não estava *tentando* ouvir, mas não pude evitar. Se vocês dois estão com muito medo de ligar para Karina, por que apenas não ligam para ela enquanto você está aqui? Assim ela não pode ficar brava, ou se ela fizer isso, terá que ficar brava com vocês dois ao mesmo tempo. Hmm? Hmm?" Ele oferece, como se ouvir alguma coisa que não é dá sua conta não fosse grande coisa.

E não é. Não espero menos dele ou de qualquer outra pessoa que é da minha família. Não acho que meu pai é intrometido, mas... não sei ao certo, e honestamente, isso não importa. Ele nunca esteve perto, de qualquer forma.

Concentro-me no fato que Jojo tem razão. E Ivan deve ter reconhecido que sim, porque olha para mim e ergue as sobrancelhas. Quero me preocupar com Karina ficando brava porque nenhum de nós disse a ela algo muito importante? Não.

Mas…

"É uma boa ideia, se quer saber a minha opinião", Jojo murmura antes de passar por nós para continuar indo até a banqueta que deixou na ilha.

Ivan avança na fila e imediatamente fica ocupado servindo comida em seu prato quando diz apenas alto o suficiente para eu ouvir, "Não é uma má ideia."

"Não é, mas não deixe ele te ouvir dizendo isso. Vai anotar em seu diário e mencionará isso pelos próximos cinco anos, se você o fizer."

O homem alto na minha frente me entrega a faca para a lasanha. Eu pego a parte que quero pra me encher, mas não tanto que me faça ganhar dez quilos

depois de cuidar da minha dieta nas últimas semanas. Depois, pego duas fatias de pão de alho e uma pequena porção de salada porque, apesar de ser uma refeição prêmio, ainda preciso de legumes.

No momento em que me viro, há apenas dois banquinhos diferentes que não têm um traseiro e estão ao lado um do outro; Ivan pega um e pego o outro, me colocando entre ele e Ruby. Olho para ele enquanto pega o papel toalha que alguém deixou no centro da ilha. Ele arranca uma folha, deixa sua mão pairar lá por um momento e depois rasga outra. Assim que começo a cortar a minha lasanha, algo branco cai no meu colo.

É uma das toalhas de papel.

"Eu não sabia se você poderia alcançá-la", ele sussurra, sendo engraçadinho.

Olho para ele pelo canto do olho, minhas mãos ainda acima do meu prato de comida.

"Sabe, porque você é baixinha."

Mordo o interior da minha bochecha para evitar reagir fisicamente e murmuro, "Sim, sei o que você quis dizer." Mas principalmente, olho para o guardanapo e digo a mim mesma que ele fez algo bom sem nenhum motivo. Ele não cuspiu nela. Eu vi. Mas ainda não sei o que fazer com o gesto, a não ser dizer, "Obrigada", isso por si só é quase doloroso. Apenas quase.

Ele deve saber disso porque, com o canto do olho, vejo a parte superior do seu corpo virar, e tenho certeza de que ele ergue as sobrancelhas como se não acreditasse que acabei de dizer essa palavra.

Não posso acreditar que acabei de dizer 'obrigada' novamente. Já disse isso hoje. Não quero atingir minha cota.

"Então, Ivan, como vão os treinos?" Minha mãe pergunta do seu lugar do outro lado da mesa enquanto ainda estou tentando descobrir o que está acontecendo, o que estou fazendo e qual o plano de jogo de Ivan para essa merda de "amigos." "Tudo o que Jasmine me diz é que estão indo bem."

Empurro uma garfada de lasanha na boca e dou uma olhada na minha mãe. Bebezona. Ela quer um relatório, mas não há nada para contar. Ela só não acredita em mim por algum motivo. Sabe que geralmente acabo contando tudo a ela.

"Vão bem. Ainda não iniciamos nenhuma coreografia; ainda estamos tentando fazer alguns detalhes funcionarem. É mais do que provável que as coreografias comecem na primeira semana de junho", o homem ao meu lado

responde com facilidade, as mãos apoiadas em cada lado do prato, uma segurando uma faca e a outra um garfo.

Há alguns acenos ao redor da mesa, então mordo um pedaço de pão de alho e observo os membros da minha família para ver quem continuará a interrogá-lo. Porque é isso que é, e é isso que vai acontecer. É o que eu estava tentando evitar. Não importa que ele não seja meu namorado; ele é apenas uma figura importante na minha vida, se não a mais importante. Na verdade, é definitivamente mais importante do que qualquer um desses desperdícios de tempo.

"Isso é bom", minha mãe responde quando estou mastigando minha comida. Então ela sorri; seu rosto assustadoramente calmo e agradável, e sei que tudo o que está prestes a sair da sua boca será algo de estranho. Eu juro que até mesmo Ben ao lado dela viu ou sentiu isso porque tenho certeza que ele murmura, "Oh não."

"Por que você será parceiro de Jasmine por apenas um ano?" Ela pergunta com aquele sorriso assustadoramente calmo.

Eu bufo; o que faz o pão na minha boca voar para o fundo da minha garganta, e começo a engasgar quando Ruby sussurra, "Mãe!"

Engasgo mais um pouco, o grão úmido *ficou preso ali* na minha traqueia ou onde quer que seja e não vai a lugar nenhum. Algo pesado e grande me bate nas costas com força, soltando o pão. Agarrando a toalha de papel que Ivan acabou de me entregar, cuspo o pedaço de comida nele, chio e depois tusso. Meus olhos lacrimejam quando alguém empurra um copo de água em meu peito, e o pego quase cegamente, engolindo em seguida, tossindo na minha mão um pouco mais até que esteja sob controle.

O que tem que ser a mão grande de Ivan me bate nas costas novamente, tão forte quanto da primeira vez. "Estou bem", tusso.

Não fico surpresa quando ele me dá outro tapa forte nas costas.

"Você está bem?" Ruby pergunta ao meu lado.

Tomando outro gole de água, concordo, piscando as lágrimas que apareceram enquanto estava engasgada.

"Então?" Minha mãe pergunta com aquele jeito dela que não me surpreende.

"Ahh", Ivan começa a dizer antes de eu levantar a mão e balançar a cabeça.

Se quero ouvir a resposta? Por mais covarde que isso me faça, não, não quero, pelo menos, com certeza, não na frente da minha família. "Não, você não

tem que responder isso." Olho para a minha mãe e dou de ombros. "Não, mulher. Isso é particular."

Mamãe faz a cara que sempre faz quando acha que estou sendo uma covarde. Virando a cabeça para trás e para frente, ela decide seguir um caminho diferente. "Como estão seus pais então, Ivan? Não os vejo desde a festa de Natal há alguns meses."

"Estão visitando familiares em Moscou, mas estão muito bem", ele responde.

"Seu avô está melhor? Sua mãe mencionou que ele teve um ataque cardíaco no outono passado."

Aqueles ombros largos sobem meio centímetro. "Ele está melhor, mas é um velho teimoso que se recusa a aceitar que tem oitenta anos e que há pessoas que administram suas empresas agora. Ele não deveria mais estar em situações estressantes, mas..." O sorriso mais sexy aparece em seu rosto, e não sei o que fazer com aquilo também. "Ninguém pode dizer-lhe o que fazer."

Do outro lado da mesa, ouço Jojo murmurar, "Temos um desses na família", que é seguido por James virando-se para ele e balançando a cabeça para fazê-lo calar a boca.

Eu, por outro lado, deixo pra lá o comentário. Temos mais que um daqueles na família, e ele sabe muito bem disso. Começando com a mulher fazendo todas as perguntas.

"Algumas pessoas não sabem como se aposentar ou ir mais devagar, isso não me surpreende", minha mãe responde.

Ivan concorda.

"Eles me disseram que ele queria que você se mudasse para a Rússia", ela solta.

E eu paro o movimento de corte que estou fazendo com minha faca para absorver suas palavras.

Ivan se mudando para a Rússia? Minha mãe não me contou isso.

Então, novamente, por que ela iria? Antes de tudo isso, não havia razão para falarmos de Ivan. Ela sabia que eu não era sua maior fã. Ela também sabia que ele não era meu maior fã.

Mas…

Ivan se mudando para a Rússia? Ele nasceu nos Estados Unidos. Sua irmã havia me contado a história uma vez, anos atrás, sobre como seus pais haviam imigrado por causa de ameaças contra sua família em função dos negócios do

avô de Karina. O casal não estava casado há muito tempo, mas eles não queriam seus filhos em perigo e decidiram começar de novo, longe de um dos homens mais ricos da Rússia.

Uma vez, e apenas uma vez, Karina havia mencionado como o avô ficara desapontado por seu neto, vencedor da medalha de ouro, não ter competido pelo país que o homem mais velho viveu toda a sua vida. Ela havia mencionado como ele tentou subornar Ivan para se mudar e como não funcionou. Enquanto isso, Karina riu e disse que pegaria o dinheiro e iria se oferecesse a ela... mas ele não ofereceu. Porque Karina não era uma atleta talentosa que poderia deixar seu país orgulhoso. Tudo o que ela era, era uma pessoa inteligente com um grande coração e que queria ser médica. Nada de mais.

"A cada dois anos ele me pede para me mudar", Ivan informa; seu tom infalivelmente educado.

Mas posso dizer que soa estranho.

E talvez ele seja a última pessoa no mundo que acho que precisa ser mimada ou protegida, mas se alguém sabe como é ser forçado a falar sobre algo que você não quer de jeito nenhum, sou eu. E essas pessoas são minha família. Então, em um movimento que não vou analisar demais, decido levá-los a prestar atenção em mim, embora seja mais do que provável que vou me arrepender.

"Faremos uma sessão de fotos em alguns dias", solto vagamente, já lamentando tentar ser legal.

É James que pergunta, "Para um site ou jornal?"

Enfio outro pedaço de lasanha na boca e espero até mastigar a maior parte antes de responder com "Uma revista."

"Qual revista?" Ele pergunta. "Farei todo mundo que conheço comprar uma."

Todo mundo que ele conhece? Porra. Do que tenho que me envergonhar? De nenhuma maldita coisa. "TSN", respondo, referindo-me à revista The Sports Network.

É o marido da minha irmã que fala em seguida. "Rubes me deu uma assinatura de Natal."

Fecho os olhos, lembrando-me do mesmo fato que me levou a concordar em fazer as fotos em primeiro lugar: todo mundo tem bundas. Não é como se fossem me fazer curvar e abrir bem as pernas.

Mas…

"Sim, mas talvez você queira pular a página em que estaremos", digo ao meu cunhado, principalmente porque, enquanto não me importo que James veja minha bunda, porque ele obviamente não colocou um muito peso na aparência desde que ele casou com Dumbo — Aaron olhando aquilo parece diferente para mim. Talvez porque ele seja hétero. E realmente muito bonito. E não tenho certeza de como Ruby se sentiria sobre isso.

E do jeito que minha mãe é, ela pergunta desconfiada, "Por quê?"

Enfio um pouco mais de lasanha na boca antes de contar a verdade a todos. "Porque vou estar nua, e Ivan também."

Vejo Ivan olhar para mim e penso que talvez tenha visto um sorriso parcial aparecer em seu rosto.

"Para a edição de Anatomia?" Aaron pergunta; aparentemente sabendo exatamente como será.

Balanço a cabeça para ele antes de morder outro pedaço de pão de alho.

"Isso é ótimo, Jas", James diz depois de um segundo. "Você se importa se eu der uma olhada?"

Ao lado dele, meu irmão bufa. "Essa pervertida não vai se importar."

Oh, aqui vamos nós. "Só porque não sou uma merdinha tímida, não significa que sou pervertida." Então, voltando minha atenção para James, acrescento, "E não, não me importo. O pior que vão mostrar é a minha bunda..." Pelo menos é o que estou presumindo. Não há como mostrarem meus mamilos em uma revista. Será? Acho que Treinadora Lee confirmou que não, mas agora não consigo me lembrar com certeza. Eu me viro para Ivan e pergunto, "Certo?"

"Está vendo como ela parece desapontada só porque o máximo que vão mostrar na revista é seu bumbum?" Jojo pergunta a James, fazendo uma careta.

Eu o ignoro. Todo mundo sabe que meu irmão, de todas as coisas que é, é muito tímido. Ele tem cicatrizes de uma lesão de quando foi um fuzileiro naval. Por tudo que sei, ele pode sempre ter sido um puritano, mas não tenho certeza. Mamãe e eu pensamos que é fofo ele ser tão conservador, mas com certeza nunca direi isso a ele.

Ivan faz uma careta que me diz que quer fazer uma piada, mas vai guardar para si mesmo. "Você quer que eles mostrem mais?" O idiota ao meu lado pergunta.

Pisco para ele.

"A classificação indicativa é 13 anos, pelo que vi", ele diz. "Ninguém além do fotógrafo e da equipe verão... tudo."

Além dele.

Não tenho vergonha do meu corpo. Talvez não esteja tão magra quanto estarei perto da competição, mas estou controlando o que como desde que entramos nisso e não estou envergonhada dos genes que me deram. Sou vaidosa, mas não tão vaidosa assim.

Ainda não tenho certeza sobre esse idiota ao meu lado me ver nua, independentemente da conversa que tivemos semanas atrás, quando a Treinadora Lee me apresentou isso.

"Mãe, você não vai dizer a ela para não fazer isso?" Meu irmão pergunta.

"Por que faria isso?" Mamãe levanta uma sobrancelha enquanto toma um gole do copo gigante de vinho que tirou do nada como num passe de mágica.

"Porque..." Jojo encolhe os ombros. "Sua filha vai estar nua em uma revista onde milhões de pessoas podem vê-la como veio ao mundo."

"E...?" É uma resposta que não me surpreende de jeito nenhum. Mamãe ainda usa biquínis; estrias e pele de sessenta anos que se danem. "Qual é o problema com isso?"

Os olhos castanhos de Jojo deslizam de um lado para outro antes que ele diga, "Ela vai ficar nua?"

O piscar da minha mãe me faz pensar se é assim que o meu é. "Você não fica nu?"

Jojo geme, recostando-se contra o banquinho. "Não para milhões de pessoas verem e se masturbarem olhando!"

Algo sobre suas palavras faz *clic*.

E lembro qual será o problema com "milhões de pessoas" me vendo nua.

Merda.

Merda, merda, merda.

"Você está dizendo que há algo errado com o corpo da sua irmã?"

"Isso não é o que estou tentando dizer."

"Se fosse Sebastian fazendo a sessão de fotos, você me diria alguma coisa?" Mamãe pergunta, tomando outro gole ou cinco de seu vinho, mas estou muito ocupada ainda pensando no comentário de Jojo. Sobre as pessoas que eu não gostaria que me vissem como vim ao mundo.

Você já disse sim, lembro a mim mesma. Eu já aceitei. O que vou fazer? Parar de viver minha vida por causa de alguns idiotas?

Não. Mas queria.

Mas não posso. Empurro minhas preocupações para mais tarde. Não preciso que ninguém leia meu rosto e perceba que estou preocupada com algo que não quero que saibam.

Jojo suspira, depois murmura, "Não."

Aquilo faz mamãe piscar. "Então não seja hipócrita ou sexista. O corpo humano é uma coisa natural. O que ela está fazendo não vai ser sexualizado... não é, Ivan?"

A perna de Ivan embaixo da ilha bate na minha, mas ele diz, "Não, senhora. É artístico."

"Viu? É arte. David está nu. A Vênus de Milo está quase nua. Na minha juventude, tive um namorado artista. Posei para ele uma ou duas vezes. Nua como no dia em que nasci, Jojo." Ela sorri. "Você acha que sua irmã não é tão boa quanto Ivan? Você acha que ela não merece..."

"Oh Deus. Sinto muito", Jonathan fala rapidamente, balançando a cabeça, como se finalmente lembrasse com quem diabos está falando. "Eu não deveria ter dito nada."

"Sua irmã é uma mulher bonita e forte que faz coisas que milhões de outras pessoas não podem fazer. Seu corpo é aprimorado por milhares de horas de treinamento. Não tem nada do que se envergonhar. Todos nós temos mamilos. Amamentei você e você não se queixou."

Na metade do caminho, Jojo começa a sacudir a cabeça rapidamente como se dissesse *não, por favor, não*. Isso é o que ele conseguiu.

"Desculpe, disse que sinto muito. Finja que não disse nada...", ele diz.

"Não há nada do que se envergonhar..."

"Mãe, já disse que sinto muito."

A perna de Ivan bate na minha novamente, mas estou muito ocupada tentando não rir da expressão facial de Jojo, para reagir.

Minha mãe ignora meu irmão. "Seios são naturais..."

"Eu sei, mamãe. Sei que são. Eu amo e respeito as mulheres. Seios. Eu só não os quero na minha cara..."

"Eles representam feminilidade, beleza..."

Tenho certeza que Jojo começa a engasgar. "Mãe, por favor..."

"Isso é coisa de sexistas, gente de mentalidade fechada que acha que apenas porque temos vaginas e seios, que mulheres são o sexo fraco."

"Você não é fraca. Nenhuma de vocês é fraca, juro..."

"Você sabe como é..."

A perna de Ivan bate na minha, e não posso evitar torcer minha parte superior do corpo o suficiente para encará-lo, pressionando meus lábios para não começar a rir. Dois olhos vítreos cinza-azulados encontram os meus, e é óbvio que ele está tentando não rir também. Especificamente quando minha mãe diz quão degradante é não ser vista como igual.

"Mulheres marcharam, se reuniram e foram agredidas para que sua mãe e irmã sejam seres humanos que não são propriedade de seus maridos." Mamãe acaba retomando a conversa depois de alguns minutos. "Se sua irmã quer mostrar o corpo dado por Deus, ela pode, e não vou impedi-la, e você não vai impedi-la, e ninguém vai."

Ela então lhe aponta seu garfo e pisca. "Eu te ensinei melhor isso, Jonathan Arvin."

Quase não consigo evitar a gargalhada com ela soltando seu nome do meio.

Jojo levanta a cabeça minutos atrás, e ainda não se move quando geme, "Você ensinou. Eu sinto muito. Sinto muito."

Mamãe sorri e me dá uma piscadela que me faz rir. "Isso foi o que pensei. Podemos comprar todas as edições e garantir que elas se esgotem. Vou colocar em uma moldura e colocá-la na lareira."

Não sei nada disso, mas mantenho minha boca fechada.

Aaron ri. "Não acho que vai haver problema de vendagem. Geralmente vende bem."

"Viu? Todo mundo gosta de nudez. Não há nada de errado com isso. Não é como se você não assistisse pornografia quando pensava que eu não sabia."

Isso faz todos nós gemermos.

"Não diga pornografia de novo", digo a ela, tentando apagar da minha memória a palavra que saiu da boca da minha mãe.

"Você fique quieta", mamãe diz. "Jasmine Imelda."

E fico quieta antes que ela volte isso contra mim e mencione algo que fiz ou disse tempos atrás. E aproveitando a abertura, mudo de assunto ou arrisco que ela entre em outro discurso, que secretamente amo, mas quero poupar todo mundo que não está acostumado.

"Você quer ligar para Karina e contar tudo?" Pergunto a Ivan de repente.

Jojo solta um grunhido ofegante do outro lado da ilha, como se agora tivesse revivido.

Ivan, por outro lado, faz uma cara esquisita como se não entendesse por que mudei de assunto de repente. Talvez ele não me dê nenhum crédito ou não perceba o que fiz, mas não seria a primeira vez. "Claro?"

Seus "claro" sempre parecem mais "eu acho", mas isso é apenas parte dele.

Não vou morrer por causa de lasanha gelada e pão de alho, digo a mim mesma, olhando para o que resta da minha comida com pesar. Puxo meu celular do bolso, o coloco na ilha e vou até o ícone de meus contatos, encontrando o nome de Karina bem perto do topo; e aperto o botão de chamada.

"O que você está fazendo?" Minha mãe pergunta.

"Ninguém disse a Karina que Ivan e Jas são parceiros", meu irmão replica, colocando seu garfo e faca em cima do prato, entrelaçando os dedos e enfiando as mãos sob o queixo com os cotovelos apoiados no balcão, de volta ao normal.

Coloco o telefone no viva-voz assim que começa a discar. As maiores chances são de que ela não atenda. Mas há chances que atenda. Não conheço mais sua agenda. Na última vez que conversamos, ela me ligou.

"Ligue para Karina! Ligue para Karina!" Jojo começa a cantar baixinho, seguido também pela minha mãe.

"Ligue para ela!" Tali, a idiota rabugenta, fala com a boca cheia.

"Estou ligando", sussurro, olhando para a tela que exibe que a ligação ainda esta conectando.

Posso ver Ivan olhar para mim, mas ele não diz nada.

Assim que o telefone faz uma última tentativa de discagem, um segundo antes de dar o último sinal que precisa antes que eu possa deixar uma mensagem de voz...

"Alô?" Uma voz ofegante responde.

Então Ivan e eu definitivamente nos encaramos. Por que diabos ela está respirando assim?

"Jasmine, você está aí?" A voz familiar de Karina vem do outro lado da linha.

"Sim. É um momento ruim?"

"Eu estava na esteira e pulei o mais rápido que pude", ela explica, ainda respirando com dificuldade. "Sinto muito. Um segundo."

Meus olhos castanhos encontraram os azuis de Ivan, no que imagino ser alívio por ela não estar fazendo outras coisas que irmãos e irmãs não devem saber.

"Ok, estou de volta. Desculpe. Tive que pegar um pouco de água. O que está acontecendo? Você finalmente lembrou que costumava ter uma melhor amiga ou o quê?" Ela brinca, ainda respirando com dificuldade.

"Você também tem meu número."

Ela faz um som de estalo. "Ando tão ocupada..."

"Tanto faz. Olha, estou jantando com a minha família agora..."

"Estou no viva-voz?"

Paro. "Sim."

Então ela faz uma pausa. "Você está grávida?"

Do outro lado da mesa, Tali bufa e lhe dou um olhar desagradável. "Por que diabos você pensaria isso?"

"Por que mais você me colocaria no viva-voz?" Ela exige antes de acrescentar, "E olá, minha outra família. Saudades de todos vocês."

"Oi, Karina!" Tali, minha mãe e Jojo gritam, com Ruby adicionando uma saudação baixa.

"Oi!" Ela grita alegremente antes que sua voz volte ao normal. "Mas, Jas, não brinca, você está grávida?"

"Não", retruco. "Claro que não."

"Oh, graças aos céus. Pensei que sua vida estava prestes a acabar. Ufa."

"Eu tenho cinco filhos", minha mãe replica.

"Não você, mãe", Karina responde, chamando minha mãe do mesmo jeito que ela sempre fez: Mãe. "Mas a de Jasmine acabaria. De qualquer forma, por que você está ligando se não é só para dizer oi a sua melhor amiga e que você não esqueceu que está viva?"

Reviro os olhos e dublo para Ivan, *esta é sua irmã*. "Estive ocupada e me esqueci de te contar uma coisa", começo.

Há uma pausa antes que ela diga, "Vá em frente."

"Ivan também esqueceu, pelo que soube hoje."

Há outra pausa. "Ivan? Meu irmão, Ivan?"

"O único, gênio", digo. "Em março, ele me convidou para patinar com ele e ser sua nova parceira."

Ela não responde. Não por dez segundos, nem por vinte ou trinta. Pode ter sido um minuto inteiro de silêncio, com Ivan e eu compartilhando um olhar, antes que a risada de Karina saia pelo alto-falante.

"*Minha nossa*", ela praticamente grita para o telefone.

"Por que ela está rindo?" Ouço Aaron perguntar a Ruby.

Minha irmã dá de ombros.

"*Ahhha*!" Karina praticamente começa a gritar sua risada.

"Pare de rir", digo para ela, sabendo muito bem que está gargalhando muito para prestar atenção em mim.

"*Você e Ivan?*" Ela grita.

"Ele está bem aqui", eu a aviso.

"Oi, Rina", ele cumprimenta.

Ela começa a rir. Novamente.

"*Eu não posso acreditar!"* Ela começa a uivar de novo.

"Quem a machucou para fazê-la desse jeito?" Pergunto a Ivan sem sequer perceber.

"Ela nasceu assim", ele responde, com os olhos grudados na tela em branco.

"Isso está sendo melhor do que eu esperava", James diz.

Jojo suspira. "Estou desapontado. Pensei que ela ficaria brava que vocês se esqueceram dela."

"*As duas pessoas mais teimosas que já conheci! Patinando juntas*?" Karina grita. "*AHAHAHAHA*!"

"Você tem problemas", digo.

"*Por favor! Por favor! Diga-me que alguém gravou seus treinos juntos. Ooh! Diga-me que estão fazendo um vídeo de vocês ao vivo. Assistirei cada minuto. Dê-me todas as datas das competições com antecedência. Serão os* Jogos Vorazes *no gelo. Comprarei todos os assentos da primeira fila*", ela grita, com a voz cheia de riso.

Reviro os olhos e balanço a cabeça. "Estamos..." O que? Virando amigos? É um pouco cedo demais para essa merda. "Estamos indo bem."

"*É como se meu sonho se tornasse realidade, quatorze anos depois*." Há uma pausa e depois mais, "*Você e Ivan! AHAHAHA*!"

Não sei por que isso me surpreende... mas surpreende. Claro que ela acharia isso hilário.

Dois anos atrás, eu pensaria a mesma coisa.

Eu e o Ivan. Jantando. Na minha casa. Com minha família. Tentando ser amigos. O que quer que isso signifique.

Mas aqui estamos nós.

E aparentemente, Karina está se divertindo com essa merda.

Capítulo 10

"EU NÃO SEI mais se quero fazer isso", digo à Treinadora Lee uma semana depois.

Uma semana depois que não consigo parar de pensar em todas as razões pelas quais fazer isso é uma ideia estúpida, incluindo, mas não se limitando a, mostrar todas minhas partes a Ivan.

Nossa longa amizade de uma semana está indo... bem. Não dissemos nada que insulte um ao outro naquele período de tempo. Ele até sorriu para mim uma vez quando concordei com ele que tínhamos feito algo certo quando Treinadora Lee alegou o contrário.

Tudo bem. Totalmente bem.

E talvez isso seja parte da razão pela qual não quero que ele comece a me provocar. Pelo menos enquanto não estou vestida. Não dou a mínima para o que o fotógrafo ou sua equipe pensam... mas Ivan é o único que tem o poder de realmente me irritar.

Então lá estou eu, depois de uma noite inteira de estresse sobre as fotos. Galina teria dito que estou impaciente, mas não estou impaciente. Apenas... estressada. Sobre as consequências. De longo e curto prazo. Com Ivan e sem.

Não é como se tivesse ficado feliz em fazer isso em primeiro lugar, e se meu instinto está dizendo que é uma ideia ruim... há uma razão para isso. Toda vez que ignorei meu pressentimento antes, paguei por isso.

Então…

Treinadora Lee se vira para mim de onde estamos paradas, ao lado do gelo no LC quase vazio. Seu rosto se fecha instantaneamente, e sua boca torce de lado, mas são seus dedos que imediatamente começam a se mexer e que a denunciam. Isso e o sorriso apertado que ela força em seus lábios quando quase resmunga, "Há algo que devo saber?"

Há algo que ela deva saber?

Nervosismo, nervosismo real, nervosismo ruim que faz meu interior revirar e meu estômago *quase* doer, praticamente toma conta do meu corpo inteiro, mas tudo que posso fazer é encolher de ombros. "Não sei se quero fazer isso com

Ivan, afinal das contas", digo a ela. "Uma coisa é fazermos todos os nossos levantamentos completamente vestidos, mas quanto mais penso em ter que fazer isso nus... eu não sei", minto parcialmente.

Porque eu sei. Sei qual pode ser o maior motivo. Estou hesitando novamente.

Três dias atrás, tive que começar a excluir comentários e mensagens de caras aleatórios na minha página do Picturegram. Foram apenas dois comentários, mas dois foram demais. Eles disseram que queriam "me foder" e "comer minha bunda." Depois, houve mensagens privadas, que foram duas fotos de pau e outra me pedindo para postar um vídeo de meus pés descalços. Isso então me fez pensar sobre o que meu irmão disse durante o jantar dias antes, sobre estranhos se masturbarem com minhas fotos.

Não sou puritana, mas também não sou fã de viver minha vida postando fotos de uma das minhas aulas de balé com Ivan, que Treinadora Lee me mandou por e-mail — com esse propósito específico — e depois ter que lidar com esses tipos de comentários e mensagens. Não sou estranha a paus. Mas quero poder escolher quando os vejo. Definitivamente não sou fã das lembranças de quando outras pessoas me enviaram fotos e vídeos muito piores, porra. Fotos e vídeos que me fizeram perder o sono por causa do tanto que me fizeram sentir impotente. E suja.

E foi isso que começou a acontecer a menos que estivesse exausta. Comecei a perder o sono. Mais e mais sono.

Até que estou aqui, neste momento, me estressando com coisas como essa acontecendo mais e mais. Não quero ver esse tipo de merda. Tudo que quero é a patinação artística. Não me importo com o resto.

Mas não é assim que as coisas funcionam hoje em dia.

Uma expressão engraçada recobre o rosto da Treinadora Lee quando ela me observa e absorve minhas palavras. "Ivan disse alguma coisa?"

Merda. Não pensei nisso bem o suficiente, não é? A única coisa que posso fazer é ser vaga. Só um pouco. Apenas o suficiente. "Ele sempre diz alguma coisa, mas não é isso."

Ela estreita os olhos. "Você sabe o que quero dizer. Ele disse alguma coisa sobre fazer as fotos com você? Porque vou ser honesta, isso não parece te incomodar."

Sou tão óbvia? Porque ela está certa, os comentários de Ivan geralmente não me incomodam. Chateiam, sim. Fazem com que eu queira matá-lo, sim. Mas

me incomodam? Não muito. Mas estar nua na frente de alguém, especialmente alguém como Ivan, que está constantemente me julgando com aqueles olhos azul-claros, parece uma troca de poder que me deixa sem nada. Ele saberá algo sobre mim que muitas pessoas não sabem. E essa pessoa me provoca sobre tudo.

"Eu não sei se quero ficar nua na frente dele. Isso é tudo. Se fizer isso sozinha, não será nada demais. Até mesmo na frente de completos estranhos, claro, mas fazer isso na frente dele quando tenho que vê-lo o tempo todo, eu não sei."

A mão dela sobe até os olhos e belisca a ponte do nariz, claramente exasperada antes de finalmente balançar a cabeça lentamente. "Ok. Tudo bem. Deixe-me falar com ele e conversar com o fotógrafo e veremos o que se pode fazer."

Por um momento, penso em pedir desculpas por mudar de ideia, mas foda-se. Não quero mostrar a Ivan, entre todas as pessoas, meu corpo nu. Aposto que mais ninguém aqui iria querer também. É minha escolha. Minha decisão. Meu corpo.

Não vou dizer que sinto muito por ser um inconveniente, porque não sinto.

Mas sinto um pouco mal quando Treinadora Lee se vira, esfregando o pescoço, e o fotógrafo está em pé com Ivan e um assistente, conversando seriamente. Eles chegaram cedo para fazer algumas tomadas no gelo, uma com um fundo cinza e outra com um branco, cercado por luzes. Foi chique.

Eu me obrigo a observar enquanto a boca da Treinadora Lee se movimenta e, em seguida, observo o queixo de Ivan deslizar para frente um momento antes de seus olhos cortarem em minha direção antes de se concentrarem em Lee para ouvir o que quer que ela esteja dizendo.

E não posso dizer que fico totalmente surpresa quando um minuto ou dois depois, Ivan começa a sacudir a cabeça, claramente ignorando o que quer que Lee esteja dizendo, e começa a patinar na minha direção, o nó em seu roupão é a única coisa que me impede de ver mais do que apenas uma fatia de suas coxas, panturrilhas e peito, quando ele faz isso.

"Não vou fazer isso", digo antes que ele fale uma palavra. "Se você quiser fazer isso sozinho, vá em frente. Farei isso sozinha também. Mas não quero fazer isso junto com você."

Algo apertado estala em seus ombros no segundo em que a última frase sai da minha boca. Mas é o jeito como seu rosto fica sério, sua mandíbula retangular

apertada, sua boca franzida e as sobrancelhas escuras, que realmente fica bem visível.

"Não quero fazer isso, Ivan, e você não vai me culpar, certo? Sei que é um grande problema, mas não quero fazer isso com você."

Aqueles claros olhos cinza-azulados não se afastam de mim quando ele desliza até os painéis e para ali na entrada, me encarando como se nem mesmo soubesse quem sou. Ele me observa atentamente enquanto pergunta, lentamente, desenhando cada letra, "Por quê?"

Eu nem sequer penso nisso. "Porque não quero meus seios e vagina enfiados no seu rosto." *É isso*. Pronto.

O fôlego que ele toma é tão irregular que posso perceber em seu peito. "Você estava se gabando sobre não ser tímida há alguns dias, e agora está recuando?" Ele pergunta, me observando um pouco mais de perto. "Você faria isso sozinha, mas não comigo?"

Quando ele diz assim...

"*Sim*", concordo, assentindo.

"Por minha causa?"

"Sim, por sua causa." Amigos são honestos um com o outro. Ele não pode me culpar por isso. Talvez eu não esteja sendo completamente honesta, mas já é alguma coisa.

Ele pisca, ainda tentando me compreender. "Eles querem que façamos juntos, não separados."

Encolho meus ombros, totalmente sem remorso. "Bem, existe essa coisa chamada Photoshop, eles provavelmente podem nos misturar e fazer parecer que estamos juntos", sugiro.

Ele pisca de novo, sua mandíbula rangendo de um lado para o outro.

Apenas olho para ele.

Ivan pisca para mim e eu pisco de volta.

Uma daquelas mãos grandes e fortes que pode segurar minha bunda de mais de quarenta e cinco quilos, sozinho, acima de sua cabeça ou na parte de trás do seu pescoço. Sua mandíbula se contrai novamente. Sua respiração diminui. O seu pomo de Adão balança. "O que eu fiz para que você não queira fazer as fotos comigo?" Ele pergunta lentamente. "Você fala merda de volta. Pensei que tivéssemos concordado em sermos amigos." Aqueles olhos passam pelo meu rosto, que está recoberto de maquiagem e que levou a maquiadora quase uma hora para aplicar. "Nós jantamos juntos", ele me lembra, como se

eu esquecesse que passou três horas na cozinha da minha mãe, jogando Jenga com minha família, comendo lasanha, engolindo a menor fatia de bolo de chocolate enquanto comi três vezes a quantidade porque pensei: porque diabos não.

Ele me deu uma toalha de papel — talvez porque realmente pensou que eu não poderia alcançar a mesa, talvez não. Ele me levou para casa. Ele me pediu para ser sua amiga, embora quanto mais pense sobre isso, mais perceba que ele não está tão familiarizado com o que diabos isso significa.

Seja gentil. Seja melhor.

Então, tento. "Ivan, tenho que olhar para você todos os dias. Não é razão suficiente para não querer ficar nua na sua frente?" Pergunto, mantendo a agressividade o mais longe possível enquanto tento ser adulta.

Ele não hesita. "Eu não me importo se você me vir nu."

Merda.

Ok. Terei que ser mais direta. "Bem, eu também não me importo se o mundo todo me vir nua, mas não quero que você veja certo? Você pode respeitar isso?"

"Mas por quê?" Ele pergunta, soando honestamente confuso.

Exasperação, ou talvez frustração, me atingem com força. Muito forte. A última coisa que esperava é que ele quisesse uma explicação. "Por que. Eu já disse."

"Não, você não disse."

Eu pisco. "Sim, eu disse."

"Não. Você. Não. Disse."

"Sim. Já disse."

"Não. Eu quero que você me diga. O que fiz na última semana para que você não queira mais fazer isso?"

Ele não vai deixar isso de lado. Tento não ser uma idiota. Mas ele quer uma explicação, então dou uma a ele. "Ivan, você acha que quero que você me zoe sobre pular a puberdade depois que vir meus peitos? Porque não quero. Nem um pouquinho, tudo bem? É isso que você quer ouvir? Que não quero que você olhe para mim e me julgue quando eu tiver que olhar para seu rosto o tempo todo? Gosto muito de mim mesma. Não quero ouvir você tirando sarro de mim, sobre coisas que não posso mudar. Tenho seios pequenos. Ok. Nós dois sabemos disso. Ou você vai achar que meus mamilos são muito grandes, ou achar que são muito pequenos, ou rirá de minhas estrias, ou me dirá que descobriu de onde vem todo o meu peso! Das minhas coxas!"

"*O que*?"

Encolho os ombros para ele novamente, meu estômago dando nós desconfortáveis quando digo a ele mais da minúscula verdade que estou compartilhando. "Gosto do meu corpo, tudo bem? Eu não quero que você me faça desgostar. Sei que não sou..." Balanço a cabeça, sem terminar a frase. "Estou bem com quem eu sou e com minha aparência e vou emagrecer um pouco mais antes do início da temporada."

Não tenho certeza se não notei que estava acontecendo gradualmente, ou se aconteceu em um piscar de olhos, mas em algum momento, o rosto dele ficou pálido, e no piscar seguinte, ele está fora do gelo, contornando a barreira e ficando a dois passos de mim, parecendo total e completamente ferido, como se eu o tivesse esfaqueado. "*Jasmine*", ele diz meu nome lentamente e quase em um silvo, pois é uma das raras vezes que não me chama de Meatball. "Vamos lá."

Apenas o encaro. "Sem essa de, *vamos lá*, Ivan. Odeio o fato de que me importo com o que você pensa, ok? Não precisa esfregar isso na minha cara. Estou tentando... ser sua amiga", tento fazer uma piada, mas não funciona quando nada nele muda nem um pouco.

Se qualquer coisa, Ivan parece surpreso. "Jasmine", ele repete meu nome, sua voz baixa e quase rouca.

"Não vou fazer isso", é minha vez de repetir. "Desculpa. Nada do que você disser ou fizer me fará mudar de ideia, por isso, pode cair fora, tigre, e acabe sua parte, para que eu possa fazer a minha. Tenho certeza de que tudo ficará bem, e se não ficar... não vou sentir muito." Se pudesse contar a outra metade da verdade, ele entenderia. Eu sei.

Mas não conto.

Ivan, no entanto, não deixa pra lá. Ele não se mexe. Não desvia o olhar. Apenas me encara, sua respiração suspensa, a pele lisa entre seus peitorais claramente visível no decote V do roupão que está usando. Aqueles olhos azuis saltam por todo meu rosto, e odeio isso. Odeio o fato que admiti que não estou prestes a me despir por causa dele, porque mais tarde não quero ouvir provocações sobre o formato dos meus seios pequenos, ou a forma e o tamanho da minha bunda, ou o milhão de outras coisas que ele pode deduzir. Porque há muitas delas. Não sou perfeita. Não sou minha mãe, ou Tali ou Ruby.

"Meatball", ele diz, ainda falando devagar, ainda sem se mexer. Ele se esforça para engolir. Luta com suas palavras, se a expressão estranha em seu

rosto diz alguma coisa. “Eu só estou te enchendo o saco, quando zombo de você”, ele afirma, me observando. “Você sabe disso, não sabe?”

Olho para longe e aceno, mal suprimindo a vontade de revirar os olhos. “Sim, sei que você está apenas me enchendo o saco. Dou conta disso. Às vezes...” Deus, me dói dizer isso a ele, mas foda-se. “Às vezes, você quase me faz rir. Mas não quero fazer isso com você sem roupas. Parece muito pessoal agora. Nós estamos mais... próximos.”

Ouço, mais do que vejo, o seu exalar. Mas o que sinto é ele dando mais um passo para perto de mim. “A única razão pela qual te falo tanta merda é porque você é um pé no saco, e então você é a única que responde para mim à altura. Você sabe que é linda.”

Rio e reviro os olhos dessa vez, porque *qual é, porra*. Sério? Agora sei que ele está tentando demais. Por favor. Deus. “Se acha que me lisonjear vai me convencer a fazer isso, você não me conhece nem um pouco, Lukov.”

“Nada de Lukov. Ivan”, ele responde facilmente, seu tom tão gentil, me deixa desconfortável, porque isso não é o que quero dele. Muito menos o que espero dele. “Tenho certeza que você é perfeita aí debaixo.”

Bufo dessa vez, porque, porra, ele está exagerando para me convencer. Jesus.

Mas ele continua. “Tenho certeza de que não há nada aí debaixo do seu roupão que não deixe todos os homens aqui com tesão. Algumas mulheres também, aposto.”

Eu o olho de lado por usar a palavra tesão e sacudo a cabeça para me afastar disso. Ele está cheio de merda. Sei. Sei disso. Até Treinadora Lee saberia, se ela pudesse ouvi-lo agora. Com quem ele acha que está falando? Alguém que não o conhece há mais de uma década e que foi o foco de seus comentários mesquinhos e idiotas o tempo todo? Agora ele está apenas me irritando. “Você pode calar sua boca? Não preciso te ouvir dizendo isso, certo?” Argumento.

Sua mão toca meu pulso e, por algum milagre, não a puxo do seu alcance. “Não estou apenas dizendo tudo isso”, ele repete em um tom tão baixo, tão... eu não sei, carinhoso ou algo assim, que me deixa desconfortável. Não acho que alguém já falou comigo assim antes. Nem mesmo James, o cara mais legal do mundo. Ivan continua. “Só estou falando merda quando digo que você ainda não passou pela puberdade. Fala sério”, ele insiste, ainda usando aquela voz que não sei como interpretar. O que pensar. “Não achei que fosse tão sensível.”

Eu pisco. “Não sou tão sensível.”

"*Jasmine*", ele inspira, envolvendo os dedos no meu pulso com força, mas não dolorosamente. Aquela cabeleira escura e aquele seu rosto impecável que poderia ter sido maquiado, mas talvez não, se aproxima de mim quando pergunta, "O que diabos está acontecendo com você agora?"

"Nada", insisto.

"Você está mentindo", afirma. "Você sabe quem é e o que você é. Não estou prestes a te contar e deixar o seu ego ainda maior, me dê um desconto", ele quase late. "Quero fazer essa sessão de fotos com você, não sozinho. Contigo. *Como uma equipe*. Será ótimo para nós dois se começarmos a temporada assim."

"Sei quem sou e tenho um grande ego, *claro. Ok.* Olha, acabe logo e farei logo depois de você. Não quero mais falar sobre isso. Não estou com vontade de discutir agora."

No segundo em que as duas mãos pousam nos meus ombros, pulo inesperadamente. E quando sua boca baixa para onde seus lábios pairam sobre os meus, definitivamente não me mexo também. Estamos próximos sete horas por dia, seis dias por semana. Não há limites físicos entre nós porque não pode haver.

Mas isso…

Com isso eu não sei o que fazer. Não consigo pensar na última vez que alguém esteve tão perto assim de mim.

"Estou falando muito sério, porra", ele sussurra com toda a força e determinação do mundo.

Não posso deixar de olhar para ele, de tão forte e exigente que seu tom é.

Ele está olhando para mim com aquele rosto maldito, parecendo mais sério do que já vi antes, mesmo antes das competições. "Nunca tiraria sarro de você."

Faço uma careta.

Ele sacode meu pulso, gentilmente, cobrindo o local onde meu bracelete normalmente está. Eu o tirei e deixei no armário. "Eu não faria isso quando você está nua", ele me diz. "E quem tiraria sarro de você sem roupas? Aposto que nenhum daqueles homens lá fora já viu pernas e um traseiro que podem lançar uma pessoa no ar, como você é capaz."

Eu não levaria esse comentário com uma idiota. Em vez disso, pisco para ele. "Por que você fica olhando para minha bunda?"

Os cantos de sua boca rosada se inclinam um pouquinho. "Porque está lá, na minha cara, o dia todo."

Acho que ele tem razão. Não é como se eu não olhasse para sua bunda de vez em quando. Porque esta lá. "Então, não faça isso. Amigos não olham para a bunda um do outro."

A maneira como ele revira os olhos faz algo desconfortável com meu íntimo. "Jasmine, esse corpo — essas coxas que você acha que vou tirar sarro, e essa bunda que você pensa a mesma coisa — vai nos garantir a vitória, o primeiro lugar a partir de agora. Eu não tiraria sarro disto. Não tiraria sarro de *você*. Nós vamos fazer como sempre. Quando pisamos no gelo, é trabalho. Somos nós nos concentrando, não fodendo por aí."

Prendo a respiração, observando suas feições enquanto o faço. "Não acredito em você."

"Que não vou tirar sarro de você?"

"Sim."

Há uma pausa e depois, "Você quer me ver nu primeiro?"

Começo a rir. Imediatamente. Sem querer. É a última coisa que gostaria de fazer. "*Não*!"

E pelo sorriso que me dá, ele também sabe disso. "Tem certeza? Tenho um sinal na minha coxa que se parece com a Flórida. Talvez encontre algo para zombar de mim, mas acho que não."

Ainda estou rindo, mesmo que não queira — e realmente não quero — quando olho para ele e balanço a cabeça. "Deus, você é um babaca arrogante."

Seu sorriso é pequeno. "É a verdade. Você pode olhar o quanto quiser, e se encontrar algo, vá em frente, mas malho o tempo todo. Tenho cerca de... sete por cento de gordura corporal durante todo o ano. Olhar para mim, mesmo no espelho, não é uma tarefa difícil."

Rio ainda mais, mas como não rir quando ele está sendo assim? Esse cara que não conheço.

"Você pode tirar sarro de mim, mas eu preferiria que você não o fizesse, honestamente. Não gosto quando as pessoas dizem que sou magro, porque não sou", ele fala quase suavemente, e é minha vez de piscar.

Quem diabos acharia que esse homem é magro? Não há uma única coisa "magra" nele. Já o vi malhando uma vez, anos atrás. Ele levantou duas vezes o seu peso. Nadadores e corredores não tem um corpo como o de Ivan. Nenhum deles.

Não que eu vá admitir essa merda.

A mão no meu pulso nu dá uma sacudida. "Vamos lá, Meatball. Você e eu. Nós vamos deixar todo mundo com inveja da obra de arte que é nossas bundas."

Assim que a amizade é? Que deveria ser? Ele me provocando? Eu falando merda de volta, mas fazendo isso com um sorriso no rosto? Se for…

Se for, acho que posso fazer isso. Acho. Talvez.

"Eu te odeio", suspiro, espiando-o novamente porque não presto.

Então ele pega pesado, aqueles olhos azul-azulados apontados diretamente para os meus castanhos. "Faça isso por Paul então. Assim ele pode ver e se arrepender de nunca ter conseguido fazer uma sessão de fotos com você nua para a TSN." Meu pulso é balançado novamente. "Ou qualquer sessão de fotos."

E com isso ele me ganha, provando que me conhece melhor do que eu esperava.

Porque Paul é um maldito filho da puta. Ugh. *Ugh*.

Não quero que as pessoas se masturbem com minha foto. Mas se isso for uma chance de esfregar algo épico no rosto daquele idiota... valerá a pena. Vale muito a pena, porra.

"Essa é minha Meatball", ele diz quase em um sussurro, seus dedos soltando meu pulso até que estão deslizando pelos meus, segurando nossas mãos juntas como fizemos mil vezes. Porque fizemos. "Estamos fazendo isso, certo? Juntos? Não vou tirar sarro de você, mas você pode tirar sarro de mim um pouco?"

Não sei quem diabos está na minha frente naquele momento. Esse cara legal, engraçado e gentil. Mas aperto a mão dele na minha e balanço a cabeça. "Sim, vamos fazer isso juntos", resmungo, sabendo que é a coisa certa. Sabendo que talvez vá me arrepender de algumas partes, mas não de tudo. Pelo menos não se ele não fizer uma piada de puberdade.

"É o que pensei", ele diz, soando quase alegre quando dá um puxão na minha mão.

E então estamos no gelo, em nossos roupões, com maquiagem e prontos — pelo menos eu com certeza — e a Treinadora Lee e o fotógrafo imediatamente param de falar no segundo em que nos veem patinando em direção a eles. Ela ergue as sobrancelhas finas e negras e pergunta, hesitante, "Você mudou de ideia?"

Aceno.

"Só quero fazer isso se você estiver confortável", a fotógrafa diz rapidamente. "Todos nós não temos nada além de respeito por você e seu corpo, Jasmine. Podemos trabalhar em alguns ângulos se você quiser manter sua calcinha..."

Balanço a cabeça. "Está tudo bem." Não estou prestes a dizer que não queria ficar nua por causa de Ivan. Muito menos por causa de estranhos idiotas que não tem nada melhor para fazer. Pedaços patéticos de merda.

"Você tem certeza?" A fotógrafa pergunta, não soando como se fosse deixar pra lá se eu dissesse que não estava.

Mas estou. E digo isso. "Sim, estou."

Ela encolhe os ombros. "Ok. Vamos começar então, se ambos estiverem prontos."

Ivan aperta minha mão — ele não a soltou — e diz em voz alta o suficiente para que eu ouça, "Subestimei o quanto estaria frio, então você não pode tirar sarro de… certas partes do corpo se elas estiverem tentando rastejar para dentro de mim para se protegerem..."

Mal seguro um sorriso quando este sentimento de bem-estar cobre a parte superior do meu corpo. "Não vou tirar sarro de Peter, se você não tirar sarro de Mary e Maggie. Essas duas cadelas não estão se escondendo porque está frio. Elas simplesmente vivem escondidas", digo uniformemente.

Ele assente, mas sua boca se inclina um milímetro. "Você sabe que agora estou esperando que você tenha três mamilos, certo?"

Reviro meus olhos. "E estou esperando que seu pau tenha uns três centímetros. Estamos quites."

Ivan faz uma careta, seus dedos apertando os meus. "Talvez três centímetros seja muito." Eu gemo, mas ele continua. "Vamos acabar com isso, sim?"

Nenhum de nós diz nada enquanto soltamos as mãos e patinamos para onde os dois cenários foram colocados no centro do rinque, os refletores com forma de sombrinha acesos e prontos para começar. Treinadora Lee se aproxima de nós, parecendo cética. "Prontos?"

Ivan assente e eu digo, "Pronta." Porque estou.

Ficarei bem. Provarei algo para as pessoas que não deveria querer provar algo, mas preciso. Fará com que as outras merdas valham a pena.

Com uma respiração profunda que não estou acostumada a buscar, relaxo e vejo a fotógrafa ir para trás de sua câmera, acenando para nós em

encorajamento enquanto seus assistentes entram em posição. "O que quiserem fazer primeiro, podemos começar por aí. Qualquer levantamento ou posição estacionária seria ótimo."

Sim. Aparentemente não conseguirei evitar que minha virilha fique no rosto de Ivan, mas há uma razão pela qual me depilo regularmente.

Estamos prestes a nos conhecer em um nível totalmente novo, imagino. *Eu posso fazer isto*. Claro que posso, porra. Sou forte, inteligente e posso fazer qualquer coisa, assim como minha mãe sempre me diz.

"Um levantamento?" Pergunto ao meu parceiro — meu Ivan — quando minhas mãos vão para o nó do meu roupão e começo a desatá-lo.

"Claro", ele responde, quase facilmente demais, suas próprias mãos no mesmo lugar que as minhas.

Ou ele está realmente se esforçando para ser legal comigo, ou está tramando alguma coisa. Não tenho certeza. Mas duvido que faça alguma coisa fodida na frente das câmeras, especialmente depois daquela conversa estimulante.

Acho.

"Quando estiverem prontos", a fotógrafa grita.

Sou eu ou as luzes parecem muito brilhantes? Eu me pergunto. Todo mundo sabe que a câmera adiciona pelo menos dez quilos, mas com todas essas luzes, tenho a sensação de que vai parecer mais de vinte. Tudo bem. Deixe-os julgar. Não tenho nada para provar para as pessoas que não importam ou significam nada para mim.

Fico na frente de Ivan com as minhas mãos ainda no roupão, pronta, e pergunto a ele, "Pronto para começar?"

Já na posição, ele assente.

É hora da festa, eu acho.

Desfazendo o nó na minha cintura, eu me controlo, pego cada centímetro da minha confiança e dignidade e me lembro de que nenhum corpo é perfeito, e esperançosamente eles tirariam no Photoshop qualquer coisa que não parecesse correta mesmo que provavelmente não fossem, desde que a matéria é chamada de A Questão Anatômica para começar. Mas foda-se. Se as pessoas quiserem fazer uma lista se eu estiver curvada, *vão em frente*. Cresci próxima a três das mulheres mais bonitas do mundo. Aceitei há muito tempo atrás que não sou uma delas, e está tudo bem.

E então tiro meu roupão.

Ninguém diz nada, mas coloquei uma tira de esparadrapo diretamente sobre meus mamilos, deixando o resto livre. Quer dizer, eles não podem mesmo postar fotos minhas totalmente de topless, então não acho que seja um grande problema. Minha bunda e vagina nuas, eu não posso me importar menos. Todos nós saímos de uma.

Posso fazer isso. Realmente posso.

E então, com o canto do olho, vejo o movimento de outro roupão sendo removido e entregue, uma camada de pele e mais pele, apenas um segundo antes de uma mão ser estendida para segurar a minha.

Hora de acabar logo com isso, penso, e me viro para encarar Ivan pela primeira vez, talvez meio que prendendo a respiração. Levanto minhas sobrancelhas para ele quando meus olhos se encontram com os dele, rezando a Deus que não tenha, de repente, decidido começar a corar pela primeira vez na minha vida, porque seria realmente humilhante.

"Porra", ouço Ivan murmurar enquanto olho para seu rosto... só para descobrir que seus olhos estão fechados.

"O que?" Falo.

"Nada", ele retruca imediatamente.

"O quê?" Insisto, tentando descobrir por que sua pele ficou ainda mais pálida... e por que ele não está olhando para mim.

"Nada" , ele responde, soando como o Ivan que conheço: um pé no saco. Ele balança a cabeça e engole em seco. "Vamos acabar com isso."

"Acabar com isso?" Pergunto; não me sentindo insultada. Talvez ele seja o único a se arrepender agora. Que maravilha da porra. "Você que quis fazer isso", lembro a ele.

"Bem, estou começando a pensar que foi uma ideia de merda, então vamos logo", ele murmura; os olhos ainda fechados.

"Puritano", sussurro; não entendendo por que ele não está olhando para o meu rosto, no mínimo. Está começando a me fazer sentir que há algo errado comigo.

Então olho para ele. Porque ele estava lá.

E de repente começo, de novo, a me arrepender de fazer isso.

Porque o corpo de Ivan...

Porra.

Talvez porque eu seja uma atleta — independentemente do que outras pessoas estupidamente pensem — posso apreciar todas as diferentes formas

que os atletas masculinos têm. Nunca fui grande fã de modelos masculinos com seus minúsculos músculos perfeitamente esculpidos que tinham que ser trabalhados regularmente, um de cada vez. Gosto da força bruta em todas as suas formas. Eu realmente gosto.

Mas Ivan, em particular, foi basicamente pintado por um mestre. As protuberâncias dos músculos dos seus ombros foram desenhadas à caneta, os músculos magros e rígidos de seus antebraços e bíceps são fortes. Então há seus peitorais firmes, o abdômen plano com oito pequenos gomos quadrados nele. Os músculos detalhados em seus quadris por causa de toda sua malhação, e as longas linhas de estrias musculares em suas coxas e panturrilhas.

Não preciso olhar para sua bunda para saber que é alta e dura.

E seria uma mentirosa se dissesse que não olhei para seu pênis, mas como eu, ele decidiu cobrir *alguma coisa*. Esse algo está escondido pelo que parece ser uma meia de cor nude que cobre suas partes, deixando lá apenas os pelos aparados de sua virilha.

Não vou me abaixar para ver se consigo ver suas bolas.

Olho de relance para Ivan de novo e mal consigo segurar um tremor. Ele é realmente um trabalho perfeito. Honestamente. Verdadeiramente.

Mas morrerei antes de dizer isso a ele, então preciso parar de pensar nisso. Nós precisamos acabar com essa merda.

"Vamos lá, garoto tímido, antes que suas bolas também comecem a retroceder para dentro do corpo", digo a ele.

Isso o faz abrir os olhos para me encarar, seu rosto franzido. "Espero que minha mão não escorregue."

"Espero que eu não perca o equilíbrio e meu pé acerte sua bunda"

"Ok! Tudo bem! Vamos começar", Treinadora Lee grita, e não preciso olhar para ela para saber que está balançando a cabeça.

Pisco para Ivan, enquanto estou lá nua e digo, "Vamos lá, Socks. Vamos fazer isso. Talvez a gente acabe na capa." E não sinto náuseas ou preocupação quando digo isso.

Capítulo 11

EU DEVERIA SABER QUE algo estava acontecendo quando cheguei em casa naquela noite e encontrei minha mãe na cozinha, um prato de comida na frente do banquinho em que geralmente me sento, esperando por mim. Ela não me serve o jantar em anos. Não posso realmente lembrar se ela já preparou um prato para qualquer um de nós antes... com exceção de Ruby. Geralmente é uma batalha. Mamãe sempre diz que não é nossa empregada e que devemos ser gratos por ela cozinhar, para início de conversa.

Então, deveria saber que algo está acontecendo. O problema é que estou exausta após a sessão de fotos que levou toda a maldita manhã. *Não sorria. Pareça natural. Faça isso novamente. Você pode segurá-la um pouco mais? Mantenha sua perna nessa posição estranha e antinatural por mais um minuto. Fique aí e congele sua bunda. Incline a cabeça dessa maneira — não do outro jeito - e segure. Ivan, coloque suas mãos geladas no corpo de Jasmine e segure-as lá por dois minutos.*

Foda-se, foda-se e foda-se novamente.

Ele não riu toda vez que me tocou, e eu tive que puxar uma respiração porque doía, mas sabia que ele queria.

Meus mamilos ainda estão duros por ficarem no gelo, cobertos apenas com dois pequenos pedaços de fita, e eu tenho certeza de que minha vagina nunca mais vai se aquecer. Meu clitóris provavelmente se transformou em uma uva passa. Nem olhei para a meia que cobria o pau de Ivan depois da primeira vez porque estava frio como o inferno. Não ia julgar um homem pelo que seu pau parecia no frio.

Além disso, havia outras coisas para ver.

Tudo ao norte do Equador e tudo ao sul do Equador. Músculos, músculos e mais músculos belamente esculpidos. Não foi exatamente difícil, embora toda vez que suas mãos me tocassem, quisesse dar um soco no estômago dele.

E uma vez, eu acidentalmente vislumbrei suas bolas penduradas entre as pernas o que durou um segundo, o que me fez pensar no que diabos ele faz com essas coisas em seus figurinos.

Mas não é da minha conta, então deixei essa questão de lado.

A parte importante foi que terminamos. No final do dia, é tudo o que importa. Nós terminamos e não nos matamos ou zombamos um do outro. Demorou muito tempo. Felizmente, pensei antes e pedi um dia de folga, embora minha conta bancária não precisasse desse tipo de perda. Especialmente não quando competiríamos em tantos eventos.

As coisas não foram difíceis durante nosso treino da tarde, mas estaria mentindo se dissesse que não olhei para a parte superior de seu corpo uma ou duas vezes, sem me lembrar de como ele era sem camisa. Tão rapidamente quanto pensei nisso, me forcei a parar. Felizmente, ele não estava nem perto da mesma quantidade de problemas; Ivan não disse nada para mim durante o treino da tarde, mesmo depois de ter sido tão legal naquela manhã.

"Oi, Grumpy", minha mãe me cumprimenta no segundo em que me ouve entrar na cozinha.

"Oi, mãe", respondo, chegando por trás dela para beijar sua bochecha. Já larguei minhas coisas. "Como foi trabalho?"

Ela encolhe os ombros magros quando desliga a água da pia e pega uma toalha à sua esquerda. "Bem. Coma antes que sua comida fique fria. Enfiei no micro-ondas quando vi a luz na entrada da garagem."

"Obrigada", digo, ainda não prestando atenção, mas me viro para sentar. Mergulho no frango assado, arroz de jasmim, batata doce e salada como se fosse desmoronar se não fizesse isso. Almocei seis horas atrás entre a filmagem e a pausa de uma hora que havíamos feito durante a tarde e o treino, mas parece mais de cem horas atrás. Ivan e eu trabalhamos em lançamentos e giros lado a lado por três horas, e depois, treinei na academia do LC por mais três horas, incluindo alguns treinos intervalados de alta intensidade na esteira para preparar meu coração para nosso programa livre, quando meu coração bateria entre 180-200 vezes por minuto por cerca de cinco minutos.

Com o canto do olho, vejo minha mãe se sentar à ilha também. Quando nós duas estamos em casa no mesmo dia, sempre comemos juntas, ou pelo menos ficamos juntas. Então não penso muito nisso.

Até que ela olha para cima, segurando uma caneca de chá na boca e arruína o meu dia inteiro.

Minha boca se abre no instante em que dou uma boa olhada em seu rosto, e grito, "O que diabos aconteceu com seu rosto?"

O piscar de mamãe é inexpressivo.

E eu não dou a mínima quando puxo o esparadrapo de seu nariz e vejo dois círculos inchados, púrpura e avermelhados em volta de cada um dos olhos.

E a porra do seu lábio está rachado ou estou imaginando?

Ela não diz nada enquanto observo todo seu rosto, mil cenários passando pela minha cabeça sobre o que diabos aconteceu com ela, quando pergunto, "*Quem fez isso com você*?" Vou matar alguém. Vou matar alguém, aproveitarei cada segundo, porra.

"Acalme-se", ela diz tranquilamente, como se não houvesse nenhuma razão no mundo para eu enlouquecer sobre o fato de que metade do seu rosto está machucada.

Claro que a ignoro. "O que aconteceu com você?"

Os olhos azuis de minha mãe nem se movem em minha direção enquanto diz, palavra por palavra, antes de tomar outro gole do que sei ser chá, "Eu estive em um acidente de carro. Está tudo bem."

Ela esteve em um acidente de carro e está tudo bem.

Pisco para ela quando pega o telefone do balcão como se tudo não fosse grande coisa e começa a ler alguma coisa na tela. Eu, por outro lado, fico lá sentada e tento processar suas palavras e o significado delas... e não consigo. Porque entendo o que é um acidente. O que não entendo é porque diabos ela não ligou para me contar sobre isso. Ou pelo menos mandou a porra de uma mensagem.

"Você esteve em um acidente de carro?" As palavras saem da minha boca, tão lentamente quanto precisarei para processá-las.

Ela sofreu um acidente. Minha mãe esteve em um veículo e foi ruim o suficiente para que esteja parecendo um inferno. Foi o que ela disse sem nem olhar na minha direção.

Que. Porra. É. Essa?

Minha mãe ainda não olha para mim. "Não é grande coisa", continua. "Tenho uma concussão. Consertaram meu nariz novamente. Meu carro deu PT, mas o seguro do outro motorista cobrirá porque ele bateu em mim e havia testemunhas." Então, a mulher que até mesmo com dois olhos roxos não parece que deu a luz a cinco crianças e definitivamente parece que é mais nova que eu aos vinte e seis anos, finalmente olha pra mim. Minha mãe está totalmente imperturbável quando franze os lábios daquela maneira que me fiquei bem familiarizada quando adolescente, quando respondia a ela e ela quase gritava comigo. "Não conte a seus irmãos ou irmãs."

Não contar a...

Pego a toalha de papel ao lado do meu prato e a seguro sob o queixo enquanto cuspo meu arroz — desperdiçando comida preciosa e não dando a mínima — e meu batimento cardíaco e pressão sanguínea sobem muito alto, muito rápido, que é um milagre que estou tão saudável quanto já estive em minha vida naquele momento... menos algumas coisas físicas... porque qualquer outra pessoa teria um ataque cardíaco naquele momento. Pelo menos alguém que dá a mínima para outra pessoa — e eu me importo muito com minha mãe. Meu coração não deveria bater tão rápido quando estou, tecnicamente, em repouso.

Mamãe geme, sentando-se ereta, exatamente quando coloco a toalha de papel ao lado do meu prato. "Não, *não*. Não cuspa sua comida."

Não me preocupo em pensar na última vez em que cuspi minha comida; não preciso ficar mais puta. "*Mãe*" , digo, minha voz mais alta e mais barulhenta do que nunca, soando não como eu e, talvez, um pouco mais como uma adolescente prestes a fazer birra.

Mas isso não é birra. Isto é sobre minha mãe ter se ferido e não ter me contado nada. E não querer que eu conte a mais ninguém sobre isso.

A mulher que praticamente me criou sozinha inclina a cabeça para o lado e faz os olhos se arregalarem como se estivesse tentando me dizer sem palavras que preciso diminuir o drama. Mas a coisa que mais chama minha atenção é o fato de que *ela nem sequer colocou sua xícara de chá na bancada* enquanto basicamente assobia, "Jasmine. Não comece."

"Não comece?" Cuspo de volta, mais alerta do que já estive depois de um treino. Estou aqui há apenas um minuto, olhando para a bancada de pedra da ilha da cozinha, pensando no quanto quero entrar no chuveiro e ir para a cama... nem mesmo pensando em treinos e patinação artística e no futuro... e agora, agora estou a dois segundos de perder a cabeça. Simples assim.

Por que. Que. Porra. Mãe.

"Não comece", ela exige novamente, tomando um gole de chá, tão facilmente quanto pode ser, como se não estivesse me dizendo para extravasar sobre seu acidente, concussão e nariz quebrado, e que eu não posso contar aos meus irmãos sobre isso por qualquer motivo que ela tenha em mente. "Estou bem", ela diz antes que eu ignore o seu *nem comece* e me inclino para frente, piscando para ela, como se tivesse os olhos mais ressecados do mundo.

"Por que você não ligou para me dizer?" Pergunto, usando um tom que definitivamente teria me deixado de castigo há dez anos, enquanto a raiva torce minhas entranhas. *Por que não ligou?*

Minhas mãos começam a tremer.

Minhas mãos nunca tremem. Nunca. Não quando fiquei brava por ser ferrada por pessoas em quem confiava um pouco. Não enquanto esperava para patinar. Não depois de patinar. Não quando perdi. Não quando ganhei. Nunca.

Mamãe revira os olhos e se concentra no telefone novamente, tentando o melhor para ser desdenhosa. Eu sei o que ela está fazendo. Não seria a primeira vez. "Jasmine", ela diz meu nome apenas com força suficiente para que eu não faça outro comentário inteligente. "Acalme-se."

Acalme-se. *Acalme-se?*

Abro minha boca, e ela dispara aqueles olhos azuis, os que eu seria capaz de conhecer em uma roda de cores com meus olhos fechados, em minha direção mais uma vez. "Eu estou bem. Algum idiota parou de prestar atenção quando saía da autoestrada e bateu na minha traseira. Bati no carro da frente", ela continua, e *sei* por que pensou em guardar para si mesma. "Não vale a pena se preocupar. Você não precisa ficar brava com isso. Estou bem. Se pudesse esconder isso de você entre todas as pessoas, eu faria."

"Ben já sabe. Seus irmãos e irmãs não precisam se preocupar com isso também." Ela dá um bufo de desprezo. "Não se preocupe comigo. Você tem coisas melhores para se concentrar."

Minha mãe não quer que eu me preocupe com ela porque tenho coisas *melhores* para me concentrar.

Erguendo as duas mãos em direção ao rosto, pressiono as pontas dos dedos nas têmporas e digo a mim mesma para me acalmar. Eu digo isso a mim mesma. Tento repassar todas as técnicas de relaxamento que aprendi ao longo dos anos para lidar com meu estresse e... nada. Nada disso funciona. Nada.

"Eu não quero que você se distraia comigo", mamãe insiste.

Juro que meus ouvidos começam a apitar. "Uma ambulância teve que levá-la ao hospital?"

Ela faz um som irritado. "Sim."

Pressiono os dedos mais profundamente em minhas têmporas.

"Oh, abaixe as mãos e tire sua calcinha da bunda", ela tenta brincar. "*Estou bem.*"

Meus ouvidos definitivamente começam a apitar. Com certeza.

Não posso sequer olhar para ela quando digo, minha voz soando mais baixa e rouca do que o normal... nem soando como se pertencesse a mim, "Você poderia ter me ligado, mãe. Se fosse eu no acidente..."

"Você não teria me ligado também", ela conclui.

"Eu..." Ok, talvez eu também não ligasse, mas saber isso não alivia minha raiva nem um pouco. Se alguma coisa, só me deixa mais furiosa. Minhas mãos tremem tanto que estico os dedos e os levanto para os lados do meu rosto, sacudindo-os. Louca, tão enlouquecida que quero gritar. "Não é esse o ponto!"

Ela suspira. "Você teve um dia agitado. Não queria te incomodar."

Ela não queria me incomodar.

Minha mãe não queria me incomodar.

Deixo cair as mãos e inclino meu rosto para o teto, porque se olhar para minha mãe do jeito que quero, ela iria perceber a expressão imediatamente. E então me pergunto onde aprendi a guardar tantos segredos. Foda-se.

"É apenas uma pequena concussão e um nariz quebrado, Grumpy. E não levante sua voz para mim", ela diz pela segunda vez, e pela segunda vez, não afeta minha pressão sanguínea. "Sei o que este ano significa para você. Quero que você aproveite isso. Não precisa se preocupar comigo."

Repito suas últimas frases dentro da cabeça e quase explodo. Esse sentimento doentio incha no estômago até chegar ao fundo da minha garganta.

Talvez esteja sendo dramática, mas acho que não. Esta é minha *mãe*. Minha mãe. A mulher que me ensinou, dando seu exemplo, como levantar toda vez que caí. É a mulher mais forte que conheço. A mais forte, a mais esperta, a mais bonita, a mais durona, a mais leal, a mais trabalhadora…

Minha garganta dói. Anos atrás, ela nos assustou pra cacete, dizendo que encontraram um caroço no seu seio, o que acabou sendo nada; eu ouvi ou vi praticamente todos os meus irmãos e irmãs chorarem. Acabei ficando puta. E com medo. Admito isso. Estava apavorada pela minha mãe e, por mais egoísta que soe, por mim. Porque o que diabos eu faria sem ela?

Pior de tudo, fui uma idiota naquela situação toda. Mas culpei minha adolescência — e minha mãe ser a maior âncora da minha vida — por cair fora e tentar culpá-la, como se pudesse ter evitado aquilo de alguma forma. Agora... bem, agora estou chateada de novo, mas não com ela.

Bem, talvez com ela, mas só porque ela evitaria me dizer que se feriu se pudesse, e... porque não queria me distrair. Não queria *me incomodar*. Enrolo

meu punho e, se minhas unhas já tivessem mais longas, provavelmente tiraria sangue.

"Ben se encontrou comigo no hospital", ela explica, sua voz lentamente começando a voltar para um tom calmo e uniforme. "Você não precisa ficar agitada."

Tudo o que posso fazer é encará-la.

"Quero que você se concentre", ela acrescenta. "Sei o quanto significa esse ano para você. Se o acidente tivesse acontecido há três meses, teria te ligado, mas você está ocupada outra vez, Jasmine. Não queria te tirar disso."

Não quis me tirar disso? Se ela tivesse se machucado antes que eu começasse a treinar duro novamente, ela teria me ligado, mas agora não?

Olho para o teto e abro meu punho, esticando os dedos o máximo possível. Não consigo encontrar as palavras. Não posso pegá-las, escolhê-las, encontrá-las, inventá-las. Estou muito presa no seu *sei o quanto significa esse ano para você*.

Meu peito se junta à minha garganta no jogo dolorido.

Ela não entende que eu faria qualquer coisa por ela? Que a amo e a admiro e acho que ela é o melhor ser humano do mundo? Que não tenho ideia de como criou cinco filhos com meu pai só estando perto até meus três anos? Que não entendo como pode ter sido casada três vezes antes de Ben, ter seu coração partido cada vez, mas de alguma forma não desistiu da esperança e não deixou nada disso abatê-la?

Há muitas coisas que não deixo que me atinjam. Há as vezes que caí e me machuquei, mas continuei. Mas as pessoas foram babacas comigo quando era mais jovem, uma vez, talvez algumas vezes, fazendo observações e comentários, e isso me fez desistir de estranhos.

Mas minha mãe nunca deixa nada abatê-la por muito tempo.

Como posso não pensar o máximo dela? Como poderia não amá-la; quem me criou para pensar que eu sou invencível, mais que tudo? Como ela pode acreditar que não é prioridade para mim?

"Você não precisa se preocupar comigo", ela insiste, casualmente. "Vou ficar bem. Quando Ben e eu formos ao Havaí em algumas semanas, não vou deixar que ele tire fotos do meu rosto. Dessa forma, tenho uma desculpa para irmos de novo", diz brilhantemente.

Mas isso não faz nada para mim.

É minha culpa. Isso é tudo culpa minha. Ela pensa e se sente desse jeito, porque lhe disse mil vezes e meia como a patinação artística é o que faz eu me

sentir especial. O que me dá um propósito. O que me fez finalmente sentir que havia algo em que eu era boa. O que me deu vida, o que me fez feliz, o que me fortaleceu.

Mas, na realidade, foi minha mãe — minha família inteira — que me deu a base para essas coisas. Sei que todas essas emoções são por causa deles. Por causa dela.

Acho que sempre supus que ela soubesse.

Mas talvez eu tenha sido uma idiota egocêntrica para compreender isso só agora.

Meu peito dói ainda mais e minha garganta aperta tanto que não posso engolir conforme me sento lá, pegando no rosto que amo com todo o meu coração. "Mãe", é a única coisa que posso dizer.

É nesse momento que o toque de seu celular começa a soar. Ela não diz uma palavra para mim quando pega o telefone e atende. "Querida", ela diz imediatamente, e sei que é Ruby.

Esse é o fim dessa conversa. Exatamente como minha mãe quer. Ela termina quando quer.

E espera, e por uma boa razão, já que se continuássemos falando disso, eu provavelmente teria feito um discurso. Em circunstâncias normais, pelo menos.

Esse nó na minha garganta dobra de tamanho enquanto a assisto enquanto fala com a minha irmã com um sorriso no rosto como se não tivesse acabado de me dizer que estar em um acidente de carro não é grande coisa. Depois, deixar implícito que ela não é tão importante para mim quanto é.

Acabei me transformando em alguém sem coração?

Algo que parece muito com uma lágrima surge no meu olho direito, mas pressiono a ponta de um dedo contra aquele canto e ignoro se há ou não alguma umidade nele, porque minha garganta e meu coração doem tanto, que se sobrepõem a todas as outras coisas.

Continuo ali sentada. Sento lá e olho para minha mãe, e me pergunto que tipo de pessoa ela realmente acha que sou. Sei que me ama. Sei que quer que eu seja feliz. Estou plenamente consciente de que conhece todas as minhas forças e fraquezas.

Mas…

Será que *ela* pensa que sou um pedaço egoísta de merda?

Meu apetite desaparece e meu esgotamento também. *Kaput*. Tchau. Bem desse jeito.

"Oh, baby, você não deveria fazer isso..." Minha mãe para quando empurra seu banquinho para trás, me dá um sorriso que deve ter ferido seu rosto, e então sai da cozinha, para o que posso apenas supor é a sala de estar.

A raiva inunda minhas veias enquanto me sento lá com um prato basicamente cheio de comida abaixo de mim, o som da risada baixa da minha mãe apenas alto o suficiente para eu ouvir. Ela está bem, e isso é o que deveria importar.

Mas…

Minha mãe realmente acha que patinação artística é mais importante para mim do que ela.

Amo isso. Claro que amo. Não consigo respirar sem. Eu não sei quem sou sem isso. Não sei quem serei no futuro sem a patinação.

Mas não consigo respirar sem minha mãe também. E se tiver que escolher entre os dois, não há competição. Nenhuma.

É minha culpa ser uma filha de merda. Uma pessoa de merda. Por não abrir a boca e lhe dizer as coisas que precisa ouvir. Mais 'eu amo você' e menos sarcasmo. Por estar tão desolada com Paul me abandonando, não apreciei o suficiente dela e dos meus irmãos tentando me puxar de volta para uma vida real, mesmo quando me comportava como uma vadiazinha nervosa e irritada.

Tudo o que eles sempre quiseram foi a minha felicidade. Que ganhasse porque era *isso* que eu queria. Sempre.

E não lhes dei nada. Eu não os deixei orgulhosos, de jeito nenhum. Não tenho nada para mostrar em troca.

É minha culpa por engasgar. Por pensar demais. Por ser obsessiva e um pouco difícil.

O nó no meu corpo triplica, me asfixiando, me sufocando.

Deus.

Não posso me sentar aqui e agir como se estivesse bem quando não estou. Tudo o que queria era sentar em casa e relaxar enquanto comia antes de começar a relaxar, mas agora... agora não há como fazer isso. De jeito nenhum, porra.

Sou tão otária.

Deus, sou tão idiota, e é tudo culpa minha. Se fosse uma pessoa melhor, uma atleta melhor, talvez tudo isso fosse diferente. Mas não é.

Tenho que fazer alguma coisa.

Deslizando para trás meu próprio banquinho, vou quase direto para a porta da frente, pronta para sair, mas paro por um segundo, envolvo minha comida em plástico e a coloco na geladeira.

E então pego minhas chaves, e saio de lá, algo que com certeza tem gosto de culpa e desespero enchendo minha boca, deixando-me inquieta... fazendo eu me sentir uma merda.

Não sei para onde estou indo.

Eu não sei o que diabos quero fazer.

Mas tenho que fazer alguma coisa, porque essa... merda... dentro de mim está crescendo e crescendo e crescendo.

Minha mãe é minha melhor amiga e acha que patinar é mais importante para mim do que ela.

Todos que amo pensam assim? É essa a impressão que dei a eles?

A patinação artística me deixou mais feliz, mas não significaria nada para mim, sem que minha mãe e meus irmãos me apoiassem, me dando merda, carinho e me amando, mesmo quando estive na pior. Quando não mereci isso.

Minha garganta e olhos ardem enquanto dirijo, e minha boca fica seca enquanto continuo dirigindo. Antes que eu perceba, antes de me permitir fazer mais do que sentir minha garganta doer e meus olhos apertarem, entro com meu carro no estacionamento do LC. Nem percebi até estar lá.

Claro que voltei.

É a única coisa que tenho além deles. E com certeza não quero falar com Ruby, Tali, Jojo ou Sebastian sobre nada disso. Não estou pronta para me sentir pior, e é isso que mais do que provavelmente aconteceria se eles tentassem me consolar ou me dissessem que está tudo bem.

Porque não está.

Tive que fazer todos os sacrifícios valerem a pena.

E esse é o único jeito que eu conheço.

Em pouco tempo, estou fora do carro e indo em direção às portas da frente, em uma missão para o vestiário. Deixei minha bolsa em casa, mas sempre deixo meu último par de patins no armário, como reserva. Não estou usando minhas roupas favoritas para treinar, mas... preciso disso. Preciso dessa coisa que sempre consegue afastar minha mente de tudo... mesmo que seja a coisa que destruiu meu corpo e fez toda minha família pensar que está em segundo lugar.

A percepção de que eu não deveria ter deixado a minha mãe depois que ela admitiu algo tão grande finalmente perfura meu cérebro, mas... não posso

voltar. O que diabos diria a ela? Que estou arrependida? Que não quis fazê-la pensar que não é importante?

O vestiário está quase vazio quando chego lá dentro; lá estão duas meninas que são mais novas que eu, mas não muito, conversando, mas as ignoro quando digito minha combinação e abro meu armário. Em tempo recorde, tiro meus sapatos, pego o par extra de meias que sempre deixo lá e enfio meus pés nelas e nos patins, ignorando o fato de que posso me arrepender de não colocar as ataduras que normalmente uso e que protegem minha pele da borda superior da bota que está bem quebrada.

Mas preciso queimar alguma energia. Preciso clarear minha mente. Preciso fazer isso ficar melhor. Porque se não fizer… não sei o que farei. Provavelmente me sinto uma merda maior do que eu já senti antes. Se isso é possível.

Ignorando as outras garotas na sala que estão olhando em minha direção em confusão porque nunca estou na instalação tão tarde, caminho o mais rápido que posso em direção ao rinque. Por sorte, há apenas outras cinco pessoas no gelo às oito da noite. As crianças mais novas já estão em casa e na cama, e os adolescentes estão indo para lá.

Mas não dou a mínima para nenhum deles.

No segundo que minhas lâminas tocam o gelo, estou fora, patinando tão perto das paredes, apenas milímetros me separaram delas. Vou mais e mais rápido, precisando me livrar dessa merda. *Fora. Fora, fora, fora*. Preciso me lembrar do porquê vale tanto à pena.

Não sei quantas vezes circulei o rinque, ganhando velocidade e mais velocidade, e não tenho certeza quando comecei a fazer saltos. Saltos para os quais não me aqueci. Saltos que não devo fazer enquanto meu corpo já passou por um treino difícil e não descansei desde então. Faço um triplo Salchow — o que nós chamamos de salto de borda porque você não tem a ajuda da ponta do pé da sua lâmina, apenas decola da parte de trás e aterrissa no lado oposto do pé — seguido por outro. Um Quádruplo Toe que tropeço, e depois faço uma e outra vez até que consigo. E então vou para um Triple Lutz que estou muito desgastada e exausta para fazer, arrebento minha bunda com força em cada pouso. Caio e caio, uma vez após outra e depois outra, minha bunda dói e sinto em algum lugar na parte de trás da minha cabeça, mas não estou focada nisso.

Tenho que pousar corretamente.

Tenho que fazer isto.

Meu quadril dói. Meu pulso começa a doer por tentar amaciar minha queda como uma idiota. A pele acima do meu tornozelo começa a ficar ferida.

E continuo caindo. De novo e de novo. Eu caio.

E quanto mais eu falho, mais irritada fico comigo mesma.

Foda-se isso. Foda-se tudo. *Caralho*.

É em outra queda muito ruim, quando a parte de trás da minha cabeça roça o gelo que finalmente fico lá e fecho os olhos, respirando com dificuldade, me sentindo uma merda, raiva queimando através de mim tão brilhantemente que posso senti-la em todos os lugares. Fecho minhas mãos em punhos. Cerro meus dentes com tanta força que meu queixo dói.

Não vou chorar. Não vou chorar. *Eu não vou chorar*.

Amo minha família. Amo patinar.

E fodi tudo amando ambos.

"Levante-se, Meatball."

Acho que nunca abri meus olhos tão rapidamente quanto faço nesse momento.

E quando abro, um rosto familiar está lá, pairando, olhando para mim com duas sobrancelhas negras arqueadas. No tempo que levo para piscar, há dedos lá também, a meio caminho entre o rosto e eu, os dedos balançando na minha direção. As sobrancelhas sobem ainda mais quando não digo nada ou me mexo.

O que ele está fazendo aqui?

"Vamos", Ivan diz enquanto olha para mim com uma expressão que não consigo ler naquele rosto que já vi muito.

Eu não me levanto.

Ivan pisca.

Eu também, engolindo em seco enquanto faço isso, fogo enche minha garganta.

Com um suspiro, Ivan enfia a mão no bolso e a estende novamente, segurando um chocolate Kiss da Hershey entre o indicador e o dedo médio. Ele ergue as sobrancelhas novamente enquanto dá ao doce uma sacudida entre os dedos. Por que diabos está carregando chocolate no bolso está além da minha compreensão.

Mas pego, mantendo meus olhos nele o tempo todo. Desembrulho como uma profissional e o coloco na boca. Leva apenas três segundos para a doçura aliviar a dor na minha garganta, só um pouco, mas já é alguma coisa.

"Você está pronta para se levantar agora?" Ele pergunta depois que tenho o chocolate na minha boca por alguns segundos.

Empurrando-o na minha bochecha, balanço minha cabeça, não confiando em meus lábios para formular as palavras certas e realmente não me sentindo pronta para sacrificar o pequeno pedaço de alegria e conforto que está recobrindo minha língua. Pelo menos ainda não. Minhas têmporas pulsam, o que não notei antes.

Ivan pisca para mim duas vezes.

Ainda não digo nada enquanto o chocolate continua derretendo dentro da minha boca.

"Não vou cuidar de você se ficar doente", ele continua depois de outro minuto, cruzando os braços sobre o peito enquanto faz isso, ainda me observando. Esperando algo. Acho.

Ainda assim, não falo uma palavra. Apenas continuo sugando o chocolate, ignorando o frio nas minhas costas que está finalmente começando a doer.

"Jasmine, saia do gelo."

Lambo meus lábios enquanto olho para ele.

Ele suspira e inclina a cabeça para encarar as vigas, provavelmente vendo os estandartes com seu nome pendurado e imaginando onde sua vida está errada ao ponto de ele estar aqui à noite comigo.

Deus. Todos acham que sou uma porcaria egoísta? Até ele?

O pulsar na minha cabeça piora quando ele suspira novamente.

"Você tem três segundos para se levantar ou vou te arrastar para fora daqui", ele exige, ainda de frente para o teto e mais do que provavelmente fechando os olhos quando diz isso, se o conheço bem.

É minha vez de piscar. "Gostaria de ver você tentando."

Mas no fundo da minha mente, sei que se ele diz que me arrastará para fora do gelo, provavelmente fará.

Aqueles olhos cinza-azulados se estreitam em mim, e ele diz, ainda falando com cuidado, "Tudo bem. Não vou te arrastar." Algo sobre a expressão naquele rosto clássico onde cresceu apenas o menor indício de uma sombra de pelos nas bochechas, me coloca no limite, como se não pudesse confiar nisso. Como uma lembrança do que fomos antes. "Mas você tem dois segundos a partir de agora para se levantar."

O '*ou então*' pendurado no ar.

O ardor nas minhas costas está ficando mais afiado, genuinamente machucando minhas costas e bunda, e honestamente, quero me levantar. Teria me levantado se estivesse sozinha. Provavelmente já estaria a caminho do vestiário se estivesse sozinha.

Mas agora terei que me queimar porque com certeza não vou fazer isso só porque ele pediu.

E Ivan parece sentir isso porque aqueles olhos cor de geleira se estreitam em fendas.

Então ele começa a contar.

"Dois", Ivan começa, nem mesmo me dando um aviso.

Eu não me mexo.

"Um."

Ainda não me mexo. Foda-se. Não dou a mínima.

Seu suspiro é profundo, forte e intenso, e ele até sacode a cabeça ao dizer, "Última chance".

Olho para ele.

Ele olha para mim e finalmente encolhe os ombros. "Você pediu. Lembre-se disso."

O bastardo vai me arrastar no gelo? O que...

Ivan se curva, os olhos fixos em mim, e quando se aproxima da minha cabeça com um braço — e eu inclino minha boca para o lado para morder o que puder alcançar se ele decidir tentar puxar meu cabelo — a palma de sua mão empurra-se entre meus ombros e o gelo. O seu outro braço fica sob meus joelhos, e em um movimento que é tão rápido que esqueço que esse homem construiu sua vida e realizou proezas levantando mulheres para ganhar a vida, estou por cima de seu ombro, bunda no ar, cabeça e braços balançando nas suas costas.

Essa cadela.

Seja melhor. Seja melhor. Seja melhor. Não dê um soco em suas bolas gigantes. Pelo menos ainda não.

"Ivan", digo a ele, soando mais calma do que me sinto, mal percebendo que ele colocou seus patins antes de sair para me caçar. Ele está patinando em direção aos quadros e não sei para onde estamos indo. "Ivan, me solte no chão agora, ou vou chutar sua cara e não vou me sentir mal com isso."

"Meatball", ele diz, tão calmo e tranquilo quanto falei. "Eu gostaria de ver você tentar", o imbecil afirma, atirando as palavras de volta para mim, assim

que o que deve ser seu antebraço trava sobre as minhas panturrilhas, segurando-as contra o peito antes que eu faça o que ele acha que sou capaz de fazer.

E ele estaria certo.

"Ivan", digo de novo, ainda calma, parte de mim meio que esperando que eu fosse o tipo de pessoa que gritaria e tentaria morder sua bunda para que ele me colocasse no chão. Mas prometi. Prometi me comportar em público. Então minha voz ainda é agradável e baixinha quando digo, "Juro por Deus, me ponha no chão neste segundo."

Sua resposta? Um suave "Não."

"Ivan."

"Não", ele repete, saindo do gelo, pegando alguma coisa fora da minha visão e continuando a andar... para algum lugar. Não posso ver. O que posso ver é que ele está com seus protetores de patins em ambas as botas.

"Eu não estou brincando com você agora", eu o aviso, começando a ficar muito brava.

"Também não estou", ele responde, dando um aperto nas minhas panturrilhas, puxando mais para perto dele. "Eu te dei uma chance. Eu te dei várias chances, e você não quis me ouvir ou fazer isso do jeito mais fácil, então não fique chateada comigo por ser tão teimosa."

Minhas mãos se fecham onde estão balançando, e seriamente considero morder sua bunda se eu puder alcançá-la. Foda-se. Ele procurou por isso. Sou mais uma pessoa de puxar cuecas do que uma pessoa de morder, mas não estou prestes a enfiar minha mão na parte de trás de suas calças.

"Não sei o que há de errado com você agora, mas dirigi até aqui, então você não vai agir como uma pirralha mimada comigo", ele me avisa antes de me ajeitar sobre seu ombro e bufar. "Jesus Cristo, você é pesada."

"Foda-se", falo rispidamente, pensando seriamente em morder sua bunda.

"Foda-se você também", ele responde, sem perder o ritmo, sem soar zangado ou frustrado, o que me incomoda ainda mais.

"Coloque-me no chão."

"Não."

"Vou chutar sua cara."

"Você vai me fazer sangrar, e teremos que tirar uma folga dos treinos, e nós dois sabemos que você não quer fazer isso."

Ele tem razão, porra.

"Vou lhe dar uma bela surra na primeira chance que tiver quando a temporada acabar", assobio, arqueando as costas por um momento quando o sangue correndo para minha cabeça começa a fazer meu nariz doer.

"Você tem sorte que eu não queira fazer uma cena", praticamente rosno.

Seu "Eu sei" só me aborrece mais quando ele faz uma curva pelo corredor.

Para onde estamos indo?

"Por que você está aqui mesmo?" Pergunto, tentando levantar minha parte superior do corpo novamente para dar uma olhada no corredor em que estamos.

Ivan não diz uma palavra. Ele apenas continua andando pelo corredor, antes de virar para outro corredor que nunca me incomodei em ir porque nunca foi do meu interesse.

"Ivan."

Nada ainda.

Foda-me. Não quero machucá-lo... porque não quero atrasar os treinos... então não posso balançar minhas pernas... e morder sua bunda é muito mais íntimo do que o necessário... então estendo a mão para sua bunda, que tardiamente percebo está coberta por uma calça de moletom diferente da que ele usou durante nossa sessão da tarde, e alcanço a curva que sei que está abaixo... e belisco. Com força.

Ele nem sequer se retrai.

Então, faço de novo. Em um ponto diferente.

E ainda não há resposta.

Que tipo de ciborgue ele é? Já belisquei meu irmão com menos força, e ele agiu como se tivesse atirado nele.

Antes que possa descobrir se ele é um alienígena, viramos para a esquerda e ele para. Olho ao redor de sua perna para ver que está parado na frente de uma porta, e naquele momento, está apertando botões num teclado numérico acima de uma maçaneta. Onde diabos estamos?

"O que é isso?" Pergunto a ele.

Ele aperta o que eu só posso supor que é o "enter", assim que responde com "Meu quarto."

O quarto dele?

E então, com sua mão livre, ele gira a maçaneta, abre a porta e dá um passo à frente, sua mão livre indo para o que deve ser o interruptor de luz, porque uma fração de segundo depois, tudo está iluminado. E por "tudo" quero dizer

o quarto de seis por seis metros com o que parece ser uma quitinete ao longo de uma parede, um sofá no meio com uma pequena mesa de centro em frente a ele, e quem sabe o que mais do outro lado que não posso ver de onde balanço, arqueando meu pescoço de um lado e depois do outro para dar uma olhada ao redor.

"Desde quando você tem o seu próprio... *porra! Que diabos é isso?*" Grito com a dor súbita e aguda que atinge a bochecha direita da minha bunda. "Você acabou de me beliscar?" Choramingo, acariciando minha nádega sobre o local que dói pra cacete.

"Isso é por me beliscar." Então o filho da puta faz de novo, e tento chutar, esquecendo que não quero machucá-lo. "E é isso que você recebe por não prestar atenção", ele responde com facilidade, ainda de pé lá comigo por cima do ombro.

"Por não prestar atenção?" Grito de novo, esfregando meu traseiro recém-machucado. "Essa porra dói, Ivan." Porque *dói mesmo*. Jesus Cristo, ele é forte.

"Você tentou me machucar também. Só estou te dando exatamente o que planejou me dar." Ele tem razão, mas ainda assim... "Se prestasse mais atenção, saberia que sempre caio sobre minha nádega direita. Sei que você cai em sua esquerda."

Merda.

Ele tem outro ponto. Tenho menos sensibilidade na bochecha esquerda do que na direita por causa de muitas quedas. Aposto que metade dos nervos da minha bunda está morta.

E é chato que ele saiba isso e use contra mim.

E é ainda mais irritante que tentei beliscar a bunda dele com o mesmo trauma e fracassei; droga.

"Estamos quites", ele diz antes de entrar em uma posição de agachamento, inclinando-se e me largando de bunda e de costas no chão, sobre o tapete, como se eu fosse um saco de batatas sem valor.

Olho para ele.

Aquelas sobrancelhas pretas sobem. "Você tem sorte que estou de bom humor", ele me avisa antes de se ajoelhar na minha frente. Aqueles intensos olhos permanecem em mim por um momento antes que ele olhe para baixo e suas mãos vão para o meu patim direito. Puxo a perna em minha direção, mas ele não deixa que isso o pare. Seus dedos vão para os cadarços das minhas botas, e começa a abrir os nós duplos apertados que sempre faço.

Alguma parte minha quer lhe perguntar o que diabos está fazendo... mas não faço isso. Apenas fico lá sentada, com a minha bunda doendo, e observo quando ele desata um conjunto de laços, puxa a bota do meu pé, e depois faz o mesmo com a outra. Ele não diz uma palavra e nem eu, então ele se senta e solta seus próprios patins, colocando-os ao lado dos meus. Ivan olha para mim quando se levanta e se dirige para a área da cozinha, que ocupa uma parede inteira ao longo da parte de trás da sala.

Esfrego minha nádega, sentada lá, me perguntando o que diabos está acontecendo e, em seguida, fico de joelhos e olho ao redor da sala, observando o lugar que nem sabia que existia. Quanto tempo isso existe aqui? Alguém mais sabe disso?

Mas eu pergunto a ele a questão mais importante que está em minha cabeça, enquanto estive sentava lá. "O que você está fazendo aqui?"

Ele está curvado, vasculhando o que parece ser uma pequena geladeira embutida nos armários quando responde, "Vim ver como você estava."

O que?

Ivan não olha para mim quando fica em pé, segura uma caixa de leite de amêndoa na mão enquanto chuta a porta da geladeira. "Galina ligou para Lee, que me ligou", ele continua, como se estivesse lendo minha mente.

Galina? Onde diabos estava Galina? E por que ela ligou para Lee? Eu me pergunto antes de empurrar as perguntas de lado e me concentrar.

"Você não tinha que vir", solto, estremecendo depois com o quão idiota pareço e meio que me arrependo. Só um pouco.

Meu parceiro não diz nada quando abre mais armários e começa a tirar coisas de lá.

Belisco a ponte do meu nariz com uma mão enquanto a outra vai para minha bunda novamente para esfregar no local que ele beliscou. "Nem sei por que ela ligou. Estava tudo bem", estalo, rangendo os dentes com o quanto minha bunda dói.

Sua risada é alta.

"O que?"

Ele está de costas para mim quando diz, "*Estava tudo bem*. Claro, Jasmine. Continue repetindo isso a si mesma."

Eu me endireito no chão e tento me convencer a manter minha atitude sob controle. *Seja melhor*. Posso ser melhor. "Estava tudo bem."

Talvez não.

Posso vê-lo balançar a cabeça enquanto mexe com o que tirou dos armários. “Então você volta a treinar depois de trabalhar por horas, e começa a fazer saltos, caindo e levantando como se estivesse possuída, e você está bem?” Ele fala, mexendo com algo na bancada.

“Sim”, minto.

Ele bufa. “Você é a pior mentirosa que já conheci.”

“Eu não sei do que você está falando”, respondo, soando terrivelmente perto de amarga, mas decidindo ignorar isso. Eu me mexo para colocar minhas pernas debaixo de mim e fico de pé.

Ivan suspira ao mesmo tempo que algo se abre, fecha e bipa.

“Estou bem”, continuo enquanto me endireito e dou a bochecha da minha bunda mais uma massagem, olhando para as coisas ao redor da sala com o canto do olho.

Ele se vira e encosta no balcão atrás dele, erguendo as sobrancelhas, sua expressão... irritada. Muito irritada. Hã. “O que aconteceu?” Pergunta.

Desvio o olhar, decidindo ver o resto do quarto. Há prateleiras de roupas ao longo da parede à direita, repleta de figurinos e mais figurinos vagamente familiares. Sempre me perguntei o que ele fazia com todos eles. Os meus estão enfiados em cada armário que tem um espacinho na casa da minha mãe.

“Jasmine.”

Ignoro a frustração em sua voz e continuo a olhar o quarto pintado de cinza claro, observando como tudo está organizado e limpo. Isso não me surpreende. Ivan é meticuloso com tudo. Suas roupas, seu cabelo, sua técnica, seu carro. Claro que não seria bagunceiro.

Não posso dizer nada. Sou quase uma maníaca por limpeza. *Quase*. Definitivamente sou uma maníaca com horários.

“Jasmine, me diga o que está errado.”

Mantenho meus olhos colados nas fileiras de fantasias, chutando mentalmente minha bunda por não verificar se a Treinadora Lee ou Galina estavam por perto quando cheguei. Nem olhei para ver se os carros delas estavam no estacionamento. Erro de principiante.

“Você pode me contar qualquer coisa. Sabe que eu sei como é essa vida”, ele murmura as palavras que não esperava dele. Palavras que cravam profundamente no meu interior.

Porque ele está certo. Se alguém sabe, é ele. Claro que ele saberia. Ele pode até saber melhor do que eu, já que está fazendo isso há mais tempo.

Exceto que, ele fez o que queria fazer e continuou fazendo o que queria fazer.

Enquanto eu não.

Há uma razão pela qual ele tem seu nome em banners recobrindo todo o LC, e eu não.

O micro-ondas apita, e finalmente me sinto tão derrotada e... triste. Apenas tão fodidamente triste, tão rápido, que quase me tira o fôlego. De pé com apenas um quadril contra o balcão, ele segura uma xícara na mão e uma colher na outra, mexendo alguma coisa. Mas está olhando para mim com expectativa. Esperando.

E isso me deixa mais triste por ser essa pessoa que ele espera que lute com ele sobre tudo.

*Seja mel*hor. Nunca é tarde demais, não é?

Belisco meus lábios por um momento e tento entender tudo, minha raiva, essa porra de tristeza, minha decepção. Pensei ter feito um trabalho decente, como eu disse, quase fraco, definitivamente estranho, "Eu não sabia que você tinha seu próprio quarto." Engulo em seco. "Deve ser legal."

Será que isso soa tão falso quanto penso...?

Seu rosto não se mexe. Nem esse tom que eu não sabia o que pensar. "Não trago as pessoas aqui."

O "huh" que sai da minha boca parece tão chato quanto me sinto.

Ele continua mexendo a colher, seus olhos indo a lugar nenhum. "É meu lugar tranquilo."

Isso me faz desviar o olhar para ele, surpresa com seu comentário.

"Costumava ser uma sala de conferências e um armário de armazenamento, mas foi reformado há alguns anos, quando alguns fãs entraram nas instalações e invadiram o vestiário enquanto eu tomava banho."

O que?

"Tiraram fotos minhas. Georgiana — a gerente geral — precisou chamar a polícia", ele me diz, seu olhar fixo em mim, mesmo depois de encolher os ombros. "Foi só uma questão de tempo de qualquer maneira. Algumas noites naquela época, eu estava cansado demais para ir para casa, então ficava aqui", ele explica, me pegando ainda mais desprevenida. "Não faço mais isso."

Eu me pergunto o motivo.

Então lembro que não é da minha conta. Amigos, ou o que diabos somos, ou não.

Ele não diz outra palavra quando anda em minha direção, a caneca ainda na mão, a colher na outra. Não digo nada também. Apenas o observo, tentando descobrir o que está fazendo.

Quando para diretamente à minha frente, tão perto que, para qualquer outra pessoa que não esteja acostumada à falta de espaço pessoal, seria muito perto, ainda não digo nada.

Ele não suspira ou faz uma careta quando estende a xícara em minha direção e a mantém a apenas um ou dois centímetros de distância do meu peito. O fato de não perguntar se ele pôs veneno surge na minha cabeça tão rapidamente quanto desaparece. Não estou no clima de bancar a mala. Realmente não estou. Não mais.

E é assim que sei que há algo errado comigo.

Espio dentro da caneca, vendo o líquido leitoso e marrom... e depois cheiro. E olho de volta para ele.

Ivan ergue a sobrancelha e move-se meio centímetro para perto de mim. "É de pacote", ele explica em um maldito quase murmúrio como se não quisesse dizer as palavras ou algo assim. "Não tenho marshmallow, se você gosta desse tipo de coisa."

Ele…

Ele…

Oh inferno.

"E preparei com leite de amêndoa. Você não precisa do laticínio extra", ele continua, ainda segurando aquela maldita caneca a meio centímetro do meu peito enquanto estou lá parada.

Ele fez chocolate quente.

Ivan fez um chocolate quente para mim. Sem marshmallows de acordo com ele, mas não saberia que só me permito chocolate quente com marshmallows em raras ocasiões.

Como ele sabe — *ou porque tem a mistura* — eu não consigo entender. Simplesmente não posso processar isso. É como aquele momento em que ele e Lee me pediram para ser sua parceira, como se eu estivesse drogada e não percebesse.

Ivan Lukov, meu maior inimigo da vida toda, depois dos meus irmãos, fez chocolate quente pra mim.

E de repente, por alguma razão que nunca, jamais entenderei, mesmo anos depois, eu oficialmente me sinto como o maior pedaço de merda do planeta. Essa é a gota d´água. Que conste nos livros de registro.

Meus olhos começam a arder quase que instantaneamente, e minha garganta de repente fica mais seca do que nunca.

Ivan veio aqui porque a Treinadora Lee ligou para ele.

E me deu um chocolate Hershey Kiss.

E me arrastou para seu quarto.

E depois fez chocolate quente pra mim.

Minha mão sobe por conta própria, minha boca ainda permanece fechada, enquanto envolvo meus dedos em torno da cerâmica quente e a tiro dele, olhando entre a caneca e aquele rosto que é tão bonito, tão irritantemente perfeito, que torna minha falta de clareza difícil de apreciar pela primeira vez. Quando ele abaixa a mão, levo a caneca até a boca e tomo um gole, mesmo quando meus olhos queimam ainda mais do que antes. Não é tão doce com o leite sem lactose que ele usou, mas ainda tem um sabor ótimo.

E ele ainda está lá, me observando.

E sinto... sinto vergonha. Sinto vergonha de mim mesma por essa pequena gentileza que ele acabou de fazer e que não precisava. Uma pequena gentileza que não tenho certeza se faria se estivéssemos em uma situação oposta, e isso só me faz sentir pior, pior e pior. Minha garganta fica mais apertada do que antes, e honestamente é como se tivesse engolido uma toranja gigante.

"O que aconteceu?" Ele pergunta novamente, paciência pontuando cada sílaba que sai de sua boca.

Desvio o olhar e então olho para ele quando aperto meus lábios e luto contra a merda com tamanho de bolas de softball pressionando minhas cordas vocais. *Você é um pedaço de merda, Jasmine*, uma parte do meu cérebro sussurra, e meus olhos pinicam ainda mais.

Não quero contar a ele. Não quero. Eu não quero dizer nada.

Mas…

Você é uma idiota, aquela voz me lembra. *Uma idiota egocêntrica*.

Eu me afasto dele, tomando um gole, o líquido quente acalmando o aperto nas cordas vocais, e então digo, soando tão rouca que quase paro de falar, mas continuo, "Você já se sentiu culpado por fazer *disso*", ele sabe o que é "isso" — é tudo, "uma prioridade?"

Ivan faz um barulho que soa como uma ponderação, e estou quase tentada a me virar e ver sua expressão facial antes que ele responda, "Às vezes."

Às vezes. Então, às vezes é melhor que nunca.

Você não se importa com ninguém ou nada além da patinação artística, meu ex-parceiro me disse um dia, semanas antes de pular do navio e me abandonar. Acabei com ele quando me mandou uma mensagem na noite anterior para dizer que estava com uma gripe forte, uma semana antes dos nacionais. *Você é tão fria*.

Mas não sou fria. Tudo que eu quero é ganhar, e sempre disse a mim mesma que não havia nada que não faria por isso. Não esperava nem queria ser medíocre. Quando não estava me sentindo bem, eu deixava pra lá e aparecia. Isso é tão errado?

É tão errado amar algo a que dedicou sua vida e querer ser o melhor? Ninguém nunca se tornou bom em alguma coisa sem trabalhar repetidamente para isso. Como Galina me disse uma vez, quando estava realmente brava comigo quando adolescente, *o talento natural só leva você até certo ponto, yozik.* E como em tantas outras coisas, ela não estava errada.

Acabei por tomar algumas decisões estúpidas. Decisões realmente estúpidas que pintaram tudo de preto.

"Você já?" Ele pergunta quando não digo mais nada depois de sua resposta.

Merda.

Tomo outro gole da bebida quente e saboreio o gosto, uma mentira no meu peito, pronta para sair... E odeio isso. Então digo a verdade, mesmo que ela pareça uma lixa. "Eu não. Não por muito tempo, mas agora..." Sim. *Sim*.

Há uma pausa. Então, "Porque você começou a fazer outras coisas quando resolveu descansar nessa temporada?"

Resolveu descansar nessa temporada. Essa é uma bela maneira de se dizer isso.

"Foi o que começou isso", admito, mantendo o olhar na caneca, enquanto meus olhos começam a arder novamente. "Talvez seja por isso que vejo tudo melhor agora do que antes. Posso ver o quanto perdi."

"Como o quê?" Ele pergunta gentilmente, e não posso deixar de rir.

"Tudo. As merdas escolares. Formatura. Namorados." Amor. "A única razão para eu ter ido à formatura da faculdade da minha irmã é porque minha mãe me obrigou, sabe. Eu deveria treinar naquele dia, e não queria faltar. Dei

um ataque." Agi como uma idiota, mas tenho certeza que ele poderia chegar a essa conclusão sozinho. "Esqueço o quão obsessiva eu sou."

Posso ouvir a expiração suave que ele solta. "Você não é a única. Somos todos obsessivos neste esporte", Ivan responde em voz baixa. "Desisti de toda a minha vida."

Encolho os ombros e engulo em seco, ainda sem encará-lo. Ele está certo. Se eu pensasse sobre isso, perceberia, mas não torna mais fácil engolir a verdade.

Sou obsessiva. Ignorei minha família nos últimos dez anos. Nada e ninguém mais importava tanto quanto a patinação artística... pelo menos no exterior. Por muito tempo, não lhes dei o devido valor. Até pensar que havia perdido esse esporte. Nada mais importava tanto para mim quanto a chance de vencer *alguma coisa.* Ser alguém. Deixá-los orgulhosos. Fazer tudo isso valer a pena.

Mas principalmente, tudo que fiz, foi por mim mesma. Pelo menos no começo. Tudo era para mim e sobre como me fazia sentir. Bem, forte e poderosa. Talentosa. Especial. Compensava todas as outras coisas que eu não tinha e em que não era boa.

Pelo menos até chegar ao fim da adolescência, e então tudo acabou, e me tornei meu pior inimigo. Meu próprio juiz, o mais crítico. A única pessoa culpada por sabotar a mim mesma.

Giro a pulseira no pulso e esfrego a ponta do meu dedo sobre a inscrição.

"Eu costumava me arrepender de não ir à escola como todo mundo", Ivan acrescenta quase hesitante. "A única vez que passava um tempo com outras crianças era quando visitava meu avô durante o verão. Minha única amiga por muito tempo foi minha parceira, mas mesmo assim, não era realmente uma amizade. Só sabia o que era um baile por causa da televisão. Eu costumava assistir reality shows para aprender como conversar com as pessoas."

Algo faz cócegas no meu globo ocular, e estendo a mão para limpar com a ponta do dedo indicador. Ele sai molhado, mas isso não me assusta nem me deixa louca. Não me sinto fraca.

Eu me sinto patética.

Sinto-me uma merda.

"Todo mundo, Jasmine, *todo mundo* que é um atleta — bem sucedido — precisou abrir mão de muita coisa. Alguns de nós mais que outros. Você não é a primeira pessoa, e não será a última que vê isso e se sente mal", ele começa a dizer, sua voz firme e uniforme. "Você não consegue se tornar bom em nada sem sacrificar algo para ganhar tempo."

Não olho para ele enquanto pressiono meu dedo contra o mesmo olho, sentindo a umidade lá novamente. Abro minha boca e sinto um aperto, então fecho meus lábios. Não vou chorar na frente de Ivan. *Eu não vou*. Quando os abro novamente, me obrigo a dizer, "Eu..." e minha voz apenas... se parte. Pressiono meus lábios, fecho os olhos e tento novamente. "Pessoas bem sucedidas, Ivan. Vale a pena se você for bem sucedido, não se você não for."

E nós dois sabemos que não sou. Todo mundo sabe que não sou. Nem um pouco.

Mais umidade se forma nos cantos dos meus olhos, e precisa das pontas de todos os outros dedos para afastar o líquido.

Foi tudo em vão, disse a mim mesma há um ano, quando Paul foi embora. E isso me cortou em pedacinhos.

E fez o mesmo agora.

Foi tudo em vão e não posso mais justificar todos os meus sacrifícios.

A fungada que sai de mim me envergonha. Humilha, mas não posso fazer nada para impedi-la, mesmo quando meu cérebro diz, *Não faça isso. Não faça isso, porra*. Sou melhor que isso. Mais forte do que isso.

Mas fungo de novo de qualquer maneira.

Quero ir embora. Não quero mais falar sobre isso. Mas se sair, vai parecer que estou fugindo de Ivan. Fugindo, e ponto final. E eu não fujo. Nunca.

Talvez afastar-se para não ter que ver alguma coisa não seja exatamente o mesmo que fugir, mas parece igual no fim das contas.

E eu não sou meu pai.

"Nunca ganhei nada", digo, plenamente consciente que minha voz soa aguada e chata, mas o que vou fazer? Esconder? O que diabos eu tenho para me orgulhar? Fazer minha mãe sentir que não quer me incomodar depois de sofrer um acidente e ter que ir ao hospital? *Você é um pedaço de merda, Jasmine*. Não tenho motivos para me orgulhar. Nenhum. E não é como se Ivan não soubesse disso. Como se ele não estivesse ciente da perdedora em que me transformei. Da grande perdedora que realmente sou. É provavelmente por isso que estamos juntos nisso por apenas um ano. Por que ele iria querer ficar preso *comigo*? Talento natural só te leva até parte do caminho. Eu sou a fodida garota propaganda disto. A garota propaganda sobre como ser uma decepção de ser humano, filha, irmã e amiga.

E isso me queima. Oh inferno, queima tanto de mim, que não consigo impedir que as palavras saiam da minha boca. Pequenos pedaços de vidro se

espalham ao longo de cada borda irregular e quebrada. “Então, para que tudo isso? Segundo lugar? Sexto lugar?” Balanço a cabeça, amargura inchando dentro de mim, trazendo tudo para fora; tudo, tudo, tudo. Meu orgulho, meu talento, meu amor, tudo mesmo porra. “Não parece valer a pena.” Eu não valho a pena. Valho?

Não há resposta, mas quando vem, aparece em forma de duas grandes mãos pousando nos meus ombros e enrolando-se em volta deles.

Minha vida inteira foi por nada. Cada objetivo por nada. Todo sonho e promessa quebrada, por nada.

As mãos nos meus ombros me apertam, e tento afastá-las, mas não vão a lugar nenhum. Se qualquer coisa, ficam ainda mais apertadas.

“Pare com isso”, o pedido de Ivan é rouco no meu ouvido. Ao mesmo tempo, sinto o calor e a extensão de seu corpo subirem atrás de mim.

“Sou uma perdedora, Ivan”, falo e tento dar um passo para frente, só para não conseguir quando as mãos em mim me impedem de ficar a um centímetro de distância. “Eu sou uma perdedora, e desisti de muita coisa em minha vida e muito do meu tempo com as únicas pessoas que já me amaram, por nada.”

Sou um fracasso. Em tudo. Em cada maldita coisa.

Meu peito *dói*. Isso machuca. E se fosse dramática, pensaria que está me partindo ao meio.

“Jasmine...”, ele começa a dizer, mas estou com a cabeça baixa e tento afastar suas mãos novamente, enquanto meu peito dói ainda mais por causa do jeito como minha mãe tentou minimizar seu acidente. Como se ela não se importasse que eu não faça dela uma prioridade.

Como minha própria mãe pensou que não era importante para mim.

Minha garganta *queima*. Meus olhos queimam. E eu... eu sou uma completa imbecil. Uma perdedora.

E a única pessoa que posso culpar é a mim mesma.

Quase não reconheço minha voz enquanto continuo falando por algum motivo que nunca entenderei. “Minha própria família acha não importam para mim, e para quê?” Minha voz falha quando a raiva e alguma outra merda que não sei como classificar crescem dentro de mim. “Para nada! Nenhuma fodida coisa! Tenho vinte e seis anos. Não tenho diploma universitário. Tenho duzentos dólares na minha conta bancária. Ainda moro com minha mãe. Não tenho nenhuma habilidade funcional para ter uma carreira além de garçonete. Não sou campeã nacional , campeã mundial ou campeã olímpica. Minha mãe

está quase falida *por nada*. Minha família gastou milhares de dólares para que eu fosse à competições para eu terminar em segundo lugar, terceiro lugar, quarto lugar, sexto lugar. Eu não possuo nada. Eu não sou nada..."

Estou morrendo?

É assim que você se sente ao ter o coração partido? Porque se for, tenho certeza que estou feliz por nunca ter me apaixonado antes, *porra*. Meu deus.

Parece que meus órgãos estão apodrecendo.

Minha boca se enche de saliva e minha garganta está dolorida, mas por algum milagre, não comecei a chorar. Mas me sinto assim. Estou fazendo isso por dentro. Desmoronando. Caindo aos pedaços. Sentindo-me como um pedaço de merda sem valor, imprestável, inútil.

Você pode ter todo o talento do mundo e ainda não fazer nada com isso, meu pai me disse uma vez, anos atrás, quando tentou me convencer a ir para a faculdade em vez de perseguir a patinação artística em tempo integral.

Fecho os olhos e seguro minha respiração enquanto a dor no meu peito fica tão forte que não tenho certeza se posso respirar se tentar. E eu fungo. Essa minúscula fungadela que mal ouço.

"Venha aqui", é o suave sussurro no meu ouvido enquanto as mãos nos meus ombros se apertam.

O "Não" da minha boca soa como duas pedras deslizando uma contra a outra.

"Deixe-me te dar um abraço." Sua voz soa ainda mais perto, seu corpo mais quente.

A vergonha me queima de dentro para fora, e tento dar outro passo à frente, mas as mãos em mim não me permitem ir a lugar nenhum.

"Deixa", ele exige, me ignorando.

Aperto meus olhos ainda mais e digo, antes que possa me impedir, "Eu não quero a porra de um abraço, Ivan. Ok?"

Por quê? Por que faço isso comigo mesma? Por que faço isso com outras pessoas? Tudo o que ele está fazendo é tentar ser legal e...

"Bem, isso é fodidamente ruim", Ivan responde um momento antes das mãos nos meus ombros começarem a deslizar, deslizar, atravessar minha parte superior do tórax, logo abaixo da minha clavícula até que os antebraços dele estão cruzados sobre mim em um X, e então Ivan está me puxando— me trazendo — até que minhas costas atingem seu peito, carne contra carne.

E ele me abraça. Ele me abraça tão apertado que não consigo respirar e me odeio. Eu me odeio por ser uma hipócrita. Por não ser mais gentil. Por esperar o pior o tempo todo. Eu me odeio por tantas coisas, que não tenho certeza se posso contar todas elas e sobreviver.

E os braços ao meu redor de alguma forma ficam ainda mais apertados, até que todos os ossos da minha coluna estão curvados contra todos os ossos da parte superior do corpo dele.

"Você é a melhor patinadora artística que já vi", esse homem sussurra diretamente no meu ouvido, seu abraço a coisa mais forte que já senti em minha vida. "Você é. A mais atlética. A mais forte. A mais durona. A que mais se esforça..."

Eu me inclino para frente para ficar longe dele porque não quero ouvir essa merda... mas não vou a lugar nenhum. "Você não sabe nada, Ivan. Nada disso significa nada se você não *vencer*."

"Jasmine..."

Soltando minha cabeça para frente, aperto os olhos com mais força porque a queimação neles só piora. "Você não entende, Ivan. Como poderia? Você não perde. Todo mundo sabe que é o melhor. Todo mundo te ama", resmungo, incapaz de terminar as palavras, incapaz de dizer *e ninguém me ama da mesma forma, exceto as pessoas que desaponto toda maldita vez.*

O calor atinge minha bochecha ao mesmo tempo em que os braços ao meu redor me invadem. Ivan sussurra, seus lábios contra o lóbulo da minha orelha, "Você vai ganhar. Nós vamos vencer..."

Engasgo.

"... e mesmo que não vençamos, você está muito longe de ser uma perdedora, então cale a boca. Tenho certeza que sua mãe não acha que isso não valeu nada. Já vi ela te observando antes. Eu já te vi antes. Não há como alguém te assistir no gelo e pensar que há um limite de preço nisso", ele sugere.

Aperto meus olhos bem fechados e seguro a próxima onda de sufocamento subindo pela minha garganta, e me sinto como se estivesse morrendo de novo. "Ivan..."

"Não me venha com 'Ivan'. Nós vamos vencer", ele sussurra em meu ouvido. "Não me dê essa besteira sobre você ser uma perdedora também. Não ganho todas as vezes. Ninguém ganha. E sim, não é divertido, mas apenas um desistente diz coisas desse tipo. Um desistente desiste e realmente faz esse tipo de declaração se tornar realidade. Você só será um perdedor se desistir. Você é

uma desistente agora? Depois de tudo? Depois de todos aqueles ossos quebrados e quedas? Vai desistir agora?"

Eu não digo nada.

"Você vai desistir, Meatball?" Ele pergunta, me puxando.

Não digo nada.

"Aquelas meninas abandonam tudo logo depois de ganhar medalhas de ouro porque têm medo de perder depois. Você diz que ninguém se lembra do segundo lugar, mas ninguém se lembra das garotas que vencem uma vez e desaparecem depois. A garota que eu conheço, a Jasmine que eu conheço, não está com medo de merda. Ela não desiste, e essa é a garota que as pessoas sempre lembrarão. Aquela que está lá, toda vez. Você ganharia e continuaria tentando vencer depois. Essa é a garota que conheço. Com quem faço parceria. A que acho que é a melhor — e é melhor você nunca me pedir para repetir isso porque não vou. Não sei o que aconteceu com você, mas seja o que for, precisa superar. Precisa se lembrar do que é capaz. O que você é. Você faz todo sacrifício valer à pena. Você faz cada centavo valer a pena. Entendeu?"

Se entendi?

"Apenas me solte", resmungo. "Por favor." *Por favor*. Por favor. Escapa da minha boca. Jesus Cristo.

Ele não solta. Claro que não. "*Você me entendeu*?"

Abaixo meu queixo e mantenho minha boca fechada, meus órgãos queimando e derretendo.

O suspiro de Ivan passa por minha orelha e ele me aperta naquele abraço que eu não queria antes, mas não quero sair agora. "Jasmine, você não é uma perdedora." O que tem que ser seu queixo toca minha orelha porque ele se arrepia. "Não anos atrás, nem na semana passada, nem hoje, nem amanhã. Nunca. Vencer não é tudo."

O meu expirar, queima. Para ele, é tão fácil dizer isso. Pensar isso.

E desse seu jeito, Ivan sabe o que estou pensando, porque afirma, "Alguns dos momentos mais infelizes da minha vida foram grandes vitórias. Sua família te ama. Tudo o que querem é que você seja feliz."

"Eu sei disso", sussurro, odiando o quão fraca estou soando, mas incapaz de fazer algo para mudar isso.

Estou infeliz. Mais infeliz do que logo depois que Paul foi embora. Talvez mais miserável do que depois que percebi que meu pai estava se afastando.

"Você e eu daremos isso a eles. Consegue me compreender?"

Um soluço tenta rastejar para fora da minha garganta, mas o seguro e enterro. Enterro tão profundamente que não arrisco arruinar essa chance respondendo. Porque já chega. Isso é demais.

E estou infeliz.

"Naquela noite que jantei em sua casa, a segunda coisa que sua mãe me disse foi *posso fazer qualquer coisa parecer um acidente*", ele murmura, e eu congelo. "Quando eu estava indo embora, naquela noite, o marido do seu irmão me disse que você é como a irmã mais nova dele e que esperava que eu a tratasse com o mesmo respeito que trataria minha irmãzinha. E sua irmã Ruby sussurrou aleatoriamente que seu marido estava no exército há mais de dez anos. Acho que ela disse isso como uma ameaça."

"E tanto seu irmão quanto sua irmã disseram que você tem experiência em cavar buracos para despejar corpos", ele termina, sua voz ainda gentil. "Eles pareciam orgulhosos disso. Realmente orgulhoso disso, Jasmine."

Pisco e então pisco mais um pouco. Isso... algo, apenas substitui um pouco da queimadura que está acontecendo dentro de mim. Não muito, mas é o suficiente para o peso no meu peito ficar mais leve apenas o suficiente para sentir que talvez eu possa respirar novamente em breve. Talvez daqui a um ano. Talvez em dois. Porque essa é minha família.

E as próximas palavras de Ivan destroem um pouco mais daquela sensação que me come vagarosamente.

"Eles entendem, Jasmine", ele continua. "Como você pode pensar que não fez nada quando eles se importam tanto com você? Eles te admiram. Estavam se gabando de quão durona você é. Quão resiliente você é. Há garotas na pista que se acendem todas as vezes que você passa. Você provavelmente mudou suas vidas e as inspirou aparecendo aqui dia após dia, permanecendo fiel a si mesma, não deixando te demover de nada. Nem mesmo eu. Não sei o que você considera um perdedor, mas esses não são esses traços que me vêm à mente quando penso nessa palavra."

Abaixo minha cabeça e mordo o lábio, minhas palavras perdidas, minha mente muito lenta para processar tudo.

E então ele me arrasa.

"Você e eu, Meatball. Nós vamos vencer se é isso que você precisa. Entendeu?"

Capítulo 12

"ACHO QUE terminamos por hoje", Treinadora Lee fala de seu lugar a poucos metros de onde pousei depois de um arremesso.

Inspirando através do meu nariz e soltando pela minha boca, tento evitar ofegar depois de um treino que me fez suar tanto que o D e o E em minhas mãos começaram a desaparecer, eu assinto. Já era tempo. Estou cansada e sei que Ivan também está. Pude sentir o quão profundo em suas reservas ele teve que buscar forças para me jogar da última vez.

Além disso, não ajuda que eu tenha dormido mal pra cacete. Também não ajuda que estivemos tão ocupados no restaurante naquela manhã que não tive a chance de fazer uma pausa. Exagerei na noite anterior. No interior e no exterior, e meu corpo não me perdoou por não tratá-lo tão bem quanto normalmente faço.

Não fui capaz de pensar sobre minhas escolhas — sobre o que quero fazer e o que preciso fazer — e... se for honesta comigo mesma, pensei mais sobre a bondade de Ivan do que jamais esperei fazer. Ele provavelmente me abraçou por dez minutos seguidos enquanto eu me acalmava e lentamente, aos poucos, voltava ao normal.

Não perguntou o que me aborreceu. Não me provocou por isso. Em algum momento, acabou por me soltar enquanto eu terminava de beber meu chocolate quente e, em seguida, pegou a caneca para lavar e colocar ao lado da pia. Então me seguiu até o vestiário vazio, esperou que eu pegasse minhas coisas...

E me seguiu até em casa.

Não falamos muito um com o outro, e não tenho certeza se é só porque ele sabe que estou pensativa ou se não sabe o que pensar sobre eu ter perdido minha cabeça. Honestamente, também não tenho certeza. A única coisa que sei é que, se Ivan achou que eu ficaria envergonhada no dia seguinte, deve ter se surpreendido quando não fiquei.

Posso ver isso na cara dele toda vez que olha para mim. Aqueles olhos cristalinos, quase azul-celeste, percorrem meu rosto toda vez que estamos

frente a frente. Por um minúsculo milissegundo na primeira vez que o pego me observando, penso em desviar o olhar.

Mas não desvio. Eu me recuso.

Porque fazer isso diria que sinto vergonha por ter sido encontrada daquele jeito, por ele me ouvir e ver quase chorar, o que é quase tão ruim quanto. E uma das melhores lições que já aprendi patinando é que quando você cai, você volta e age como se nada tivesse acontecido. Dá importância, ou não. E se você ficar de pé, sorrir e levantar a cabeça... ainda mantém sua dignidade.

E vou espremer a merda da minha dignidade com as duas mãos.

Pelo menos o que restou dela.

Somos amigos. E às vezes, amigos se descontrolam perto um do outro. Pelo menos é o que eu imagino.

"Vá com calma e descanse um pouco, Jasmine", Treinadora Lee diz enquanto patina até mim e me dá um olhar sério e demorado.

Esqueci que foi para ela que Galina ligou na noite anterior. Eu só consigo acenar. O que mais poderia dizer ou fazer?

"Vejo você amanhã cedinho", ela termina, tocando as pontas dos dedos no meu ombro por um breve momento antes de abaixá-las e ir embora.

Planto minhas mãos nos quadris, e continuo tentando recuperar o fôlego enquanto olho ao redor do gelo, observando as outras seis pessoas que ainda estão treinando, aproveitando os últimos minutos antes que o tempo de gelo privado acabe e o rinque seja aberto para as lições em grupo. Avisto Galina quase mediamente, sentada no mesmo lugar que costumava sentar quando era eu e ela, o queixo apoiado nas mãos cruzadas que ela tem sobre a grade. Seu olhar está na adolescente passando por uma sequência de movimentos do braço a poucos metros de distância.

"Estou convidado para jantar hoje à noite?" A pergunta de Ivan vem de trás de mim.

Pisco e me viro para olhar para ele por cima do ombro. Ele começou a treinar vestindo um pulôver de lã verde-escuro, mas tirou-o cerca de uma hora atrás, ficando apenas de calça de agasalho preta e uma camisa cinza-claro de mangas compridas com manchas de umidade ao longo de seu peito e abdômen. Talvez eu não tenha dormido bem, mas pela ausência de bolsas sob os olhos dele, Ivan não teve o mesmo problema. Seu rosto está tão límpido e brilhante como sempre.

Sortudo de merda.

Inspirando pelo nariz, pressiono meus lábios por um momento, e quando estou prestes a encolher os ombros, concordo. Devo-lhe isso. Ele merece. “Se você não tem mais nada para fazer”, digo, me certificando que minha voz esteja agradável e equilibrada.

Ivan assente. “Não até mais tarde.”

O que ele tem pra fazer mais tarde? Eu me pergunto.

“Vou te seguir até em casa então”, ele diz, soando como sempre... sem o sarcasmo. “Se você conseguir não dirigir como uma psicopata, será ótimo.”

E lá vamos nós.

“Eu dirijo no limite de velocidade.”

Aqueles cílios escuros e grossos balançam sobre seus olhos. “É isso que você chama de dirigir no limite?”

Faço uma careta. “Nunca recebi uma multa.”

“Uh-huh.”

Reviro os olhos e mal consigo não lhe dar um olhar feio. “Vou esperar por você na porta da frente, menino das meias.”

Um canto de sua boca se contorce... mas ele abaixa o queixo.

E pisca para mim.

E pisco de volta para ele.

Então o outro canto de sua boca se contrai também.

“Você é um saco”, digo antes de poder me conter.

“Você é pior”, ele responde antes de começar a patinar para trás. “Encontro você em dez.”

Enrugo meu nariz e patino para sair do gelo, chegando à abertura na parede logo depois de Ivan. Coloco meus protetores de patins, percebendo que ele me observa enquanto faço isso e com minha visão periférica observo as famílias começando a aparecer e caminhando até as arquibancadas.

Mas nós não discutimos. Saio e vou em direção aos vestiários, não querendo ser a última a chegar às portas da frente. Prefiro esperar por ele a ele esperar por mim. Provavelmente é uma boa ideia mandar uma mensagem para minha mãe antes de sair, para que ela saiba que ele está indo.

Não a vejo desde a noite anterior, quando me contou sobre o acidente, e mesmo que eu queira falar com ela sobre o que sugeriu, não sei exatamente o que dizer. Não tenho certeza do que será mais eficaz do que “eu te amo.”

E ela merece muito mais do que isso.

Contorno a primeira curva, onde Ivan se virou para ir ao seu quarto especial e sigo em frente. Avisto as duas garotas adolescentes do lado de fora da sala imediatamente. São as duas garotas que sempre foram legais comigo. Com certeza, assim que me aproximo da porta, elas se viram e me dão dois sorrisos tímidos.

"Oi, Jasmine", uma delas diz enquanto a outra guincha, "Oi."

Penso nas palavras de Ivan na noite anterior e sorrio enquanto passo na frente delas. "Oi." Minha mão vai até a porta para abri-la... e eu paro, antes de dizer, "Tenham um bom treino."

"Obrigada!" Elas basicamente gritam quando entro.

Assim como todas as noites de sábado, o vestiário está lotado de garotas adolescentes com idades entre treze e dezoito anos. Elas estão falando tão alto que meus ouvidos doem. Vou até meu armário, dando uma olhada ao redor para ver que todas são rostos familiares sem nomes, e então me viro de costas para elas. Não demora muito para abrir meu armário e tirar minhas botas, pegar minha bolsa e colocar meus patins no estojo de proteção antes de pegar o telefone, balançando os dedos dos pés e girando meus tornozelos doloridos enquanto abro a tela do telefone.

Encontro o nome da minha mãe nas mensagens e digito um texto o mais rapidamente que posso, certificando-me de que minhas palavras sejam escritas corretamente, enquanto tento ao máximo ignorar as vozes das meninas.

Levando Lukov para jantar, envio antes de deixar meu telefone ao meu lado no banco vazio.

Puxando as minhas meias e depois as ataduras, sinto meu telefone vibrar e o pego. Diz apenas **OK**. **;)**

Não vou nem tocar aquele rosto piscando. Coloco o telefone de volta e me inclino para começar a vasculhar minha bolsa em busca dos chinelos quando começo a prestar atenção nas meninas por algum motivo e ouço, "*… mãos grandes e pés grandes.*"

"*Como você sabe que é verdade? Há muitos caras com mãos grandes e pés grandes que não têm protuberâncias.*"

Porque essas crianças estão falando sobre protuberâncias, porra?

"*Como quem?*"

"*Como…*" A garota falando baixa sua voz para um sussurro, como se eu ainda não pudesse ouvi-la depois que faz isso. Idiota. "*Ivan Lukov. Nunca vi nada sob seus figurinos, se você sabe o que quero dizer*."

Porra elas estão falando de Ivan? E quais são as pequenas pervertidas que ainda olham para sua virilha? Ele esteve 99,99 por cento nu na minha frente, e eu não olhei por mais do que o segundo que levou para ver se ele estava coberto.

E por que diabos estão falando dele não ter uma? Isso não significa nada. A maioria dos caras cola suas partes baixas, penso. Perguntei a Paul sobre isso uma vez, e ele acabou ficando vermelho e gaguejou enquanto ria, evitando a pergunta, como se eu não soubesse que tinha um pênis sob suas roupas. Outro idiota.

"*Suas mãos e pés são enormes*", outra garota tenta sussurrar, mas é ainda pior nisso.

"*Mas alguém já viu alguma coisa?*" Uma merdinha pergunta antes de rir.

Eu me viro no banco o mais rápido que posso e escolho minhas palavras da melhor forma que posso. "Vocês podem parar? Vocês gostariam de alguns caras falando sobre suas... partes por trás de suas costas?"

No mesmo instante, todas param de falar e ficam num tom de vermelho que achava que só Ruby podia ficar.

Foi o que eu pensei.

Eu me certifico de olhar para cada uma delas antes de balançar a cabeça e me virar para frente. Ninguém mais diz nada, e não me preocupo com elas fofocando sobre mim, porque o que fariam? Admitiriam que estavam falando sobre a virilha de Ivan?

Deslizo meus chinelos e dou aos meus dedos outra manobra enquanto estico meus arcos, pego minhas chaves e bolsa e levanto, inclinando-me para segurar a alça da minha mochila. Olho de lado as meninas do outro lado da sala, todas com cara de filhote triste, e eu não dou a mínima. Coloco o cadeado de volta no meu armário e me dirijo para a porta, abrindo-a com muito mais força do que o necessário.

Deus, o que há de errado com essas adolescentes? Não consigo me lembrar de falar sobre os paus das pessoas quando tinha a idade delas. Dezessete, tudo bem. Mas porra, talvez quatorze anos?

"... feia e gorda nesse collant."

E ai está.

Crianças.

Treze, talvez catorze anos de idade paradas do lado de fora da porta. Duas adolescentes que parecem muito com as duas que estavam falando merda sobre mim semanas atrás.

E aquelas duas estão na frente das duas garotas que sempre me cumprimentam. As duas menininhas doces, mas engraçadas, que acabaram de sorrir para mim, talvez cinco minutos atrás, mas que atualmente estão de costas para a parede e têm os olhos vidrados como se estivessem à beira das lágrimas.

Droga.

Por que isso tem que acontecer comigo?

Só quero ir embora. Eu realmente quero. Já argumentei com aquelas merdinhas lá dentro e não quero fazer isso de novo, arriscando entrar em apuros.

Mas…

Minha amiguinha extrovertida tem lágrimas nos olhos, e uma dessas filhas da puta acabou de chamar sua amiga de gorda e feia. Não jogo esse jogo de intimidação.

Então, paro, faço contato visual com minhas duas amiguinhas e levanto uma sobrancelha. “Vocês duas estão bem?”

A mais extrovertida das duas pisca o que devem ser lágrimas, e a ação instantaneamente traz essa sensação estranha passando pela minha espinha. Estreito meus olhos enquanto olho para as duas garotas malvadas que parecem se arrepender da decisão que tomaram enquanto fiquei louca no vestiário e as trouxe a esse momento.

Quando nenhuma das duas garotas mais simpáticas concordam que estão bem, a sensação na minha coluna se intensifica, e a reconheço pelo que é: proteção. Odeio valentões. *Realmente* odeio valentões.

“Elas estavam intimidando vocês?” Pergunto devagar, calmamente, mantendo o foco nas duas crianças legais.

“Não estávamos fazendo nada”, uma das pequenas merdinhas tenta argumentar.

Deslizo meu olhar para aquela que falou e digo, “Não perguntei a você.” Quando viro para aquela com as lágrimas em seus olhos, pergunto de novo, “Elas estavam intimidando vocês?”

Engulo antes de conseguir um aceno de cabeça. De ambas. E essa sensação na minha espinha só fica mais forte.

Mordo o interior da minha bochecha antes de perguntar, “Vocês estão bem?”

Seus pequenos acenos quase partem meu coração.

E o que mais conseguem fazer com sucesso é fazer meu foco se voltar para as duas merdinhas, enquanto minha melhor expressão de vadia toma conta das minhas feições, e eu digo, devagar, devagar, devagar, usando aquele sorriso que Jojo chamou de horripilante em mais de uma ocasião. “Se algum dia ouvir algo sobre vocês ou vir vocês, ou alguém aqui, de novo, farei vocês duas se arrependerem do dia em que decidiram ter aulas aqui, me entenderam?”

Nenhuma delas acena com a cabeça ou diz sim, e isso faz a sensação na minha espinha ficar ainda mais forte. Uma pessoa melhor teria acrescentado alguma merda inspiradora. Mas essa não sou eu.

Volto minha atenção para as duas garotas legais. “Se fizerem novamente com vocês, venham me contar, ok? Lidarei com isso por vocês. Amanhã, no próximo mês ou daqui a um ano, não tenham vergonha. Contanto que eu esteja aqui, vou cuidar disso. Ninguém merece ser tratado assim.”

Eu sei. Já passei por isso. Em troca, recebo dois olhares vazios, mas se estão com medo ou não, não tenho ideia, antes que as duas meninas acenem com a cabeça, rápido, rápido e rápido.

E sorrio para elas, para dizer que está tudo bem. Cuidei delas. Nem todos são terríveis, mas os maus fazem ficar fácil de esquecer isso. Eu deveria saber.

Mas então olho de relance para as duas merdinhas e o sorriso cai quando me concentro em seus rostos mesquinhos. “E vocês duas... se pegar vocês fazendo isso de novo, vou bater nas suas bundas com uma palmatória, suas...”

“Jasmine!” Ouço uma voz masculina familiar gritar de perto, mas não tão perto.

Claro, olho para cima e encontro Ivan no corredor, uma mão contra a parede. Ele está longe demais para que eu veja mais dele, mas sei pela forma e comprimento daquela estrutura que é ele. E reconheceria essa voz em qualquer lugar.

“Vamos, estou com fome”, ele me chama sem nenhuma razão, penso, até que entendo.

Ele me ouviu. É por isso que gritou e me impediu de chamar essas meninas de filhas da puta como planejava.

Não foi uma boa ideia, mas, bem, tanto faz. Elas merecem.

"Não sejam idiotas", aponto para as duas merdinhas rudes, em seguida, viro para as outras meninas e digo, "venham me contar se elas aprontarem com vocês de novo."

Quando recebo dois acenos em resposta, tenho a certeza de dar à outra dupla um olhar desagradável como se estivesse de olho nelas, antes de ir para o corredor em direção a Ivan, que ainda está lá esperando, exceto que posso vê-lo balançando a cabeça a alguns centímetros de distância. No segundo em que estou perto o suficiente, percebo que ele está sorrindo. Aqueles dentes retos e brilhantes estão todos de fora quando ele pergunta, "Hoje é o seu dia de pegar no pé de crianças pequenas?"

Reviro os olhos quando piso na sua frente, tendo que inclinar a cabeça para trás para olhar para ele. "São monstros, não crianças."

Aqueles olhos estão focados nos meus quando seu sorriso só cresce e ele diz, "O que eu quero saber é..."

Pisco, não tenho certeza do que está prestes a perguntar.

"O que é uma palmatória e onde posso conseguir uma?"

Não pretendia sorrir, e com certeza não queria.

Mas não consigo evitar.

Sorrio tanto que minhas bochechas doem instantaneamente e digo a única coisa que consigo pensar, "Você é um idiota."

UMA HORA DEPOIS, estou descendo as escadas na casa da minha mãe, tentando tirar mais água do meu cabelo para que ele não deixe transparente o vestido justo que coloquei. Odeio lavar meu cabelo todos os dias — e meu cabelo odeia ser lavado todos os dias, se o tanto que está ressecado quer dizer alguma coisa — mas com o tanto que suo em dois treinos diários, ele fica muito gorduroso se ficar mais de vinte e quatro horas sem lavar. Estou usando um tubo de condicionador a cada duas semanas.

Chegando ao andar inferior, posso ouvir as vozes na cozinha. Quando chegamos à minha casa há meia hora, havia os carros de Jonathan e Aaron na garagem. Não perguntei o que minha irmã ou irmão estão fazendo aqui, mas vi ambos alguns dias atrás, quando apareceram aleatoriamente para o jantar.

Só tive a chance de dar um beijo na minha mãe, à direita do seu nariz machucado e inchado antes que a bunda dramática de Jojo viesse com, *Jas, como você pode não me ligar para falar do acidente da mamãe*? Quase a delatei,

respondendo que ela não queria que eu dissesse nada... mas não sou dedo duro. Então disse a ele que foi porque estava muito cansada na noite anterior para lidar com suas merdas. Isso soou tão bem quanto esperava, e corri para tomar um banho cinco minutos depois, observando Ivan me lançar um olhar curioso que dizia que estava juntando as peças do que aconteceu ontem à noite com o que ele estava vendo no rosto da minha mãe.

E… não me importei que ele fizesse isso.

Ao atravessar a sala em direção à cozinha, as vozes ficam cada vez mais claras. Reconheço o som das risadas da minha irmã e mãe... e penso ter ouvido uma leve risada de Ivan misturada ali. Pensar naquele momento no corredor com as garotas me faz sorrir de novo, mas empurro isso para longe. Ele realmente é um idiota.

"... eles te fizeram colar tudo?" Ouço Jojo perguntar.

Oh Deus.

"Jonathan", seu marido o repreende. "O que isso importa?"

"Estou curioso. Olhei a revista esta semana. Não vi nenhuma sugestão de bolas ou qualquer coisa nessas fotos, e não parece possível pelos ângulos que as imagens foram feitas. Não me importo com o quão apertados estão os sacos de alguém, mas é fisicamente impossível que não haja um pequeno sinal de bolas em algum lugar. Entende o que estou dizendo?"

Eles estão falando sobre a sessão de fotos para a edição de Anatomia, e é claro que é algo que Jojo perguntaria.

"Talvez eu precise comprar essa revista quando sair..." Minha mãe começa a dizer antes de Ruby e Jojo quase gemerem, "Parem!" E "Ninguém quer ouvir isso!"

"Vocês dois são tão sensíveis", minha mãe murmura, mas não continua com a frase. "Tenho dois olhos. Vocês têm olhos. O corpo humano é uma coisa maravilhosa, não é, Ivan?"

Não há hesitação de Ivan quando responde, "É."

"Tenho certeza que Grumpy estava linda."

Mas há uma pausa antes de Ivan perguntar, "Quem é Grumpy? Jasmine?"

"Sim."

Ninguém diz nada por um segundo antes que Jojo se intrometa. "Ela odiava a Branca de Neve quando ela era um bebê chorão."

"Por quê?"

É minha mãe quem responde. “Porque ela… como costumava chamá-la? Um peido preguiçoso que se aproveitou dos homens?”

Jojo cai na gargalhada daquele jeito que me faz sorrir. “Ela costumava ficar tão brava assistindo ao desenho. Lembra? Ela se sentava lá na frente da televisão, resmungando para si mesma. Ela odiava isso, mas ainda assim assistia de novo e de novo.”

Então é Ruby que começa a rir. “Ela andava por aí dizendo que Branca de Neve não era tão bonita e, mesmo se fosse, precisava ter um pouco de respeito por si mesma. Ela nem sabia o que isso significava, mas ouviu você, mamãe, dizendo isso uma vez e ficou com aquilo na cabeça.”

Então minha mãe começa a rir. “É por isso que começamos a chamá-la de Grumpy, porque ela disse que ele era o único anão inteligente entre todos eles e porque sabia que ele tinha um motivo para estar de mau humor. Trabalhando na mina o dia todo e depois tendo que cuidar de uma garota que não fazia nada.” Sua risada é mais alta. “Oh, aquela garota. Vocês todos podem se culpar pelo jeito como ela é. Aprendeu com vocês. Ivan, é culpa deles.”

Há outro momento e, em seguida, “Ela é meu ídolo”, Ruby diz, que ganha uma risada rouca que tem que ser de Aaron.

“Essa é minha menina”, minha mãe ecoa.

Meu nariz coça e meus olhos começam a arder um pouco.

Ok, mais que um pouco.

Tenho que piscar e ouvi-los rir enquanto me controlo e sinto aquela sensação agradável e quente crescendo, crescendo, crescendo no meu peito. Isso me faz sentir melhor. Melhor do que me senti na noite anterior, depois de Ivan ter sido tão gentil.

Depois de engolir em seco mais algumas vezes e piscar para me certificar de que estou de volta ao normal, vou para a cozinha e encontro todos, exceto o marido da minha mãe, em volta da ilha. Ben está ocupado no fogão mexendo o que sei que é uma panela gigante de seu incrível *chili*, de costas para o grupo. Há um lugar vago entre Ivan e minha irmã, e outro entre Aaron e Jonathan.

Vou para o mais próximo a Ivan.

E, por alguma razão, que não vou analisar, esgueiro minha mão para meu lado até a coxa mais próxima da minha e lhe dou um aperto. Não é um aperto doloroso, apenas um normal, nem muito forte e nem muito fraco. Amigos fazem isso, não fazem?

"Jas", Ruby começa a dizer quando se inclina para frente sobre a ilha e me lança um sorriso cuidadoso que me deixa cautelosa. "Eu sei que está sempre ocupada..."

Por que meu estômago virou?

"... mas lembra-se que conversamos sobre você cuidar das crianças algumas semanas atrás? Você acha que ainda consegue?" Ela sorri. "Tudo bem se não puder."

Meu estômago se aperta. É cedo demais. É muito cedo. Mas eu posso fazer isso. Eu vou. Posso ser melhor.

"Não esqueci", digo a ela, tentando ignorar a tensão em torno do centro do meu corpo. "Posso cuidar deles."

"Você tem certeza? Porque..."

Tento lhe dar um sorriso. Tento dizer a ela que eu a amo e que sim, também amo seus filhos. Faria qualquer coisa por eles. Mas em vez disso, digo tão suavemente quanto sou capaz, "Sim. Com certeza. Posso cuidar deles."

"Também podemos cuidar deles", Jojo diz.

Dou uma olhada nele. "Não. Eu vou tomar conta deles. Encontre seus próprios sobrinhos."

Jojo revira os olhos e se volta para Squirt. "Posso cuidar deles quando você quiser, Rubes. Eles não precisam do Bebê de Rosemary ali, cuidando deles."

"Você realmente quer que o Shrek Júnior aqui seja quem Benny vai encontrar ao acordar?" Pergunto à minha irmã, dando uma encarada no meu irmão.

"Estou na média de altura", Jojo afirma.

"Claro que sim, boo-boo", retruco, sorrindo para ele de verdade. "De qualquer maneira, você não disse que não se parece com Shrek, então..."

Jonathan decide coçar a testa. Com o dedo do meio.

"Vocês dois podem parar?" Mamãe finalmente suspira.

"Você realmente não se parece com Shrek, Jojo", Ruby acrescenta. "Parece mais com o burro, eu acho."

Jonathan apenas pisca para ela antes de deslizar os olhos para mim e dizer, "Você é péssima influência."

"Sua mãe."

Meu irmão olha diretamente para Ivan ao meu lado, o dedo médio voltando para sua testa — em minha direção, é claro — e diz, "Ivan, se você

acidentalmente tropeçar e cair durante um levantamento, nenhum de nós o culparia. De verdade."

A lateral de uma coxa toca meu joelho, e um segundo depois, o mesmo acontece com a palma de uma mão que conheço muito bem. "Vou manter isso em mente. Talvez durante um mundial", meu parceiro oferece.

E eu não posso nem ficar com raiva ou magoada.

Capítulo 13

"VOCÊ NÃO TEM que vir comigo", digo a Ivan quando saímos de seu carro, inconscientemente esfregando o formigamento estranho na minha garganta que está me incomodando o dia todo. Coloquei a culpa disso em deixar minha garrafa de água no carro e não ter a chance de correr de volta para busca-la, e ter que enfrentar a ira de Nancy Lee.

Ele bufa e eu juro por Deus que revira os olhos. "Já disse que farei."

"Eu sei disso, espertinho, mas você ainda pode desistir. Minha irmã ou o marido dela podem me dar uma carona depois, se você quiser ir embora", sugiro, esperando por ele no caminho até a casa da minha irmã, já que o lado do passageiro está mais perto do meio-fio.

Ivan encolhe os ombros e sacode aquela cabeleira preta. "Não vou recuar. É só... quanto tempo disse que seria? Três horas?"

"Quatro horas", eu o corrijo.

Ele parece pensar sobre isso enquanto se coloca ao meu lado antes de inclinar a cabeça para o lado, chegando a qualquer conclusão que tenha chegado. "Eu te aguento por quatro horas. São apenas duas crianças, não pode ser tão difícil."

Obviamente, este homem nunca tomou conta de crianças antes se acha que não é difícil, mas não vou contar isso a ele. Estou ansiosa para vê-lo lidar com uma criança e um bebê. "Tudo bem, não diga que não te dei uma saída."

Ivan franze o rosto perfeito e simétrico quando paramos em frente à porta. "Me dê algum crédito, só vamos cuidar de crianças. Isso não é ciência de foguetes."

Eu o cutuco com o cotovelo bem antes de levantar a mão e bater na porta.

Ele me dá uma cotovelada.

Como diabos chegamos a este ponto?

Meu maldito carro não pegou. *Novamente*. E meu tio não atendeu ao telefone quando liguei, e eu realmente não posso pagar por um reboque. Há passagens de avião e quartos de hotel para os quais estou tentando economizar e mantimentos, seguro, uma conta de energia elétrica que pago como parte do

meu "aluguel" e outras despesas aleatórias que tenho todos os meses. Quando estava debatendo para quem ligar para vir me buscar, veio o *toooooooot* desagradável que durou talvez dez segundos e me fez pular quando vibrou no ar pela primeira vez, vindo de um carro preto elegante. Seguindo o toot estava uma janela do lado do motorista sendo abaixada e um rosto muito familiar espreitando por cima da borda do vidro.

"Problemas com o carro de novo?" Ivan perguntou de seu lugar ao volante com seus óculos escuros cobrindo os olhos.

Suspirei e depois assenti.

"Você precisa de um carro novo."

Apenas o encarei. "Ok, vou tratar disso."

Ele fez uma careta de volta. "Entre."

"Não vou para casa", disse a ele.

Aqueles óculos escuros estavam apontados diretamente para mim enquanto sua mandíbula fazia aquele tique. Então "O que? Você tem um encontro quente?"

"Não, bobão. Serei babá hoje à noite."

A expressão em seu rosto mudou instantaneamente, mas não pensei em nada disso.

"Estou indo para a casa da minha irmã", terminei, lembrando-o sobre o que Ruby e eu tínhamos literalmente falado na frente dele há uma semana.

Ivan empurrou os óculos logo acima dos olhos com a ponta do dedo. "Entre então."

"É mais longe do que a casa da minha mãe."

"Muito mais longe?" Perguntou lentamente.

Eu disse a ele o lado da cidade e vi quando fez uma careta.

"Quanto tempo você deverá tomar conta delas?"

"Cerca de quatro horas", disse, ouvindo a hesitação na minha voz, principalmente porque queria saber onde diabos ele deveria ir e que o deixava preocupado com o tempo que demoraria.

Então ele fez uma cara pensativa e disse, "Tudo bem. Um segundo." Ele deve ter pegado seu telefone, porque a próxima coisa que soube é que ele estava se concentrando em seu colo e dizendo, "Mais um segundo."

Para quem estava mandando mensagens? E o que estava escrevendo?

Mal comecei a me perguntar isso, quando ele olhou para trás e disse, “Tudo bem. Se forem apenas quatro horas, posso levá-la até lá e deixá-la em casa depois.”

Espere. Depois?

“Você vai dirigir de volta para me buscar depois?” Perguntei com uma carranca.

Ele beliscou a boca daquele jeito que costumava me deixar louca porque parecia que achava que eu era uma idiota. “Não. Fica do outro lado de onde eu moro, gênio. Vou te ajudar, e depois, vou te levar de volta para casa... contanto que sejam apenas quatro horas. Preciso estar em casa depois disso.”

Para que ele precisava estar em casa? Alguém estaria esperando por ele? Ele tem uma namorada?

“Você vai entrar?” Ele continuou.

Não era da minha conta. Nadinha.

Não, não é da minha conta.

Se meu engolir foi apertado, não pensaria demais nisso. “Você pode simplesmente me deixar lá e um deles pode me levar para casa depois.”

Não tive que ver seus olhos para saber que ele os estava rolando. “Cale a boca e entre. Posso te levar, contanto que não fique muito tarde.”

Ele tem namorada, não é?

“Você não precisa ficar...” Eu comecei a dizer antes que ele me cortasse.

“Entre, Meatball”, exigiu, já rolando a janela para cima.

E com um olhar feio e um lembrete de que tudo o que ele estava fazendo depois não tinha nada a ver comigo, entrei. E ele nos levou até a casa da minha irmã, onde agora estamos, esperando na calçada pavimentada, discutindo com Ivan depois de termos brigado sobre se ele dirigia devagar ou se eu dirigia rápido.

Ele dirigiu devagar.

Foi assim que me vi na casa de Ruby com Ivan ao meu lado.

“Estou indo!” Ouço minha irmã chamar do outro lado da porta. Um segundo depois, a porta se abre e ela está lá, já mostrando daquele grande sorriso que me faz sentir que mataria alguém por ela e também comeria seu coração. “Jas.” Ela hesita apenas um segundo antes de dar um passo a frente e me envolver com seus braços.

Eu a abraço de volta, decidindo manter minha boca fechada sobre a pausa que ela fez antes de me tocar. Nunca quis que ela me abraçasse? Eu não consigo

me lembrar, e a possibilidade de que a fiz pensar duas vezes antes de fazer algo como me abraçar, faz meu estômago apertar.

Posso consertar isso. Posso trabalhar nisso.

Afasto-me, e inclino minha cabeça para Ivan ao mesmo tempo em que seus olhos se desviam para ele. "Trouxe reforços para cuidar de seus gângsteres."

O rosto da minha irmã fica rosa instantaneamente, e ela balança a cabeça firmemente, seus olhos mudam de mim para ele e voltam novamente. "Oi, Ivan", ela consegue espremer.

Ivan sorri gentilmente. Então, porque ele estende a mão para ela, e quando ela fez o mesmo, ele a pega e dá uma sacudida suave. "Prazer em te ver novamente, Squirt." Ele lhe dá um sorriso encantador que me deixa desconfortável por algum motivo. "Você não se importa que eu te chame assim, não é?"

Minha irmã pisca, e eu também. Mas sei que sua reação não é porque Ivan é bonito ou qualquer coisa assim. Seu marido é gostoso de uma maneira completamente diferente, mas Ivan também é. E ela é loucamente apaixonada por ele.

Ela apenas é tímida.

E ninguém a chama de Squirt, além da família. Pelo menos até onde eu sei, nem mesmo Aaron a chama assim.

"Eu não me importo", ela praticamente sussurra, seus olhos correndo para mim, e depois de volta para ele. "Você é quase da família agora, certo?"

Quase família? Empurro a ideia de lado, então Ivan me cutuca, e eu dou uma cotovelada nele de volta.

"Entre", Ruby diz, dando um passo atrás. "Estamos prontos para sair. Vamos apenas jantar e a uma... loja... afinal de contas." Por loja, aposto meu rim que significa uma loja de quadrinhos, mas sei que ela não vai admitir isso porque Ivan está bem ali. "Não estaremos longe."

Dou de ombros e entro na casa em que estive muitas vezes no último ano desde que ela se mudou de volta para Houston, depois de passar os últimos quatro anos morando em Washington com o marido enquanto ele estava no exército. Ele correu através de um diploma nos últimos anos e conseguiu um emprego em um hospital. Algo com veteranos. Sou uma cunhada de merda por não saber o que ele faz exatamente. Realmente preciso perguntar a Ruby. "Está bem. Faça o que quiser. Não tenho mais nada a fazer além de ir dormir", digo

a ela, propositalmente não mencionando que Ivan tem que sair depois de quatro horas para fazer o que for que precise fazer.

"Ei, Jasmine", uma voz agradável chama do corredor um momento antes do homem alto e loiro caminhar em nossa direção.

"Oi, Aaron", digo, balançando em meus calcanhares. "Aaron, você se lembra de Ivan."

O loiro bonitão, que juro que poderia ter uma carreira de sucesso como gigolô, se não tivesse sido militar, estende a mão para mim e eu bato a palma da minha mão na dele. Ele então se vira para Ivan e também estende a mão, e Ivan a sacode. "É bom ver você de novo", meu cunhado diz, dando um passo atrás para ficar ao lado de minha irmã. "Obrigado por serem as babás da vez."

Dou de ombros, mas Ivan diz, "Claro."

"Vamos sair para que possamos voltar mais rápido", Aaron nos avisa, inclinando-se para beijar minha irmã na têmpora.

Ruby assente. "Você sabe onde está tudo. Eles estão no andar de cima agora. Já comeram. Benny está dormindo na nossa cama. Não quis acordá-lo para leva-lo ao seu próprio quarto. Ainda estamos treinando para que faça as coisas no penico..."

Aceno para ela. "Não se preocupe com isso. Posso lidar com tudo." Olho para Ivan parado ali e tento imaginá-lo trocando uma fralda… e não consigo. "Nós podemos lidar com isso."

Talvez. Pelo menos eu posso.

Com outro beijo que Aaron dá na têmpora de Ruby, eles saem de casa, fechando e trancando a porta atrás de si. A fechadura mal é girada quando há um gemido no andar de cima.

"Vamos começar a trabalhar", digo, apontando para as escadas.

Ivan assente, depois me acompanha pelas escadas da boa e grande casa de quatro quartos nos subúrbios.

Os bebês da minha irmã dividem o mesmo quarto. Há dois berços colocados em lados opostos, um branco e outro de madeira. Vou direto para o branco e vejo o corpo minúsculo e contorcido deitado de bruços. Jessie está chorando tão alto que estremeço quando a pego e trago para o meu peito, embalando-a. Ela é tão pequena... e tão barulhenta.

Eu a balanço, sussurrando, "Shh, shh, shh", e sacudindo-a um pouco do jeito que gosta, antes de virar para encontrar Ivan em pé na porta, sorrindo como um idiota. Eu pisco. "O que?"

Jessie continua chorando.

"Você a pegou como se não fosse nada", ele diz, seus olhos indo de mim para a bebê e de volta, como se isso fosse um milagre ou algo assim.

"Ela é apenas um bebê, não uma granada", digo a ele, ainda sussurrando *shh, shh, shh*, e sacudindo para tentar acalmar minha bebezinha favorita. Isso sempre funciona. Sorrio para o rosto fofo e irritado.

"Não sabia que você gostava de crianças", Ivan murmura, se aproxima e fica ao meu lado, arqueando o pescoço para olhar para a criança em meus braços.

Sorrio para Jess, sabendo que ele não pode me ver, e franzo meu nariz. "Eu amo crianças."

Seu "Sério?" não me surpreende em nada.

Balanço o bebê um pouco mais, seu choro diminui até que é apenas um suspiro. *Bingo. Jasmine, a Encantadora de Bebês.* "Isso", digo baixinho, mantendo minha voz leve. "Gosto de crianças. Simplesmente não gosto de adultos."

"Você não gosta de adultos? Não acredito nisso." Ivan bufa e vira o pescoço para me dar um sorriso antes de se concentrar no bebê. Seu dedo surge e toca uma das bochechas de Jessie docemente, provavelmente absorvendo a suavidade se for uma das primeiras vezes que está perto e pessoalmente com um pequeno humano.

"Cale-se."

Posso ouvi-lo respirar suavemente. "Ela é tão suave e pequena. Eles são sempre assim tão pequenos?"

Olho seu rostinho, sabendo que sob aquelas pálpebras há olhos azuis brilhantes que um dia podem ficar do mesmo tom que os da minha mãe. "Ela nasceu com quase três quilos; isso é muito grande para o quão pequena minha irmã é", explico. "Benny bem grande também, eles puxaram o pai." Abaixo a cabeça para dar um beijo na testa de Jessie enquanto ela solta um chorinho de bebê agitado. "As crianças são inocentes. São doces, honestos. Eles são fofos. Sabem o certo e errado melhor do que os adultos. O que há para não se gostar?"

"Eles são barulhentos."

Olho para ele com o canto do olho e limpo a garganta, tentando ignorar o formigamento nela. "Você é barulhento."

Seu olhar já está em mim quando ele diz, "Fazem birras às vezes."

Olho para o teto. "Parece que você está se descrevendo."

Ivan ri o mais silenciosamente possível. "Eles choram."

Faço uma careta para ele, que o faz exibir aquele sorriso muito branco.

"Cale-se. Eu nunca choro", ele sussurra.

"Se lamentar... chorar... é a mesma coisa."

"Você é uma mentirosa."

Balanço a cabeça e olho para Jessie, minha pequena sobrinha. "Amo bebês, especialmente esses bebês. Meus bebês", sussurro, movendo-a mais para cima no meu braço. Jessie dá um gemido, e a movimento novamente para sentir o cheiro da fralda. Cheira bem. Ela puxou minha irmã, seu cocô fede quando sai.

"Esses são seus dois únicos sobrinhos?" Ivan pergunta do nada.

"Não, tenho outra sobrinha do meu irmão mais velho. É uma adolescente agora."

"Você é próxima a ela?"

Olho para Jessie novamente, pensando em todas as maneiras que falhei com minha outra sobrinha. Não participei muito de sua vida. Ela tem uma tia favorita e não sou eu. A única pessoa que posso culpar por isso é a mim mesma. "Mais agora, mas não o suficiente. Era muito jovem quando ela nasceu, e já que não estava... eu não consegui tempo suficiente, você sabe o que eu quero dizer? Ela era um bebê e de repente não era mais. Já era tarde quando percebi."

É claro que ele sabe o que quero dizer sobre o tempo se esgotar. Eu não sei como. Mas ele sabe.

"Sim, eu sei", ele concorda. "Isso é parte do negócio." Com o canto do olho, posso ver que está olhando para mim. "Não se apegue demais a isso. É inútil e você sabe."

Dou de ombros. "Você diz que é fácil, mas sabe que não é. Eu não deveria me importar que minha irmã mais velha é a tia favorita dela, mas me incomoda", digo a ele por algum motivo. "Sou uma péssima perdedora, provavelmente é isso."

Algo toca meu ombro e vejo que é a mão de Ivan. "Você é uma má perdedora", ele concorda.

O sorriso que dou a ele é um que não estou sentindo totalmente.

"Você provavelmente será a favorita desta pequena." Ele toca a bochecha de Jessie novamente.

"Estou trabalhando para isso", digo a ele. "É meu objetivo. Pela primeira vez, posso ser a favorita de alguém."

A maneira como ele vira a cabeça lentamente, me deixa cautelosa. Então ele sussurra, "O que você quer dizer com isso?"

Encolho os ombros novamente, empurrando aquela sensação pesada que veio do nada para cima de mim. Vou consertar as coisas. Vou ser melhor. "Nada. Só que eu posso ser a favorita de alguém da minha família, então escolhi Jessie já que posso recomeçar."

Sua expressão deveria dizer algo para mim, mas não acontece. "Eu ainda não entendo o que você quer dizer com isso. Explique."

Reviro meus olhos. "O que estou dizendo. O favorito da minha mãe é meu irmão Jonathan. A favorita do meu pai é minha irmã Ruby."

"O que?"

Dou de ombros. "Todos têm seus favoritos. Todo pai tem. A pessoa favorita de Ruby é minha irmã Tali. A favorita de Tali é Ruby. A favorita de Sebastian e Jojo é Ruby também. Está tudo bem."

Não é que Ivan faça uma careta — porque não faz — pelo menos não uma expressão que 99,99 % das pessoas notaria. Mas essa é a coisa. Sou o 0,01 por cento que *nota*. Porque noto mesmo. O que ele faz e eu sei, é mais um reflexo do que algo intencional, é um flexionar dos músculos da mandíbula. É rápido. Apenas uma rápida flexão, um breve movimento, mais insignificante que provavelmente já vi.

Mas noto.

"O quê?" Pergunto a ele, ainda fazendo a mesma cara.

Ele não parece surpreso em ser flagrado, e daquele jeito peculiar de Ivan, ele não me engana e mente. "Quem é o seu favorito?" Ele me pergunta lentamente, aquele olhar cinza-azul intenso.

Olho para o bebê em meus braços e sorrio para o rosto minúsculo. "Ambos os bebês."

Ivan engole em seco tão bruscamente que percebo, o que também noto é o quanto sua voz soa irregular quando ele me lança outra pergunta. "Na sua família, Meatball. Na sua família direta, quem é o seu favorito?"

Nem preciso pensar sobre isso. Nem por um segundo. Nunca. E com certeza não preciso olhar para ele enquanto respondo. "Todos eles."

Não há descrença em seu tom quando ele joga as palavras de volta em minha direção. "Todos?"

Dando um beijo na testa do bebê, digo, "Sim. Todos eles. Eu não tenho um favorito."

Ele faz uma pausa. Então pergunta, "Por quê?"

A dor no meu peito é tão abrupta que quase leva minha respiração para longe.

Quase.

O que acontece, porém, é que dói. Só um pouco. Apenas o suficiente. Mas acontece. Não importa quão raro isso aconteça, sempre sinto o mesmo.

Desta forma eu definitivamente não olho para o homem com quem passo quase o dia todo, todos os dias, quando respondo. "Porque amo todos eles igualmente."

Mas o bastardo não deixa passar. "Por quê?"

"Como assim por quê? Apenas amo", digo, ainda evitando contato visual, tentando interpretar, como se eu já não tivesse memorizado o rosto minúsculo em meus braços.

O problema sobre os atletas — sobre as pessoas em geral que têm essa necessidade de vencer em qualquer coisa e em tudo — é que não sabem o significado de desistir... de deixar coisas de lado. Esse conceito é estranho para eles. Então, por que acho que o homem que é um péssimo perdedor, maior do que o maior perdedor que já conheci — eu mesma — deixará algo que claramente o incomoda, pra lá, está além da minha compreensão.

Por isso, eu não deveria me surpreender quando ele continua e faz a única pergunta que não quero responder de jeito nenhum.

"Mas por que, Jasmine?" Ele faz uma pausa, deixando as palavras realmente penetrarem. "Por que você ama a todos igualmente?"

O problema de odiar mentiras é que quando você quer dizer uma delas, dói pra cacete pegá-la, segurá-la em suas mãos e decidir o que fazer com ela... sabendo que de qualquer forma vai doer. Talvez isso me faça uma fracote idiota, mas reconheço e aceito. Então digo-lhe a verdade. "Porque todos eles têm coisas boas e coisas ruins. Não guardo essas coisas contra eles", explico a ele, não querendo — definitivamente não querendo — mas tendo que fazê-lo. O que há de tão errado com a verdade, exceto pelo fato de que isso dói pra caralho?

Olho para Ivan antes de continuar, porque não quero que ele pense que estou envergonhada. Não quero que isso pareça uma coisa maior do que o que é. Caso contrário, ele pensará que é maior do que precisa ser, e eu definitivamente não quero isso. Então digo a ele. "Quero que saibam que os amo do jeito que são. Não quero que nenhum deles se sinta mal pensando que gosto de um mais do que do outro."

E ali está tudo. Não consigo pegar as palavras de volta.

As palavras pairam no ar, entre Ivan e eu, ao redor e ao redor e ao redor e ao redor, elas estão lá.

Ele não diz nada.

Ele não diz uma palavra por tanto tempo quanto fica lá, todo longo e perfeito, olhando para mim com aqueles olhos azuis. Por tanto tempo que quero me mexer, mas ele é a última pessoa no mundo em frente a quem quero fazer isso, amigos ou não. Ele já viu o meu pior. Não precisa ver como falar sobre favoritos realmente faz eu me sentir.

Então, em vez disso, reviro os olhos e pergunto, "Que tal você olhar para outra coisa agora? Você está fazendo eu me sentir estranha."

O que esse idiota responde? "Não."

Eu o ignoro.

Felizmente, neste momento Benny entra no quarto, com as roupas amarrotadas, o rosto inchado e fofo, e diz, "Estou com fome, Jazzy."

Pulo nessa merda antes que ela fuja e eu tenha que ficar falando sobre coisas que não quero pensar ainda mais. "Ok, Benny." Então olho para Ivan e pergunto, "Você quer o bebê ou a criança?"

Seu rosto fica alarmado tão rapidamente que me faz rir. "Preciso escolher um?"

"Por que acha que eu te trouxe? Sim."

Ivan pisca antes que seu olhar escorregue de Benny, que ainda está meio adormecido de pé na porta, para o rosto adormecido de Jessie. "Ambos são bebês", ele diz, como se isso fosse uma novidade.

É a minha vez de piscar.

Ivan morde aquele lábio rosado e olha para o garotinho ali parado, provavelmente sem compreender que não somos seus pais. Então ele decide. "Vou ficar com o bebê."

Não deixo a surpresa transparecer no meu rosto. Tinha certeza que ele escolheria Benny em vez de Jessie. "Ok. Aqui", digo, parando na frente dele, já levantando meus braços.

Seu rosto quase me faz rir.

"Nunca segurei um bebê antes", murmura, seu corpo inteiro se enrijecendo.

"Você consegue."

Isso faz com que ele olhe para mim enquanto coloca seus braços na mesma posição que tenho os meus. "Claro que sim."

Eu rio, e isso o faz sorrir. É muito fácil transferir o bebê dos meus braços para ele. Ele é natural, escorregando a curva do cotovelo debaixo da cabeça dela e depois a aproximando de seu corpo.

"Ela é tão leve", ele comenta no segundo em que está totalmente em seus braços.

"Ela tem apenas alguns meses de idade", digo a ele, já me virando para agachar em frente ao Benny.

Ivan ri. "Isso não quer dizer muita coisa. Você é pequena também, mas é pesada pra caramba."

"Ah, cale a boca. Não sou tão pesada." Eu me viro para olhá-lo por cima do ombro enquanto estendo meus braços para meu sobrinho.

"É sim. Você é a parceira mais pesada que já tive."

"É tudo músculo."

"É assim que vamos chamar?"

Rio quando Benny vem em minha direção, ainda esfregando o rosto. "Ok, Tinkerbell, você também não é exatamente leve", falo antes de envolver meus braços em torno do meu preferido de três anos de idade, levantando-o.

Ivan ri suavemente enquanto traz o bebê para seu rosto da mesma maneira que fiz momentos atrás. "Eu não deveria mesmo ser. É tudo músculo."

~

"EU NÃO SEI por que as pessoas reclamam tanto. Isso é fácil", Ivan diz, segurando a mamadeira na boca de Jessie enquanto ela chupa avidamente.

Odeio admitir o quão fácil essa merda de bebê é para Ivan. Provavelmente não deveria ser. Mas é.

Na segunda vez que Jessie começou a chorar, desta vez em seus braços, ele meio que pulou um pouco, franziu a testa, me lançou uma expressão de pânico, e antes que pudesse lhe dizer o que fazer, ele começou a cantarolar e balançar por conta própria. Seu *shh, shh, shh* soando estranho em sua boca. Não cronometrei nem nada, mas pareceu que menos de um minuto depois, seus gritos de gatinha se transformaram em gemidos, e um minuto depois, ela parou completamente. Quase o chamei de natural, mas ele não precisava que aquilo subisse à sua cabeça. Ele já é bem convencido.

E então me surpreendeu um pouco mais.

Quando ela chorou não muito tempo depois disso, e lhe disse que ela provavelmente precisava de uma troca de fralda, tudo o que respondeu foi,

"Ok." Então, quando me ofereci para trocar , enquanto ele ficaria com Benny, ele disse, "Posso fazer. Só me diga o que fazer", e foi isso. Ele trocou a fralda e só fingiu vomitar umas duas vezes.

Ele foi infinitamente paciente. Não se cansou. Não reclamou.

E isso não deveria ter me surpreendido. Realmente não deveria. Já o vi sendo paciente, incansável e não se queixar diariamente, durante semanas e semanas. Ele aprendeu na patinação artística. Mas não pude deixar de pensar que talvez não o conheça tão bem quanto pensava.

"Passei a noite com eles antes. Faça isso e depois me diga que é fácil. Eu não sei como minha irmã não é um zumbi ambulante", digo a ele enquanto estou deitada no chão ao lado de Benny, entregando-lhe blocos que usa para fazer um castelo. Ou algo que parece um castelo.

"Eles acordam muito, hein?"

"Sim, especialmente quando são bebês. Ruby e Aaron são muito pacientes; são bons pais."

"Posso ser um bom pai", Ivan sussurra, ainda alimentando Jess.

Poderia lhe dizer que será bom em qualquer coisa que queira ser bom, mas não.

"Você quer ter filhos?" Ele me pergunta do nada.

Entrego outro bloco a Benny. "Daqui um longo tempo, talvez."

"Daqui longo um tempo... isso seria quanto tempo?"

Isso me faz olhar para Ivan por cima do meu ombro. Ele tem toda sua atenção em Jessie, e tenho certeza que está sorrindo para ela. Humm. "Meus trinta e poucos anos, talvez? Eu não sei. Posso ficar bem em não ter nenhum. Realmente não pensei muito sobre isso, exceto para saber que não quero bebês em breve, sabe o que quero dizer?"

"Por causa da patinação artística?"

"Por que mais? Mal tenho tempo suficiente agora. Nem posso imaginar tentar treinar e ter filhos. Meu bebezinho teria que ter um pai rico e que ficasse em casa para que isso desse certo."

Ivan franze o nariz para minha sobrinha. "Há pelo menos dez patinadores que conheço que tem filhos."

Reviro os olhos e cutuco Benny no lado quando ele estende a mãozinha para outro bloco. Ele me dá um sorriso cheio de dentes. "Não estou dizendo que é impossível. Só não gostaria de fazer isso em breve. Não quero ser meio idiota

ou me arrepender. Se tiver filhos, quero que sejam minha prioridade. Não gostaria que achassem que são minha segunda opção."

Porque sei como é esta sensação. E já fodi tudo o suficiente com adultos que amo e acham que não são importantes. Se fizer alguma coisa, quero fazer o meu melhor e dar tudo de mim.

Tudo o que ele diz é, "Hmm."

Um pensamento atravessa minha cabeça e faz meu estômago revirar. "Por quê? Você está planejando ter filhos em breve?"

"Não estou", ele responde imediatamente. "Gosto desse bebê, e deste aí. Talvez precise pensar sobre isso."

Faço uma careta, a sensação no meu estômago ficando mais intensa.

Ele continua tagarelando. "Eu poderia começar a treinar meus filhos muito jovens… poderia ser o treinador deles. Hmm."

É a minha vez de enrugar o nariz. "Três horas com duas crianças e agora você já os quer?"

Ivan olha para mim com um sorriso. "Com a pessoa certa. Não teria filhos com qualquer um e diluir o meu sangue."

Reviro os olhos para o idiota, ainda ignorando aquela sensação estranha na minha barriga que não vou reconhecer agora ou nunca. "Deus me livre, você ter filhos com alguém que não seja perfeito. Idiota."

"Não é?" Ele bufa, olhando para o bebê antes de olhar para mim com um sorriso que não sou fã. "Eles podem sair pequenos, com olhos pequenos, mesquinhos, rabugentos, com boca grande, ossos pesados e uma atitude ruim."

Pisco. "Espero que você seja sequestrado por aliens."

Ivan ri e o som me faz sorrir. "Você sentiria minha falta."

Tudo o que digo, enquanto encolho os ombros é, "Ehh. Sei que te veria de novo algum dia..."

Ele sorri.

"... no inferno."

Isso limpa o olhar em seu rosto. "Sou uma boa pessoa. As pessoas gostam de mim."

"Porque não te conhecem. Se conhecessem, alguém já teria chutado sua bunda."

"Eles tentariam", ele responde, e não posso deixar de rir.

Há algo de errado com a gente.

E eu não odeio isso. Nem um pouco.

Capítulo 14

"O QUE HÁ DE ERRADO COM VOCÊ?" Ivan retruca cerca de cinco segundos depois de sair de um giro — o mesmo giro em que tropecei um segundo antes, aterrissando na minha bunda. O mesmo em que continuei perdendo o equilíbrio nas últimas seis vezes que fizemos. O mesmo giro que eu poderia fazer repetidas vezes, uma variação após a outra, um giro voador, uma queda mortal, com um twist... Geralmente não é grande coisa.

A menos que todo o meu corpo esteja queimando, todos os músculos entre os joelhos e o queixo doendo e a cabeça parecendo prestes a explodir.

Além disso, minha garganta está agindo como se eu tivesse engolido uma lixa, e apenas ficar de pé já está exigindo muito de mim.

Eu me sinto como *merda*.

Uma merda total e completa. Sinto-me assim a manhã toda. Tenho certeza que acordei no meio da noite — o que nunca fiz — porque minha cabeça estava doendo e minha garganta queimando como se tivesse engolido um copo de lava por engano.

Mas não contei a Ivan ou Lee sobre isso.

Com apenas um dia inteiro antes de começarmos a trabalhar na coreografia, não temos tempo para ficar doente. Desde a manhã do dia em que Ivan e eu ficamos com os filhos de Ruby, uma coisa após a outra começou a aparecer. Minha garganta começou a arranhar, depois formigar um pouco mais. No outro dia minha cabeça começou a ficar estranha. Então comecei a me sentir cansada. Depois tudo começou a doer, até que *bam*. A febre apareceu. E todo o resto decidiu ficar doente também.

Ugh.

Rolando de costas, o gemido que sai de mim é graças ao latejar insuportável em minha cabeça. Não consigo me lembrar da última vez que meu equilíbrio estivesse tão ruim. Nunca?

"Você está de ressaca?" Ivan pergunta de onde diabos está.

Começo a sacudir a cabeça e imediatamente me arrependo quando a vontade de vomitar chuta meu estômago. "Não."

"Você ficou acordada ontem à noite, não foi?" Ele acusa, o sussurro de suas lâminas no gelo me dizendo que está se aproximando. "Você não pode vir treinar exausta."

Rolo e depois fico de joelhos, tudo que tenho energia para fazer é mexer os dedos de uma mão. "Eu não fiquei acordada, idiota."

Ele bufa, o preto de suas botas aparecendo. "Você está cheia de..." Vejo a mão dele alcançando meus braços tarde demais. Tão tarde que de maneira nenhuma, de nenhuma fodida maneira baseada em quão ruim me sinto, eu poderia ter me movido antes que ele me tocasse. Suas mãos me agarram logo acima dos cotovelos e, da mesma forma, rapidamente os solta.

Estou tão quente que há uma hora tirei o pulôver que vestia sobre a blusa, deixando meus braços expostos. Se pudesse ter tirado isso também, teria tirado.

As mãos de Ivan vão para meus antebraços, os agarrando por um segundo e os soltando também.

"Jasmine, que porra é essa?" Ele sussurra, suas palmas tocando meu rosto enquanto eu apenas espero lá, em minhas mãos e joelhos porque não tenho energia sobrando. Se pudesse deitar no gelo em posição fetal, eu o faria. Ele segura meu rosto por um momento, depois move a outra mão para cima, para minha testa, amaldiçoando tão criativamente em russo, que ficaria impressionada em qualquer outro dia. "Você está queimando."

Gemo com a frieza de suas mãos em mim e sussurro, "Sério?"

Ele ignora meu comentário espertinho e espalma minha nuca, ganhando um gemido direto da minha boca. Jesus, é tão bom. Talvez possa me deitar no gelo por um minuto.

"Ela está com febre?" Ouço vagamente Treinadora Lee perguntar quando começo a me abaixar lentamente, as mãos até os cotovelos, então os cotovelos ficam largos até que me esparramo no gelo, minha bochecha, braços e palmas achatados também.

Está frio pra cacete, mas a sensação é ótima.

Posso ouvir Ivan conversando com Lee, suas palavras ficando mais fracas e mais fracas a cada segundo.

"Preciso apenas de um minuto", digo o mais alto que consigo, sentindo a frieza em meus lábios e seriamente tentada a lambê-lo.

O que não faço. Não estou doente o suficiente para esquecer o quão sujas as lâminas de algumas pessoas são.

Ouço algo que soa como "teimosa".

Virando meu rosto para o outro lado, deixo o frio beijar minha outra bochecha e suspiro. Um cochilo parece tentador. Bem aqui. Agora mesmo.

"Deixa pra lá, cinco minutos, por favor", sussurro entorpecida, tentando tocar meu pescoço com uma das mãos, mas cansada demais para fazer isso.

"Ok, tudo bem, role, Jasmine", uma voz feminina que tenho certeza pertencer à Treinadora Lee diz em algum lugar acima da minha cabeça.

"Não."

Três minutos. Se puder apenas fechar meus olhos por três minutos...

Há um suspiro e, em seguida, algo que devem ser dedos em um dos meus ombros, me pega e puxa. Eu não luto. Não me mexo. Mas de alguma forma, eles me rolam, e eu simplesmente deixo cair quase dolorosamente até que estou de costas, com as luzes brilhantes no teto me obrigando a fechar os olhos, porque fazem minha cabeça doer ainda mais. Tenho que cerrar meus dentes para não gemer.

"Dois minutos, por favor", sussurro, lambendo os lábios.

"Dois minutos, minha bunda", Ivan responde um momento antes de algo começar a forçar meu ombro para cima, abrindo caminho por baixo das minhas omoplatas ao mesmo tempo em que algo mais se enfia por trás dos meus joelhos, fazendo o mesmo.

"Só um minuto. Vamos. Já vou me levantar, prometo", digo enquanto me sinto sendo levantada. Não é como se eu pudesse ver. Ainda estou com olhos fechados e provavelmente ficarei até que as luzes não estejam me cegando.

"Sei que há um termômetro na sala dos funcionários", parece ser a Treinadora Lee dizendo isso. "Vou buscar."

"Encontro você no meu quarto", ouço Ivan responder, puxando-me para fora do gelo e contra seu peito.

Oh Deus. Ele está me carregando.

"Coloque-me no chão. Estou bem", resmungo, sentindo-me qualquer coisa, menos fodidamente bem, quando um arrepio corre meus braços e espinha, fazendo-me tremer.

"Não", é a única coisa que sai de sua boca.

"Estou. Posso treinar..." Paro, apertando os olhos enquanto a minha dor de cabeça piora e a vontade de vomitar também. "Porra, Ivan. Coloque-me no chão, vou vomitar."

"Você não vai vomitar", ele diz, carregando-me e patinando ao mesmo tempo pelos movimentos da minha lateral contra seu peito.

"Eu vou."

"Não, você não vai."

"Eu não quero vomitar em você", ofego, fodidamente perto de engasgar com o ácido fluindo em meu estômago.

"Eu não me importo se você vomitar, mas não vou te colocar no chão. Aguente firme ou engula, Meatball", ele diz com todo o conforto e carinho da minha mãe. Que é nenhum.

Minha cabeça *lateja*. "Vou..."

"Você não vai. Segure", este homem — meu parceiro — exige, balançando-me contra si quando começa a andar e não patinar.

"Vou me sentir melhor se vomitar", sussurro, o som da minha própria voz me deixando irritada. Minha garganta me irrita ainda mais. Mas não posso estar doente. Não temos tempo. "Apenas me solte, e podemos voltar a treinar. Eu posso tomar um Tylenol..."

"Nós não vamos mais treinar hoje", ele me diz naquela voz irritante e esnobe. "Ou amanhã."

Gemo quando tento levantar a cabeça, que está apoiada em seu ombro, e percebo que não posso fazer isso. *Já era*. Jesus Cristo. "Nós precisamos."

"Não, não precisamos."

Engulo e lambo meus lábios secos, mas isso não faz nada. "Não podemos tirar uma folga."

"Sim, podemos."

"Ivan."

"Jasmine."

"Ivan", eu basicamente gemo, sem nenhum humor para essa merda. Minha merda ou a dele.

"Não vamos treinar mais, então pare de falar sobre isso ."

Só temos um dia sobrando. A coreografia deveria começar *amanhã*. Começo a tentar me enrolar, usando músculos abdominais que decidiram tirar férias, e... não consigo. Oh meu Deus, eu não posso fazer nada.

Ivan suspira. "Vou te soltar em um minuto. Pare de se contorcer", ele ordena, ainda me carregando, ainda andando sem esforço, sua respiração firme mesmo quando me segura em seus braços.

Vou culpar a tontura e a exaustão, porque faço o que ele diz. E porque deixo minha cabeça descansar naquela curva entre seu ombro e pescoço. Eu não

preciso envolver meus braços em seu pescoço. De jeito nenhum ele vai me deixar cair. Isso não é nada para ele.

"Sua mãe está no trabalho?" Ivan me pergunta baixinho um momento depois.

"Não, ela — ela foi com Ben para o Havaí, de férias", respondo, fracamente, apenas absorvendo a rapidez com que vou ladeira abaixo. Outro arrepio desliza por todo o meu corpo, e estremeço ainda mais do que antes. Droga. "Sinto muito, Ivan."

"Por quê?" Ele pergunta, inclinando a cabeça para baixo para olhar para mim de um jeito que sinto sua respiração na minha bochecha.

Pressiono minha testa contra seu pescoço frio e solto meu próprio hálito, descartando as linhas entre suas sobrancelhas como agravamento, apenas percebendo que meu tremor está vindo sem parar. "Por ficar doente. É minha culpa. Nunca fiquei doente." Outro tremor forte vai direto dos meus ombros para minha espinha.

"Está tudo bem."

"Não está. Não podemos tirar uma folga. Talvez eu possa tomar alguma coisa, tirar uma soneca, e podemos treinar novamente esta noite", ofereço, cada palavra saindo mais e mais espaçada que a anterior. "Posso ficar o tempo que você quiser."

Pelo jeito que o pescoço dele se move, ele deve estar balançando a cabeça. "Não."

"Sinto muito", sussurro. "Realmente sinto muito."

Ele não diz uma palavra. Não me diz que está tudo bem. Não me diz para calar a boca novamente. E estou muito apagada para discutir com ele.

Mas é por pouco tempo, já que ele está nos levando para o seu quarto no Complexo Lukov e então gentilmente — tão gentilmente — me deposita no sofá para que possa me deitar. Eu oscilo de novo, quente e fria ao mesmo tempo, tudo volta a doer ainda mais do que há alguns segundos atrás. Levanto as mãos para cobrir meu rosto, seguro um gemido.

É assim que a morte se parece. Tem que ser.

"Você não está morrendo, idiota", Ivan diz um segundo antes que algo seja depositado sobre meu corpo e dois segundos antes de algo frio e úmido ser colocado sobre a minha testa.

Ele apenas…

Sim, ele me cobriu com um cobertor e colocou uma toalha molhada na minha testa.

"Obrigada", tenho a clareza de dizer deitada lá, sabendo que devo pensar no que ele fez, mas me sentindo uma merda para fazê-lo. Mais tarde, mais tarde, posso apreciar o quanto ele está sendo gentil. Mas nesse momento, parece que minha cabeça vai explodir.

Ivan não responde, mas ouço alguns outros ruídos ao fundo, e em algum momento depois, talvez segundos, talvez minutos, há movimento nos meus pés. Alguns segundos mais tarde, um dos meus patins sai e depois o outro. Eu não peço a ele para ter cuidado com eles. Não peço nada.

Então ele diz, "Sente-se, Meatball."

Obviamente, ele não se sente mal o suficiente por mim para não me chamar assim.

Sento, ou pelo menos tento me sentar, mas meu corpo não está funcionando. Precisa de coisas: descansar. Dormir. Um bom vômito. Um pouco de Tylenol. Um banho frio e depois um quente. Todas essas coisas sem nenhuma ordem em particular.

Ele faz algum som que sai como um bufo, então sua mão vai para a parte de trás do meu pescoço, levantando minha cabeça mais um pouco.

E então ele escorrega para sofá.

E coloca minha cabeça para baixo... na sua coxa.

"Beba isso", ele ordena quando algo suave e duro toca meu lábio inferior.

Abro meu olho para vê-lo segurando um copo na minha boca. Aproximo-me dele, fraca, tão fraca, tirando-o dele porque uma coisa é colocar minha cabeça em seu colo, mas outra coisa é deixá-lo segurar um copo de água para mim. Tomo um gole e depois outro, minha garganta se fechando ao redor de cada gole em protesto de tão dolorida está.

"Engula isso também", ele diz depois, estendendo dois comprimidos brancos em sua mão.

Olho para o rosto bonito e idiota dele.

E ele revira os olhos. "Não é arsênico."

Ainda olho para ele.

"Não vou envenená-la até depois dos mundiais, tudo bem?" Ele adiciona, não soando nem perto de quão espertinho normalmente é.

Fecho os dois olhos ao mesmo tempo de uma maneira que espero que ele tome como um "ok", abro minha boca e recebo os comprimidos na língua,

empurrando-os para baixo com três goles dolorosos. Deixo cair a cabeça na coxa de Ivan, fecho os olhos. “Obrigada”, murmuro.

Há um “uh-huh” que definitivamente ouço em resposta. O que tem que ser dedos tocando meu cabelo, movendo-se em volta da minha cabeça. Com gentileza, muita gentileza... até que começam a puxar.

“Oww”, eu assobio, abrindo um olho para encontrá-lo debruçado sobre mim, olhando para baixo com uma expressão frustrada, quando puxa meu cabelo novamente.

“O que é isso?” Ele sussurra, puxando um pouco mais.

Vacilo quando ele faz de novo. “Um elástico de cabelo?”

Ele puxa, mas não puxa tantos cabelos nessa tentativa. Apenas uns cem. “É tão apertado.”

“Não brinca”, eu falo, não tenho certeza se ele me ouve.

Ele faz uma careta e dá um último puxão no meu cabelo antes de remover o elástico — e outras duzentas mechas de cabelo —, segurando-o vitoriosamente. “Como você não fica com dor de cabeça usando isso?” Ele pergunta, olhando para o elástico preto como se fosse uma merda louca que nunca viu antes.

Como não tivesse visto um elástico de cabelo antes, com outras mulheres com as quais fez parceria ao longo dos anos? Ugh. Eu me preocuparei mais tarde. “Às vezes sinto”, sussurro para ele. “Mas não tenho exatamente uma escolha.”

Ele franze a testa com minha explicação e, em seguida, abaixa a mão, fazendo o elástico desaparecer por um momento antes de voltar e ele está de mãos vazias. Fechando meus olhos mais uma vez, sinto seus dedos voltarem para meu cabelo e começarem a afastá-lo do meu rosto e o que deve estar sobre o seu colo. É bom, sua coxa embaixo da minha cabeça, seus dedos no meu cabelo, e não posso evitar o suspiro que solto enquanto ele faz isso.

Posso ter deixado escapar uma dúzia deles, mas a próxima coisa que tomo conhecimento é algo cutucando meus lábios, e abro meus olhos para encontrar minha cabeça ainda em Ivan e uma grande mão segurando um termômetro bem na minha cara. Ele ergue as sobrancelhas com expectativa, então abro a boca e o deixo colocar o bastão azul lá dentro, fechando meus lábios depois.

“Ela precisa ir ao médico”, Ivan afirma, olhando para onde Treinadora Lee está sentada... Que é em cima da mesa de centro, com uma expressão preocupada no rosto. Não a ouvi entrar.

Então processo a palavra que Ivan usou: médico.

"Eu concordo", responde nossa treinadora, já cavando no bolso para tirar o telefone. "Vou ligar para a Dra. Deng e então para os Simmons para reagendar."

Ivan olha para baixo e me dá um olhar severo. "Não diga que você sente muito." Então, antes que eu possa dizer uma palavra, ele diz à outra mulher, "Diga a ela que é urgente. Vou levá-la assim que tiver um intervalo. E diga aos Simmons para manterem seus horários abertos. Vou me certificar de que sejam pagos pelo tempo deles."

Ela assente, já puxando o celular para clicar na tela.

Enquanto isso, balanço a cabeça, esperando o termômetro apitar para que posse falar. A Treinadora Lee está na espera quando o dispositivo finalmente apita. O display exibe 39.8. Ótimo.

"Nada de médico", falo para os dois quando Ivan tira o termômetro da minha mão para dar uma olhada no display.

Aqueles olhos azuis apontam para mim por dois segundos antes de voltar para o termômetro.

"Ivan, nada de médico."

"Você vai ao médico", ele me avisa, o rosto tenso enquanto olha o número na tela antes de dizer para Lee, "Diga a eles que a febre está em quase 40 graus."

Lambo meus lábios inutilmente e olho para ele, a coisa toda quente e fria me fazendo querer chutar o cobertor de cima de mim, mas também o arrasto até o meu pescoço. "Nada de médico." Engulo, fecho meus olhos por um momento e digo, "Por favor."

A mão de Ivan acaricia meu cabelo solto e ele olha para mim. "Você quer se sentir melhor ou não?"

Tento lhe dar um olhar severo, mas não consigo fazer meu rosto funcionar. "Não, eu amo me sentir como merda e perder o treino e estragar tudo."

Ambas as suas sobrancelhas grossas sobem como se dizendo "não brinca."

"Esqueça isso. Você vai ao médico. Se precisar de remédio, precisa começar o quanto antes." Ele franze os lábios por um momento e depois acrescenta, "Então podemos voltar para a coreografia. Quando você estiver pronta."

Esse filho da puta. Sabe exatamente como me pegar. Jesus.

"Olha, eu preciso hoje, amanhã..."

"Estamos tirando folga." Ele pisca. "Por que você não quer ir ao médico?" Ele aperta os olhos. "Juro que se você estiver com medo de agulhas..."

Solto um gemido e começo a sacudir a cabeça antes de parar quando a dor provoca náuseas. “Não tenho medo de agulhas, quem você acha que sou? Você?” Sussurro.

A Treinadora Lee fala baixinho ao telefone, mas nenhum de nós presta atenção nela.

“Tudo bem. Você vai ao médico.”

Fecho os olhos e digo a verdade porque ele acabará arrancando isso de mim e não estou com disposição para sua reclamação. “Não tenho plano de saúde. E não posso pagar uma consulta agora. Sério, vou ficar bem. Apenas me dê um dia. Vai passar. Meu sistema imunológico geralmente é ótimo.”

Os lábios de Ivan se movem. Ele pisca. Olha para cima e depois olha para baixo antes de balançar a cabeça, sua voz subindo de um murmúrio. “Sua mula teimosa...”

“Vá se foder”, eu sussurro.

Ivan *assobia*, “Foda-se você. Pagarei a consulta do seu médico e a medicação. Não seja uma idiota.”

Fecho a boca, engulo a dor na garganta e a pontada dolorosa no peito com sua escolha de palavras. “Não sou uma idiota. Pode me chamar do que quiser, menos de idiota.”

Ele também escolhe me ignorar ou simplesmente não se importa. “Você é uma idiota e nós vamos ao médico. Não deixe seu orgulho ficar no caminho de sua recuperação.”

Isso é o quão ruim me sinto: nem sequer quero discutir com ele. Ele tem razão, infelizmente. Apenas fecho meus olhos e digo, “Tudo bem. Mas vou te pagar de volta.” Engulo em seco. “Isso pode levar um ano.”

Ivan resmunga algo em voz baixa que não soa muito bem, mas sua palma acaricia meu cabelo um pouco mais, roçando os fios como se a última coisa que quer fazer seja me machucar. Para variar. Isso é gostoso.

“Eles podem vê-la ao meio-dia”, Treinadora Lee finalmente diz. “Precisamos baixar a febre dela nesse meio tempo. Você já lhe deu um analgésico?”

“Sim”, o homem em cuja coxa estou apoiando a cabeça responde.

Eles sussurram algumas outras palavras um para o outro, palavras muito baixas para eu me importar enquanto estou debatendo se posso me oferecer para pagar Ivan para que continue correndo os dedos pelo meu cabelo, quando sinto um tapinha na bochecha. “Hmm?”

"Hora de levantar", Ivan sussurra. "Você precisa de um banho."

Levantar? "Não, obrigada."

Há uma pausa e depois, "Não estou perguntando. Levante-se."

"Eu não quero me levantar", lamento.

"Tudo bem", ele concorda com muita facilidade. "Eu te carrego."

"Não, obrigada."

Sua mão acaricia minha cabeça, depois pega no canto da toalha sobre minha testa e a tira, passando os dedos pela pele ali com aquelas mãos que conheço tão bem e que nunca foram tão gentis antes. Sua voz é baixa quando diz, "Eu sei que você não quer, e sei que você está se sentindo mal, mas precisa se levantar, pequeno ouriço. Você precisa se refrescar."

Gemo e ignoro a palavra com O.

Ivan suspira, mas sua mão ainda acaricia meu cabelo. "Vamos. Levante-se por mim."

"Não."

Há uma risadinha e outro golpe. "Não teria imaginado que você é um bebê quando fica doente", ele diz, parecendo divertido, penso, mas não tenho certeza, porque estou muito ocupada tentando zerar o quanto me sinto mal.

"Uh-huh", concordo, porque minha mãe sempre diz a mesma coisa. *Que chorona.* Não fico doente muitas vezes. Não é como se tentasse chamar atenção... mesmo que ela tenha me dado. Mas mamãe sempre esteve mais preocupada com minha irmã, então nunca me importei com um pouco de gripe ou tosse.

"Você vai se levantar?" Ele pergunta, sentindo minha testa com um silvo que não estou tão doente para não perceber que significa que a pele está quente.

"Não", digo novamente, rolando de lado para que minha bochecha seja pressionada contra sua coxa e meu nariz enfiado no seu quadril. Sua virilha está *bem ali*, mas seu pau poderia estar do lado de fora e eu não me importaria.

"Você não vai se levantar sozinha?"

"Não."

Há uma pausa e um som definitivo de diversão quando ele finalmente ri, "Se você insiste."

Eu insisto. Realmente insisto, especialmente quando outro arrepio percorre todo meu corpo, minha espinha dói dessa maneira que dói apenas depois de uma temporada ruim e uma doença de verdade. Não vou me levantar, não.

Mas Ivan tem outros planos.

Planos envolvem Ivan saindo debaixo de mim enquanto gemo em protesto pela perda do travesseiro mais desconfortável em que já coloquei minha cabeça, mas mendigos não podem escolher, então eu pegaria aquela coxa dura em qualquer dia. Esses planos são então seguidos por dois braços que deslizam nos mesmos pontos em que estiveram antes: apoiando minhas omoplatas e a parte de trás dos meus joelhos. Então, ele me levanta e começa a andar, cada passo sólido e equilibrado.

E não discuto. Nem um pouquinho.

Posso me envergonhar mais tarde por nem tentar ajudá-lo com meu peso para aliviar a carga; em vez disso, fico lá deitada como uma criança sendo levada para a cama depois de um longo passeio de carro, com a cabeça apoiada no ombro dele enquanto tremo mais um pouco. Eu poderia ter andado, claro que poderia. Mas não quero, porra. Não quando ele está tão disposto a me ajudar.

E apenas sentir seu corpo quente e duro contra mim faz eu me sentir um pouco melhor.

Em pouco tempo, ele abre uma porta que não notei antes, levando-nos a um banheiro. Não é nada extravagante, apenas um box com uma pia e vaso sanitário. Ivan se agacha e, lentamente, me deixa ficar de pé, quando me sinto tonta.

"Você precisa de um banho frio", ele diz, estabilizando-me com o braço em volta dos meus ombros.

"Ugh", murmuro, fechando os olhos. Ele está certo. Eu sei, das raras vezes que vi outras pessoas com febre alta, o quão perigoso pode ser. Não preciso perder mais células cerebrais. Outro arrepio percorre meu corpo, e Ivan me solta e dá a volta para ligar o chuveiro.

"Vamos", ele pede.

Tento levantar meus braços, mas os deixo cair quando não se movem muito mais do que um centímetro longe do meu corpo. Porra. Estou mais exausta do que jamais estive antes.

Engolindo em seco, abro os olhos novamente e penso, *Foda-se. Vou entrar completamente vestida*. Tenho uma muda de roupa na bolsa. Lee ou Ivan podem buscar para mim. Fazendo minha melhor imitação de cada membro da minha família no Natal, tropeço para frente, apertando os olhos porque a luz brilhante do teto está me cegando, porra.

Mas dois passos antes de entrar direto no box, com as meias ainda nos pés, o braço de Ivan sobe, paralelo ao chão, e me impede de ir mais longe. “O que está fazendo?” Ele pergunta.

Olho para ele. “Entrando?”

“Você está completamente vestida.”

“Sem forças para tirar a roupa”, digo, soando rouca.

Não deixo de perceber o jeito que ele revira os olhos. “Vou te ajudar.”

“Tudo bem”, sussurro, não pensando duas vezes sobre isso. Por que deveria? Ele tem as mãos em todo meu corpo diariamente, já me viu basicamente nua, me viu meio vestida e em roupas apertadas. Já passamos do nível de constrangimento.

Ele hesita por um momento... e então sorri um pouco. Dá um passo para o lado para ficar na minha frente, com um sorriso pequeno e engraçado no rosto, e alcança a barra da minha camiseta. E antes que qualquer um de nós possa pensar demais, ele a puxa sobre minha cabeça.

Ao contrário de outras garotas que conheço e que tem pouco ou nenhum peito na patinação artística, eu sempre uso um sutiã esportivo. Gosto do suporte. Eles não precisavam estar se movendo quando estou de cabeça para baixo, mesmo que quase não haja nada para se mover.

E se Ivan fica surpreso por eu não estar sem sutiã embaixo das minhas roupas, isso não transparece no seu rosto.

Também, se está, mal tenho os olhos abertos, então posso ter perdido isso.

Mas suas mãos continuam até que chega ao cós da minha calça, e ficando de joelho, desliza pelas minhas pernas. Assim que estou prestes a tentar tirar minhas meias, ainda ajoelhado, ele levanta uma das minhas pernas com uma mão e com a outra, tira as meias e ataduras que coloquei naquela manhã, arrastando o polegar sobre o arco antes de baixar o pé e pegar o outro. Ele faz o mesmo com os olhos enroscados nos meus dedos, se estou vendo corretamente, e se tivesse energia, teria enrugado meus dedos pintados com esmalte cor-de-rosa brilhante. O fato de que ele olha para mim e sorri, meio que me confunde, mas não deixo meus pensamentos se fixarem nisso. Meu estômago dá uma volta, e mal consigo não vomitar o café da manhã que forcei para dentro mais cedo.

Ivan ri quando aperta meu calcanhar e solta o pé. “Pra dentro, campeã.”

ESTOU dormindo quando alguma coisa — ou alguém — bate em minha testa. Com força.

Então algo — ou alguém — me bate mais três vezes, uma após a outra. É o fato de que há um ritmo que me faz abrir os olhos.

Alguém está batendo na minha testa.

E esse alguém é Ivan.

Ivan, que está debruçado sobre mim, com o punho a poucos centímetros de distância do meu rosto. Ele está sorrindo. Para mim.

"Acorde, macaca epidêmica. É hora do seu próximo Tylenol."

Pisco. Então olho para o teto atrás dele, tentando lembrar o que diabos está acontecendo. É então, quando estou pensando, que minha cabeça me lembra de que ainda está doendo. *Ainda doendo*. Eu tremo, um lembrete de que estive com febre. Mais do que provavelmente ainda estou, se o tremor que atravessa meu corpo significa alguma coisa.

Estive doente. O médico disse que era um vírus. Ivan me levou até lá, depois me levou à farmácia, onde fiquei sentada no carro, tremendo de calor e frio, para comprar mais Tylenol, porque eu não conseguia me lembrar do quanto tinha. Depois, me levou para casa. Para uma casa vazia porque minha mãe e Ben estão viajando e curtindo a praia e fazendo coisas divertidas que eu adoraria poder fazer.

Em vez disso, estou no quarto, debaixo das cobertas, tendo minha testa usada como bongo por alguém que está claramente curtindo isso.

"Que horas são?" Pergunto, tentando levantar contra a cabeceira da cama enquanto pisco, apenas notando quão áspera e rouca minha voz soa. Está ainda pior do que antes.

"Hora de tomar seu Tylenol", ele responde, balançando o punho que estava usando para bater em mim.

Gemo e tento rolar de lado para poder voltar a dormir, mas ele agarra meu ombro e me move de volta para ficar do jeito que estava.

"Mais dois e então pode voltar a dormir", ele tenta chegar a um acordo comigo.

"Não."

Aqueles olhos glaciais ficam fixos em mim, sua expressão facial ainda mais feliz do que jamais teria apostado. Sua voz, no entanto, não parece tão divertida. "Tome as pílulas, Jasmine."

Fecho meus olhos e gemo com o quanto as costas e os ombros estão doendo. "Não."

Posso ver em seus ombros o suspiro que ele solta. "Tome as malditas pílulas. Sua febre ainda não baixou", ele ordena, ainda segurando meu ombro porque sabe muito bem que no segundo que eu tiver uma chance, tentarei rolar de novo. Ugh. Sou tão previsível?

"Minha garganta dói", sussurro, usando isso contra ele.

Ele suspira novamente, sacudindo o punho mais uma vez. "Não vou comprar Tylenol infantil para você. Tome as pílulas."

Fecho um olho e deixo o outro aberto enquanto sussurro, "Eu não quero."

Juro pela minha vida, Ivan dá um sorriso tão rápido, que estava lá e depois se foi. De volta ao normal. De volta a tentar mandar em mim para meu próprio bem. "Você precisa tomar", ele me lembra.

Apenas olho para ele com um único olho.

"Não?"

"Não", digo, apenas alto o suficiente para ele ouvir.

Sua mandíbula se contrai e seu olhar se estreita. "Sua mãe me avisou que você é um pé no saco quando está doente."

Ela diria exatamente isso, não me surpreende. Sou uma vaca chorona quando estou doente. É verdade. Então não desperdiço minha palavra e minha garganta para concordar.

O que quero saber é... quando diabos ele conversou com minha mãe?

E assim que me pergunto isso, decido que não dou a mínima.

Então eu lembro. "Esqueci de ligar..."

"Sua mãe ligou para seu chefe por você", ele me interrompe. "Agora tome."

"Não."

"Se quer jogar este jogo, podemos jogar este jogo", ele responde facilmente, fazendo eu me questionar, de repente, se estraguei tudo. Ele continua. "Você vai toma-los."

Engulo e estremeço com a dor que responde essa ação.

O piscar de olhos que ele me dá me coloca no limite instantaneamente. Então suas palavras confirmam aquela pequena preocupação que ele me deu. Sua voz é baixa quando diz, "Você vai pegá-los, ou eu terei que te obrigar a isso."

Ugh.

"Cadela", sussurro.

Ele sorri para mim, literalmente radiante, plenamente consciente de que nós dois sabemos que sua ameaça não é em vão. De jeito nenhum. Nem um pouco. "Então, você está pronta?"

Abro minha boca, lançando o olhar mais desagradável que sou capaz, enquanto basicamente pareço um filhote de passarinho, e vejo quando ele tira a mão do meu rosto e joga as pílulas na minha boca um momento antes de me entregar um copo de água. Três pequenos goles depois, engoli o remédio e entrego o copo de volta. Ele o pega e coloca na mesinha de cabeceira, antes de se virar para mim de onde está sentado o tempo todo na beira da minha cama.

"Você está se sentindo melhor?" Ele pergunta.

"Um pouquinho", sussurro, porque estou. Só um pouco. Minha dor de cabeça não é *tão* ruim, e mesmo sabendo que estou com febre, tenho certeza de que baixou um pouco. Na verdade, é o que eu espero. Tenho que melhorar o mais rápido possível. Isso eu não esqueci.

Ivan me dá um sorriso microscópico, as costas de seus dedos voltando a tocar minha testa com gentileza, gentileza e muita gentileza. "Sua febre baixou. Estava menos de 39 graus quando chequei, uma hora atrás."

Ele verificou uma hora atrás? Deus, estava apagada.

Ivan vira a mão e toca minha bochecha com as pontas dos dedos frios. "Você quer outra toalha molhada para a cabeça?"

"Não", respondo antes de adicionar, "obrigada."

Isso me rende outro pequeno sorriso. "Você quer alguma coisa?"

"Sentir-me melhor."

"Você estará melhor amanhã", ele diz.

"Preciso."

Ele rola aqueles olhos azuis brilhantes. "Não, mas você irá", afirma, arrastando o quadril ainda mais na cama. "Há uma sopa para você no andar de baixo."

Não posso parar a carranca que sobre para o meu rosto. "Você fez?"

"Não me olhe como se eu estivesse tentando envenená-la. Se quisesse, já teria feito isso." Ele roça minha testa com a ponta do dedo. "O marido do seu irmão trouxe."

Naquele momento, sorrio, pensando no doce e maravilhoso James. "Ele faz a melhor sopa."

"Cheira bem. Ele queria te ver, mas você estava dormindo."

Puxo o topo do edredom para cima, meus músculos protestando contra esse único movimento, mas de alguma forma consigo que suba mais dois centímetros para alcançar meu queixo. “Ele é o melhor.”

Isso o faz piscar. “Você acha que alguém é o melhor?”

“Ele é”, digo. “Minha mãe também é. Assim como minha irmã, Ruby. Minha irmã Tali, quando ela não está tendo problemas de garotas.” Penso sobre isso e engulo novamente. “Lee é bem legal. Meus irmãos também, eu acho. Aaron é ótimo. Ele também pode estar na lista.”

Ivan faz um barulho e depois desliza ainda mais para a cama. Eu o observo e deslizo para o lado para lhe dar mais espaço, me perguntando o que diabos está fazendo. Sua mão pousa no lugar sobre as cobertas onde meu cotovelo está dentro, e pergunta, quase hesitante, o que não é como ele, “E seu pai?”

Sinto-me tão mal que não posso nem ficar brava com a menção do nome do meu pai. Ou desapontada, o que também diz algo. Mas digo a verdade. “Não para mim.”

Mal cuspo as palavras quando seu olho corta em minha direção.

Mas ele não pergunta por que acho isso, e estou genuinamente aliviada. Ele é a última pessoa com quem quero falar. Se não a última, então está entre os três primeiros. Top quatro com certeza.

“Alguém mais na lista?” Ele pergunta depois de um segundo estranho enquanto penso no meu pai.

“Não.”

Não deixo de perceber o olhar casual que ele me dá antes de mencionar, “Ganhei duas medalhas de ouro.”

“Não diga”, murmuro sarcasticamente, observando-o continuar a se mexer no meu colchão até que seu lado direito me enfrenta.

“Sim”, ele responde tão sarcasticamente quanto eu. “Não apenas uma. Duas. Alguns campeonatos mundiais também.”

“O que isso tem a ver?” Resmungo, minha garganta exigindo água, quando ele começa a ir para trás até que sua espinha se encontra com a cabeceira da cama, assim como a minha.

Ivan ergue as pernas para o ar, tirando uma bota de couro preto atrás da outra, deixando cada uma bater no chão. “Algumas pessoas acham que sou o melhor.”

"Quem?" Bufo fracamente enquanto o assisto colocar as pernas na cama, cruzando uma sobre a outra, mostrando as meias listradas em roxo e rosa que usa.

Ele angula a parte superior do seu corpo apenas o suficiente para me observar com os dois olhos, seu queixo no peito coberto pela camiseta. "Muitas pessoas."

Ofego, imediatamente me arrependendo porque fiz minha garganta doer. "Quero dizer... acho que você é muito legal também."

Aquelas sobrancelhas de ébano sobem. "Você acha?"

"Acho. Sua patinação é muito boa. E você foi muito legal comigo hoje. Ontem. Eu nem sei que dia é", murmuro. "Você pode estar na lista também, se ficar todo estranho por isso."

"Não soa muito animado."

Dou risada, estremecendo quando faço isso, e olho para o longo corpo ao lado do meu, os dedos unidos em seu peito que em algum momento estavam correndo pelo meu cabelo enquanto eu estava no meu pior. E sem pensar nisso, me aproximo dele, querendo o toque novamente, buscando afeição, alinhando nossos quadris e fazendo minhas pernas descansarem contra os lados da sua, mesmo sob as cobertas. Engulo em seco, sabendo que em algum lugar dentro de mim que ele não vai me provocar sobre querer estar mais perto dele, e inclino minha cabeça para o lado, descansando-a em seu ombro. Nós estivemos mais próximos do que isso a cada hora do dia nos últimos dois meses. Não significa nada, digo a mim mesma. Não significa nada. E é com isso que fico, independentemente do conhecimento que nunca tive, nunca fiz algo parecido com o bunda mole do Paul.

"Você é o melhor", digo a ele, soando tão fraca quanto me sinto, "na patinação em duplas."

Algo cai suavemente na minha cabeça quando ele ri, e percebo que ele está descansando sua cabeça ou bochecha ali no topo. "Obrigado por esclarecer isso."

Rio mais um pouco, a dor vale a pena. "Você tem sido um bom amigo para mim até agora, mas realmente só tenho sua irmã para compará-lo."

"Hmm", ele suspira, mudando de posição ao meu lado, antes de deslizar o braço no meu ombro inesperadamente. Não é como se eu fosse reclamar. É quente e pesado e gosto do jeito que me faz sentir: encapsulada. Segura. Gosto muito disso. "Isso é verdade."

"Ela costumava me emprestar suas roupas antes de crescer vinte centímetros e me deixar para trás. Mas não é capaz de me pegar como você faz."

Sua risada é suave quando concorda. "Você tem razão, Meatball. Embora eu seja mais agradável ao olhar."

Não posso evitar o bufo e imediatamente me arrependo. "Você é tão chato."

"Você continua repetindo isso."

Sorrio contra seu ombro e ouço um sopro de ar que me diz que ele está mais do que provavelmente fazendo exatamente a mesma coisa. "Você não tem que ficar, sabe."

"Eu sei. Sua mãe disse que sua irmã ou irmãos poderiam vir checar sua bunda mal-humorada até que ela volte", ele me avisa.

Faço uma careta. "Ela chama Tali jogando bolachas salgadas e Gatorade no meu quarto de cuidar de mim. Prefiro ficar sozinha."

"Sem Gatorade e sem bolachas salgadas. Essa é a última coisa que precisa", ele diz. "Açúcar e carboidratos sem sentido não fazem nada."

Deixo para Ivan julgar cada grama de nutrição que entra em minha boca.

"Agora eu definitivamente não posso te deixar, se é isso que vai acontecer se for embora", ele sussurra.

Eu rio.

"Não me importo de ficar um pouco mais, mas preciso ir para casa mais tarde, pelo menos por uma hora."

Em algum lugar no fundo da minha mente, registro que ele tem que sair para fazer alguma coisa. Assim como precisou quando ficamos de babá de Jessie e Benny, e como quando jantou na casa da minha mãe. Mas não foco ou questiono o que é e por que ele tem que sair. Estou muito cansada.

"Você pode ir agora, se quiser."

"Não, são apenas cinco, Meatball", ele responde. "Tenho algumas horas. Está tudo bem."

"Tenho certeza que você tem coisas melhores para fazer."

O braço sobre meu ombro cai, e a mão de Ivan ocupa seu lugar, segurando-o antes de subir e descer pelo meu braço, um carinho para cima, um carinho para baixo. "Fique quieta e volte a dormir, tudo bem?"

Dormir? Soa muito bem. Apenas fodidamente incrível.

Sem discutir, fecho os olhos e pergunto com um suspiro depois que sinto o cheiro da colônia que ele usa todos os dias sem falhar, "Você faz isso com todas

as suas parceiras? Ou apenas aquelas com as quais você está preso por um ano?"

Abaixo da minha bochecha, seu corpo tenciona e continua tenso, mesmo quando ele responde. "Pare de falar e volte a dormir, sim?"

Movo a palma da minha mão apenas o suficiente para que fique diretamente sobre as placas lisas e sólidas chamadas de abdominais. Eu as vi centenas de vezes em vislumbres aqui e ali quando ele tira o suéter, ou estende a mão para esticar ou coçar a cabeça... mas nunca as toquei. Nenhuma vez além de um roçar. E elas são tão duras quanto parecem.

"Você realmente não tem que ficar", me repito quando a exaustão cai pesada em meus olhos, tentando dar-lhe uma alternativa.

Ele suspira e o vejo balançando a cabeça. "Ninguém mais vai cuidar tão bem de você como eu." Ele tem um ponto, não é? Quanto mais rápido eu melhorar, melhor será para ele. Para nós dois.

Se é decepção que sinto no meu íntimo, ignoro. Não importa. Ele está aqui agora, fazendo o que ninguém mais iria querer fazer.

"Antes de você adormecer novamente, onde está o controle remoto?" Pergunta.

Alcançando atrás de mim cegamente, pego o controle remoto da outra mesa de cabeceira e depois o deixo cair em seu estômago.

E saio do ar.

~

ALGO QUENTE TOCA minha boca mais tarde, e posso jurar que ouço, "Beba, baby", sendo sussurrado para mim.

E bebo tudo. Seja o que diabos for.

~

ACORDO EM algum momento, sentindo minha cabeça sobre algo duro, e abro os olhos o suficiente para descobrir que tenho a cabeça em um colo, meu braço jogado sobre os joelhos. A televisão está ligada suavemente, e o edredom em que eu estava enfiada foi chutado para os pés da cama.

Estou suando. E com calor. Mas de alguma forma consigo voltar a dormir.

~

"JASMINE", uma voz familiar sussurra em meu ouvido, acariciando meu cabelo e depois o braço. "Preciso ir para casa."

Sinto-me uma merda. Tudo que posso fazer é murmurar, "Ok."

A mão familiar de Ivan acaricia meu cabelo, meu braço, meu pulso, permanecendo ali. "Seu celular está bem perto de você. Sua mãe disse que alguém viria dar uma olhada em você. Me ligue se precisar de alguma coisa, tudo bem?"

"Uh-huh", é tudo o que consigo colocar pra fora antes de seus dedos, ou sua mão, deixarem meu pulso.

"Estarei aqui de manhã", ele diz, algo quente e úmido tocando minha testa tão leve e rapidamente, que acho que isso pode ter sido imaginação minha.

"Obrigada", sussurro em meu único momento de clareza, minha garganta ressecada.

"Deixei água nas duas mesas de cabeceira. Beba."

Algo mais toca minha testa, e suspiro, "Ok, Vanya." Então, rolo e volto a dormir.

Capítulo 15

FOI A cutucada na minha testa que me acordou. O "acorde, acorde", que vem depois dela, faz com que eu abra os olhos e fique vesga para o dedo próximo ao meu rosto. Mas é a secura vinda da minha garganta e a dor chata na cabeça que me faz empurrar o lençol que está puxado até o pescoço. Não tenho ideia de para onde foi meu edredom.

Sentado com a bunda no meio da cama, com a mão acima do meu rosto, está um Ivan limpo e de aparência fresca, vestindo uma camiseta azul que faz seus olhos parecerem lentes de contato coloridas.

"O que você quer?" Gemo, me arrastando na cama até que minhas omoplatas descansam contra a cabeceira.

Ele ignora minhas palavras rudes e sorri. "Vista-se. Você precisa de um banho e precisa sair desse quarto por um tempo."

Eu o observo o tempo todo que bocejo, estremecendo com a dor que vem da garganta e, em seguida, estendo a mão para o copo de água quase vazio que está na minha mesa de cabeceira desde que Ivan o deixou lá ontem à noite. Tomando o que resta da água em temperatura ambiente, pisco para ele e pergunto, "E é para isso que você me acordou? Para me mandar tomar banho?"

"E pra te tirar da casa."

Mas não quero sair de casa. Muito menos da minha cama. E especialmente, não para tomar banho.

Sua ponta do dedo vem na minha cara tão rápido que não tenho a chance de sair do caminho antes que ele me cutuque na testa. "Mexa-se. Lacey não é exatamente paciente."

"Quem é Lacey?"

"Você a encontrará em um minuto. Se apresse. Vou pegar outro copo de água enquanto isso." Ivan se levanta e faz uma careta. "Escove os dentes também."

Por um segundo, penso em lhe jogar um longo sopro de ar apenas por seu comentário, mas não tenho energia... e ele foi legal comigo na maior parte do tempo. No mínimo, ele saiu totalmente do seu caminho desde o dia anterior.

Posso manter minha respiração doentia para mim mesma desta vez, mesmo que ele esteja sendo um idiota.

Mas a questão permanece... quem diabos é Lacey e por que tenho que conhecê-la? Especialmente quando estou doente. Assim que estou prestes a abrir a boca e discutir com ele, minha cabeça dá uma latejada para me lembrar de que meu corpo está se recuperando desse vírus peculiar, já que se passaram meses —possivelmente anos — desde a última vez que fiquei doente.

Meu corpo inteiro diz, "foda-se", quando coloco o lençol de lado e balanço minhas pernas sobre a beirada. Não sou novata para dores e sofrimentos, mas há certo tipo de tormento que estar doente coloca em seu corpo. Tudo, dos olhos aos dedos dos pés dói e parece ranger apenas com esses movimentos, e mal consigo segurar um gemido enquanto me levanto devagar.

Ivan solta um "huh", talvez vendo meu rosto ou sentindo a rigidez nos meus movimentos, mas não diz mais nada.

Apenas isso é exaustivo. "Não sinto vontade de fazer nada."

"Não vou obrigar você a fazer nada", Ivan retorna. "Já disse que você precisa descansar."

Olho para o jeans que ele está usando. "Então... para onde vamos?"

Sua expressão não diz nada. "Em nenhum lugar ruim."

Eu pisco.

"Você confia..." Ele faz uma careta. "Deixa pra lá. Apenas vá se vestir."

Isso diz o quão cansada e mal me sinto: não discuto ou faço mais perguntas. Arrasto meus pés em direção à cômoda e tiro uma calcinha e sutiã, ficando ainda mais cansada depois disso. Lançando um olhar de lado para Ivan, eu o encontro ainda sentado na cama... observando-me. Suspiro e ele ergue as sobrancelhas novamente.

"Eu volto em dez", basicamente choramingo, me arrastando em direção à porta.

"Grite se precisar de mim." Há uma pausa e, em seguida, "Já te vi quase nua duas vezes. Não é grande coisa."

Eu teria engasgado se tivesse energia, mas não tenho. Teria lhe mostrado o dedo médio, mas isso também não acontece. Tudo que consigo fazer é pegar meu roupão do gancho atrás da porta. E me dirijo, gemendo e praguejando, para o banheiro do outro lado do corredor que costumava compartilhar com Ruby quando ela morava ali. Levo mais tempo do que o normal para tomar banho, e é só porque minhas pernas parecem muito espinhosas que me forço a

me depilar. Não tenho energia para passar loção ou qualquer coisa. Mal consigo colocar minha calcinha e sutiã mais confortáveis.

Coloco o roupão e estou prestes a amarrar a faixa quando meus braços desistem. Apenas o seguro na cintura enquanto me arrasto de volta para o quarto, perguntando-me mais uma vez, *Quem diabos é Lacey*? E onde diabos estamos indo?

Mal dei dois passos para dentro do quarto... mal vejo Ivan sentado na beira da minha cama diretamente além da minha mesa de cabeceira... mal entendo o fato de que a gaveta de cima está aberta... mal percebo que ele está segurando folhas brancas de papel que *não deveria ter visto* e *nem deveria saber que existem*, quando a cabeça de Ivan se levanta e *eu vejo*, seu rosto está de uma cor que não deveria.

E então ele se descontrola.

"Que diabos é isso?" Ele pergunta, balançando os papéis em sua mão, com raiva, tão bravo, tão rápido que realmente me sinto mal.

Apenas por um segundo. Mas isso ainda acontece.

A respiração que nem percebi que arranquei dos meus pulmões, volta antes que consiga dizer, "Que diabos você está fazendo vasculhando as minhas coisas?"

Um sinal de como ele está zangado: não responde imediatamente para mim.

É minha culpa. Sabia que ele é intrometido. Sabia que ele é intrometido porque eu sou intrometida. *Mas droga*! Aqueles papéis estavam lá escondidos há anos.

Ivan ignora minha pergunta e esmaga os papéis em sua mão com tanta força que formam bolas parciais. "Quem... quem...?" Ele gagueja; outro sinal de quão furioso está. Ivan nunca gagueja. Nunca vacila. *E até seu pescoço está ficando vermelho.*

Ele dá outra sacudida aos papéis. "*Quem lhe enviou isso*?"

Engulo.

"*Quem mandou essa merda para você*?"

"Ivan..."

Ele balança a cabeça, sua mão segurando os papéis cai até que seu punho bate contra a coxa, a cabeça inclinada para o lado com raiva. Com tanta raiva que quase posso sentir o gosto. "Não me venha com 'Ivan'. *De onde isso veio*?"

Merda.

Merda, merda, *merda*.

Nem sequer penso que posso tentar bancar a estúpida e agir como se as notas que escondi na minha gaveta são uma piada — porque minha mãe não vasculharia minhas coisas, já passamos daquele estágio da minha vida. Conheço Ivan muito bem. Sei que não vai deixar pra lá até que eu explique cada detalhe.

E não posso dizer que o culpo.

Se tivesse encontrado fotos de homens nus com o rosto colado aos corpos, com corações colados a eles, com flechas apontadas para seus genitais, ligados a palavras como DELÍCIA e SIM, eu poderia rir por um minuto... e então me preocupar pra caramba.

Deus, Deus, Deus, *droga*!

"Jasmine." Ele começa a se remexer mais uma vez, o vermelho em seu rosto e pescoço subindo até as pontas das orelhas. Meu Deus, nunca o vi tão chateado. Eu nem achava que ele era capaz de ficar tão louco a menos que estivesse no gelo e algo tivesse dado errado durante uma competição.

Seguro meu suspiro, lamentando seriamente ter acreditado que meu esconderijo era muito seguro, não escondendo tudo debaixo das minhas roupas íntimas... ou em algum outro lugar mais difícil de encontrar. Eu os jogaria fora, mas não sou idiota, se alguma coisa acontecesse, eu precisava de provas.

Agitando minhas mãos com as palmas para baixo, tento dizer a ele em minha voz mais suave, que provavelmente não é tão suave quanto deveria, "Acalme-se."

Sim, essa foi a pior coisa a fazer. Ele sacode a porra dos papéis novamente. "Não me diga para me acalmar!"

Oh, foda-me.

"Você tem a porra de um stalker, Jasmine!" Ele grita novamente, me fazendo agradecer que minha mãe e Ben não estejam em casa.

Estremeço, tentando pensar no que dizer e invento, "Ele não me ameaçou..."

Ivan inclina a cabeça para trás e faz um barulho que não tenho certeza do que é chamado. Um grunhido? "*Que porra é essa*?"

Finalmente falo. "Não grite comigo, porra!"

Se olhares pudessem matar, eu teria morrido de verdade. "Vou gritar com você quando estiver fazendo coisas assim! Por que não me contou?"

Oh. Meu. Deus. Não estou com disposição para essa merda. Nunca e definitivamente não agora. "Não contei porque não é da sua conta!"

"Você é da minha conta! Então, isso é problema meu!"

"Não, não é!"

"É sim!"

"Não, não é! Isso vem acontecendo já bem antes da nossa parceria."

E... ferrei com tudo. Como sempre faço quando falo antes de pensar, ferro com tudo. Por deixar minha boca correr para longe de mim o máximo que pode.

O rosto de Ivan literalmente fica vermelho tomate. Tão vermelho que estou genuinamente preocupada com sua saúde. "Vou te matar", sua voz despeja instantaneamente. Ele olha para mim, com olhos esbugalhados. "Eu vou te matar, porra."

Não posso nem fazer uma piada sobre isso. "Cacete, apenas pare, tudo bem? Não estou no clima."

Ivan sacode a cabeça e levanta o punho, deixando cair os papéis na minha cama perfeitamente arrumada. "Estou me lixando se você não está de bom humor, Jasmine", afirma, e antes que eu possa argumentar um pouco mais, ele diz em um tom que nunca o ouvi falar, "Desde quando isso vem acontecendo?"

Reviro os olhos e encolho os ombros, tão zangada comigo mesma por ser tão idiota. Sou mais esperta que isso. Muito mais. Eu deveria ter imaginado o pior, especialmente com esse imbecil inflexível e teimoso. "Três anos", murmuro, tão brava que mal posso falar com a dor na garganta.

Ele fecha aqueles olhos azuis e abre a boca, sacudindo a cabeça no processo. "Três anos", repete as palavras rudemente. "Quantas destas você já recebeu?"

"Não quero falar sobre isso."

Um olho azul gélido se abre e aponta para mim. "Que pena. Quantas destas você recebeu?"

Gemo, grunho, e inclino a cabeça de novo em frustração. Não há como escapar. Ou há? Merda. "Eu não sei..." Ele começa a me interromper, mas não deixo. "Não, sério. Eu não sei. Quando comecei a receber, joguei os primeiros no lixo. Meu melhor palpite seria... vinte? Talvez?" Mais como trinta, mas com certeza não admitirei isso.

Ele está respirando com tanta força que não quero encará-lo, mas não sou uma vaca. Especialmente não nesta situação. "Sua família sabe?" Pergunta com uma voz calma e assustadora.

Posso mentir? Não. Este desgraçado sabe ler meus sinais muito bem. "Sobre alguns dos antigos", grito.

"O que isso significa?" Ele exige, ainda me observando com aquele olho.

"Pararam de chegar quando apaguei minhas páginas nas redes sociais", explico, desejando não fazer e não precisar. "Minha família sabe sobre alguns dos que recebi antes disso."

O outro olho azul se abre e Ivan me encara. "Você ainda recebe?"

Movo meu olhar para longe dele e dou de ombros, tão fodidamente brava. "Não sei. Não abro mais minhas correspondências."

Não abri. Não quis me distrair. Não quis pensar demais em minha situação.

Então, decidi jogar o jogo da ignorante. Mas não admito isso para ele.

Também não vou falar dos comentários e mensagens privadas que recebi.

O pensamento mal me ocorre quando o queixo de Ivan fica tenso e ele pergunta, "E seu Picturegram e Facebook? Você já recebeu alguma coisa lá?"

Porra.

Meu rosto deve ter dito tudo porque ele inclina a cabeça para trás e a gira de um lado para o outro, respirando alto o tempo todo.

"Não é..."

"Onde está seu telefone?"

Pisco. "Por quê?"

"Quero ver o que foi enviado para você."

"Não é da sua..."

É a sua vez de piscar para mim e depois inclinar a cabeça para frente. "Não termine essa frase", ele me diz, lentamente. "Deixe-me ver seu telefone. Se não há nada de mal, não tem problema, não é?"

Odeio quando ele tem razão.

"Deixe-me ver", Ivan repete, usando aquele tom de voz que não ouvi dele antes.

Droga. Sem dúvida ele não vai deixar essa merda pra lá. Ugh. "Está na outra mesa de cabeceira", murmuro, chateada comigo mesma. "Então me deixe ver seu telefone, também." Não sei por que diabos aquela frase sai da minha boca, mas é o que acontece.

Ele me lança outro olhar mortal antes de se levantar, jogando o telefone para mim e, em seguida, rastejando sobre minha cama. "Já desbloqueei", ele me avisa, com raiva.

Olho de volta a mesma expressão facial, embora ele não possa ver. "Minha senha é..."

"Eu sei sua senha. Já vi você a colocar", ele murmura enquanto sua mão pega meu telefone da outra mesa de cabeceira.

"Stalker fodido."

Ele me dá *outra* olhada como quem diz "eu vou te matar", mas mantém a boca fechada quando se senta na beirada da minha cama mais uma vez e começa a cutucar a tela.

Mesmo segurando o celular dele em minhas mãos, eu o observo em seu lugar. Rugas aparecem em sua testa duas vezes, a mão esquerda vai para a parte de trás de sua cabeça e fica lá. Então ele começa a respirar com dificuldade.

Merda.

"Que porra é isso?" Ele cospe, olhando para baixo.

"Fotos de paus, mensagens de idiotas..."

"Esse cara está se masturbando."

"Não assisti o maldito vídeo, Ivan. Você já terminou?" Assobio para ele.

Ele olha para mim por um momento e diz, "Sim, eu terminei." Aquela boca rosada se abre e depois fecha novamente. Ivan engasga. *Engasga*. Seu rosto fica ainda mais vermelho, e então diz, "Separe algumas coisas. Você não vai ficar aqui esta noite."

É a minha vez de engasgar. "O que?"

"Você não vai ficar aqui hoje à noite. Você arruma suas coisas ou eu faço isso para você. Decida agora."

"O cacete que vai, e não vou com você porra nenhuma. Vou ficar aqui", digo a ele.

Ele pisca. Pisca com tanta firmeza, que é meio assustador o quão psicótico é o movimento. Tenho certeza que me lembra de Hannibal em *O Silêncio dos Inocentes* quando estava com a máscara que causou pesadelos a Ruby por meses. Sebastian me comprou uma parecida no Halloween um ano depois de eu implorar.

"Você não vai ficar aqui sozinha", Ivan afirma, arrancando-me das lembranças. "Você vem comigo ou vai para uma das casas dos seus irmãos. Escolha. Você já ia passar o dia na minha casa de qualquer maneira."

"Você não é meu chefe. Você não pode me..."

O imbecil me interrompe. "Você vem comigo ou vou ligar para seus irmãos agora e contar porque você não vai ficar aqui até que sua mãe volte."

Dessa vez, minha boca realmente se abre. Até minha mãe voltar? Isso é daqui a duas semanas. E digo a Ivan exatamente isso.

O que ele faz? Encolhe os ombros, exibindo os músculos dos ombros e braços através da camiseta que usa. "Escolha, baby. Eu ou seus irmãos."

O que diabos? "Não!"

"Sim!" Ele grita de volta.

Que porra é essa que está acontecendo? "Não!"

Ele me observa, estranhamente parado, mal respirando, antes de encolher os ombros. "Certo."

E então, levanta meu telefone. Quando percebo o que ele está fazendo, é tarde demais para pegá-lo de volta. Ainda corro em direção a ele.

"Ivan!" Grito, levantando-me para as pontas dos pés enquanto ele se ergue e o segura diretamente sobre a cabeça, tão alto que nem estou perto de alcançar.

"Você tem três segundos, sua idiota teimosa. Três segundos ou vou ligar para um deles, e se você me chutar nas bolas, ligo para *todos eles*."

Ele faria isso. Definitivamente faria.

Idiota. Idiota. Idiota. *Foda-se.*

Rangendo meus dentes, seguro o grito que realmente quero soltar e cuspo, "Tudo bem. *Tudo bem*." Cretino. Ugh.

"O que vai ser?" Ele retruca, soando talvez ainda mais zangado do que eu, se pensar sobre isso.

Mas eu não penso.

Seguro o dedo do meio que quero dar a ele e gemo, "Você, idiota. Ficarei com você." Não há como eu ficar com qualquer um dos meus irmãos se puder evitar. E assim, fico enlouquecida de novo. "Isso é besteira."

Ele bufa com raiva. "Sim, é besteira que dê a mínima para você. Engula isso e pegue suas coisas, você tem muitas explicações para dar e precisa se arrumar. Estou tão bravo com você que não quero nem te olhar."

Poderia discutir com ele sobre isso. Bem, poderia tentar. Mas se há uma coisa no mundo que aprendi nos últimos meses: Ivan não é o tipo de homem que não sustenta suas palavras. E se há outra coisa que aprendi ao longo desse período também, é que se eu não concordar com o que ele está me ameaçando, provavelmente irei me arrepender.

E felizmente para ele — e infelizmente para mim — nas duas vezes em que passei a noite na casa de Jonathan e James, descobri que as paredes são bem finas. Muito finas. E aparentemente, James tem um pau gigante.

Então, não obrigada. Amo meu irmão e James, mas há algumas merdas no mundo que não preciso saber. Não mesmo.

Quanto a Sebastian, se ele descobrisse a correspondência, nunca mais pararia de falar disso. Lidar com Ivan é uma coisa, mas Jojo ligaria para Tali e

ligaria para Seb, e então eu teria três pessoas respirando no meu pescoço, me chamando de idiota por guardar um segredo.

Não, obrigada.

Terei que escolher o mal menor... Ivan, que provavelmente é mais malvado do que os meus irmãos, mas definitivamente não tão ruim quanto meus irmãos e Tali.

Droga.

"Isso é tão estúpido", resmungo.

Meu parceiro dá de ombros, total e completamente sem remorsos. "Estúpido é você não contar isso a ninguém. Vá ajeitar suas coisas, Meatball."

Sussurro, "Cuzão", alto o suficiente para ele ouvir.

Se ele ouve — e deve ouvir — seu rosto não demonstra. O mais provável, porém, é que ele simplesmente não dá a mínima. Deus. É assim que é lidar comigo?

Virando as costas para o homem em pé ao lado da minha cama, abro meu armário para pegar uma das malas. Subindo até a ponta dos meus dedos, tento alcançá-la, mas não consigo. Sem olhar para Ivan novamente, saio do meu quarto e vou até o armário do corredor para buscar o banquinho.

Mas quando chego ao meu quarto, a bolsa que estava tentando alcançar foi colocada na minha cama.

E Ivan voltou a se sentar no colchão, de frente para a parede, encarando-a com uma expressão tão fechada que os ossos ao longo de sua mandíbula nunca estiveram mais visíveis.

Bem. Se ele não quer falar comigo, isso não me incomoda nem um pouco. Não quero exatamente falar com ele também.

Claro, para começar, não seria louca de ficar em casa sozinha enquanto estava doente — não sou tão estúpida assim — mas ele tem que ficar me dando ordens por aí?

Nenhum de nós diz uma palavra, pois praticamente pego qualquer coisa que seja preta ou branca e enfio na bolsa, certificando-me de colocar um uniforme de trabalho, só por precaução. Porque assim como não posso tirar uma folga dos treinos, também não posso tirar uma folga do trabalho. Não levo mais de dez minutos para pegar minhas roupas e produtos de higiene, e enfiá-los na bolsa. Então pego outro conjunto de roupas, visto e calço alguns chinelos.

"Pronto", murmuro, olhando para o homem que não se moveu de seu lugar na minha cama.

Ele se levanta, ainda sem olhar para mim, e sai do meu quarto, fingindo que não me viu.

Cadela.

Sigo atrás, desligando as luzes com um suspiro frustrado. É estranho e silencioso, com Ivan indo direto pela trilha enquanto eu armo o alarme e tranco a porta da frente. Como pude ser tão idiota e deixar essa porcaria na minha mesa de cabeceira? E por que diabos ele tinha que vasculhar minhas coisas?

Droga.

Droga.

Minha cabeça está latejando mais uma vez, e estou sentindo náuseas novamente. Eu me viro sem pressa e volto a suspirar ao procurar o carro de Ivan. Eu encontro Ivan.

Mas não encontro o carro dele.

Em vez disso, ele está de pé ao lado de uma minivan branca.

Eu pisco.

"Você vem ou vai dificultar isso também?" Ele pergunta em seu tom de merda, condescendente.

Estou cansada demais para segurar meu dedo do meio, e espero que ele saiba disso. "Onde está o seu carro?"

Sua mão aponta para o lado. Para a minivan. Ele ergue as sobrancelhas enquanto faz isso.

Pisco novamente.

Aquela mão que ele apontou não vai a lugar algum.

"Estou falando sério."

"Eu também. É minha. Entre."

Isso... é dele?

Não tenho nada contra minivans. Minha mãe tinha uma quando todos morávamos juntos, mas... Ivan? Por que diabos Ivan tem uma minivan?

Ele não deve ter um filho. Ele claramente disse que não sabia o que estava fazendo com os bebês de Ruby. Conheço seus pais há muito tempo, e nenhum deles tem uma minivan também.

Então…

"Hoje."

Pisco e ainda não me mexo. "O que é isso?" Pergunto devagar.

Ele revira os olhos e abre a porta. "É um carro."

"De quem?"

Controlando-se, ele respondeu, “Meu.”

“Por quê?”

Segurando a porta aberta, responde, “É eficiente em termos de combustível, extremamente baixo, e tem muito espaço.” O lampejo de um pequeno sorriso atravessa seu rosto antes que desapareça, como se ele lembrasse que está bravo comigo. “E é um Honda. Entre.”

Ele não é o único que esqueceu a raiva. “É seu?”

“É meu”, ele continua. “Entre. Não estou de bom humor agora”, ele exige antes de bater a porta *com força*.

Por que diabos ele está de mau humor? Ugh.

A van ronrona levemente quando liga, e antes que eu tenha a chance de piscar, a janela do lado do motorista está sendo abaixada e Ivan se repete. “Hoje.”

Enrugo meu nariz e lhe dou um olhar bravo enquanto olho o Honda como se fosse uma nave espacial que nunca vi antes. Assim que abro a boca para dizer algo sobre que ele não conseguiria ouvir ou responder, algo dentro da janela traseira da minivan se move, e a próxima coisa que sei é que uma cabeça marrom está se agitando... para descansar no ombro de Ivan. Dois grandes olhos piscam para mim. E perco todas minhas palavras novamente.

Ivan nem sequer olha para a cabeça antes de sacudir os dedos para eu ir em frente. “Nós não vamos andar nus, e eu não vou despejar seu corpo em lugar algum. Ainda não, pelo menos. Entre. Até Russell está cansado de esperar. Eles estão aqui fora há meia hora, esperando por você.”

Abro minha boca, fecho, e, em seguida, abro novamente para deixar sair, “Você tem um cão?”

Ele assente e a cabeça do cachorro se mexe com o movimento. “Russell. Vamos. Eu não estou no clima.”

Quem diabos é essa pessoa? *O que* diabos é essa pessoa? Ivan não tem apenas um cachorro, mas também uma minivan? Só o vi em seu Tesla. Não… *nisso*.

Nem tenho certeza de que já vi pelo de cachorro em suas roupas antes.

Vi?

“Não temos o dia todo. Entre antes que eu te coloque aqui e alguém chame os policiais pensando que estou te sequestrando”, ele fala rispidamente, puxando os óculos sobre os olhos, puto e chateado. “Se você entrar agora, vou pensar em te perdoar eventualmente.”

Como se estivesse totalmente consciente do que Ivan está dizendo, o cachorro lambe sua bochecha e olha para mim com olhos que eu tenho quase certeza, são de um golden caramelo.

E então ouço um pequeno e estridente latido vindo de outro lugar dentro da van, e Ivan vira a parte superior do corpo para trás, para olhar no banco traseiro e dizer, "Não agora, Lacey. Já conversamos sobre isso." Então, como se não tivesse apenas conversado com o que pode ou não ser um cachorro pequeno baseado no volume do latido, ele se vira para mim e ergue as sobrancelhas. "*Rainha do drama*. Está pronta?"

Pronta.

Estou pronta?

Para entrar em uma minivan com ele e dois cachorros. Dois cachorros que eu não sabia que tinha. Um daqueles cachorros com quem conversa como se estivesse discutindo com uma criança. Ambos com nomes humanos.

Lacey. Ele me avisou sobre Lacey.

Não sei o que isso diz sobre mim por querer entrar naquela van enquanto minha energia continua a desaparecer a cada segundo e minha raiva parece vacilar em algum lugar no meio.

"Vou contar até quatro antes de sair do carro e te arrastar pela calcinha até aqui", Ivan grita.

Enrugo meu nariz e, sem aceitar totalmente que tomei uma decisão, digo, "Você poderia tentar, mas eu não estou usando nenhuma", um momento antes de dar a volta na frente curvada do capô e abrir a porta do passageiro. Ar condicionado frio é a primeira coisa que me atinge. A segunda coisa que me atinge quando deslizo minha bunda para o assento do passageiro é o fato de que o focinho marrom que eu vi acima do ombro de Ivan, um momento atrás, está agora pairando sobre o encosto de cabeça do assento em que estou.

Os olhos do cachorro *são* castanhos. Hã. E ele parece... realmente interessado e curioso. Sobre mim.

"Oi", sussurro, principalmente porque minha garganta dói depois de falar tão alto e gritar com Ivan.

"Ele não morde, mas baba", Ivan me informa. "Você pode acariciá-lo se quiser."

O cachorro ainda está olhando para mim a dois centímetros de distância. Mas Ivan está certo; ele não parece nem um pouco agressivo. Parece que quer

que eu o acaricie, e se o *thump, o thump, thump* quer dizer alguma coisa, ele realmente quer um carinho.

Então faço isso. Levanto a mão com o punho fechado e o deixo sentir meu cheiro. E quando tudo corre bem, abro minha mão e acaricio suavemente o topo de sua cabeça e, quando tudo corre bem, passo a mão no pelo macio e suave de suas orelhas.

Então ele me lambe.

E não posso deixar de sorrir, mesmo quando minha cabeça e garganta doem e me sinto uma completa idiota por ser pega.

Ivan não diz outra palavra enquanto olho para o cachorro dele, possivelmente com o maior e mais idiota sorriso que já tive em meu rosto em um longo tempo, mas, finalmente, depois de alguns momentos, muito calmamente, muito friamente, ele diz, "Coloque o cinto. Não quero tomar uma multa por sua causa."

Olho para o cachorro dele, Russell, mais uma vez, acaricio sua orelha, depois me ajeito no banco e coloco o cinto de segurança. Assim que o metal se encaixa no lugar, o mesmo latido que ouvi antes de entrar no carro passa pela van mais uma vez, e Ivan claramente geme quando começa a andar com a van.

"Lacey, eu juro por Deus, não comece", ele fala por cima do ombro.

Ele já está dirigindo quando me viro para olhar para a segunda fila, ficando cara a cara com Russell mais uma vez antes de me mover e dar uma boa olhada no passageiro barulhento. Com certeza, Russell está em pé no espaço entre os assentos, mas preso no canto da segunda fila de bancos... com um peitoral rosa que está preso ao cinto de segurança, está um pequeno cão branco de pelos curtos com orelhas pontudas e nariz arrebitado.

"Isso é...?" Começo devagar, sentindo como se estivesse em um sonho. E se não for um sonho, não sei nada sobre Ivan. Absolutamente nada. Tudo o que eu pensei que sabia é uma maldita mentira, e não tenho certeza de como isso me faz sentir. "Isso é um buldogue francês?"

Já estamos na estrada e nos dirigimos para a autoestrada principal mais próxima quando Ivan assente, com os olhos no espelho retrovisor. "Sim. A diva nos fundos é Lacey. Ela está de castigo. Eu deveria tê-la deixado em casa, mas ela não pode estar no carro com mais ninguém além de Russ, e hoje é seu dia de carona."

Ele acabou de dizer que seu cachorro está de castigo, não acabou?

Meu Deus.

Quase não consigo fazer a pergunta. Estou tão dilacerada por esta segunda vida e segunda personalidade que não tinha ideia de que essa pessoa com quem treino seis dias por semana é capaz ter. Mas de alguma forma, consigo. "Por que ela está de castigo?" Praticamente sussurro.

"Ela estava sendo muita atrevida esta manhã, correndo atrás de suas irmãs, tentando roubar comida, fazendo xixi em uma das camas porque se meteu em confusão", ele explica como se fosse à coisa mais natural do mundo.

Não sei o que dizer. A cadela foi muito atrevida, correu atrás de suas irmãs, tentou roubar comida e fez xixi por vingança. Bem desse jeito. Então não falo mais nada. Porque o que diabos devo fazer?

Não conheço esse homem. Não conheço esse homem, e isso me faz sentir horrível. Uma merda maior do que já me senti.

Como eu não sabia que ele tinha cachorros? E mais cachorros pelo som disso, porque de que outra maneira Lacey teria irmãs?

Droga. Eu realmente não sei nada sobre Ivan.

Mas talvez ninguém saiba. Porque não há como as garotas no vestiário terem evitado falar sobre sua bulldog branca, se soubessem sobre ela. Inferno, seus fãs provavelmente jogariam brinquedos de cachorro para ele ao final das apresentações se soubessem.

Ninguém sabe. De jeito nenhum.

Mas aqui está ele.

O som de um rosnado baixo, tão alto no tom, mas ao mesmo tempo quieto, faz com que eu olhe por cima do ombro para observar o corpo branco na segunda fila de bancos. Ela nem está olhando para mim; honestamente, parece que está olhando para as costas do banco de Ivan. Mas é o peitoral cor-de-rosa que ela tem preso ao peito e depois está preso a um cinto de segurança, que eu não consigo superar.

Estou quase certa de que ela tem uma coleira rosa mais claro com strass também. Pelo menos, acho que é strass.

Então é minha vez de olhar para Ivan, sabendo que não há como eu deixar isso passar. "Seu cachorrinho está de cinto de segurança", digo, como se não tivesse sido ele quem a prendeu.

Tudo o que ele faz é abaixar o queixo uma fração, o olhar focado à sua frente. "Ela se move muito no carro. E não sabe ficar quieta." Ele olha para mim. "Como alguém que conheço."

Ignoro o comentário dele e olho para o cachorro novamente. Ela ainda está encarando o assento de Ivan. Posso sentir a tensão e o drama emanando dela.

Huh.

"Não preciso que ela saia voando pelo para-brisa, se acabarmos em um acidente", ele continua, alheio a mim espreitando o peitoral de sua cadela. "Russ só se levanta quando não estou dirigindo", Ivan continua explicando, facilmente. "Ele é um bom menino."

Isso me faz olhar para Russ, que eu achei que poderia ser um Labrador marrom, mas não tenho certeza. Ele está deitado no chão entre os assentos naquele momento com a cabeça em cima das patas. Seu rabo faz *thump, thump*.

"Não vi nenhum sinal de cães em sua casa", Ivan comenta do nada.

Eu me movo para frente novamente para olhar pelo para-brisa. "Não. Minha mãe é alérgica." Então, sem querer, digo, "Minha irmã costumava ter um."

"Qual? A ruiva ou Ruby?"

Olho para ele novamente. "Ruby", respondo a ele. "Era o cachorro de Aaron. Ele faleceu há alguns anos." Chorei, mas nunca contei a ninguém sobre isso.

Ivan assente devagar, como se isso dissesse tudo. "Ela é a mais nova?" Ele pergunta, seu tom ainda presunçoso.

"Da minha família?"

"Uh-huh", é sua resposta quando nos guia através do tráfego.

"Não." Não é óbvio? "Eu sou a mais nova. Ela é cinco anos mais velha que eu."

Ele vira a cabeça para me olhar com cara de "você está brincando!" "*Ela é?*"

Nem sequer fico ofendida. "Sim."

"*Você* é a mais nova?" Ele pergunta, parecendo totalmente surpreso.

"Por que está dizendo isso assim? Você está me fazendo sentir como se precisasse de um asilo ou algo assim."

"É só que..." Ele franze o nariz enquanto dirige e até balança a cabeça. "Eu não sei." Ele olha para mim e balança a cabeça novamente.

Sei o que ele quer dizer. É o que minha mãe e todos sempre dizem sobre mim. Fisicamente, pareço mais jovem que Ruby, que ainda tem um rosto de bebê como o da minha mãe. Mas tenho uma *grande e velha alma mal humorada*. "Entendo o que você está tentando dizer."

Do jeito que ele está contorcendo o rosto, é como se ainda estivesse em negação. "Você é realmente cinco anos mais nova que ela?"

Deslizando as mãos sob minhas coxas, seguro um suspiro quando inclino minha cabeça contra o assento. "Sim. Ela teve um problema cardíaco por um longo tempo. Todos sempre fomos superprotetores com ela."

"Eu não sabia disso. Ela é uma graça", ele solta de repente, e minha cabeça faz algo direto do *Exorcista*. Juro por Deus que meu pescoço gira sem esforço, sem problemas, quando me viro rapidamente para encará-lo.

"Não olhe para minha irmã. Ela é casada."

Ivan ri. "Eu sei. Vi o marido dela quantas vezes agora? Só disse que ela é uma graça, não que quero levá-la para sair ou a qualquer outra coisa."

"Ótimo, ela é boa demais para você", jogo de volta, ainda olhando para ele.

Isso faz com que ele venha com, "Ha!"

"Ela é", digo a ele lentamente, não deixando sua risada chegar até mim.

"Sabe, há muitas pessoas no mundo que pensam que sou bom demais para elas", ele diz, seu tom soando... desligado.

Reviro os olhos e me ajeito no banco, cruzando os braços sobre o peito. "Provavelmente. Mas você não seria bom o suficiente para minha irmã, bonzão. Então, enrole o ego um pouco."

"Se eu estivesse interessado em sua irmã assim — e não estou, tudo que disse é que ela é uma graça, mas há uma tonelada de garotas bonitas no mundo..."

"Minha irmã é a mais bonita. Ambas são. Não as compare ao resto das mulheres do mundo."

Ivan ri. "*Tudo bem*. Jesus. Tudo o que estou tentando dizer é que, se eu estivesse interessado em uma das suas irmãs — *e não estou*, me escute — você realmente não me deixaria sair com elas?"

Esse sentimento estranho, em que eu estou prestes a pensar, faz meu estômago ficar desconfortável, mas ignoro. "De jeito nenhum."

Sua risada me faz sorrir por como ele está insultado. "*Você está falando sério?*"

"Claro", enfatizo.

"Por que?"

"Por onde você quer que eu comece?"

Há uma pausa. "Sou um bom partido, uma boa pegada."

"Para pegar e largar, é claro."

Ele geme, e não posso deixar de olhá-lo com o canto do meu olho. "Uma grande quantidade de mulheres gostaria de sair comigo. Sabe quantas mensagens recebo no Picturegram por semana?"

"Adolescentes que ainda não cresceram para perceber o quanto são burras, não contam, e nem mulheres idosas com visão ruim", alerto.

Aparentemente, ele vai ignorar minhas estipulações porque ele continua. "Eu sou rico."

"E?"

"Não sou feio."

"Aos seus olhos."

Ivan bufa e, se o canto da boca dele se inclina em um sorriso parcial, resolvo ignorar. "E tenho duas medalhas de ouro."

Faço um barulho "pfft" quando inclino meus quadris e parte superior do corpo para observar Ivan. "Uma delas é um ouro por equipes, *e* aquele outro tem umas vinte destas."

O homem abre a boca por um momento, prestes a dizer alguma coisa, e então a fecha antes de encolher os ombros, sobre os quais me segurou pelo que parece ter sido metade do dia. Ombros fortes e magros, muito mais fortes do que qualquer um jamais diria. Não sou exatamente leve como uma pena. Sou pesada para meu tamanho, mas é só músculo. Tenho certeza que peso mais do que a maioria das garotas pequenas, e ele sempre me levanta como se não fosse nada.

A cabeça dele se inclina para o lado e suas mãos flexionam no volante. E depois ele sorri, apesar de estar virado para frente. "Você tem um ponto", ele admite, não exatamente parecendo feliz com isso. "Mas, quantas você tem?"

O que acontece depois, eu nunca seria capaz de prever. Mas acontece.

Nós dois dizemos "OOOOOOOOH" com a besteira que saiu de sua boca como se estivéssemos na quinta série e tivéssemos feito uma bela piada ofensiva.

Dizemos "OOOOOOOOH" com tanta força e com tanta naturalidade, de forma totalmente inesperada, que dura talvez três segundos antes de começarmos a rir, minha cabeça reclamando do movimento e minhas costas doendo, mas faço isso de qualquer maneira.

Foi fodido ele apontar que não ganhei nenhuma medalha de ouro, mesmo sabendo que isso realmente me irrita? Duh. Mas este é Ivan. Que diabos esperava?

Além disso, não é como se eu não fosse dizer exatamente a mesma coisa se estivéssemos em posições opostas.

Mas isso me faz rir. E isso o faz rir.

E ainda murmuro, "Otário", mesmo quando rio para mim mesma, com a cabeça latejando e toda aquela bagunça, mas sorrindo. "Vá à merda."

"Te peguei", ele ri, sua boca abre em um sorriso tão grande que é como se seu rosto não pudesse lidar com isso.

"Cale a boca", respondo, balançando a cabeça. "Você é um pé no saco."

Ele ri. "Isso nunca fica velho."

"Foda-se."

"Não, obrigado."

Não posso me segurar, e rio de novo, e então Ivan também, mas eu o pego olhando furtivamente em minha direção duas vezes, um sorriso colado naquela boca rosa pálida. Ele faz isso de novo. E então de novo.

"O que você está olhando?" Pergunto-lhe, sem saber por que continua olhando para mim e não gostando.

O sorriso no rosto dele não chega a lugar nenhum enquanto responde, "Você."

"Por que?" Ele olha para mim todos os dias.

"Porque sim."

Há algo de errado com o meu rosto? "Porque sim o quê?"

"É raro você rir."

Se houvesse algum resquício de sorriso no meu rosto, eu o limpo. "Eu rio."

"Eu só vi isso acontecer algumas vezes."

Tento não bufar, mas ainda acontece. Ele não é a primeira pessoa a me dizer isso. "Eu não rio a menos que ache algo engraçado, mas rio sim. Rio com minha família o tempo todo. Já ri com Karina um milhão de vezes. Não vou fingir que acho que algo é engraçado se alguém faz uma piada de merda ou diz algo estúpido. Não sou falsa." Eu soo loucamente na defensiva ou é apenas imaginação?

Ivan ainda estava sorrindo ao dizer, "Você é provavelmente a pessoa menos falsa que conheço, Meatball. Jesus. Gosto da sua risada, mesmo que pareça um pouco assustadora."

Pisco. "Assustadora?"

"Você soa como uma psicopata quando ri, tudo heh, heh, heh, heh."

Minha espinha fica rígida, e não é por causa da febre ainda está no meu corpo. "Como eu deveria soar? *Hehehe*?"

Ele ainda está sorrindo. "Não. Seu heh, heh é igual a você, e nunca mais ria assim novamente. *Isso* é assustador. Posso ter pesadelos hoje à noite. Deus. Você

parece uma boneca possuída ou algo rindo de um canto escuro, esperando que eu durma."

Não posso deixar de rir de novo, mesmo que minha cabeça doa.

Então ele estraga tudo olhando por cima do ombro e limpando a expressão. "A propósito, ainda estou chateado com você. Não pense que esqueci."

Esqueci.

Esqueci que estava com raiva dele e que o que está fazendo é total besteira.

Mas agora que ele me lembrou, eu me afasto e fecho minha boca. E quando coloco minha testa contra o vidro, pensando no quanto estraguei tudo, não tenho a intenção de adormecer, mas acontece.

~

ESTAMOS SENTADOS um ao lado do outro depois de comer um jantar que fizemos depois de trocar quatro palavras o tempo todo.

O. Jantar. Está. Pronto.

Ele me acordou quando chegamos a casa dele — a última casa em que imaginaria que estivesse morando — e disse talvez dez palavras para mim. Para completar, não brincou uma vez ao dizer qualquer uma delas. O que foi bom para mim porque não estava de bom humor também.

Por sorte, estou ocupada demais, absorvendo a casa de estilo rancho para realmente me importar. Uma casa azul com venezianas brancas, não se parece em nada com a casa em estilo loft ou mediterrânea em que eu pensava que ele moraria, em algum bairro chamativo com um guarda e um centro comunitário com um parque aquático de ponta. *Não*. Quando olho ao redor da propriedade, tudo que vejo é grama verde e árvores ao longe. Ivan tem muita terra. Tanto terreno que não posso ver outra casa em qualquer lugar ou ouvir qualquer voz à distância.

"Não surte quando eu abrir a porta", ele murmura, parecendo irritado, frustrado, ou provavelmente ambos o conhecendo. E as pessoas pensam que eu tenho uma atitude ruim.

Não pergunto a ele o que poderia me assustar quando saio da van e dou a volta para a porta de correr do banco do passageiro que está abrindo por conta própria. "Venha, Russ", o ouço murmurar antes de sussurrar algo que soa como "Lacey, seja boazinha", quando solta o pequeno cão branco do cinto de

segurança, e ela pula do banco e sai do carro, correndo a toda velocidade em direção à frente da casa no instante em que está livre.

Saio também, pego minha bolsa e quase gemo com o peso antes de levá-la para a casa, lamentando não ter pedido a Ivan para me ajudar. Não que ele esteja de bom humor, mas talvez.

Acabo de olhar para a casa, a garagem para três carros conectada a ela e a grama em cima de mais grama.

É bonito.

Não que admitirei isso para ele, especialmente não naquele momento.

"Não enlouqueça", ele lembra mais uma vez, uma fração de segundo antes de ouvi-lo destrancar a porta enquanto estou de costas para a varanda da frente.

E então, o inferno se liberta.

O que aprendo sobre isso um minuto depois, é que cinco animais — três cães, um porco e um coelho gigante — vem para fora da casa como se tivessem saído da prisão. Dois cães estão amarrados juntos, e o outro tem três pernas, mas corre pra caramba, mas eles estão lá. Me cercando. Abanando os rabos quando se juntam a Russ e a pequena princesa, Lacey. Estão empolgados pra caralho enquanto me rodeiam, cheirando, cheirando tudo e mais, como se não pudessem acreditar que estou lá.

Um pequeno porco rosa pisa na ponta dos meus pés, e meu coração faz... essa coisa que não consigo descrever.

Não sei o que diabos aconteceu com o coelho que vi, mas estou muito ocupada com todos os rostos animados e caudas animadas.

E se alguém ficar surpreso por eu ter passado duas horas fora brincando com cinco cachorros e um porquinho, nenhum deles ficaria mais surpreso do que eu. Porque me sentia como uma merda total nem dez segundos antes, mas é como se tudo tivesse sumido quando eles estão jogando seus rostos contra as minhas pernas e mãos.

Então, horas depois, quando Ivan sai de casa e nos diz para entrarmos, eu não reclamo muito, especialmente quando percebo que ele ainda está de péssimo humor.

Ainda em seu humor de merda, segurando contra o peito o coelho que vi mais cedo.

E definitivamente não reclamo que ele fica em seu humor terrível enquanto segue para uma cozinha que minha mãe teria descrito como rústica.

Ivan tem um quadro branco em sua geladeira com seus planos de almoço e jantar descritos, um a um. Então, considerando que é sábado, ele pega um pacote de peitos de frango e já que a tabela de refeições na geladeira diz GALINHA, ARROZ DE JASMIM, BETERRABA, percebo que é isso que vamos fazer. Eu sempre esperei que ele tivesse um chef ou algo assim, mas estou percebendo que não o conheço.

Então encontro o arroz de jasmim em um armário depois de procurar em suas coisas — e encontrar um recipiente de vidro que ele tem no balcão, cheio de chocolates Hershey Kisses — e então encontro a panela do tamanho certo depois que ele continua me ignorando enquanto procuro tudo isso. E temos que cozinhar. Eu o deixo preparar as beterrabas porque não tenho certeza do que fazer com elas. Além do mais, não sou uma cozinheira muito boa, principalmente porque poderia sobreviver de carne assada temperada apenas com sal e pimenta, qualquer grão que possa fazer em uma panela de arroz, e legumes cozidos no vapor pelo resto da minha vida se depender de mim.

Assim que estou medindo uma xícara e meia de arroz em cada prato — porque Ivan tem quantidades descritas em seu quadro branco, determinando quanto de tudo que ele quer em seu prato — seu celular toca. Ele passa por mim para pegá-lo do balcão e instantaneamente responde, "Alô."

Termino de medir quando o ouço continuar falando, "Sim, ela está aqui... Melhor, mas ainda está doente..." Obviamente eu sou o "ela." Eu acho. A questão é: com quem diabos ele está falando? "Amanhã?... Depende do que teremos... Isso deve funcionar... Ok. Parece bom. Nos vemos amanhã então... eu também te amo. Tchau."

Digo a mim mesma que não é da minha conta com quem ele conversa.

Mas se ele deixar o telefone por aí e eu puder descobrir a senha, vou bisbilhotar.

Ivan não diz nada para mim sobre para onde vamos ou o que vamos fazer, e eu com certeza não vou perguntar, então mantenho minha boca fechada e me afasto enquanto Ivan termina de colocar a comida nos pratos e, em seguida, mais tarde, quando comemos.

Acabo de engolir a última mordida do frango com limão que ele fritou em óleo de coco quando Ivan empurra seu prato para longe e finalmente se vira para mim, parecendo tão chateado quanto estava duas horas atrás. Até seus ombros estúpidos estão rígidos e tensos.

Eu lhe dou um olhar preguiçoso, esperando o pior.

Então, porque estou esperando que ele faça o seu pior, não estou antecipando o que realmente sai de sua boca.

"Quero que você encerre suas contas novamente."

"O que?"

Ele repete. "Quero que você encerre suas contas novamente. Ter alguns seguidores não vale a pena se estas coisas desse tipo chegam para você."

O que diabos está acontecendo? "Ivan", começo a dizer, confusa. "Eu não sei se eles ainda estão vindo ou não, mas as mensagens privadas e os comentários não estão."

"Podemos também deletar a conta da equipe também. Lee vai entender", ele diz, cada palavra saindo mais e mais irritada.

Bem, eu não sou o tipo de pessoa que joga outras pessoas debaixo do ônibus, mas... "Ela sabe sobre eles. Ou tem uma ideia sobre isso. Nós conversamos sobre o assunto meses atrás."

Aqueles olhos azuis brilhantes devem ter lasers neles de tão desconfortável que seu olhar está me fazendo sentir. "O que?"

"Quando concordei em ser sua parceira, conversamos sobre isso. Eu não contei muito a ela, apenas dei uma ideia geral do motivo de ter cancelado minhas contas."

"Espere um segundo..."

Eu o ignoro. "Ela me disse para lhe contar se estas coisas começassem outra vez, mas não falei nada. Para começar, parei de ler minha correspondência."

Ele pisca. "Você contou a ela. Mas não me contou." Por que diabos as palavras dele saem rígidas e robóticas?

"Sim." Porque precisava. "Não achei que você precisasse saber."

Sim, ele está ficando todo irritado novamente. "Você achou que eu não precisava saber?"

"Sim. Eu não achei. Não estávamos exatamente conversando nessa época. Parecia desnecessário. Por que você se importaria?" Pergunto a ele com um encolher de ombros, nem um pouco prestes a me sentir mal por fazer o que fiz.

"Por que eu me importaria?" Ele murmura para si mesmo, ainda tentando me fuzilar com os olhos.

"Agora entendo. Nós somos amigos. Somos parceiros Mas relaxe. Está tudo bem. Nunca recebi mensagens agressivas ou ameaças. Sempre são apenas... fotos e vídeos. Posso nem estar mais recebendo."

Em algum momento, enquanto falo, ele começa a inclinar a cabeça para trás e olhar o teto. Ele não está olhando para mim quando diz, ainda soando como se fosse feito de puro metal, "É por isso que você não queria fazer a sessão fotográfica para a TSN?"

Eu não quero contar a ele, mas conto. "Sim. Foi a outra parte disso. Eu não estava mentindo quando disse que não queria que você tirasse sarro de mim também."

Seu gemido é basicamente um estrondo quando continua a olhar para as vigas do teto alto. Ele suspira. Ele suspira e balança a cabeça.

É minha vez de suspirar. "Pare com isso. Está tudo bem. Eu sabia o que estava fazendo."

Isso faz seu queixo cair. "Sim, sendo uma bunda teimosa, e não está tudo bem, porra."

Faço um som de zombaria.

Ele olha para mim.

Ok, talvez ele tenha razão. "Olha, não quero que ninguém se preocupe. Todo mundo tem estresse suficiente em suas vidas, ninguém precisa que eu adicione algo mais. Não posso... não vou parar de viver minha vida e de vestir o que quero vestir ou o que não quero, por causa de outras pessoas que estão sendo idiotas. Odeio permitir que isso me incomode tanto quanto deixo ou deixei, para começar."

Ele continua olhando.

"Se precisar de ajuda, vou pedir."

A risada que sai dele é aguda. Falsa. Uma que diz que sabe que estou falando besteira aos montes. "Você pode precisar de um transplante renal e não vai pedir nada a ninguém que conhece, Jasmine." Ele balança a cabeça, uma careta cruza sua boca. "Você acha que não te conheço?"

Bem. Merda.

"Você é muito teimosa. Tão teimosa que me deixa *louco*. Você sabe quantas vezes já quis sufocá-la?" Ele pergunta, balançando a cabeça em clara exasperação.

Pisco. "Provavelmente metade das vezes que quis te estrangular também."

Ele não entende minha piada. "O que temos é mais importante que um casamento."

Reviro os olhos e deixo a palavra com 'c' pra lá.

"É, e você sabe que é. Preciso de você saudável e preciso que você se concentre."

Algo desconfortável queima minha barriga. "Sei disso, Ivan. Sem mim, você não pode competir. Confie em mim, já entendi. Já sei. Não estou planejando te ferrar. Não queria ficar doente e estragar nossa coreografia. Você sabe que sinto muito."

O olhar que ele me dá...

"Você é minha amiga, Jasmine. Não só a porra da minha parceira. Não me venha com essa besteira."

Recuo com o seu tom e observo seu rosto ficar *furioso*.

"Quero que esteja em segurança porque você é importante para mim. Você acha que eu trago minhas parceiras até minha casa? Acha que eu as deixo entrar na minha vida? Você acha que passo tempo com suas famílias? Eu não faço isso e nunca fiz. Aprendi minha lição quando era adolescente e minha parceira tentou chantagear minha família dizendo que eles pagaram para que vencêssemos nossos eventos juniores. É por isso que eu faço contratos agora, para manter tudo de forma profissional. Nunca mais quero ser tão infeliz como fiquei depois que minha primeira parceira fez essas coisas com minha família e comigo. Mas você..."

Bem... eu não sabia, sabia?

E de repente quero pegar uma palmatória e bater na bunda da cadela da sua parceira de juniores, pensarei nisso mais tarde.

"Você. Importa. Para. Mim. *Você*. Eu não poderia me perdoar se algo acontecesse com você por minha causa", ele continua, sua voz subindo. "Eu te conheço desde que era criança, ajudando minha irmã a sair do gelo quando ela caiu. Você não a tratou de forma diferente por causa de seu sobrenome como todo mundo. Você não perguntou a ela sobre mim. Você e Karina apenas escolheram uma a outra. Eu sei as coisas que você fez por ela, ela me contou. Ela nos contou sobre a *Jasmine Santos, que não tem medo de ninguém. Sobre Jasmine, que não gosta de unicórnios porque gosta de Pegasus, porque eles podem voar*."

"Eu queria que você fosse minha parceira há anos, sua idiota. Quando Karina me disse que você estava pensando em mudar para as duplas, pensei que viria falar comigo, mesmo de passagem como uma piada. Pensei que diria que ia chutar minha bunda, e planejei falar com você sobre isso. Mas você nunca veio. A próxima coisa que soube, você já tinha um parceiro. Um idiota que não era tão bom quanto você."

Estou sob o efeito de drogas alucinógenas imaginárias de novo?

"Você se lembra disso? Você lembra que não falei com você por seis meses depois disso?" Ele me pergunta, todo o seu foco em *mim*.

E assinto, porque lembro. Eu me lembro de como ele se voltou para mim com uma vingança do nada, falando tanta merda nos próximos dois anos que eu não tinha certeza de como meus ouvidos não sangraram e como consegui não riscar o carro dele.

"Você esteve em minha vida por treze *anos*. Como pode pensar que eu não me importo com você? Nós brigamos um com o outro porque nós dois gostamos disso. Porque não há ninguém com quem possamos brincar que pode lidar com isso."

Quero dizer... ele está certo. Ele me deixa louca, sempre deixa, mas ele é o único com quem posso falar nesse nível. Ele tem me incomodado por anos.

Mas...

Mas...

Minha boca se abre e fico em silêncio.

Eu...

Ele...

Bem...

Sua mão vai para a minha, que está pousada na mesa, por que... fico chocada. Surpresa. Total e completamente pega de surpresa. "Eu não quero que nada aconteça com sua bunda teimosa e boba. Sendo minha parceira ou não. Isso ficou claro?"

Mas. Que. Porra?

"Mas não vou deixar você sair com essa porcaria. Quero que você esteja segura. Quero que você seja feliz. Mas não vou aguentar seus segredos de merda, ou sua besteira. Então precisa se acostumar com isso. Você poderia ter me contado sobre o acidente da sua mãe. Sobre as mensagens de textos e os comentários. Poderia ter me dito que não estava se sentindo bem, Jasmine. Mas isso acaba agora. É assim que vai ser. Ok?"

Segura. Feliz. Não aguentar minha merda.

Não digo uma palavra, mas ele deve tomar isso como uma concordância porque solta minha mão e se endireita, encerrando a conversa com um olhar que não tenho certeza do que significa.

"Agora que isso acabou, vou levar os cachorros para passear. Quer vir? Se você ficar cansada demais no caminho, podemos arrastá-la de volta."

Capítulo 16

"NÃO SEI SE isso é uma boa ideia."

Atrás do volante de seu Tesla, Ivan dá de ombros e fala a segunda frase que decidiu me dirigir o dia todo. "Você não vai deixar ninguém doente. Seu período contagioso já acabou."

Se ele está dizendo.

Passei a maior parte do dia dormindo no quarto de hóspedes onde Ivan deixou minhas coisas no dia anterior. Estava tão distraída com seus animais de estimação, que não notei quando ele voltou para fora para buscar a bolsa que deixei cair no chão.

Depois disso, levamos os cachorros numa longa caminhada. Aparentemente ele tem 103 acres a quarenta minutos da cidade, e leva os cachorros — e o porco — para passear todos os dias que pode. Duas vezes por dia, vem uma mulher chamada Ellie, que alimenta todos eles, dá seus remédios e os deixa sair para correr enquanto ele está no treino. Comigo.

Quem diabos saberia?

Quero saber o que o fez ter tantos animais, mas a verdade é que não sei como falar com ele depois da noite anterior. Ninguém nunca falou comigo assim antes. Pelo menos ninguém que não fosse minha mãe.

Ele disse que queria que eu ficasse segura e feliz. E isso não tinha nada a ver com a gente ser parceiro.

Com o que isso tem a ver? Quero saber. Mas estou com muito medo de perguntar e descobrir o motivo; e se a resposta dele arruinar o que construímos?

Não acho que a verdade valha à pena.

Então, depois de uma caminhada, que aposto que teve pelo menos um quilômetro e meio de distância, eu silenciosamente o sigo até a sala de estar e me sento no lado oposto do sofá, ficando cercada por Russ e uma Husky de oito anos de idade e de três patas, chamada Queen Victoria, que decidiu que gosta muito de mim. Dez minutos no sofá com um cachorro no meu colo e um ao meu lado, eu capoto e só acordo horas depois, quando Ivan me dá uma batidinha na

testa e me guia meio dormindo para o quarto, com a mão na parte de trás de meu pescoço.

E eu não estava meio adormecida para não lembrar que me arrastou para debaixo das cobertas, e que foi ele quem as puxou até meu queixo, em seguida colocou a palma na minha testa antes de desligar a luz e sair.

Dormi na manhã seguinte e não levantei até quase meio-dia, o que diz o quão horrível me sinto. Ivan saiu, mas deixou uma nota na geladeira, dizendo que ele estaria no LC e voltaria perto da uma, e que eu não deveria me preocupar se uma mulher entrasse em casa porque era a passeadora de animais/faxineira, Ellie, que geralmente vinha às sete da manhã. Eu estava dormindo, obviamente.

Então aproveito. Durante a hora seguinte, passeio por sua casa e encontro mais coisas sobre Ivan que me surpreendem.

O coelho tem uma grande área de lazer e uma casinha em um dos cinco quartos. É honestamente melhor do que o meu próprio quarto.

Ele tem quatro grandes camas de cachorro e uma pequena em seu quarto gigante, e tenho quase certeza de que são colchões personalizados Tempur-pedic. Sento-me em uma delas com Russ, que estivera deitado do lado de fora do quarto em que dormi com a Husky, Queen Victoria, e decido que até as camas de cachorro são mais confortáveis do que a que tenho em casa.

Ivan mantém um tubo de lubrificante em uma das suas mesinhas-de-cabeceira — e meu estômago só dá uma pulsação de medo que finjo que não aconteceu.

Sua casa é imaculada.

Não há produtos de beleza em seu banheiro, o que significava que a pele perfeita dele é natural — que porcaria. Mas encontro um recipiente de lata com uma merda orgânica para cabelo em uma das gavetas.

Não encontro nenhum preservativo em nenhum lugar.

Mas encontro uma sala cheia de troféus, placas e duas medalhas de ouro.

Ele tem um PC com uma senha que não consigo invadir.

As únicas fotos que tem são dele ou dele com sua família, de seus animais de estimação e sua família em geral. Por acaso estou em duas delas.

É tudo muito interessante.

A única coisa que não me surpreende totalmente é o fato de que tenho 99,9% de certeza que Lacey, a bulldog branca, não gosta de mim. Ela me observa toda

vez que fazemos contato visual e apenas me encara o tempo todo. Gosto dela. Ela é inteligente por não ter certeza do que pensar de mim.

No momento em que ele volta para casa, já bisbilhotei toda sua casa. Abri gavetas e armários que não tinha motivos para olhar dentro, mas nem mesmo me senti um pouco mal com isso. Ele me conhece bem o suficiente. Deve esperar isso. E se ele não o fizer, então é sua culpa por ser tão confiante.

Minha febre volta em algum momento enquanto estou bisbilhotando, e volto para o quarto de hóspedes para tirar uma soneca enquanto ele leva os cachorros — e o porco — para fora. Só lá pelas seis horas, algo molhado cutuca meu rosto e me acorda. É o porco rosa sentado no meu peito, com Ivan de pé ao lado da cama, me observando, enquanto segura seu enorme coelho em um dos braços.

"O quê?" Resmungo, me esticando para acariciar o leitão como se o tivesse acariciado umas mil vezes antes e isso não fosse nada novo.

Aqueles olhos cinza-azulados permanecem no meu rosto quando ele diz, "Você quase parece meiga quando está dormindo."

Pisco.

"Eu disse quase."

Ainda acariciando o porco e não tenho certeza se estou fazendo isso corretamente, dou a Ivan um olhar cauteloso enquanto sua própria mão roça o pelo do coelho. "Por que você está aí me observando, esquisitão?"

O olhar de Ivan se move para o porquinho quando responde, "Vim para te acordar. Nós vamos jantar na casa dos meus pais. Vista-se."

"Eu não me sinto muito bem."

"Tudo o que vamos fazer é comer. Você pode ficar lá por uma hora. Minha mãe está preocupada com você."

Merda.

"Eu não quero deixá-los doentes." O que é verdade. Não quero. Os Lukov´s sempre foram maravilhosos comigo. Genuinamente. Eles são ricos — riquíssimos, se quer ser exato — e vieram de uma linhagem que provavelmente se casou com a realeza russa em algum momento, de acordo com Karina, mas são algumas das pessoas mais gentis e bem-educadas que já conheci.

Isso e eles me dão um desconto enorme em minhas taxas do LC. Algo como 90% de desconto. Tudo o que tenho que pagar nos últimos dez anos é praticamente só minhas taxas de treinamento e coreografia. Eles insistiram.

"Eles vão ficar bem", ele diz, ainda de pé ali, segurando seu coelho como se fosse uma segunda natureza. "E é Dia dos Pais. Quero ver meu pai."

É o Dia dos Pais?

"O que? Você não sabia?" Ivan pergunta, lendo minha mente.

Estive tão ocupada no último mês e não tive a chance de assistir televisão... "Não. Eu não sabia."

Suas sobrancelhas se juntam. "Você quer ligar para o seu pai primeiro?"

Eu não hesito em sacudir a cabeça, mesmo que ainda me sinta fraca e vacilante. Muito.

"Você tem certeza?"

"Tenho certeza." Não é como se ele fosse se importar se eu ligo ou não. Ele provavelmente nem percebe.

Mas...

Seja melhor.

Talvez esse seja o ponto. Posso pelo menos lhe enviar um texto. Seja melhor.

Lembrá-lo de que eu sou dele, independentemente de tê-lo desapontado ou não.

"Vou lhe enviar um texto no caminho", digo a Ivan com um encolher de ombros. Ele provavelmente está com seus enteados fazendo algo divertido. Essa fodida sensação engraçada flutua no meu estômago por um segundo, mas a empurro para longe. Para muito longe. "Vou mandar mensagens para meu irmão e Aaron também."

"Você vem então?"

Pelo Sr. Lukov, eu vou. Mesmo que ainda me sinta como um gigante buraco na bunda. Ele disse uma hora. Posso ficar uma hora na casa deles.

Seu aceno de cabeça leva um momento, mas finalmente chega ao mesmo tempo em que seu olhar se desvia para mim e para o porquinho que se aproximou para acariciar meu pescoço, então ele sorri. "Ela vai tomar banho com você, se deixá-la."

A pequena criatura dá dois bufos suaves em minha pele, e sinto meu coração ter esse pequeno formigamento. "Ela vai?"

Ele pode ter acenado com a cabeça, mas tudo que ouço é, "Uh-huh."

"Você se importa?"

Olho para cima naquele momento para descobrir que seu olhar não se moveu para qualquer lugar. "Não."

E só assim, apesar de sentir que tenho a metade da energia sugada de dentro de mim e que a dor de cabeça não desapareceu, me sento, chuto o lençol das minhas pernas, coloco Charlotte de volta na cama antes de balançar minhas pernas para o lado e levantar.

"Se sua cabeça ainda estiver doendo, deixei analgésicos na mesa ao lado da sua cama", Ivan me avisa.

Consigo acenar com a cabeça, então pego as pílulas, jogo-as na boca e engulo com o que sobrou da água no copo ao lado da cama. E não é até que as engulo, que percebo que ele as trouxe para mim.

Olho para Ivan, que não se moveu de seu lugar de pé ao lado da cama com seu coelho, a menos de sessenta centímetros de mim, e digo, as palavras saindo mais facilmente do que antes, "Obrigada."

Ele não parece surpreso... mas apenas... me olha. Enquanto segura aquele coelho gigante.

Um banho sem Charlotte, os três minutos mais apáticos da minha vida me vestindo, outro copo de água e uma curta viagem depois, estamos indo à casa dos pais dele. E estou pronta para tirar outro cochilo.

A casa fica em um condomínio fechado no sul de Houston, que tem alguns acres separando cada mansão. Os Lukov´s vivem em uma monstruosidade de seis mil metros quadrados de estuque e um telhado monstruoso, com uma piscina infinita em que Karina e eu passamos muito tempo durante nossa adolescência. Bem, não muito tempo, mas mais do que passei em qualquer outro lugar que não fosse a escola, o LC, ou em casa.

Ivan entra com o carro pelo caminho sinuoso que leva aos fundos da casa e estaciona do lado de fora da enorme garagem para quatro carros. Solto uma respiração cansada quando saímos e nos dirigimos à porta dos fundos por onde sempre entrei no passado. Ivan a abre usando uma chave e eu finalmente aproveito o tempo para observar a camisa de botão que ele usa e a calça cinza ajustada que tenho a sensação de deve ter sido feita sob medida, porque não há como sua bunda gostosa se encaixar em qualquer coisa que não se estique e os sapatos pretos de couro que quase parecem botas. Então olho para a camiseta e legging que coloquei, e me encolho por dentro. Os Lukov´s já me viram pior. Eles sabem que não estou me sentindo bem. Não é como se eu estivesse indo conhecer os pais do meu novo namorado.

Não que isso já tenha acontecido. Tive alguns encontros um pouco antes de começar a patinar em duplas, mas todos os caras com quem saí acabaram se

mostrando idiotas no segundo encontro. Houve apenas um cara que vi por alguns meses, mas não consigo mais me lembrar de como ele era.

"Olá?" Ivan grita no segundo que está dentro da cozinha para onde a porta leva.

Fecho a porta atrás de nós, me encosto-me a ela por um momento quando a exaustão me atinge com força mais uma vez. A cozinha é a mesma da última vez que a vi, quase... um ano atrás. A última vez que vim foi para o último aniversário de Karina, e isso foi logo depois que o babaca do Paul me deixou na mão. Então ela partiu para mais um ano na faculdade de medicina e agora estamos aqui.

"Estamos na sala de estar!" A voz da Sra. Lukov chama.

Ivan olha para mim por cima do ombro e franze a testa. "Você está bem?"

Balanço a cabeça, e até mesmo isso parece exigir muita energia.

Ele deve ler isso no meu rosto porque franze a testa. "Deveríamos ter ficado em casa."

"Vou ficar bem", digo, afastando-me da porta.

Ele não parece acreditar em mim, mas não diz nada enquanto caminho em direção a ele.

Em vez disso, Ivan estende a mão, e não penso muito sobre isso quando deslizo minha mão na sua e me inclino para o lado dele sem pensar. Estou acostumada com isso, posso dizer a mim mesma. Estou acostumada a estar bem apoiada nele. Parece mais natural do que deveria.

"Você está se sentindo tão mal de novo?" Ele pergunta gentilmente, segurando meu peso sem reclamar.

Balanço a cabeça contra o ombro dele. "Só cansada."

Sua mão aperta a minha. "Quer mais um pouco de água?"

"Estou bem."

Ele faz um "hmm" antes de perguntar, "O que dói?"

Engulo e fecho meus olhos por um momento. "Tudo."

Não há hesitação quando Ivan pergunta, "Quer um abraço? Você gostou disso antes."

Eu assinto.

Ivan fica em silêncio enquanto vira o corpo e envolve aqueles braços longos e musculosos em mim, puxando-me para dentro de seu corpo para que meu rosto se encaixe naquele espaço entre seus peitorais. Meu suspiro é instantâneo. Uma de suas mãos pousa na minha espinha e começa a esfregar para cima e

para baixo no comprimento antes de parar no ponto mais alto e depois esfregar uma das omoplatas e depois a outra. Círculos, círculos, círculos, aliviam a dor de alguma forma que parece mágica.

"Isso é gostoso", sussurro, tentando me aproximar dele.

Algo sobre estar doente só me faz querer ser abraçada. E especialmente quando é Ivan. Ele é grande o suficiente para me segurar, e não é escrupuloso ou estranho sobre afeto ou contato. Ele também está acostumado com isso, eu acho.

Uma daquelas mãos grandes vai para a parte de trás do meu pescoço e começa a amassar os músculos lá, e juro por Deus, solto um gemido.

Ivan dá uma risadinha no topo da minha cabeça. "É tão bom assim?"

"Muito bom", sussurro, praticamente apoiando todo o meu peso nele. "Eu poderia adormecer assim."

"Vou esfregar suas costas um pouco mais quando voltarmos", ele oferece, uma mão indo para meu pescoço, a outra ainda esfregando as duas seções de cada lado da minha coluna.

"Promete?"

Ele ri mais um pouco. "Prometo. Mas quando eu ficar doente, você terá que retribuir o favor."

"Certo. Uh-huh."

"Promete?" O pé no saco pergunta baixinho, seu tom divertido.

"Prometo."

Suspiro em seu peito, sentindo um pouco daquela colônia sutil e doce que ele usa normalmente.

"Minha pobre e coitada Jasmine", vem uma voz familiar de algum lugar por perto.

Congelo, percebendo onde diabos estou e o que diabos a Sra. Lukov vai ver e pensar, e estou prestes a dar um passo para trás quando os braços em volta de mim ficam mais apertados. Tão apertados que sei que de maneira nenhuma conseguirei pular para trás como se tivéssemos sido flagrados, quando tudo que ele estava fazendo era me abraçar e esfregar minhas costas. Você sabe. Considerando que eu estava fodidamente nua algumas semanas atrás na frente dele e ele tinha as mãos por *todo* o lugar.

Mas algo sobre ser pega recebendo um abraço de Ivan parece ainda mais vulnerável e pessoal do que se estivéssemos nos beijando.

Pelo menos é o que penso.

"Ela não está se sentindo bem", Ivan murmura diretamente acima da minha cabeça, quase como se estivesse falando no meu cabelo.

"Você está tomando o antitérmico?" A Sra. Lukov pergunta de algum lugar atrás de mim.

Ainda não me mexo quando digo, "Oi e sim. Ivan tem me mantido presa a eles."

Como ela sabe que eu estive com febre?

"Pare de ser mesquinho, Vanya, e deixe-me dar-lhe um abraço também", a Sra. Lukov exige.

Com mais um aperto em volta do meu corpo daqueles seus braços quentes, ele me solta, e imediatamente sinto o calor subir para meu rosto, e rezo para que pareça mais como se estivesse superaquecida por causa da minha febre — se ainda tenho uma — e não por ter sido flagrada recebendo afeição do filho dessa mulher. No segundo em que não estou mais nos braços dele, me viro devagar e fico cara a cara com a Sra. Lukov, que aparentemente está de pé bem atrás de mim.

A mulher mais velha já está sorrindo. Um pouco mais velha que minha mãe, a Sra. Lukov parece uma mistura perfeita de ambos os filhos... apenas, mais velhos. Ela tem cabelos negros que está pintando da cor natural desde que a conheço, é alta, magra, pálida e tem os olhos azuis mais brilhantes que passou para Ivan. Ela é quase tão bonita quanto minha própria mãe.

Ela simplesmente não é maluca.

"Você parece terrível, Jasmine", afirma a Sra. Lukov, um momento antes de envolver os braços e me puxar para um abraço. Suponho que tem cerca de um metro e setenta e sete e ela quase me ofusca.

"Eu me sinto terrível", digo a ela honestamente, abraçando-a de volta. "Obrigada por me convidar. Espero não te deixar doente."

"Oh, shhhh. Tenho dito a Vanya para te trazer desde que ele me contou que não vinha para o jantar de sábado a família, mas ele fingiu não me ouvir", ela alega, me balançando de um lado para o outro. "Fiquei tão animada quando ele me disse que você seria sua nova parceira. Petr e eu sempre pensamos que era apenas questão de tempo."

Sim , seus pais são doces. E um pouco ingênuos. Mas gosto muito deles.

"Eu tive um sonho uma vez, muitos anos atrás, que vocês dois estavam de pé ganhando uma medalha de ouro", ela diz, ainda me embalando como se eu

fosse um bebê, e eu estou aguentando essa merda porque nem minha própria mãe faz isso para mim. "Talvez tenha sido um sinal, hmm?"

E não posso evitar como fico tensa com a lembrança do que não conseguirei.

Pelo menos não com Ivan.

Mas sabia disso quando aceitei, não sabia? Eu não tenho motivo para ficar desapontada. Alguma coisa é melhor do que nada. Espero que consigamos uma posição juntos, só que não será por uma medalha Olímpica.

Mas isso terá que ser o suficiente.

"Seria bom", digo a ela, minha voz soando desligada e não por me sentir mal. "Tenho certeza que Ivan ficará bem com quem quer que seja sua parceira."

É a vez de ela ficar tensa ao meu redor. Sinto sua cabeça se mexer, mas não ouço nada sair de sua boca, exceto um "Hmm" e não sei o que fazer com aquilo.

E por mais que diga a mim mesma para relaxar, eu não consigo.

Porque não serei eu que ficarei ao lado de Ivan quando ele chegar à Olimpíada em dois anos, e tenho que ficar bem com isso.

Apenas não estou bem ainda, neste momento.

E sobre a estranha vibração que recebi por um momento da Sra. Lukov, não sei o que está passando pela cabeça dela.

O que sei é que um minuto depois, ela dá um tapinha nas minhas costas e esfrega um círculo muito parecido com o que Ivan me deu, antes de dizer, "Sei exatamente o que você precisa agora, para superar esse vírus."

Já bebi os chás da Sra. Lukov uma vez, enquanto estava menstruada e quase vomitei. Ela jurou que acabaria com as cólicas. O que ele fez foi matar meu apetite.

"Suco de laranja fresquinho para vitamina C..."

Oh! Graças a Deus. Então relaxo em seus braços.

"E vodka. Isso matará todos os germes ruins em você."

Então fico tensa novamente. "Ah..."

"Vanya disse que você não está tomando antibióticos", ela me diz como se eu não soubesse. "Você não tem treino amanhã. Vai fazer bem para você, Jasmine."

Onde diabos está Ivan e por que ele não está dizendo a ela que não posso beber? Eu não *quero*. Não gosto do sabor da vodka, mas...

"Você vai me dizer não?" A mulher mais velha pergunta, mas sai mais como um desafio.

Tenho coragem de dizer não a ela?

Não posso começar a enumerar quantas vezes entrei em discussões com as pessoas. Não posso nem começar a colocar um número na quantidade de pessoas que já chamei de nomes ruins. Faz muito tempo desde que me importei com o que alguém, além da minha família, pensa, e mesmo assim, aquela pressão normalmente não é suficiente para me impedir de fazer algo que os envergonharia.

Se fosse minha mãe, não teria problemas em dizer que não.

Mas não é.

E pelo tom de sua voz, as chances são de que seus sentimentos ficarão feridos se eu não fizer algo que ela pensa que pode me ajudar.

Porra.

"Não, Sra. Lukov", digo, um momento antes de Ivan me chutar na panturrilha.

Levanto minha perna para tentar chutar o jumento de volta, mas ele está fora de alcance.

"Excelente", a mulher responde, afastando-se de mim com um sorriso no rosto e duas mãos nos meus ombros. "Vanya?" Ela olha para o chão de repente, como se lembrasse de algo e estivesse confusa. "Cadê seus bebês?"

Bebês?

"Eu os deixei em casa", Ivan responde.

Oh. *Oh*.

"Você não trouxe minha pequena Lacey?" A Sra. Lukov pergunta, decepção pingando de suas palavras.

"Não, especialmente não Lacey."

Seus ombros caem em completa decepção, e ela franze a testa antes de olhar para mim e sacudir a cabeça. "Ele sempre vem com pelo menos dois de seus bebês. Sempre. Eles fazem uma bagunça, soltam pelos por todos os lugares, e agora sinto falta deles. Bobo, não é, Jasmine?" Ela dá a Ivan um olhar terno que só uma mãe amorosa é capaz. "Vanya e seus resgates. Sempre pegando as coisas que outras pessoas não querem mais, desde que era um garotinho."

Algo estranho acontece na metade superior do meu corpo, e não posso deixar de olhar para Ivan, que está encostado no balcão da cozinha, de braços cruzados sobre o peito enquanto eu estava com a mãe dele. Seus olhos encontram os meus. E eles não vão a lugar nenhum.

"Da próxima vez eu suponho. A sopa está pronta, deixe-me fazer algo para beber e podemos comer!" A Sra. Lukov exclama.

ACORDO sabendo que não estou na minha cama.

Acordo sabendo disso principalmente porque, de jeito nenhum, acordaria na nua em minha cama.

E meu quarto não está pintado de azul royal.

Mas principalmente porque não durmo de topless nunca. Não confio em ninguém da minha família o suficiente para não invadir meu quarto enquanto durmo e fazer algo para mim. E não estou prestes a assustá-los para a vida, obrigando-os a verem partes minhas que prefiro que não sejam vistas por elas.

E quando pisco no quarto semiescuro, algo mais confirma que não estou no meu quarto ou na minha casa.

Não há como, em qualquer universo, ou em qualquer nível do inferno, eu acordar na minha cama apenas de calcinha e com *a porra de um braço ao redor da minha cintura.*

Eu poderia ter me assustado assim que percebi que o peso sobre meu quadril e enrolado sobre minha barriga está coberto de pelos. Eu poderia ter gritado quando senti o primeiro sopro de ar contra a minha nuca.

Poderia ter feito qualquer e todas essas coisas depois que acordo.

Mas não fiz nada disso.

Principalmente porque *reconheço daquele maldito azul royal*. Eu o vi quando bisbilhotei no dia anterior. E quando olho para baixo e aperto os olhos, conheço aquele tom de pele descansando contra a minha barriga. Mais claro que o meu. Polvilhado com pelos escuros. O antebraço revestido de músculos esguios e magros. Se isso não bastasse, eu seria capaz de reconhecer os dedos na minha barriga mesmo se estivesse com os olhos vendados.

Mas mesmo sabendo de tudo isso, ainda não posso deixar de me transformar em um manequim enquanto estou lá deitada, sem uma blusa ou sutiã, e basicamente nos braços do único homem no mundo que deixo me tocar assim porque confio nele, mesmo que eu lhe diga isso. Porque não tenho certeza de quando comecei a confiar nele, mas isso aconteceu em algum momento. Ele acabou se esgueirando para dentro de mim e esteve lá quando precisei pensar sobre isso.

Mas o que diabos aconteceu?

"Bom dia, Meatball", a voz familiar sussurra suave e asperamente, as baforadas de sua respiração tocando meu pescoço... junto com o que tinha que ser seus lábios macios e úmidos, como se fossem da forma de cada letra saindo de sua boca.

"Dia?" Pergunto, franzindo a testa em horror, mas não tanto quanto teria imaginado.

O que diabos aconteceu? Tento lembrar... mas tudo que meu corpo pode fazer é reconhecer o fato de que me sinto uma merda e não consigo me lembrar de nada depois de termos chegado à casa de seus pais e a mãe dele ter começado a empurrar borscht e o que ela chamava de chaves de fenda, mas eram na verdade suco de laranja com vodca, em mim cada vez que meu copo ficava vazio, apesar de Ivan dizer a ela para parar depois do segundo.

Mas, como minha mãe, ninguém diz à Sra. Lukov o que fazer. Especialmente não seu filho.

E depois disso, tudo é um borrão de nada.

O que diabos aconteceu? Eu me pergunto quando Ivan suspira contra o meu pescoço.

"Pare de enlouquecer. Você derramou Gatorade sobre todo o corpo saindo do carro e se arrastou para a minha cama na metade da noite."

Oh Deus. Gemo de horror. Sério. Horror. De onde diabos o Gatorade veio, e eu estava tão bêbada que derramei isso em mim mesma e decidi que a melhor coisa a fazer era me despir em vez de tomar banho? Há uma razão pela qual eu raramente bebo, e não é por causa das altas calorias que algumas bebidas contêm.

E Ivan deve saber exatamente isso porque ele ri, sua boca pousando na minha nuca. "Eu lhe disse para voltar para sua cama, mas você continuava dizendo que estava morrendo..."

Quero ficar surpresa.

Eu não estou.

"... então você continuou dizendo, '*Eu o quebrei*', e te perguntei o que você quebrou." Sua voz para ao mesmo tempo em que aqueles sopros de respiração vêm mais rápidos e mais leves contra mim.

Desgraçado.

Ele está rindo, meio dormindo e tentando não rir.

"E você disse que quebrou o seu... seu...", ele consegue soltar, aqueles puffs ficando cada vez mais rápidos, me dizendo que ele está rindo ainda mais. A

maneira como a parte superior do seu corpo treme, diz exatamente isso e muito mais.

Eu gemo. "Cale-se."

Ele ainda está tremendo. "Você insistia que quebrou seu fígado", ele cospe.

Certo. Parece que quebrei alguma coisa. E quebrei bem quebrado. Não consigo me lembrar de *nada*. Bebi mais do que alguma vez já bebi. Mais do que posso nunca mais beber. Mas quanta vodca a Sra. Lukov colocou em minha bebida para começar? Não parecia estar colocando muito, mas...

Porra.

Mas Ivan continua contando. "E você queria que eu te levasse para o hospital."

Eu gemo. Gemo por dentro.

"Você disse que queria que eu segurasse seu fígado..."

Oh Deus.

"*Só um pouco, Vanya, apenas um pouquinho*", ele sufoca. "*Eu o quebrei.*"

Eu o chamei de Vanya? Hã? Empurro isso de lado e foco na parte mais importante. "Então você me deixou ficar na sua cama? Sem camisa? Para que pudesse segurar meu fígado?"

O braço ao meu redor se aperta. "Você insistiu."

"Sem um sutiã."

"Você veio até mim desse jeito. O que eu ia fazer? Forçar você a se vestir? Você sabe como é teimosa quando não está bêbada."

"Você poderia ter se vestido."

"Eu estava na minha cama, confortável, dormindo. Foi você quem apareceu."

Inclino minha cabeça para tentar olhar para ele por cima do ombro antes de lembrar que provavelmente não escovei meus dentes. "Você pelo menos está de calça?"

"Não."

"Você não podia ter colocado uma?"

"E arruinar o quão quente eu estava?"

"Você poderia ter colocado uma camisa em mim."

"E colocar minhas mãos em você quando não me deu permissão?"

Seguro minha respiração. Então reviro os olhos quando a mão pálida na minha barriga faz o menor movimento. "Seu idiota, suas mãos estão em mim agora."

Sua risada é lenta e impressionante, sem remorsos e toda Ivan.

"Ou colocar uma camisa em si mesmo."

Ele faz uma pausa. Então diz, "Nah."

Vou matá-lo.

"Então você apenas pensou que seria bom para nós dois estarmos aqui?"

Sinto, em vez de ver seus ombros se encolherem.

"Por que você não saiu da cama?"

Ele bufa. "Por que eu deveria? É minha cama." Sua risada suave enrola na parte de trás do meu pescoço. "E não é como se eu não tivesse te visto nua."

Eu gemo.

"E meu trabalho é ter certeza de que você está bem."

Essa é uma maneira de ver as coisas. Se você inclinar a cabeça para o lado e apertar bem os olhos. "Não quando eu não estou vestindo uma camiseta."

"Mas eu já fiz isso, lembra?"

Ele tem razão? Claro que tem. Eu me importo? Claro que não.

"Você deixou todas as suas parceiras virem pra sua cama bêbadas e nuas, seu maldito pervertido?"

Ele para de respirar e de rir atrás de mim por um momento, mas a tensão diminui rapidamente e ele responde, "Não. Você deixa todos os seus parceiros te verem nua?"

"Não." Era mais como um "claro que não", mas minha cabeça está doendo muito, e não consigo formular direito.

Nenhum de nós diz nada por um momento até que Ivan decide fazer uma pergunta que eu não esperava.

"Você sente falta dele?" Algo toca minhas costas, e me esforço para jogar como se não fosse grande coisa, provavelmente é o pau dele coberto apenas com suas roupas íntimas, mas na verdade é sim. Amigos não tocam o pênis de outro amigo, não é?

Amigos com benefícios tocam, uma pequena voz na minha cabeça sussurra antes de eu fazer aquela cadela calar a boca e pergunto em vez disso, "Quem?"

Há uma pausa e depois, "Paul."

Dessa vez posso dizer um "Claro que não" com facilidade.

Seu talvez pau ainda esteja me tocando quando pergunta, "Você tem certeza?"

"Absoluta." Então não posso deixar de olhar por cima do meu ombro para vê-lo literalmente lá. Bem ali, porra. Amaldiçoado seja o mau hálito matinal.

"Você sente falta das suas parceiras anteriores?" Jogo a pergunta como uma idiota completa, mesmo quando uma parte da minha cabeça me avisa que é uma ideia estúpida.

"Nem um pouquinho", ele ecoa.

Hã.

"Você se arrepende que Mindy tenha tirado um ano de folga e agora está preso a mim?" Faço a outra pergunta idiota, instantaneamente me arrependendo.

Ele me encara. Ele olha para mim por tanto tempo, a centímetros do meu rosto, enquanto nenhum de nós está vestindo roupas, que tenho certeza que não responderá. Mas ele responde, e sua resposta de uma palavra soa como se fosse muito mais. "Não."

Não.

Ok.

Nenhum de nós diz nada. Nem por um minuto, nem por cinco, com base no relógio digital da mesinha de cabeceira que posso ver por cima do ombro.

O órgão macio, mas duro que está mais do que provavelmente me cutucando parece se movimentar, e eu juro que meu clitóris sente isso. Já é hora de me acariciar, pelo jeito como ele está. Não me masturbo desde a manhã antes de ficar doente, e isso é quase um recorde mundial para mim.

"Ivan?" Pergunto gentilmente.

"Hmm?" Ele soa todo sonolento e preguiçoso novamente.

"Você vai mover seu pau ou é esse o tipo de amigos que vamos ser?" Tento brincar.

Sua risada é suave quando ele diz, "Esse é o tipo de amigos que vamos ser."

E se foi decepção que senti na minha barriga, digo a mim mesma que só estou envergonhada por ter me arrastado para a cama dele.

Capítulo 17

Verão / Outono

Squirt: Jantar no Margot às 19h com o Papai.
Seb: OK
Jojo: Por mim, pode ser. Eu e James estaremos lá.
Tali: Legal.
Mãe: Ben vai comigo.
Squirt: Ok, mamãe.
Mãe: Eu sei que você está fazendo uma careta, Rubella. Não faça.
Mãe: Sou casada. Ele sabe isso. Ele é casado. Eu sei isso.
Squirt: Eu não disse nada!
Mãe: Mas sei que você não aprova.
Squirt: -_-
Mãe: Vou me comportar.
Squirt: Promete? Você não vai implicar com ele?
Mãe: Prometo. Nem uma palavra.
Squirt: Você prometeu.
Squirt: Jas, você também vai, certo?
SUSPIRO e esfrego meu osso da testa com as costas da mão. Sei que meu pai chegou há uns dias. Não esqueci.

Eu só escolhi não ir até a casa de Ruby, onde ele está hospedado, para dizer oi.

Estou cansada depois dos nossos treinos duas vezes ao dia, balé, Pilates, malhação, corridas e trabalho. Faltando apenas duas semanas para nossa primeira competição, é *hora da verdade*. Estamos ficando sem tempo e estou estressada pra caralho. Estou assim nos últimos dois meses ou mais. Porque a partir do momento em que me recuperei da virose e Ivan finalmente me permitiu ir para casa, fomos direto para aprender a coreografia para nosso programa curto e para o programa livre. Decidimos não nos incomodar em focar no programa de exibição habitual que a maioria das equipes de duplas coreografa para eventos de gala que aconteciam depois de grandes

competições. Ivan e eu decidimos que entre nós três — a Treinadora Lee incluída — poderíamos montar alguma coisa.

Todos sorrimos quando ele escolheu a música para isso.

E enquanto aprender coreografias é cansativo no começo, é ainda mais difícil para mim do que para Ivan. Não que eu tenha dito isso ou deixasse transparecer. Porque tive que fazer a mesma coisa que fiz desde o começo. Tive que praticar quinhentas vezes mais quando não estava com minha treinadora ou coreógrafo.

Se algum deles achou estranho que eu tivesse trazido minha própria câmera e tripé para filmar os treinos, não disse nada. A treinadora Lee já tinha montado a sua câmara para registrar coisas que os seus olhos não conseguiam captar. Meus olhos precisavam daquela câmera para rastrear os movimentos e elementos à noite no meu quarto ou na sala de estar. E durante a semana, eu convidava minha mãe, Tali ou Jojo para virem comigo até o LC, no meio da noite — das dez a meia-noite — para me vigiar e me corrigir enquanto fazia os programas várias vezes, para forçar meus músculos a memorizá-los.

Por quase um mês, sobrevivi com três horas de sono, seis dias por semana.

Foi um inferno. Isso me deixou exausta. E me deixou de mau humor.

Mas eu não posso e não vou reclamar. Mesmo que isso signifique ter que começar a colocar maquiagem antes dos treinos para que os círculos escuros não fossem extremamente óbvios.

Mas sobrevivi de junho a julho.

E sobrevivi à intensidade de julho a agosto e depois a setembro, quando nossos movimentos foram separados, reconstruídos com repetição e muita paciência. Essa perfeição era difícil. Mas nenhum de nós esperava ou queria menos.

Assim...

Continuamos.

Consegui tempo para a minha família nas noites de sábado, quando Ivan geralmente se juntava a mim, a menos que um de seus "filhos" estivesse doente. E naqueles raros dias em que um deles não se sentia bem, eu saía para vê-lo no domingo, e ficávamos na casa dele e os levávamos para um passeio, ou assistíamos à televisão em seu sofá grande e confortável. E duas vezes, levei Jessie e Benny comigo, e foi muito divertido, porque Lacey pode ser um pouco atrevida com um olhar de lado que me impressiona, mas ela ama as crianças.

Trabalhei. Pratiquei. Treinei. Fiz balé com e sem Ivan. Fiz Pilates sem ele, às vezes com minha mãe. Fui correr, às vezes com Jojo. Fui escalar algumas vezes com Tali. Ruby e Aaron vieram jantar aleatoriamente.

Cada minuto da minha vida começou a valer a pena. Medido, reservado e doado antes mesmo do dia começar.

Mas adorei. Valorizei. Todos aqueles momentos apertados foram apreciados e necessários para mim.

Eu estava fazendo as coisas darem certo. Estava feliz. Extremamente feliz.

Então, a última coisa que queria ou precisava... era ir ver meu pai.

Mas...

"Por que essa cara?" Ivan pergunta de onde largou sua mochila ao meu lado na instalação de ginástica onde vamos treinar naquela tarde, enquanto tentamos trabalhar em um salto quádruplo — *por que foda-se, por que não?* Perguntei isso quando a Treinadora Lee mencionou a facilidade com que nossos lançamentos triplos estão sendo executados e como ela achava que poderíamos acrescentar outra rotação à mistura *fácil, fácil*. Apenas na academia de ginástica, podemos experimentá-los sem medo de eu rebentar minha cabeça no gelo. Aparentemente, descobriram, graças ao meu check-up, que já tive cinco concussões na minha vida e que devo tentar evitar outra. Eu me ofereci para colocar um capacete de bicicleta, mas tudo que consegui foi dois olhares vazios.

Ivan foi quem recebeu um dedo do meio em troca.

Eles não apreciaram minha piada sobre tentarmos um Pamchenko enquanto estávamos nisso.

Então, aqui estamos.

Não coloco meu telefone para longe, quando olho para ele. Ivan usa uma camiseta branca fina que deve ser antiga e está muito surrada, e calça de moletom preta desbotada que nunca vi antes, nem mesmo em sua casa quando ele se vestiu *confortavelmente* com o mesmo suéter que usa para treinar. E ainda ficou ótimo. Eu não sei por que isso me surpreende. "Meu pai está na cidade."

Ele pisca. "Pensei que seu pai era um trambiqueiro."

A risada que sai de mim é mais triste do que engraçada. "Não." Franzo o nariz e desvio o olhar. Ele não é.

Ivan cantarola pensativo, e sei que isso nunca significa nada de bom. "Acho que você nunca o mencionou, exceto no Dia dos Pais quando disse que não ia ligar para ele. Imaginei..."

Olho para meu telefone no chão e me pego balançando minha perna. Meses atrás, teria mudado de assunto. Mas Ivan... ele se transformou em alguém para quem não minto. Nunca. Mesmo sabendo de tudo isso e aceitando, só contei a ele uma parte disso. Dizer-lhe *tudo* seria demais. Para mim. Estou feliz. E não quero estragar tudo. "Não somos próximos. Ele mora na Califórnia", explico.

"E? Ele é um idiota? Não pagou pensão alimentícia todos os meses?" Ele pergunta sem rodeios.

Balanço a cabeça, arrancando mais honestidade de mim mesma e percebendo que não é tão difícil quanto esperava que fosse. "Não. Ele pagou pensão alimentícia, veio visitar muito quando Rubes, Seb e Tali ainda estavam crescendo. Ainda vem nos visitar uma vez por ano agora. Liga nos aniversários. Envia cartões presentes no Natal..." Enquanto passa essas datas com seus enteados. Mas não digo isso. De que adiantaria?

Algo engraçado acontece em seu rosto, mas ele não diz nada, e isso só me faz suspirar. Posso vê-lo tentando descobrir qual é meu problema. E ou ele arranca isso de mim agora, ou me vai importunar o tempo que for necessário para descobrir.

"Ele só não me dá muito apoio na patinação artística, é isso." Dou de ombros. "Você deve imaginar como isso me faz sentir. De qualquer forma, ele está visitando e minha família vai jantar em grupo hoje à noite, todos juntos e eu não quero ir."

Ele se inclina para frente e me bate na testa. "Então não vá. Diremos que temos que treinar."

Dou-lhe um olhar de lado, mas contenho minhas mãos. "Eu costumava fazer isso com ele toda vez que vinha me visitar. Por anos."

"Então?"

"Estou tentando não fazer mais isso", digo. "E não gosto da ideia de fugir de ver meu pai só porque não quero ouvi-lo me chamar de desapontamento."

O piscar de Ivan é lento. Há um pulsar em sua mandíbula, mesmo que leve e ele baixa a voz de maneira que não ouvia desde aquela manhã, dois meses atrás, quando ele se sentou ao meu lado enquanto eu excluía minha conta pessoal do Picturegram depois que os comentários ofensivos e as mensagens continuaram chegando. Quando ele pediu para ir comigo, olhar minha caixa postal a partir de então, eu nem discuti, mas nada deve ter chegado porque Ivan não trouxe cartas assustadoras desde então. "Ele te chamou assim antes?"

Merda.

"Não, mas algumas pessoas são realmente boas em adoçar o que realmente pensam." Suspiro de novo e esfrego a testa mais uma vez. Devo ir? Devo mentir e ficar em casa ou fazer alguma coisa com Ivan? Sei o que realmente quero fazer. Não é nem uma escolha. Mas... *foda-se*. "Vai ficar tudo bem. Eu cresci. Posso manter minha boca fechada e não discutir com ele por duas horas."

Pelo menos é o que digo a mim mesma.

Ivan cutuca meu braço com o que ele me usou para me abraçar várias vezes nessa semana, geralmente sem razão alguma, mas sempre quando acertávamos algo ou simplesmente fazíamos um ótimo exercício. "Estou livre esta noite."

Eu bufo. "Você está livre todas as noites."

Porque ele está. Além de sua família e de mim, a única outra coisa que ele dedica tempo é aos seus bebês em casa. Ele me disse uma vez que esteve tantas vezes longe enquanto crescia, que agora gosta de ficar em casa o máximo possível.

Ele me cutuca novamente. "Eu posso te beliscar se começar a discutir com ele", ele oferece.

Não posso deixar de lhe dar um sorriso. "Tenho certeza que me beliscará mesmo se não discutir com ele."

O sorriso que vem sobre seus traços me ilumina, e eu o guardo e deixo separado para mais tarde, assim como sempre faço. "Você quer que eu limpe minha agenda ocupada com Lacey, então?"

Oh, Lacey. A criatura desconfiada, cheia de rancor e bonitinha que mal começou a me deixar acariciá-la. Mas só quando ela quer. E só por um segundo. E não na cabeça. "Você não precisa fazer isso. Sei que prefere se divertir com a equipe da sua casa."

"Sim, porque é a única vez que as pessoas não estão olhando para mim e falando de mim", ele responde, a honestidade me pegando desprevenida. "Mas não gosto que você esteja com medo de ir ver seu pai." Ele me dá outro daqueles sorrisos brilhantes. "Você sabe que vou mantê-la sob controle."

Bufo e reviro os olhos. "Você pode tentar."

Ivan recosta-se nas mãos, seu sorriso se alargando. "Meatball, você sabe que posso. Não tenho medo de você. Você gosta muito do meu rosto para dar um soco nele."

Que idiota. *Um idiota*. E apenas o incito sorrindo porque não vou rir e piorar tudo. "Um dia desses, eu vou enfiar meu pé na sua bunda para que mantenha isso sob controle."

Ele ri alto. “Você pode tentar.”

Reviro os olhos e finjo que não tenho um sorriso no rosto.

“Você já viu a edição da Anatomia?” Pergunta de repente.

Eu pisco. “Já publicaram?”

Ivan assente. “Ontem”, ele responde, já alcançando sua bolsa e arrastando-a. Leva apenas um momento para retirar uma revista preta brilhante com um jogador de futebol familiar na capa e colocá-la no meu colo. “Página 208.”

Folheando a revista e observando rapidamente pedaços de coxas, bíceps e costas esculpidas, encontro a página e fico olhando enquanto abre. Tinha certeza que usariam uma das fotos que o fotógrafo tirou de nós fazendo um levantamento de estrela, um movimento em que Ivan me segura sobre a cabeça com a mão no meu quadril, enquanto eu parecia estar de cabeça para baixo na posição dividida. O fotógrafo nos mostrara esta imagem no dia das fotos.

Mas a revista não escolheu essa imagem.

Em vez disso, está na matéria a nossa foto mais perfeita, fazendo uma espiral da morte. Bem, uma espiral da morte modificada porque, em vez de ter o braço ao meu lado, quase paralelo ao gelo, eu o tenho sobre os seios, cobrindo os dois pedaços que não queria mostrar: meus mamilos. Com Ivan em uma posição de pivô, que basicamente parece que está sentado em uma cadeira imaginária com uma perna ligeiramente para trás, de modo que seu dedo está ancorado no gelo, uma de suas mãos segura uma das minhas mãos. Em movimento, ele estaria me girando em um círculo, com meu corpo paralelo ao gelo, minha cabeça nivelada ao meu joelho, então eu estou a centímetros de tocar o gelo.

É um dos meus elementos favoritos, ponto.

Mas olhar para nós na revista... é outra coisa.

As linhas de músculos nas coxas e panturrilhas de Ivan são inacreditáveis. O braço que segura o meu é longo e forte, o ombro e o pescoço visíveis são graciosos pra caralho. Ivan parece incrível. Um exemplo físico perfeito de todas as coisas que compõem a patinação artística: elegância, poder e agilidade.

E eu também estou muito foda. Jojo não chorará muito. O ângulo em que a foto foi tirada mostra, na maior parte um monte de coxa, o perfil de uma das nádegas e a pele de meus quadris, alguns abdominais, costelas e carne até a mão que segurava a de Ivan.

Isso *é* uma obra de arte. Uma obra de arte que vale a pena qualquer merda que eu possa receber pelo correio, que Ivan agora está examinando por mim. É bonito.

Vou precisar de uma cópia para colocar em uma moldura.

"O que você acha?" O homem ao meu lado pergunta.

Estou olhando para a crista de músculos que envolvem suas costelas em torno de suas costas enquanto respondo, "Ficou muito bom."

Eu não posso nem ficar surpresa quando ele me dá uma cotovelada em resposta.

~

COMETI UM ERRO ABOMINÁVEL.

Um erro terrível e abominável.

Deveria ter ficado em casa. Deveria ter ido para a casa de Ivan. Deveria ter ficado no LC.

Deveria ter feito outra coisa e não vir jantar com minha família para ver meu pai.

Porque é fácil esquecer que o amor é complicado. Que alguém pode amá-lo e querer o melhor para você e, ao mesmo tempo, pode te partir ao meio. Há essa coisa de amar alguém do jeito errado. É possível amar alguém demais. Com muita força.

E comigo, meu pai domina essa merda.

Sento-me do outro lado da mesa, tentando não chamar muita atenção depois de dar meu primeiro abraço em meu pai em mais de um ano. Foi estranho, pelo menos para mim. Todos os meus irmãos e até minha mãe lhe deram um, então também tive que dar um.

Meu objetivo é ficar o mais calada possível para me impedir de dizer qualquer coisa que possa desencadear a palavra com 'f' que aparece com demasiada frequência quando estamos perto um do outro.

Mas ela surge, como sempre acontece; não importando o quanto eu não queira.

E tenho que agradecer a Ruby por isso.

Ruby, que falou do meu *novo parceiro incrível* — que se sentou ao meu lado e do outro lado de Benny — e como teremos várias competições nos próximos sete meses.

E assim, sem me parabenizar por me unir ao homem que ele provavelmente não sabe que está na lista de *medalhistas de ouro, um campeão mundial*, que tem páginas de fãs e até mesmo uma biografia não autorizada escrita sobre si, meu pai acaba de entrar na conversa que nunca termina bem entre nós.

Ele se debruça sobre a mesa, um homem bonito com cabelo e pele da mesma cor dos meus, e pergunta com um sorriso condescendente, "Estou feliz por você, Jasmine, mas o que quero saber é o que você vai fazer depois?"

Droga.

Mais tarde, eu diria a mim mesma que havia tentado. Que tentei me fazer de boba e dar a ele uma saída, mesmo que odiasse jogar esse jogo. Odiava ter que dar uma chance a ele.

"Depois da temporada?" Permito-me perguntar, esperando, *esperando* que ele não me envergonhe ou insulte Ivan por não dar a mínima que está de frente a um patinador artístico.

Mas como todas as outras vezes, ou ele não dá a mínima ou ignora os sinais que posso sentir todo mundo lhe enviando e pedindo para calar a boca. "Não, depois de se aposentar", ele responde, uma expressão agradável ainda em seu rosto de setenta anos de idade. "Sua mãe me disse que você ainda está trabalhando em uma lanchonete. É maravilhoso que esteja ganhando algum dinheiro depois de todos aqueles anos em que costumava dizer que não podia porque *tinha que treinar*", ele ri.

Como se eu não tivesse dito essa merda aos dezesseis, dezessete e dezoito anos, quando estava lutando com a escola e tentando apertar a patinação artística em todos os outros minutos da minha vida porque estava arrasando naquele momento. Eu dominava a competição Junior, naquela época. Com certeza, não queria trabalhar porque um trabalho de meio período significaria o fim do meu sonho.

Minha mãe sempre soube disso e entendia.

Mas ele não.

E estraguei tudo aos dezoito anos quando lhe pedi dinheiro, embora me achasse esperta.

Você é um pouco velha para essas coisas de patinação, Jasmine, não é mesmo? Concentre-se na escola. Concentre-se em algo em que sempre será boa. Esses sonhos, eles te fazem perder muito tempo.

Não sou uma pessoa supersticiosa. De modo nenhum. Mas a temporada depois disso foi a pior que já tive. E cada uma depois dessa não melhorou muito.

Os treinos eram bons. Tudo se encaminhava para cada evento de forma grandiosa. Mas no momento que realmente importava... eu travava. Estragava

tudo. Perdia minha confiança. Toda vez. Algumas vezes mais do que outras, mas sempre.

E eu nunca disse a ninguém que culpava meu pai. *Concentre-se em algo em que sempre será boa.* Porque, de acordo com ele, nem sempre seria boa na única coisa no mundo em que era realmente ótima.

E suas palavras, no restaurante, cercada pela minha família, são um soco no plexo solar que não tenho como evitar ou manipular.

E ele continua.

"Mas você não pode trabalhar lá, sendo garçonete para sempre, e você não pode patinar pelo resto da vida, sabe", meu pai diz, ainda sorrindo como se cada uma de suas palavras não estivesse enviando centenas de agulhas para minha pele, cada uma se aprofundando e se aprofundando a cada segundo, tão profundamente que não tenho certeza de como diabos poderei removê-las.

Cerro meus dentes e olho para baixo, me forçando a manter minha boca fechada.

Para não mandar meu pai ir se foder.

Para não culpá-lo por todo o dano que suas palavras e ações causaram em mim.

Para não dizer ao meu pai que não tenho ideia do que farei depois que parar de patinar e, de alguma forma, não admitir que a falta de uma resposta — até mesmo de uma ideia — me faz entrar em pânico. Eu nem sei o que farei daqui a um ano quando tudo isso acabar com Ivan, mas não vou falar essa merda. Mesmo Ivan não fala nisso em meses. A última coisa que meu pai precisa saber é que Ivan não me quer por mais de um ano, mesmo que seja meu melhor amigo e uma pessoa com quem gosto de passar meu tempo.

Meu orgulho só pode aguentar um determinado tanto.

"Acho que você deveria ter feito faculdade, como Ruby. Ela foi para a escola e ainda fez o que queria fazer", meu pai continua falando, alheio ao fato de que está me matando por dentro e que minha mãe, que está sentada ao meu lado, está segurando sua faca com unhas e dentes. "Nunca é tarde demais para voltar e fazer algo de si mesma. Pensei em voltar para pegar meu MBA, entende?"

Fazer algo de mim mesma. *Fazer algo de mim mesma.*

Engulo em seco e aperto meu garfo, esfaqueando meu ravióli como vingança, e empurrando-o em minha boca antes de dizer algo de que possa me arrepender.

Mas provavelmente não.

Algo me toca debaixo da mesa, desliza sobre meu joelho e segura em concha. Não percebi que estava balançando minha perna até que ela parou. Olho com o canto do olho e posso ver o braço de Ivan parcialmente escondido sob a mesa. Mas o que eu definitivamente posso ver é o fato de que ele está de olho em mim, suas bochechas coradas.

Por que elas estão tão cor de rosa?

"Você tem que se concentrar no que vai te fazer ganhar dinheiro quando for mais velha e não puder mais ficar no gelo", meu pai continua, alheio.

Aperto meu garfo com tanta força que meus dedos estão brancos ao redor dele. A mão no meu joelho aperta ainda mais antes de se mover um pouco para cima, apenas em cima da rótula, encobrindo-a. Ele precisa dizer isso na frente de alguém que dedicou sua vida inteira a patinar? Uma coisa é me insultar, mas outra coisa é minar todo o trabalho de Ivan também.

"Você não era muito boa na escola, mas sei que pode fazer isso", meu pai continua falando, soando tão entusiasmado com a ideia de eu voltar para a escola, que é isso que me tira do sério.

Jasmine não tem uma deficiência de aprendizado, ele discutiu com minha mãe um dia na cozinha quando eu tinha oito anos e deveria estar na cama, mas desci as escadas em vez disso. *Tudo o que ela precisa é se concentrar*.

Olhando para ele, para este homem que amava e queria que me amasse por tanto tempo, tudo o que sinto é uma raiva que não enfrentei nos últimos vinte e tantos anos desde que ele se divorciou de minha mãe e foi embora. Me deixou. Nos deixou. Apenas *foi embora*. E engulo em seco com cuidado, aceitando que ele não me conhece, e nunca me conheceu. Talvez seja minha culpa. Talvez tenha sido dele.

Mas isso não significa que vou ficar de boca calada como prometi a todos que faria.

"Não, não ia muito bem na escola. Odiava a escola", digo a ele lentamente, observando cada palavra que sai da minha boca. "Eu me odiava por odiar a escola."

Os olhos escuros do meu pai viram em minha direção em surpresa. "Oh..."

"Eu tenho uma deficiência de aprendizado, pai. Foi difícil para mim, e não gostava nem um pouco daquele tempo", continuo dizendo, mantendo meus olhos nele e ignorando os olhares que tenho certeza que meus irmãos e irmãs estão dando uns aos outros. "Eu não gostava de ter que frequentar... como você chamava? 'Conseguir um tratamento especial' para poder aprender meus ABCs

enquanto todo mundo já sabia ler. Não gostava de ter que descobrir maneiras diferentes de aprender a soletrar porque meu cérebro tinha dificuldades em acompanhar as sequências de letras. Não gostava de nunca conseguir lembrar as senhas dos meus armários, e por isso precisava escrevê-las na minha mão todos os dias. Odiava que as pessoas me achassem uma idiota."

Mesmo do outro lado da mesa, posso ver o seu engolir. Mas ele causou essa merda para si mesmo. Ele mencionou algo que todo mundo, exceto Ivan, e provavelmente Aaron, já sabiam. "Mas há aulas que você pode assistir; coisas que pode fazer para ajudar."

Mantenho meu suspiro dentro de mim, mas pego no garfo que ainda estou segurando com muita força. "Eu sei ler e escrever. Não é isso. *Aprendi como*. Eu não gosto da escola e nunca vou gostar. Não gosto de pessoas me dizendo o que fazer e o que aprender. Não vou me formar e conseguir um diploma universitário. Não amanhã, não em cinco anos, não daqui a cinquenta anos."

A expressão de meu pai vacila por um momento, seu olhar percorre a mesa como se estivesse procurando alguma coisa, e eu não sei o que ele acha que vê ou por que, mas decide dizer as palavras que saem um momento depois, selando seu destino em uma voz que é muito leve. Muito brincalhona num momento que para mim, não é nada engraçado. "Jasmine, essas são as palavras de uma desistente."

Ouço meu irmão Jojo inspirar fundo e ouço o garfo de Ivan tilintar contra o lado de seu prato. Mas na maior parte do tempo, ouço a raiva em mim, revirando com suas palavras. Pelas suas suposições bobas. "Você acha que eu sou uma desistente?" Pergunto a ele, totalmente consciente de que estou lhe dando o mesmo olhar que dei a outras pessoas quando estava a três segundos de perder a cabeça.

"Jas, todos nós sabemos que você não é uma desistente", Jojo interrompe rapidamente, finalmente.

Nós dois o ignoramos.

"Você não quer terminar a escola porque é muito difícil para você. Essas são as palavras de uma desistente", meu pai afirma, cortando meu coração ao meio ao mesmo tempo.

Ele não ouviu uma única merda que acabei de dizer?

Ao meu lado, Ivan pigarreia, seus dedos deslizam ainda mais para cima em minha coxa e me apertam, não com raiva, mas... com alguma coisa que não consigo identificar. E antes que eu possa abrir minha boca para me defender,

para gritar com meu pai que não é esse o ponto, ele faz isso antes de mim. "Eu sei que não sou membro desta família, mas preciso dizer uma coisa", meu parceiro diz calmamente.

Não olho para ele. Eu não posso. Eu estou... estou tão brava, *decepcionada*, que quero vomitar.

Mas Ivan continua. "Sr. Santos, sua filha é a pessoa mais esforçada que já conheci. Ela é persistente ao extremo. Se alguém disser a ela para não fazer algo, ela só fará mais. Não acho que exista alguém no mundo que tenha caído mais do que ela e levantado, sem reclamar, sem chorar, sem desistir. Ela vai se xingar, mas é *para si mesma*. Ela é esperta, e é implacável", ele diz calmamente, sua mão apertando minha perna mais forte do que antes.

"Ela chega às instalações às quatro da manhã de segunda a sexta e treina comigo até às oito. Então vai para o trabalho, e fica em pé até o meio-dia. Come seus dois cafés da manhã e almoça dentro do carro, depois volta e treina comigo até as quatro. Três dias por semana, ela tem três aulas de balé sozinha e uma comigo, cada uma de duas horas. Um dia por semana, faz Pilates das seis às sete. Quatro dias da semana, corre e treina depois de treinarmos juntos. Ela vai para casa, come, passa algum tempo com o resto da família e vai para a cama às nove. Então acorda às três horas da manhã e faz tudo de novo."

"E durante meses, ela estava voltando para as instalações para praticar sozinha das dez da noite até a meia-noite. Porque era muito orgulhosa para me dizer que precisava de ajuda. Então ia para casa, dormiria por três horas e fazia tudo de novo. Seis dias por semana." A mão na minha perna aperta ainda mais, não com força, mas... desesperada. E Ivan continua falando. "Se Jasmine quisesse ir para a escola, se formaria com honras. Se ela quisesse ser médica, seria uma médica. Mas ela quis ser uma patinadora, e ela é a melhor que eu já tive como parceira. Acho que se você vai fazer alguma coisa, deve ser o melhor nisso. E é isso que Jasmine é. Entendo que a escola é importante, mas ela tem um dom. Você deveria se orgulhar dela por nunca desistir de seus sonhos. Deveria se orgulhar por ela ser fiel a si mesma."

Ivan faz uma pausa e depois diz duas palavras que me matam. "Eu seria."

Cacete. *Foda-se*.

Nem percebo que empurro minha cadeira para trás até que estou ficando de pé, largando meu guardanapo, garfo e facas ao lado do meu prato. Alguma coisa no meu peito queima. Arde. Esfola-me de dentro para fora.

Como Ivan me conhece tão bem e meu próprio pai não?

Como Ivan pode saber todas essas coisas sobre mim e meu próprio pai ficar desapontado com quem sou? Sei que não sou inteligente com livros. Quando era mais jovem, desejei ser. Terminar o ensino médio foi difícil o suficiente para mim, mas era porque eu não dava à mínima, porque amava esse esporte e queria ser como as outras meninas que estudavam em casa ou tinham professores particulares. Não menti quando disse que odiava a escola e não tinha interesse em voltar.

Mas é difícil o suficiente ser uma decepção na única coisa em que sou boa, sem precisar lidar com o desapontamento do meu próprio pai, simplesmente por eu ser quem sou.

Essa sensação de queimação sobe para meu rosto, e sinceramente sinto que não consigo respirar. Quase sinto como se estivesse me afogando quando passo pelas pessoas que esperam na entrada do restaurante, abrindo a porta enquanto tento conseguir algum ar. Minhas mãos sobem para cobrir os olhos enquanto sugo o ar, tentando com muita força não chorar. Eu. Choro. Por causa do meu pai. Por causa de Ivan. Por causa do lembrete de que sou burra e um fracasso, independentemente de como eu pareça e o quanto estou feliz. Tudo aconteceu muito rápido. Ou talvez eu esteja finalmente reconhecendo o quanto as crenças, desejos e ações do meu pai me afetam.

Mas *caralho*. Isso machuca. É uma merda.

Posso ganhar todas as competições desta temporada, e ainda serei idiota e inútil ao meu pai. A decepcionante Jasmine boca grande. A fria e irritante Jasmine, com sonhos que são um desperdício de tempo e dinheiro.

Não fui suficiente quando ele foi embora e ainda não sou o suficiente agora.

Mas quero ser. É tudo que sempre quis. Quero ser o suficiente para o meu maldito pai. Mesmo agora, depois de toda essa merda, ainda quero que ele *me veja*. Que *me ame*. Como todo mundo no restaurante ama.

Quero ser suficiente do jeito que sou; sem Ivan ter que dizer ao meu pai todas as coisas sobre mim que ele já deveria saber.

Minhas mãos ficam molhadas, e respiro fundo e isso soa como um soluço, mas sinto como se uma lâmina de barbear afundasse no meu esterno.

O único homem que quero que me aprecie e me respeite não se sente assim.

E o outro homem, aquele cujo apreço e respeito por muito tempo disse a mim mesma que não importava, parece pensar o melhor de mim.

Por que ele não sabe o quanto estou disposta a trabalhar todos os dias pelas coisas que quero?

Cavando a carne das palmas das mãos ainda mais contra meus olhos, plenamente consciente de que provavelmente estou borrando meu rímel e delineador, e não me importando, respiro tão fundo que provavelmente posso ser ouvida a muitos quarteirões.

As portas ao meu lado se abrem e ouço um "Você provavelmente deveria dar um minuto a ela", dito pelo meu irmão, seguido pelo som da porta se fechando.

Eu não sinto alguém por perto até que seja tarde demais, e dois braços estejam se enrolando em meus ombros. Só é preciso uma única inspiração para saber quem é.

Meu estrangulamento alcança os pulmões, praticamente fazendo meu peito inteiro se contrair em um quase soluço. Os braços me abraçando, me puxando para um peito que conheço muito bem enquanto deixo cair os braços e os deixo soltos ao meu lado. E deixo acontecer. Deixo meu rosto cair para frente no ponto diretamente entre os músculos peitorais que já vi inúmeras vezes, e toquei inúmeras vezes, e admiro mais e mais a cada dia, e cerro os dentes para não fazer mais barulhos sufocantes.

E falho.

O "porra" murmurado entra em um ouvido e sai pelo outro. Seguido pelo que deve ser uma bochecha pressionada contra o topo da minha cabeça. A voz de Ivan está baixa, tão baixa que mal ouço. "Por que você faz isso consigo mesma? Hein?" Ele me pergunta.

Meu peito bate irregular, um soluço, um estrangulamento comprimido que me dói mais do que já doeu.

"Você sabe que é boa. Sabe como isso é raro. Sabe quanto trabalho dedica a tudo. Sabe o quão forte você é", ele sussurra; seus braços cruzados sobre meus ombros. "Seu pai não sabe nada sobre patinação artística, Jasmine. Pelo que parece, ele não te conhece nem um pouco. Você é esperta demais para deixar o que ele pensa te atingir. *Você é mais esperta que isso*."

"Eu sei", sussurro no osso diretamente entre seus peitorais, apertando meus olhos para que não me envergonhe ainda mais gritando com ele.

"Você me avisou, mas não acreditei em você", ele continua; uma parte do seu rosto ainda está pressionado contra o topo da minha cabeça.

"Eu te disse", digo, o sentimento miserável dentro de mim crescendo a cada segundo. "Eu te disse. Nem queria vir. Sabia que isso ia acontecer, mas sou idiota, e esperava que talvez dessa vez fosse diferente. Talvez calasse a boca e

ele pudesse fingir que eu não estava lá, como costumava fazer. Talvez desta vez ele não me criticasse e não me dissesse todas as coisas diferentes que eu poderia estar fazendo com a minha vida, mas não. É minha culpa. Sou uma idiota. Eu não sei por que ainda me incomodo. Não serei engenheira como o Sebastian. Não usarei uma formação para trabalhar em marketing. Não serei uma gerente de projetos como Tali, ou apenas ser Ruby. Nunca chegarei à altura de meus irmãos ou irmãs. Nunca *vou*..."

Minha voz falha. Totalmente quebrada ao meio.

E é quando a primeira onda de lágrimas atinge meus olhos, e ofego para mantê-las dentro de mim. Mantê-las porque não vou fazer isso, porra. Não vou fazer isso, especialmente não por causa dos comentários do meu pai.

Mas o corpo nem sempre escuta o que você diz. Estou bem ciente disso. Mas ainda parece uma traição quando não consigo segurar as lágrimas que estou tentando controlar.

E os braços de Ivan se apertam ainda mais, puxando-me um milímetro para a esquerda até que estamos engessados juntos das coxas aos quadris e no peito.

"Eu fui um erro, sabe? O casamento de meus pais já estava com problemas, e então minha mãe engravidou e meu pai ficou por mais alguns anos, esperando que as coisas melhorassem. Mas elas não melhoraram. E não fui o suficiente para fazê-lo ficar por perto, então ele foi embora. Simplesmente saiu e voltou uma vez por ano, e meus irmãos e irmãs o amavam, e ele os amava e..."

"Você não é um maldito erro, Jasmine", a voz de Ivan estremece em meu ouvido e meus ombros ficam tão apertados que começo a tremer. Estou. Tremendo.

E choro. Porque meu pai partiu quando eu tinha três anos, e em vez de ficar e me ver crescer, ficar e me ensinar a andar de bicicleta como ensinou todos os meus irmãos e irmãs, foi minha mãe foi quem fez isso.

"Seus pais se separarem não teve nada a ver com você, e o porquê seu pai foi embora é responsabilidade dele. Não cabe a você mantê-los juntos", ele continua, a raiva pairando sobre a suavidade como um escudo.

E eu continuo chorando.

Seus braços são como aço ao meu redor, seu rosto, sua boca e toda a sua cabeça está sobre a minha e para o lado como se ele pudesse me bloquear e me proteger.

"Você é o suficiente. Você sempre será o suficiente. Você está me ouvindo?"

Mas continuo chorando nele, sua camisa de botões se molhando embaixo do meu rosto, e não consigo parar. Não posso evitar. Choro como *nunca* chorei.

Porque há um milhão de coisas erradas comigo, e a única coisa que não está errada, é uma das coisas que mais desapontam meu pai... e todo mundo que amo.

Ivan amaldiçoa. Ele me abraça com mais força. E amaldiçoa um pouco mais.

"Jasmine", ele diz. "Jasmine, pare. Você está tremendo", ele me avisa, como se eu não pudesse sentir por mim mesma. "Você disse uma vez em uma entrevista que patinava porque isso faz você se sentir especial. Mas você sempre será especial. Patinando ou não. Conquistando medalhas ou não. Sua família te ama. Galina te ama. Você acha que Galina desperdiçaria seu amor com pessoas que não merecem? Lee a admira tanto que me manda uma mensagem de seu carro para me dizer o quanto acha que você é boa. Você acha que ela se sente assim com qualquer um? Você tem mais coração dentro de você do que qualquer um que já conheci. Seu pai também te ama, de seu próprio jeito fodido."

Sua cabeça mergulha para meu ouvido e ele sussurra, "E quando nós ganharmos a porra de uma medalha de ouro, ele vai estar te assistindo, pensando que não poderia estar mais orgulhoso de você. Ele vai andar por aí dizendo a todos que sua filha ganhou uma medalha de ouro, e você vai saber que fez isso sem ele. Que fez isso quando tantas pessoas não acreditaram, mesmo que essas pessoas não tenham importância. Os que importam são aqueles que sempre souberam do que você é capaz." Ele engole tão alto que ouço. "Eu acredito em você. Em nós. Independentemente do que aconteça, você será sempre a melhor parceira que já tive. Sempre será a pessoa mais esforçada que já conheci. Sempre será você."

Eu soluço nele. Essas porras de lágrimas apenas jorrando de mim. Sua afeição, suas palavras, sua crença são apenas... demais. Elas são muito tudo.

E sou tão gananciosa que preciso delas. Preciso delas como preciso respirar.

"Darei a você todas as fitas, troféus, medalhas, qualquer coisa na minha casa ou no LC, se isso significa alguma coisa", ele me diz. "Eu vou te dar o que quiser se parar de chorar."

Mas não posso. E não paro. Nem por cada medalha do mundo eu poderia parar. Nem por toda e qualquer honra da patinação artística com a qual sonho durante metade da minha vida, poderia parar.

Apenas continuo chorando. Por meu pai. Por minha mãe. Pelos meus irmãos. Por mim.

Por não me sentir boa o suficiente. Por não sentir o suficiente. Por fazer o que quero apesar de todos os nãos, de todos os olhos rolando e todas as coisas que tive que desistir ao longo do caminho. Todas as coisas que perdi e que um dia, poderei me arrepender, mais do que já me arrependi.

Mas, principalmente, choro porque, embora não me importe com o que a maioria das pessoas pensa de mim, eu me importo muito com as pessoas cuja opinião valorizo.

Ivan me segura e continua me abraçando o tempo todo que fico ali, deixando escapar coisas que eu nem sabia que tinha em mente. Pode ser alguns minutos, mas considerando que só chorei outras duas vezes nos últimos dez anos, pelo menos, foi provavelmente mais ou menos meia hora que ficamos do lado de fora do restaurante, ignorando as pessoas que entravam e saiam. Nos observando ou não, quem diabos vai saber.

Mas ele não vai a lugar nenhum.

Quando os soluços não estão mais tão ruins, quando finalmente começo a relaxar, e sinto que posso respirar de novo, um dos antebraços envolto horizontalmente em minha espinha se move. A palma da mão de Ivan vai até a base da minha coluna e desliza para cima, fazendo pequenos círculos lá, um, dois, três, quatro, cinco, antes de fazer sua jornada de volta para baixo e para cima.

Odeio chorar. Mas eu não percebi que odiava ainda mais ficar sozinha.

E não vou analisar demais Ivan sendo o responsável por me trazer conforto, sendo aquele que me entende melhor do que qualquer outra pessoa naquele restaurante.

Lentamente, e muito mais timidamente do que o necessário quando não há nenhum senso de espaço pessoal entre Ivan e eu — quando ele já viu mais de mim do que qualquer homem e me tocou com mais frequência do que qualquer outra pessoa, e me abraçou mais do que ninguém antes dele — envolvo meus braços em sua cintura e o abraço de volta.

Não lhe digo obrigada. Imagino que ele entende meu abraço pelo que é. Um obrigada, um obrigada tão grande e puro, que minha boca não poderia ter feito qualquer justiça. Sempre foi minha boca que me colocou em apuros, mas ações não podem mentir.

No meio de fazer um círculo com a palma da mão sobre minhas omoplatas, Ivan diz — não pergunta — "Você está bem."

Balanço a cabeça contra ele, a ponta do meu nariz tocando seu músculo peitoral, magro e poderoso. Porque estou bem. Porque ele está certo sobre todas as coisas que disse. E muito de mim sabe que vou ficar ok porque ele acredita em mim. Ivan. Alguém. Finalmente.

Puxo uma respiração estrangulada, me sentindo uma merda, mas não totalmente patética. Alguma parte do meu cérebro tenta dizer ao meu sistema nervoso que eu deveria me sentir envergonhada, mas não consigo. Nem mesmo um pouquinho. Nunca pensei que minha irmã fosse fraca porque ela chora por causa das merdas mais aleatórias.

Meu pai me machucou.

A Jasmine criança e a adulta nunca souberam o que fazer com aquilo.

"Você quer ir embora ou quer voltar?" Ele sussurra, ainda esfregando minhas costas.

Eu não tenho que pensar sobre isso enquanto estou lá, não movendo um músculo além de manter meus braços em volta da cintura estreita à minha frente. E quando minha voz sai rouca e estrangulada, com certeza não me permito sentir nenhuma vergonha. Talvez uma parte de tudo isso seja minha culpa, mas parte também é do meu pai. "Vamos voltar."

Ivan faz esse som divertido, seu rosto ainda contra o topo da minha cabeça. "Foi o que pensei."

"Já está estranho, pode muito bem tornar-se mais estranho", digo asperamente, não sentindo totalmente isso.

O peito debaixo da minha bochecha treme, e a próxima coisa que sei é que Ivan está inclinado para trás, aquelas palmas fortes cobrindo minhas têmporas com aqueles longos dedos enrolados na minha cabeça. Ele não pisca. Ele não sorri. Apenas me olha nos olhos, sua expressão séria pra caralho, e ele diz, "Eu posso querer chutar o seu traseiro às vezes, e posso dizer que é péssima quando estraga tudo e quando não faz isso, mas você sabe que é só porque alguém precisa te manter sob controle. Mas eu estava falando sério. Você é a melhor parceira que já tive."

E uma sugestão de um sorriso, pequeno, mínimo, minúsculo, estica os cantos da minha boca.

Pelo menos até ele continuar falando. "Mas nunca mais vou admitir isso, então é melhor se lembrar disso nos dias nublados, Meatball."

E assim, o pequeno sorriso no meu rosto para no meio do caminho.

Ivan dá uma leve sacudida na minha cabeça, sua própria boca se abrindo total e completamente. “E se seu pai falar assim com você de novo, ou disser alguma merda como se não fôssemos atletas de verdade, nós teremos um problema. Só fui legal porque ele é seu pai.”

Balanço a cabeça, porque é a única coisa que posso fazer naquele momento.

Ele baixa as mãos, seus olhos nunca se desviando dos meus e solto meus braços também, deixando um centímetro de distância entre nós.

“Sempre cuidarei de você, sabe disso”, ele afirma; sinceridade manchando seu tom.

Balanço a cabeça novamente porque é a verdade, mas também porque ele deve saber que eu também cuidarei dele. Sempre. Mesmo em um ano, quando estiver patinando com outra pessoa. Sempre.

Não tenho que dizer “Vamos entrar.” Esse homem conhece minha linguagem corporal melhor do que qualquer um, então quando nós dois nos viramos para as portas do restaurante ao mesmo tempo, não é uma surpresa. Limpo os olhos quando ele abre a primeira porta para mim e a segunda. Será que sei que minha cara estampa que chorei por quase meia hora? Sim.

E não dou à mínima.

Quando a recepcionista começa a se aproximar de mim e Ivan, e então para abruptamente, não evito contato visual. Apenas olho para ela. A minha maquiagem escorrendo, meus olhos inchados e vermelhos, e meu rosto também pode estar inchado. Mas continuo andando.

E quando a mão de Ivan escorrega na minha, por dois segundos, apertando a palma da minha mão antes de soltar como se não estivesse lá para começar, eu engulo e mantenho minha cabeça erguida tão para o alto quanto possível.

Com certeza, o constrangimento na mesa é perceptível, mesmo à distância. A única pessoa que tem a boca se movendo é minha irmã Ruby, e pela expressão no seu rosto, nem parece que sabe do que está falando, mas todo mundo, inclusive meu pai, parece estar olhando diretamente para um buraco em seu prato. Não fico surpresa por me sentir mal sobre ter arruinado o jantar.

Não pretendia.

Fungo antes que possam me ouvir, e me controlo quando chego a minha cadeira. “Estou de volta, vadias”, digo na minha voz fodida quando puxo a cadeira.

Cada conjunto de olhos levanta-se para mim, surpresos, assim que sento em meu lugar, Ivan faz a mesma coisa. “Tive certeza que ela só roubasse doces de crianças e não tentasse espancá-las”, ele diz secamente, empurrando a cadeira para frente antes de pegar o guardanapo e jogá-lo no colo. “Apenas uma delas chorou.”

Um sorriso se contrai em meus lábios, mesmo quando meus olhos estão secos e meu rosto está quente.

Ninguém da minha família diz nada. Nem por um minuto. Talvez nem por dois minutos.

Até...

“Uma vespa pegou você em ambos os olhos também, enquanto estava lá fora, hein?” Meu irmão Jonathan diz, me dando uma expressão que não é nada feliz.

Pisco para ele, ignorando o aperto no peito, e digo, “Depois que ela te picou por todo o seu rosto, pela sua aparência.”

Jonathan ri, mas é meio indiferente. “Você parece um guaxinim.”

Eu fungo e pego meus talheres, ignorando o olhar que posso sentir meu pai me dando de seu lugar na mesa. “Pelo menos mamãe não me achou no lixo.”

Meu irmão engasga no exato instante em que uma mão pousa na minha coxa pela segunda vez naquela noite e dá um aperto.

Uma garganta é limpa e um segundo depois, meu pai começa a dizer, “Jasmine...”

Mas Ruby praticamente o interrompe gritando, “Estou grávida!”

~

“VOCÊ QUER que eu te leve para casa?” Ivan pergunta enquanto esperamos que o resto da minha família saia do restaurante.

Meu rosto ainda está inchado e amassado, e tenha certeza que pareço uma grande pilha de merda, mas olho direto para aquele rosto bonito e balanço a cabeça. “Não, isso é estúpido. Sei que já passou da sua hora de dormir e você precisa do seu sono da beleza. Posso pegar uma carona com minha mãe.”

O homem que ficou nada além de quieto o resto do jantar, concorda, não pegando minhas piadas. O que diz algo. Diz mais que tudo. Ele ainda está frustrado, mas se é por minha causa ou de meu pai, eu não faço ideia. Talvez estivesse imaginando isso também, pensando que tudo sempre é sobre mim.

Sem pensar, estendo a mão e pego a dele, apertando-a com força. “Obrigada por ter vindo, e por tudo que disse e fez.” Aperto sua mão muito maior mais uma vez. “Você não tinha que...”

Seus olhos estão em mim, firmes, firmes e firmes. “Eu tinha.”

“Não, você não tinha.”

“Sim.” Ele aperta minha mão de volta. “Eu tinha.”

Olho direto naqueles olhos que não posso dizer que estão quase um azul celeste naquele momento, mas sei que no fundo do meu coração estão. “Se você tiver algum drama familiar e eu precisar me envolver, estarei lá.”

O que pode ser considerado um sorriso, enruga suas covinhas e ele balança a cabeça. “Não. Nenhum drama familiar. São todos solidários. Mas meu avô iria te comer, sabe.” Ele faz uma pausa e suas covinhas tornam-se muito mais pronunciadas. “Ex-parceiros, por outro lado... Tenho sorte que assinaram acordos de confidencialidade. Economize para eles.”

Pisco para ele, pegando a explicação que não responde quase nada, e engulo para mais tarde, tentando entender a leveza dessa conversa depois. “Eu cuidarei de você”, digo a ele com um aceno de cabeça.

Ele aperta minha mão novamente.

Naquele momento, as portas atrás dele se abrem e posso ouvir meu irmão e James discutindo, seguidos por minha mãe conversando com minha irmã sobre como ela não deveria esconder as coisas de sua mãe. A hipócrita.

“Vou indo então”, meu parceiro — meu amigo — diz, deslizando a mão da minha suavemente e sem esforço. “Vejo você amanhã. Descanse um pouco. Ligue se precisar de mim.”

Balanço a cabeça, essa... coisa... apertando bem no centro do meu peito.

E antes que eu possa pensar no que estou fazendo, subo na ponta dos pés e beijo o que consigo alcançar — o queixo de Ivan.

Ele olha para mim com uma expressão que nunca vi antes.

Isso me agrada. Então, bato no seu quadril e digo, “Dirija com cuidado, Satanás.”

Ele pisca. Uma vez. Duas vezes. E então balança a cabeça, seus olhos parecendo vidrados por um momento antes de refocalizar, e então, ele se vira e vai em direção ao seu carro, deixando-me em pé ali, antes que algo familiar bata em minha bunda.

Meu irmão.

Um braço desliza ao redor da minha cintura, me puxando contra um corpo apenas alguns centímetros mais alto que eu. Jonathan me dá um aperto duro que me bate contra ele, antes de sussurrar no meu ouvido, como se suas palavras o envergonhassem, "Te amo, Grumpy."

Deixando minha cabeça cair para o lado para descansar contra a dele, eu coloco meu próprio braço ao redor de seu corpo, na altura das costelas, e digo, "Também te amo, otário."

Ele bufa, mas não me solta. Se qualquer coisa, me segura mais perto e sussurra, "Eu não gosto de ver minha irmãzinha chateada."

Gemo e tento me afastar.

Ele não me solta. "Minha irmãzinha chorona."

"Se disser 'chorona' mais uma vez..."

Ele ri da forma mais barulhenta que já ouvi dele. "Eu te amo, Grumps. E estou orgulhoso de você. Se tivesse filhos e eles crescessem para serem tão dedicados e trabalhadores quanto você, eu não poderia pedir mais nada."

Suspiro e o abraço mais forte. "Amo você também."

"Não deixe papai te atingir, tudo bem?" Meu irmão mais velho vira a cabeça, me dá um beijo desleixado na cabeça, e me solta, apenas assim. Tão de repente que quase caio.

Posso ver meu pai com o canto do olho, conversando com James e Sebastian, mas tanto quando não quero fugir, eu definitivamente não quero falar com ele.

"Vamos embora, Grumps", minha mãe diz, deslizando um braço no meu e arrastando-me para frente no mesmo movimento; seu marido, Ben, segue atrás com um braço no meu ombro enquanto me empurra para o estacionamento.

O que vou dizer? Não? Por favor, parem?

Meu irmão e irmãs vão resmungar apenas um pouco comigo por sair sem dizer tchau, mas entenderão o motivo. Caminhando ao lado de minha mãe, praticamente correndo, nós três vamos até o BMW de Ben e entramos em tempo recorde, eu deslizando para o banco de trás enquanto Ben entra na frente e minha mãe no banco do passageiro.

No segundo que todas as três portas estão fechadas, minha mãe grita.

Literalmente grita tão alto e por tanto tempo que Ben e eu cobrimos nossos ouvidos e olhamos para ela como se fosse louca.

"Eu não suporto seu pai!" Grita no segundo que seu grito morre. "*O que há de errado com ele?*"

Olho no espelho retrovisor ao mesmo tempo em que Ben, e nós dois erguemos as sobrancelhas um pouco antes que ele comece a sair do estacionamento.

"Sinto muito, Jasmine, eu sinto muito", minha mãe se desculpa, virando-se em seu assento para me olhar.

Ainda estou com as sobrancelhas levantadas. "Tudo bem, mãe. Coloque o cinto de segurança."

Ela me ignora. "*Deus*, tenho vontade de atear fogo nele!"

Isso ficou sombrio rapidinho.

"Você tem certeza que está bem?" Ela pergunta, ainda de frente para mim. Seu rosto, uma mistura estranha entre devastação e fúria.

"Sim, estou bem." *Agora*. "Coloque o cinto de segurança."

"Ele é sempre assim?" Ben pergunta enquanto dirige o carro através do estacionamento.

"Um idiota?" Minha mãe acrescenta. "Sim, especialmente com as crianças."

Eu amo como ela nos chama de crianças para o homem que é apenas alguns anos mais velho que meu irmão.

"Mas dizer que você é uma desistente? Ele tem sorte que prometi a Squirt que iria me comportar ou teria feito um buraco no idiota do tamanho do meu punho e batido nele."

Se eu não deveria sorrir para isso, não tinha certeza de como evitar.

"Ela estava me beliscando debaixo da mesa", Ben me conta, como se isso me surpreendesse. Mas não surpreende.

Essa é a minha mãe. Minha defensora para todo o sempre.

"Sinto muito por isso, Jas", o quarto marido da minha mãe murmura.

"Está tudo bem."

"Não está nada bem." Mamãe se vira para me encarar novamente. "Você é uma atleta de categoria mundial, e ele faz parecer que você é algum tipo de... garotinha que faz isso por diversão nos finais de semana. E eu apenas fiquei lá sentada, morrendo por dentro enquanto minha Grumpy saía chateada."

"Mamãe..."

"Não quero vê-lo. É melhor não vê-lo novamente enquanto ele estiver aqui. Melhor não vê-lo novamente por mais uma década. Ruby pode sair com ele depois disso. É melhor que ele não espere que você vá se encontrar com ele."

"Ele não quer passar mais tempo comigo, mãe. Não é grande coisa. Até mesmo o jantar foi difícil, e eu me arrependo. Obviamente."

Ela pisca para mim aqueles grandes olhos azuis que tem o poder de enfraquecer os homens.

"Estou estressada. Não sei por que perdi a cabeça. Está tudo bem. Sobrevivi até hoje o encontrando apenas uma vez por ano por um dia; posso continuar com a minha vida da mesma maneira. Ele nunca esteve por perto de qualquer maneira. E não é como se realmente se importasse ou perdesse o sono. Só eu."

Minha mãe apenas pisca um pouco mais.

Não gosto que ela olhe tanto para mim, especialmente quando sei que pareço uma merda. "Mãe, coloque seu cinto de segurança."

Ela não se mexe. Então diz, "Jas... você sabe que seu pai te ama, não é?"

De onde diabos veio isso?

"Ele não ama ninguém mais do que você", ela continua.

Quase rio. Quase. Mas consigo apenas olhar para ela, não concordando ou discordando, porque não quero mais falar sobre isso. Eu não quero mais falar sobre ele.

E não quero nenhuma pena. Pelo menos, não mais.

Minha mãe se aproxima e bate no meu queixo. "Ele estava sendo um idiota hoje à noite, mas ama você do jeito dele. Não mais nem menos que ninguém. Ele é apenas... sem noção. Burro. Mente fechada."

Dessa vez, eu não posso me segurar o rolo meus olhos quando recosto no assento. "Todo mundo sabe que Ruby é a favorita dele, mãe. Não é grande coisa. Sempre soube disso."

Sua carranca é genuína. "Porque você pensaria isso?"

Eu rio. "Quando foi a última vez que me comprou uma passagem para ir vê-lo? Todos os anos, ele mandou passagens para Ruby. Ele também mandou para Tali e Jojo algumas vezes. Mas para mim? Quando?"

Ela abre a boca como se quisesse discutir, mas apenas balanço a cabeça.

"Está tudo bem. Está muito bem. Não quero mais falar sobre isso. Estou bem com tudo isso. Eu sei que ele é mente fechada, e sei que acha que me ama do seu jeito. Mas eu cansei. Se não pode me aceitar por quem eu sou, não posso forçá-lo, e não vou mudar meus sonhos por sua causa."

Sua boca abre abruptamente, levemente, e ela balança a cabeça. "Oh, Jas..."

"Não quero falar sobre isso. Não quero. Nada é sua culpa. Isso é entre mim e ele. Não precisamos mais falar sobre isso", digo, fechando os olhos e encostando-me no banco.

E não falamos.

Mas eu ainda não posso deixar de sentir aquela tristeza que de alguma forma se mistura com determinação enquanto fico lá sentada.

Capítulo 18

"PODEMOS CONVERSAR?" A voz do meu pai soa atrás de mim.

Congelo enquanto me inclino contra os painéis, esperando por Ivan e a Treinadora Lee enquanto discutem se devemos mudar um salto ou não. Eu não me importo se vamos mudar ou não; vou deixar que decidam. Estou muito cansada e emocionalmente esgotada — seriamente... exausta da noite anterior — para me incomodar com uma discussão. Então estou lá, observando-os, bebendo água a uma distância confortável.

Então não estava prestando atenção. Não vi meu pai dentro do LC, ou muito menos ele se esgueirando atrás de mim.

"Jasmine, por favor", ele pede calmamente quando viro para piscar para ele por cima do meu ombro. Papai tem um metro e oitenta e um no máximo, com uma constituição esguia e forte que sei que herdei. Aquele cabelo escuro, olhos escuros e pele que é de um tom bronzeado que poderia ter vindo de pelo menos uma dúzia de lugares no mundo.

Pareço com o meu pai. Nós compartilhamos todas as mesmas cores. A mesma estrutura.

Mas tenho todo o resto da minha mãe... porque ele não esteve por perto.

"Cinco minutos", ele pede baixinho, observando-me pacientemente.

Faz horas desde que o vi no restaurante e sei que seu tempo em Houston está acabando. Então, vai levar um ano até que o veja novamente. Possivelmente ainda mais. Não seria a primeira vez que ele viria a Houston e eu não o via.

Ele nunca chorou sobre isso, e eu parei muito antes de perceber.

Queria dizer a ele que tenho coisas melhores para fazer. Queria dizer-lhe para me deixar em paz. E talvez alguns anos atrás, teria feito exatamente isso se ele tivesse puxado alguma merda como fez no restaurante, na frente de Ivan e do resto da família.

Mas se aprendi alguma coisa no último ano e meio, foi que é realmente muito difícil viver com seus erros. Aprendi como é difícil enfrentá-los, e o

quanto é mais difícil de assumi-los. Todos fizemos coisas que nos arrependemos; todos já dissemos coisas de que nos arrependemos, e a culpa é um peso esmagador na alma de uma pessoa.

E eu quero ser melhor. Por mim. Não por mais ninguém.

Então assinto e não digo nada.

A respiração profunda que ele solta em alívio eu realmente não engulo tanto quanto poderia.

Dirigindo-me para a abertura no gelo, coloco meus protetores de patins e olho por cima do ombro para tentar chamar a atenção de Ivan. Mas ele ainda está muito ocupado conversando com Treinadora Lee. No chão, vou em direção às arquibancadas ao redor da parede. Sentando-me no meio de um banco, estico as pernas à minha frente e fico de frente para o rinque, observando meu pai sentar ao meu lado, mas a poucos metros de distância.

No gelo, Ivan se vira e está olhando para nós com uma carranca, do seu lugar além da treinadora.

Ivan não disse uma palavra durante o treino naquela manhã, e estou grata por ele decidir não mencionar meu pai, quanto mais o fato de ter me visto chorando por ele. Há um limite no que meu orgulho pode aguentar. Em vez disso, Ivan agiu como se nada de diferente tivesse acontecido, como se tudo estivesse normal.

Funcionou para mim.

"Jasmine", meu pai diz em um suspiro.

Continuo olhando para frente.

"Você sabe que eu te amo, certo?"

Amor é uma palavra estranha. O que diabos *é* amor? Todos têm uma opinião tão diferente sobre o que isso significa; é difícil descobrir como usá-lo. Há amor de família, amor de amigo, amor romântico...

Certa vez, quando eu era mais nova, a mãe de outro patinador viu minha mãe bater em mim na parte de trás da cabeça e ficou muito perturbada por causa disso. Mas para mim, era assim que estávamos juntas. Minha mãe me bateu porque fui espertinha e mereci isso; eu era dela e ela me amava. Principalmente, minha mãe sabia que eu não reagia a assobios e ameaças.

Galina sempre foi do mesmo jeito comigo. Ensinou-me controle e responsabilidade. Não aceitou minha impertinência. Ela me bateu na parte de trás da cabeça também.

Mas a coisa é: nunca duvidei que elas quisessem o melhor para mim. Queria honestidade. Precisava que elas me amassem mais do que eu, porque queria ser melhor. Eu queria ser a melhor.

Nunca quis que alguém me tratasse feito criança. Não precisava disso; isso me deixava desconfortável. Fazia-me sentir fraca.

Amor para mim é honestidade. Ser verdadeiro. Conhecer alguém no melhor e pior. O amor é um empurrão que diz que alguém acredita em você quando você não acredita.

O amor é esforço e tempo. E quando deitei na cama na noite anterior, percebi que talvez fosse por isso que lidei tão mal com as coisas meses atrás, quando minha mãe fez parecer que eu amava patinar mais do que a ela. Porque eu sabia como era não ser importante para alguém.

Guardei esse maldito rancor no coração com fita adesiva e supercola, o tempo todo sendo uma completa hipócrita.

"Oh, Jasmine", meu pai sussurra, soando triste quando não respondo sua pergunta. Com o canto do olho, o vejo esticar sua mão para mim, cobrindo a minha.

Não posso deixar de enrijecer e é impossível não perceber que meu pai nota e faz o mesmo.

"Eu te amo. Eu te amo muito", ele diz suavemente. "Você é meu bebê..."

Eu bufo; não me deixando sugar por suas alegações de amor.

"Você *é* meu bebê", meu pai insiste, a mão ainda descansando na minha.

Tecnicamente, sim.

Mas eu não sou. E todos sabem disso. Ele está apenas em negação, tentando se sentir melhor.

"Quero o melhor para você, Jasmine. Não vou dizer que sinto muito por isso", ele diz depois que não respondo.

Ainda me recuso a olhar para ele enquanto digo, "Eu sei que você quer o melhor para mim. Entendo isso. Esse não é o problema."

"Então qual é o problema?"

No gelo, Ivan começa a fazer voltas muito preguiçosas, seu olhar em permanecendo meu pai e em mim, não importa onde esteja. Ele está observando, para ter certeza de que está tudo bem. Não duvido que se eu precisar dele, irá patinar e se intrometer.

Mas não sou esse tipo de pessoa. Evitei lidar com isso o máximo que podia. Já é hora.

"O problema é que você não me conhece, pai."

Ele zomba, e viro a cabeça apenas o suficiente para finalmente encará-lo.

"Você não conhece. Eu te amo, mas você não me conhece ou me entende. Nem um pouco. Não sei se é porque sou uma chata ou se você simplesmente não gosta de mim."

Ele solta um suspiro de frustração que vou ignorar. "Por que você acha que não gosto de você?"

Eu pisco e tento afastar a sensação grosseira e decepcionada no meio da minha barriga. "Porque você não gosta. Quantas vezes passamos tempo juntos, só nós dois?"

A boca do meu pai fica aberta por um momento antes que a feche. "Você sempre estava ocupada. Você está sempre ocupada agora."

A resposta é: nunca. Nós nunca passamos tempo juntos sozinhos. Ele passou um tempo com cada um dos meus irmãos e cada uma das minhas irmãs, mas nunca comigo.

Eu estava ocupada. Mas ele nunca *tentou*. Ele nunca veio ao rinque para sentar-se na arquibancada e assistir meu treino, como todo mundo fez em várias ocasiões. E se ele se importasse, teria vindo.

Então controlo minha respiração, controlo minhas feições e boca para poder responder a ele e sem ficar brava. "Estou mesmo, mas nenhum de nós arrumou tempo para isso. Em quantas das minhas competições você foi nos últimos seis anos?"

Por alguma razão, não gosto do olhar de desconforto que surge em seu rosto. "Você parou de me convidar", ele alega.

A tristeza que ofusca cada outra tristeza que já experimentei em minha vida domina meu corpo inteiro, mas principalmente a metade superior dele.

"Parei de te convidar depois que você fez eu me sentir mal ao te pedir dinheiro. Eu me lembro. Você parou de ir a qualquer uma de minhas competições antes mesmo de eu ter dezenove anos. Lembro o que me disse na última vez, que foi: '*Talvez devesse se concentrar na escola, não é mesmo?*' Você se lembra de me dizer isso logo depois de eu ter conquistado o primeiro lugar? Porque eu lembro", eu o lembro, virando para frente novamente para ver Ivan entrar em um giro Shotgun — aquele agachado e segurando uma perna estendida sobre a base de apenas uma das pernas — apenas na metade da velocidade que normalmente executa o movimento. A tristeza em mim torna-se mais forte, mais espessa e talvez, de alguma forma, se transforma em

resignação. Resignação de que as coisas acabaram assim e não há nada que eu possa fazer sobre isso.

Meu pai não diz nada.

"Você sabe por que comecei na patinação artística?"

Há uma pausa e depois, "Foi numa festa de aniversário. Sua mãe te fez ir e você estava com raiva porque não queria."

Eu pisco porque é exatamente o que aconteceu. Eu mal conhecia a aniversariante, mas ela era filha do amigo da minha mãe. Apenas quando ela me disse que seria em um rinque como na série *Os Super Patos*, que concordei em ir, ainda reclamando o tempo todo.

Pelo menos até pisar naquele gelo e meu corpo simplesmente reconhecer o que fazer. "Como um pato na água", minha mãe falou do lado de fora.

"Isso é parte do porquê, mas não o que eu estava perguntando", digo, minha voz soando tão cansada quanto me sinto. Drenada, apenas terrivelmente drenada. "Comecei porque adorei. Desde o primeiro momento em que cheguei ao gelo, me pareceu a coisa certa. E quando não precisei mais segurar as barras, isso me deu uma sensação de... liberdade. Fez eu me sentir especial. Todo mundo naquele dia mal conseguiu se locomover, mas eu acertei assim", explico, estalando meus dedos. "E quanto melhor consigo, mais adoro isso. Nada me faz mais feliz do que a patinação artística. Sinto como se pertencesse a esse lugar. Você entende isso?"

"Sim ... mas você poderia ter praticado qualquer esporte."

"Mas eu não queria. Mamãe tentou me levar para natação, ginástica, futebol, karatê, mas tudo que sempre quis foi isso. É a única coisa em que sou boa e você não vê isso ou não consegue. Dou um duro danado. Arrebento minha bunda todos os dias por isso. Tenho que fazer qualquer coisa pelo menos mil vezes para fazê-la decentemente, apenas bem. Não sou uma desistente. Nunca fui uma desistente, e nunca serei uma desistente. Mas você não enxerga isso. Você não entende."

O homem ao meu lado solta um suspiro exasperado quando tira a mão da minha e leva a palma até a testa. "Eu só queria o melhor para meus filhos, Jasmine. Inclusive para você."

"Eu sei disso. Mas tudo que quero é que você me apoie. Nem todo mundo pode fazer o que faço, papai! É difícil. Isso é tão difícil..."

"Nunca disse que não era difícil."

Fecho minha mão antes de sacudi-la. Paciência. *Seja melhor*. "Sim, mas basicamente você disse que não está orgulhoso de mim."

"Nunca disse isso!"

"Você não tem que dizer quando tudo que faz é me dizer todas as coisas diferentes que posso fazer para ser... melhor. Para ter mais sucesso. Sei que não tenho usado todo meu potencial, não me esqueço disso, nunca. Nem por um minuto. Coloco pressão o suficiente em mim, todos os dias. Você tem ideia de como é difícil saber que você acha que sou uma decepção?"

Papai amaldiçoa e balança a cabeça. "Eu não acho que você é uma decepção!"

"Sim, mas você não acha que sou boa o suficiente. Não acha que *eu sou* o suficiente. Não quer perder tempo comigo. Você não quer ir às minhas competições. Não te ligo, mas você também não me liga! Tudo o que faz é dizer-me tudo o que posso fazer de diferente. Como se não por não frequentar uma faculdade, estivesse arruinada. Fosse um fracasso. Eu não sinto muito, pai. Não sinto muito, porque amo isso. Mas lamento não ter alcançado mais sucesso. Talvez você ficasse mais orgulhoso de mim se eu vencesse algo grande. Talvez conseguisse entender porque amo tanto isso e então pudesse ficar bem com isso."

Meu pai xinga novamente, desta vez ambas as mãos subindo para o rosto, esfregando-o.

Mas ele não nega que ficaria mais orgulhoso de mim se eu vencesse. Que talvez então ele estivesse bem com isso. Que abandonaria a pressão pela faculdade.

Minha cabeça começa a pulsar quase instantaneamente, e levanto-me, sabendo que terminamos aqui e que não há mais nada a dizer. Não olho exatamente para ele, mas fico de pé para que minha lateral fique onde ele está sentado, minha atenção voltada para frente, em uma das paredes que o LUKOV COMPLEX pintou. "Eu te amo, pai, mas não posso mudar quem sou e o que quero para minha vida. Sim, não sei o que diabos vou fazer quando não puder mais competir, mas vou descobrir. Não vou desistir do que amo só porque talvez não o tenha para sempre", digo a ele, triste e desapontada, mas um pouco aliviada também.

Naquele momento, meu pai tem as mãos na cabeça e está alternado entre suspirar e murmurar.

Quero tocá-lo, dizer que está tudo bem, mas não consigo. Não nesse momento.

"Tenha uma boa viagem de volta para a Califórnia, e diga à Anise e às crianças que mandei um oi", digo a ele, fechando minha mão ao lado do meu corpo.

Ele não olha para cima e não fico completamente surpresa. Minha mãe sempre diz que herdei meu ego dele. Não o conheço bem o suficiente para ter certeza. E é assim que as coisas são.

Sentindo-me um pouco enjoada, volto para o gelo, me debatendo se devo ou não contar à minha mãe que papai apareceu e tentou falar comigo.

Quando estou mais do que na metade da parede, ouço o som de lâminas no gelo ficando mais altas e, em seguida, o som agudo delas parando. Há apenas uma pessoa que faz este ruído. Então, não fico surpresa quando ouço "Boo."

Giro com tempo suficiente para ver algo vir voando para mim. Pego a coisa brilhante instintivamente e abro a palma da minha mão para encontrar um chocolate Hershey Kisses. Não olho para Ivan enquanto abro a embalagem, jogo o chocolate na boca e murmuro "Obrigada."

"Uh-huh", ele responde antes de ir, "Quer comer alguma coisa antes do balé? Vou cuidar da sua bunda amassada."

Não posso evitar o sorriso que atiro para ele, enquanto penso em quanto melhor eu desejaria que a conversa com meu pai tivesse ido, mas controlo o aceno que dou a ele depois.

"Vamos terminar isso, e então podemos ir."

"Ok."

Ele assente com aqueles olhos azuis em mim e diz, "Ok."

Vou ficar bem.

Eu vou.

Mas não tenho ideia do quão errada estou.

Voltando para o gelo, não consigo me livrar da sensação desconfortável no estômago que meu pai deixou. Talvez se ganhar alguma coisa nesta temporada, ele mude de ideia.

Mas se ele não mudar, o que farei? Implorarei que para me aceite? Foda-se isso.

"Vamos repassar essa parte com a combinação tripla lado-a-lado", Treinadora Lee grita quando me encontro com Ivan na frente dela.

Ele bate as costas da mão contra minha perna, e bato nele de volta.

Não preciso que meu pai me ame, digo a mim mesma. Não preciso. Nunca precisei. Vou fazer o que sempre quis fazer — *por mim*. Pela minha mãe. Por Sebastian, Tali, Jojo e Rubes. Farei.

"Tem certeza que está bem?" Ivan pergunta quando nos colocamos em posição.

Balanço a cabeça para ele, pensando em como irei bem por Ivan também.

"Tem certeza?" Ele pergunta.

Concordo novamente. Tudo vai ficar bem... e se não ficar, farei o melhor possível. Sei que dou tudo de mim e algumas pessoas simplesmente não nasceram para algumas coisas.

Ivan não parece exatamente acreditar em mim, mas acena de volta. Eu não penso no combo que vamos fazer — dois pulos com três giros cada um, de costas um para o outro.

Vou ficar bem. Não me permitirei ser menos, especialmente quando a temporada está prestes a começar.

A música começa algumas batidas antes de fazermos o salto. Eu posso fazer isso. Tudo vai dar certo.

Ivan e eu vamos nos sair bem. Ficaremos bem. Seremos incríveis.

Começamos junto com a música, alguns segundos antes dos dois saltos, com tempo suficiente para ganhar o impulso para entrar neles.

O primeiro Triplo Toe é tão bom quanto poderia ser. O equilíbrio está certo, a velocidade está certa, e pela minha visão periférica, vejo Ivan no lugar exato que precisa estar. Tudo vai ficar bem. Eu nasci para fazer isso. Cavando meu dedão no gelo para entrar no segundo Triplo Toe de nossa combinação de saltos, tenho minha lâmina oposta firmemente no gelo, e *subo* para outro.

Mas não estou concentrada. Não o suficiente. Tomei isso como garantido quando lembro a mim mesma que posso fazer essa merda de olhos fechados.

É quando tudo dá errado. Minha massa está errada... estou muito solta no meu lado esquerdo... não coloquei velocidade suficiente nisso — pensando que sou forte e tudo vai ficar bem — mas não fica. E no segundo que sei que algo está errado, tento desistir.

Mas espero muito tempo, quando tento me segurar e pousar no meu pé, em vez de apenas bater no gelo.

E sinto.

Sei no instante em que minha lâmina toca o chão que estou fodida.

Sei que o pouso vai ser ruim.

Mas não há como saber quão ruim será. Não até que o resto do meu peso desce, e então, percebo como tudo está ferrado, quão fora do centro o resto do meu corpo está. Mais tarde, poderia olhar para trás e ver que foi apenas uma trapalhada gigante. Meu pé estava na posição errada, meu peso na direção oposta e meu tornozelo tentou o melhor possível, mas não conseguiu fazer o impossível.

Sinto meu pé cedendo debaixo de mim. Sinto meu corpo tentar compensar, mas só consegue acertar o gelo... *caralho*. Cacete. Puta merda. *Puta merda*.

Não dói até que já estou com minha bunda no gelo, segurando a área logo acima do meu tornozelo sobre o couro da bota. Há tanta adrenalina em meu corpo que estou em choque. Mas sei, sei que algo está errado enquanto a música do nosso programa continua tocando ao fundo e eu me sento lá, uma dor forte, latejando em meu tornozelo.

Com o canto do olho, posso ver onde Ivan parou logo depois de aterrissar, provavelmente tendo entrado na próxima sequência de pés antes de perceber que não estava ao seu lado como deveria estar. Como sempre estou.

Na minha cabeça, posso imaginar seu rosto quando ele percebe que não estou ao seu lado como treinamos mil vezes no passado. Posso imaginar seu rosto quando percebe que estou fodida. Posso imaginar o rosto dele olhando para mim confuso sobre o porquê não estou conseguindo ir atrás dele, como costumo fazer quando um salto dá errado e pouso corretamente.

Mas eu caí.

Não estou com dor insuportável, mas sei que há algo errado.

Sei que há algo errado, e sei que preciso me levantar porque temos muito trabalho a fazer. Devemos trabalhar para zerar essa merda. Nós devemos aperfeiçoar tudo isso.

Preciso me levantar.

Levante-se, Jasmine. Levante-se. *Levante-se, levante-se, levante-se, levante-se. Respire fundo e levante. Conclua isso*.

Ainda agarrando meu tornozelo, aquela voz me leva a tentar rolar sobre o joelho oposto para levantar. Tenho que me levantar. Temos detalhes a acertar. Posições dos dedos para aperfeiçoar.

Eu posso fazer isso. Posso levantar. Sempre patinei, apesar de hematomas ósseos, fraturas e pequenas entorses.

Então rolo para o joelho, tentando ouvir a música e descobrir onde estamos para que possa me recuperar. Mas assim que chego ao meu joelho e começo a

puxar a perna sobre a qual caí de mau jeito, uma dor que raramente senti na minha vida, varre através do meu corpo.

Abro minha boca... e nada sai.

Não percebo que meus braços cederam até que o gelo esteja no meu rosto e ouço alguns gritos horripilantes vindos ao meu redor, e a próxima coisa que sei, é que algo está tocando meu ombro, me fazendo rolar para que possa deitar de costas. E a próxima coisa que vejo é Ivan de joelhos ao meu lado, seu rosto pálido e de alguma forma vermelho ao mesmo tempo. Seus olhos estão enormes. Acho que sempre me lembrarei disso.

Não consigo levantar. *Eu não consigo me levantar*.

E meu tornozelo...

"Jesus Cristo, Jasmine, *deite-se porra!*" Ivan grita no meu rosto, deslizando algo ao redor dos meus ombros, seu peito pressionado contra o meu ombro enquanto reconheço tardiamente que nossa música ainda está tocando. Nós estamos usando o tema de *Van Helsing*. Fiquei muito empolgada, apesar bancar a relax. Fiquei tão aliviada que essa foi a música que Ivan escolheu. Dei-lhe alguma merda sobre isso, mas só porque é o que faço com ele.

"Pare de tentar se levantar!" O homem ao meu lado grita novamente, sua voz falhando, seu rosto... frenético.

"Deixe-me tentar", consigo murmurar. Parece que meu cérebro tem algum tipo de atraso de trinta segundos para o que quero dizer e o que realmente digo. Tento rolar, tento mexer a perna, mas a dor...

"Pare com isso, porra, pare com isso", ele late para mim, sua mão esquerda descendo para segurar meu joelho, acariciando minha coxa.

Sua mão está tremendo. Por que sua mão está tremendo?

Não consigo me levantar. Eu não consigo me levantar.

"Jasmine, pelo amor de Deus, pare de tentar se levantar", Ivan grita para mim, suas mãos indo para todos os lugares e lugar nenhum, mas não posso ter certeza porque parece que alguma coisa está rugindo em meus ouvidos, e a dor abaixo do meu joelho está ficando pior, pior, pior.

"Está tudo bem. Dê-me um minuto", falo, tentando levantar minha perna ruim só para ele segurá-la, apertando minha coxa dolorosamente.

"Pare com isso, Jasmine, porra, pare", ele exige, sua mão acima do meu joelho. "Nancy!" Meu parceiro grita para algum lugar, mas não tenho certeza da direção, porque acho que comecei a olhar para a minha perna...

Fiz algo ao meu maldito tornozelo.

Fiz alguma coisa na porra do meu tornozelo.

Não, não, não, não, não.

Nem percebo que abri minha boca até que Ivan sussurra com uma voz rouca no meu ouvido, "Não chore. Não se atreva a chorar agora. Você está me ouvindo? Você não vai chorar no gelo, em público. Aguente. Aguente. Nem uma lágrima, Jasmine. Nem uma única lágrima. Você está me ouvindo?"

Respiro fundo; meus olhos ficando vítreos e tudo ficando embaçado.

Estou tremendo?

Por que sinto que estou prestes a vomitar?

"Não se atreva", ele sussurra novamente, o braço em volta dos meus ombros, me apertando. "Você não quer que ninguém veja você chorando. Aguente, baby, apenas aguente aí..."

Eu não sei o que diabos ele está dizendo ou porque está dizendo isso, mas por alguma razão, apenas prendo a respiração. Prendo a respiração quando a Treinadora Lee escorrega no gelo do meu outro lado, rapidamente flanqueada por um corpo que reconheço como sendo o de Galina e outra treinadora. Eles me circulam, me cercam.

Fazem perguntas, tento responder, mas ouço Ivan responder por mim.

Porque não consigo respirar. Não consigo falar. Não consigo chorar.

Tudo o que posso fazer é olhar em volta, para onde minha bota branca está, mal conseguindo enxergar, e pensar, pensar, pensar, pensar.

Eu estraguei tudo.

Fodi tudo.

Eu fodi com tudo completamente.

Capítulo 19

"O QUE você acha que está fazendo?"

Parando na metade do número 108, não preciso olhar para o lado para saber quem está ali. Reconheceria aquela voz irritante, condescendente e mandona em uma multidão de mil pessoas. Apenas uma pessoa pode me provocar tão facilmente fazendo uma pergunta.

"Cuidando da minha própria vida. A única coisa que você não sabe como fazer", murmuro, levantando o pouco que deixei para manter meu treino de abdômen funcionando.

"Jasmine", vem o tom agudo de Ivan novamente.

Eu o ignoro. Voltando para outra elevação, observo pelo canto do olho quando ele fecha a porta atrás de si.

Faço outra elevação quando ele vem andando em minha direção, aqueles pés grandes em tênis azuis brilhantes pousando a centímetros do meu lado.

Não olho para ele e não vou olhar. Sei o que ele está olhando. Não é o meu corpo que está coberto de suor que ele está de olho, e definitivamente não é o fato de que uso um short de basquete bem solto, que pertence ao meu irmão, e que está no alto das minhas coxas. O fato de eu vestir apenas um sutiã esportivo não tem nada a ver com o que ele quer focar também.

Ele está olhando para a bota ortopédica que está no meu pé esquerdo. O pé esquerdo que apoiei em um travesseiro ao lado do direito, que está plantado no chão, com o joelho dobrado. A bota preta que é uma recordação, a cada minuto do meu dia, de que fodi com tudo e fodi tudo pra cacete.

Faço mais quatro elevações, olhando diretamente para o teto.

Engulo com tanta força que minha garganta dói.

Fiz a mesma coisa tantas vezes nas últimas duas semanas, que estou surpresa de ainda poder falar. Não que eu tenha falado muito desde que fui dispensada da sala de emergência. Não estou fazendo muita coisa além de malhar em meu quarto, assistindo a filmagens de Ivan e eu *antes*, e dormindo.

A ponta do sapato de Ivan cutuca minha costela e a ignoro.

"Jasmine."

"Ivan", digo, fazendo minha voz soar tão intransigente quanto a sua.

Ele me cutuca novamente. E novamente, não faço nada.

Ele suspira. "Você vai parar para que possamos conversar ou o quê?"

"Prefiro não parar", respondo, forçando-me a manter meu olhar longe dele.

Eu não deveria ficar surpresa quando ele rapidamente cai em um agachamento profundo, pairando apenas ao meu lado, tão perto que não há como ignorá-lo. Infelizmente. Porque quando subo para fazer outro abdominal, a palma de sua mão vai para a minha testa e gentilmente empurra minha cabeça para baixo, de modo que fico deitada de costas.

Olhando em volta e passando por ele, concentro-me no ventilador de teto.

"Meatball, já chega", ele diz, a mão ainda no meu rosto.

Espero um segundo e tento subir novamente, mas ele deve esperar por isso, porque não consigo nem sair um centímetro do chão.

"*Chega*", ele repete. "Pare. Fale comigo."

Falar com ele?

Isso consegue fazer meu olhar voar em sua direção, absorvendo aquele rosto que não vejo há mais de duas semanas. Aquele rosto que me acostumei a ver seis dias por semana, mas de alguma forma se tornou mais ou menos sete dias por semana por causa do tempo extra que passamos juntos. Aquela cara que da última vez que vi, estava ao meu lado quando me sentei em uma mesa de exame, ouvindo o médico dizer que, na melhor das hipóteses, poderia estar de pé em seis semanas. *Mas sem promessas*. *Grau 2 entorses para o seu ligamento talofibular anterior e seus ligamentos calcaneofibulares são problemáticos*, o médico avisou antes de informar o tempo de recuperação para mim.

Oito semanas nunca pareceram muito tempo antes.

Especialmente quando você não pode se perdoar por ser uma idiota imprudente.

Preciso de todo meu autocontrole para perguntar-lhe, mantendo minha voz firme, "Sobre o que você quer conversar?"

Ele olha para mim, aqueles olhos acinzentados, tão intensos como sempre, e observo seu peito se expandir com uma respiração que sei que é estável. Ele está aborrecido.

Para seu azar, estou mais irritada ainda.

"Tentei te ligar", ele diz, como se eu não soubesse que ele me ligou pelo menos seis vezes por dia durante os últimos doze dias. Só hoje, ligou duas vezes. E como toda vez que meu telefone toca, não atendi. Eu não atendi. Nem

uma vez. Ninguém. Não meus irmãos, nem meu pai que saiu momentos antes da minha queda, nem a Treinadora Lee, nem Galina. Ninguém.

Mantenho meu olhar firme nele enquanto respondo. "Não estou com vontade de falar. Nada mudou. Não vou tirar a bota pelos próximos dois dias."

E então, depois que o médico me der o ok para tirar a bota ortopédica, a substituirei por uma tala de tornozelo com compressão graduada. O fisioterapeuta que esteve me orientando nos últimos nove dias disse estar otimista que eu estava curando "*muito bem*."

Mas bem nunca foi bom o suficiente para mim.

Especialmente quando a culpa é minha, de agora estar nessa situação.

Mas Ivan pisca, e suspira de novo, e sei que ele está muito perto de perder a cabeça. A coisa é: eu não me importo. O que ele vai fazer? Gritar comigo? "Sei que nada mudou, otária."

Esse idiota...

"Pegue suas coisas. Você vem comigo."

É minha vez de piscar e depois olhá-lo fixamente. "O que?"

Um longo dedo indicador me cutuca na testa. "Pegue suas coisas. Você vem comigo", ele repete, demorando-se em cada palavra. "Você machucou seu tornozelo, não os ouvidos."

"Não vou a lugar nenhum com você."

"Sim, você vai."

"Não, não vou."

O sorriso que passa por sua boca basicamente me assusta e instantaneamente me deixa cautelosa. "Você vai."

Olho diretamente para ele, ignorando a sensação estranha em minha barriga quando faço isso.

Aquele sorriso assustador não deixa seu rosto. "Você não saiu do quarto em duas semanas, exceto para ir à fisioterapia."

Não digo nada.

"Parece que você não toma banho há duas semanas."

Tomei, sim. Dois dias atrás.

"Você tem dormido?" Aquele dedo dá à minha testa outro cutucão. "Você parece uma merda."

Isso que me faz gritar, "Sim, eu tenho dormido." Ele não precisa saber de nada com muitos detalhes.

Ele não parece acreditar em mim, mas ainda diz, "Você precisa sair daqui."

"Por quê?" Pergunto antes que possa me impedir, soando tão brava quanto me sinto.

"Porque não há nenhum ponto em você ficar deprimida aqui, agindo como *GI Jane*, malhando aleatoriamente, Jesus Cristo, Jasmine."

Isso me faz bater sua mão para longe do meu rosto e sentar-me ereta, girando minha parte superior do corpo apenas o suficiente para encará-lo nos olhos. "Eu não estou deprimida, imbecil. Tenho malhado. Não posso simplesmente sentar, descansar e me deixe levar."

"Você não está malhando para que não *se deixar levar*. Você está malhando porque está chateada e de mau humor. Acha que não te conheço?"

Abro minha boca para dizer que *não*, não estou malhando por esse motivo, mas ele saberia que estou mentindo. Em vez disso, respondo, "Não estou de mau humor. Não joguei nada em cima de ninguém. Você não pode dizer que estou de mau humor, se não estou sendo malvada com outras pessoas."

"Tudo bem, então como você chama quando está apenas sendo malvada consigo mesma?"

Odeio quando ele me pergunta coisas que não sei como responder.

O rosto de Ivan se contorce em uma expressão frustrada. "Sua mãe te convidou para fazer algumas coisas, e você a ignorou."

"Não a ignorei. Apenas disse que não." Pisco e sinto outra onda de irritação. "Ela tem me delatado para você?" Quando? Como?"

"Isso ainda é rude e malvado", ele explica. "E seus irmãos e irmãs tentaram ligar, mas você também está ignorando suas ligações. Aposto que Galina ligou e você também não atendeu."

É verdade. Tudo é verdade. Mas não estou prestes a admitir ou negar isso.

"Você não está fazendo essa merda para si mesma, Jasmine", ele me avisa. Como se tivesse tomado essa decisão por mim e eu fosse escutar pra caralho.

Ele pode dar o fora.

Algo incha em mim que quase tira meu fôlego. "Eu não estou fazendo nada comigo mesma, Ivan. Estou cuidando da minha vida. Distraindo-me. Não vejo nada de errado com isso. *Estou me curando. Descansando*. Como todos disseram para eu fazer."

O piscar de olhos que ele me dá faz com que me sinta meio mal. Mesmo. Mas antes que possa pedir desculpas por descarregar nele, Ivan volta a franzir a testa. "Não faça birra comigo. Nós dois sabemos que você está se escondendo, e não vou deixa-la fazer isso sozinha. Esperei que você se livrasse dessa

depressão por conta própria, já que você percebeu que não houve rompimento total dos ligamentos e também não teve uma fratura, como ficamos tão preocupados... Mas você não saiu dessa, então vou te arrastar se for preciso. Cansei de esperar que você pare de agir como um bebê, e não vou te dar nenhuma folga, mesmo sendo a primeira vez que você esteja agindo desse jeito."

Não é a primeira vez faço uma merda dessas. Ele não me viu quando Paul foi embora. Foi muito ruim, mas desta vez parece pior.

Eu o cutuco na testa da mesma maneira que ele fez comigo e digo uma coisa. "Não."

Ivan pisca aqueles olhos azuis brilhantes, suas pálpebras penduradas sobre eles, e diz, "Jasmine, você vai se levantar, sair desta casa e irá para a minha. Você vai fazer isso por conta própria, ou farei isso por você. Você escolhe."

"Não vou sair de casa."

Ele balança a cabeça. "Você vai sair de casa."

"Eu não vou sair de casa."

"Sim, você vai. Escolha. Você faz ou eu te obrigo."

Eu o cutuco na testa novamente. Duas vezes. "Não."

Suas narinas inflam. "Vou contar até cinco, e você tem que tomar uma decisão até lá, ou vou escolher por você, e você sabe o que eu vou escolher."

"Ivan, eu não quero ir com você."

"Não dou a mínima. Você poderia ter saído com mais alguém da sua família, mas não o fez, então agora tem que vir comigo."

Raiva me enche em algum momento. Instantaneamente, e eu assobio, "Não, eu não vou, porra!"

Aparentemente, não sou a única a ficar chateada, porque ele assobia de volta, "Sim, você vai, caralho!"

"Eu não quero ir com você! Por que é tão difícil entender? *Eu não quero estar perto de ninguém agora ou tão cedo*", estalo, soando como uma imbecil, isso me faz tremer por dentro.

Suas pálpebras balançam ainda mais para baixo sobre os olhos, de modo que mal estão abertos. "Por que? Você me superou agora?"

Empurro minha cabeça para trás. "Superar? Do que diabos você está falando?"

Aquela sua mandíbula angular fica apertada. "Você me superou? Você está chateada comigo e não quer mais ser minha parceira?"

Do que diabos ele está falando? Fico de boca aberta para ele. Pisco. Então fico boquiaberta um pouco mais, porque o que diabos há de errado com ele? "Eu não entendo o que você está tentando dizer, Ivan."

Suas narinas dilatam e seus olhos ficam bem fechados quando pergunta, "Você não quer mais ser minha parceira?"

"Por que eu não iria querer mais ser sua parceira?" Pergunto a ele, parecendo irritada.

"Por causa do que aconteceu!" Ele grita.

"Por que eu não quereria ser sua parceira? Porque caí como uma idiota? Como seria sua culpa, idiota?"

Quando seu rosto começa a ficar rosa, eu não tenho ideia. Mas quando percebo, ele está todo rosado. "Porque eu percebi que você estava distraída e não lhe dei a chance de se concentrar. Eu pousei muito perto de você."

Ele está mesmo se culpando? "Você não pousou tão perto de mim, seu estúpido."

Ele me lança um olhar que poderia ter queimado minhas sobrancelhas. "Eu caí, Jasmine. Caí muito perto de você."

"Ah, cale a boca. Não, você não caiu. Pousei errado porque estava distraída. Porque ferrei tudo. Isso não foi sua culpa."

Ele olha para mim com tanta intensidade que faz a minha pressão subir. Por que pensaria algo tão estúpido? Por que se culparia? Como isso faz algum sentido?

"Você realmente pensou que eu não queria te ver porque estava te culpando?" Cuspo, olhando para ele como se fosse um idiota, porque ele é.

Ele ainda olha para mim, dizendo que a resposta é sim.

"Você é tão idiota."

"Eu sou idiota? Então por que não atendeu seu telefone?"

É minha vez de fechar o rosto e a boca, e encolher os ombros.

"Não. Você não pode dar de ombros e pensar que é uma resposta suficiente. Eu te liguei várias vezes. Pensei que estivesse chateada comigo. Pensei que não atendeu porque estava com raiva de mim, então agora quero saber por que você não fez outra coisa além de se culpar por ter se distraído."

Reviro os olhos e desvio o olhar, balançando a cabeça. "Não importa."

"Isto é importante. Isso importa muito."

Levanto meus ombros novamente.

"Jasmine."

Por que ele não pode simplesmente me deixar em paz?

"Jasmine."

Por que pensaria algo tão estúpido?

"Jasmine."

Solto um grunhido e me viro para ele, assobiando, "Porque o que diabos diria a você, Ivan? Eu sinto muito? Eu sinto muito, porra? Que não queria torcer meu tornozelo e estragar *tudo*?" Basicamente grito para ele. O horror me enche da ponta da língua até o fundo da minha barriga. Por que estou gritando com ele? E por que diabos estou dizendo isso? Como se ele não soubesse?

Sua boca se abre e ele olha para mim como se tivesse lhe dado um soco no estômago. "Jasmine..."

"Sinto muito, Ivan", grito, horror e impotência pulsando através de meu corpo. "Estraguei tudo. Eu continuo ferrando tudo. Não sei por que estou gritando com você. Você não fez nada. Fui eu." Minha voz falha, e sinto minha mão se fechar em punho. "Estraguei tudo. Foi minha culpa. Não sua."

Posso sentir um grito chegando, entupindo minha garganta. Rasgando-me de dentro para fora. E odeio isso. Eu não quero que saia.

"Pare com isso", ele diz, lentamente, os olhos saltando por todo meu rosto, ainda parecendo que estão em estado de choque. "Pegue suas coisas. Você vem comigo."

Olho em seus olhos e respiro fundo. "Não."

"Não. Você quer fazer as pazes comigo? Empacote suas coisas, para alguns dias e venha comigo. Não vou sair daqui sem você, e vou te levar chutando e gritando. Se gritar algo sobre ser sequestrada, direi a qualquer um que possa me ouvir que você está drogada."

Olho para ele.

"Você me deve as próximas seis semanas, Jasmine. Junte suas coisas agora. Estamos indo."

"Ivan ..."

Ele olha para mim.

Raiva e dor retorcem meu interior em mil nós. "Eu realmente sinto muito."

É sua garganta balançando que me chama a atenção. Sua resposta é lenta, "Eu sei."

Fodi tudo. Isso faz meu peito doer. "Eu não queria."

Sua garganta volta a balançar. "Eu sei."

"Fiz aquele pouso perfeito mais de mil vezes."

Novamente. “Eu sei, Jasmine.”

“Não sei o que aconteceu.”

Se não fosse pela respiração no meu queixo, não saberia que ele soltou uma respiração longa e baixa. “Sei que você não queria”, ele basicamente sussurra, tão à vontade e tão diferente do jeito que acabou de falar comigo um segundo atrás.

Quase engasgo. *Quase*. “Prometo que farei o que for preciso para melhorar.”

Mas é Ivan quem engasga. Ivan, que pisca, uma, duas, três, quatro, cinco vezes, rápido, rápido, mais rápido. Seus cílios se agitam com a rapidez com que ele faz isso. Como se algo estivesse preso em sua garganta e que ele não pudesse fazer nada.

“Tudo e qualquer coisa. Eu juro. Sei que teremos que pular a maior parte da Discovery Series e da WHK, mas talvez ainda possamos participar do Skate North America...”

São as mãos dele que me interrompem. Aquelas mãos com as quais estou tão familiarizada, que sou capaz de diferenciar entre uma multidão por aí. As mãos que seguraram as minhas e a mim tantas vezes que não posso enumerar.

Mas elas nunca seguraram meu rosto antes. Pelo menos não do jeito que seguram agora. Porque as palmas das mãos estão no meu rosto e o envolvem.

E então ele me interrompe.

Com a sua boca.

Seus lábios pressionam os meus. Disparam para os meus. Cobrem-os. Com força.

E então ele beija meu lábio superior entre os dele enquanto ainda estou tentando descobrir *o que diabos está acontecendo*.

Ivan está me beijando.

Me beijando.

Sua boca vai para os meus olhos de repente, e ele pressiona seus lábios em uma das minhas pálpebras, depois a outra, rápida, esvoaçante, tão leve que mal posso sentir. Uma sobrancelha e depois a outra. E eu apenas fico lá.

Fico lá e não me afasto nem o afasto ou digo para parar.

Sua boca passa por minhas bochechas, quente e tudo de maravilhoso no mundo. “Você tentou se levantar”, ele diz para mim em uma voz tão baixa que mal compreendo suas palavras. “Você tentou se levantar e continuar patinando, e juro que quase comecei a chorar naquele momento.”

Ele beija uma bochecha e depois a outra, então sua boca roça a ponta do meu nariz enquanto ele se move.

"Só você seria capaz de torcer a merda do tornozelo e tentar se levantar para continuar", ele diz para mim, sua voz meio engasgada. "Você ficava dizendo, *sinto muito, Ivan. Desculpe-me, Ivan. Eu sinto muito*, e eu disse a você para calar a boca, porque se continuasse dizendo isso, teria sido eu que..." Sua respiração sai entrecortada e agitando meu rosto, e suas mãos se movem das minhas bochechas. Para meus ouvidos.

Sua boca se desloca sobre a minha, roçando-a, tão leve e docemente, que algo em mim se aperta.

Amigos podem se beijar em alívio. Ele não está empurrando a língua na minha boca ou me apalpando. Ele está feliz por eu estar bem. Ele está apenas me beijando porque... porque não?

Ele se importa comigo.

As pessoas se beijam por muito menos, se conhecendo há pouco tempo.

Deixo Ivan beijar os lugares que quer, dizendo a mim mesma que está tudo bem, que ele está com medo por mim, porque está. Está. E com esse pensamento, tudo o que posso focar naquele momento é em suas palavras. Sua mágoa. Toda a merda que causei.

"Eu sinto muito. Eu sinto tanto", repito, porque sinto mesmo. Estou tão triste que me machuca que estejamos aqui. Dói em mim, saber que o decepcionei. "Você já teve que desistir de alguns eventos antes por mim, e agora estou te fazendo fazer isso. Desculpe, Ivan. Eu não queria cair."

A cabeça de Ivan treme na minha frente. "Pare de dizer isso."

"Mas eu sinto", sussurro. "Foi minha culpa."

"Foi um acidente", ele termina por mim, bruscamente. "Não há nada para se desculpar por causa disso."

"Mas eu arruinei..."

"Você não arruinou nada. Cale a boca", ele diz.

"Nós estamos fora por mais seis semanas, se tudo correr bem", eu o lembro, como se ele não soubesse.

"Por dois meses no total, Jasmine. Não a temporada inteira. Não para sempre", ele também diz, como se eu não soubesse disso.

"Mas trabalhamos tão duro."

"Meatball, isso não importa."

Respiro fundo, lembrando-me de como estamos perdendo tempo no único ano que passaremos juntos. Menos oito semanas que terei em torno desse homem que significa tudo para mim. Antes de ele me deixar por outra pessoa e então, estarei sozinha, capitã do meu próprio destino, ou seja, lá como isso é chamado.

E pisco.

"Não comece. São apenas dois meses e estamos indo muito bem. É fácil para nós. Muito fácil." Ele pressiona seus lábios quentes de algodão-doce rosa nos meus como se tivesse feito isso mil vezes antes e como se fosse fazer isso mil vezes novamente. "Se alguém pode se recuperar em seis semanas, é você."

Voltarei. Claro que sim. Mas não posso dizer as palavras então, enquanto olho naqueles olhos, nossos rostos a centímetros um do outro. Tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça. E depois de um instante, depois de cinco, digo, "Nós vamos vencer."

Seu olhar fica ainda mais intenso, quando ele diz, sem hesitação, "Você está certa, vamos sim." Ele aperta sua boca, tão rápido, tão forte contra mim, que não tenho a chance de reagir até que ele se afasta. Um centímetro e diz, com a voz rouca, seus dedos se enfiando nos cabelos úmidos logo acima da minha nuca. "Vou arrastá-la de volta ao gelo, se for preciso, Jasmine. Juro pela minha vida."

Algo em suas palavras me faz tremer por dentro. Talvez seja a convicção. Talvez a raiva. A paixão. A realidade de que ele não está me deixando nenhum espaço, exceto para fazer o que ele diz.

Principalmente, algo completamente diferente.

Eu o amo.

Eu amo tanto esse homem que perdê-lo vai quebrar meu coração frio e morto em tantos pedaços que terei que colocá-los na mesma caixa em que mantenho meus sonhos e os levarei comigo para sempre.

Não quero que alguém bata na minha bochecha e me diga que tudo ficará bem. Quero esse homem que nunca aceitará minha merda, que nunca me deixará desistir, e tenho a sensação de que nunca desistirá de mim. Nunca. Nem se eu gritar, nem se eu chutar, nem se eu lhe disser para ir comer mil e tantos montes de merda.

Este é meu parceiro. É mais do que meu parceiro. Ele é minha outra metade.

E a única coisa que posso fazer para agradecer-lhe por este presente que me deu, essa convicção de achar que sou invencível, é me certificar de que venceremos.

Darei a ele a coisa que ele quer para mim em primeiro lugar.

Darei a ele o meu tudo, caralho.

Capítulo 20

Outono

SE EU PUDESSE DESCREVER as próximas quatro semanas da minha vida com uma conversa, teria sido assim:
Ivan: "Fique quieta."
Eu: "Não"
Ivan: "O que acha que está fazendo? Você quer ficar saudável ou o que? *Pare de andar por aí*."
Eu: [Tentando andar normalmente — mas fracassando — na sala de estar com uma nova tala] "Deixe-me em paz."
Ivan: "Nunca vou te deixar em paz. Venha aqui, sente essa sua bunda teimosa e eu pegarei pra você o que quiser."

Capítulo 21

TENHO CERTEZA que não imaginei as palavras que saíram da boca daquela médica maravilhosa, mas preciso ter certeza.

"Então... estou liberada para voltar a patinar?" Pergunto a ela. Porque tenho que ter certeza. Preciso ter certeza.

A médica assente, sorrindo, olhando para mim como se entendesse o quanto estou oscilando e o quanto suas palavras significam para mim. "Você está tão curada quanto poderia estar."

Excitação, alívio e nervosismo se espalham por mim. Mas tenho que perguntar. Só mais uma vez. "Tem certeza?"

O sorriso da médica fica mais largo quando os seus olhos deslizam para o lado brevemente antes de dizer, "Sim."

Uma mão pousa no meu ombro, áspera, dando uma sacudida que posso sentir nos meus dentes, e não posso deixar de sorrir para Ivan. Ele já tem a outra mão ao meu lado, e bato minha palma contra a dele, ligando nossos dedos e dando-lhe uma sacudida. Sua cabeça se move para frente, seu queixo pousando no meu ombro, bochecha a bochecha. Seu peito na parte de trás das minhas costas.

"Conseguimos, Meatball", ele diz, abraçando-me, dizendo-me com seu corpo que vamos participar do Skate North America, a próxima competição para a qual nós — ele — fomos convidados.

Nós podemos fazer isso.

Vamos ter outra chance.

Capítulo 22

FOI UMA coisa boa que ninguém me disse que tirar oito semanas no início da temporada, seria fácil, porque não foi.

Absolutamente não foi.

As últimas duas semanas foram as mais exaustivas da minha vida, e isso inclui o mês em que eu estava voltando para o LC para trabalhar até a meia-noite. Mas desta vez, não estava sozinha. Tive meu melhor amigo comigo o tempo todo.

E aproveitei cada momento suado, cansativo, frustrante e doloroso.

Especialmente, agora, enquanto olho pela janela da van que pegou Ivan, eu e seis outras equipes de pares com seus treinadores, para nos levar para a instalação onde amanhã estaremos competindo. Alívio, como não sabia que tinha em mim, inunda meus pulmões, libertando-os, enquanto observo o prédio gigante decorados com muitas faixas. SKATE NORTH AMERICA, DE 23 A 26 DE NOVEMBRO. Uma delas até tem Ivan —sozinho —logo depois do pouso de um salto no ano anterior.

Nós estamos aqui e é real.

Estamos prontos.

Ivan está mais quieto do que o normal nos últimos dias, enquanto fizemos tantas correções de última hora quanto possível no LC. Pegamos um voo para Lake Placid dois dias antes, para o caso do inverno piorar, mas isso não aconteceu. A Skate North America oferece apenas um dia de treinos oficial, então nos últimos dois dias, acabamos aproveitando a gigantesca sala de conferências que o WSU — World Skating Union — reservou para todos que tinham os mesmos planos que nós.

E quando estivemos na sala de reuniões, Ivan, Treinadora Lee, eu e os Simmons, marido e mulher — nossos coreógrafos — pegamos um táxi, andamos pelo centro da cidade, visitamos o museu olímpico, almoçamos e voltamos para nossos quartos. Pelo menos até Ivan aparecer no meu quarto para ver como era minha vista e acabarmos pedindo comida para viagem enquanto assistíamos

um show sobre gatos do inferno, e ele me contar sobre os três gatos que tinha até um ano atrás, quando o último faleceu de velhice.

Não preciso dizer a Ivan que essa viagem é diferente de todas as outras viagens que fiz antes, sozinha e com Paul. Mas penso que ele sabe. Estou animada — e nervosa pela primeira vez na história — mas a empolgação oprime o resto.

E nós estamos *aqui*. Um passo mais perto. Um último treino de trinta minutos, nos afasta do começo do fim, no que estou tentando muito não focar.

Acabamos de sair da van quando Ivan pega minha mão do nada.

Olho para ele, não franzindo a testa, mas me perguntando o que diabos ele está fazendo. Não é como se me importasse. Eu não me importo. Agarro a mão dele por razões aleatórias de vez em quando. Mas ainda não sei por que ele está fazendo isso. E isso aumenta um pouco mais meu nervosismo.

"O que é?" Pergunto, quando percebo a expressão em seu rosto quando vira o corpo para enfrentar o meu.

Puxando minha mão, ele me puxa para o lado para deixar as outras equipes que ultrapassamos, passarem. Estamos todos no Grupo B nos tempos de treino. A expiração de Ivan fica branca no ar cruel do Michigan, e eu tremo, tentando descobrir o que está acontecendo e por que tem que ser lá fora. Aqueles brilhantes olhos azuis estão focados no meu rosto quando o homem que me levou a todas as consultas de fisioterapia depois de invadir meu quarto tantas semanas atrás diz, "Eu preciso que você me prometa uma coisa."

Isso vai ser ruim, não é?

"Depende do que", respondo, preocupada, tentando preparar meu cérebro para o que diabos é tão sério que ele quer uma promessa minha primeiro.

Aquele rosto perfeito, com sua pele e estrutura perfeitas, não suspira ou me olha com uma expressão exasperada como normalmente faria. "Prometa, Jasmine."

Merda.

"Não antes de você me dizer o que é. Não quero quebrar minha promessa." Faço uma careta, medo enchendo meu íntimo rapidamente.

Provavelmente farei o que ele quiser, mas... e se me pedir para não estragar tudo. Ou para não fazer uma cena se ele me apresentar sua próxima parceira, se não voltar para Mindy. Não falamos muito sobre o futuro. Nem uma vez.

Merda.

Os olhos de Ivan percorrem meu rosto lentamente. Sua respiração abranda e suas feições muito calmas relaxam ainda mais. Então, ele suspira, olha para o céu por um momento e depois de volta para mim com um gole que faz seu pomo de adão se arrepiar. "Por favor, me prometa. Não vou pedir nada que não seja capaz de fazer."

Eu devo ter feito uma cara, porque ele puxa a mão que ainda está segurando.

"Prometa-me, Meatball. Você sabe que pode confiar em mim", ele diz, sem fazer disso uma pergunta, mas um fato bem conhecido.

E ele está certo.

Mas ainda assim, odeio que ele esteja tentando usar isso contra mim. Não quero quebrar uma promessa que fizer a ele. Nunca. Mas também não quero fazer algo que provavelmente não seja capaz... como sorrir para a pessoa que vai me substituir na dupla em alguns meses. Olho para longe, e é provavelmente minha imaginação que o ar fica mais frio a cada segundo. Estremeço. "Tudo bem, prometo. O que é?" Pergunto, ouvindo o mau humor na minha voz.

O sorriso que ele me dá em resposta, lento e breve, me deixa um pouco à vontade, mas só um pouquinho. "Prometa-me que se vir Paul e Mary, não vai tentar começar uma briga com ele"

Porra? É sobre isso? Paul e Mary?

Cai fora. Não pensei sobre esses dois idiotas em meses. Não desde que ele me convenceu a fazer a sessão de fotos.

Meu suspiro é tão alto que realmente agride minha garganta. "Oh, qual é! É isso o que você quer que eu prometa? Acha que vou desviar do meu caminho para brigar com ele e correr o risco de entrar em apuros?"

Ele pisca e sua mão aperta a minha. "Você não me deixou terminar. Eu ia dizer que você deve guardar isso para depois da competição, e então estará liberada. Vamos acabar com eles com nossa pontuação, e então você pode dar-lhe o nocaute."

Abro minha boca e depois fecho.

Aqueles olhos cinza-azulados permanecem em meu rosto enquanto suas sobrancelhas sobem, e ele cobre o topo da minha mão com a outra. "Temos um acordo?"

Só posso piscar antes de conseguir dizer, "O que você acha?"

E o sorriso dele é apenas... ugh. "Acho que o Lago Mirror em frente ao hotel é bem conveniente."

"Você será meu álibi?"

Ivan franze o nariz. "Sei que suas irmãs estão aqui e tudo, mas achei que você gostaria da minha ajuda. Sou mais forte que elas. Não deixaríamos uma trilha."

O que eu quero é ele para sempre, mas pegarei o que puder conseguir.

"Combinado", digo.

Ele sorri. "Mais uma coisa."

Droga.

"Quero saber, já que você nunca me contou, o que tem contra Mary McDonald?" Ele pergunta. "Quero saber por que nós a odiamos."

Por que nós a odiamos? Ivan. Esse fodido Ivan. Tudo que consigo fazer é dar de ombros para não acabar dizendo algo mais, que não devo. "Quando éramos mais jovens, antes mesmo de eu começar nas duplas, ela costumava falar merda sobre mim pelas minhas costas. Você pode perguntar a Karina. Mary não sabia que Karina era minha amiga, e falou sobre o meu peso, fez alguns comentários realmente racistas sobre eu ser meio filipina, além de ser apenas uma vadia em geral."

Ivan pisca. "Você disse alguma coisa para ela?" A pergunta acaba de sair de sua boca quando ele bufa. "Essa é uma pergunta estúpida. Claro que disse."

Puxo minha mão da dele. "Você já sabe que eu disse. Disse a ela que da próxima vez que falasse sobre mim, eu acabaria com ela."

~

"FILHO DA PUTA!" Assobio quando queimo meu couro cabeludo novamente ao tentar colocar minha chapinha mais próxima às raízes quanto possível. Skate North America não é o evento mais televisionado da temporada, mas...

Não importa para mim.

O que importa é deixar meu cabelo o mais liso possível, mesmo achando que já está. Só que não consigo ver nem alcançar a parte de trás da minha cabeça direito. Temos três horas antes do início do evento e não estamos programados para patinar até quase o final. Mas minha maquiagem está pronta, assim como o vestido de renda preta de mangas compridas que Ruby terminou há uns meses, antes de me machucar.

Ivan decidiu se trocar no banheiro dos homens porque não queria "nenhum tumulto começando" se as pessoas o vissem de cueca.

O idiota.

E agora preciso de sua ajuda. Ele me ajudaria a arrumar o resto do meu cabelo. Sei que ele faria.

Mas tento fazer o máximo que posso sem me queimar pela sexta vez. Voltando para um dos três espelhos iluminados na sala que estamos compartilhando com outras duas das equipes com quem treinamos na mesma hora do dia anterior, eu me inclino para ele e tento inclinar minha cabeça o máximo que consigo para enxergar o que estou fazendo. Vi as outras quatro pessoas contra as quais estamos competindo — duas equipes que Ivan conhece e que já disse serem legais — mas elas ainda não se trocaram.

Tenho dois pedaços de cabelo terminados quando a porta se abre, mas não reparo nisso.

Até que uma voz que reconheço fala.

E não é a de Ivan.

"Jasmine, quero falar com você", a voz semifamiliar solicita quando me viro para encará-lo, instantaneamente me perguntando onde diabos Ivan está.

Fiz uma promessa a ele.

Não vou falar merda para Paul. Não vou falar nada com Paul. Não vou falar nada com Paul. Ivan me fez repetir isso sete vezes no total no dia anterior, quando jurei ter visto Paul enquanto esperávamos a van nos buscar depois de nossa sessão de treinos, porque, aparentemente, uma vez que você faz algo sete vezes, não vai esquecer mais.

Prometi a ele que não começaria nada, nem faria nada. Sou um monte de coisas, e metade delas não são boas, mas Ivan é.

E não voltarei atrás em minha palavra. Especialmente não com ele. Não depois de tudo que fez por mim.

Mas...

Não havia como qualquer um de nós ter previsto que Paul seria burro o suficiente para tentar falar comigo antes da nossa primeira apresentação — nosso programa curto. Sempre pensei que apenas eu não fosse tão inteligente quanto as outras pessoas, mas aparentemente, esse cara com quem fiz parceria durante três anos da minha vida é um verdadeiro idiota do caralho.

Mantendo o olhar em meu próprio reflexo no espelho, coloco a chapinha no balcão e fecho minha mão.

"Jasmine, por favor", o segundo homem na minha vida a fazer merda com meu coração continua enquanto continuo me olhando no espelho.

Não acho que pareça tão diferente de quando tinha dezenove anos. Meu rosto está um pouco mais magro. Meu cabelo está mais comprido e estou mais musculosa. Mas por dentro... bem, por dentro, eu definitivamente estou diferente.

Porque a Jasmine, de dezenove anos, já teria jogado a chapinha em Paul e esperado que magicamente queimasse suas bolas através de seu traje.

"Jas, só... cinco minutos, por favor", meu antigo parceiro basicamente implora de onde quer que esteja fora do reflexo do espelho.

Cerro minha mão com mais força. Prendo a respiração. Então rolo meus olhos porque *foda-se ele*. Repetidamente. Não pensei em Paul nem uma só vez em tanto tempo, que realmente esqueci o quanto odeio esta sua cara.

Mas relembro bem rápido. Realmente rápido, porra.

Você prometeu a Vanya, aquela parte calma do meu cérebro lembra.

E facilmente, tão facilmente, eu me controlo... e solto a respiração.

"Você vai apenas fingir que não estou aqui?" Meu ex pergunta, pisando tão perto de mim que posso finalmente vê-lo no espelho. Tão perto, que tenho certeza que se chutasse para trás, poderia facilmente acertá-lo nas bolas.

Depois de três anos juntos você imagina que ele saberia o quão perigosa é a posição em que está se metendo.

Idiota do caralho.

Deus, Ivan é mais esperto.

Alto, magro e moreno, ele parece exatamente o mesmo de quase dois anos atrás, quando saiu do LC e nunca mais voltou.

Paul parece pálido nas luzes e no reflexo. Suas mãos estão na frente, e posso dizer que está ansioso.

Bom.

"Olha, tudo que quero fazer é conversar."

Não quero bufar, mas acontece quando me endireito. Eu ainda sou tão baixa que tenho uma visão clara de mim da cintura para cima. A frente do figurino tem um decote no centro do meu peito, o tecido escuro cobrindo tudo que é importante — sem miçangas nas minhas roupas ou de Ivan porque elas ficam presas em tudo — com rendas sobrepondo todo o resto, mas terminando alguns centímetros acima do meu pulso para que a renda não me atrapalhe. Amei isso. Quando Ruby me contou sua ideia para Drácula, eu não poderia ter escolhido um figurino melhor. Ivan concordou.

Paul, O Idiota, interpreta aquele som ao contrário do que é — um convite — e continua falando. "Depois de todo o tempo que estivemos juntos, você me deve isso, Jasmine."

E lá está. As três palavras que ele não tem o direito de usar. As mesmas três palavras que, apenas *assim* me fazem ver vermelho e esperar que Ivan me perdoe por quebrar minha palavra.

Mas posso dizer a ele que é por causa dele, e por causa do que havíamos concordado, que eu não dei um soco nas bolas do meu ex desde o começo. Se isso não é uma conquista, não sei o que é. Ele entenderá.

Isso é o que digo a mim mesma enquanto viro lentamente na ponta dos pés e olho para o homem com quem desperdicei muito do meu tempo. Alto, mas não tão alto quanto Ivan, e com ombros que não muito largos, com cabelos castanho-claro e uma pele *quase* bronzeada, bonito, com certeza... é exatamente como me lembrava dele. Afinal, faz quase dois anos.

Pequena puta do caralho.

"Eu não te devo merda nenhuma", digo a ele, soando tão calma que se for honesta com Deus, estou orgulhosa de mim mesma.

Este mentiroso suspira quando passa a mão pelo cabelo curto e diz, "Dê-me um tempo, Jas. Nós temos uma história..."

Sim, vou de ver vermelho para ver magenta. "Sim, essa história terminou no dia em que ouvi falar que você virou parceiro de Mary, por alguém que leu um artigo online sobre isso."

Ele se encolhe. Paul hesita. Então parece sacudir a cabeça quando diz, "O que mais eu deveria fazer?" Ele balança a cabeça, engole em seco e endurece os ombros.

Mas é inútil porque ele já me irritou.

Ele não vai conseguir me culpar ou intimidar. "Você poderia ter me dito como um ser humano normal que respeita a pessoa com quem esteve por três anos?" Retruco, mal conseguindo não gritar com a lembrança do que ele fez para mim. "Tentei ligar para você, Paul! Liguei e liguei para você, e você não atendeu nem uma vez, seu desgraçado", despejo. "Você não teve coragem de me avisar ou explicar merda nenhuma, nem uma vez nos últimos dois anos."

"Não é..."

Dou-lhe um olhar que sei que é a minha expressão maluca. "Se você disser, porra, que não é bem assim, vou dar um soco em você agora, no seu pau, o mais forte que puder."

Ele fecha a boca, porque sabe que eu faria.

Mas ele rompeu a represa, e agora terá que conviver com isso.

"Eu te dei três anos da minha vida, Paul. Três. Você era meu parceiro. Eu teria feito quase tudo por você e você me tratou como um pedaço de merda. Simplesmente fugiu e fez o que queria, sem me contar. Não venha me dizer que te devo alguma coisa. Não devo. Eu não lhe devo absolutamente nada", assobio para ele, apontando meu dedo, porque não há como impedir minha mão de fazer *algo* quando tudo que realmente quero fazer é formar uma bola e quebrar seu nariz ou seu pau.

"Você faz parecer que eu poderia ter apenas... ter te falado. Como se fosse assim tão fácil", ele responde; sua mão ainda presa ao seu rosto, sua expressão distorcida.

Eu pisco. "Sim, teria sido assim tão fácil. *Ei, Jasmine, eu cansei. Vou fazer dupla com alguém que você não suporta. Boa sorte*", zombo, balançando a cabeça. "Pronto."

Sua risada contém uma ponta afiada. "Não teria sido assim e você sabe disso. Você teria gritado comigo, me chamaria de desistente, de cadela, boceta, todas essas coisas e muito mais. Sabe que teria. Você não me deixaria sair tão facilmente."

Você prometeu a Ivan que não faria isso. Você prometeu.

E prometi mesmo.

E é por isso que mantenho minha mão ao meu lado, *parada*.

"Sim, eu teria. Teria feito todas essas coisas. Nós dois sabemos disso. Mas você é um idiota por não entender o motivo. Eu teria ficado brava porque estávamos juntos naquilo. Porque éramos uma equipe e eu não desistiria de você como se não me importasse. Mas você é um homem crescido que toma suas próprias decisões. Não teria te amarrado e te forçado a ficar. Dê-me algum crédito."

No momento em que as palavras saem da minha boca, fico genuinamente surpresa por elas. Acho que nem pensei assim antes. Muito menos, me senti assim.

Mas sinto.

Ele me machucou e quero que saiba. Quero que saiba que eu me importava com ele. E não estou acima de querer que ele saiba que teria lutado por ele.

Mas isso foi há dois anos.

Um ano atrás, eu ainda gostaria de acabar com ele. Teria sido muito orgulhosa para admitir isso. Mas não quero agora. Não mais. No presente momento, tudo que quero é fazer com que essa culpa e raiva horríveis saiam do meu peito. Quero isso fora da minha vida. Fora de mim.

Quero seguir em frente. Talvez já tenha seguido. Na maioria das coisas.

Ainda quero bater em sua bunda, mas me contento em fazê-lo se arrepender do dia em que me conheceu. A única maneira de fazer isso derrotar Mary e ele no gelo. E farei isso. Ivan e eu faremos.

"Eu me importava com você também, Jasmine", ele diz, fazendo-me revirar os olhos. "Ainda me importo com você. Quando ouvi sobre sua lesão, fiquei preocupado. Quis te ligar, mas... não podia."

Sim, ele consegue outro rolar de olhos por essa mentira de merda. "*Tudo bem.*"

"Você não entende..."

Levanto minhas mãos ao meu lado e as deixo cair de volta. "Ok, Paul. Conte-me. Agora mesmo. O que quer que eu ouça, hein? Que você me deixou porque queria ter mais chances de vencer?"

Este homem engole em seco novamente, arrasta a mão pelo rosto e por cima do traje branco e azul de spandex que veste. "Por que você sempre distorce as coisas? Sinto sua falta, Jas. Peguei o telefone para te ligar pelo menos uma dúzia de vezes..."

Tudo que quero é que ele cale. A. Porra. Da. Boca.

"Juro por Deus e pela minha vida que não quero mais falar com você. Nunca mais. O que quer que você tenha pensado que sentiu, quaisquer desculpas que tenha se convencido para justificar a maneira como me tratou... viva com isso. Lide com isso. Se você me conhece tão bem quanto pensa, sabe que nunca vou te perdoar."

"Jasmine, eu..."

"Não. Nem se incomode. Se você vir minha mãe, corra para o outro lado. Se você me vir, vire-se e finja que não viu", digo a ele, soando estranhamente calma. "Eu teria te perdoado se tivesse falado comigo primeiro. Teria te perdoado por dizer toda aquela merda que disse sobre encontrar uma parceira com quem você pudesse realmente trabalhar. E poderia ter te perdoado eventualmente por me tirar da sua vida. Mas não consigo. Não sou uma pessoa tão boa." Varro meus olhos para o lado, dando a ele a minha melhor expressão

vazia e digo, “É melhor você ir. Tenho umas coisas para fazer, e não quero você como audiência.”

Paul Jones pisca. Juro que talvez até o seu queixo balance um pouco. Mas daquele jeito que é característico seu, ele desvia o olhar e suspira, apertando os lábios. “Jasmine, olhe...”

“Apenas vá.”

“Eu só quero te dizer...”

“Eu não me importo”, digo, dando-lhe as costas novamente.

Ele está tão cheio de merda. Ugh.

“Sabe por que nunca te liguei nenhuma daquelas vezes que você me deixou mensagens de voz me xingando logo depois? Ou daquela vez que você me chamou de bêbado, meses depois, gritando comigo?”

“Não sei, e realmente não me importo”, digo a ele, minha voz quase robótica, enquanto olho através dele para a porta e rezo, *rezo* para que Ivan apareça.

Ele franze a testa tão profundamente que linhas se formam. Aqueles olhos castanhos cortam para longe de mim antes de voltarem. “Jasmine, foi porque Ivan me ligou uma semana depois e disse que ‘acabaria comigo’ se a contatasse novamente.”

Que inferno ele acabou de dizer?

“Pare de olhar para mim como achasse que estou mentindo. Não estou. Ele me ligou e disse que se eu soubesse o que era bom para mim, deixaria você em paz, mas se não deixasse, ele me foderia tanto que me arrependeria do dia em que decidi patinar.”

Ivan.

Ivan disse isso? Fez isso? Mas isso foi um ano antes de nós virarmos parceiros, semanas depois de nos vermos em um corredor, tenho certeza.

Ivan fez *isso*?

“Eu também disse que iria te destruir. Você esqueceu essa parte”, uma voz familiar se eleva, fazendo nós dois nos virarmos para encontrar Ivan colocando sua cabeça para dentro da sala, a porta mal se abrindo, o cabelo perfeitamente ajeitado no lugar, seu rosto barbeado, tudo nele brilhante e cintilante. E ele está sorrindo. E segurando rosas vermelhas.

Eu o amo.

Porra, não faço ideia do que diabos aconteceu ou por que aconteceu, mas eu o amo tanto naquele momento, que meu coração poderia explodir.

"Mas Jasmine também poderia. Ela é tão pequena e fofa que engana o quanto é forte. E é estranho como ela pode ficar brava. Ela é como um pequeno Gremlin; é melhor você não colocar água nela porque ela enlouquecerá", ele continua, sorrindo para mim com afeição quando entra na sala, mostrando seu figurino preto que me agrada. "Mas você já deve saber disso."

Paul olha entre Ivan e mim por um momento antes de dar um passo para o lado, para longe de mim.

"Eu..."

"Ela é minha parceira agora, Paulie, e continuará sendo minha parceira. E sabe de uma coisa? Não sou muito bom em compartilhar, então pode ser uma boa ideia você sair daqui antes que todas as coisas que te avisei se torne realidade", Ivan o interrompe, quando vem para ficar ao meu lado.

Ivan não me toca. Ele não precisa. Sei que está lá e ele sabe que sei disso.

Essa é a coisa com a gente. Nós nos entendemos. Sabemos a extensão e profundidade de nossa confiança e lealdade. E isso significa mais do que qualquer palavra vazia.

"Você não tem algo que precisa fazer?" Ivan pergunta com uma piscadela enganosamente preguiçosa.

Paul suspira e dá um passo para trás. Ele olha para mim por cima do ombro, seu olhar persistente poderia ter me feito sentir mal se não quisesse matá-lo, antes que se dirija para a saída. Ele mal abre a porta quando os dedos de Ivan deslizam através dos meus.

"Você lidou com isso melhor do que eu esperava", ele diz, nem sequer abaixando a voz, considerando que Paul não está fora da sala ainda.

Olho para ele. "Você acha?"

Seu aceno de cabeça é tão entusiasmado que quase me faz rir. "Sim. A Treinadora Lee e eu achamos que você daria pelo menos um tapa nele."

"Você me disse para não fazer isso."

"Não, eu disse para esperar até que isso terminasse. Não achei que ele realmente viria até você e tentaria conversar. Ele não te conhece, não é?" Ivan dá uma risadinha. "Idiota. Aposto que não tem ideia de quão perto esteve de morrer. Pude ouvir em sua voz e, uma vez que vi seu rosto, fiquei sinceramente preocupado que fosse fazer alguma merda estilo John Wick com o pente que deixei no balcão."

Não consigo deixar de rir. Não consigo me lembrar de rir antes de uma competição. Nunca. Nem sequer uma vez.

O puxão que ele dá em minha mão me faz olhar para ele enquanto continuo rindo.

"Você está bem?" Ele pergunta, pressionando nossas mãos unidas contra o quadril.

Balanço a cabeça, e uma vez que paro de rir e ainda tenho um sorriso no rosto, estreito meus olhos nele. "Você realmente ligou e disse para ele não nunca mais entrar em contato comigo?"

Essa é a coisa sobre Ivan. Ele não faz besteira. Nunca. Também não acho que ele seja capaz de ficar envergonhado. Porque não há hesitação quando ele responde. "Sim."

"Por quê?"

Seu corpo não se move do lugar ao meu lado, sua mão também não solta a minha quando ele diz, "Porque Karina ligou e me contou o que aconteceu. Ela perguntou se havia algo que eu pudesse fazer. Se conhecia mais alguém com quem você pudesse fazer par."

Um zumbido de baixo nível começa em meus ouvidos, mas eu me obrigo a perguntar, "Então o que aconteceu?"

"Disse a ela que não sabia. Então liguei e disse a ele como ia ser; eu estava tão chateado", ele explica facilmente.

Sinto-me como uma menina idiota e patética pedindo garantias, mas não me importo o suficiente para deixar isso me impedir. "Você estava com raiva de mim?"

"Merda, não, Sherlock. A ideia de você ficar chateada com aquele desperdício de ar me irritou. Você merecia coisa melhor." Ele sorri e aperta nossas mãos com força contra seu corpo. "Se você fosse chorar por alguém, seria por mim."

"Você é um idiota."

"Eu sei."

Mas então Ivan move seu corpo. Ele o move para encarar o meu, ficar na minha frente, forçando- me a inclinar a cabeça para trás apenas o suficiente para poder olhar em seus olhos, o buquê entre nós. Lentamente, muito tranquilamente, sua testa toca a minha. "Você se arrepende do que aconteceu?"

Olho diretamente para aqueles olhos azul-claros e lhe digo, "Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido comigo."

"Comigo também, Jas."

E isso... essa coisa que sei que é amor borbulha dentro de mim, e sei que é uma ideia estúpida. Sei que preciso calar a boca. Mas quando olho para aqueles belos olhos e seguro aquela mão que esteve lá para me apoiar tantas vezes, lembro que não sou a puta de ninguém.

Nem mesmo minha.

"Vanya", começo a dizer, estranhamente nem um pouco nervosa, tão perto que sua respiração toca meus lábios. "Eu não espero nada de você, e não quero deixar tudo estranho, mas quero que você saiba..."

Seu "Cale a boca" me pega desprevenida.

Eu pisco. "Não me diga para calar a boca. Quero te contar uma coisa."

Ele de repente deixa cair as mãos, sorri e dá um passo para longe. "Eu tenho algo para você."

"Você me trouxe flores?" Pergunto.

Ele balança a cabeça enquanto as coloca no balcão ao meu lado. "Não, elas são de Karina."

Sorrio com o pensamento dela enviando flores. Terei que mandar uma mensagem para ela depois, agradecendo.

"Consegui algo para você e outra pessoa também lhe enviou uma coisa."

Não posso deixar de estreitar meus olhos. "Quem?"

Ivan sorri. "Patty."

"Quem é Patty?"

Seu sorriso se encolhe. "Aquela adolescente do LC que você defendeu. Aquela que se parece com você e é realmente extrovertida?"

"Oh." Ela. Não percebi que éramos parecidas. "Ela me enviou alguma coisa?" Por quê?

"Um cartão."

Hã. "Ela não precisava fazer isso."

"Não, não precisava, mas ela me encontrou um dia antes de sairmos e me implorou para te entregar", ele diz. "Mas eu também tenho uma coisa. Não são as almas de todos que já te irritaram, mas..."

Isso me faz calar a boca. Por um segundo inteiro.

"Ia lhe dar depois, mas acho que devo dar a você agora."

Pressiono meus lábios e pergunto lentamente, "O que é?" Ele se vira para sua enorme mala e enfia a mão no bolso grande do lado de fora.

"Achei que já tivéssemos superado isso de você achar que eu te mataria, assim, aleatoriamente."

"Não acho que vamos superar isso."

Ivan ri de costas para mim. "Meu plano é te matar depois do Mundial. Fazer do jeito certo."

"Vou anotar no meu calendário então. Obrigada pelo aviso."

Sua cabeça treme quando ele tira a mão do bolso, segurando algo embrulhado em papel de seda e outra coisa em um envelope branco.

"Eu estava meio que esperando um escorpião, mas não acho que você colocaria sua própria vida em perigo para me matar."

"Cale a boca, vou colocar o cartão aqui para você ler mais tarde", ele murmura novamente, diversão em sua voz quando se vira para mim. "Dê-me sua mão."

Estendo minha mão direita, mas ele bate suavemente para baixo. Então levanto a outra. Observo enquanto ele coloca a coisa embrulhada em papel de seda no balcão e pega meu pulso com as duas mãos grandes. Ele puxa a manga da minha fantasia até cerca de três centímetros para cima, expondo a pulseira que sempre uso. Apertei as tiras de couro dela naquela manhã para que pudesse usá-la sob meu figurino, como normalmente faço.

Não penso muito nisso até que seu polegar roça a fina placa de metal presa pelas tiras de couro que tenho que substituir uma vez por ano desde que originalmente fiz quando tinha doze anos em uma feira. *Para Jasmine. De sua melhor amiga, Jasmine* está gravado nela. Minha mãe revirou os olhos quando pagava por isso. Mostrei-lhe o documentário sobre a outra patinadora artística que sempre admirei e que usava a mesma coisa. Ela foi incrível no seu tempo, competitiva e nunca se importou com o que outras pessoas pensavam sobre ela. Achava que ela foi fodona, mas principalmente, ela pensava que era fodona.

Isso foi sempre o meu lembrete de que eu tinha que acreditar em mim.

E a uso orgulhosamente desde então.

Mas os dedos de Ivan vão para as tiras que acabei de ajustar, e começa a desfazer o pequeno nó com aqueles dedos longos e graciosos. Quero perguntar a ele o que está fazendo e por que está tirando a pulseira, mas... confio nele. Então, mantenho minha boca fechada enquanto ele puxa e coloca a pulseira no balcão ao lado do embrulho, o que quer que fosse.

OK.

Ele pega o pacote do balcão no mesmo movimento e abre o papel, tirando algo que parece quase idêntico. Uma placa de metal com uma tira de couro ao redor. Exceto que o couro é rosa brilhante.

"Não quero que você fique nervosa esta noite", ele começa a dizer enquanto segura a pulseira em uma mão, seus olhos em mim.

Alterno entre olhar para ele e a coisa em sua mão. "Não estou nervosa."

Ele ri. "Tudo bem, você não está nervosa. Mas quero que saiba que, independentemente do que aconteça hoje e amanhã, isso não importa, Meatball."

E isso me fez levantar a cabeça rapidamente para olhá-lo nos olhos. Porra do ele está falando? "Claro que importa."

"Não, não importa", ele insiste. "É apenas uma competição. Se ganharmos ou perdermos, isso não muda nada."

O que diabos ele quer dizer com nada?

Ivan pega minha mão com a sua que não segura a pulseira e esfrega o polegar na parte de trás do meu pulso. "Eu não vou ficar bravo. Não vou ficar desapontado. Espero que você também não fique."

Eu o observo com cuidado, mas não digo nada.

Sua mandíbula se move, e suas pálpebras pendem sobre aqueles olhos espetaculares quando pergunta, "Você vai?"

"Ficar desapontada se não vencermos?"

Não gosto do aceno de cabeça que ele me dá.

Mas penso em suas palavras por um pequeno momento. Ficarei desapontada se foder tudo ou se ele foder tudo, tudo der errado e nós terminarmos em sexto lugar hoje à noite e amanhã? Ficarei furiosa como fiquei no passado?

"Não." Não ficarei. "Você ficaria em sexto lugar comigo. Eu não estaria sozinha. Se fracassar, pelo menos faremos isso juntos", sussurro com essa sensação engraçada de merda passando por meu corpo.

Parece... parece alívio. Como uma aceitação. E é a segunda coisa mais linda que já senti em toda a minha vida.

Em segundo lugar, atrás apenas de amar esse idiota e minha família.

E essa deve ser a resposta certa que ele estava procurando, porque o sorriso que recobre seu rosto é o melhor que ele já compartilhou comigo. "Dê-me de volta o seu pulso, sua merdinha", ele ordena, dando aquele sorriso que desejei com todo o meu coração que fosse meu e só para mim.

E com exceção de seus cães, porco e coelho, talvez seja mesmo.

Então lhe estendo o pulso.

E observo enquanto ele amarra as tiras de couro rosa, apertadas, mas não muito, e deixa a pulseira no alto do meu braço como se fosse a outra, no lugar perfeito para ficar escondido pela manga da minha fantasia. Ele mal termina o nó quando trago o antebraço até meu rosto e leio a minúscula inscrição no metal.

Para Meatball

Do seu melhor amigo, Ivan

E no tempo que levo para ler a placa de metal cerca de quatro vezes, Ivan já amarrou minha pulseira ao próprio pulso.

Mas não cabe dentro da manga dele.

E quando ele sorri para mim, sei que ele nem se importa.

Capítulo 23

"EU NÃO COSTUMO DAR discursos motivacionais a Ivan antes de ele patinar, Jasmine, mas posso lhe dar um, se você precisar", Treinadora Lee oferece quando estamos no túnel lateral da pista de gelo, quando a equipe no rinque começa seu programa curto.

Eu não me viro para encará-la do meu lugar na frente de Ivan e ao seu lado. Estou olhando para a multidão na arquibancada, mantendo minha respiração firme, meus nervos sob controle. Sinto-me calma. Mais calma do que jamais me senti. "Estou bem."

Porque tudo ficará bem de um jeito ou de outro. Como Ivan disse. Não vai ser o fim do mundo se as cosias derem errado.

Mas ainda espero que não deem.

"Você tem certeza?" Treinadora Lee pergunta.

Não olho para ela, sabendo que também está assistindo a dupla que está se apresentando, enquanto balanço a cabeça e digo, "Positivo. Discursos só me desconcentram." Olho para ela dessa vez. "Mas obrigada por oferecer."

As duas mãos que estão nos meus ombros, desde o momento em que fomos esperar pela nossa vez, amassam meus membros vagamente. O corpo de Ivan está tão perto de mim que posso sentir seu calor irradiando. Matamos as últimas três horas, alongando e esticando mais, então reprisando o programa no corredor com fones de ouvido, apenas fazendo um punhado de elevações para ganhar confiança, mesmo que tivéssemos feito milhares de vezes nos últimos oito meses.

Somos tão bons quanto podemos estar com tudo o que aconteceu antes disso.

Vamos tentar o nosso melhor, e não há mais nada que possamos pedir.

"Sua mãe apenas acenou para mim", Ivan sussurra em meu ouvido antes de levantar a mão do meu ombro e mais do que provavelmente acenar.

Nunca procurei minha família antes de patinar. Sempre sinto mais pressão ao saber que eles estão lá. Nem checo meu telefone por horas antes de uma competição. Quero estar focada.

Mas a menção da minha mãe, que não vejo desde que ela chegou a Lake Placid na noite anterior, me faz olhar para cima e ao redor.

A mão de Ivan sobe ao lado da minha cabeça e ele aponta para a direita. Com certeza reconheço a ruiva de pé, agitando os braços sobre a cabeça como uma pessoa louca. Também reconheço o homem de pele escura em um de seus lados e a outra ruiva, do outro, o cabelo ruivo de Sebastian e...

Há um homem com sua altura exata ao lado dele. De cabelos escuros, não de pele clara. Do outro lado daquele homem está a inconfundível cabeça e as orelhas grandes de Jojo, o cabelo castanho médio de James e um casal de cabelos negros que devem ser os Lukov´s.

É meu pai.

É o meu maldito pai sentado lá.

"Sua mãe e Jonathan tentaram convencê-lo a sair, mas ele insistiu que não iria incomodá-la", Ivan sussurra em meu ouvido.

Engulo. Engulo porque não tenho ideia de como me sinto ao vê-lo lá. Não é emocionante como teria sido há uma década. Mas é alguma coisa. E não acho que seja totalmente assustador.

"Você está bem?" Ele pergunta em sua voz baixa.

Sem perceber, minha mão vai para o local no meu antebraço, onde minha pulseira está amarrada. Minha *nova* pulseira. Toco-a, junto com o material rendado sobre ela.

"Estou bem", digo, quando volto a olhar para minha mãe que parou de sacudir os braços no meio do programa da outra equipe, finalmente. Ela está observando a mim e Ivan, e posso dizer, mesmo a distância, que está sorrindo.

Levanto minha mão, aquela com a pulseira, e aceno. Só um pouco, só por um segundo.

E ela abre a boca como se estivesse gritando. Ela deve estar, conhecendo-a. Mas parece tão excitada...

Tenho que deixar minha culpa ir e tentar me concentrar em ser melhor a partir de agora. Preciso.

A mão no meu ombro desliza para baixo no topo dos meus braços, e Ivan começa a mover suas mãos para cima e para baixo em meus bíceps e tríceps.

A música termina um minuto depois, e nós assistimos do nosso lugar enquanto os dois patinadores saem do gelo, acenando para toda a arena antes de dar o fora do caminho e enquanto esperam que suas notas sejam mostradas.

Treinadora Lee se vira para nós e ergue as sobrancelhas, e diz, “Vocês estão prontos.”

Não é uma pergunta, mas uma afirmação.

Porque estamos.

“Vocês dois já superaram minhas expectativas para a temporada. Ivan, lembre-se de dar um passo depois de sair do triplo-triplo, e Jasmine...” Ela me dá um sorrisinho e então que sinto aquilo nos meus ossos. “Apenas seja você, ok?”

Apenas eu.

Não sei o que diabos ela quer dizer com isso, mas balanço a cabeça de qualquer maneira.

Apenas eu.

“Vamos pegá-los, baby”, Ivan sussurra em meu ouvido, com um aperto nos meus braços.

Dou a ele um breve aceno de cabeça. Tomo consciência da multidão aplaudindo quando as notas são divulgadas. Então vamos em direção à abertura no gelo. A única pessoa com quem estou competindo nesta noite é... comigo mesma. A pessoa que eu era com Paul. Contanto que pudesse fazer melhor do que aquela versão minha, não poderia pedir mais nada.

Parece uma lembrança distante que poderei recordar mais tarde: tirar meus protetores de patins e os entregar para Treinadora Lee antes de ficar no gelo e esperar ao lado da parede, quando Ivan vem atrás de mim, fazendo o mesmo. A treinadora Lee estava certa, porém, ela não é muito de conversas estimulantes ou sugestões de última hora além daquelas que acabou de nos dizer e as que nos lançou em treinos passados.

Sinceramente, parece surreal estar em pé no gelo naquela noite, ouvindo as pessoas aplaudirem Ivan e cantando seu nome como se estivéssemos em um maldito jogo de basquete ou algo assim.

Ivan! Ivan! Ivan!

Lukov! Lukov! Lukov!

Ouvi e testemunhei isso de longe — do lado de fora ou no público — mas nunca enquanto estava no gelo ao lado do homem por quem essas pessoas estão fodidamente enlouquecidas.

Mas enquanto estou lá e ouço, posso ouvir um zumbido pequeno, minúsculo na multidão.

Jasmine! Jasmine! Jasmine!

E mesmo que soe exatamente como uma mistura de todas as vozes de meus familiares... é mais do que suficiente para mim.

É muito mais do que eu mereço, mas aquele sentimento familiar que chegou mais cedo quando Ivan me deu o bracelete e apenas alguns minutos atrás, quando Treinadora Lee me disse para ser eu mesma, parece 'casa'. Parece certo. Parece pra cacete com amor.

Dedos apertam a parte de trás do meu pescoço, e olho para cima para ver Ivan sorrindo para mim.

E sorrio de volta para ele.

Nós nos viramos ao mesmo tempo para encarar o centro do gelo, e assim como fizemos sem um único aviso ou palavra toda vez antes, durante o treino, Ivan estende a mão para o lado, entre nós, me observando. Olho para ele e coloco minha mão na dele. E patinamos em direção ao meio do rinque, juntos; segurando as mãos um do outro enquanto a cantoria da multidão se transforma em gritos.

"O que quer que aconteça, certo?" Pergunto a ele enquanto patinamos para o nosso ponto de partida e paramos lá.

Ivan não solta minha mão quando assente e dá um passo para trás para ficar na posição. *Aconteça o que acontec*er, ele fala baixinho para mim. Mas então seus lábios continuam formando palavras. Três palavras exatamente. *Eu te amo*.

Se estivesse calçando qualquer outra coisa além de patins, eu teria tropeçado ou caído ou alguma merda assim.

Teria arrebentado minha maldita bunda e provavelmente aberto meu queixo.

Mas, felizmente, estou em cima da única coisa em que confio mais do que tênis ou chinelos. Mas isso não me impede de tensionar todo meu corpo enquanto estou lá, sabendo que preciso me posicionar, mas sendo muito burra para fazer qualquer coisa além de soprar um, *O quê?* Pensando que não entendi direito.

Ivan para na minha frente, um pequeno sorriso no rosto enquanto coloca seus braços, pernas e dedos onde precisam estar. Eu te amo, ele repete como se fosse algo que já tivesse dito mil vezes no passado. Como se não estivéssemos no gelo, prestes a começar nosso primeiro programa curto em frente de um público que inclui mais pessoas do que os outros patinadores amadores no LC.

Pisco para ele, tentando colocar minhas mãos em posição, mas não sou capaz de pensar em mais nada além da porra do *Eu te amo* que acabou de sair

de seus lábios. “Ivan”, começo a dizer esquecendo que ele não pode me ouvir, engolindo em seco e olhando em seus olhos enquanto minhas mãos e joelhos entram na posição que treinamos tantas vezes, ficando no lugar porque minha boca parou de trabalhar, mas meu cérebro não.

O sorriso que aparece em seu rosto é lento... e doce.

E alarmante.

“Você é uma merda, Meatball”, ele grita um segundo antes de eu saber que a música está prestes a começar. *Mas eu te amo*, seus lábios gesticulam.

Meu coração bate forte. Bate. Então bate um pouco mais.

Meu mundo não se inclina, minhas pernas não cedem debaixo de mim, mas esse sentimento que só se intensificou durante o dia, que cresceu, cresceu e cresceu até que parece cobrir cada centímetro de mim, por dentro e por fora.

Ivan me ama.

Ivan me ama, porra.

E ele não se importa se ganhamos ou perdemos.

E tudo que posso fazer é ficar brava por ele ter me interrompido quando estava prestes a dizer a mesma coisa, e agora ele ganhou.

“Você não poderia ter escolhido uma hora melhor para dizer alguma coisa?” Pergunto em voz alta, tentando muito não mexer meus lábios.

E juro por Deus que o idiota franze os lábios e me sopra um beijo tão pequeno que não há como qualquer uma das câmeras ao redor do prédio pegá-lo. *Não*, ele diz.

E então a música começa.

Ele tem tanta sorte que posso fazer nosso programa curto sem pensar, porque se não tivéssemos feito isso mil e quinhentas vezes juntos, e eu não tivesse feito isso mais quinhentas vezes sozinha, teria estragado este grande momento.

E, felizmente para ele, Ivan é todo profissional quando a música começa, e só me envia uma piscadela e um sorriso uma vez durante os dois minutos e quarenta segundos inteiros.

Por algum milagre, consigo me concentrar no que temos que fazer, em vez das palavras que surgiram do nada... Pelo menos até o segundo em que chegamos às poses finais e a música acaba.

E então eu me lembro.

Eu me lembro do seu, *Eu te amo*, e isso me irrita de novo.

Mas. Que. Porra?

"Você tinha que me dizer isso antes de começarmos?" Assobio, ofegante e sem fôlego.

Seu peito está soprando para dentro e para fora quando ele engasga, "Uh-huh."

Uh-huh

Apenas *uh-huh.*

"Você..."

Antes que consiga detê-lo, antes que eu possa perceber o que diabos está fazendo, enquanto estamos lá, ofegantes, nossos rostos a centímetros de distância, ambos cheios de adrenalina, poder e algo que tenho 99% de certeza que é amor, ele mostra aquele seu sorriso suave e lento.

E se inclina para frente, rápido como um raio, e me bica no nariz.

Ivan Lukov me beija na ponta do nariz ao final do nosso programa curto.

E o fato de que algumas pessoas da plateia fazem um suave barulho, um "aww" que me deixaria com medo na maioria das circunstâncias, nem sequer consigo registrar.

Não registro porque estou muito focada no fato de que ele fez isso para começar. Na frente das câmeras. Menos de três minutos depois de me dizer que me ama.

"O que há de errado com você?" Xingo um segundo antes de sair de nossas poses finais para fazer uma reverência.

Ele não deixa meu tom impedi-lo de me mostrar aquele sorriso lento e espertinho enquanto se posiciona ao meu lado. "Você."

"Cadela", sussurro enquanto agradeço. Nunca gostei de reverências. Elas parecem muito falsas.

"Perdedora", ele diz enquanto nos inclinamos.

"Por que você faria isso?" Pergunto, mal conseguindo soltar a frase quando nos viramos para o outro lado da arena para fazer o mesmo.

Sua mão escorrega na minha, unindo nossos dedos quando nos inclinamos em seguida. "Porque eu quis, Meatball." Ele aperta minha mão enquanto nos levantamos e acenamos para as pessoas que jogam bichinhos de pelúcia e flores no gelo. Nunca vi tantos para mim antes. Nunca. "Sorria. Conseguimos", ele diz, ainda respirando com dificuldade.

Sorrio, mas porque quero.

"Pare de me olhar como se quisesse me matar. Podemos falar sobre isso mais tarde. Não seja esquisita", ele murmura, puxando minha mão uma vez que ficamos em pé novamente. "Nós dois sabemos que você me ama."

Quero negar isso. Realmente quero. Principalmente porque odeio o fato de que ele soa tão convencido.

Mas nós dois sabemos que eu estaria mentindo.

Talvez nunca tenha dito as palavras, mas ele sabe. Como sabia sobre minha deficiência de aprendizado, mas nunca disse nada. Como sabia que chocolate era minha fraqueza e me deu alguns quando eu mais precisava.

É a minha vez de puxar sua mão enquanto tento tirá-lo do gelo, sussurrando, com raiva, "Não soe tão convencido disso."

"Que pena", ele sussurra.

~

Squirt: JASMINE, VOCÊ FOI MARAVILHOSA
Squirt: AiMeuDeus! AiMeuDeus! AiMeuDeus!
Squirt: Você parecia uma rainha lá fora.
Squirt: Você voou!
Squirt: Você foi uma patinadora totalmente diferente.
Squirt: AiMeuDeus!
Squirt: Eu chorei.
Squirt: Queria estar lá.
Squirt: Vou para os nacionais. Aaron pode ficar com as crianças. Não posso perder isso.

RECÉM-BANHADA e ainda cheia de adrenalina, quatro horas depois, sento na cama e examino as mensagens que minha irmã enviou. Não posso deixar de sorrir. Batendo no ícone para ligar para ela, me inclino para trás e deito na cama enquanto ouço o tom de discagem.

No terceiro toque, minha irmã atende. "JASMINE! VOCÊ FOI A MELHOR QUE JÁ VI!

"Obrigada, Rubes", retruco , sentindo-me desajeitada dizendo "obrigada", mas o que mais poderia dizer?

"Aaron e eu estávamos perdendo a cabeça! Até Benny estava assistindo e perguntou se era Tia Jazzy na TV", ela continua. "Estou tão orgulhosa de você,

Jas. Estou tão orgulhosa de você. Não sei o que você fez, mas nunca te vi patinar daquele jeito. Estou chorando agora, só de lembrar."

Agora isso me fez conter um gemido. "Não chore."

"Estou tão feliz, no entanto", ela grita, genuinamente soando como se estivesse à beira das lágrimas.

"Eu também", digo a ela, olhando para o teto com um sorriso no rosto. "Não acho que já fiquei tão feliz de estar em segundo lugar após o programa curto."

Porque Ivan e eu ficamos em segundo lugar. E apenas foi o segundo por menos de um ponto. Isso foi... nada.

Nada porque nosso programa longo é o mais forte. Pelo menos penso que é. Usar filmes darks como tema foi a melhor coisa que poderíamos ter feito enquanto a maioria dos outros pares patinam com canções de amor e merdas assim. Paul e eu fizemos isso no passado, mas acho que não foi crível, porque eu sou uma péssima mentirosa e definitivamente não havia amor — e, em longo prazo, não havia respeito — em nosso relacionamento.

Então Ivan e eu estávamos mais do que propensos a surpreender todo mundo quando fizermos nossa apresentação de patinação com "A Whole New World" da trilha sonora de Aladdin porque... por que não?

É estranho como coisas desse tipo funcionam.

"Bem, você estava linda, e Ivan também, e *eu não poderia estar mais feliz*", ela soluça.

"Pare de chorar", digo a ela com uma risada.

"Não consigo. Já assisti ao seu programa cinco vezes seguidas. Nós gravamos. Até o pai de Aaron ligou para me dizer que você era a melhor de todas."

Como diabos o pai de Aaron soube disso para assistir? Eu não pergunto a ela, mas eu me pergunto.

"Você conseguiu ver nossa família depois?" Ela pergunta, indo direto para outro assunto.

E então estremeço. Por mim mesma. "Sim. Nós comemos no resort em que estamos hospedados." Todos nós viemos. *Todos nós*.

Ruby hesita e faz a pergunta que sei que precisa ser exposta. Ela tem que saber que nosso pai veio. "Como foi com papai?" Ela pergunta, e posso ouvir a tensão em seu tom.

Fecho meus olhos e solto um suspiro. "Bem."

"Bem tipo, você não brigou com ele, mas quis? Ou bem, como... você o abraçou e tudo ficou bem?"

Merda. "Tudo bem como... nós nos demos um abraço e ele sentou do outro lado da mesa e não disse nada para mim." E estou bem com isso. Realmente estou. Aliviada, honestamente. Estava tão animada com as notas que não queria que ele estragasse tudo.

E não é uma merda que eu tenha esperado que meu pai arruinasse algo pelo qual trabalhei tanto?

"Oh, Jas", Ruby suspira suavemente.

"Foi tudo bem."

"Não quero discutir com você, ok?"

Oh Deus. Aqui vamos nós.

"Papai te ama. Ele quer o melhor para você."

Não digo nada.

"Ele é... antiquado."

É assim que vamos chamá-lo?

"Você deveria perdoá-lo. Ele está tentando. Sabe que fez besteira, mas nenhum de nós é perfeito", Ruby continua, apenas fazendo com que me sinta culpada.

E me sinto, ligeiramente. Porque quantas vezes fiz algo para Ruby para fazê-la hesitar ao meu redor?

Mas...

"Sei disso, Rubes. Entendo, mas você sabe como é difícil ouvi-lo falar sobre patinação artística como se fosse algum esporte recreativo que faço apenas por diversão aos finais de semana? Você sabe como é ele... qual é mesmo a palavra?... Menosprezar meus sonhos? Ouvi-lo dizer que sou melhor fazendo algo que odeio?" Pergunto a ela, não ficando irritada. Não sentindo nada, honestamente.

Posso ouvi-la respirando na outra linha. Então ela diz, "Sim, Jas. Eu sei. Sei exatamente o que é isso e entendo. Sei que não é divertido."

Meu corpo fica instantaneamente em alerta máximo. "Quem fez isso com você?"

"Mamãe. Papai. Ambos."

Tento lembrar, mas não consigo pensar em nada disso. "Quando?"

"Depois que me formei no ensino médio. Você era jovem demais para se importar ou lembrar, mas aconteceu."

Que diabos?

"Eu queria ir para a escola de design de figurinos, e os dois — incluindo mãe — praticamente diziam o quanto isso seria inútil. Durante três meses, eles ficaram no meu pé sobre ir à escola para cursar algo de backup. Como *um emprego de verdade*", ela continua, sem parecer insultada nem nada, mais como resignada.

E isso me deixa triste, porque até onde posso lembrar, Ruby adora desenhar e fazer figurinos. Desde sempre. É sua grande paixão. Sua versão de mim na patinação artística.

Não posso imaginá-la fazendo qualquer outra coisa.

E sempre me perguntei por que ela estudou contabilidade, tirou um diploma e nunca fez nada com isso.

"Mas eu não sou você", ela diz, ainda com aquela voz resignada. "Mamãe não acreditou no meu sonho como fez com o seu."

"Rubes", começo, de repente me sentindo horrível, porque como diabos deve ter sido isso? Ela ficar vendo minha mãe me apoiar pra caramba enquanto lhe dizia que não podia fazer o que amava? Eu não tenho ideia. Nenhuma pista.

"Tudo bem, Jas. Acabou dando tudo certo. Só estou dizendo por que quero que você saiba que mamãe e papai não são perfeitos. Que não é a única a quem disseram que seus sonhos são inúteis. A diferença é que você nunca deixa ninguém falar sobre isso. Você não deixa ninguém te obrigar a fazer algo que não queria fazer, e eu gostaria de ter feito o mesmo", Ruby termina.

Fico chocada. Honestamente, totalmente surpresa.

Porque isso é um monte de merda.

"A única razão pela qual estudei contabilidade foi porque queria deixá-los felizes. Mamãe até tentou me convencer a aceitar um emprego onde ela trabalhava até alguns anos atrás. De qualquer forma, tudo que estou tentando lhe dizer é... mantenha sua mente aberta. Para perdoá-lo. Você não precisa fazer isso hoje ou amanhã, mas dê-lhe uma chance. Eu não acho que ele soubesse o que fazer com você quando era pequena. Você era tão teimosa e acho que o lembrava demais da mamãe, mas não sei."

"Huh", é a única coisa que consigo dizer enquanto reflito em suas palavras.

Era tão idiota quando criança que ele não sabia o que fazer comigo? Tenho uma leve lembrança de dizer-lhe que o odiava. De chutá-lo na canela. Chorar. Não querer ir passar tempo com ele quando vinha me visitar. Mas eu devia ser

bem pequena. Talvez quatro anos. Cinco no máximo. Logo depois que ele foi embora.

Huh.

"Não quero mais falar sobre isso. Não quero estragar sua felicidade. Então, me fale sobre aquele beijo fofo que Ivan te deu. Quando vocês dois vão se casar, ganhar todos os prêmios de todos os tempos e ter filhos que são prodígios em todos os esportes que experimentarem?"

Engasgo. "Do que diabos você está falando, Rubes? *Você anda bebendo enquanto espera minha próxima sobrinha?*"

Ruby ri. "Não! Nunca faria isso!"

"Pareceu que sim há pouco."

"Não! Estou te fazendo uma pergunta séria. Vocês dois são tão perfeitos um para o outro que me dá dor de dente. Sem mentira. Pergunte a Aaron."

Reviro os olhos e balanço a cabeça para o teto, pensando novamente, *finalmente*, nas palavras que Ivan me disse enquanto estávamos no gelo. *Eu te amo*. Ele me ama. E ele sabe que o amo também.

E nós não falamos sobre isso desde que saímos do gelo para receber abraços e tapinhas nas costas da Treinadora Lee. Vi Galina nas arquibancadas enquanto caminhávamos para esperar nossa pontuação e acenei para ela, recebendo um aceno de cabeça em retorno, o que dela é basicamente um eu te amo.

Tudo depois disso foi uma loucura de trocar de roupas, entrevistas e sair voando para jantar mais tarde, porque todos estavam morrendo de fome.

Ivan não tinha sequer me trazido de volta até meu quarto de hotel. Ele estava ocupado demais no saguão conversando com outro patinador que parecia ser um amigo do Canadá. Então...

"*Droga*! Jessie está chorando. Preciso ir. Boa sorte amanhã, mas sei que não vai precisar! Te amo!"

"Eu também te amo", digo ao telefone.

"Tchau! Você esteve maravilhosa!" Minha irmã grita antes de desligar sem me dar uma chance de dizer tchau em troca.

Mal deixo meu telefone cair na cama quando uma batida soa da minha porta.

"Quem é?" Digo, sentando-me na borda.

"Quem mais seria?" A voz de Ivan responde do outro lado da porta.

Reviro os olhos e fico de pé, indo para a porta para que possa abrir o ferrolho e a fechadura. Abro devagar, para encontrar Ivan parado lá, as sobrancelhas

erguidas, ainda vestido com as roupas que tínhamos usado no jantar. Uma camisa de botão cinza carvão, calças pretas, que confirmou que foram feitas sob medida para ele, porque seus glúteos e quadris são grandes demais em comparação com a cintura estreita, e aquelas botas pretas e caras que o vi usar algumas vezes.

"Você pode me deixar entrar?" Ele pergunta.

Balanço a cabeça e recebo um sorriso quando piso de lado, observando-o enquanto entra e imediatamente se senta na beira da minha cama, inclinando-se para mexer com os cadarços de seus sapatos. Tranco a porta de novo e vou me sentar ao lado dele, observando-o enquanto tira uma bota e depois a outra com um suspiro.

"Estou exausto", ele admite enquanto estica as pernas.

"Eu também", respondo, captando suas meias listradas pretas e roxas. "Acabei de desligar o telefone com Ruby e estava decidindo se estava cansada o suficiente para dormir ou não. Ainda não consegui me acalmar."

Inclinando o queixo, ele se vira para me dar um sorriso logo depois de escorregar um braço por cima dos meus ombros, me puxando para junto de si. "Como foi?"

"Bem. Ela disse que foi minha melhor vez patinando. Então me deu um sermão sobre meu pai, mas tudo bem", digo a ele, sem vontade de repassar os detalhes novamente.

Ivan assente como se entendesse. "Foi mesmo a sua melhor apresentação de patinação. Já tive pelo menos vinte pessoas vindo até mim e me dizendo o quão boa você é. " Ele pisca. "Isso não me deixou com ciúmes. Não se preocupe."

"Não estava preocupada", digo secamente.

Ele me puxa ainda mais perto de si, sua mão indo para meu braço e esfregando para cima e para baixo ali. "Você foi incrível, Meatball. Você realmente foi... mas não espere que eu admita isso para você de novo tão cedo."

Pressiono minha cabeça em seu ombro e sorrio, feliz por ele não poder ver. "Você também foi incrível pra caralho."

"Eu sei. Mas sou notícia velha. Todo mundo está acostumado com isso."

Eu bufo. "Você, seu merda pretensioso."

Sua resposta? "É a verdade."

Como diabos eu poderia ter me apaixonado por esse imbecil arrogante? De todos os bilhões e bilhões de pessoas no planeta, foi por *ele* que me apaixonei? Esse cara?

"Mas agora todo mundo quer um pedaço da Torta de Jasmine, e tenho que dizer a todos para irem embora", ele me avisa, lembrando-me novamente sobre o tópico que não abordamos em meses.

Aquele que ignorei propositalmente.

Mas...

"Ivan", começo a dizer, sabendo que a última coisa que quero fazer é arruinar esse momento, mas também querendo uma resposta. Querendo saber o que diabos acontecerá para que possa me planejar, mesmo que tudo que esteja em jogo seja daqui a meses. Mas não quero mais fugir disso. Não serei uma covarde.

"Hmm?" Ele pergunta, ainda esfregando meu braço para cima e para baixo.

Prendo a respiração e reúno minhas palavras antes de colocá-las para fora. "Quando você e a Treinadora Lee decidirem me encontrar outro parceiro..."

Sua mão para de se mover, e eu sinto Ivan virar a parte superior do corpo para me olhar. "O que?"

Isso me faz uma covarde com certeza, mas mantenho minha cabeça em seu ombro, mesmo sabendo que ele tem sua total atenção em mim. "Quando o mundial acabar e você tentar me encontrar outra pessoa para..."

"*Jasmine*."

Agora aquele tom me faz olhar para ele de um jeito meio louco, e a expressão que enfrento é outra versão de loucura. "O que?"

Ele pisca. "Acha que vou encontrar outro parceiro para você?"

É minha vez de piscar. "Bem, sim. Foi esse o acordo, não foi?"

Uma sobrancelha sobe.

Então, faço a minha subir também.

"*Não vou encontrar outro parceiro para você*", ele diz, seu rosto e voz me dizendo que está insultado. Mas não entendo o motivo. "Por que diabos eu faria isso?"

"Umm, porque era o acordo. Porque foi você que disse, uma centena de vezes, que nós só faríamos parceria por um ano." Eu quase acrescento "idiota", mas consigo me impedir.

Ele pisca. Ambas as sobrancelhas sobem. Então pisca mais um pouco. "Você não é burra, então sei que esse não é o problema", ele diz, lentamente escolhendo suas palavras enquanto seus olhos se estreitam. "Mas vamos pensar sobre isso, gênio. Diga-me se estou errado a qualquer momento."

Estreito meus olhos para ele.

"Você é a melhor parceira que já tive", ele começa. "Não há comparação. Estou certo?"

Balanço a cabeça porque, sim, com certeza eu sou.

"Você é minha melhor amiga."

Ele me chamou assim antes, mas aceno para isso também.

"Você é amiga da minha irmã."

Levanto um ombro porque ele está certo.

"Se eu tivesse que escolher alguém para me ajudar a enterrar um corpo, jantar ou assistir televisão... seria você, a qualquer momento."

Meu coração aperta, aperta, aperta.

"Eu inventei a historia sobre Mindy tirar a temporada de folga quando na verdade nosso acordo terminou, e eu não planejava voltar a patinar com ela. Porque mesmo que você me deixe louco, eu queria patinar com você."

O que? Apenas... *o que?*

"Minha família te ama."

Eu não sabia... nada.

Olho para ele, observando quando inclina a cabeça para perto da minha e diz, "E eu amo você."

Ele diz isso de novo.

"Eu te amo tanto que passo o dia todo com você e ainda não é o suficiente para mim", ele continua.

Paro de respirar.

"Eu te amo tanto, que se não puder patinar com você, não quero patinar com mais ninguém."

Puta. Que. Pariu.

"Eu te amo tanto, Jasmine, que se quebrasse meu tornozelo durante um programa, levantaria e terminaria por você, para conseguir o que você sempre quis."

É amor. Tudo que posso sentir é amor.

Vou chorar. Eu vou chorar, porra. Naquele. Exato. Momento.

"Você significa tanto para mim que é por isso que o vai acontecer realmente não importa para mim. Não como costumava. Nunca mais importará novamente", ele finaliza, pressionando a testa contra a minha, seus olhos intensos e comoventes. "Você nunca será a parceira de outra pessoa. Não enquanto eu viver, Meatball. Vou arrastar sua teimosa e linda bunda chutando

e gritando de volta para mim, porque ninguém mais é bom o suficiente para você."

Eu pisco. Pisco tão rápido que sei que estou a cerca de dois segundos de me descontrolar.

E então Ivan acaba comigo. Ele acaba com todas as preocupações que já tive sobre ter alguém depois dele. Faz isso ali mesmo com a ponta do nariz tocando o meu e a testa contra a minha também.

"Porque estou bem com você, tendo dez outras pessoas como suas favoritas. Mas você sempre será minha pessoa favorita", ele termina. "Sempre. Não importa o que aconteça."

Pisco muito rápido, não posso deixar meus olhos se encherem de lágrimas. "Eu... eu não sou boa..."

Seu sorriso é tão gentil, tão doce, que leva metade da minha alma com isso. "Eu sei", ele sussurra antes de envolver os braços em mim e me abraçar, a parte inferior do seu queixo indo para o topo da minha cabeça.

E ele me abraça, e depois me abraça por mais tempo, mesmo quando as lágrimas escorrem dos meus olhos e molham sua camisa.

E enquanto estou inclinada com quase todo meu peso contra ele, Ivan nos abaixa de lado e continua me segurando, me puxando, de forma que fico com metade do corpo em cima dele, minha cabeça em seu peito, uma das minhas mãos segurando suas costelas, uma perna sobre a sua. Ficamos assim até que as lágrimas param de brotar nos meus olhos, e posso respirar fundo novamente.

Ele passa a mão pelo meu cabelo, quase distraidamente.

Anteriormente, achei que aquela noite havia sido um dos melhores momentos da minha vida, mas *isso* é. Isso é, e amo Ivan tanto que não acho que é possível amá-lo mais. Tudo o que ele me disse, sinto exatamente o mesmo, exceto que teria patinado com outra pessoa se ele realmente quisesse voltar para sua antiga parceira, mas teria feito isso como uma homenagem aos modos como ele mudou minha vida e a mim.

Queria dar a ele toda a merda e toda a merda que não pude para sempre e sempre, porque ele me deu tudo.

Nenhum de nós diz nada durante muito tempo enquanto ficamos lá deitados.

Não quando suas mãos fazem movimentos mais longos pelo meu cabelo, não quando a mão dele vai para o meu ombro e dá um aperto. Ou quando a

palma dele desce pelo meu braço, gentil, gentil, gentil, as pontas dos dedos quase me fazendo cócegas quando toca a coxa que tenho sobre ele.

Eu não me afasto, nem por todo o dinheiro do mundo inteiro. Nem por todos os prêmios e todas as medalhas. Por nada.

O que o Ivan faz é passar as pontas dos dedos pela minha coxa e depois até o meu joelho. Preciso de todo meu autocontrole para não reagir, mas todos os seus outros dedos desaparecem, e aquele único começa a fazer círculos no meu joelho. Tão leve, tão suave, parece uma pena.

Fico bem ali.

A ponta do seu dedo faz círculos mais largos e mais largos, mergulhando na pele sensível do vinco atrás do meu joelho antes de voltar para meus quadris, fazendo aquele padrão de trilha mais uma vez. Então aquela ponta de dedo fez uma trilha pela minha canela e panturrilha nuas, fazendo um círculo no músculo que em excesso. Então, faz outro.

Nunca fiquei tão feliz que, desde o momento em que mamãe me deu permissão para me depilar — logo depois de eu ter atingido a puberdade e os pelos terem crescido por toda parte — ela enfatizasse o quanto era importante fazer isso todos os dias. E passar creme. Porque se você perguntar à minha mãe, hidratar é uma das partes mais importantes do dia. Igual à escovar seus dentes. Ou limpar sua bunda depois de usar o banheiro. Estou muito grata por ter me depilado depois de voltar para meu quarto, após o jantar.

A ponta de um dedo se transforma em quatro. Depois, no comprimento de quatro dedos. Então uma palma inteira. Todos cobrindo minha panturrilha. Então meu joelho. Para cima e para baixo.

"Como sua pele é tão suave?" Sua pergunta é baixinha, quase distraída se eu não o conhecesse melhor.

"Óleo de coco", respondo, levantando a minha perna, de modo a aproximá-la mais dele.

"Óleo de coco?" Ele abre os dedos para envolver toda a largura da minha perna.

"Uh-huh", respondo, engolindo em seco ao sentir sua pele quente na minha.

Se ele nota que a movi para perto dele, não comenta.

"Sabe, Jasmine", ele diz, parecendo quase distraído, "essas coisas são tão fortes..."

"Coisas?" Quase ofego.

"Pernas", ele esclarece, ainda tocando minha pele. "*Pernas*", ele enfatiza. "É puro músculo. Não pensei..." Ele faz um barulho no fundo de sua garganta enquanto a palma da sua mão passa por cima do meu joelho para pousar no topo da minha coxa. "... que seriam tão macias."

"Você sabe quantos hematomas faço todos os dias", consigo falar, "quantos cortes e cicatrizes... isso ajuda... a curar."

Engulo. Engulo novamente.

Ivan arrasta a mão mais para cima, pela minha coxa, tão alto que os dedos se esgueiram por baixo da barra do meu short, as mãos cobrindo praticamente toda minha coxa. Não é como se eu tivesse pernas compridas ou qualquer coisa, e sou grata. Porque ele pode tocar mais. Tocar tudo.

E quero que toque.

"Jesus", ele quase sussurra, movendo a mão ao redor, as pontas dos dedos bem profundamente em meu short de dormir, as pontas tocando o topo da minha bunda. Ele traça uma pequena linha sobre a pele lá, roçando minha fenda, e não posso deixar de flexionar todo meu tornozelo para cima. "*Você não está usando calcinha?*"

Não sei o que me fez inclinar a cabeça, meu nariz tocando sua garganta, quando sussurro, "Estou usando sim."

Ele cantarola; seus dedos avançando mais um centímetro para dentro do meu short. Deus, nunca fui ingrata pelo fato dele ter mãos tão grandes, e especialmente não estou amaldiçoando naquele momento. Porque seus dedos continuam se movendo... Mas ao invés de voltarem na direção das minhas costas, elas se movem para o lado... então de volta... mais para baixo... alcançando outra fenda... então novamente para o lado...

E respiro fundo quando aqueles dedos encontram minha calcinha.

Especificamente, a tira da minha calcinha que sobe entre as bochechas da minha bunda.

É então, quando seus dedos fazem contato com minha calcinha, quando ele coloca outro braço ao redor da parte inferior das minhas costas, e com uma força que estou totalmente ciente, que conheço tão bem, ele me puxa para o seu colo, fazendo-me montá-lo. O braço em volta das minhas costas esmaga a parte inferior do meu corpo contra o seu.

E posso senti-lo. Todo longo, grosso e duro.

Jesus.

"Ivan..."

Ele me interrompe com a boca, então. Aqueles lábios rosados selam os meus, inclinados, molhados, tomando minha boca total e completamente. Sua língua se lança contra a minha, carente. Sedenta. Ele pressiona nossas bocas como se elas quisessem ser assim. Seus dedos trilham o pedaço de tecido entre as minhas nádegas, tocando em lugares do meu corpo que me deixam tímida. Que qualquer um seria acanhado.

A maioria.

As pontas dos seus dedos sobem, sobem, passando sobre o triângulo no topo da minha calcinha. Inclino minha boca para o lado, tocando minha língua contra a dele enquanto ele puxa o triângulo e o afasta, rompendo-o contra minha pele com um gemido rouco que posso sentir em todos os lugares. "Só você usaria essa porra de roupa íntima sob esses shorts", ele geme, agarrando um punhado de minha nádega e apertando-a quase com força suficiente para que eu sinta dor.

Quase.

Mexo a minha boca apenas o suficiente para que possa apontá-la para o pescoço dele, mordendo ali instantaneamente.

E Ivan, o fodido Ivan, geme, inclinando a cabeça para trás, dando-me mais espaço. Então abro minha boca ainda mais e levo mais de seu pescoço dentro dela, a pele macia e um pouco salgada e cheirando aquela colônia limpa e cara que sei que ele usa diariamente.

"Jesus, Jas", ele sussurra quando meus dentes se transformaram em língua e lábios, chupando sua pele muito mais do que sei que deveria.

Os quadris debaixo dos meus se agitam, elevando-se e fodidamente se chocam contra os meus. Fazem isso duas vezes mais quando chupo a pele com mais força, correndo minha língua em sua garganta.

"Você tem um gosto tão bom", gemo, sugando-o mais forte.

Ele solta um gemido selvagem, seus quadris se movendo sob os meus, seus braços inquietos, envolvendo minhas costas, trazendo a frente de nossos corpos bem junto, apertado. Deito. Meus seios esmagam a dura superfície do peito dele.

"Droga", Ivan assobia. Seu queixo ainda está inclinado para cima, ainda me dando acesso a essa linda e longa garganta enquanto sua parte inferior do corpo se move, ganhando fricção entre o material de suas calças, a anaconda que eu não consigo assimilar embaixo delas e o material fino e elástico cobrindo a parte

de mim que quer ser preenchida como se eu precisasse de analgésicos regularmente.

Um novo palavrão sai daquela boca maravilhosa e ilumina minha espinha, meus dedos, meus joelhos e todo o resto.

O rastro de palavrões faz com que eu me sente para trás, apoiando minha bunda contra suas coxas, bem perto de seus joelhos, colocando todo peso lá enquanto me endireito, e com um talento que teria impressionado a melhor stripper de Vegas, puxo minha camisa sobre a cabeça, ficando apenas com um desses sutiãs rendados sem aros — que é uma das únicas coisas boas sobre ter que vestir o menor bojo do mundo.

Ivan geme. *Ele geme*. Recostando-se contra a cama, solta um ruído que nunca ouvi antes, os braços em volta da minha cintura se soltando até que as palmas das mãos estão enroladas em minhas costelas, minha cintura, seus polegares paralelos ao meu umbigo. Elas sobem, passando por cima de cada crista de cada costela, sem pressa, até que a teia entre seus dedos indicadores e polegares está apoiada sob as ligeiras curvas da parte inferior dos meus seios.

"Droga", ele murmura, ainda segurando o peso. "Jasmine." Inclinando-se para frente, rápido, rápido, rápido, ele abaixa a cabeça. Sei o que está fazendo antes dele mesmo. Eu poderia ter me mexido... se fosse louca.

Então permito. Eu deixo ele se inclinar em minha direção e chupar um mamilo e quase todo meu peito em sua boca, com sutiã e tudo.

E então sou eu que estou rebolando contra ele. Eu me remexo, arrasto e esfrego contra seu corpo, deixando seu pau duro se esfregar em meu clitóris.

Uma daquelas mãos grandes desliza pelas minhas costelas para meu quadril e para a minha bunda novamente. Espalmando-a, apertando a bochecha, acariciando sua maior parte. Então, deixa a pressão passar e apenas a segura, levemente, mais uma carícia do que qualquer outra coisa. Seu gemido é baixo, e tenho que arrastar minha boca para seus lábios e pegar o lábio superior entre os meus.

A mão sob meu peito se move, e Ivan puxa o material que o cobre para baixo, empurrando o tecido para baixo, expondo meu corpo. A mim.

Respiro fundo, lembrando... lembrando...

"Linda, tão fodidamente... linda", ele sussurra, rouco, seus lábios pairando sobre meu seio.

"Você costumava..."

"Cale a boca", ele bufa, em seguida, agarra meu mamilo novamente. Exposto dessa vez.

Solto um grito. Um gemido. Tudo o que posso fazer é arquear contra sua boca, desejando que ele nunca o solte. Que nunca se mova. Que faça isso para sempre.

E ele faz.

Puxa o outro bojo, leva o mamilo em sua boca também. A mão na minha bunda envolve tudo, tentando moldá-la com os dedos, mas...

"Essa porra de bunda", ele assobia. "Tenho sonhado com essa bunda por tanto tempo", afirma. "Perfeita, perfeita..."

O que não tenho na parte de cima, tenho lá embaixo. E com os exercícios, acebei moldando algo que tenho muito orgulho. Talvez eu não seja sexy. Vejo merda o suficiente sobre isso toda vez que fico online. Mas para ter essa porra de corpo, ralei minha bunda, e não tenho vergonha disso. Nem mesmo meu peito pouco notável. É pequeno, mas é durinho e a gravidade não chegou a ele.

Ivan move seu rosto para que a bochecha descanse contra o topo do meu seio, e esfrega sua bochecha sobre a pele, então move seu rosto para que sua face oposta descanse acima do outro. Ele se aninha. E raspa a bochecha cerrada de um lado para o outro, para o centro, e para baixo, o nariz roçando a renda ainda sobre mim e ao redor da curva do meu seio. Suas mãos me guiam um pouco para trás, mas me seguram, então estou arqueada no ar. E aquela bochecha atravessa o centro do meu estômago, seus lábios roçando meu umbigo, seu cabelo roçando os mamilos.

Cada um deles. De novo e de novo com cada um de seus movimentos sobre a minha pele.

Sua língua dispara e mergulha em meu umbigo. E tudo que consigo fazer é dar-lhe mais... mais, mais, mais. Por favor, por favor.

"Ivan", praticamente choramingo.

"Shh", ele sussurra de volta, arrastando os lábios para cima, pelo meu esterno, quando me senta de volta em seu colo, a boca ainda se movendo até chegar à curva da minha garganta. Aqueles dedos longos que me conhecem tão bem percorrem o caminho até o meio das minhas costas e depois para cima, levando meu sutiã junto.

Eu o beijo e ele me beija de volta. Minhas mãos vão para seus ombros e os seguraram com força. Nós nos movemos um contra o outro, suas mãos descendo, puxando meu short e desnudando meus quadris até que tenho que

me levantar para empurrá-los pelo resto do caminho para baixo e para fora dos meus tornozelos.

E só então percebo que estou nua. De pé na frente dele. Total e completamente nua.

Mas quando olho para o seu rosto, aqueles olhos azuis e frios são duas fendas, e suas bochechas estão rosadas, e ele parece...

Ivan se senta e abre os botões de sua camisa, arrancando-os com movimentos bruscos e inseguros, como se não estivesse acostumado a tirar a roupa tão rapidamente. E então está em pé, a um passo de mim, e em um movimento familiar, desabotoa o cinto e, em seguida, puxa as calças e cueca boxer até os joelhos e chuta tudo para longe.

E *merda*.

Mãe de Deus.

Puta merda.

Jesus H. Cristo.

Já vi Ivan com roupas antes. Não apenas por um segundo, mas por minutos. Horas. Eu o vi.

Mas nada poderia ter me preparado para a visão de Ivan nu do jeito que está, sem nem uma meia. Ele é duro. Duro em todo lugar. Dos tendões em sua garganta aos músculos peitorais que são praticamente duas rochas, ao seu abdômen de oito gomos e às coxas que podem ser usadas para se escrever uma canção...

Mas é a coisa dura, longa e grossa apontando para mim que interrompe minha respiração.

Como diabos é possível que alguém seja tão perfeito? Por quê? Que tipo de besteira é essa que alguém tão alto e magro tem um monstro daqueles entre as pernas?

"Eu te odeio", sussurro.

E Ivan ri. Ri. "Você me ama."

Não olho para seu rosto. Não faria isso.

Mas olho para sua mão subindo, enroscando em torno do eixo tentando apontar para o seu umbigo, balançando-o. Ele move a mão até a base, flanqueada por grossos pelos negros encaracolados, e depois para cima, em direção à grande ponta com forma de cogumelo rosa e roxa que está tão molhada que pinga...

"Eu tomo anticoncepcional", digo a ele com um engolir. "E só vou ovular daqui mais de uma semana."

É só porque ele inclina o queixo para baixo que sei que me ouviu, mas está muito ocupado apenas me olhando, que poderia pensar que não ouviu.

Mas ele ouviu.

Porque em um movimento fácil e sem esforço, Ivan dá um passo em frente, em minha direção e envolve as mãos nas minhas coxas, me puxando para cima. Meu corpo vai para o alto, minhas coxas instintivamente contornando sua cintura, suas mãos me agarrando perfeitamente. Dou uma lambida em minha mão, alcanço entre nós, e envolvo os dedos no pau que fez minha boca encher de água. E movimento minha mão para cima e para baixo, assimilando aquela pele lisa e o que poderia ser o músculo mais duro de todo o seu corpo. Então aponto aquela cabeça rosa-púrpura entre minhas pernas, e assim, desse jeito que lemos a mente um do outro, ele me abaixa.

Para baixo, para baixo, centímetro após três centímetros, cinco centímetros, lentamente, até que estou sentada nele. Completamente.

Recheada. Cheia. Nunca contarei a Ivan, mas dói. No início.

Respiro fundo.

E ele também, seguindo com um gemido.

Então o sigo com um som que não chamo de um gemido, mas alguém poderia.

Aquelas mãos grandes lentamente movem meu corpo para cima e para baixo. Um centímetro e depois para baixo. Dois, depois de volta para a base. De novo e de novo. Até que não seja uma luta, mas um deslizamento.

"Jesus Cristo", Ivan entoa repetidas vezes. Seu corpo inteiro tenso, muito tenso. Ombros e bíceps que podem fazer esse movimento uma centena de vezes quando não é sexual, apertados e tremendo. Ele está tremendo. Sua respiração, a respiração de um atleta, está irregular. Suas mãos se movem, e ele desliza um antebraço sob minha bunda, enquanto o outro gira no meio das minhas costas e me guia para cima e para baixo, meus mamilos roçando seu peito. "Eu te amo, Jasmine", ele solta, o movimento ficando mais rápido. "Eu te amo, eu te amo, eu te amo", ele repete.

E tudo que posso fazer é fechar meus olhos, fechar meus olhos e envolver meus braços em seu pescoço e me segurar na querida vida, as palavras ali, entre nós. Minha boca encontra a dele e nos beijamos enquanto ele continuava me

movendo para cima e para baixo. Tomando mais, levando menos, levando tudo.

"Eu te amo", sussurro, tremendo em seu pau quando a sugestão de um orgasmo formiga ao longo do meu estômago.

Ele sorri. Mais do que sorri. Ele se ilumina. E seus quadris se conectam aos meus. Apertando-me mais. Mais perto. Sua mão encontra o caminho entre nós e faz círculos no meu clitóris. Não demora mais do que alguns círculos de seu polegar, nossos corpos cobertos de suor, antes que eu goze. Choramingo em seu ombro, gozando ao redor dele, agarrando-o pela porra da vida.

Seus sons são tão roucos e ásperos que quase não posso ouvir seu gemido sufocado quando ele goza momentos depois. Pulsa dentro de mim, ofegando. Eu me agarro a ele, que me segura firme.

Nós dois estamos cobertos de suor. Sem fôlego e tentando não estar, mas falhando miseravelmente. Ofego, e então engasgo de novo, tremendo um pouco mais.

"Deus me ajude", ele geme.

Estremeço. Eu ofego. Poderia estar morrendo, mas valeria a pena a cada segundo.

Segurando-me, Ivan nos leva até a cama e lentamente me abaixa sobre ela. Seu corpo se aproxima do meu, me cobrindo. Com os braços esticados, as pernas entre as minhas, o sorriso dele está desequilibrado enquanto ofega, "A prática leva a perfeição, Jas."

Porra.

Tento expirar pelo meu nariz enquanto levanto minhas sobrancelhas para ele, seu pau descansando contra minha coxa, ainda meio duro. "Isso já não foi perfeito?"

"Foi", ele diz, pairando sobre mim. "Mas quero treinar mais, de qualquer maneira."

Não posso deixar de rir, alto, tão alto que meio que me assusta.

Mas o que não me assusta é o sorriso gigante que Ivan me dá de cima. "De novo, e de novo."

"Quem disse que quero fazer isso outra vez?"

Sua mão vai para o lado da minha cabeça, seus dedos escovam minha têmpora. "Você gozou em cima de mim", ele diz como se eu não soubesse disso. "Tudo que nós fazemos juntos, fazemos bem. Você sabe disso."

Eu sei disso, mas ele não precisa dizer.

"Somos o melhor time. Fazemos o que temos que fazer para sermos os melhores", ele diz enquanto abaixa seu peso para realmente me cobrir, suas coxas bem abertas em cima das minhas, os topos de seus pés tocando o interior das minhas panturrilhas, seus antebraços em cada lado do meu rosto.

"E isso vai ajudar nossa patinação?" Pergunto a ele.

Ele beija minha bochecha e depois a outra. "Não vai prejudicar."

Rio de novo e me enrolo para beijar seu queixo, o que o faz piscar lentamente.

"Amo o jeito que você sorri", ele diz com uma expressão sonhadora e sonolenta. "Quero lhe dizer pra fazer isso mais vezes, mas não digo."

Observo cada centímetro daquele rosto impecável. "Por quê?"

Ele nem sequer tem os olhos abertos enquanto responde. "Porque você não dá esse sorriso para todo mundo." Sua bochecha descansa contra a minha, aquele peito suado faz o mesmo quando ele diz, "E eu não planejo te compartilhar."

Capítulo 24

"UM MINUTO."

Sacudindo meus ombros, respiro fundo, solto, e depois faço tudo de novo. É fácil não prestar atenção na plateia torcendo pela dupla no gelo que literalmente acabou de terminar sua apresentação há um segundo. Ainda mais fácil ignorar as flores e os animais de pelúcia que caem da multidão.

Sou forte. Sou esperta. Posso fazer qualquer coisa.

Não sou fraca ou despreparada.

O mundo não acabará se eu estragar tudo.

Posso fazer isso.

Sempre serei capaz de fazer isso. Talvez não tenha exatamente nascido para isso, mas fiz disso algo meu. Eu alcancei isso sozinha e sempre será meu.

Quatro minutos e alguns segundos para mostrar uma vida inteira de trabalho duro. Nada demais.

"Está na hora", a voz da Treinadora Lee fala quase diretamente no meu ouvido, sua mão pousando de leve no meu ombro.

Balanço a cabeça, dando-lhe um olhar pelo canto do meu olho antes que ela solte e dê um passo para o lado, para fazer o mesmo com Ivan, que está parado a um metro de distância, sacudindo as mãos e coxas. Eu vejo que ele olha para ela, da mesma maneira que fiz, balançando a cabeça, o mesmo que também fiz.

E então ele olha por cima do ombro para mim.

Aqueles brilhantes olhos azuis acinzentados pousam diretamente nos meus, e nós não precisamos assentir ou fazer qualquer coisa. Nós apenas sorrimos um para o outro. Nosso pequeno segredo. Nossa coisa.

Acordamos esta manhã no meu quarto, comigo babando em sua mão e com sua perna jogada sobre uma das minhas, e essa foi a melhor manhã de nossas vidas. Ele me disse isso, e eu apenas soube. Então Ivan beliscou a merda da minha bunda, e tudo ficou exatamente como deveria entre nós. Perfeito.

Vamos fazer isso.

Nós temos isso.

O sorriso que rasteja sobre seus lábios e músculos da bochecha é preguiçoso... quase obsceno... uma promessa do que com certeza vai acontecer esta noite, independentemente de qualquer outra coisa.

É seu sorriso confiante. O que ele compartilha comigo. É meu.

E sobe pela minha espinha, essa coisa quente e reconfortante que me diz que ele está tão confiante quanto eu. Que nós temos isso. Mas temos isso.

Então não posso deixar de sorrir de volta para ele, mais do que antes. Não é nada grande, mas é dele e só dele.

E ele sabe disso, porque seu sorriso cresce ainda mais.

Reviro os olhos quando desvio o olhar e caminho em direção ao gelo, meu batimento cardíaco bom e estável, minha cabeça calma e controlada. Na parede, fico à esquerda para deixar o último patinador sair do gelo e olho para cima. Já localizei minha família quando chegamos ao túnel, e eles ainda estão lá. Todos e cada um deles segurando uma placa, até meu pai.

ESSA É MINHA IRMÃ.
ARRASE JASMINE!
JASMINE!
NÓS TE AMAMOS, JASMINE
JASMINE SANTOS PARA SEMPRE
DETONE GAROTA
VOCÊ É SURPREENDENTE, JASMINE

Mas é a NUNCA DESISTA, JASMINE que me faz fechar os olhos. Porque é meu pai que a segura. Ele não está pulando para cima e para baixo como o resto deles, mas está sorrindo. Ele não está envergonhado. Não está entediado.

Mas ele está lá. E isso é mais do que eu poderia ter desejado ou esperado.

E é o que eu preciso. Outro pequeno pedaço de cola na minha mente e no meu coração.

Eu me permito pensar por um segundo no cartão que li naquela manhã, deitada na cama ao lado de Ivan. O cartão da garota legal do LC.

Boa sorte, Jasmine!

Você vai se sair bem. Obrigada por ser tão legal. Espero que um dia eu possa ser como você.

Amor, Patty

E sei que posso fazer isso.

Certa vez, quando tinha quinze ou dezesseis anos, Galina me disse que, para vencer, eu teria que estar preparada para falhar. Que deveria estar bem com a

ideia de falhar. E nunca entendi completamente o que ela quis dizer com isso, porque quem diabos quer perder? Agora eu compreendo sua mensagem, e levei apenas uma década.

Dou um passo no gelo e deslizo apenas um par de centímetros para longe, para dar espaço a Ivan fazer o mesmo. Ele segue atrás de mim, parando a apenas dois metros de mim enquanto o locutor anuncia nossos nomes.

É quando olho por cima do ombro, para o homem no traje marrom e dourado que minha irmã desenvolveu, e o encontro já olhando para mim, com um sorriso voltado diretamente para mim.

Ele parece feliz.

E, pela primeira vez, sinto-me feliz quando fico ali, nem um pouco nervosa, nem um pouco sobrecarregada. Apenas me sinto feliz. Pronta.

Então sorrio de volta para ele.

Nós dois parecemos soltar um suspiro ao mesmo tempo.

Assim, Ivan estende a mão para o lado em minha direção. Ele observa meu rosto quando dou a ele minha própria mão, colocando minha palma sobre a dele, nós dois enrolando nossos dedos.

Ele murmura *eu te amo*, e pisco para ele. Então, patinamos em direção ao centro do gelo, de mãos dadas, parando no lugar que precisamos. Ivan fica em posição ao mesmo tempo em que eu, nós dois nunca olhando para outro lugar. Se a multidão fica quieta, eu não tenho ideia, porque estou bloqueando-os quando o rosto de Ivan vem para perto e para a um centímetro do meu.

"Você é uma merda", ele sussurra, sua respiração contra minha bochecha.

Eu mal seguro um sorriso quando digo, "Você é uma merda ainda maior."

Um segundo, uma fração de segundo antes da música começar, ele sussurra, "Vamos fazer isso."

E fazemos.

Epílogo

"OLHE PARA A ALTURA DISSO!"

"Não vejo uma pirueta assim desde a equipe Lukov de 2018!", afirma o locutor da televisão.

Ivan e eu bufamos ao mesmo tempo.

Não preciso olhar para ele para saber que está revirando os olhos.

Porque também estou.

"Isso foi claramente pelo menos quinze centímetros mais baixo do que o nosso costumava ser", Ivan murmura ao meu lado.

Bufo novamente, mantendo meus olhos colados na televisão.

"Estou pensando e algo como trinta centímetros", minha mãe, que ama tanto vir à nossa casa que já toma uma medicação antialérgica constantemente, concorda em seu lugar do outro lado do sofá.

"Mark precisa se aposentar de seu posto como comentarista. Acho que ele precisa de óculos pelo menos nas últimas três temporadas, fácil", Jojo afirma de onde está deitado no chão, com a cabeça apoiada em uma mão enquanto a outra segura uma mamadeira na boca de Elena.

"Jonathan, isso não é legal", James diz para ele. Não preciso olhar para saber que está balançando a cabeça.

Todos os olhos estão na televisão enquanto o time canadense na tela move-se ao redor do gelo sem esforço, seus movimentos têm uma quantidade perfeita de força, graça e beleza. E não os estou odiando. Eles são bons.

Mas não tão bons quanto nós costumávamos ser.

"Isso foi incrível!" Diz o comentarista na tela, empolgado.

"Agora ele está apenas jogando palavras para ouvir sua própria voz", murmuro, balançando a cabeça.

O homem ao meu lado faz um barulho que me faz olhar para ele pelo canto do olho. Está com a cabeça inclinada para mim, um sorriso que conheço como a parte de trás da minha mão, colado à boca que continua tão chata e maravilhosa como foi ao longo dos anos. "Seus giros eram mais limpos e mais rápidos do que os dela."

Balanço a cabeça, ainda olhando para ele, ignorando a enorme televisão montada na parede, exibindo as Olimpíadas de 2026. "Você fazia parecer mais fácil também. E claramente, você é mais forte que ele."

Ele bufa e se aproxima para sussurrar em meu ouvido, "Claramente. Sua bunda ainda é melhor que a dela."

Rio e ele sorri. Nós já estamos grudados, lado a lado, perfeitamente alinhados do quadril até a coxa. Seu braço está pressionado ao meu. Ivan o tira e levanta, jogando-o por cima do meu ombro e me abraçando ainda mais. Levanto minhas pernas e as coloco sobre seu colo, ganhando um beijo na bochecha antes de nós dois encararmos a tela novamente bem a tempo do locutor sussurrar, "*Incrível*!"

Há tantos gemidos na sala que não consigo contá-los.

Eu não usaria a palavra incrível, mas...

"Aposto que vocês dois ainda poderiam ganhar se competissem", Jojo murmura.

Balanço a cabeça, observando enquanto o casal faz uma espiral da morte que aposto que Ivan e eu ainda poderemos fazer mais rápido. Não é como se treinássemos agora, mas muitas manhãs, antes do rinque se encher de patinadores esperançosos, ele pega minha mão e passamos por versões reservadas de nossos antigos programas. Nós rimos metade do tempo, substituindo triplos por duplos na maioria dos dias, mas de vez em quando, nós nos olhamos e sabemos que estamos pensando a mesma coisa. E fazemos um Triplo Toe. Ou um Triplo Loop. Raramente, em dias realmente bons, fazemos um Triplo Lutz. Só para saber que ainda podemos fazer isso.

E então, as crianças aparecem e começamos a trabalhar. Como treinadores. Ivan tem vários meninos e eu, algumas meninas.

Nós conversamos sobre treinar um time de duplas... Mas apenas se e quando encontramos a equipe certa. Nós apenas não temos isso ainda.

Faz quatro anos desde que nos aposentamos, e ainda não parece que o tempo passou.

Quatro anos desde que Ivan precisou fazer uma cirurgia para fundir sua espinha. Uma cirurgia que foi tão perigosa que vomitei duas vezes na sala de espera. Quatro anos desde que o médico disse que seria imprudente se ele continuasse patinando em duplas.

E quatro anos desde que Ivan olhou para mim e disse, "Encontre outro parceiro. Você não precisa se aposentar porque eu tenho que fazer isso."

Que fodido idiota. Algumas coisas nunca mudam. Como se houvesse mais alguém com quem eu quisesse me juntar.

Faz cinco anos desde que vencemos nosso último e terceiro campeonato mundial.

Oito anos desde que ganhamos nosso segundo campeonato mundial.

Oito anos desde que ganhamos *duas* medalhas de ouro. Uma em duplas e outra na patinação por equipes. Fazendo de Ivan o patinador artístico mais condecorado na história dos EUA.

Nove anos desde que conquistamos nosso primeiro campeonato mundial e o primeiro de três campeonatos nacionais.

Mais importante ainda, faz nove anos desde que nos casamos. Nove anos e três meses a partir do momento em que ele disse ofegante e com o rosto vermelho, no gelo, ao final do nosso programa longo enquanto a multidão enlouquecia, "Eu acho que você deveria se casar comigo, Meatball."

Eu só o fiz me pedir em casamento três vezes. E quando nos casamos na mesma igreja ecumênica que Jojo se casou com James, esse foi o melhor momento de toda a minha vida.

E então Danny, Tati e Elena vieram.

"Papai", uma vozinha diz do chão. "Esse duplo Axel foi desleixado, certo?"

"Muito desleixado", Ivan mente, apertando meu ombro.

"Você vai me dizer se eu for desleixada, certo?"

Olho para Ivan e levanto minhas sobrancelhas, enquanto ele faz uma careta para mim porque nós dois sabemos a verdade. Ele dizendo a sua bebezinha que ela fez algo errado? Caia na real.

"Eu vou dizer se você for desleixada", uma voz de sete anos surge do chão também. "Ontem você foi."

"Não, não fui!" Grita a menina de seis anos, sentando-se para que eu possa ver sua cabeça pela primeira vez desde que todos — três cães e dois porcos incluídos — foram levados para a sala para assistir o programa curto do período noturno.

"Sim, você foi!" Danny afirma, ainda fora de vista. "Eu estava assistindo!"

E como se quisesse se juntar ou eventualmente se transformar na mediadora entre seu irmão e sua irmã, Elena dá um grito de onde está deitada com meu irmão.

E apenas assim, a discussão termina. Há um suspiro longo e prolongado, depois outro suspiro longo e prolongado, e então a menina de seis anos deita-se ao lado de seu irmão mais velho.

O silêncio dura talvez dez segundos antes de ouvi-los começarem a brigar de um lado para o outro.

Deus, eles são uns pesadelos. São exatamente o tipo de garotos argumentativos, mandões, teimosos e com a força de vontade que eu costumava pensar que seriam adoráveis, quando na verdade, são um verdadeiro pé no saco.

Mas eu os amo tanto; eles valem as duas temporadas que Ivan e eu ficamos de fora para tê-los. Danny nunca saberia que foi concebido por acidente na noite em que vencemos nosso segundo campeonato mundial... mas ele definitivamente sabe que uma vez que eu descobri que estava grávida, considerei aquela a melhor notícia da minha vida. Ivan e eu criamos uma vida. Algo que é de nós dois, em uma das melhores noites de nossas vidas.

E doze meses depois, quando acabei engravidando novamente, fizemos isso de propósito.

Só demorei anos para descobrir que podia fazer tudo funcionar com a pessoa certa. E esse idiota ao meu lado que me abraçou e agarrou minha bunda pelo menos uma dúzia de vezes no LC ao acaso durante todo o dia, que cuidou de mim, me motivou e quis o melhor para mim todos os dias da minha vida, é isso.

E como ele sabe exatamente o que estou pensando, Ivan se inclina e beija minha têmpora, apertando-me ainda mais contra ele.

"Mãe, Danny acabou de me dar um peteleco na testa!" Tati lamenta, exagerando muito. Provavelmente. "Vou chutar o t-r-a-s-e-i-r-o dele!"

"O que é um t-r-a-s-e-i-r-o?" Danny pergunta um momento depois.

Minha mãe se vira de onde está sentada ao lado de Ben e me lança um olhar presunçoso. E sei exatamente o que está pensando.

Que vou pagar todos os meus pecados com esses três.

E eu nem estou com medo disso.

FROM LUKOV
WHIT LOVE



MARIANA ZAPATA